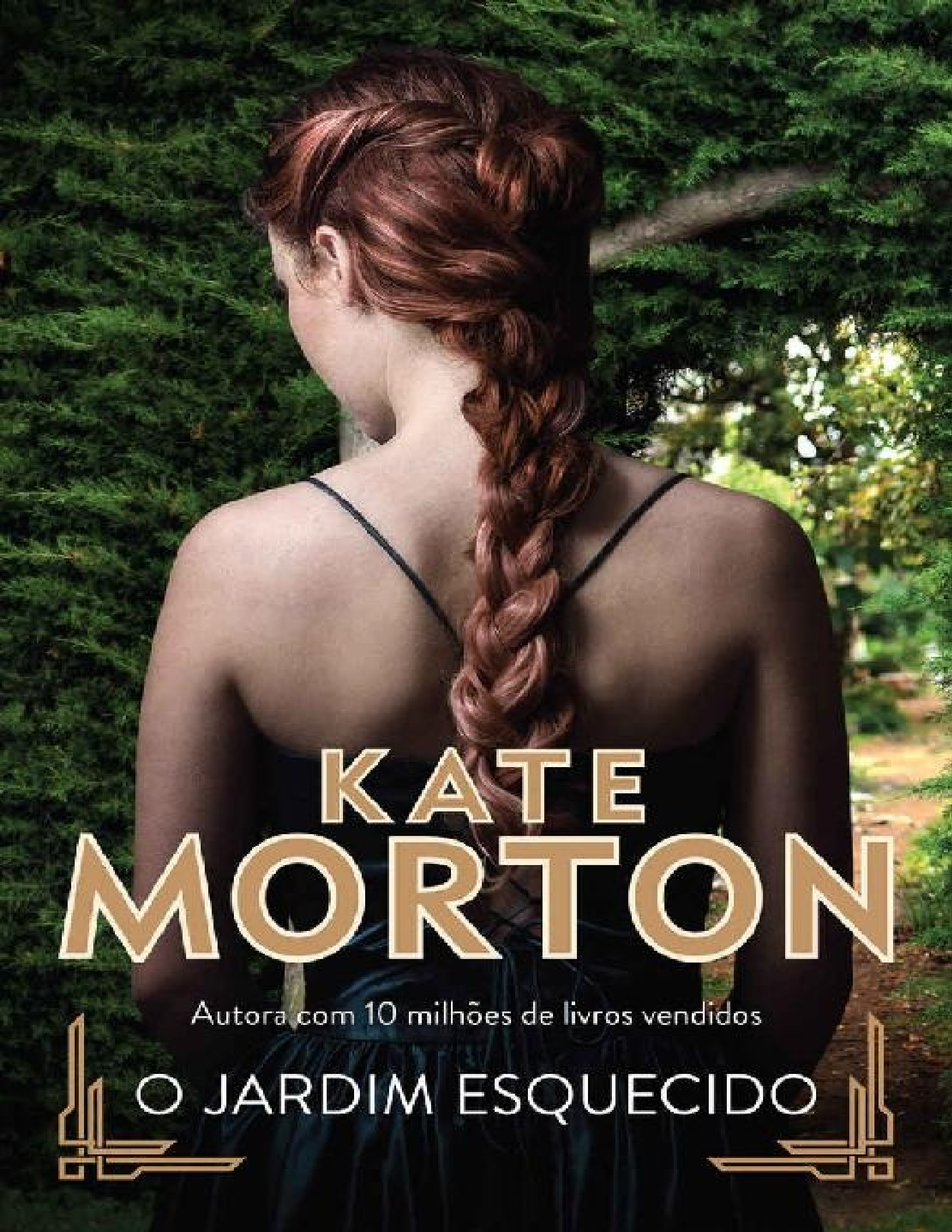




KATE MORTON

Autora com 10 milhões de livros vendidos

O JARDIM ESQUECIDO





O JARDIM ESQUECIDO





O Arqueiro

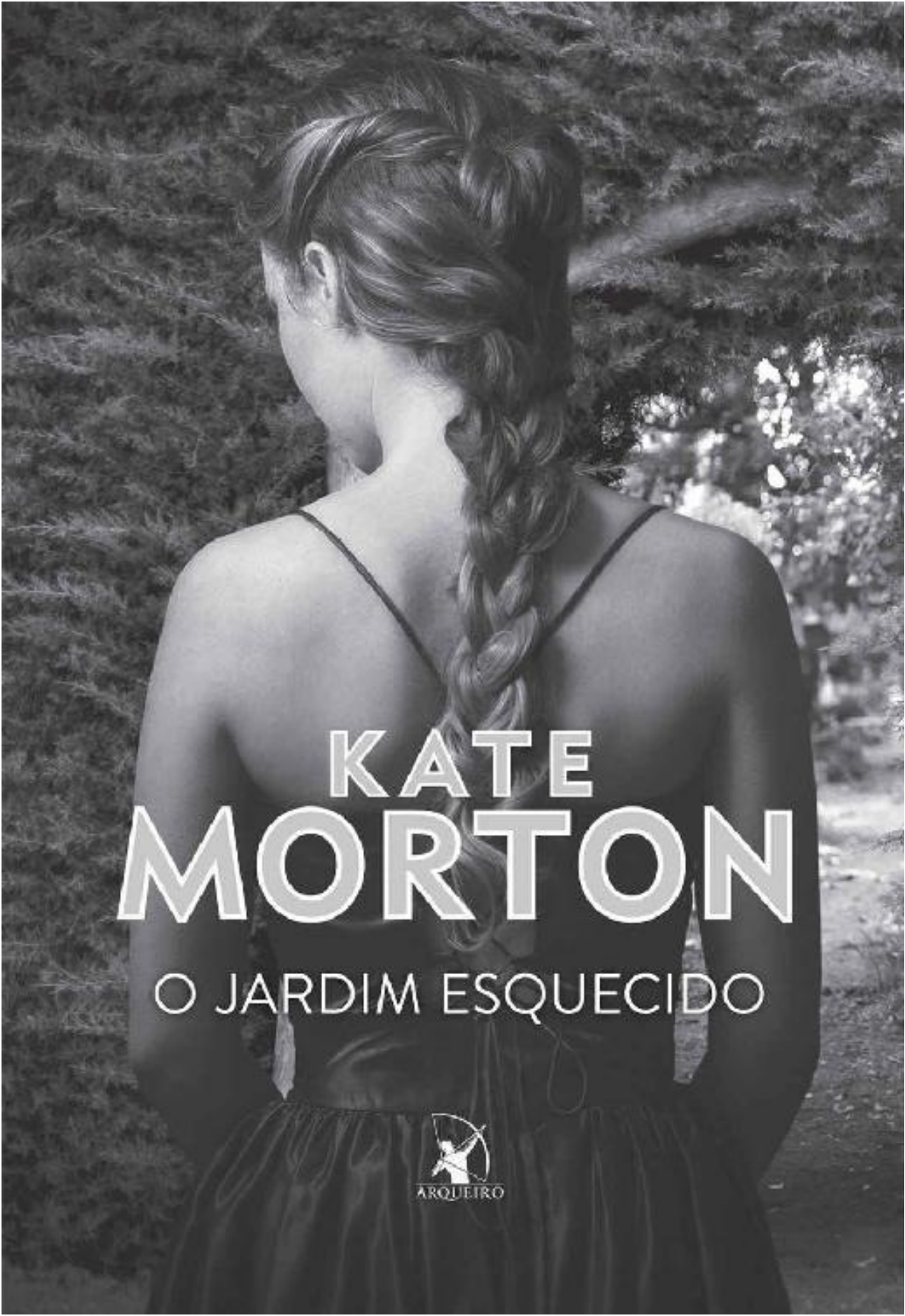
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



KATE MORTON

O JARDIM ESQUECIDO



PARA OLIVER E LOUIS

*Mais preciosos do que todo
o ouro urdido no Reino das Fadas*

Sumário

Parte 1

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20

Parte 2

- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[Parte 3](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

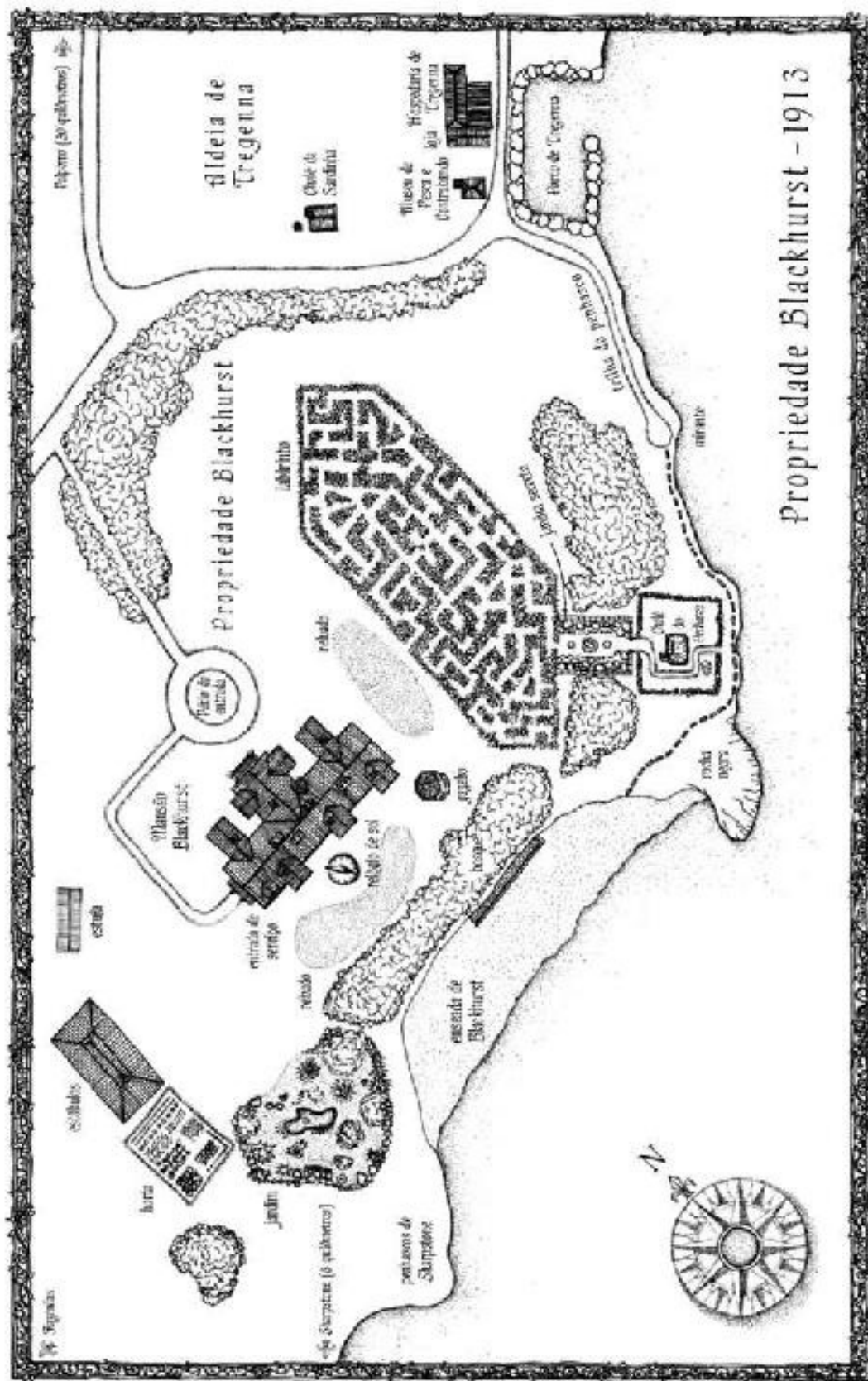
[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Conheça outro livro da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



– Mas por que tenho que trazer de volta três fios de cabelo da Rainha das Fadas? – perguntou o jovem príncipe à velha. – Por que não outro número, por que não dois ou quatro?

A velha inclinou-se para a frente, mas não parou de fiar.

– Não existe outro número, meu filho. Três não é o número do tempo, já que falamos de presente, passado e futuro? Três não é o número da família, já que falamos de mãe, pai e filho? Três não é o número das fadas, já que as procuramos no meio de carvalho, freixo e espinho?

O jovem príncipe assentiu, pois a velha sábia dizia a verdade.

– Então eu preciso de três fios para tecer minha trança mágica.

– “A trança mágica”, de Eliza Makepeace





PARTE UM

1

Londres, 1913

Estava escuro onde ela se agachou, mas a menina fez o que tinham mandado. A dama pedira que esperasse, pois ainda não era seguro, e elas tinham que ficar bem quietinhas. Era uma brincadeira, a menina sabia, como esconde-esconde.

De trás dos tonéis de madeira, ela escutava com atenção. Formou uma imagem em sua mente, como o pai tinha lhe ensinado. Homens, próximos e distantes, marinheiros, ela supunha, gritavam uns com os outros. Vozes altas e rudes, cheias de mar e de sal. Ao longe: buzinas de navios, apitos de metal, remos batendo na água; e, no alto, gaivotas cinzentas gritando, as asas abertas para absorver a luz do sol.

A dama ia voltar, ela prometera, e a menina tinha esperança de que fosse logo. Estava esperando havia muito tempo, tanto que o sol já viajara pelo céu e agora aquecia seus joelhos através do vestido novo. Prestou atenção para tentar ouvir as saias da dama roçando o convés de madeira. Seus saltos altos batendo apressados, sempre apressados, ao contrário dos de sua mãe. A menina imaginou, do jeito vago e despreocupado das crianças muito amadas, onde estaria sua mãe, quando ela viria. E refletiu sobre a dama. Sabia quem era, tinha ouvido a avó falar dela. A dama se chamava Autora e morava no pequeno chalé do outro lado da propriedade, depois do labirinto. A menina não devia saber disso. Fora proibida de brincar no labirinto de arbustos. A mãe e a avó tinham dito que era perigoso se aproximar do penhasco. Mas às vezes, quando ninguém estava olhando, ela gostava de fazer coisas proibidas.

Partículas de poeira, centenas delas, dançavam no pedacinho de sol que surgira entre dois tonéis. A menina sorriu e se esqueceu da dama, do penhasco,

do labirinto, da mãe. Estendeu o dedo, tentou pegar um daqueles grãos. Riu do modo como as partículas se aproximavam antes de sair voando.

Os ruídos fora do seu esconderijo estavam mudando. A menina ouviu o rebuliço da movimentação, vozes empolgadas. Pressionou o rosto contra a madeira fria dos tonéis. Com um dos olhos, contemplou o convés.

Pernas, sapatos e bainhas de anáguas. Pontas de fitas de papel colorido esvoaçavam. Gaivotas caçavam migalhas.

Um balanço brusco fez o enorme navio ranger; foi um ruído longo e grave, parecia vir de suas entranhas. A vibração passou pelas tábuas do convés até a ponta dos dedos da menina. Houve um momento de suspense e ela se viu prendendo a respiração, com as palmas das mãos apoiadas no chão, depois o navio se afastou do cais. A buzina berrou e ouviram-se vivas e gritos de “Boa viagem”. Eles estavam a caminho. A caminho da América, de um lugar chamado Nova York, onde papai tinha nascido. Ela os ouvira cochichar a respeito por algum tempo, mamãe dizendo a papai que eles deviam partir quanto antes, que não podiam mais esperar.

A menina tornou a rir; o barco estava deslizando sobre a água como uma baleia gigante, como Moby Dick na história que seu pai costumava ler para ela. Mamãe não gostava quando ele lia essas histórias. Dizia que eram muito assustadoras e que colocavam ideias na cabeça da menina, que nunca mais ia esquecer. Papai sempre dava um beijo na testa de mamãe quando ela falava essas coisas, dizia que ela tinha razão e que ia tomar mais cuidado no futuro. Mas continuava a contar à filha histórias daquela grande baleia. E contava outras – as favoritas do livro de contos de fadas, sobre velhas sem olho, donzelas órfãs e longas viagens pelo mar. Ele não deixava mamãe saber, era segredo.

A menina entendia que tinham que guardar segredos de mamãe. Afinal, ela não estava bem, já tinha a saúde frágil desde antes de a menina nascer. Vovó sempre dizia para ela ser boazinha, porque, se mamãe ficasse nervosa, algo de terrível poderia acontecer e a culpa seria dela. A menina amava a mãe e não queria deixá-la triste, não queria que nada de terrível acontecesse. Então guardava segredos. Como os contos de fadas, as brincadeiras perto do labirinto e as vezes em que papai a tinha levado para visitar a Autora no chalé que ficava nos limites da propriedade.

– Arrá! – disse uma voz perto do seu ouvido. – Achei você!

O tonel foi puxado e a menina estreitou os olhos por causa do sol. Piscou até que o dono da voz apareceu e bloqueou a luz. Era um menino grande, de 8 ou 9 anos, calculou ela.

– Você não é Sally – disse ele.

A menina balançou a cabeça.

– Quem é você?

Ela não podia dizer seu nome a ninguém. Era uma brincadeira que estavam fazendo, ela e a dama.

– E então?

– É segredo.

O garoto franziu o nariz cheio de sardas.

– Por quê?

Ela deu de ombros. Não devia falar a respeito da dama, papai sempre lhe lembrava disso.

– Então onde está Sally? – O menino parecia impaciente. Olhou para um lado e para outro. – Ela correu para cá, tenho certeza.

Uma gargalhada vinda de outro ponto do convés e o ruído de pés apressados fizeram o rosto dele se iluminar.

– Rápido! – exclamou, começando a correr. – Ela está fugindo.

A menina esticou o pescoço e viu Sally passar no meio da multidão, num alvoroço de anáguas.

Estava louca para ir atrás deles.

Mas a dama tinha dito para esperar.

O garoto estava cada vez mais longe. Contornou um homem robusto, com um bigode lustroso e espesso, provocando uma careta que lembrava uma família de caranguejos assustados.

A menina riu.

Talvez isso fizesse parte da mesma brincadeira. A dama mais parecia uma criança do que os adultos que ela conhecia. Talvez também estivesse brincando.

A menina saiu de trás do tonel e se levantou devagar. Seu pé esquerdo ficara dormiente e agora estava formigando. Esperou um momento para aquela sensação passar, vendo o menino desaparecer numa esquina.

Então, sem hesitar, saiu correndo atrás dele, os pés batendo no chão, o coração cantando no peito.

2

Brisbane, 1930

Por fim, eles fizeram a festa de aniversário de Nell no prédio dos Foresters, em Latrobe Terrace. Hugh havia sugerido o novo salão de dança da cidade, mas Nell, imitando a mãe, dissera que era bobagem gastar dinheiro à toa, especialmente naqueles tempos difíceis. Hugh cedeu, insistindo apenas que ela mandasse buscar em Sydney a renda especial que desejava para o seu vestido. Lil tinha posto a ideia na cabeça dele antes de morrer. Ela se inclinou e segurou a mão dele, mostrando em seguida o anúncio de jornal com o endereço em Pitt Street. Comentou como era bonita aquela renda, quanto iria significar para Nellie, que talvez parecesse extravagante, mas poderia ser retrabalhada no vestido de noiva quando chegasse a hora. Depois sorriu para ele, parecendo ter 16 anos outra vez, e ele ficou comovido.

Lil e Nell, a essa altura, já estavam trabalhando no vestido de aniversário havia duas semanas. À noite, quando Nell voltava da banca de revistas e eles terminavam de lanchar, enquanto as garotas menores conversavam letargicamente na varanda e os mosquitos eram tantos no ar quente e úmido que você achava que ia enlouquecer com o zumbido, Nell pegava a cesta de costura e se sentava ao lado da cama da mãe. Hugh às vezes as ouvia rir de alguma coisa que acontecera na banca: uma discussão que Max Fitzsimmons tivera com um freguês ou outro, a última queixa médica da Sra. Blackwell, as travessuras dos gêmeos de Nancy Brown. Ficava parado na porta, enchendo o cachimbo e prestando atenção quando Nell baixava a voz, corando de prazer ao contar algo que Danny tinha dito. Alguma promessa sobre a casa que ia comprar para ela quando se casassem, o carro em que estava de olho e que o pai achava que

poderia conseguir por uma pechincha, o último modelo de bateadeira da loja de departamentos.

Hugh gostava de Danny; não podia desejar ninguém melhor para Nell, o que era bom, uma vez que os dois eram inseparáveis desde o momento em que se conheceram. Ao vê-los juntos, Hugh se lembrava dos seus primeiros anos com Lil. Eram alegres como dois pombinhos, com o futuro inteiro pela frente, sem obstáculos. E fora um bom casamento. Tiveram seus momentos de dificuldades no início, antes do nascimento das meninas, mas, de uma forma ou de outra, as coisas sempre se ajeitavam.

Com o cachimbo cheio, não tinha mais desculpa para ficar ali parado, então procurava um lugar tranquilo na extremidade da varanda, um lugar escuro onde pudesse se sentar em paz, ou o mais em paz possível em uma casa cheia, cada filha mais agitada que a outra. Só ele e seu mata-moscas no parapeito da janela para o caso de os mosquitos se aproximarem demais. Então deixava vagar seu pensamento, que invariavelmente se dirigia para o segredo que vinha guardando havia tantos anos.

O tempo o vinha pressionando, ele podia sentir isso. A pressão, mantida a distância por um período tão longo, começara a aumentar. Ela estava com quase 21 anos, era uma mulher adulta, pronta para assumir a própria vida, já prestes a se casar. Tinha o direito de saber a verdade.

Imaginava o que Lil diria, por isso não havia contado a ela. A última coisa que queria era que a esposa se preocupasse, que atravessasse seus últimos dias tentando dissuadi-lo, como fizera tantas vezes no passado.

Às vezes, quando pensava nas palavras que usaria na sua confissão, Hugh se via desejando que fosse uma das outras meninas. Ele se censurava por ter uma favorita.

Porém, Nellie sempre fora especial, tão diferente das outras. Era espirituosa, mais imaginativa. Parecia-se mais com Lil, ele costumava pensar, embora, é claro, isso não fizesse sentido algum.



Havia fitas amarradas nas vigas – brancas para combinar com o vestido e vermelhas para combinar com seu cabelo. O velho salão de madeira podia não ter o brilho dos prédios mais novos, mas estava muito bem encerado. As quatro irmãs mais jovens de Nell arrumaram uma mesa para os presentes de aniversário e já havia uma pilha considerável. Algumas das senhoras da igreja se juntaram para preparar a ceia, e Ethel Mortimer dava uma canseira no piano, tocando canções românticas do tempo da guerra.

A princípio, rapazes e moças ficaram separados, agitados em filas junto às paredes, mas, quando a música e os jovens mais afoitos se animaram, pares começaram a se formar para dançar. As irmãs menores ficaram observando de olho comprido até serem chamadas para carregar bandejas de sanduíches da cozinha para a mesa.

Quando chegou a hora dos discursos, os rostos brilhavam e os sapatos estavam gastos de tanto dançar. Marcie McDonald, a esposa do pastor, bateu em seu copo e todo mundo se virou para Hugh, que tirava um pedaço de papel do bolso do paletó. Ele pigarreou e passou a mão no cabelo. Falar em público nunca fora seu forte. Era o tipo de homem que falava pouco, cuidava da sua vida e deixava que os mais extrovertidos se encaregassem dos discursos. Ainda assim, uma filha só completava a maioridade uma vez na vida; era seu dever saudá-la. Ele sempre cumpria com as regras e as obrigações. Quase sempre, pelo menos.

Ele sorriu quando um de seus amigos do cais do porto gritou alguma coisa, depois desdobrou o papel e respirou fundo. Um por um, leu todos os itens da lista, escritos em uma letrinha preta: o orgulho que ele e a esposa tinham de Nell; quanto se sentiram abençoados quando ela surgiu; quanto gostavam de Danny. Lil ficara especialmente feliz ao saber do noivado antes de falecer, disse ele.

Ao mencionar a morte recente da esposa, os olhos de Hugh ficaram marejados e ele se calou. Fez uma pausa e contemplou os rostos dos amigos e das filhas, detendo-se em Nell, que sorria enquanto Danny cochichava algo em seu ouvido. Quando seu semblante pareceu se enevoar, as pessoas imaginaram que ele fosse fazer algum anúncio importante, mas o momento passou. Sua expressão se desanuviou e ele tornou a guardar o papel no bolso. Estava na hora de ter outro homem na família, disse com um sorriso. E completou afirmando que isso iria equilibrar um pouco as coisas.

As damas na cozinha entraram em ação, servindo xícaras de chá para os convidados. Hugh, no entanto, se demorou um pouco, deixando as pessoas passarem por ele, aceitando os tapinhas no ombro, as exclamações de “Falou bem, amigo”, a xícara de chá que lhe foi posta na mão. O discurso havia sido bom, mas ele não conseguia relaxar. Seu coração estava disparado e ele suava muito, embora não fizesse calor.

Hugh sabia por quê, é claro. As obrigações da noite ainda não haviam terminado. Quando notou Nell saindo sozinha por uma porta lateral, percebeu sua oportunidade. Pigarreou e deixou a xícara na mesa de presentes, trocando a sala abafada e barulhenta pelo ar frio da noite.

Nell estava parada ao lado do tronco verde-prateado de um eucalipto. Antigamente, pensou Hugh, toda a montanha devia ter sido coberta de eucaliptos e ladeada pelos canais. Devia ser uma visão impressionante, aquele monte de troncos fantasmagóricos em noites de lua cheia.

Mas ele estava apenas adiando as coisas. Mesmo agora tentava fugir à responsabilidade, estava sendo fraco.

Morcegos cruzaram silenciosamente o céu e Hugh desceu os degraus de madeira, atravessando o gramado úmido de orvalho.

Ela deve tê-lo ouvido chegar. Talvez tenha mesmo sentido sua presença, porque se virou e sorriu.

Quando o pai chegou ao seu lado, Nell disse que estava pensando na mãe, imaginando de que estrela ela os estaria observando.

Hugh teve vontade de chorar. Queria que ela não tivesse mencionado Lil nesse momento. Preferia não se lembrar de que a esposa o observava, zangada pelo que estava prestes a fazer. Podia ouvir a voz de Lil, todos os seus antigos argumentos...

Mas a decisão lhe cabia, e ele a tinha tomado. Afinal de contas, fora ele que começara tudo aquilo. Mesmo sem querer, dera o passo que os colocou nesse caminho e era sua obrigação esclarecer as coisas. Os segredos sempre acabavam revelados, e era melhor, sem dúvida, que ela soubesse a verdade de sua boca.

Ele segurou as mãos de Nell e beijou-as. Apertou-as com força, os dedos macios tocando suas palmas calejadas pelo trabalho.

Sua filha. A primeira.

Nell sorriu para ele, radiante no seu delicado vestido de renda.

Hugh também sorriu.

Depois, levou-a para sentar-se ao seu lado em um tronco de árvore caído e se inclinou para cochichar em seu ouvido. Contou-lhe o segredo que ele e a esposa guardaram durante dezessete anos. Esperou pelo lampejo de compreensão, pela mudança de expressão quando ela processasse o que ele estava dizendo. Observou o mundo dela cair e a pessoa que tinha sido a vida inteira desaparecer em um segundo.

3

Brisbane, 2005

Cassandra não saía do hospital havia vários dias, embora o médico demonstrasse pouca esperança de que sua avó fosse recuperar a lucidez. Não era provável, dissera ele, não na idade dela, não com aquela quantidade de morfina no organismo.

A enfermeira da noite estava lá de novo, então Cassandra percebeu que não era mais dia. Não sabia a hora exata. Era difícil dizer ali: as luzes do saguão estavam sempre acesas, uma televisão podia ser ouvida o tempo todo, embora nunca vista; carrinhos sempre passavam pelo corredor, não importava a hora. Era uma ironia que um lugar tão estruturado em rotinas funcionasse tão alheio aos ritmos normais do tempo.

Mesmo assim, Cassandra esperou. Vigando, confortando, enquanto Nell se afogava em um mar de lembranças, emergindo para respirar, vez ou outra, em épocas mais antigas de sua vida. Não suportava pensar que sua avó pudesse contrariar as probabilidades e voltar para o presente, só para se ver flutuando do lado de fora da vida, sozinha.

A enfermeira trocou o soro, girou um botão na máquina atrás da cama, depois começou a esticar os lençóis.

– Ela não bebeu nada – disse Cassandra, a voz soando estranha aos próprios ouvidos. – O dia inteiro.

A enfermeira ergueu os olhos, espantada ao ouvir alguém falar com ela. Olhou por cima dos óculos para a cadeira onde Cassandra estava sentada, com uma manta azul-esverdeada no colo.

– Você me assustou. Ficou aqui o dia inteiro, não é? Não deve demorar muito, e provavelmente esse é o melhor desfecho.

Cassandra ignorou as implicações daquela afirmação.

– Não é melhor dar algo para ela beber? Ela deve estar com sede.

A enfermeira dobrou o lençol e o ajeitou sob os braços finos de Nell.

– Ela está bem. O soro se encarrega disso. – Checou alguma coisa no prontuário de Nell e disse, sem erguer os olhos: – Tem chá no final do corredor se você quiser.

A enfermeira saiu e Cassandra viu que os olhos de Nell estavam abertos, olhando fixamente para ela.

– Quem é você? – perguntou com voz frágil.

– Sou eu, Cassandra.

Confusão.

– Eu conheço você?

O médico previra isso, mas, ainda assim, doeu.

– Sim.

Nell a encarou, seus olhos de um cinza aguado. Ela piscou, confusa.

– Não consigo me lembrar...

– Shhh... Está tudo bem.

– Quem sou eu?

– Seu nome é Nell Andrews – disse Cassandra, segurando a mão dela. – Você tem 95 anos. Mora em uma casa antiga em Paddington.

Os lábios de Nell tremiam, ela estava se concentrando, tentando compreender o que havia sido dito.

Cassandra pegou um lenço de papel na mesinha de cabeceira e limpou delicadamente a saliva que escorria da boca de Nell.

– Você tem um estande no centro de antiguidades em Latrobe Terrace – continuou com delicadeza. – Nós trabalhamos juntas, vendemos coisas antigas.

– Eu conheço você – disse Nell baixinho. – Você é filha de Lesley.

Cassandra ficou surpresa. Raramente falavam na mãe, nem durante sua infância, nem durante os dez anos depois que ela voltou e foi morar no apartamento embaixo da casa de Nell. Era um acordo tácito não revisitar um passado que ambas, por diferentes razões, preferiam esquecer.

Nell levou um susto. Seus olhos espantados examinaram o rosto de Cassandra.

– Onde está o rapaz? Não aqui, espero. Ele está aqui? Não quero que ele toque nas minhas coisas, não quero que as estrague.

Cassandra sentiu-se tonta. Nell continuou:

– Minhas coisas são preciosas. Não deixe que ele chegue perto delas.

A neta recuperou a voz e falou, gaguejando:

– Não... não, não vou deixar. Não se preocupe, Nell. Ele não está aqui.



Mais tarde, quando a avó tornou a perder a consciência, Cassandra refletiu sobre a cruel capacidade da mente em recordar fragmentos do passado. Ao se aproximar do fim, por que a mente da avó era invadida pelas vozes de pessoas havia tanto desaparecidas? Seria sempre assim? As pessoas com passagem reservada para o silencioso navio da morte sempre examinavam o cais à procura dos rostos daqueles que já tinham partido?

Cassandra devia ter dormido, porque, quando se deu conta, a dinâmica do hospital mudara de novo. Tinham entrado mais fundo no túnel da noite. As luzes do corredor haviam sido diminuídas, o som de pessoas adormecidas a cercava. Ela estava esparramada na cadeira, com o pescoço tensionado e os tornozelos gelados, fora da manta. Era tarde e estava cansada. O que a tinha acordado?

Nell. Sua respiração estava ruidosa. Ela estava acordada. Cassandra se aproximou rapidamente da cama, tornou a se sentar ao seu lado. À luz fraca, os olhos de Nell pareciam vidrados, pálidos e embaçados como água suja de tinta. Da sua boca, saía um frágil fio de voz. A princípio, Cassandra não conseguiu ouvir, achou que seus lábios estavam ruminando palavras pronunciadas muito tempo antes. Então, percebeu que Nell estava falando:

– A dama. A dama disse para esperar...

Cassandra acariciou a testa quente de Nell, alisou as mechas macias de cabelo que antes brilhavam como fios de prata. A dama de novo.

– Ela não vai se importar – respondeu. – A dama não vai se importar se você for embora.

Os lábios de Nell se crisparam, depois tremeram.

– Eu não posso sair daqui. Ela pediu para esperar aqui no navio. – A voz da avó era um sussurro. – A dama... a Autora... Não conte a ninguém.

– Shhh – disse Cassandra. – Não vou contar a ninguém, Nell. Não vou contar à dama. Você pode ir.

– Ela disse que ia voltar para me buscar, mas eu saí. Não fiquei onde ela mandou.

A respiração de sua avó estava ofegante, ela começava a entrar em pânico.

– Por favor, não se preocupe, Nell. Tudo vai ficar bem. Eu prometo.

A cabeça de Nell tombou para o lado.

– Eu não posso ir... Eu não devia... A dama...

Cassandra apertou o botão para pedir ajuda, mas nenhuma luz se acendeu sobre a cama. Hesitou, ouviu passos apressados no corredor. As pálpebras de Nell tremiam, ela estava indo embora.

– Vou chamar uma enfermeira...

– Não! – Nell estendeu a mão, tentando segurar Cassandra. – Não me deixe!

Ela estava chorando. Lágrimas silenciosas brilhando no rosto pálido.

Os olhos de Cassandra ficaram marejados.

– Está tudo bem, vovó. Vou buscar ajuda. Eu volto logo, prometo.

4

Brisbane, 2005

A casa parecia saber que sua dona havia partido e, mesmo que não lamentasse exatamente sua morte, mantinha-se em um silêncio obstinado. Nell nunca gostou muito de gente nem de festas (e os ratos da cozinha eram mais barulhentos do que a neta), então a casa estava acostumada com uma existência sossegada, sem barulho ou confusão. Por isso foi um grande choque quando as pessoas chegaram sem avisar, começaram a andar pela casa e pelo jardim, derramando chá e migalhas. Construída na encosta, atrás do enorme centro de antiguidades, a casa suportava estoicamente tal indignidade.

As tias organizaram tudo, é claro. Cassandra teria preferido não fazer aquilo e homenagear a avó reservadamente, mas as tias não pediram sua opinião. É claro que Nell precisava ter um velório, disseram. A família ia querer prestar suas homenagens, bem como os amigos. E, além disso, era o costume.

Cassandra não era páreo para tão cândida certeza. Em outra época, teria argumentado, mas não agora. Além disso, as tias eram uma força irresistível, cada uma com sua energia que desafiava a idade (até a mais jovem, tia Hettie, já passara dos 80 anos). Então Cassandra afastou seus receios, resistindo ao impulso de apontar a ausência dos amigos de Nell, e realizou as tarefas que lhe foram impostas: arrumar as xícaras, procurar talheres de bolo, guardar as coisas da avó para que os primos tivessem onde sentar. Deixou que as tias assumissem o papel de anfitriãs com toda a pompa e presunção.

Elas não eram tias de Cassandra, é claro. Na verdade, eram as irmãs mais novas de Nell, tias da sua mãe. Só que Lesley nunca ligara muito para elas, e as tias a tinham prontamente substituído pela sobrinha-neta.

Cassandra pensou que talvez a mãe fosse ao enterro, chegando ao crematório no meio da cerimônia, parecendo trinta anos mais jovem do que era, atraindo olhares de admiração como sempre acontecia. Bela, jovem e totalmente indiferente.

Mas ela não fora. Mandaria um cartão, pensou Cassandra, com uma imagem vagamente adequada à ocasião. Com uma letra grande e desenhada que chamava atenção e, no fim, muitos beijos. Daquele tipo que não dá trabalho.

Cassandra mergulhou as mãos na pia e espalhou um pouco mais a louça.

– Bem, acho que tudo correu bem – disse Phyllis, a mais velha depois de Nell e também a mais mandona. – Nell teria gostado.

Cassandra olhou-a de esguelha.

– Quero dizer – continuou Phyllis, fazendo uma pequena pausa enquanto enxugava a louça –, ela teria gostado depois que parasse de reclamar que não queria nada disso. – De repente, ficou maternal. – E você? Como está?

– Estou bem.

– Parece bem magra. Está comendo direito?

– Três vezes por dia.

– Você podia engordar um pouco. Venha tomar um lanche amanhã à noite, vou convidar a família, preparar aquela torta.

Cassandra não discutiu.

Phyllis contemplou a velha cozinha, reparando na tampa torta do fogão.

– Você não tem medo de ficar aqui sozinha?

– Com medo, não.

– Solitária, talvez? – perguntou Phyllis, franzindo o nariz com exagerada comiseração. – É claro que sim. É natural, você e Nell faziam companhia uma à outra, não é? – Sem esperar pela confirmação, pôs a mão com manchas de velhice no braço de Cassandra e continuou animadamente: – Você vai ficar bem e eu vou dizer por quê. É sempre triste perder alguém que amamos, mas não é tão ruim quando a pessoa é mais velha. É a ordem natural das coisas. É muito pior se for alguém mais jovem.

A tia parou no meio da frase, com os ombros tensos e o rosto corado.

– Sim – disse Cassandra depressa –, é claro.

Ela parou de lavar as xícaras e se inclinou para observar, pela janela da cozinha, o quintal dos fundos. A espuma deslizava pelos seus dedos, por cima da

aliança de ouro que ainda usava.

– Preciso podar e cuidar das plantas, senão as capuchinhas vão cobrir o caminho.

Phyllis se sentia agradecida pela mudança de assunto.

– Vou mandar o Trevor aqui para ajudar. – Ela apertou mais o braço de Cassandra. – Sábado que vem está bom?

Então tia Dot apareceu, trazendo outra bandeja de xícaras sujas. Colocou-as na bancada e passou as costas da mão na testa.

– Finalmente – disse, piscando na direção de Cassandra e Phyllis por trás dos óculos de lentes muito grossas. – Estas são as últimas. – Olhou para o interior de um pote redondo de bolo. – Estou faminta.

– Ora, Dot – censurou Phyllis, aproveitando a oportunidade para passar do incômodo à repreensão –, você acabou de comer.

– Já faz uma hora.

– E seu problema de vesícula? Achei que estava cuidando do peso.

– Eu estou – disse Dot, empertigando-se e pousando as mãos na cintura volumosa. – Já perdi 4 quilos desde o Natal. – Ela tornou a fechar a tampa de plástico e se deteve no olhar desconfiado de Phyllis. – Perdi, sim.

Cassandra disfarçou um sorriso e continuou a lavar as xícaras. Phyllis e Dot eram igualmente corpulentas, todas as tias-avós eram. Tinham puxado à mãe, que por sua vez tinha puxado à mãe. Nell era a única que havia escapado à maldição da família, herdando os traços do pai irlandês, magro e alto. Elas sempre chamavam atenção quando estavam juntas: Nell, alta e magra, com suas irmãs gorduchas.

Phyllis e Dot ainda trocavam farpas, e Cassandra sabia que, se não as distraísse, a discussão ia esquentar até que uma delas (ou ambas) atirasse longe o pano de prato e fosse embora furiosa. Já tinha visto isso acontecer, mas nunca se acostumara ao fato de algumas frases e alguns olhares serem capazes de reavivar um desentendimento iniciado tantos anos antes. Filha única, Cassandra achava fascinantes e aterrorizantes os meandros da interação entre irmãos. Felizmente, as outras tias já haviam sido levadas por suas respectivas famílias e não podiam mais dar suas contribuições.

Cassandra pigarreou.

– Sabe, queria perguntar uma coisa. – E então falou um pouco mais alto, já que ainda não conseguira atrair a atenção delas: – Sobre Nell. Uma coisa que ela disse no hospital.

Phyllis e Dot se viraram ao mesmo tempo, os rostos igualmente corados. A menção à irmã pareceu acalmá-las, pareceu lembrar-lhes por que estavam ali, enxugando xícaras de chá.

– Alguma coisa a respeito de Nell? – indagou Phyllis.

Cassandra assentiu.

– No hospital, já quase morrendo, ela falou sobre uma mulher. A dama, a Autora. Parecia achar que estava em um barco.

Phyllis cerrou os lábios.

– Ela já estava divagando, não sabia o que dizia. Provavelmente era algum personagem de um programa de televisão a que tinha assistido. Não havia uma série que se passava em um barco?

– Ah, Phyll... – disse Dot, balançando a cabeça.

– Eu me lembro dela falando a respeito disso...

– Ora, Phyll... – respondeu Dot. – Nellie morreu. Não há mais necessidade disso.

Phyllis cruzou os braços e resmungou, indecisa.

– Devíamos contar para ela – afirmou Dot, delicadamente. – Não vai fazer mal algum agora.

– Contar o quê?

Cassandra olhou para as tias. Tinha tocado no assunto para evitar outra briga familiar; não imaginara que ouviria aquelas estranhas insinuações. As tias estavam tão focadas uma na outra que pareciam ter esquecido sua presença.

– Contar o quê? – insistiu.

Dot ergueu as sobrancelhas ao encarar Phyllis.

– É melhor saber por nós do que de outro jeito.

Phyllis assentiu quase imperceptivelmente, olhou para Dot e sorriu de modo contido. O segredo compartilhado as tornava aliadas outra vez.

– Tudo bem, Cass. É melhor você se sentar – disse, finalmente. – Pode pôr a chaleira no fogo, Dot querida? Preparar um chá para nós?

Cassandra foi para a sala com Phyllis e se sentou no sofá de Nell. Phyllis acomodou o amplo traseiro na outra ponta e examinou um fio solto no tecido.

– É difícil saber por onde começar. Já faz tanto tempo que não penso nisso tudo...

Cassandra estava perplexa. Nisso tudo o quê?

– Vou contar o grande segredo da família. Toda família tem um, com certeza, só que alguns são maiores do que outros. – Ela franziu a testa, olhando para a cozinha. – Por que Dot está demorando tanto? Ela é modorrenta como uma semana chuvosa.

– Do que se trata, Phyll?

A tia suspirou.

– Prometi a mim mesma que nunca contaria a ninguém. Isso já causou muita divisão na nossa família. Gostaria que papai não tivesse falado nada. Ele pensou que estava fazendo a coisa certa, o pobrezinho.

– O que ele fez?

Se Phyllis ouviu, ignorou. Esta era sua história e ia contá-la do seu jeito e no seu ritmo.

– Nós éramos uma família feliz. Não tínhamos muita coisa, mas éramos felizes. Mamãe, papai e nós, suas meninas. Nellie era a mais velha, como você sabe, depois houve um intervalo de mais ou menos uma década por causa da Grande Guerra, e então viemos nós. – Ela sorriu. – Você pode não acreditar, mas, na época, Nellie era a alma da família. Nós todas a adorávamos; achávamos, principalmente as mais jovens, que ela era uma espécie de mãe, sobretudo depois que nossa mãe ficou doente. Nell tomou conta dela com muito carinho.

Cassandra podia imaginar Nell fazendo isso, mas imaginar que sua avó tão irritadiça fosse a alma da família...

– O que aconteceu?

– Durante muito tempo nenhuma de nós sabia. Nell quis assim. Tudo se alterou na família e ninguém entendeu por quê. Nossa irmã mais velha mudou completamente, pareceu ter deixado de nos amar. Não da noite para o dia, não foi assim tão dramático. Ela se fechou aos poucos, afastou-se de nós. Um verdadeiro mistério, algo doloroso, e papai não tocava no assunto, por mais que perguntássemos.

– Foi meu marido, que Deus o tenha, quem finalmente esclareceu tudo. Não de propósito, fique sabendo; ele não tinha a intenção de descobrir o segredo de Nell. Só quis desencavar a história da família. Resolveu fazer uma árvore

genealógica quando nosso Trevor nasceu. No mesmo ano em que sua mãe, em 1947.

Ela fez uma pausa e olhou atentamente para Cassandra, como se esperasse para ver se a jovem tinha intuído o que estava por vir, mas ela não tinha.

– Um dia, ele entrou na cozinha, eu lembro como se fosse hoje, e disse que não tinha encontrado nenhuma referência ao nascimento de Nellie no cartório. “É claro que não”, respondi, “Nellie nasceu em Maryborough, antes de a família se mudar para Brisbane.” Doug comentou que pensara nisso a princípio, mas que, quando fez uma consulta a Maryborough, eles informaram que não havia nenhum registro. – Phyllis lançou um olhar intenso para Cassandra. – Quer dizer, Nell não existia. Pelo menos não oficialmente.

Cassandra ergueu os olhos quando Dot veio da cozinha e lhe entregou uma xícara de chá.

– Não estou entendendo.

– É claro que não, querida – disse Dot, sentando-se na poltrona ao lado de Phyllis.

– Durante muito tempo, nenhuma de nós entendeu. – Ela balançou a cabeça e suspirou. – Até falarmos com June. No casamento de Trevor, não foi, Phyllis?

Phyllis assentiu.

– Sim, em 1975. Eu estava furiosa com Nell. Tínhamos perdido papai havia pouco tempo, e ali estava o meu filho mais velho se casando, o sobrinho de Nellie, e ela nem apareceu. Preferiu viajar de férias. Foi isso que me levou a falar com June. Confesso que estava mesmo falando mal de Nell.

Cassandra estava confusa, nunca tinha conseguido acompanhar bem a complexa rede de amigos e parentes.

– Quem é June?

– Uma de nossas primas – respondeu Dot –, do lado da família de mamãe. Você deve tê-la conhecido em alguma ocasião. Ela era mais ou menos um ano mais velha que Nell, e as duas eram unha e carne quando jovens.

– Elas deviam ser muito amigas – disse Phyllis, ressentida. – June foi a única pessoa em quem Nell confiou quando tudo aconteceu.

– Quando aconteceu o quê? – questionou Cassandra.

Dot inclinou-se para a frente.

– Papai contou a Nell...

– Papai contou a Nell o que jamais deveria ter contado – acrescentou Phyllis depressa. – Pensou que estava fazendo a coisa certa, pobre homem. Arrependeu-se pelo resto da vida. As coisas nunca mais foram as mesmas entre eles.

– E ele sempre gostou mais de Nell.

– Ele amava a todas – interveio Phyllis, zangada.

– Ah, Phyll... – disse Dot, revirando os olhos. – Até hoje você não consegue admitir isso. Nell era a favorita dele. Uma ironia, aliás.

Phyllis não respondeu, então Dot, louca para tomar as rédeas, continuou:

– Aconteceu na noite do vigésimo primeiro aniversário dela. Depois da festa.

– Não foi depois da festa – corrigiu Phyllis –, foi durante. – Ela se virou para Cassandra e prosseguiu: – E ele deve ter pensado que era a hora perfeita para lhe contar, já que ela estava iniciando uma nova vida e tudo o mais. Ela estava noiva, sabe. Não do seu avô, de outro homem.

– É mesmo? – Cassandra ficou surpresa. – Ela nunca contou nada.

– O amor da vida dela, na minha opinião. Um rapaz daqui, não como Al.

Phyllis pronunciou o nome com certo desprezo. Não era segredo que as tias desaprovavam o marido americano de Nell. Não era nada pessoal, era só o desagrado de cidadãos descontentes, durante a Segunda Guerra Mundial, com a chegada a Brisbane de militares com mais dinheiro e uniformes tão elegantes que conquistavam boa parte das mulheres locais.

– Então o que aconteceu? Por que ela não se casou com ele?

– Ela rompeu o noivado alguns meses depois da festa – disse Phyllis. – Foi um transtorno. Gostávamos tanto de Danny, e isso partiu o coração dele, pobrezinho. Ele acabou se casando com outra, pouco antes da Segunda Guerra. Mas não teve muita felicidade, pois morreu combatendo os japoneses.

– O pai de Nell pediu que ela não se casasse com ele? – perguntou Cassandra. – Foi isso que ele lhe disse naquela noite? Para não se casar com Danny?

– Dificilmente – respondeu Dot. – Papai era louco por Danny. Nenhum de nossos maridos jamais chegou aos pés dele.

– Então por que ela terminou com ele?

– Ela não quis contar, nem mesmo a ele. Quase nos deixou loucas tentando entender – lembrou Phyllis. – Tudo o que sabíamos era que Nell se recusava a falar com papai e que se recusava a falar com Danny.

– Até Phyllis conversar com June – completou Dot.

– Quase 45 anos depois.

– O que June falou? – indagou Cassandra. – O que aconteceu na festa?

Phyllis tomou um gole de chá e franziu as sobrancelhas encarando Cassandra.

– Papai contou a Nell que ela não era filha dele e de mamãe.

– Ela era adotada?

As tias trocaram um olhar.

– Não exatamente – disse Phyllis.

– Ela foi encontrada – afirmou Dot.

Cassandra franziu a testa.

– Encontrada onde?

– No cais de Maryborough – respondeu Dot. – Onde os grandes navios chegavam, vindos da Europa. Agora não chegam mais lá, é claro, existem portos muito maiores, e a maioria das pessoas hoje viaja de avião.

– Papai a encontrou – interrompeu Phyllis – quando ela era bem pequena. Foi pouco antes do início da Grande Guerra. As pessoas deixavam a Europa aos borbotões e nós ficávamos felizes em recebê-las aqui na Austrália. Papai era o encarregado do porto na época, era obrigação dele certificar-se de que os viajantes eram mesmo quem diziam ser, que tinham chegado realmente ao seu destino. Alguns nem sabiam falar inglês. Pelo que sei, numa tarde houve certa confusão. Um navio aportou depois de uma viagem complicada da Inglaterra até aqui. Tifo, infecções, insolação. Aconteceu de tudo e, quando o navio chegou, havia malas e pessoas não identificadas. Foi uma grande dor de cabeça. Papai conseguiu resolver tudo... é claro, ele sempre foi muito bom em manter as coisas em ordem... mas esperou um pouco para se certificar e comunicar ao vigia da noite tudo o que tinha acontecido, para explicar por que havia malas extras no escritório. Foi quando esperava que notou que alguém ficara no cais: uma menina, de no máximo 4 anos, sentada sobre uma mala pequena.

– Não havia ninguém por perto – contou Dot, balançando a cabeça. – Ela estava sozinha.

– Papai tentou descobrir quem era ela, claro, mas a menina não lhe contou. Falou que não sabia, que não se lembrava. E não havia nenhuma etiqueta na mala, nada lá dentro que pudesse ajudar na identificação, nada que ele tivesse

conseguido encontrar. Já era muito tarde, ficando escuro, o tempo estava virando. Papai sabia que ela devia estar com fome, então resolveu que não havia nada a fazer a não ser levá-la para casa com ele. Que opção tinha? Não podia deixá-la ali no cais, na chuva, a noite inteira, podia?

Cassandra balançou a cabeça, tentando conciliar a menina cansada e solitária da história de Phyllis com a Nell que conhecera.

– Como June contou, no dia seguinte ele voltou ao trabalho esperando encontrar parentes em pânico, polícia, uma investigação.

– Mas nada aconteceu – completou Dot. – Os dias se passaram e nada aconteceu, ninguém comentou sobre o assunto.

– Foi como se ela não tivesse deixado nenhum rastro. Eles tentaram descobrir quem era ela, claro, mas, com tanta gente chegando todos os dias... Havia tanta papelada... Era tão fácil alguma coisa se perder...

– Ou alguém.

Phyllis suspirou.

– Então eles ficaram com ela.

– O que mais podiam fazer?

– E a deixaram pensar que era da família.

– Uma de nós.

– Até ela completar 21 anos – contou Phyllis. – Então, papai decidiu que ela devia saber a verdade. Que fora abandonada e só tinha como registro do início da sua vida uma pequena mala.

Cassandra ficou ali sentada em silêncio, tentando absorver essa informação. Segurou a xícara de chá com as duas mãos.

– Ela deve ter se sentido tão só...

– Com certeza – concordou Dot. – A viagem inteira sozinha. Semanas e semanas naquele navio enorme, para terminar em um cais vazio.

– E também todo o tempo depois.

– Como assim? – perguntou Dot, franzindo a testa.

Cassandra cerrou os lábios. O que ela quis dizer com isso? Falara aquilo em um impulso. A certeza da solidão da avó. Como se, naquele instante, tivesse vislumbrado um aspecto importante de Nell que jamais conhecera. Ou melhor, como se entendesse de repente aspectos de Nell que conhecia muito bem: seu isolamento, sua independência, sua irritação.

– Ela deve ter se sentido tão só quando percebeu que não era quem achava que era.

– Sim – disse Phyllis, surpresa. – Tenho que admitir que não percebi isso de cara. Quando June me contou, não vi por que isso mudava tanto as coisas. Não conseguia compreender por que Nell tinha deixado que a afetasse tanto. Mamãe e papai a amavam, e nós adorávamos nossa irmã mais velha; ela não poderia ter uma família melhor. – Phyllis se inclinou sobre o braço do sofá, com a cabeça apoiada na mão, e esfregou a têmpora, fatigada. – Com o passar do tempo, entretanto, comecei a entender. Percebi que essas coisas são importantes. Você sabe, família, sangue, um passado... são as coisas que nos fazem ser o que somos, e papai tirou isso de Nell. Ele não teve a intenção, mas foi o que aconteceu.

– Nell deve ter ficado aliviada quando vocês finalmente souberam – disse Cassandra. – Deve ter facilitado um pouco as coisas.

Phyllis e Dot trocaram um olhar.

– Você contou a ela que tinha descoberto?

Phyllis franziu a testa.

– Eu quase contei, diversas vezes, mas nunca consegui encontrar as palavras certas. Nell fizera tanta questão de esconder isso de nós, tinha reconstruído toda a sua vida em torno de um segredo, se esforçado tanto para guardá-lo só para ela... que pareceu... não sei... quase cruel derrubar aquela muralha. Seria como tirar o chão de baixo dela uma segunda vez. – Phyllis balançou a cabeça. – Mas talvez tenha sido bobagem minha. Nell era audaciosa quando queria, talvez eu não tenha tido coragem, só isso.

– Não tem nada a ver com coragem ou falta de coragem – disse Dot com firmeza. – Apenas concordamos que era o melhor para todos. Nell queria que fosse desse jeito.

– Acho que você tem razão – afirmou Phyllis. – Mesmo assim, penso se foi a decisão certa. Não faltaram oportunidades; por exemplo, quando Doug trouxe a mala para nós.

– Pouco antes de papai morrer – explicou Dot para Cassandra –, ele mandou o marido de Phyllis levar a mala para Nell. Não deu nenhuma explicação. Papai era assim, tão bom quanto Nell para guardar segredos. Guardara a mala durante todos aqueles anos. Ainda estava tudo lá dentro, como quando a encontrara.

– Engraçado – disse Phyllis. – Assim que vi a mala naquele dia, eu pensei na história que June havia me contado. Sabia que devia ser a mala que papai tinha achado com Nell no cais, tantos anos antes, embora, durante todo o tempo em que estive no fundo do depósito de papai, eu nunca houvesse lhe dado importância. Não a liguei a Nell e suas origens. Se alguma vez reparei nela, foi para imaginar por que mamãe e papai tinham uma mala tão engraçada. De couro branco com fivelas prateadas. Pequenininha, uma mala de criança...

Embora Phyllis continuasse a descrever a mala, não precisaria tê-lo feito, porque Cassandra sabia exatamente como era.

E o mais importante: sabia o que ela continha.

5

Brisbane, 1976

Cassandra adivinhou para onde estavam indo assim que sua mãe abriu o vidro e disse ao frentista para encher o tanque. O homem falou alguma coisa que fez a mãe rir como uma adolescente. Ele piscou para Cassandra antes de percorrer com os olhos as longas pernas bronzeadas da mãe, que usava um short jeans bem curto. Cassandra estava acostumada com os homens lançando olhares de admiração para a mãe, então não ligou. Virou o rosto para observar através da janela e pensou em Nell, sua avó, pois era para a casa dela que estavam indo. O único motivo que levava sua mãe a colocar mais de 5 dólares de gasolina era a viagem de uma hora pela Southeast Freeway até Brisbane.

Cassandra sempre sentiu um grande respeito por Nell. Só a tinha visto cinco vezes antes (ao menos, era o que conseguia lembrar), mas Nell não era do tipo que alguém esquecia facilmente. Para começar, era a pessoa mais velha que Cassandra já vira ao vivo. E não sorria como os outros, o que a fazia parecer muito imponente e um tanto assustadora. Lesley não falava muito em Nell, mas, uma vez, quando Cassandra já estava deitada e sua mãe brigava com o namorado anterior a Len, ouvira a avó ser chamada de bruxa e, embora Cassandra já não acreditasse mais em magia na época, a imagem não lhe saiu da cabeça.

Nell *parecia mesmo* uma bruxa: seu longo cabelo grisalho preso em um coque na altura da nuca, a casa estreita de madeira na encosta da montanha em Paddington, com sua pintura amarelo-limão descascada e seu jardim de vasta vegetação, além dos gatos da vizinhança, que a seguiam por toda parte. Ela olhava fixamente para você como se estivesse prestes a lançar um feitiço.

Elas desceram a Logan Street com as janelas abertas; Lesley cantava junto com o rádio a nova canção do ABBA que vivia na parada de sucessos. Depois de

cruzar o rio Brisbane, contornaram o centro da cidade e atravessaram Paddington com seus chalés de ferro corrugado, incrustados nas montanhas. Perto de Latrobe Terrace, descendo uma ladeira íngreme e no meio de uma rua estreita, ficava a casa de Nell.

Lesley estacionou e desligou o motor. Cassandra continuou sentada, com o sol quente entrando pelo para-brisa e batendo em suas pernas, a parte de trás dos joelhos grudada no banco forrado de plástico. Saltou do carro junto com a mãe e ficou ao seu lado na calçada. Involuntariamente olhou para cima, para a casa alta, revestida de madeira.

Um caminho estreito, de cimento, levava até o imóvel. Havia uma porta no final, mas alguém, anos antes, fechara a escadaria, obscurecendo a entrada, e Lesley disse que ninguém jamais a utilizava. Nell preferia assim, isso impedia as pessoas de aparecerem sem avisar, achando que eram bem-vindas. As calhas eram velhas e frouxas e, no meio delas, havia um buraco rodeado de ferrugem por onde devia passar uma grande quantidade de água quando chovia. Mas não havia sinal de chuva, pensou Cassandra, enquanto uma brisa quente fazia soar o carrilhão.

– Meu Deus! Brisbane é um buraco imundo – disse Lesley, olhando por cima dos enormes óculos escuros e balançando a cabeça. – Ainda bem que dei o fora daqui.

Ouviu-se um barulho no fim da passagem. Um gato cor de caramelo olhava fixamente para as recém-chegadas com uma expressão de desagrado. Um rangido no portão antecedeu o som de passos. Uma figura alta, de cabelos grisalhos, apareceu ao lado do gato. Cassandra prendeu a respiração: Nell. Era como ver em carne e osso um personagem criado pela sua imaginação.

Elas ficaram paradas, encarando-se. Ninguém disse nada. Cassandra teve a estranha sensação de estar testemunhando um misterioso ritual de adultos que não era capaz de entender. Imaginava por que continuavam ali em pé, quem iria tomar a iniciativa, quando Nell quebrou o silêncio:

- Achei que tivéssemos combinado que você ligaria antes.
- Também estou feliz em vê-la, mamãe.
- Estou separando caixas para leiloar. Está tudo espalhado, não tem lugar para sentar.

– Nós damos um jeito. – Lesley apontou para Cassandra. – Sua neta está com sede, está um calor horrível aqui fora.

Cassandra sentiu um desconforto e olhou para o chão. Havia algo estranho no comportamento da mãe, um nervosismo a que não estava habituada e que não conseguia entender. Ouviu a avó suspirar lentamente.

– Tudo bem, então – disse Nell. – É melhor vocês entrarem.



Nell não tinha exagerado quanto à bagunça. O chão estava coberto de papéis amassados, montes de jornais. Sobre a mesa, uma ilha no meio daquela bagunça, havia inúmeras peças de porcelana, vidro e cristal. Bibelôs, pensou Cassandra, satisfeita por se lembrar da palavra.

– Vou pôr a chaleira no fogo – disse Lesley, afastando-se até o outro lado da cozinha.

Nell e a neta ficaram sozinhas, e ela olhou para Cassandra com aquele seu jeito misterioso.

– Você cresceu. Mas ainda está muito magra.

Era verdade, as crianças da escola sempre falavam isso.

– Eu era magra como você – contou Nell. – Sabe como meu pai costumava me chamar?

Cassandra deu de ombros.

– Pernas sortudas. Sortudas porque não se partiam ao meio. – Nell começou a tirar xícaras de chá de ganchos presos em um armário antigo. – Chá ou café?

Cassandra balançou a cabeça, scandalizada. Embora tivesse completado 10 anos em maio, ainda era pequena e não estava acostumada a lhe oferecerem bebidas de adultos.

– Não tenho suco de fruta nem refrigerante – avisou Nell. – Nem nada desse tipo.

Então a menina respondeu como se tivesse reaprendido a falar naquele momento:

– Eu gosto de leite.

Nell piscou para ela, surpresa.

– Está na geladeira, tenho bastante leite para os gatos. A garrafa deve estar escorregando, tome cuidado para não cair no chão.

Quando o chá foi servido, a mãe pediu que brincasse do lado de fora. O dia estava bonito demais para ficar presa dentro de casa. Vovó Nell acrescentou que podia brincar debaixo da casa, mas que não devia mexer em nada. E que não podia entrar, de jeito nenhum, no apartamento do andar de baixo.



Era uma daquelas terríveis ondas de calor em que os dias parecem se suceder sem que haja intervalo entre eles. Os ventiladores apenas movimentam o ar quente, as cigarras são ensurdecadoras, respirar é um esforço e não há nada a fazer, exceto ficar deitado esperando que janeiro e fevereiro passem, as tempestades de março cheguem e que, finalmente, venham os primeiros ventos de abril.

Mas Cassandra não sabia disso. Era uma criança e tinha a energia infantil para enfrentar o clima. Fechou a porta de tela e foi para o quintal. Flores de jasmim haviam caído e assavam no chão, pretas, secas e murchas. Ela foi pisando nelas. Sentiu certo prazer ao ver as manchas no cimento.

Sentou-se no banquinho de ferro na clareira e olhou para o estranho jardim da sua misteriosa avó, a casa lá embaixo. Imaginava o que as duas estariam conversando, por que tinham ido até lá – por mais que refletisse, no entanto, não conseguia encontrar respostas.

Passado algum tempo, Cassandra se distraiu com o jardim. Esqueceu as perguntas e começou a colher pequenas bagas enquanto um gato preto a observava de longe, fingindo desinteresse. Quando juntou uma boa quantidade, Cassandra subiu no galho mais baixo da mangueira, segurando cuidadosamente as bagas, e começou a estourá-las, uma por uma. Apreciou a sensação das sementes frias e gosmentas entre os dedos, a surpresa do gato quando uma baga caiu entre suas patas, seu entusiasmo ao pensar que se tratava de um gafanhoto.

Depois de estourar todas, Cassandra limpou as mãos no short e olhou em volta. Do outro lado da cerca de arame, havia um enorme prédio branco, retangular. Era o teatro de Paddington, Cassandra sabia, embora estivesse

fechado naquele dia. Em algum lugar ali perto, sua avó tinha uma loja de artigos usados. Cassandra estivera lá uma vez, em outra das visitas inesperadas de Lesley a Brisbane. Nell ficara com ela, enquanto a mãe saía para se encontrar com alguém.

Nell a deixara polir um aparelho de chá de prata. Cassandra tinha gostado disso, do cheiro de Silvo, de ver o pano ficar preto, e o bule, brilhante. Nell até explicou algumas das marcações – leão significava libra esterlina, cabeça de leopardo para Londres, uma letra para o ano em que tinha sido fabricado. Era como um código secreto. Cassandra fizera uma busca em casa depois, na esperança de encontrar alguma coisa de prata para polir e decodificar para Lesley. Só que não encontrara nada. Esquecera-se, desde então, de quanto gostava daquela tarefa.

À medida que o dia foi passando e as folhas da mangueira começaram a murchar com o calor e o canto das pegas ficava preso em suas gargantas, Cassandra começou a retornar para a casa. Sua mãe e Nell ainda estavam na cozinha – podia ver suas silhuetas através da tela –, então continuou, dando a volta até o outro lado. Havia uma grande porta de correr de madeira e, quando puxou a maçaneta, ela se abriu, revelando a área fresca e sombria debaixo da casa.

O escuro contrastava com a claridade do lado de fora. Foi como adentrar em outro mundo. Cassandra sentiu uma onda de animação ao percorrer o espaço. Era um local amplo, mas Nell tinha feito o possível para preenchê-lo. Caixas de todos os tamanhos e formas estavam empilhadas até o teto ao longo de três paredes e, na quarta, havia portas e janelas, algumas com as vidraças quebradas. O único espaço vazio era um corredor na parede do fundo, que dava para o que Nell chamava de “apartamento”. Ao espiá-lo, Cassandra viu que era do tamanho de um quarto. Estantes improvisadas, cheias de livros antigos, tomavam duas paredes, e havia uma cama de armar no canto, coberta com uma colcha de retalhos azuis, brancos e vermelhos. Uma pequena janela fornecia a única iluminação do lugar, mas alguém tinha pregado tábuas de madeira sobre ela. Deviam ter feito isso para impedir a entrada de ladrões, pensou Cassandra, embora não pudesse imaginar o que eles iriam querer ali.

Teve vontade de deitar na cama, de sentir a colcha fria sob sua pele quente, mas Nell fora clara: podia brincar lá embaixo, mas nunca entrar no apartamento.

E Cassandra tinha o hábito de ser obediente. Em vez de entrar e se atirar na cama, deu meia-volta. Seguiu para o lugar em que alguma criança, muito tempo antes, havia pintado um jogo de amarelinha no chão de cimento. Procurou por uma pedra, descartou diversas antes de se decidir por uma de formato regular, sem arestas que a desviassem do trajeto.

Cassandra jogou a pedra, que caiu exatamente no meio do primeiro quadrado, e começou a pular. Já estava no número sete quando a voz da avó, cortante como um caco de vidro, soou no andar de cima.

– Que tipo de mãe é você?

– Não sou pior do que você foi.

Cassandra ficou imóvel, equilibrando-se em uma perna só no meio de um quadrado, ouvindo. Até onde pôde perceber, houve um silêncio, só que era mais provável que elas tivessem baixado a voz novamente, ao lembrarem que os vizinhos estavam a poucos metros. Len sempre dizia a Lesley, quando brigavam, que não queria que os vizinhos soubessem da vida deles. Só não pareciam se importar com o fato de Cassandra ouvir cada palavra.

Ela perdeu o equilíbrio e baixou o pé. Fez isso por um centésimo de segundo, então tornou a levantá-lo. Até Tracy Waters, que tinha a reputação, entre as meninas da quinta série, de ser a mais severa das juízas de amarelinha, teria permitido que ela continuasse a partida, mas Cassandra havia perdido o entusiasmo pela brincadeira. O tom de voz de sua mãe a perturbava. Seu estômago tinha começado a doer.

Largou a pedra e saiu dos quadrados.

Estava quente demais para voltar ao quintal. O que ela queria mesmo era ler: fugir para o Bosque Encantado, subir a Árvore Distante ou ir para o Pico dos Contrabandistas com os Cinco. Podia visualizar seu livro em cima da cama, no lugar em que o tinha deixado de manhã, bem perto do travesseiro. Foi burrice não o ter trazido; ouviu a voz de Len, que sempre surgia quando fazia alguma besteira.

Pensou então nas estantes de Nell, nos livros antigos que cobriam as paredes do apartamento. Nell não iria se importar se escolhesse um e se sentasse para ler. Tomaria cuidado para não desarrumar nada, para deixar as coisas como as tinha encontrado.

O cheiro de poeira estava forte lá dentro. Cassandra observou as lombadas dos livros, vermelhas, verdes e amarelas, e esperou que um título a atraísse. Um gato estava deitado na terceira prateleira, na frente dos livros, em uma nesga de sol. Cassandra não o notara antes e imaginou de onde ele teria vindo, como teria entrado no apartamento sem que ela reparasse. O gato, parecendo perceber que estava sendo observado, levantou-se e olhou para Cassandra com um ar majestoso. Então deu um salto gracioso para o chão e desapareceu debaixo da cama.

A menina ficou olhando para ele, imaginando como seria mover-se com tanta leveza, desaparecer com tamanha desenvoltura. Ela pestanejou. Talvez não com tanta facilidade. Na parte da colcha em que o gato tinha roçado, havia algo. Era pequeno e branco. Retangular.

Cassandra se ajoelhou e ergueu a ponta da colcha. Olhou embaixo da cama. Era uma pequena mala, uma velha mala. O fecho estava aberto e ela pôde enxergar um pouco lá dentro. Papéis, um pano branco, uma fita azul.

De repente, teve a convicção, a sensação de que precisava saber o que a mala continha, mesmo que isso significasse desobedecer ainda mais às ordens de Nell. Com o coração disparado, puxou a mala e abriu-a. Começou a examinar o que havia lá dentro.

Uma escova de cabelo de prata, antiga e sem dúvida preciosa, com uma pequena cabeça de leopardo simbolizando Londres gravada perto das cerdas. Um vestido branco, pequeno e bonito, um vestido bem antigo, do tipo que Cassandra nunca havia visto, muito menos possuído – as garotas da escola iriam rir se usasse uma coisa daquelas. Papéis amarrados com uma fita azul-clara. Cassandra desatou o laço e abriu o pacote.

Um retrato, um desenho em preto e branco. A mulher mais linda que Cassandra já vira, parada sob um arco no jardim. Não, não era um arco, era a entrada de um túnel de árvores. Um labirinto, pensou de repente – aquela palavra estranha surgindo em sua mente.

Um monte de linhas em preto se combinava como mágica para formar o retrato, e Cassandra imaginou como seria criar algo assim. A imagem era estranhamente familiar e, a princípio, ela não soube por quê. Depois percebeu: a mulher se parecia com um personagem de livro infantil. Como uma ilustração de

um conto de fadas, a donzela que vira princesa quando o belo príncipe enxerga além de suas roupas surradas.

Ela colocou o desenho no chão ao seu lado e dirigiu sua atenção para o resto do pacote. Alguns envelopes continham cartas, além de um caderno com páginas pautadas que alguém preencheria com uma caligrafia floreada. Cassandra achou que o texto estivesse em outra língua, porque não conseguiu decifrar. Folhetos e páginas arrancadas de revistas tinham sido guardados no final do caderno, junto com uma velha fotografia de um homem, uma mulher e uma garotinha com longas tranças. Cassandra não reconheceu ninguém.

Por baixo do caderno, encontrou o livro de contos de fadas. A capa era de papelão verde com letras douradas: *Contos mágicos para meninas e meninos*, de Eliza Makepeace. Cassandra repetiu o nome da autora, apreciando o sabor misterioso daquelas palavras em seus lábios. Abriu o livro e, na folha de rosto, havia a imagem de uma fada sentada em um ninho: cabelos compridos, uma grinalda de estrelas ao redor da cabeça, asas grandes e translúcidas. Quando observou mais de perto, viu que o rosto da fada era o mesmo do desenho. Na base do ninho, estava escrito: “Sua contadora de histórias, Srta. Makepeace.” Com um arrepio de contentamento, virou a página para ler a primeira história, fazendo com que assustados peixinhos prateados se espalhassem por todos os lados. O tempo amarelara o livro, enrugara as beiradas. O papel estava gasto e, quando esfregou um cantinho dobrado, pareceu se desintegrar um pouco, virar pó.

Cassandra não pôde resistir. Deitou-se de lado na cama de armar. Era o lugar perfeito para ler: fresco, silencioso e secreto. Sempre se escondia para ler, embora não soubesse por quê. Era como se não pudesse se livrar da sensação de que estava sendo preguiçosa, de que se entregar por completo a algo tão prazeroso devia ser errado.

Mas foi o que fez. Atirou-se no buraco do coelho e entrou em uma história de magia e mistério sobre uma princesa que vivia com uma velha cega em um chalé, no meio de uma floresta sombria. Uma princesa corajosa, muito mais do que Cassandra jamais poderia ser.

Estava a duas páginas do final quando passos no andar de cima atraíram sua atenção.

Elas estavam vindo.

Levantou-se depressa. Queria desesperadamente terminar a história, descobrir o que ia acontecer com a princesa. Mas não havia tempo. Arrumou os papéis, jogou tudo dentro da mala e a empurrou para baixo da cama. Apagou todas as provas de sua desobediência.

A garota saiu do apartamento, pegou uma pedrinha e voltou para o jogo de amarelinha.

Quando sua mãe e Nell apareceram na porta de correr, Cassandra parecia ter passado a tarde inteira pulando amarelinha.

– Vem cá, minha garota – chamou Lesley.

Cassandra espanou o short com as mãos e foi para o lado da mãe, surpreendendo-se quando Lesley passou o braço pelos seus ombros.

– Você se divertiu?

– Sim – respondeu Cassandra cautelosamente.

Será que ela havia descoberto?

Sua mãe não estava zangada. Pelo contrário, parecia quase triunfante. Ela olhou para Nell.

– Não falei? Esta aqui sabe cuidar de si mesma.

Nell não respondeu e a mãe de Cassandra continuou:

– Você vai ficar aqui com a vovó Nell por algum tempo, Cassie. Vai ser uma aventura.

Isso foi uma surpresa; sua mãe devia ter alguma coisa para fazer em Brisbane.

– Vou almoçar aqui?

– Todo dia, imagino, até eu voltar para buscá-la.

De repente, Cassandra se deu conta das arestas pontudas da pedra que estava segurando e que machucavam seus dedos. Ela olhou para a mãe e, em seguida, para a avó. Era brincadeira? Sua mãe estava fazendo uma piada? Esperou para ver se Lesley ia cair na gargalhada.

Mas ela não riu. Simplesmente encarou Cassandra com seus olhos azuis bem abertos.

A menina não sabia o que dizer.

– Eu não trouxe meu pijama – foi tudo o que conseguiu balbuciar.

Sua mãe abriu um sorriso largo de alívio, então Cassandra percebeu que o momento da recusa passara.

– Não se preocupe com isso, bobinha. Tenho uma bolsa no carro. Acha mesmo que eu ia deixar você aqui sem nada?

Nell ficou calada o tempo todo, empertigada. Olhava para Lesley com um ar que Cassandra percebeu ser de censura. A garota supôs que a avó não quisesse que ela ficasse. Meninas estão sempre atrapalhando, era o que Len sempre dizia.

Lesley foi até o carro, inclinou-se e tirou uma bolsa pela janela aberta. Cassandra imaginou quando a teria arrumado e por que não deixara que ela mesma a arrumasse.

– Pronto, garota – disse Lesley, jogando a bolsa para Cassandra. – Tem uma surpresa aí dentro para você, um vestido novo. Len me ajudou a escolhê-lo.

Ela se virou para Nell e disse:

– É só por uma ou duas semanas, eu prometo. Só enquanto eu e Len nos ajeitamos. – Lesley passou a mão no cabelo de Cassandra. – Sua avó Nell está contente em ficar com você. Vão ser umas férias de verdade. Algo para contar às outras crianças quando as aulas recommencem.

Então a avó sorriu, só que não foi um sorriso feliz. Cassandra sabia o que significava. Ela mesma costumava sorrir assim quando a mãe prometia alguma coisa que ela queria muito, mas sabia que não ia acontecer.

Lesley deu um beijo no rosto da filha, apertou sua mão e foi embora. Partiu antes que Cassandra pudesse abraçá-la, pedir que dirigisse com cuidado e perguntar quando ia voltar.



Mais tarde, Nell preparou o jantar – linguixa, purê de batata e purê de ervilha em lata – e elas comeram na copa. A casa de Nell não tinha tela nas janelas, como o bangalô de Len, em Burleigh Beach, então Nell mantinha um mata-moscas no parapeito ao seu lado. Quando moscas ou mosquitos apareciam, ela era rápida. Os golpes eram tão ágeis e eficientes que o gato, adormecido no colo de Nell, nem se mexia.

O ventilador em cima da geladeira agitava o ar pesado e úmido enquanto as duas comiam; Cassandra respondia às perguntas ocasionais da avó o mais educadamente possível, até que por fim a provação do jantar terminou.

Cassandra ajudou a secar a louça, depois Nell a levou até o banheiro e começou a encher a banheira com água morna.

– A única coisa pior do que um banho frio no inverno – disse Nell – é um banho quente no verão. – Ela tirou do armário uma toalha marrom e a pendurou na cisterna do vaso. – Você pode fechar a torneira quando a água alcançar esta linha. – Ela apontou para uma rachadura na porcelana verde, depois se levantou, ajeitando o vestido. – Você vai ficar bem?

Cassandra assentiu e sorriu. Esperava ter respondido corretamente. Os adultos às vezes eram complicados. Na maior parte das situações, não gostavam quando as crianças demonstravam sentimentos, pelo menos os negativos. Len sempre dizia a Cassandra que as crianças boas deviam sorrir e aprender a guardar para si seus pensamentos sombrios. Com Nell era diferente: Cassandra, intuitivamente, sentia que as regras da avó eram outras. Mesmo assim, era melhor tomar cuidado.

Foi por isso que não mencionou a escova de dentes, ou a falta de uma. Lesley sempre esquecia essas coisas quando dormiam fora, mas Cassandra sabia que uma ou duas semanas sem uma escova não iriam matá-la. Fez um coque no cabelo e o prendeu no alto da cabeça com um elástico. Em casa, usava a touca da mãe, mas não sabia se Nell tinha uma e não quis perguntar. Entrou na banheira e sentou-se na água tépida, encolheu os joelhos e fechou os olhos. Ouviu a água bater nas laterais da banheira, o zumbido da lâmpada, um mosquito voando ali perto.

Ficou assim por algum tempo, e só saiu do banho quando achou que, se demorasse mais, Nell poderia vir procurá-la. Ela se enxugou, pendurou cuidadosamente a toalha no suporte do chuveiro, alinhando as pontas, depois vestiu o pijama.

Encontrou Nell na saleta, arrumando uma cama improvisada, com lençóis e um cobertor.

– Isto aqui, normalmente, não é um bom lugar para dormir – disse Nell, ajeitando o travesseiro. – O colchão não é grande coisa e as molas são um pouco duras, mas você é tão leve que nem vai sentir.

Cassandra assentiu com seriedade.

– Não vai ser por muito tempo. Uma ou duas semanas, no máximo. Só enquanto mamãe e Len ajeitam as coisas.

Nell sorriu com amargura. Olhou em volta, depois tornou a fitar Cassandra.

– Você precisa de mais alguma coisa? Um copo d’água? Um abajur?

Cassandra imaginou se Nell teria uma escova de dentes sobrando, mas não conseguiu formular a pergunta. Balançou a cabeça.

– Então venha para a cama – instruiu a avó, levantando a ponta do cobertor.

Cassandra obedeceu e Nell a cobriu. As cobertas eram surpreendentemente macias, com cheiro de recém-lavadas.

Nell hesitou.

– Bem... Boa noite.

– Boa noite.

Então a luz apagou-se e Cassandra ficou sozinha.



No escuro, os ruídos estranhos ficaram mais altos. O tráfego em um local distante, uma televisão em uma das casas vizinhas, os passos de Nell no assoalho do outro quarto. Do lado de fora, os carrilhões batiam com o vento, e Cassandra percebeu que o ar ficara carregado com o cheiro de eucalipto e de asfalto. Uma tempestade se aproximava.

Ela se encolheu debaixo das cobertas. Cassandra não gostava de tempestades, eram imprevisíveis. Torceu para aquela se afastar. Fez um trato consigo mesma: se conseguisse contar até dez antes que o próximo carro passasse pela colina ali perto, tudo ficaria bem. A tempestade cessaria depressa e sua mãe voltaria até o final da semana.

Um. Dois. Três... Ela não trapaceou, não se apressou... Quatro. Cinco... Nada até agora, já estava no meio do caminho... Seis. Sete... Respirando depressa, nada de carros, já estava quase lá... Oito...

De repente, sentou-se na cama. A bolsa tinha compartimentos. Sua mãe não tinha esquecido, a escova de dentes estava enfiada ali para protegê-la.

Cassandra saltou da cama quando uma rajada de vento fez o carrilhão bater na vidraça. Atravessou o cômodo, com o vento que entrava pelas frestas do assoalho esfriando seus pés.

O céu sobre a casa bradou ameaçadoramente, depois ficou espetacularmente claro. Aquilo pareceu perigoso, fez Cassandra se lembrar da tempestade do conto de fadas que lera naquela tarde, a tempestade furiosa que tinha seguido a princesinha até o chalé da bruxa.

Cassandra se ajoelhou no chão, examinando um compartimento atrás do outro, querendo que seus dedos encontrassem a forma familiar da escova de dentes.

Grandes gotas de chuva começaram a cair ruidosamente no telhado de ferro corrugado. Primeiro, esporadicamente; depois, aumentando até Cassandra não ouvir mais nenhum intervalo entre elas.

Já que estava ali, não fazia mal checar a bolsa toda: uma escova de dentes era pequena, podia estar bem no fundo, por isso ela não a encontrara. Enfiou as mãos e tirou tudo de dentro. A escova não estava lá.

Cassandra tapou os ouvidos quando outra trovoadas fez a casa estremecer. Levantou-se e cruzou os braços, vagamente consciente da própria magreza, da própria insignificância. Depois correu de volta para a cama, enfiando-se debaixo dos lençóis.

A chuva descia do telhado, escorrendo pelas janelas aos borbotões, derramando-se das calhas frouxas que haviam sido pegadas de surpresa.

Debaixo do lençol, Cassandra estava imóvel, abraçando o próprio corpo. Apesar do calor, seus braços se arrepiaram. Sabia que devia tentar dormir, que estaria cansada de manhã se não dormisse e ninguém gostava de aturar uma chata.

Por mais que tentasse, no entanto, o sono não vinha. Contou carneiros, cantarolou silenciosas canções sobre submarinos amarelos, laranjas e limões e jardins sob o mar, imaginou histórias. Mas a noite ameaçava estender-se sem fim.

Enquanto os relâmpagos faiscavam, a chuva caía e os trovões rasgavam o céu, Cassandra começou a chorar. Lágrimas que tinham esperado muito para cair foram finalmente liberadas sob o véu escuro da chuva.

Quanto tempo se passou até notar a figura parada na porta? Um minuto? Dez?

Cassandra prendeu o choro na garganta, até queimar.

Um sussurro, a voz de Nell:

– Vim conferir se a janela estava fechada.

No escuro, Cassandra prendeu a respiração, enxugou os olhos com a ponta do lençol.

Nell estava perto agora; Cassandra podia sentir a estranha eletricidade gerada pela proximidade de outro ser humano.

– O que foi?

A garganta de Cassandra, ainda paralisada, não permitia que as palavras saíssem.

– É a tempestade? Você está com medo?

Cassandra balançou a cabeça.

Nell sentou-se na beira da cama, apertou o roupão na cintura. Outro relâmpago e Cassandra viu o rosto da avó, reconheceu os olhos da mãe com seus cantos ligeiramente caídos.

O choro finalmente veio à tona.

– Minha escova de dentes – disse, chorando. – Não estou com a minha escova de dentes.

Nell a olhou espantada, depois a abraçou. A menina recuou, surpresa com aquele gesto súbito e inesperado, mas depois se entregou. Lançou-se para a frente, encostando a cabeça naquele corpo macio, que cheirava a lavanda, seus ombros sacudidos por soluços, enquanto as lágrimas mornas molhavam a camisola de Nell.

– Pronto – murmurou Nell, alisando o cabelo de Cassandra. – Não se preocupe. Vamos arranjar outra para você. – Ela virou o rosto e contemplou a chuva batendo na janela, depois o encostou no alto da cabeça da neta. – Você é uma sobrevivente, está ouvindo? Vai ficar bem. Tudo vai ficar bem.

E, embora Cassandra não pudesse acreditar que alguma coisa fosse ficar bem, sentiu-se confortada pelas palavras de Nell. Algo na voz da avó sugeria que ela a compreendia. Que sabia como era assustador passar uma noite de tempestade, sozinha, em um lugar desconhecido.

6

Maryborough, 1913

Mesmo que Hugh voltasse tarde do porto, a sopa ainda estaria quente. Lil, graças a Deus, era assim, jamais serviria sopa fria para o marido. Hugh enfiou a última colherada na boca e se recostou na cadeira, massageando o pescoço. Lá de fora vinha o barulho distante dos trovões acima do rio e da cidade. Uma corrente invisível de ar fez o lampião tremeluzir, revelando as sombras ocultas do aposento. Ele deixou o olhar cansado acompanhá-las ao longo da mesa, da base das paredes, da porta da frente, dançando sobre a superfície da maleta branca.

Já vira malas perdidas muitas vezes. Mas uma garotinha? Como a filha de alguém fora parar sozinha no seu cais? Ela era um amor de menina. Bonita, cabelos ruivos alourados e olhos azuis. Um olhar que mostrava que estava prestando atenção, que entendia o que era dito e o que não era.

A porta se abriu e a figura delicada e familiar de Lil apareceu. Ela a fechou suavemente e caminhou pelo corredor. Prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, a mesma mecha rebelde que sempre saía do lugar desde que a conhecera.

– Ela adormeceu – disse Lil, ao entrar na cozinha. – Estava assustada com os trovões, mas não resistiu por muito tempo. Pobrezinha, estava exausta.

Hugh levou o prato para a pia e o mergulhou na água morna.

– É claro, eu também estou cansado.

– Dá para ver. Deixe que eu lavo a louça.

– Não tem problema, amor. Pode ir, não vou demorar.

Mas Lil não saiu dali. Hugh sentiu sua presença atrás dele e sabia, pela experiência, que tinha mais alguma coisa a dizer. As palavras ainda não pronunciadas pesavam entre eles, e o pescoço enrijeceu. A onda das conversas

anteriores se formou, ficou suspensa por um momento, preparando-se para quebrar mais uma vez sobre eles.

A voz de Lil soou muito baixa:

– Você não precisa me tratar como se eu fosse de vidro, Hughie.

Ele suspirou.

– Eu sei.

– Eu vou ficar boa. Como das outras vezes.

– É claro que vai.

– A última coisa que quero é que você me trate como uma inválida.

– Não foi essa a intenção, Lil.

Ele se virou para encará-la. Viu que estava parada do outro lado da mesa, com as mãos pousadas no espaldar de uma cadeira. A pose, ele sabia, era para convencê-lo da sua estabilidade, para dizer que “nada mudou”, mas Hugh a conhecia bem demais. Sabia que ela estava sofrendo. Sabia também que não havia nada que pudesse fazer para reparar a situação. Como o Dr. Huntley gostava tanto de dizer, algumas coisas simplesmente não eram para ser. Só que isso não as tornava mais fáceis, nem para Lil, nem para ele.

Ela se aproximou, empurrando-o delicadamente com o quadril. Hugh podia sentir o cheiro doce e triste da sua pele leitosa.

– Anda, vai pra cama – disse ela. – Eu irei em seguida.

O tom cuidadosamente alegre fez o sangue dele gelar, mas obedeceu.

Não demorou muito, Lil cumpriu sua palavra e ele a observou lavar o rosto e vestir a camisola. Embora ela estivesse de costas, Hugh pôde ver o cuidado com que ela deslizou a camisola pelos seios, a barriga ainda inchada.

Lil ergueu o olhar e viu que ele a estava observando. A vulnerabilidade do seu rosto foi substituída por uma expressão defensiva.

– O que foi?

– Nada. – Ele estudou as próprias mãos, os calos e arranhões de corda causados por anos de trabalho no cais. – Eu só estava pensando na garotinha lá fora. Imaginando quem ela é. Ela não falou o nome, falou?

– Ela diz que não sabe. Não importa quanto eu pergunte, ela apenas olha para mim, com um ar sério, e diz que não se lembra.

– Você acha que ela está mentindo? Alguns passageiros clandestinos sabem enganar direitinho.

– Hughie – repreendeu Lil, zangada. – Ela não é uma passageira clandestina, é quase um bebê.

– Tudo bem, amor. Só estava perguntando. – Ele balançou a cabeça. – É difícil acreditar que ela tenha esquecido tudo desse jeito.

– Eu já ouvi falar disso, chamam de amnésia. O pai de Ruth Halfpenny teve depois que levou um tombo no poço. É o que causa esse problema, tombos e situações parecidas.

– Você acha que ela pode ter levado um tombo?

– Não vi nenhum machucado, mas é possível, não é?

– Bem – disse Hugh, enquanto um relâmpago iluminava o quarto –, vou cuidar disso amanhã. – Virou-se de barriga para cima na cama, encarando o teto. – Ela veio de algum lugar – comentou baixinho.

– Sim. – Lil apagou o lampião, deixando-os no escuro. – Alguém deve estar sentindo muita falta dela. – Então se virou, como fazia toda noite, dando as costas para Hugh e o deixando de fora da sua dor. A voz dela soou abafada pelas cobertas: – Mas eles não a merecem. Foram muito displicentes. Que tipo de gente consegue perder uma criança?



Lil observou pela janela dos fundos as duas meninas correndo de um lado para outro entre os varais de roupa, rindo quando os lençóis molhados roçavam seus rostos. Cantavam de novo outra das canções de Nell. Essa era a única coisa que não escapara da sua memória, as canções; ela sabia muitas.

Nell. Era assim que eles a chamavam agora, em homenagem à mãe de Lil, Eleanor. Bem, tinham que chamá-la de algum nome, não? Aquela coisinha tão engraçada ainda não conseguia se lembrar de nada. Sempre que Lil perguntava, ela arregalava os grandes olhos azuis e dizia que não se lembrava.

Depois das primeiras semanas, Lil parou de perguntar. Na verdade, preferia não saber. Não queria imaginar Nell com outro nome que não aquele que tinham lhe dado. Nell. Combinava tão bem com ela, ninguém podia dizer o contrário. Era quase como se tivesse nascido com ele.

Fizeram de tudo para descobrir quem ela era, de onde tinha vindo. Ninguém poderia exigir mais deles. Embora no início houvesse dito a si mesma que só estavam cuidando de Nell por um tempo, até que seus pais a buscassem, a cada dia Lil tinha mais certeza de que essas pessoas não existiam.

Os três entraram em uma rotina tranquila. Tomavam café da manhã juntos, depois Hughie ia trabalhar, e ela e Nell cuidavam da casa. Lil descobriu que gostava da companhia, gostava de mostrar as coisas para Nell, explicando como funcionavam e por quê. Nell adorava fazer perguntas: Por que o sol se escondia à noite? Por que as chamas não escapavam da lareira? Por que o rio não ficava entediado e corria para o outro lado? E Lil adorava responder, vendo a compreensão tomar conta do rostinho de Nell. Pela primeira vez na vida, se sentia útil, necessária, inteira.

As coisas também melhoraram para Hughie. A tensão que os últimos anos haviam causado entre eles começava a desaparecer. Tinham parado de se tratar com tanta delicadeza, escolhiam as palavras como dois estranhos obrigados a conviver na mesma casa. Começaram até a rir de novo, uma risada espontânea, como antes.

Quanto a Nell, adaptou-se muito bem à vida com Hughie e Lil. Em pouco tempo, as crianças da vizinhança descobriram que havia uma pessoa nova entre elas, e Nell adorou ter com quem brincar. A jovem Beth Reeves pulava a cerca todos os dias. Lil adorava ouvir as duas meninas correndo juntas. Esperara tanto tempo, desejara tanto ouvir vozes e risos de crianças no seu quintal.

E Nell era uma criança muito imaginativa. Lil frequentemente a ouvia descrever longas e complicadas brincadeiras de faz de conta. O quintal se transformava em uma floresta mágica, com arbustos e labirintos, e até mesmo um chalé na beira de um penhasco. Lil reconhecia os lugares que Nell descrevia do livro de contos de fadas que tinham encontrado na mala branca. Lil e Hughie se revezavam lendo histórias para a menina à noite. Lil, a princípio, as achara muito assustadoras, mas Hughie a havia convencido do contrário. Nell não parecia nem um pouco abalada.

De onde estava, olhando da janela da cozinha, Lil podia ver que era disso que elas estavam brincando. Beth ouvia, de olhos arregalados, enquanto Nell a conduzia por um labirinto imaginário, correndo com seu vestido branco, os raios de sol transformando em ouro suas longas tranças ruivas.

Nell ia sentir saudade de Beth quando se mudassem para Brisbane, mas com certeza faria novos amigos – as crianças sempre faziam. E a mudança era importante. Lil e Hughie não podiam continuar dizendo às pessoas que Nell era uma sobrinha do norte. Mais cedo ou mais tarde, os vizinhos iam começar a indagar por que ela não voltava para casa ou quanto tempo mais ficaria com eles.

Não, isso estava muito claro para Lil. Os três tinham que recomeçar a vida em um lugar onde ninguém os conhecesse. Uma cidade grande onde as pessoas não fizessem perguntas.

7

Brisbane, 2005

Era uma manhã de início de primavera e uma semana se passara desde a morte de Nell. Um vento brusco agitava os arbustos, fazendo as folhas estremecerem como crianças lançadas repentinamente sob os refletores, oscilando entre nervosismo e presunção.

A caneca de chá de Cassandra já tinha esfriado havia muito tempo. Ela a deixara na laje de cimento depois do último gole e esquecera. Um pelotão de formigas atarefadas, cujo caminho havia sido impedido, se viu obrigado a percorrer um trajeto alternativo, subindo pela caneca e passando por dentro da asa para o outro lado.

Mas Cassandra não reparou nisso. Sentada em uma cadeira bamba no quintal, ao lado da velha lavanderia, tinha a atenção voltada para a parede de trás da casa. Precisava de uma mão de tinta. Era difícil acreditar que já tinham se passado cinco anos. Era recomendado que uma casa de madeira fosse repintada a cada sete anos, mas Nell não seguira esse conselho. Durante todo o tempo em que Cassandra morara com a avó, a casa nunca fora reformada. Nell gostava de dizer que não estava disposta a gastar tanto dinheiro só para proporcionar aos vizinhos uma bela vista.

A parede de trás, no entanto, era outra questão, como dizia Nell: a única que elas passavam certo tempo olhando. Então, enquanto os lados e a frente descascavam sob o inclemente sol de Queensland, os fundos eram uma beleza. A cada cinco anos, examinavam as opções de tinta e gastavam uma boa dose de tempo e de energia debatendo os méritos de uma nova cor. No tempo em que Cassandra passou ali, a parede fora pintada de turquesa, lilás, vermelho, verde-

escuro. Uma vez, ela tinha até estampado uma espécie de mural, mesmo que não inteiramente aprovado...

Na época, Cassandra tinha 19 anos e a vida era doce. Estava no segundo ano na faculdade de artes, seu quarto havia sido transformado em estúdio, de modo que precisava saltar sua prancha de desenho para alcançar a cama toda noite. E sonhava em estudar história da arte em Melbourne.

Nell não ficara muito contente com esse plano.

– Você pode estudar história da arte na Universidade de Queensland – dizia sempre que o assunto vinha à tona. – Não é preciso ir para o sul.

– Não posso ficar morando aqui para sempre, Nell.

– Quem disse que seria para sempre? Só espere mais um pouco, até tomar pé das coisas.

Cassandra apontou para os pés.

– Já tomei.

Nell não sorriu.

– Melbourne é uma cidade cara para viver, e eu não tenho dinheiro para pagar seu aluguel lá.

– Eu não estou recolhendo copos no Paddo Tav para me divertir.

– Ora, com aquele salário você pode adiar a ida para Melbourne por mais uma década.

– Tem razão.

Nell empinou o queixo e ergueu uma sobrancelha, imaginando no que ia dar esta súbita rendição.

– Nunca vou conseguir economizar dinheiro suficiente. – Cassandra mordeu o lábio inferior, contendo um sorriso esperançoso. – Se ao menos houvesse alguém disposto a me fazer um empréstimo, uma pessoa amável que quisesse me ajudar a ir atrás dos meus sonhos...

Nell pegou a caixa de objetos de porcelana que ia levar para o centro de antiguidades.

– Não vou ficar aqui e deixar que você me coloque contra a parede, menina.

Cassandra percebeu uma brecha no que antes era uma sólida recusa.

– Vamos conversar sobre isso mais tarde?

Nell revirou os olhos.

– Desconfio que sim. E de novo, e de novo. – Suspirou, indicando que o assunto estava, pelo menos por ora, encerrado. – Você tem tudo que precisa para pintar a parede de trás?

– Tenho.

– Não se esqueça de usar o pincel novo nas tábuas, ok? Não quero passar os próximos cinco anos olhando para cerdas soltas.

– Pode deixar, Nell. E, só para esclarecer, eu mergulho o pincel na tinta antes de passar na madeira, certo?

– Abusada.

Quando Nell voltou do centro de antiguidades naquela tarde, caminhou ao redor da casa e parou, apreciando a parede com sua nova pintura.

Cassandra deu um passo para trás e comprimiu os lábios para não rir. Esperou.

O vermelho era berrante, mas era para o detalhe preto acrescentado no canto que sua avó estava olhando. A semelhança era incrível: Nell sentada na sua cadeira favorita, segurando uma xícara de chá fumegante.

– Parece que a coloquei contra a parede, Nell. Não tive essa intenção, apenas me deixei levar por um excesso de entusiasmo.

A expressão de Nell era enigmática.

– Vou pintar a mim mesma em seguida, sentada bem ao seu lado. Assim, mesmo quando eu estiver em Melbourne, você vai lembrar que ainda formamos uma excelente dupla.

Os lábios de Nell tremeram um pouco. Ela balançou a cabeça e largou a caixa que trouxera do centro. Suspirou.

– Você é uma garota atrevida, quanto a isso não há dúvida. – E então sorriu sem querer e segurou o rosto de Cassandra em suas mãos. – Mas você é a minha garota atrevida e eu não gostaria que você fosse diferente...

Um barulho, e então o passado desapareceu, disperso nas sombras como fumaça, ofuscado pelo presente, mais brilhante, mais barulhento. Cassandra piscou e enxugou os olhos. Lá no alto, um avião passou, um pontinho branco em um céu azul-claro. Impossível imaginar que havia pessoas lá dentro, conversando, rindo e comendo. Algumas olhando para baixo enquanto ela olhava para cima.

Outro barulho, mais perto. Passos.

– Olá, jovem Cassandra.

Uma figura familiar apareceu na lateral da casa, ficou ali por um momento recuperando o fôlego. Ben um dia fora alto, mas o tempo tinha o hábito de moldar as pessoas de um jeito que nem elas mesmas reconheciam, e o corpo dele agora era o de um anão de jardim. Seu cabelo era branco, sua barba, espetada, e suas orelhas, inexplicavelmente vermelhas.

Cassandra sorriu, genuinamente feliz em vê-lo. Nell não era de muitos amigos e nunca disfarçara seu despreço pela maioria dos seres humanos, que tinham uma compulsão neurótica em obter aliados. Mas ela e Ben eram amigos. Ele também tinha uma loja no centro de antiguidades. Era um advogado que transformara seu hobby em trabalho depois de a esposa morrer, quando sua firma sugerira delicadamente que estava na hora de se aposentar e sua mania de comprar móveis de segunda mão já ameaçava expulsá-lo de casa por falta de espaço.

Quando Cassandra era pequena, ele representava uma figura paterna, dando conselhos que ela apreciava na mesma medida em que desprezava. Mas, desde que voltara a morar com Nell, ele havia se tornado seu amigo também.

Ben puxou uma cadeira desbotada, que estava ao lado do tanque de concreto da lavanderia, e sentou-se cuidadosamente. Seus joelhos tinham sido afetados quando jovem, durante a Segunda Guerra, causando-lhe muito sofrimento, especialmente quando o tempo mudava.

Ele piscou para ela por cima dos óculos redondos.

– Você teve uma boa ideia. Bonito este lugar, agradável e protegido.

– Era o lugar preferido de Nell.

Sua voz soou estranha aos próprios ouvidos e Cassandra tentou lembrar quando tinha sido a última vez que falara com alguém. Fora no jantar na casa de Phyllis, uma semana antes.

– Só podia ser. Ela sempre soube onde sentar.

Cassandra sorriu.

– Quer uma xícara de chá?

– Adoraria.

Ela entrou na cozinha pela porta dos fundos e pôs a chaleira no fogo. A água ainda estava quente do chá que preparara mais cedo.

– Então, como você tem passado?

Cassandra deu de ombros.

– Estou bem.

Ela foi se sentar no degrau de concreto ao lado da cadeira dele.

Ben apertou os lábios e sorriu de leve, fazendo com que seu bigode se misturasse com a barba.

– Sua mãe entrou em contato?

– Ela mandou um cartão.

– E então...

– Disse que queria ter vindo, mas ela e Len estavam ocupados. Caleb e Marie...

– É claro. Adolescentes dão trabalho.

– Eles não são mais adolescentes. Marie acabou de fazer 21 anos.

Ben deu um assobio.

– O tempo voa.

A chaleira começou a apitar.

Cassandra entrou e mergulhou o saquinho de chá, observando a água tingir-se de marrom. Uma ironia que Lesley tivesse se tornado uma mãe tão dedicada da segunda vez. Muita coisa na vida dependia de *timing*.

Acrescentou um pouco de leite, pensando se ainda estaria bom, tentando lembrar quando o teria comprado. Antes de Nell morrer, sem dúvida. O rótulo tinha o carimbo de 14 de setembro. O prazo de validade teria terminado? Não tinha certeza. Não cheirava a azedo. Pegou a caneca e a entregou a Ben.

– Desculpe... O leite...

Ele tomou um gole.

– O melhor chá que tomei hoje.

Ben fitou-a de relance enquanto ela se sentava e parecia que ia dizer algo, mas se arrependeu. Ele pigarreou.

– Cass, vim aqui numa missão oficial, além de social.

Que a morte fosse acompanhada de questões oficiais não era surpresa, mas ela ficou tonta, fora pega desprevenida.

– Nell me pediu para fazer o testamento dela. Você sabe como ela era, não gostava da ideia de revelar seus assuntos pessoais para um desconhecido.

Cassandra assentiu. Era típico da avó.

Ben tirou um envelope do bolso interno do paletó. O tempo tinha arredondado suas extremidades e transformado o branco em creme.

– Foi escrito algum tempo atrás – disse, examinando o envelope. – Em 1981, para ser exato.

Fez uma pausa, como se estivesse esperando que Cassandra dissesse alguma coisa. Como ela não disse, continuou:

– É bem direto.

Tirando o que havia dentro do envelope, sem olhar para os papéis, inclinou-se para a frente, até pousar os braços sobre os joelhos. O testamento de Nell pendia de sua mão direita.

– Sua avó deixou tudo para você, Cass.

Cassandra não ficou surpresa. Comovida, talvez, e, de repente, perversamente solitária, mas não surpresa. Para quem mais ela deixaria? Não para Lesley, certamente. Embora Cassandra tivesse parado de culpar a mãe havia muito tempo, Nell nunca fora capaz de perdoá-la. Abandonar uma filha, dissera uma vez para alguém, achando que Cassandra não estava ouvindo, era uma atitude tão fria, tão negligente, que não merecia perdão.

– Tem a casa, é claro, e algum dinheiro na poupança dela. Todas as suas antiguidades. – Hesitou, olhando para Cassandra, como se a estivesse preparando para o que estava por vir. – E tem mais uma coisa. – Ele olhou para os papéis. – No ano passado, depois que recebeu o diagnóstico, sua avó me chamou para vir tomar chá um dia de manhã.

Cassandra se lembrava. Nell lhe dissera, quando ela levou o café, que Ben ia visitá-la e que precisava vê-lo a sós. Pedira a Cassandra que catalogasse uns livros, no centro de antiguidades, embora Nell já não tivesse nenhum papel ativo na loja fazia muitos anos.

– Ela me entregou uma coisa naquele dia – contou ele. – Um envelope lacrado. Disse para eu guardar junto com o testamento e só abrir se... quando... – Ele comprimiu os lábios. – Bem, você sabe.

Cassandra estremeceu, como se um vento frio tivesse passado pelos seus braços.

Ben balançou a mão. Os papéis se agitaram, mas ele não falou nada.

– O que foi? – perguntou, sentindo um aperto de ansiedade no estômago. – Pode me dizer, Ben. Estou preparada.

Ben ergueu os olhos, surpreso com aquele tom de voz. Ela se espantou ao vê-lo rir.

– Não precisa ficar tão preocupada, Cass, não é nada ruim. Pelo contrário. – Refletiu por um momento. – É mais um mistério do que uma calamidade.

Cassandra suspirou. A palavra “mistério” não diminuía a ansiedade que estava sentindo.

– Fiz o que ela pediu. Guardei o envelope e só o abri ontem. Fiquei estarecido com o que vi – contou, sorrindo. – Lá dentro havia a escritura de outra casa.

– Casa de quem?

– De Nell.

– Nell não tem outra casa.

– Parece que tem, ou tinha. E agora é sua.

Cassandra não gostava de surpresas, de coisas inesperadas, imprevistas. Antes, sabia aceitar o imprevisível, mas agora a simples ideia lhe causava medo, despertava em seu corpo reações estranhas. Pegou uma folha caída ao seu pé, dobrou-a ao meio e tornou a dobrá-la ao meio enquanto refletia.

Nell não havia mencionado outra casa durante todo o tempo em que moraram juntas, em sua infância, juventude, nem depois que ela voltou para lá. Por que não? Por que manteria em segredo uma coisa dessas? E o que desejava com isso? Um investimento? Cassandra tinha ouvido pessoas nas cafeterias de Latrobe Terrace conversando sobre a alta dos valores imobiliários, sobre carteiras de investimento, mas Nell? Sua avó sempre debochava dos *yuppies* que pagavam pequenas fortunas por chalés minúsculos em Paddington.

Além disso, Nell se aposentara muitos anos antes. Se a tal casa era um investimento, por que não a vendera? Por que não usar o dinheiro para se sustentar? O comércio de antiguidades tinha suas recompensas, mas a financeira não era a principal. Nell e Cassandra ganhavam o suficiente para viver, só isso. Um investimento teria sido de grande ajuda, só que Nell nunca dissera uma palavra sobre isso.

– Esta casa... – disse Cassandra, finalmente. – Onde fica? É aqui perto?

Ben balançou a cabeça e sorriu.

– É aí que está *todo* o mistério. A outra casa fica na Inglaterra.

– Inglaterra?

– No Reino Unido, na Europa, do outro lado do mundo.
– Eu sei onde fica a Inglaterra.
– Na Cornualha, para ser mais preciso, em uma aldeia chamada Tregenna. Só tenho a escritura para me basear, mas é chamada de “O Chalé do Penhasco”. Pelo endereço, acho que, originalmente, fazia parte de uma grande propriedade. Posso tentar descobrir se você quiser.

– Por que ela...? Como ela pôde...? Quando foi que ela a adquiriu?

– A escritura data de 6 de dezembro de 1975.

Ela cruzou os braços.

– Nell nunca esteve na Inglaterra.

Foi a vez de Ben fazer um ar surpreso.

– Esteve, sim. Viajou para o Reino Unido na década de 1970. Ela nunca mencionou isso?

Cassandra balançou lentamente a cabeça.

– Eu lembro quando ela partiu. Não a conhecia havia muito tempo, foi poucos meses antes de você aparecer, quando ela tinha aquela lojinha perto da Stafford Street. Eu havia comprado algumas peças dela e éramos conhecidos, embora ainda não fôssemos amigos. Ela ficou fora durante um mês. Lembro porque eu tinha reservado uma escrivaninha de cedro pouco antes da viagem, um presente de aniversário para minha esposa; na verdade, era para ter sido, mas acabou não sendo. Sempre que eu ia buscar a escrivaninha, a loja estava fechada. Nem preciso dizer que fiquei uma fera. Janice completara 50 anos e a escrivaninha era perfeita. Quando fiz o pagamento do sinal, Nell não avisou que ia sair de férias. Na verdade, ela até fez questão de informar os termos da reserva, deixou claro que esperava pagamentos semanais e que eu deveria retirar a escrivaninha no prazo de um mês. Avisou que a loja não era um depósito, que havia mais itens chegando e que precisava do espaço.

Cassandra sorriu; aquilo era típico de Nell.

– Ela insistiu muito nisso, por isso achei tão estranha a ausência dela. Depois de superar a irritação inicial, fiquei muito preocupado. Pensei até em chamar a polícia. – Ele fez um gesto com a mão. – Mas não foi necessário. Na minha quarta ou quinta visita, encontrei a vizinha que estava recolhendo a correspondência de Nell. Ela me contou que sua avó estava na Inglaterra, mas ficou indignada quando eu comecei a fazer perguntas: queria saber por que ela

tinha partido tão subitamente e quando voltaria. A vizinha disse que só estava fazendo o que Nell havia pedido e que sabia tanto quanto eu. Então continuei indo lá, mesmo depois do aniversário da minha mulher e, um dia, a loja estava aberta de novo: Nell tinha voltado.

– E ela comprou a casa durante a viagem.

– Evidentemente.

Cassandra apertou mais o casaco ao redor dos ombros. Aquilo não fazia sentido. Por que Nell saíra de férias assim, repentinamente, comprara uma casa e nunca voltara lá?

– Ela comentou sobre isso com você? – quis saber Cassandra.

Ben ergueu as sobrancelhas.

– Estamos falando de Nell. Ela nunca foi de fazer confidências.

– Mas vocês eram muito amigos. Com certeza, em algum momento, ela deve ter se referido a isso, não?

Ben balançou a cabeça. Cassandra insistiu:

– E quando ela voltou? Quando você conseguiu finalmente levar a escrivania. Não perguntou por que ela tinha ido embora tão subitamente?

– É claro que sim, perguntei várias vezes ao longo dos anos. Sabia que devia ter sido algo importante. Ela estava diferente quando voltou.

– Diferente como?

– Mais distraída, mais misteriosa. Tenho certeza de que não estou afirmando isso apenas com impressões de agora. Dois meses depois, estive prestes a descobrir. Eu a estava visitando na loja quando ela recebeu uma carta com o carimbo de Truro. Cheguei junto com o carteiro, então levei a correspondência para dentro. Ela tentou agir naturalmente, mas eu já a conhecia melhor àquela altura; ficou ansiosa ao receber a carta. Arranjou uma desculpa para me despachar logo.

– Que carta era essa? Quem tinha mandado?

– Devo admitir que fiquei bastante curioso. Não cheguei a ver o que tinha dentro, mas, quando vi o envelope sobre a mesa, virei-o só para ver quem era o remetente. Decorei o endereço e pedi a um antigo colega na Inglaterra para pesquisar. O endereço era de um investigador.

– Você quer dizer um detetive?

Ele assentiu.

– Eles existem mesmo?

– Claro.

– Por que Nell teria contratado um detetive inglês?

Ben deu de ombros.

– Não sei. Acho que ela estava tentando solucionar algum mistério. Fiz algumas insinuações, tentei arrancar alguma coisa dela, mas não consegui. Então desisti, achei que todo mundo tinha o direito de manter seus segredos e que Nell me contaria se quisesse. Para dizer a verdade, ainda me sentia um pouco culpado por ter sido intrometido. – Ele balançou a cabeça. – Tenho que admitir que adoraria descobrir. Aquilo ficou martelando na minha cabeça por um bom tempo, e isto aqui – ele mostrou a escritura – só serve para reforçar. Mesmo agora, sua avó ainda tem o poder de me confundir.

Cassandra assentiu, distraída. Sua mente estava em outro lugar, tentando estabelecer ligações. Tudo isso por conta da conversa de Ben sobre mistérios, da sugestão de que Nell poderia estar tentando solucionar algum. Todos os segredos que surgiram depois da morte de sua avó começavam a se misturar: a origem desconhecida de Nell, sua chegada a um porto, a mala, a viagem misteriosa à Inglaterra, essa casa secreta...

– Bom... – Ben despejou o resto do seu chá em um vaso de gerânios vermelhos. – Tenho que ir. Estou esperando um homem interessado em um aparador de mogno que vai chegar em quinze minutos. Esta venda está dando trabalho; não vejo a hora de concluí-la. Quer alguma coisa do centro?

Cassandra fez que não.

– Vou à cidade na segunda-feira.

– Não se apresse, Cass. Como já falei outro dia, posso cuidar do espaço pelo tempo que você precisar. Esta tarde trago o dinheiro que tiver entrado.

– Obrigada, Ben – disse ela. – Por tudo.

Ele se levantou, empurrou a cadeira de volta para o canto, deixou a escritura debaixo da xícara de chá. Já estava na lateral da casa quando hesitou e se virou.

– Cuide-se, está bem? Se o vento piorar, vai carregar você.

Um vinco de preocupação desenhou-se na sua testa e Cassandra mal pôde encará-lo. Aquele olhar refletia todos os seus pensamentos, e ela não suportava vê-lo lembrar-se de como ela era antes.

– Cass?

– Sim, não se preocupe.

Ela acenou para ele, ouvindo o motor do carro descendo a rua. A preocupação de Ben, ainda que bem-intencionada, parecia carregar sempre uma acusação. Uma decepção, ainda que leve, por ela não ter querido ou não ter sido capaz de voltar a ser como antes. Não lhe ocorreu que ela talvez tivesse escolhido continuar assim. Que, onde ele via reserva e solidão, Cassandra via autopreservação e a certeza de que era mais seguro ter pouco a perder.

Esfregou a ponta do tênis no cimento e afastou os pensamentos tristes. Depois pegou a escritura. Notou, pela primeira vez, a anotação grampeada na frente do papel. Era a letra de Nell, quase impossível de ler. Aproximou o papel, depois tornou a afastá-lo, decifrando as palavras. Estava escrito: *Para Cassandra, que irá entender por quê.*

8

Brisbane, 1975

Nell tornou a checar os documentos – passaporte, passagem, cheques de viagem –, depois fechou o zíper da bolsa e se repreendeu. De fato, aquilo estava se tornando compulsivo. As pessoas viajavam de avião todos os dias, pelo que ela sabia. Amarravam-se em assentos dentro de tubos gigantesco de metal e consentiam em ser lançadas para o céu. Respirou fundo. Tudo ia dar certo. Ela era uma sobrevivente, não era?

Ela percorreu o lugar, checando as trancas das janelas. Examinou a cozinha, certificou-se de que não tinha deixado nenhum bico de gás escapando, nem gelo derretendo no freezer, nem aparelhos ligados. Finalmente carregou as duas malas para fora pela porta dos fundos e a trancou. Sabia por que estava nervosa, é claro, e não era apenas o medo de ter esquecido alguma coisa, nem mesmo o medo de que o avião fosse cair. Estava nervosa porque ia para casa. Depois de todo esse tempo, de uma vida inteira, estava finalmente indo para casa.

Tudo acontecera tão de repente. Seu pai, Hugh, morrera havia apenas dois meses e lá estava ela abrindo a porta do passado. Ele devia saber que ela faria isso. Quando mostrou a mala a Phyllis e pediu que a entregasse a Nell quando morresse, ele devia ter adivinhado.

Enquanto esperava pelo táxi na rua, Nell olhou para sua casa amarelo-clara. Tão alta vista daquele ângulo, diferente de todas as casas que já vira, com sua escadinha engraçada, fechada havia tantos anos, seu toldo listrado de rosa, azul e branco, e as duas janelas dos quartos no alto. Estreita demais, parecia muito um caixote para ser considerada elegante. E, no entanto, ela a amava. Amava seu ar desajeitado, remendado, sua origem incerta. Vítima do tempo e de uma sucessão de donos, cada um querendo deixar sua marca na fachada.

Comprara a casa em 1961, depois que Al morrera e que ela e Lesley voltaram dos Estados Unidos. Estava em mau estado, mas sua posição nas encostas de Paddington, atrás do velho teatro Plaza, parecera a Nell o mais próximo de um lar. E a casa havia recompensado sua fé, até lhe dera uma nova fonte de renda. No quarto de despejo no subsolo, cheio de móveis quebrados, tinha visto uma mesa que lhe agradara – pernas em espiral e tampo dobrável. Estava em péssimo estado, mas Nell não pensou duas vezes: comprou lixa e goma-laca e a restaurou.

Fora Hugh quem lhe ensinara a restaurar móveis. Quando ele voltara da guerra e as irmãs começaram a nascer, Nell passou a ficar atrás dele nos fins de semana. Tornou-se sua ajudante, aprendeu a distinguir entalhe de rabo de andorinha de entalhe dentado, goma-laca de verniz. Mas já fazia muito tempo que não lidava com isso e achava que tinha esquecido até ver aquela mesa – ela sabia realizar esse trabalho, esquecera de que gostava tanto disso. Teve vontade de chorar enquanto esfregava goma-laca nas pernas espiraladas da mesa, sentindo aquele cheiro familiar, mas Nell não era do tipo que chorava.

Uma gardênia murcha perto das malas chamou a atenção de Nell, e ela lembrou que não tinha chamado ninguém para regar o jardim durante sua ausência. A moça que morava atrás de sua casa concordara em deixar leite do lado de fora para os gatos, enquanto outra mulher recolheria sua correspondência na loja, mas Nell havia se esquecido das plantas. Devia estar mesmo muito distraída para deixar de lado suas adoradas flores. Teria que pedir a uma das irmãs, teria que telefonar do aeroporto ou até mesmo do outro lado do mundo. Elas iam ter uma surpresa e tanto, o tipo de surpresa que passaram a esperar da irmã mais velha.

Era difícil acreditar que um dia haviam sido tão unidas. Das muitas coisas que a confissão do seu pai lhe roubara, perdê-las se tornara a ferida mais profunda. Já contava 11 anos quando a primeira irmã nasceu, mas o elo instantâneo que se formara a deixara sem fôlego. Soube, antes mesmo de a mãe lhe dizer, que tinha a responsabilidade de cuidar daquelas irmãs, de zelar por elas. Sua recompensa era a devoção delas: ao insistirem para que Nell as embalasse quando se machucavam, ao subirem na cama da irmã mais velha, seus corpinhos juntos ao dela, quando tinham um pesadelo.

Só que o segredo de seu pai havia mudado tudo. As palavras dele jogaram para o alto o livro de sua vida, e as páginas tinham se misturado no ar, nunca mais se costurando de novo para contar a mesma história. Percebeu que não conseguia olhar para as irmãs sem se ver como uma estranha e, no entanto, não conseguiu lhes contar a verdade. Se contasse, iria destruir algo em que elas acreditavam. Nell achou melhor que a considerassem estranha do que saberem que ela era de fato uma estranha.

Um táxi entrou na rua e ela acenou. O motorista guardou suas malas e Nell se sentou no banco traseiro.

– Para onde, querida? – perguntou ele, fechando a porta.

– Para o aeroporto.

Ele assentiu e o táxi partiu, percorrendo o labirinto de ruas de Paddington.

Seu pai tinha lhe contado tudo aquilo no seu aniversário de 21 anos. A confissão sussurrada roubou sua identidade.

– Mas quem sou eu? – questionara.

– Você é você. A mesma de sempre. Você é Nell, a minha Nellie.

Percebeu quanto ele desejava que fosse assim, mas sabia que seria impossível. O rumo de sua vida fora desviado, deixando-a descompassada em relação aos outros. Esta pessoa que ela era, ou achava que era, não existia de verdade. Não havia nenhuma Nell O'Connor.

– Quem sou eu de verdade? – tornara a perguntar, dias depois. – Por favor, me diga, papai.

Ele balançou a cabeça.

– Não sei, Nell. Sua mãe e eu nunca soubemos. E isso nunca fez diferença para nós.

Ela tentara não se importar também, mas aquilo fazia diferença. As coisas tinham mudado e Nell não conseguia mais encarar o pai. Não que o amasse menos, mas a naturalidade havia desaparecido. A afeição que sentia por ele, invisível, inquestionável no passado, ganhara um peso, uma voz. Quando olhava para ele, uma voz sussurrava: “Você não é filha dele de verdade.” Não podia acreditar, por mais que ele insistisse, que o pai a amava como dizia, que a amava tanto quanto a suas irmãs.

– É claro que sim – respondera. Seus olhos revelaram sua surpresa, sua dor. Ele tirou o lenço e enxugou a boca. – Eu conheci você primeiro, Nellie, amo

você há mais tempo.

Não foi o bastante. Ela era uma mentira, tinha vivido uma mentira e se recusava a continuar fazendo isso.

Ao longo de poucos meses, a vida que ela construía durante 21 anos foi sendo sistematicamente demolida. Largou o emprego na loja de revistas do Sr. Fitzsimmons e arranhou outro, de lanterninha, no teatro Plaza. Arrumou sua roupa em duas malas e combinou de dividir um apartamento com a amiga de uma amiga. Rompeu também seu noivado com Danny. Não imediatamente; não teve coragem de acabar tudo de repente. Deixou que a relação se deteriorasse por meses, recusando-se a vê-lo a maior parte do tempo, comportando-se de forma desagradável quando por fim se encontravam. Sua covardia a fez odiar-se ainda mais, um ódio que confirmava a suspeita de que merecia tudo aquilo que estava acontecendo.

Ela demorou muito a se recuperar do rompimento com Danny. Aquele rosto bonito, de olhos francos e sorriso aberto. Ele insistiu para saber por quê, é claro, mas ela não conseguiu revelar. Não havia palavras para contar que a mulher que ele amava, com a qual esperava se casar, não existia mais. Como podia esperar que ele lhe desse valor, que ainda a desejasse, depois de saber que ela era uma pessoa descartável? Que sua própria família a havia abandonado?

O táxi entrou em Albion e prosseguiu velozmente na direção do aeroporto.

– Para onde a senhora vai? – perguntou o motorista, olhando-a pelo retrovisor.

– Para Londres.

– Tem família lá?

Nell olhou para fora, pela janela suja do carro.

– Sim.

Esperava que sim.

Também não contara a Lesley sobre a viagem. Ela havia pensado a respeito, tinha se imaginado pegando o telefone e discando o número da filha – o mais recente em uma fileira que se estendia pelo seu caderninho e subia pela margem –, mas acabara desistindo. Era muito provável que já estivesse de volta antes que Lesley percebesse que tinha viajado.

Nell não precisava perguntar à filha como tinham começado os problemas entre elas, sabia muito bem. Começaram mal e nunca acertaram o passo. O

nascimento de Lesley fora um choque, a chegada violenta daquele ser que gritava e se contorcia, feito de pernas, braços, gengivas e dedos nervosos.

Noite após noite, Nell ficara acordada no hospital americano, esperando sentir aquele elo de que todo mundo falava. Sentir que estava ligada de forma completa e absoluta àquele ser que crescera dentro dela. Só que isso nunca aconteceu. Por mais que tivesse tentado, por mais que tivesse desejado, Nell permaneceu isolada do gatinho selvagem que sugava, machucava e arranhava seus seios, sempre querendo mais do que ela podia dar.

Al, por outro lado, ficara encantado. Fascinado. Não parecia notar que o bebê era um terror. Ao contrário da maioria dos homens da geração dele, adorava carregar a filha, embalá-la nos braços e passear com ela pelas ruas de Chicago. Às vezes Nell ficava olhando com um sorriso afável, um encantamento imenso ao contemplar a filha. Quando ele erguia os olhos enevoados, Nell via seu próprio vazio refletido neles.

Lesley tinha nascido com uma disposição feroz, e foi a morte de Al, em 1961, que a fez aflorar. Até mesmo quando Nell lhe deu a notícia, viu o antagonismo nos olhos da filha. Nos meses seguintes, Lesley, que sempre fora um mistério para Nell, se recolheu ainda mais ao seu casulo de adolescente, com a certeza de que desprezava a mãe e não queria mais saber dela.

Compreensível, é claro, mesmo que inaceitável. Tinha 14 anos, uma idade em que se é muito impressionável, e o pai era tudo para ela. A mudança de volta para a Austrália não ajudara, refletia Nell. Mas não era tola a ponto de permitir que o passado a fizesse se sentir culpada. Decidira o que parecia ser melhor na época: ela não era americana, a mãe de Al tinha morrido alguns anos antes, e, para todos os efeitos, estavam sozinhas. Estrangeiras em uma terra estrangeira.

Quando Lesley saiu de casa aos 17 anos para viajar de carona pela Austrália até Sydney, Nell se sentira feliz. Com Lesley fora de casa, imaginou que finalmente se livraria da sombra que a tinha acompanhado por todo aquele tempo, murmurando em seu ouvido que era uma mãe horrível, que é claro que a filha não podia tolerá-la, que aquilo estava no sangue, que não merecia ter filhos. Por mais que Lil tivesse sido carinhosa, Nell descendia de uma linhagem de mães más, que abandonavam os filhos com facilidade.

E não dera tão errado assim. Doze anos depois, Lesley estava mais perto de casa, morando na Costa Dourada com o namorado mais recente e a própria filha,

Cassandra. Ela só tinha visto a menina umas duas vezes. Só Deus sabia quem era o pai; Nell não perguntara. Quem quer que fosse devia ter alguma sensatez, porque sua neta não demonstrava a impetuosidade da mãe. Pelo contrário, Cassandra era uma criança cuja alma parecia ter envelhecido antes do tempo. Calada, paciente, pensativa, leal a Lesley – uma bela criança. Havia uma seriedade nela, naqueles olhos azuis e melancólicos meio caídos; e uma boca bonita, que seria maravilhosa se um dia ela sorrisse com alegria genuína.

O táxi parou em frente à porta da companhia aérea Qantas, e, ao pagar ao motorista, Nell se esqueceu completamente de Lesley e Cassandra.

Já tinha passado grande parte da vida sob o peso do remorso, afogada em mentiras e incertezas. Agora estava na hora das respostas, de descobrir mais sobre si mesma. Saltou e olhou para cima quando um avião passou voando baixo, roncando.

– Faça uma boa viagem, querida – disse o taxista, colocando as malas de Nell em um carrinho.

– Farei.

E ela ia mesmo; finalmente ia encontrar respostas. Depois de passar a vida sendo uma sombra, ia se tornar uma pessoa de carne e osso.



A chave do mistério fora a maleta branca, ou melhor, seu conteúdo. O livro de contos de fadas, publicado em Londres em 1913, o retrato na folha de rosto. Nell reconheceu imediatamente o rosto da contadora de histórias. Algo nos recônditos de sua mente forneceu os nomes antes que seu consciente fosse acionado, nomes que ela achava que pertenciam apenas a uma brincadeira de criança. A dama. A Autora. Não só sabia agora que a dama era real, como também o nome dela: Eliza Makepeace.

Seu primeiro pensamento, naturalmente, foi que esta Eliza Makepeace era sua mãe. Enquanto pesquisava na biblioteca, aguardou cerrando os punhos, torcendo para a bibliotecária descobrir que Eliza Makepeace tinha perdido uma criança e passara a vida procurando a filha desaparecida. Mas esta era, evidentemente, uma explicação simples demais. A bibliotecária encontrara muito

pouco a respeito de Eliza, mas o suficiente para saber que a escritora com aquele nome não tivera filhos.

As listas de passageiros não foram muito mais esclarecedoras. Nell verificou cada navio que partira de Londres para Maryborough no final de 1913, mas o nome “Eliza Makepeace” não aparecia em nenhum deles. Havia a chance de Eliza ter escrito o livro usando um pseudônimo, é claro, e a passagem estar em seu verdadeiro nome ou até mesmo em um outro fictício. Mas Hugh não tinha dito a Nell em que navio ela chegara, e, sem saber disso, não havia como diminuir o rol de possibilidades.

Entretanto, Nell não desanimou. Eliza Makepeace era importante, tinha desempenhado algum papel no seu passado. Ela *se lembrava* de Eliza. Não claramente, eram lembranças antigas – e, havia muito, reprimidas –, mas reais. Recordava-se de estar em um navio. Esperando. Escondendo-se. Brincando. E começava a rememorar outras coisas também. Era como se o fato de se lembrar da Autora tivesse aberto uma espécie de tampa. Cenas esparsas começaram a surgir: um labirinto, uma velha que a assustava, uma longa viagem pelo mar. Por meio de Eliza, sabia que encontraria a si mesma. E, para encontrar Eliza, precisava ir a Londres.

Graças a Deus tinha dinheiro para a viagem. Graças a seu pai, na verdade, porque ele tivera mais a ver com isso do que Deus. Dentro da maleta branca, ao lado do livro de contos de fadas, a escova de cabelo, o vestidinho, Nell tinha achado uma carta de Hugh presa a um retrato e a um cheque. Não era uma fortuna – ele não fora um homem rico –, mas o suficiente. Na carta, dizia que desejava que ela tivesse algo mais, e não queria que as outras meninas ficassem sabendo. Ele as ajudara financeiramente enquanto estava vivo, mas Nell sempre se recusara a receber dinheiro do pai. Desse modo, achava que ela não poderia dizer não.

Depois ele havia se desculpado, escrevendo que esperava que algum dia ela pudesse perdoá-lo, apesar de nunca ter conseguido perdoar a si mesmo. Talvez ela fosse gostar de saber que ele nunca se livrara da culpa, que fora esmagado por ela. Passara a vida desejando nunca ter contado nada e, se houvesse sido um homem mais corajoso, teria desejado não ter ficado com ela. Mas isso significaria desejar que Nell não tivesse feito parte de sua vida, e preferia ficar com a culpa a abrir mão da filha.

O retrato, ela já havia visto, mas não o via fazia muito tempo. Era preto e branco – mais precisamente, marrom e branco – e fora tirado décadas antes. Hugh, Lil e Nell, antes de as irmãs nascerem e aumentarem a família com seus gritos e suas gargalhadas. Era um desses retratos feitos em estúdio, onde as pessoas parecem um tanto espantadas, como se houvessem sido retiradas da vida real, transformadas em miniatura, depois colocadas dentro de uma casa de bonecas cheia de objetos estranhos. Olhando para ela, Nell teve a sensação de se recordar do momento em que foi tirada. Não se recordava muito da infância, mas se lembrava de ter detestado aquele estúdio, o cheiro dos produtos químicos usados para a revelação. Largou o retrato e apanhou de novo a carta do pai.

Não importava quantas vezes a lesse, sempre se espantava com a escolha de palavras: culpa. Pensava que ele queria dizer que se sentia culpado por ter desestabilizado a vida dela com sua confissão; entretanto, a palavra não se encaixava bem. Arrependido, talvez, com remorso, mas culpado? Parecia uma escolha estranha. Por mais que Nell desejasse que aquilo não tivesse acontecido, por mais que achasse impossível continuar com uma vida que sabia ser falsa, nunca pusera a culpa nos pais. Afinal de contas, eles tinham feito o que acharam melhor, o que *era* melhor. Deram-lhe o lar e o amor que ela não tinha. O fato de seu pai ter se sentido culpado, imaginando que *ela* o julgava assim, era inquietante. No entanto, agora era tarde demais para lhe perguntar o que ele queria dizer com aquilo.

Maryborough, 1914

Nell estava com Hugh e Lil havia seis meses quando a carta chegou ao escritório do porto. Um homem em Londres estava procurando uma garotinha de 4 anos. Cabelo: ruivo. Olhos: azuis. Ela desaparecera havia quase oito meses e o sujeito – Henry Mansell, dizia a carta – tinha razões para acreditar que ela havia sido embarcada em um navio, possivelmente em um que ia para a Austrália. Procurava-a em nome de seus clientes, a família da criança.

Parado ao lado de sua mesa, Hugh sentiu os joelhos bambos, os músculos finalmente. O momento que temia – que sabia que um dia chegaria – finalmente chegara. Ao contrário do que Lil achava, crianças, especialmente crianças como Nell, não desapareciam sem que alguém as procurasse. Ele se sentou na cadeira, tentando controlar a respiração, e olhou rapidamente pela janela. Sentiu-se, de repente, em uma vitrine, vigiado por um inimigo invisível.

Passou a mão pelo rosto e pousou-a no pescoço. O que ia fazer? Era uma questão de tempo até que os outros funcionários chegassem ao escritório e encontrassem a carta. E, embora ele tivesse sido o único a ver Nell esperando, sozinha, no cais, isso não os deixaria seguros por muito tempo. A notícia chegaria à cidade – sempre chegava – e alguém somaria dois e dois. Alguém perceberia que a menina hospedada com os O’Connors em Queen Street, a que falava com um sotaque engraçado, tinha tudo para ser a inglesinha desaparecida.

Não, não podia arriscar que alguém lesse a carta. Com a mão tremendo, Hugh dobrou o papel ao meio, depois tornou a dobrá-lo e o guardou no bolso interno do paletó. Por ora, isso bastaria.

Sentou-se. Pronto, já estava se sentindo melhor. Só precisava de tempo para refletir, para pensar em uma maneira de convencer Lil de que era hora de

devolver Nell. Os planos de mudança para Brisbane já estavam bem encaminhados. Lil prometera ao proprietário que deixariam a casa, havia começado a empacotar as coisas, a espalhar pela cidade que existiam oportunidades de trabalho para Hugh em Brisbane que não poderiam perder.

Mas planos podiam ser cancelados, teriam que ser cancelados. Porque agora eles sabiam que alguém procurava por Nell. E isso mudava tudo, certo?

Sabia o que Lil ia dizer: que eles não mereciam Nell; que aquele homem, Henry Mansell, e aquela gente a tinham perdido. Ia implorar, insistir, dizendo que não podiam devolver Nell para pessoas tão descuidadas. Hugh ia lhe mostrar que não se tratava de uma questão de escolha, que Nell não era deles, nunca fora deles, que pertencia a outra pessoa. Ela nem era Nell, seu nome verdadeiro estava em busca dela.

Quando Hugh subiu os degraus da frente da casa naquela tarde, ficou parado por um momento, organizando as ideias. Enquanto respirava a fumaça que saía da chaminé – um cheiro agradável porque vinha do fogo que aquecia seu lar –, uma força desconhecida pareceu prendê-lo, imóvel. Teve a vaga sensação de estar parado no limiar de alguma coisa e que, ao atravessá-lo, tudo mudaria.

Respirou fundo, abriu a porta e suas duas garotas viraram-se para ele. Estavam sentadas ao lado do fogo, Nell no colo de Lil, que penteava os longos cabelos ruivos molhados da menina.

– Papai! – disse Nell, o prazer iluminando o rosto já rosado pelo calor.

Lil sorriu por cima da cabeça da menina. O sorriso que sempre o cativara. Desde que a vira, recolhendo as cordas no galpão de barcos do pai. Quando fora a última vez que tinha visto aquele sorriso? Sabia que fora antes dos bebês. Os bebês que se recusaram a nascer sadios.

Hugh sorriu de volta para Lil, largou a maleta, enfiou a mão no bolso onde a carta parecia queimar, tocando-a com as pontas dos dedos. Virou-se para o fogão, onde o caldeirão maior estava fervendo.

– O jantar está cheirando bem. – Ele sentia um nó na garganta.

– O ensopado de peixe da minha mãe – disse Lil, desembaraçando o cabelo de Nell. – Você está sentindo alguma coisa?

– Por quê?

– Vou fazer um chá de limão com cevada para você.

– É só um pigarro – disse Hugh. – Não precisa se incomodar.

– Não é incômodo algum. – Ela sorriu para ele de novo e deu um tapinha no ombro de Nell.

– Pronto, pequenina, mamãe tem que fazer um chá. Fique sentada aí até seu cabelo secar. Não quero que você pegue um resfriado como seu pai.

Enquanto falava, fitava Hugh com uma alegria nos olhos que partia o coração do marido, obrigando-o a desviar o olhar.



Durante todo o jantar, a carta pesou no bolso de Hugh, recusando-se a ser esquecida. Sua mão era como metal atraído por um ímã. Não conseguia largar a faca sem enfiar os dedos no casaco para tocar no envelope, a sentença de morte para a felicidade deles. A carta de um homem que conhecia a família de Nell. Bem, pelo menos era o que ele dizia.

Hugh endireitou o corpo repentinamente, surpreso por ter aceitado de imediato o que aquele estranho dizia. Tornou a pensar no conteúdo da carta, releu as frases em sua mente, procurando alguma prova. O alívio foi instantâneo. Não havia nada na carta que desse certeza de que aquilo era verdade. Havia muita gente esquisita no mundo envolvida com negócios escusos. Havia mercado para meninas em alguns países, ele sabia disso, os contrabandistas estavam sempre procurando escravas brancas para vender.

Mas isso era ridículo. Mesmo querendo desesperadamente agarrar-se a essa possibilidade, sabia quanto era improvável.

– Hughie?

Ele ergueu depressa os olhos. Lil observava-o de um jeito engraçado.

– Você estava no mundo da lua. – Ela pôs a mão na testa dele. – Espero que não esteja ficando com febre.

– Estou bem – respondeu um tanto bruscamente. – Estou bem, Lil.

Ela apertou os lábios.

– Só comentei que vou levar esta senhorita para a cama. Ela brincou o dia todo.

Na mesma hora, Nell deu um grande bocejo.

– Boa noite, pai – disse a menina, satisfeita, terminando de bocejar.

Quando viu, ela já estava no colo dele, enroscada como um gatinho, os braços em volta do seu pescoço. Hugh se deu conta, mais do que nunca, da aspereza da sua pele, da barba em seu rosto. Ele a abraçou e fechou os olhos.

– Boa noite, Nell querida – murmurou.

Ele as observou enquanto desapareciam no interior do outro quarto. Sua família. De um modo que não conseguia explicar nem para si mesmo, esta criança, a sua Nell de longas tranças, dava uma solidez ao seu casamento. Eles passaram a ser uma família, uma unidade inquebrantável de três, e não apenas duas almas que tinham resolvido se unir.

E ali estava ele, pensando em destruir tudo aquilo.

Ao ouvir um som no corredor, ele ergueu os olhos. Lil, à porta, o observava. Um jogo de luzes deu um tom avermelhado ao cabelo dela e iluminou seus olhos, luas negras sob os cílios longos. Seus lábios exibiam um sorriso que expressava uma emoção forte demais para ser colocada em palavras.

Hugh sorriu de volta e seus dedos tornaram a tocar na carta. Abriu a boca para dizer o que não queria falar, mas que não podia conter.

Então Lil veio até ele. Os dedos dela em seu pulso lançando impulsos elétricos até seu pescoço, a mão macia em seu rosto.

– Venha para a cama.

Ah, existem palavras mais doces do que essas? A voz dela continha uma promessa e foi assim que ele tomou sua decisão.

Segurou na mão dela e a acompanhou.

Quando passaram pela lareira, jogou a carta no fogo. Ela se incendiou com um chiado, como se o estivesse censurando. Mas ele não parou, continuou andando e nunca olhou para trás.

Brisbane, 2005

Muito antes de ser um centro de antiguidades, o local era um teatro – o Plaza, uma construção grandiosa nos anos 1930. Simples na parte externa, lembrando um enorme caixote branco incrustado na encosta de Paddington, seu interior era outra história. O teto abobadado, azul-escuro com nuvens desenhadas, era iluminado por trás originalmente para dar a ilusão de luar, enquanto centenas de luzinhas cintilavam como estrelas. Fora um sucesso estrondoso por várias décadas, quando os bondes percorriam as ruas e os jardins chineses floresciam nos vales, mas, embora tenha sobrevivido a inimigos vorazes, como incêndios e enchentes, sucumbira rapidamente à televisão nos anos 1960.

O estande de Nell e Cassandra ficava bem debaixo do arco do proscênio, à esquerda do palco. Prateleiras cobertas por inúmeras quinquilharias, bijuterias, livros antigos e um conjunto eclético de peças compunham seu acervo. Muito tempo antes, os outros comerciantes tinham começado a chamar o estande de Aladim, de brincadeira, e o nome acabou pegando. Uma plaquinha de madeira com letras douradas anunciava o lugar como “A caverna de Aladim”.

Sentada em um banquinho, no meio do labirinto de prateleiras, Cassandra estava com dificuldade de se concentrar. Era a primeira vez que entrava ali desde a morte de Nell, e era estranho sentar-se no meio dos tesouros que tinham acumulado juntas. Era estranho que as coisas ainda estivessem ali, e Nell, não. Era, de certa forma, desleal. Colheres que Nell havia polido, etiquetas de preço com sua caligrafia indecifrável, livros e mais livros. Foram o fracasso de Nell, todo comerciante tinha um. Ela gostava, particularmente, de livros escritos no final do século XIX. Volumes do final do período vitoriano, com belas impressões e ilustrações em preto e branco. Se o exemplar tivesse dedicatória, melhor ainda.

Um registro do passado, uma pista das mãos pelas quais tinha passado até chegar a ela.

– Bom dia.

Cassandra ergueu os olhos e viu Ben, que lhe estendia um café.

– Examinando o estoque? – perguntou.

Ela afastou dos olhos uma mecha de cabelo e aceitou o café.

– Estou trocando uma coisa ou outra de lugar. Colocando de volta, na maioria das vezes.

Ben tomou um gole do café, fitando-a por cima do copo.

– Tenho uma coisa para você.

Ele enfiou a mão por baixo do colete de lã e tirou um pedaço de papel do bolso da camisa.

Cassandra desdobrou o papel e o alisou. Papel branco, A4, com a imagem em preto e branco de uma casa no meio. Um chalé de pedra, pelo que conseguia ver, com manchas – trepadeiras, talvez? – nas paredes. O telhado tinha uma chaminé de pedra visível atrás do topo. Dois vasos equilibravam-se precariamente sobre ele.

Sabia que casa era aquela, é claro.

– Tenho pesquisado um pouco – disse Ben. – Não resisti. Minha filha, em Londres, conseguiu fazer contato com alguém na Cornualha e me mandou esta foto por e-mail.

Então este era o grande segredo de Nell. A casa que comprara num impulso e mantivera em segredo por tanto tempo. Estranho o efeito que a foto teve sobre Cassandra. Deixara a escritura na mesa da cozinha durante todo o fim de semana, olhando-a sempre que passava pela mesa, sem conseguir pensar em outra coisa. Mas, ao ver aquela foto, teve, pela primeira vez, a impressão de que a casa era real. Tudo entrou em foco: Nell, que fora para o túmulo sem saber quem era na realidade, comprara uma casa na Inglaterra e a deixara para Cassandra, achando que a neta entenderia por quê.

– Ruby sempre teve jeito para descobrir coisas, então pedi que conseguisse informações sobre antigos proprietários. Achei que, se soubéssemos de quem sua avó comprou a casa, talvez descobríssemos o motivo. – Ben tirou um caderninho espiral do bolso e endireitou os óculos para ler melhor. – Os nomes Richard e Julia Bennett significam alguma coisa para você?

Cassandra balançou a cabeça, ainda olhando para a foto.

– Segundo Ruby, Nell comprou a propriedade dos Bennett, que, por sua vez, a adquiriram em 1971. Eles também compraram a mansão ao lado; transformaram-na em um hotel. O Hotel Blackhurst. – Olhou esperançoso para Cassandra.

Ela tornou a balançar a cabeça.

– Tem certeza?

– Nunca ouvi falar.

– Ah – disse Ben, com um ar desanimado. – Tudo bem. – Ele fechou o caderninho e apoiou o braço na estante mais próxima. – Minha investigação só vai até aí. Um tiro no escuro, imagino. – Cofiou a barba. – Típico de Nell deixar um mistério desses. É irritante, não acha, uma casa secreta na Inglaterra?

Cassandra sorriu.

– Obrigada pela foto. Agradeça à sua filha por mim.

– Você pode agradecer pessoalmente quando estiver do lado de lá. – Ele balançou o copo de papel, depois olhou pelo buraco da tampa para ver se estava vazio. – Quando você pretende ir?

Cassandra arregalou os olhos.

– Você quer dizer para a Inglaterra?

– Uma foto já é alguma coisa, mas não é o mesmo que ver o lugar, é?

– Você acha que devo ir à Inglaterra?

– Por que não? Século XXI, você pode ir e voltar em uma semana e vai ter uma ideia muito melhor do que vai querer fazer com o chalé.

Apesar da escritura em cima da mesa, Cassandra tinha se preocupado tanto com a questão teórica do chalé de Nell que não pensou em termos práticos: havia um chalé na Inglaterra esperando por ela. Esfregou o pé no chão de madeira, depois olhou para Ben.

– Não é melhor vender?

– Como você vai decidir isso sem nunca ter estado lá? – Ben jogou o copo na lata de lixo ao lado da escrivaninha de cedro. – Não faria mal dar uma olhada, não acha? Obviamente a casa significava muito para Nell, já que a manteve por tanto tempo.

Cassandra pensou um pouco. Viajar até a Inglaterra, sozinha, assim de repente.

– Mas e o estande...

– Ora, o centro pode tomar conta das suas vendas, e eu vou estar aqui. – Apontou para as prateleiras cheias. – Você tem mercadoria suficiente para dez anos. – Então mudou o tom de voz: – Por que não vai, Cass? Ia ser bom sair um pouco daqui. Ruby está morando em uma casinha em South Kensington, trabalhando no V&A. Pode tomar conta de você.

Todos estavam sempre se oferecendo para tomar conta de Cassandra. Um dia, uma vida inteira antes, ela havia sido adulta, com suas próprias responsabilidades, tinha tomado conta de outras pessoas.

– E o que você tem a perder?

Nada, ela não tinha nada a perder, não tinha ninguém a perder. Cassandra, de repente, ficou cansada do assunto. Abriu um sorriso e disse para encerrar a conversa:

– Vou pensar.

– Ótimo. – Ele deu um tapinha no ombro dela e fez menção de sair. – Ah, já ia esquecendo. Descobri mais uma coisa interessante. Não lança nenhuma luz sobre Nell e a casa dela, mas é uma coincidência engraçada mesmo assim, considerando seu passado artístico, todos aqueles desenhos que você costumava fazer.

Ouvir anos de sua vida, de sua paixão, descritos de forma tão casual, tão relegados ao passado, era de tirar o fôlego. Cassandra conseguiu manter o sorriso.

– A propriedade onde está localizada a casa de Nell pertencia à família Mountrachet.

O nome não significava nada e Cassandra inclinou a cabeça.

Ben ergueu uma sobrancelha.

– A filha, Rose, se casou com um certo Nathaniel Walker.

Cassandra então franziu a testa.

– Um artista... americano?

– Esse mesmo, pintava principalmente retratos, do tipo “lady Fulana e seus seis poodles prediletos”. Segundo minha filha, pintou até um retrato do rei Eduardo em 1910, pouco antes de ele morrer. O ponto alto da carreira de Walker, eu imagino, embora Ruby não parecesse impressionada com isso. Comentou que os retratos não eram o melhor trabalho dele, que pareciam um tanto sem vida.

– Já faz algum tempo desde que eu...

– Ela preferia os desenhos dele. Mas Ruby é assim mesmo, prefere ser do contra.

– Desenhos?

– Ilustrações, desenhos para revistas, em preto e branco.

Cassandra ficou surpresa.

– Os desenhos da série “O labirinto e a raposa”.

Ben deu de ombros e inclinou a cabeça.

– Ah, Ben, eles eram incríveis, são incríveis, com detalhes fantásticos. – Fazia tanto tempo que não pensava em história da arte que esse entusiasmo súbito a deixou surpresa. – O nome de Nathaniel Walker surgiu brevemente em um curso que eu fiz sobre Aubrey Beardsley e seus contemporâneos. Sei que era uma figura controversa, mas não consigo lembrar por quê.

– Foi isso que Ruby falou. Você vai se dar muito bem com ela. Quando mencionei o nome dele, ela ficou muito empolgada. Comentou que vão exhibir algumas ilustrações dele na nova exposição do V&A; evidentemente elas são muito raras.

– Não foram muitas – respondeu Cassandra. – Acho que estava muito ocupado com os retratos; as ilustrações eram mais um hobby. Mesmo assim, as que ele fez foram muito elogiadas. – Ela se deteve, surpresa. – Acho que temos uma aqui, em um dos livros de Nell. – Subiu em um caixote de leite e passou o dedo pela última prateleira, parando em uma lombada cor de vinho com letras douradas, desbotadas.

Abriu o livro, ainda em cima do caixote, e folheou cuidadosamente as gravuras coloridas da frente.

– Aqui está. – Sem tirar os olhos da página, desceu do caixote. – *O lamento da raposa*.

Ben se aproximou, ajeitando os óculos.

– Complicado, não é? Não faz muito o meu estilo, mas para você é arte. Entendo sua admiração.

– É lindo e um pouco triste.

Ele se inclinou mais.

– Triste?

– Cheio de melancolia, de saudade. Não sei como explicar melhor, mas é algo no rosto da raposa, uma espécie de ausência. – Balançou a cabeça. – Não consigo explicar.

Ben apertou de leve o braço dela, murmurou alguma coisa sobre trazer um sanduíche na hora do almoço e saiu. Arrastou os pés na direção do seu estande, mais especificamente na direção do freguês que estava mexendo nas peças de um lustre Waterford.

Cassandra continuou a estudar a ilustração, imaginando por que tinha tanta certeza da tristeza da raposa. Era a habilidade do artista, é claro, a capacidade de evocar tão claramente emoções complexas por meio de finos traços bem posicionados.

Ela apertou os lábios. O desenho a fazia se lembrar do dia em que tinha encontrado o livro de contos de fadas, quando estava matando o tempo no subsolo da casa de Nell enquanto, lá em cima, sua mãe se preparava para abandoná-la. Revisitando suas memórias, Cassandra percebeu que seu amor à arte tinha começado com aquele livro. Folheara suas páginas e se deparara com aquelas ilustrações maravilhosas, assustadoras, mágicas. Imaginara como seria fugir dos limites rígidos das palavras e se expressar por meio de uma linguagem tão fluida.

Durante algum tempo, havia conseguido: a alquimia da pena, a sensação maravilhosa do tempo perdendo o sentido enquanto criava seus desenhos. Seu amor pela arte a tinha levado a estudar em Melbourne, a se casar com Nicholas e a tudo mais que veio depois. Estranho pensar que a vida poderia ter sido completamente diferente se nunca tivesse visto a mala, se não tivesse sido curiosa o suficiente para abri-la e ver o que havia lá dentro.

Cassandra teve uma súbita revelação. Por que não pensara nisso antes? De repente, soube exatamente o que precisava fazer, onde tinha que procurar. O único lugar onde poderia descobrir as pistas a respeito da origem misteriosa de Nell.



Ocorreu a Cassandra que Nell poderia ter se livrado da mala, mas descartou essa ideia com certa dose de segurança. Em primeiro lugar, sua avó era uma comerciante de antiguidades, uma colecionadora, um pássaro criador de ninhos da espécie humana. Seria completamente estranho à sua natureza destruir ou jogar fora algo antigo e raro.

E, o mais importante, se o que as tias disseram era verdade, a mala não era um mero artefato histórico – era uma âncora. Era tudo o que ligava Nell a seu passado. Cassandra entendia a importância de âncoras, sabia muito bem o que acontecia com uma pessoa quando a corda que a amarrava à vida era cortada. Tinha perdido sua própria âncora duas vezes. A primeira, quando tinha 10 anos e Lesley a abandonara; a segunda, quando era jovem (já fazia mesmo dez anos?) e, em um segundo, a vida mudara, deixando-a mais uma vez à deriva.

Mais tarde, quando repassou os acontecimentos, Cassandra entendeu que foi a mala que a encontrou, como tinha feito da primeira vez.

Depois de virar a noite vasculhando os quartos entulhados de coisas de Nell, distraíndo-se com uma ou outra lembrança, ficou incrivelmente cansada. Não só física, mas mentalmente. O fim de semana cobrou seu preço, de forma rápida e intensa, provocando um cansaço de contos de fadas, um desejo mágico de se entregar ao sono.

Em vez de descer para o seu quarto, deitou-se sobre a colcha da cama de Nell, nem trocou de roupa, e encostou a cabeça no travesseiro macio. O cheiro era incrivelmente familiar – talco com perfume de lavanda, polidor de prata, sabão em pó – e teve a impressão de estar descansando a cabeça no peito da avó.

Dormiu um sono pesado e sem sonhos. Na manhã seguinte, quando acordou, teve a sensação de ter dormido muito mais do que uma única noite.

O sol entrava no cômodo por uma brecha da cortina – como a luz de um farol – e ela observou as partículas de poeira voando. Poderia ter estendido a mão para pegá-las, mas não o fez. Seguiu o fecho de luz com os olhos, virando a cabeça para onde ele apontava. O lugar ficava bem no alto do guarda-roupa, cujas portas tinham se aberto durante a noite para revelar, na última prateleira, debaixo de um monte de sacos plásticos cheios de roupas que seriam doadas para a organização St. Vinnie, uma antiga mala branca.

Oceano Índico, a 900 milhas do Cabo da Boa Esperança, 1913

Demorava muito para chegar à América. Nas histórias que papai contara, dissera que era mais longe do que a Arábia, e a garotinha sabia que levava cem dias e cem noites para chegar lá. A menina tinha perdido a conta dos dias, mas já fazia muito tempo que embarcara no navio. Tanto que havia se acostumado com a sensação de estar sempre se movendo. Isso acontecia quando você passava muito tempo no mar; tinha aprendido tudo a esse respeito nas histórias de *Moby Dick*.

Pensar em *Moby Dick* deixou a menina muito triste. Isso a fez se lembrar de seu pai, das histórias que ele lia sobre a grande baleia, as imagens que lhe mostrava em seu estúdio, desenhos que tinha feito de oceanos misteriosos e grandes navios. Chamavam-se ilustrações, a menina sabia, apreciando o tamanho da palavra ao repeti-la em sua mente, e um dia elas seriam inseridas em um livro de verdade que outras crianças iriam ler. Pois era isso que seu pai fazia; colocava desenhos em livros de histórias. Ou tinha feito isso numa ocasião. Também desenhava retratos de pessoas, mas a menina não gostava deles, dos olhos que a seguiam pela sala.

O lábio inferior dela começou a tremer, como ocorria às vezes quando pensava em papai e mamãe, e ela o mordeu. No início, tinha chorado um bocado. Não conseguia se controlar; sentia falta dos pais. Com o tempo, já não chorava tanto, e nunca na frente das outras crianças. Poderiam pensar que ela era pequena demais para brincar, e aí o que seria dela? Além disso, seus pais logo estariam com ela. Estariam esperando por ela, sabia, quando o navio chegasse à América. A Autora também ia estar lá?

A menina franziu a testa. Durante todo o tempo que levou para se acostumar com o balanço do mar, a Autora não tinha voltado. Isso intrigava a menina, porque a Autora dissera enfaticamente que elas ficariam sempre juntas, que jamais iriam se separar. Talvez estivesse escondida. Talvez tudo fizesse parte da brincadeira.

A menina não tinha certeza. Estava contente por ter conhecido Will e Sally no convés naquela primeira manhã, senão nem saberia onde dormir, comer... Will, Sally e seus irmãos e irmãs – tantos que a menina perdeu a conta – sabiam onde conseguir comida. Mostraram-lhe diversos lugares no navio onde se podiam encontrar sobras de carne-seca. (Ela não gostava muito do sabor, mas o menino apenas ria dizendo que talvez não fosse o que ela estava acostumada a comer antes, mas que servia para aquela vida de cachorro.) Eram gentis com ela quase sempre. Só ficaram zangados uma vez, quando se recusou a dizer seu nome para eles. A menina sabia brincar, sabia seguir as regras, e a Autora tinha lhe dito que esta era a regra mais importante de todas.

A família de Will tinha uma série de beliches no convés inferior, com um monte de outros homens, mulheres e crianças, mais gente do que a menina já vira reunida em um mesmo lugar. A mãe viajava com eles, embora só a chamassem de Ma. Ela não se parecia nada com a mãe da menina, não tinha seu rosto bonito, nem a bela cabeleira escura enrolada no alto da cabeça todas as manhãs. Ma se parecia mais com as mulheres que a menina tinha visto algumas vezes quando a carruagem passava pela aldeia, com saias rasgadas e botas precisando de conserto, mãos enrugadas como o par de luvas velhas que Davies usava no jardim.

Quando Will levou a menina até ali pela primeira vez, Ma estava sentada no beliche de baixo, amamentando um bebê enquanto outro chorava ao seu lado.

– Quem é essa? – perguntou.

– Ela não quer falar o nome. Diz que está esperando alguém, que devia estar escondida.

– Escondida, é? – A mulher fez sinal para a menina se aproximar. – Do que você está se escondendo, menina?

Ela não respondeu, apenas balançou a cabeça.

– Onde estão os pais dela?

– Acho que ela não tem – respondeu Will. – Não que eu tenha visto. Estava escondida quando a encontrei.

– É isso mesmo, menina? Você está sozinha?

Ela refletiu e decidiu que era melhor dizer que sim do que mencionar a Autora. Assentiu.

– Ora, ora, uma coisinha tão pequena como você, sozinha no mar. – Ma balançou a cabeça e embalou o bebê. – Essa mala é sua? Traga aqui para a Ma ver.

A menina observou Ma abrir a mala. Ela empurrou o livro de histórias e o segundo vestido novo e encontrou um envelope no fundo. Ma o abriu. Tirou uma pequena pilha de papéis de dentro.

Will arregalou os olhos.

– Dinheiro. – Ele olhou para a menina. – O que vamos fazer com ela, Ma? Contar ao carregador?

Ma tornou a guardar as notas no envelope, dobrou-o em três e enfiou-o dentro do vestido.

– Não vale a pena contar a ninguém a bordo – disse finalmente –, pelo menos na minha opinião. Ela fica conosco até chegarmos ao outro lado do mundo, depois vamos ver quem está esperando por ela. Vamos ver se eles vão agradecer pelo nosso trabalho. – Ela sorriu, e havia espaços escuros entre seus dentes.

A menina não tinha muito contato com Ma e preferia assim. Ma se ocupava dos bebês e um deles parecia estar sempre pendurado no seu peito. Eles mamavam, foi o que Will disse, embora a menina nunca tivesse ouvido falar naquilo. Não em relação a pessoas, pelo menos; ela vira animais mamando nas fazendas da propriedade. Aqueles bebês eram como porquinhos, que só faziam berrar, comer e engordar. E, enquanto Ma se ocupava dos bebês, os outros cuidavam de si mesmos. Will contou que estavam acostumados porque tinham que fazer a mesma coisa em casa. Vinham de um lugar chamado Bolton, e, quando não havia bebês para cuidar, a mãe trabalhava em uma fábrica de algodão o dia inteiro. Por isso tossia tanto. A menina entendeu: sua mãe também não estava bem, embora não tossisse tanto quanto Ma.

De noite, havia um lugar onde a menina e os outros se sentavam, ouvindo a música que vinha de cima e o som de pés deslizando no assoalho encerado. Era isso que estavam fazendo agora, sentados em um canto escuro, ouvindo aqueles

sons. No início, a menina quis ver, mas as outras crianças riram e disseram que os deques superiores não eram para gente como eles. Que aquele espaço no fundo da escada era o mais perto que podiam chegar do convés dos grã-finos.

A menina ficou quieta, nunca tinha ouvido regras como aquelas. Em casa, com uma exceção, podia ir aonde quisesse. O único lugar proibido era o labirinto que dava no chalé da Autora. Mas isto não era a mesma coisa e ela não entendeu o que o menino dizia. Gente como eles? Crianças? Talvez o convés superior fosse um lugar proibido para crianças.

Não que quisesse ir lá esta noite. Ela estava cansada, havia dias que se sentia assim. Um cansaço que deixava suas pernas pesadas como troncos de árvore e fazia a escada parecer muito alta. Também estava tonta, e sua respiração, quente quando passava pelos lábios.

– Vamos – disse Will, cansado da música. – Vamos procurar terra.

Todos se levantaram. A menina ficou em pé e tentou se equilibrar. Will, Sally e os outros estavam conversando, rindo, suas vozes girando em volta dela. Tentou entender o que eles diziam, mas sentiu as pernas bambas, os ouvidos apitando.

Will de repente se aproximou do rosto dela e perguntou bem alto:

– O que aconteceu? Você está bem?

Abriu a boca para responder, mas seus joelhos se dobraram e ela começou a cair. A última coisa que viu, antes de sua cabeça bater no degrau de madeira, foi a lua cheia brilhando no céu.



A menina abriu os olhos. Havia um homem parado perto dela com um ar sério, rosto inchado e olhos cinzentos. Aquela expressão não mudou quando ele se aproximou e tirou uma pequena espátula de madeira do bolso da camisa.

– Abra.

Antes que soubesse o que estava acontecendo, a espátula estava em sua língua e ele examinava sua boca.

– Sim. Ótimo. – Ele retirou a espátula e endireitou o colete. – Respire.

A menina obedeceu e ele balançou a cabeça.

– Ela está bem. – Fez um sinal para um rapaz de cabelo cor de palha, que a menina reconheceu da última vez que tinha acordado. – Tem uma viva aqui. Pelo amor de Deus, tire-a da cama antes que isso mude.

– Mas, senhor – disse o rapaz –, foi essa que bateu com a cabeça quando desmaiou. Com certeza precisa descansar um pouco.

– Não temos camas suficientes, ela pode descansar quando voltar para a cabine.

– Não sei quem ela é.

O médico revirou os olhos.

– Então pergunte a ela, homem.

O rapaz de cabelo cor de palha baixou a voz:

– Senhor, ela é aquela de quem eu estava falando. Parece ter perdido a memória. Deve ter acontecido quando caiu.

O médico olhou para a menina.

– Como é o seu nome?

A menina pensou um pouco. Ela ouviu o que ele disse, entendeu o que estava perguntando, mas não sabia responder.

– E então? – indagou o homem.

A menina balançou a cabeça.

– Não sei.

O médico suspirou, exasperado.

– Não tenho tempo nem cama suficiente para isso. A febre dela cedeu. Pelo cheiro dela, deve ser dos alojamentos.

– Sim, senhor.

– Bem, alguém lá deve perguntar por ela.

– Sim, senhor, tem um garoto lá fora, o que a trouxe outro dia. Acabou de chegar para ver como ela estava, acho que é irmão dela.

O médico se virou para a porta para ver o menino.

– Onde estão os pais?

– O garoto diz que o pai está na Austrália, senhor.

– E a mãe?

O rapaz pigarreou, inclinou-se para o médico.

– Dando de comer aos peixes em algum lugar perto do Cabo da Boa Esperança provavelmente, senhor. Morreu ao deixarmos o porto três dias atrás.

– Febre?

– Sim.

O médico passou a mão na testa e suspirou.

– Bem, traga-o aqui, então.

Um garoto, magro como um graveto, de olhos negros como carvão, foi levado até ele.

– Esta menina pertence a você? – perguntou o médico.

– Sim, senhor – disse o menino. – Quer dizer, ela...

– Chega, não preciso ouvir detalhes. A febre dela cedeu e o galo na cabeça diminuiu. Não fala muito, mas sem dúvida vai melhorar. Deve querer chamar atenção depois do que houve com sua mãe. Isso às vezes acontece, especialmente com crianças.

– Senhor...

– Chega. Leve-a com você. – Virou-se para o tripulante. – Dê a cama para outra pessoa.



A menina estava sentada perto da grade, observando a água. Um mar azul, coberto de espuma branca, ondulado pelo vento. O navio estava mais agitado do que o normal e ela entregou o corpo àquele balanço. Sentia-se esquisita, não exatamente doente, mas estranha. Como se uma névoa tivesse se instalado em sua mente e não quisesse ir embora.

Estava assim desde que acordara na enfermaria, desde que aqueles homens estranhos a examinaram e mandaram embora com o garoto. Ele a levava para baixo, para um lugar escuro cheio de beliches e colchões e um monte de gente que ela nunca tinha visto.

– Ei – disse uma voz perto do seu ombro. Era o garoto. – Não vai esquecer sua mala.

– Minha mala? – A menina olhou para a mala branca.

– Nossa! – exclamou o menino, fitando-a com uma expressão estranha. – Você ficou mesmo biruta, achei que estava fingindo por causa do médico. Não se

lembra nem da sua mala? Você tomou conta dela a viagem inteira, só faltava bater em quem olhasse para ela. Não queria aborrecer a sua preciosa Autora.

Aquela palavra causou um formigamento estranho em sua pele.

– Autora? – perguntou.

O menino não respondeu.

– Terra! – gritou, correndo para se debruçar nas grades que contornavam o deque. – Tem terra ali, está vendo?

A menina correu para o seu lado, ainda segurando a alça da mala branca. Ela contemplou o nariz cheio de sardas do menino, depois se virou para olhar na direção que ele apontava. Lá longe, viu uma faixa de terra, cheia de árvores de um verde muito claro.

– Ali é a Austrália – disse o menino, com os olhos fixos na praia distante. – Meu pai está nos esperando lá.

Austrália, pensou a menina. Outra palavra que não reconhecia.

– Vamos ter uma nova vida lá, com nossa própria casa e tudo, até mesmo um pedacinho de terra. Foi isso que meu pai disse em suas cartas. Que nós vamos trabalhar na terra, construir uma vida nova. E vamos mesmo, apesar de Ma não estar mais conosco. – A última frase foi dita em um tom de voz mais baixo.

Ele ficou calado por um momento antes de se virar para a menina e apontar a costa com um movimento de cabeça.

– É lá que o seu pai está?

A menina refletiu.

– Meu pai?

O garoto revirou os olhos.

– Seu pai. O cara que é casado com a sua mãe. Você sabe, seu pai.

– Meu pai – repetiu a menina.

Porém, o garoto não estava mais prestando atenção. Ele tinha visto uma das irmãs e corria e gritava que avistara terra.

A menina balançou a cabeça, embora ainda não soubesse ao certo o que aquilo significava.

– Meu pai – disse, sem muita segurança. – É lá que meu pai está.

O grito de “Terra!” percorreu o convés e, enquanto as pessoas se agitavam, a menina levou a mala branca para um local próximo a uma pilha de tonéis, um buraco para onde ela se sentiu estranhamente atraída. Sentou-se e abriu a mala,

esperando encontrar alguma coisa para comer. Não havia nada, então apanhou o livro de contos de fadas que estava em cima do resto das coisas.

Enquanto o navio se aproximava da costa e pontinhos ao longe se transformavam em gaivotas, ela abriu o livro no colo e contemplou o belo desenho em preto e branco de uma mulher e um cervo, lado a lado, na clareira de uma floresta. De algum modo, embora não soubesse ler, a menina percebeu que conhecia aquela história. De uma jovem princesa que viajava para muito longe, cruzando o mar, para procurar uma coisa preciosa, oculta, que pertencia a alguém que amava muito.

Oceano Índico, 2005

Cassandra recostou-se no plástico frio e duro do assento e olhou pela janela, para o vasto oceano azul que cobria o globo até o horizonte. O mesmo oceano que a pequena Nell tinha atravessado tantos anos antes.

Era a primeira vez que Cassandra viajava para o exterior. Isto é, fora à Nova Zelândia uma vez e tinha visitado a família de Nick na Tasmânia antes de se casarem, mas nunca mais longe do que isso. Ela e Nick tinham pensado em passar alguns anos na Inglaterra: Nick ia compor músicas para a TV britânica, e devia haver muito trabalho para historiadores da arte na Europa. Mas não foram e ela enterrara esse sonho havia muito tempo, sob tantos outros.

E agora estava em um avião, sozinha, voando para a Europa. Depois de falar com Ben no centro de antiguidades, depois de ele lhe dar o retrato da casa, depois de encontrar a mala, não houve espaço em sua mente para mais nada. O mistério lhe tomara e, por mais que tentasse, não conseguia se livrar dele. A verdade é que não queria esquecê-lo; gostava de pensar naquilo, de conjecturar a respeito de Nell, daquela outra Nell, a menina que ela não conhecera.

Era verdade que, mesmo depois de ter encontrado a mala, não tinha a intenção de viajar de imediato para a Inglaterra. Parecia mais sensato esperar, ver como se sentiria passado um mês, talvez planejar uma viagem para depois. Não podia partir para a Cornualha assim, por impulso. Foi então que teve o sonho, o mesmo que vinha tendo havia uma década. Estava parada no meio de um campo sem nada no horizonte. O sonho não dava uma impressão de perigo, apenas de algo sem fim. Vegetação comum, nada que alimentasse a imaginação, um capim verde-claro, longo o suficiente para roçar a ponta dos seus dedos, e uma brisa leve e constante que o agitava.

No início, anos antes, quando o sonho era novidade, sabia que estava procurando alguém e que, se caminhasse na direção certa, iria encontrar essa pessoa. No momento, por mais que sonhasse com aquela cena, nunca conseguia encontrá-la. Uma colina era substituída por outra; desviava os olhos no momento errado; acordava de repente.

Aos poucos, com o tempo, o sonho havia se alterado. Tão sutilmente, tão devagar, que ela nem notou. O cenário não tinha mudado: fisicamente tudo permanecia como antes. Era o sentimento do sonho. A certeza de que encontraria o que procurava desapareceu, até que, uma noite, percebeu que não havia nada nem ninguém esperando por ela. Que, por mais que caminhasse, que procurasse, que desejasse encontrar aquela pessoa, estava sozinha...

Na manhã seguinte, a tristeza perdurava, mas Cassandra estava acostumada com aquela ressaca e tocou a vida, como sempre. Não houve nenhum sinal de que o dia seria diferente, até que ela foi ao shopping ali perto comprar pão e passou pela agência de viagens. Engraçado, nunca tinha notado que ela ficava ali. Sem saber por quê, abriu a porta, entrou e viu uma fila de atendentes esperando que dissesse alguma coisa.

Cassandra se lembrou mais tarde de ter sentido certa surpresa nessa hora. Parecia que ela era uma pessoa real afinal, um ser humano, entrando e saindo da órbita de outros. Mesmo que normalmente tivesse a sensação de viver uma vida pela metade, de ser meia-luz.

Depois, em casa, tinha parado por um momento, revivendo os acontecimentos daquela manhã, tentando isolar o instante em que havia tomado a decisão. Saíra para comprar pão e tinha voltado com uma passagem de avião. Então foi até o quarto de Nell, pegou a mala em seu esconderijo, retirou tudo o que havia dentro dela: o livro de contos de fadas, o desenho com o nome “Eliza Makepeace” escrito atrás, o caderno pautado com a caligrafia de Nell em cada página.

Preparou um café com leite e se sentou na cama de Nell, tentando decifrar aquela caligrafia horrível, transcrevendo num outro caderno o que lia. Cassandra era razoavelmente boa em decifrar anotações escritas em séculos anteriores – isso fazia parte do trabalho de uma comerciante de antiguidades. A caligrafia de antigamente seguia determinado padrão, mas a letra de Nell era uma bagunça: perversa, propositalmente bagunçada. Para piorar, o caderno tinha se molhado

em algum momento de sua existência. As páginas estavam grudadas, havia trechos mofados, e, se não tomasse cuidado, poderia rasgar as folhas e perder para sempre o que estava escrito nelas.

Foi um trabalho lento, mas Cassandra não precisou ir muito longe para perceber que Nell estava tentando solucionar o mistério da sua identidade.

Agosto, 1975. Hoje eles me trouxeram a maleta branca. Assim que a vi, soube o que era.

Fingi naturalidade. Doug e Phyllis não sabem da verdade, e eu não queria que vissem que eu estava tremendo. Queria que pensassem que aquela era apenas uma mala velha de papai, que ele a quis dar para mim. Depois que foram embora, fiquei olhando-a por um bom tempo, tentando lembrar: quem eu sou, de onde venho? Não adiantou, é claro, então finalmente a abri.

Havia um bilhete de papai, uma espécie de pedido de desculpas, e, embaixo, outras coisas. Um vestido infantil – meu, suponho –, uma escova de cabelo de prata e um livro de contos de fadas. Reconheci-o imediatamente. Abri o livro e então a vi, a Autora. Ela é a chave para meu passado, tenho certeza. Se eu a encontrar, irei finalmente me encontrar. E é isso que pretendo fazer. Neste caderno, vou anotar meu progresso e, no fim, saberei meu nome e por que o perdi.

Cassandra virou cuidadosamente as folhas mofadas, cheia de expectativa. Nell tinha conseguido fazer o que planejava? Descobrir a quem era? Foi por isso que ela comprou a casa? A última anotação tinha a data de novembro de 1975 e Nell havia acabado de chegar a Brisbane:

Vou voltar assim que ajeitar as coisas por aqui. Ficarei com pena de deixar minha casa em Brisbane e minha loja, mas isso não se compara com a descoberta da minha verdade. E estou tão perto... Sei que estou. Agora que o chalé é meu, sei que vou encontrar respostas. É meu passado, meu eu, e quase o estou encontrando.

Nell tinha planejado deixar a Austrália para sempre. Por que não o fez? O que teria acontecido? Por que não escrevera mais nada?

Mais uma olhada na data, novembro de 1975, e Cassandra ficou arrepiada. Dois meses antes de ela ser abandonada na casa de Nell. O período de uma semana, ou duas, que Lesley mencionara tinha se prolongado indefinidamente até se transformar em para sempre.

Cassandra largou o caderno quando compreendeu o que tinha acontecido. Nell assumira Cassandra sem pestanejar, lhe dera um lar e uma família. Uma mãe. E nunca, nem por um instante, deixara a neta saber dos planos que sua chegada havia interrompido.



Cassandra tirou o rosto da janela do avião, pegou o livro de contos de fadas na mala e o colocou no colo. Não sabia por que embarcara no avião com o livro. Era a ligação com Nell, supunha, pois este era o livro da maleta, o elo com o passado da avó, uma das poucas coisas que a acompanhara pelos mares até a Austrália. E também tinha a ver com o próprio livro. Exercia nela a mesma compulsão de quando tinha 10 anos e o descobrira no apartamento de Nell, no subsolo da casa. O título, as ilustrações, até mesmo o nome da autora. Eliza Makepeace. Ao pronunciá-lo baixinho, Cassandra sentiu um arrepio.

Enquanto o oceano passava lá embaixo, Cassandra abriu o livro e começou a ler uma história chamada “Os olhos da velha”, que reconheceu daquele dia quente de verão muito tempo antes.



Os olhos da velha

ELIZA MAKEPEACE

Era uma vez, numa terra que ficava muito além do mar luminoso, uma princesa que não sabia que era uma princesa, pois, quando era muito pequena, seu reino tinha sido invadido, e sua família real, assassinada. Acontece que a princesinha, neste dia, estava brincando do lado de fora dos muros do castelo e só soube do ataque quando a noite começou a cair e ela encontrou sua casa em ruínas. A princesinha vagou sozinha por algum tempo até chegar a um chalé na beira de uma floresta escura. Quando bateu à porta daquela pequena casa, o céu, enraivecido com a destruição que havia testemunhado, despejou sobre a terra uma violenta tempestade.

Dentro do chalé, morava uma velha cega que ficou com pena da menina e resolveu abrigá-la e criá-la como se fosse sua filha. Havia muito trabalho a ser feito no chalé da velha, mas a princesa nunca reclamou, porque ela era uma princesa de verdade, com um coração puro. As pessoas mais felizes são aquelas que têm trabalho a realizar, pois suas mentes se mantêm ocupadas, sem tempo para tristezas. Então a princesa cresceu feliz. Amava as estações do ano e gostava de semear e de cuidar das plantações. E, embora estivesse se transformando em uma linda moça, ela não sabia disso, porque a velha não tinha nem espelho nem vaidade, portanto a princesa não havia aprendido nada a respeito desse sentimento.

Uma noite, no décimo sexto aniversário da princesa, ela e a velha estavam sentadas à cozinha, jantando.

– O que aconteceu com seus olhos, querida senhora? – perguntou a princesa, que havia muito refletia sobre isso.

A velha virou-se para a princesa. A pele enrugada tomava conta do local onde seus olhos deveriam estar.

– Minha vista me foi tirada.

– Por quem?

– Quando eu era uma jovem donzela, meu pai me amava tanto que tirou os meus olhos para que eu nunca contemplasse morte e destruição no mundo.

– Mas, querida, você também não pode contemplar a beleza – disse a princesa, pensando no prazer que sentia ao contemplar seu jardim em flor.

– Não – respondeu a velha. – E eu gostaria muito de ver você, minha Bela, crescer.

– Não podemos procurar os seus olhos em algum lugar?

A velha sorriu com tristeza.

– Meus olhos deveriam ter sido trazidos por um mensageiro quando eu fizesse 60 anos, mas, na noite em questão, minha Bela, ele chegou junto com uma violenta tempestade e eu não pude encontrá-lo.

– Podemos ir procurá-lo agora?

A velha balançou a cabeça.

– O mensageiro não pôde esperar, e meus olhos foram levados para o poço profundo que fica na terra das coisas perdidas.

– Não podemos ir até lá?

– Infelizmente – disse a velha –, isso fica muito longe e o caminho é cheio de perigos e privações.

Aos poucos, com o passar das estações, a velha foi ficando mais fraca e pálida. Um dia, quando a princesa estava a caminho do pomar para colher maçãs para o inverno, ela encontrou a velha sentada no tronco da macieira, se lamentando. A princesa parou, espantada, pois nunca tinha visto a velha aborrecida. Parando para

escutar, percebeu que ela estava falando com um solene pássaro cinzento e branco, com a cauda colorida:

– Meus olhos, meus olhos. Meu fim está chegando e minha visão jamais será restaurada. Diga-me, sábio pássaro, como vou encontrar meu caminho no outro mundo se não posso enxergar?

Rápida e silenciosamente, a princesa retornou ao chalé, pois sabia o que tinha que fazer. A velha havia sacrificado os olhos para abrigar a princesa e agora esta bondade devia ser retribuída. Embora nunca tivesse ido além dos limites da floresta, a princesa não hesitou. Seu amor pela velha era maior do que uma montanha formada por todos os grãos de areia da praia.

A princesa acordou bem cedinho e se embrenhou na floresta, só parando ao chegar à costa. Lá ela embarcou, atravessando o vasto oceano em busca da terra das coisas perdidas.

O caminho era longo e difícil, e a princesa ficou perplexa porque a floresta da terra das coisas perdidas era muito diferente da que conhecia. As árvores eram cruéis e retorcidas, os animais, medonhos, até os cantos dos pássaros faziam a princesa estremecer. Quanto mais se assustava, mais depressa corria, até que finalmente parou, com o coração martelando em seu peito. A princesa tinha se perdido e não sabia para onde ir. Já estava se desesperando quando o solene pássaro cinzento e branco apareceu na sua frente.

– Fui enviado pela velha – disse o pássaro –, para levá-la a salvo até o poço das coisas perdidas, onde você encontrará o seu destino.

A princesa ficou muito aliviada e seguiu o pássaro, com o estômago roncando, porque ainda não encontrara comida naquela terra estranha. Algum tempo depois, viu uma velha sentada em um toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela? – perguntou a velha.

– Estou com muita fome – respondeu a princesa –, mas não sei onde encontrar comida.

A velha apontou para a floresta e, de repente, a princesa viu que havia frutinhas nas árvores e pencaas de nozes nas pontas dos galhos.

– Ah, obrigada, gentil senhora – agradeceu a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a velha –, só abri seus olhos e mostrei o que você sabia que estava ali.

A princesa continuou andando atrás do pássaro, mais satisfeita agora, contudo o tempo começou a mudar e o vento esfriou.

Passado algum tempo, a princesa encontrou outra velha sentada em um toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela?

– Estou com muito frio, mas não sei onde encontrar roupas quentes.

A velha apontou para a floresta, e, de repente, a princesa viu uma moita de roseiras silvestres com pétalas macias e delicadas. Ela se cobriu com elas e ficou bem aquecida.

– Ah, obrigada, gentil senhora – agradeceu a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a velha –, só abri seus olhos e mostrei o que você sabia que estava ali.

A princesa continuou andando atrás do pássaro cinzento e branco, mais satisfeita agora e mais aquecida do que antes, no entanto seus pés começaram a doer porque já tinha andado muito.

Passado algum tempo, a princesa encontrou uma terceira velha sentada em um toco de árvore.

– Como vai você, minha Bela?

– Estou tão cansada, mas não sei onde posso encontrar uma carruagem.

A velha apontou para a floresta, e, de repente, em uma clareira, a princesa viu um cervo marrom com uma argola dourada em volta do pescoço. O cervo piscou para a princesa, um olho escuro e pensativo, e a princesa, que era bondosa, estendeu a mão. O cervo se aproximou e abaixou a cabeça, para que ela pudesse montar.

– Ah, obrigada, gentil senhora – agradeceu a princesa.

– Eu não fiz nada – disse a velha –, a não ser abrir seus olhos e mostrar o que você sabia que estava ali.

A princesa e o cervo seguiram o pássaro cinzento e branco cada vez mais para dentro da floresta escura e, com o passar dos dias, a princesa começou a entender a linguagem delicada do cervo.

Enquanto conversavam, noite após noite, a princesa descobriu que o cervo estava fugindo de um caçador traiçoeiro, que tinha sido enviado por uma bruxa má para matá-lo. A princesa estava tão grata ao cervo por sua gentileza que resolveu mantê-lo a salvo dos seus perseguidores.

Mas boas intenções nem sempre são o bastante, e, bem cedo na manhã seguinte, a princesa acordou e viu que o cervo não estava no lugar de sempre, perto da fogueira. Na árvore ao lado, o pássaro cinzento e branco agitava-se, e a princesa se levantou depressa para segui-lo. Ao se embrenhar no bosque, ela ouviu o cervo chorando. Correu para junto dele e viu que havia uma flecha enfiada em seu flanco.

– A bruxa me encontrou – disse o cervo –, enquanto eu colhia nozes para a nossa viagem. Ordenou que os arqueiros atirassem em mim. Eu corri o mais depressa que pude, mas, quando cheguei aqui, não consegui mais.

A princesa se ajoelhou ao lado do cervo e ficou tão angustiada com o seu sofrimento que começou a chorar sobre seu corpo, e a sinceridade e a luz de suas lágrimas cicatrizaram a ferida do animal.

Nos outros dias, a princesa cuidou do cervo, e, quando a saúde dele foi restaurada, eles prosseguiram sua viagem em direção aos limites da vasta floresta. Quando saíram finalmente do meio das árvores, avistaram a costa e o mar luminoso.

– Um pouco mais ao norte – disse o pássaro –, fica o poço das coisas perdidas.

O dia terminara e a noite caía, mas as pedrinhas na praia brilhavam como prata ao luar, indicando o caminho. Eles caminharam para o norte até que, finalmente, no topo de uma rocha negra, avistaram o poço das coisas perdidas. O pássaro cinzento e branco se despediu e saiu voando, após cumprir seu dever.

Quando a princesa e o cervo chegaram ao poço, ela se virou para acariciar o pescoço do seu nobre companheiro.

– Você não pode descer até o fundo do poço comigo, querido cervo – disse ela –, pois tenho que fazer isso sozinha.

E, lançando mão de toda a coragem que tinha descoberto em si mesma durante a viagem, a princesa pulou para dentro do poço e caiu.

A princesa mergulhou em sonos e sonhos até se ver caminhando em um campo em que o sol fazia a grama brilhar e as árvores cantarem.

De repente, apareceu uma bela fada, com cabelos compridos e ondulados que brilhavam como fios de ouro e um sorriso radiante no rosto. A princesa se acalmou imediatamente.

– Você veio de muito longe, viajante cansada – disse a fada.

– Eu vim buscar os olhos de uma amiga querida. Você viu os olhos a que me refiro, linda fada?

Sem uma palavra, a fada abriu a mão e ali estavam os lindos olhos de uma donzela que não tinha visto nenhum mal no mundo.

– Pode levar – disse a fada –, mas sua velha jamais irá usá-los.

Antes que a princesa pudesse perguntar o que a fada queria dizer com aquelas palavras, ela acordou e viu que estava deitada ao lado do seu querido cervo na abertura do poço. Em suas mãos, havia um pequeno embrulho com os olhos da velha.

Durante três meses, os viajantes percorreram a terra das coisas perdidas e atravessaram o profundo mar azul, retornando à terra da princesa. Quando se aproximaram do chalé da velha, na beira da floresta escura, um caçador os fez parar e confirmou a profecia da fada. Enquanto a princesa viajava pela terra das coisas perdidas, a velha tinha ido tranquilamente para o outro mundo.

Ao ouvir isso, a princesa começou a chorar, pois sua longa viagem fora em vão, mas o cervo, que era tão sábio quanto bondoso, pediu-lhe que enxugasse as lágrimas.

– Não tem importância, porque ela não precisou dos olhos para saber quem era. Ela soube disso por causa do seu amor por ela.

E a princesa ficou tão grata ao cervo que estendeu a mão e acariciou seu rosto. Nesse instante, o cervo se transformou em um belo príncipe, e sua argola dourada, em uma coroa. Ele contou à princesa que uma bruxa má tinha lançado um feitiço contra ele,

prendendo-o no corpo de um cervo até que uma bela donzela o amasse o suficiente para sentir compaixão por ele.

Ele e a princesa se casaram e viveram felizes para sempre no chalé, com os olhos da velha zelando por eles em um jarro pousado sobre a lareira.



Londres, 1975

Ele não era exatamente másculo. Frágil, magro e curvado, com uma corcunda no meio das costas. Calça bege com manchas de gordura nos joelhos, tornozelos finos como gravetos em sapatos grandes demais, tufo de cabelo branco brotando de diversos pontos do seu lustroso couro cabeludo. Parecia um personagem de livro infantil. De um conto de fadas.

Nell afastou-se da janela e tornou a consultar o endereço em seu caderno. Lá estava ele, escrito com sua própria caligrafia ininteligível: *Sebo de livros do Sr. Snelgrove, Cecil Court, número 4, perto de Charing Cross – O maior especialista em escritores de contos de fadas e de livros raros em geral. Talvez conheça Eliza?*

Os funcionários da Biblioteca Central lhe deram o nome e o endereço dele na véspera. Não conseguiram nenhuma informação sobre Eliza Makepeace que Nell já não tivesse, mas haviam lhe dito que, se alguém podia ajudá-la, era o Sr. Snelgrove. Não era o mais sociável dos homens, porém conhecia mais sobre livros raros do que qualquer outra pessoa em Londres. Ele era tão velho, disse um dos bibliotecários mais jovem, brincando, que devia ter lido aquele livro de contos de fadas na época do lançamento.

Um vento frio soprou seu pescoço e Nell fechou mais o casaco. Com um suspiro profundo, abriu a porta.

Uma sineta soou e o velho se virou para ela. Lentes grossas refletiram a luz, brilhando como dois espelhos redondos, e orelhas enormes se equilibravam nas laterais de sua cabeça, com tufo de cabelo branco saindo de dentro delas.

Ele inclinou a cabeça e Nell, a princípio, achou que o gesto era um cumprimento – algum vestígio de boas maneiras de antigamente. Quando o

velho baixou os óculos e os olhos claros surgiram, ela percebeu que ele apenas procurava vê-la melhor.

– Sr. Snelgrove?

– Sim – respondeu em tom professoral. – Sim. Bem, entre logo, você está deixando o ar frio invadir.

Nell obedeceu e a porta se fechou. Uma pequena corrente de ar foi puxada para fora, deixando o ar quente e viciado se restabelecer.

– Nome – disse o homem.

– Nell. Nell Andrews.

Ele piscou.

– Nome – repetiu, enunciando as palavras cuidadosamente. – Do livro que você está procurando.

– É claro. – Nell tornou a consultar o caderno. – Embora eu não esteja exatamente procurando um livro.

O Sr. Snelgrove tornou a piscar lentamente, deixando clara sua impaciência.

Já estava cansado dela, percebeu Nell. Isso a pegou desprevenida, estava acostumada a ser ela a impaciente. A surpresa a fez gaguejar:

– Qu-quer dizer – hesitou, tentando se recompor –, eu já tenho o livro.

O Sr. Snelgrove respirou fundo com suas enormes narinas.

– Posso sugerir, madame, que, se já tem o livro, não precisa dos meus humildes serviços. – Um aceno. – Tenha um bom dia.

E, com isso, se afastou arrastando os pés, dirigindo sua atenção para a estante ao lado da escada.

Ela tinha sido descartada. Nell abriu a boca. Tornou a fechar. Virou-se para sair. Parou.

Não. Viera de muito longe para solucionar o mistério, e esse homem era sua melhor chance de lançar alguma luz sobre Eliza Makepeace, sobre o motivo pelo qual ela teria levado Nell para a Austrália em 1913.

Endireitando o corpo, Nell se aproximou do Sr. Snelgrove. Ela pigarreou com determinação e esperou.

Ele não virou a cabeça, apenas continuou a guardar seus livros.

– Você ainda está aqui.

– Sim – disse Nell com firmeza. – Eu vim de muito longe para lhe mostrar uma coisa e não pretendo ir embora antes de fazer isso.

– Acho, madame – rebateu ele, suspirando –, que perdeu seu tempo, assim como está me fazendo perder o meu. Não vendo artigos em consignação.

Nell ficou furiosa.

– Eu não quero vender o meu livro. Só peço que o senhor dê uma olhada nele para que eu possa ter uma opinião abalizada.

Seu rosto estava vermelho, uma sensação pouco comum. Não era dada a rubores.

O Sr. Snelgrove virou-se para examiná-la com aquele olhar frio e cansado. Alguma emoção (qual, ela não soube dizer) crispou os lábios dele. Sem dizer uma palavra e com um leve aceno, indicou um pequeno escritório atrás do balcão.

Nell entrou depressa no recinto. A concordância de Snelgrove era o tipo de pequena e rara gentileza que tinha o poder de amolecer qualquer um. Uma lágrima de alívio ameaçou brotar em seus olhos e ela enfiou a mão na bolsa com pressa para pegar um lenço velho e deter o choro. O que estava acontecendo com ela? Não era emotiva, sabia se controlar. Sempre soubera se controlar. Pelo menos até recentemente, até Doug lhe entregar a maleta e ela encontrar o livro lá dentro, com o desenho na folha de rosto. Começara a se lembrar de coisas e pessoas, como a Autora; fragmentos do seu passado, vistos através de buraquinhos no tecido de sua memória.

O Sr. Snelgrove fechou a porta de vidro e caminhou por um tapete persa coberto de uma poeira muito antiga. Ele foi andando por entre montes de livros, arrumados como um labirinto pelo chão, até que se sentou na cadeira de couro do outro lado da escrivaninha. Tirou um cigarro de um maço amassado e o acendeu.

– Bem – a palavra flutuou em uma nuvem de fumaça –, entre. Deixe-me dar uma olhada nesse seu livro.

Nell tinha embrulhado o exemplar em um pano de prato ao sair de Brisbane. Uma ideia sensata – o livro era antigo e precioso, precisava de proteção –, mas ali, na caverna dos tesouros do Sr. Snelgrove, a domesticidade que o pano indicava a deixou envergonhada.

Desamarrou o barbante e retirou o pano de xadrez vermelho e branco, resistindo ao impulso de enfiá-lo no fundo da bolsa. Entregou o livro ao Sr. Snelgrove.

Fez-se silêncio, pontuado apenas pelo tique-taque de um relógio invisível. Nell esperou ansiosamente enquanto ele virava as páginas, uma a uma.

Ainda não dissera nada.

Talvez precisasse de mais explicações.

– O que eu gostaria...

– Silêncio.

Ele ergueu a mão; o cigarro enfiado entre dois dedos ameaçava deixar cair a cinza.

As palavras de Nell ficaram presas em sua garganta. Ele era, sem dúvida, o homem mais grosseiro com quem tivera a infelicidade de conversar e, considerando a personalidade de alguns dos seus colegas do ramo de artigos de segunda mão, isso dizia muito. Entretanto, era sua melhor chance de obter a informação que queria. Não tinha escolha a não ser ficar ali sentada, muda, observando e esperando enquanto o cigarro virava cinzas.

Finalmente as cinzas se desprenderam e caíram, de leve, no chão. Juntaram-se a outros cadáveres poeirentos com a mesma morte silenciosa. Nell, que não era, absolutamente, uma dona de casa cuidadosa, estremeceu.

O Sr. Snelgrove deu uma última tragada e apagou o cigarro em um cinzeiro abarrotado. Depois do que pareceu uma eternidade, perguntou, tossindo:

– Onde foi que você achou isto?

Seria imaginação sua o tremor de interesse que sentia na voz dele?

– Ganhei de presente.

– De quem?

Como responder a isso?

– Da própria autora, eu acho. Não lembro direito, ganhei quando era criança.

Ele a observava atentamente, os lábios apertados, um pouco trêmulos.

– Já ouvi falar dele, é claro, mas confesso que nunca tinha visto um exemplar.

O livro estava em cima da mesa e o Sr. Snelgrove passou a mão de leve sobre a capa. Piscou e suspirou como um homem perdido no deserto que, finalmente, tivesse encontrado água.

Surpresa com esta mudança de atitude, Nell balbuciou:

– Então ele é raro?

– Ah, sim – disse baixinho, tornando a abrir os olhos. – Sim, excepcionalmente raro. Só tem uma edição. E as ilustrações são de Nathaniel Walker. Este deve ser um dos únicos livros que ele ilustrou. – Abriu a capa e contemplou a folha de rosto. – É um exemplar muito raro.

– E quanto à autora? O senhor sabe alguma coisa sobre Eliza Makepeace?

Nell prendeu a respiração enquanto ele franzia o velho nariz. Ousou ter esperanças.

– Ela era muito misteriosa. Consegui descobrir pouca coisa sobre ela.

O Sr. Snelgrove se levantou e contemplou desejosamente o livro antes de se virar para uma caixa de madeira, na estante atrás dele. Quando ele abriu uma das pequenas gavetas, Nell viu que estava cheia de pequenos cartões retangulares. Ele os folheou, resmungando, até retirar um.

– Aqui está. – Ele movia os lábios enquanto examinava o cartão, então começou a falar em voz alta: – Eliza Makepeace... suas histórias apareceram em várias revistas... Só publicou uma coleção – bateu com o dedo no livro de Nell – que temos bem aqui... poucos estudos sobre ela... exceto... Ah, sim!

Nell se endireitou na cadeira.

– O que foi? O que o senhor descobriu?

– Um artigo, um livro que menciona a sua Eliza. Contém uma pequena biografia, se não me engano. – Ele andou até uma estante que ia do chão ao teto. – Relativamente recente, só tem nove anos. De acordo com minhas anotações, deve estar arquivado em algum lugar... – Ele passou o dedo pela quarta prateleira, hesitou, continuou, parou. – Aqui está. – Ele resmungou ao retirar o livro e soprou a poeira que cobria a capa. Depois examinou a lombada. – *Autores de contos de fadas e de ficção do final do século XIX e início do século XX*, de autoria do Dr. Roger McNab. – Ele lambeu o dedo e procurou o sumário. – Aqui está, Eliza Makepeace, página 47.

O homem abriu o livro sobre a mesa, virando-o para Nell.

O coração dela estava disparado, a pressão em seu pulso evidente sob a pele. Ela estava quente, muito quente. Procurou a página 47 e leu o nome de Eliza no alto da página.

Finalmente, fi-nal-men-te, estava fazendo algum progresso. Era uma biografia que prometia dar corpo à única pessoa a quem ela sabia que estava, de alguma forma, ligada.

– Obrigada – disse, com um nó na garganta. – Obrigada.

O Sr. Snelgrove balançou a cabeça, sem jeito com a gratidão dela. Fez um sinal na direção do livro de Eliza.

– Suponho que você não esteja procurando um bom lar para ele, certo?

Nell sorriu de leve e balançou a cabeça.

– Não posso me separar dele. É uma herança de família.

A sineta soou. Um rapaz estava do outro lado da porta de vidro do escritório, olhando espantado para as torres de prateleiras bambas.

O Sr. Snelgrove disse:

– Bem, se você mudar de ideia, sabe onde me encontrar. – Espiando por cima dos óculos para o novo freguês, bufou: – Por que eles sempre deixam a porta aberta? – Então começou a arrastar os pés na direção da loja. – *Autores de contos de fadas e de ficção* custa 3 libras – disse ao passar pela cadeira de Nell. – Você pode ficar sentada aí e usar o local por um breve período, mas deixe o dinheiro em cima do balcão quando sair.

Nell assentiu e, quando a porta se fechou, começou a ler, com o coração disparado.

Escritora da primeira década do século XX, Eliza Makepeace é mais lembrada por seus contos de fadas, publicados regularmente em diversos periódicos entre 1907 e 1913. Costuma-se atribuir a ela a autoria de 35 histórias; entretanto, essa lista está incompleta e a verdadeira extensão da sua produção talvez nunca seja conhecida. Uma edição ilustrada dos contos de fadas de Eliza Makepeace foi publicada por Londres Hobbins and Co., em agosto de 1913. O livro vendeu bem e recebeu resenhas favoráveis. O jornal The Times descreveu as histórias como “um prazer estranho que fez este crítico reviver as sensações prazerosas e às vezes assustadoras da infância”. As ilustrações de Nathaniel Walker foram especialmente elogiadas e estão entre os seus melhores trabalhos.¹ Elas se diferenciam dos seus retratos a óleo, pelos quais é mais lembrado.

¹ Ver Thomas R. Collins, *Desenhando o passado* [Hamilton Hudson, 1959] e Reginald Coyte, *Ilustradores famosos* [Wycliffe Press, 1964].

A própria história de Eliza começou no dia 1º de setembro de 1888, quando ela nasceu, em Londres. Os registros de nascimento daquele ano indicam que ela tinha uma irmã gêmea, e seus primeiros doze anos foram vividos em um cortiço na Battersea Church Road, número 35. A linhagem de Eliza é bem mais complexa do que suas origens humildes podem sugerir. A mãe dela, Georgiana, era de uma família aristocrática da Mansão Blackhurst, na Cornualha. Georgiana Mountrachet causou um escândalo na sociedade quando, aos 17 anos, fugiu da propriedade da família com um jovem de classe social bem inferior à dela.

O pai de Eliza, Jonathan Makepeace, nasceu em Londres, em 1866, filho de um barqueiro do Tâmesa que não tinha um tostão. Era o quinto de nove filhos e cresceu nos cortiços que ficavam atrás do cais do porto de Londres. Embora a sua morte, em 1888, tenha ocorrido antes do nascimento de Eliza, as histórias que ela publicou parecem reinterpretar acontecimentos vividos por um jovem Jonathan Makepeace durante sua infância no rio. Por exemplo, em “A maldição do rio”, os mortos pendurados na forca são certamente baseados em cenas que Jonathan Makepeace deve ter testemunhado quando criança na Doca de Execução. Podemos presumir que estas histórias foram contadas a Eliza por sua mãe, Georgiana, fantasiadas talvez, e guardadas na sua memória até que começasse a escrever.

Como o filho de um barqueiro pobre de Londres conheceu a ilustre Georgiana Mountrachet e se apaixonou por ela permanece um mistério. Assim como sua fuga foi mantida em segredo, Georgiana não deixou nenhuma informação sobre eventos anteriores à sua partida. Tentativas de conhecer a verdade foram prejudicadas pelos esforços da família em abafar a história. Houve poucas notícias nos jornais e só com uma pesquisa mais aprofundada em cartas e diários será possível encontrar alguma menção ao que deve ter sido um grande escândalo na época. A ocupação mencionada no atestado de óbito de Jonathan é a de “marinheiro”, entretanto a natureza precisa do seu emprego não fica clara. É apenas especulação a sugestão deste autor de que, talvez, a vida de Jonathan no mar o tenha levado às costas rochosas da Cornualha. Talvez, na enseada da propriedade da família, a filha de lorde Mountrachet, famosa em todo o condado por sua beleza ruiva, tenha conhecido o jovem Jonathan Makepeace.

Quaisquer que tenham sido as circunstâncias do encontro, não há dúvida de que estavam apaixonados. Infelizmente, o jovem casal não teve muitos anos de felicidade. A morte súbita e um tanto inexplicável de Jonathan menos de dez meses depois da fuga deve ter sido um golpe devastador para Georgiana Mountrachet, que ficou sozinha em Londres, solteira, grávida, sem família nem recursos financeiros. Mas Georgiana não era de se deixar abater: abandonara as regras da sua classe social e, depois do nascimento dos bebês, abandonou também o nome Mountrachet. Fazia cópias para o escritório de advocacia HJ Blackwater and Associates, de Lincoln's Inn, em Holborn.

Existem algumas evidências de que a bela caligrafia de Georgiana era um dom que ela pôde expressar amplamente em sua juventude. Os diários da família Mountrachet, doados em 1950 à Biblioteca Britânica, contêm uma quantidade de programas de teatro com uma caligrafia cuidadosa e ilustrações bem-feitas. No canto de cada programa, a “artista” escreveu seu nome em letras pequenas. O teatro amador era muito popular em diversas mansões, entretanto, os programas das peças encenadas em Blackhurst nos anos 1880 aparecem com mais regularidade e seriedade do que, talvez, fosse comum.

Pouco se sabe a respeito da infância de Eliza em Londres, a não ser o endereço em que nasceu e passou seus primeiros anos de vida. Pode-se deduzir, no entanto, que sua vida foi marcada pela pobreza e pela luta pela sobrevivência. Muito provavelmente, a tuberculose responsável pela morte de Georgiana já a espreitava em meados dos anos 1890. Se a doença seguiu o curso normal, nos últimos anos dessa década a falta de ar e o cansaço a devem ter impedido de trabalhar. Sem dúvida, as contas de HJ Blackwater evidenciam este período de declínio.

Não há evidência de que Georgiana tenha buscado tratamento para sua doença, e era comum no período o medo da intervenção médica. Na Inglaterra dos anos 1880, a tuberculose tinha que ser notificada, e os médicos eram obrigados por lei a comunicar sua existência às autoridades governamentais. As pessoas pobres, com medo de serem mandadas para sanatórios (que pareciam prisões), evitavam procurar ajuda. A doença da mãe deve ter afetado muito Eliza, tanto em termos práticos quanto criativos. É quase certo que ela tivera que contribuir financeiramente para o sustento da família. As meninas na Inglaterra vitoriana eram contratadas em posições subalternas – empregadas

domésticas, vendedoras de frutas, vendedoras de flores – e a descrição de Eliza de ferros de passar roupa e baldes de água quente em alguns de seus contos de fadas sugere que ela conhecia intimamente esses trabalhos. Os seres vampirescos em “A caça às fadas” também podem refletir a crença do início do século XIX de que pessoas que sofriam de tuberculose eram vítimas de vampiros: sensibilidade à luz, olhos vermelhos e inchados, pele muito pálida e a tosse com sangue eram sintomas que alimentavam essas crenças.

Não se sabe se Georgiana fez alguma tentativa de contatar sua família depois da morte de Jonathan ou quando sua saúde se deteriorou. Entretanto, na opinião deste escritor, não parece provável. Uma carta de Linus Mountrachet para um colega, datada de dezembro de 1900, sugere que só tinha ouvido falar de Eliza, sua sobrinha de Londres, recentemente, e estava chocado ao pensar que ela havia passado uma década em condições tão terríveis. Talvez Georgiana temesse que a família Mountrachet não fosse perdoar sua fuga. Se a carta do irmão dela estiver falando a verdade, esse medo foi infundado.

Depois de passar tantos anos procurando no exterior, navegando pelos mares e revolvendo céus e terras, é terrível pensar que minha amada irmã estava tão perto e sofrendo tantas privações! Você vai ver que eu disse a verdade quando descrevi a personalidade dela. Ela não pareceu se importar com o fato de que a amamos tanto e só queríamos que ela voltasse para casa sã e salva...

Embora Georgiana nunca tenha voltado para casa, Eliza estava destinada a voltar para o seio de sua família materna. Georgiana Mountrachet morreu em junho de 1900, quando Eliza tinha 11 anos. O atestado de óbito diz que ela morreu de tuberculose aos 30 anos. Depois da morte da mãe, Eliza foi enviada para a casa da família materna na costa da Cornualha. Não se sabe como essa reunião foi realizada, mas é possível supor que, apesar dos tristes acontecimentos que a ocasionaram, para a jovem Eliza essa mudança foi um

evento bem-vindo. A mudança para a Mansão Blackhurst, uma bela propriedade cercada de jardins, deve ter sido um alívio, dando-lhe segurança depois dos perigos das ruas de Londres. Na realidade, o mar se tornou um tema recorrente de renovação e redenção em seus contos de fadas.

Sabe-se que Eliza morou com a família do seu tio materno até os 25 anos. Entretanto, depois disso, seu paradeiro permanece um mistério. Diversas teorias foram formuladas a respeito da sua vida após 1913, embora nenhuma tenha sido provada. Alguns historiadores sugerem que ela foi vítima da epidemia de escarlatina que tomou conta da costa da Cornualha em 1913. Outros, atônitos pela publicação do seu último conto de fadas, “O voo do cuco”, na revista *Literary Lives*, sugerem que ela passou seu tempo viajando, vivendo a vida de aventuras narrada nos seus contos de fadas. Essa ideia tentadora ainda precisa ser estudada mais seriamente, e, apesar dessas teorias, o destino de Eliza Makepeace, bem como a data de sua morte, continuam sendo um dos mistérios da literatura.

Existe um desenho a carvão de Eliza Makepeace, feito pelo famoso retratista eduardiano Nathaniel Walker. Encontrado depois da morte dele no meio de seus trabalhos inacabados, o desenho, intitulado *A Autora*, fica atualmente na Tate Gallery, em Londres. Embora Eliza Makepeace só tenha publicado uma coleção completa de contos de fadas, seu trabalho é rico em conteúdo sociológico e metafórico e mereceria um estudo acadêmico. Enquanto histórias iniciais, como “A criança trocada”, mostram uma forte influência da tradição europeia, as posteriores, como “Os olhos da velha”, sugerem um enfoque mais original e, ousaríamos sugerir, mais autobiográfico. Entretanto, como muitas escritoras da primeira década do século XX, Eliza Makepeace foi vítima da mudança cultural que ocorreu depois de tantos eventos marcantes (a Primeira Grande Guerra e o voto feminino, para citar apenas dois) e perdeu o interesse do público. Muitas de suas histórias se perderam durante a Segunda Grande Guerra, quando os periódicos mais obscuros da Biblioteca Britânica foram roubados. Em consequência, Eliza e seus contos de fadas são relativamente desconhecidos hoje. A obra e a própria autora parecem ter desaparecido da face da Terra, perdidos como tantos outros fantasmas das primeiras décadas do século.

Londres, 1900

No alto da loja do Sr. e da Sra. Swindell, em sua pequena casa na beira do Tâmis, havia um quartinho. Pouco mais que um armário, na verdade. Era escuro e úmido, com um cheiro de mofo (consequência natural de drenagem inadequada e da falta de ventilação). O lugar tinha paredes desbotadas que rachavam no verão e ficavam com infiltrações no inverno, e uma lareira cuja chaminé estava entupida havia tanto tempo que era até grosseria esperar que funcionasse. Entretanto, apesar de sua pobreza, o quarto em cima da loja dos Swindells era o único lar que Eliza Makepeace e seu irmão gêmeo, Sammy, conheciam, um pedacinho de abrigo e segurança em vidas destituídas de ambas as coisas. Eles haviam nascido no outono do terror em Londres, e, quanto mais velha Eliza ficava, mais tinha certeza de que este fato, acima de qualquer outro, a fizera ser como era. O Estripador foi o primeiro adversário em uma vida cheia deles.

Do que Eliza mais gostava no quartinho, na realidade, a única coisa de que gostava nele além do fato de ser um abrigo, era a fenda entre dois tijolos, acima da velha estante de pinho. Era eternamente grata à incompetência do construtor, combinada à tenacidade dos ratos locais, por aquela fenda na parede. Se deitasse de bruços na prateleira, com o olho encostado nos tijolos e a cabeça inclinada no ângulo certo, podia observar o rio. Daquele local secreto, conseguia observar, sem ser vista, o fluxo constante do dia a dia. Desse modo, Eliza conseguia ver e não ser vista. Pois, embora sua curiosidade não tivesse limites, não gostava de ser observada. Achava perigoso ser notada, acreditava que a observação era uma forma de roubo. Sabia disso porque era o que mais gostava de fazer: guardar imagens em sua mente para rever e reformular de acordo com sua vontade. Tecer

histórias, voos fantasiosos que teriam horrorizado as pessoas que lhes serviam de inspiração.

E havia tanta gente para escolher observar. A vida naquele pedaço do Tâmis nunca parava. O rio era a artéria de Londres, aumentando e diminuindo com as marés incessantes, levando e trazendo coisas boas e ruins. Embora Eliza gostasse de quando os barcos de carvão chegavam com a maré cheia, com os barqueiros levando e trazendo pessoas, com as balsas trazendo as cargas dos carvoeiros, era na maré baixa que o rio de fato ganhava vida. Quando a maré baixava o suficiente para o Sr. Hackman e seu filho começarem a dragar em busca de corpos cujos bolsos precisavam ser esvaziados; quando os catadores de lama apareciam, procurando cordas, ossos, pregos de cobre ou qualquer coisa que pudesse render algum dinheiro. O Sr. Swindell tinha seu próprio grupo de catadores e seu pedaço de lama, um quadrado fétido que protegia como se contivesse o ouro da rainha. Quem ousasse cruzar suas fronteiras poderia ter os bolsos vasculhados pelo Sr. Hackman quando a maré tornasse a baixar.

O Sr. Swindell sempre tentava convencer Sammy a entrar para o grupo dos catadores. Dizia que o menino tinha a obrigação de recompensar a caridade do seu senhorio como pudesse. Pois, embora Eliza e Sammy conseguissem juntar o suficiente para pagar o aluguel, o Sr. Swindell nunca os deixava esquecer que a liberdade deles dependia da sua boa vontade em não avisar as autoridades sobre a recente mudança em suas vidas.

– Aqueles assistentes sociais que estão sempre xeretando iam ficar muito interessados em saber que dois órfãos como vocês estão sozinhos no mundo – era o seu frequente refrão. – O certo era ter entregado vocês assim que sua mãe morreu.

– Sim, Sr. Swindell – dizia Eliza. – Obrigada, Sr. Swindell. É muita bondade sua.

– Bem, não se esqueçam disso. Vocês só estão aqui porque eu e a patroa temos bom coração. – Então, fitava-os com aquele olhar mesquinho e continuava: – Se aquele garoto, com seu faro para encontrar coisas, fosse trabalhar no meu pedaço de lama, talvez me convencesse de que vale a pena manter vocês aqui. Nunca vi um garoto com nariz melhor.

Era verdade. Sammy tinha um talento especial para encontrar tesouros. Desde pequeno, coisas bonitas pareciam se jogar a seus pés. A Sra. Swindell

dizia que era o charme dos tolos, que o Senhor velava pelos loucos e pelos tolos, mas Eliza sabia que não era verdade. Sammy não era idiota, apenas enxergava melhor do que os outros porque não perdia tempo falando. Nem uma palavra, nunca. Nem uma vez em seus 12 anos. Não precisava falar, pelo menos não com Eliza. Ela sempre sabia o que ele estava pensando e sentindo, sempre soubera. Afinal, era seu irmão gêmeo, eles eram metades de um todo.

Foi assim que soube que ele temia a lama do rio e, embora não partilhasse este medo, Eliza o compreendia. O ar ficava diferente quando você se aproximava da beira do rio. Algo no vapor que subia da água, no mergulho das aves, nos sons estranhos que soavam entre as velhas margens...

Eliza também sabia que era sua responsabilidade cuidar de Sammy, e não apenas porque a mãe lhe dissera. (Sua mãe tinha a inexplicável teoria de que um homem mau – nunca disse quem – estava à espreita, tentando encontrá-los.) Desde muito pequenos, Eliza sabia que Sammy precisava mais dela do que ela dele, mesmo antes de ele contrair a febre que quase o matou. Algo no seu jeito o deixava vulnerável. Outras crianças haviam percebido isso quando eles eram pequenos, e agora os adultos sabiam. Percebiam que ele não era igual a eles.

E ele não era mesmo. Era uma “criança trocada”, um ser mágico. Eliza sabia tudo a respeito de “crianças trocadas”. Lera sobre elas no livro de contos de fadas que havia na loja. Também tinha visto as ilustrações. Fadas e duendes que se pareciam com Sammy, com seu cabelo ruivo, pernas compridas e olhos azuis e redondos. Segundo mamãe, Sammy era diferente das outras crianças desde bebê: sua inocência, sua tranquilidade. Costumava dizer que, enquanto Eliza urrava de fome, Sammy nunca chorava. Ficava deitado escutando, como se o vento trouxesse uma linda música que ninguém além dele conseguia ouvir.

Eliza tinha conseguido convencer os senhorios de que Sammy não devia se juntar aos catadores de lama, que ficaria melhor limpando chaminés para o Sr. Suttborn. Não havia mais muitos meninos da idade de Sammy limpando chaminés, dissera, desde a promulgação das leis a respeito, e não havia ninguém que conseguisse limpar as chaminés estreitas de Kensington, a não ser o garoto magro com cotovelos pontudos, feitos para subir pelos canos escuros e sujos. Graças a Sammy, o Sr. Suttborn estava sempre com a agenda cheia, e o pagamento era garantido. Isso era melhor do que contar com a possibilidade incerta de Sammy achar algo valioso na lama.

Até então ela tinha conseguido convencer os Swindells – eles gostavam das moedas de Sammy, assim como de receber o dinheiro de sua mãe, quando ela estava viva e redigia cópias para o Sr. Blackwater –, mas Eliza não sabia por quanto tempo conseguiria convencê-los. A Sra. Swindell, especialmente, era de uma avareza extrema e gostava de fazer ameaças veladas, resmungando e falando sobre os assistentes sociais que estavam sempre atrás de lixo para varrer das ruas e mandar para o asilo, que recebia pessoas muito pobres de todas as idades em troca de trabalhos desagradáveis e árduos.

A Sra. Swindell sempre tivera medo de Sammy. Ela era o tipo de pessoa para quem o medo surgia como uma reação natural a tudo que não tinha explicação. Uma vez, Eliza a ouvira cochichar com a Sra. Barker, a esposa do carvoeiro, dizendo que soubera pela Sra. Tether, que fizera o parto dos dois, que Sammy nascera com o cordão umbilical enrolado no pescoço, que não deveria ter sobrevivido à primeira noite, que deveria ter dado o último suspiro junto com o primeiro, se não fosse por obra do mal. “Foi obra do demônio”, disse. “A mãe do menino fez um trato com ele. Basta olhar para o menino para ver isso... o modo como olha no íntimo de uma pessoa, a imobilidade do seu corpo, tão diferente dos garotos da sua idade. Sim, existe algo muito errado com Sammy Makepeace.”

Essas histórias faziam com que Eliza protegesse ainda mais ferozmente o seu gêmeo. Às vezes, à noite, quando ficava deitada na cama, escutava as brigas dos Swindells; a filha deles, Hatty, berrando. Gostava de imaginar coisas horríveis acontecendo com a Sra. Swindell – que ela poderia cair no fogo ao ferver as roupas, ou ficar presa na máquina de passar e morrer espremida, ou se afogar em um caldeirão de gordura fervente, caindo de cabeça lá dentro, com as pernas magras esticadas para fora...

Bastava falar no mal e ele aparecia. Na esquina da Battersea Church Road, com a bolsa cheia de coisas roubadas, surgiu a Sra. Swindell. Voltava para casa depois de passar o dia caçando meninas com vestidos bonitos. Eliza se afastou da fenda na parede e deslizou pela prateleira, usando a beirada da chaminé para descer.

Era tarefa de Eliza lavar os vestidos que a Sra. Swindell trazia para casa. Às vezes, quando os fervia, Eliza imaginava o que aquelas meninas pensavam quando viam a Sra. Swindell agitando a cesta de doces para elas, a cesta cheia de

pedacinhos de vidro colorido. Não que as meninas se aproximassem o suficiente para perceber o truque. Não havia perigo. Assim que ficava sozinha com elas no beco, a Sra. Swindell arrancava seus vestidos tão depressa que não tinham tempo nem de gritar. Provavelmente tinham pesadelos depois, pensou Eliza, como seus pesadelos sobre Sammy preso na chaminé. Sentia pena das meninas – a perseguição da Sra. Swindell era uma coisa assustadora –, mas a culpa era delas. Não deviam ser tão gulosas, sempre querendo mais do que já tinham. Eliza nunca deixava de se espantar com o fato de que meninas bem-nascidas, com elegantes carrinhos de bebê e vestidos de renda caíssem nas mãos da Sra. Swindell por algo tão sem valor quanto um saco de doces. Tinham sorte de perder apenas um vestido e um pouco da paz de espírito. Havia coisas piores a perder nos becos escuros de Londres.

Lá embaixo, a porta da frente bateu.

– Onde você está, menina?

A voz subiu pela escada, cheia de maldade. O coração de Eliza quase parou: a caçada não tinha sido boa, uma péssima notícia para os moradores do número 35 da Battersea Church Road.

– Venha preparar a ceia se não quiser levar uma surra.

Eliza desceu a escada correndo e entrou na loja. Seu olhar percorreu rapidamente as silhuetas escuras, uma coleção de garrafas e caixotes reduzidos a estranhas formas geométricas pela luz fraca. Ao lado do balcão, uma dessas formas se movia. A Sra. Swindell estava agachada como um caranguejo da lama, vasculhando a bolsa, examinando diversos vestidos enfeitados de renda.

– Bem, não fique aí parada de boca aberta como aquele idiota do seu irmão. Acenda o lampião, garota estúpida.

– O ensopado está no fogo, Sra. Swindell – disse Eliza, correndo para acender o lampião. – E os vestidos estão quase secos.

– Ainda bem. Todo dia eu saio, tentando ganhar uns trocados, e tudo o que você tem a fazer é lavar vestidos. Às vezes acho que seria melhor se eu mesma fizesse isso, se me livrasse de você e do seu irmão. – Ela bufou, zangada, e se sentou em sua cadeira. – Bem, venha até aqui e tire os meus sapatos.

Enquanto Eliza estava ajoelhada no chão, tirando as botas apertadas, a porta tornou a se abrir. Era Sammy, todo sujo. Sem dizer nada, a Sra. Swindell estendeu a mão e fez um sinal com o dedo.

Sammy enfiou a mão no bolso da frente do macacão e tirou duas moedas de cobre, colocando-as no devido lugar. A Sra. Swindell fitou-os desconfiada antes de chutar Eliza com o pé suado e se encaminhar para o cofre. Com um olhar de soslaio por cima do ombro, tirou a chave de dentro da blusa e abriu o cofre. Guardou as novas moedas junto com as outras, estalando os lábios enquanto calculava o total.

Sammy foi para perto do fogão e Eliza pegou duas tigelas. Eles nunca comiam com os Swindells. Não era correto, dizia a Sra. Swindell, que os dois pensassem que faziam parte da família. Eles eram muito mais empregados do que locatários. Eliza começou a servir o ensopado, passando-o por uma peneira, como a Sra. Swindell queria: não valia a pena desperdiçar a carne com dois ingratos.

– Você está cansado – cochichou Eliza. – Começou muito cedo hoje.

Sammy balançou a cabeça, não gostava que se preocupassem com ele.

Eliza olhou para a Sra. Swindell, para ter certeza de que ela ainda estava de costas antes de deixar cair um pequeno pedaço de carne na tigela de Sammy.

Ele sorriu de leve, um sorriso cansado, seus olhos encontrando os de Eliza. Ao vê-lo assim, com os ombros curvados de cansaço pelo trabalho pesado do dia, com o rosto sujo de fuligem da chaminé dos homens ricos, grato pelo pedacinho de carne dura, dava vontade de abraçá-lo com força e nunca mais soltá-lo.

– Ora, ora... Que bela situação – disse a Sra. Swindell, fechando o cofre. – O pobre do Sr. Swindell lá fora na lama, procurando os tesouros que põem comida em suas bocas ingratas – balançou o dedo na direção de Sammy –, enquanto um jovem como você vive de graça na casa dele. Isso não está certo, estão ouvindo? Não está nada certo. Quando os assistentes sociais voltarem, vou lhes dizer isso.

– O Sr. Suttborn tem mais trabalho para você amanhã, Sammy? – perguntou Eliza depressa.

Sammy assentiu.

– E depois de amanhã?

Ele tornou a assentir.

– São duas moedas a mais esta semana, Sra. Swindell.

Ah, como ela conseguiu deixar sua voz dócil!

Mas não adiantou nada.

– Insolência! Como você ousa responder? Se não fosse por mim e pelo Sr. Swindell, vocês dois estariam esfregando o chão do asilo.

Eliza prendeu a respiração. Uma das últimas coisas que sua mãe fizera fora obter uma promessa da Sra. Swindell de que Sammy e Eliza poderiam continuar morando na casa desde que pagassem o aluguel e contribuíssem para as despesas da casa.

– Mas, Sra. Swindell – disse Eliza cautelosamente –, mamãe disse que a senhora prometeu...

– Prometi? Prometi? – Bolhas de saliva formaram-se nos cantos de sua boca. – Vou dizer o que prometi. Prometi dar uma surra em vocês até não poderem mais se sentar. – Ela se levantou e pegou uma tira de couro que estava pendurada ao lado da porta.

Eliza ficou firme, embora seu coração estivesse disparado.

A Sra. Swindell se aproximou, depois parou, com um sorriso cruel. Sem uma palavra, virou-se para Sammy.

– Você – ordenou ao menino. – Venha até aqui.

– Não – disse Eliza depressa, olhando para Sammy. – Não, me desculpe, Sra. Swindell. Fui insolente, a senhora tem razão. Eu... Eu vou compensar a senhora por isso. Amanhã vou limpar a loja, esfregar a escada da frente, vou...

– Limpar o banheiro e tirar os ratos do sótão.

– Sim. – Eliza balançava a cabeça. – Tudo isso.

A Sra. Swindell esticou a tira diante dela, um horizonte de couro. Olhou para Eliza e para Sammy. Finalmente tornou a pendurar a tira de couro ao lado da porta.

Foi um alívio imenso.

– Obrigada, Sra. Swindell.

Com a mão um pouco trêmula, Eliza entregou a tigela de ensopado para Sammy e pegou a concha para se servir.

– Pode parar – interveio a Sra. Swindell.

Eliza a encarou.

– Você – disse a Sra. Swindell, apontando para Sammy. – Limpe as garrafas novas e arrume-as na prateleira. Nada de ensopado antes de terminar. – Então virou-se para Eliza. – E você, menina, suba e desapareça da minha frente. – Seus

lábios tremeram. – Você vai ficar sem comer esta noite. Não tenho a intenção de alimentar uma rebelião.



Quando era menor, Eliza gostava de imaginar que seu pai ia aparecer um dia para salvá-los. Depois de mamãe e o Estripador, papai, o Valente, era a melhor história de Eliza. Às vezes, quando seus olhos estavam doendo de ficar encostados nos tijolos, ela se deitava de costas na prateleira e imaginava o charmoso pai. Dizia a si mesma que mamãe estava enganada, que ele não tinha se afogado e, sim, que fora enviado em uma importante missão e um dia voltaria para salvá-los dos Swindells.

Embora soubesse que aquilo era uma fantasia, com tanta probabilidade de acontecer quanto o surgimento de fadas e duendes pelos tijolos da lareira, o prazer que sentia ao imaginar a volta dele não diminuía. Ele chegaria à porta da casa dos Swindells em um cavalo, como ela sempre imaginara. Montado no animal, não em uma carruagem, em um cavalo preto com uma crina brilhante, pernas longas e musculosas. E todo mundo na rua ia parar o que estivesse fazendo para admirar aquele homem, seu pai, elegante na roupa preta de montaria. A Sra. Swindell, com seu rosto feio e mesquinho, ia espiar por cima do varal, por cima dos vestidos bonitos roubados naquela manhã, e chamaria a Sra. Barker para ver tudo o que estava acontecendo. E elas saberiam que aquele era o pai de Eliza e Sammy, e que tinha vindo salvá-los. Que os levaria a cavalo até o rio, onde seu navio estaria esperando, e viajaria com eles pelo oceano até lugares distantes, com nomes que ela nunca ouvira falar.

Às vezes, nas raras ocasiões em que conseguia convencer a mãe a contar histórias, ela tinha falado do oceano. Porque sua mãe o vira com os próprios olhos, portanto podia enfeitar suas histórias com sons e cheiros que eram mágicos para Eliza – ondas quebrando e ar salgado; finos grãos de areia brancos (e não escuros como os sedimentos da lama do rio). Mas não era sempre que mamãe concordava em contar histórias. Em geral, as desaprovava, especialmente a de papai, o Valente.

– Você precisa aprender a diferença entre fantasia e realidade, minha Liza – dizia. – Contos de fadas têm o hábito de terminar muito antes do verdadeiro desfecho. Eles nunca mostram o que acontece depois que o príncipe e a princesa saem da página cavalgando.

– Como assim, mamãe? – perguntava Eliza.

– O que acontece quando precisam encontrar seu caminho, ganhar dinheiro e escapar das maldades do mundo.

Eliza nunca entendeu. Aquilo parecia irrelevante, embora não dissesse isso para a mãe. Eles eram príncipes e princesas, não precisavam encontrar seu caminho, só deveriam ir até seu castelo mágico.

– Você não deve esperar que alguém venha salvá-la – continuava mamãe, com um olhar distante. – Uma moça que espera ser salva nunca aprende a se salvar. Mesmo que tenha os meios, não terá a coragem. Não seja assim, Eliza. Você precisa achar coragem, precisa aprender a se salvar, a nunca contar com os outros.

Sozinha no quartinho do andar de cima, fervendo de ódio da Sra. Swindell e de raiva de sua própria impotência, Eliza engatinhou para dentro da lareira quebrada. Com cuidado, vagarosamente, enfiou a mão bem no alto, tocou o tijolo solto, retirou-o do lugar. Na pequena cavidade embaixo dele, seus dedos tocaram na tampa do pote de mostarda, sentindo sua superfície lisa e suas extremidades arredondadas. Tomando cuidado para não fazer barulho e despertar a atenção da Sra. Swindell, Eliza retirou-o.

O pote tinha sido da sua mãe, que o guardara em segredo durante anos. Dias antes de morrer, em um raro momento de lucidez, ela contara a Eliza sobre o esconderijo. Mandou-a apanhar o pote de cerâmica e Eliza obedeceu: levou-o até a cama da mãe com os olhos arregalados de surpresa ante aquele misterioso objeto.

O suspense fez seus dedos formigarem enquanto esperava que a mãe o abrisse. Seus movimentos estavam desajeitados nos últimos dias e a tampa do pote estava grudada na cera. Finalmente ele se partiu na base.

Eliza abriu a boca de susto. Dentro do pote, havia um broche tão bonito que a Sra. Swindell teria se emocionado ao vê-lo. Era do tamanho de uma moeda, com a borda cravejada de pedras vermelhas e verdes e de um branco cintilante.

O primeiro pensamento de Eliza foi que o broche fora roubado. Não podia imaginar a mãe fazendo uma coisa dessas, mas de que outro modo conseguiria um tesouro tão precioso? De onde ele teria vindo?

Tantas perguntas e, entretanto, ela não conseguiu dizer nada. E não teria adiantado: mamãe não estava escutando. Apenas contemplava o broche com uma expressão que Eliza nunca tinha visto.

– Este broche é muito precioso para mim. Muito precioso.

A mãe pôs o broche na mão de Eliza, quase como se não pudesse mais tolerar tocar nele.

O pote era liso e frio. Eliza não soube como reagir. Ao broche, à estranha expressão da mãe... foi tudo tão súbito.

– Você sabe o que é isso, Eliza?

– Um broche. Já vi damas elegantes usando.

Mamãe sorriu de leve e Eliza achou que tinha dado a resposta errada.

– Ou talvez um pingente? Que se soltou da corrente?

– Você acertou da primeira vez. É um broche, um tipo especial de broche. – Ela juntou as mãos. – Você sabe o que tem atrás do vidro?

Eliza olhou para o desenho vermelho e dourado.

– Uma tapeçaria?

Mamãe tornou a sorrir.

– De certa forma, sim, mas não do tipo feito de fios.

– Mas eu posso ver os fios, trançados para formar uma corda.

– São fios de cabelo, Eliza, tirados das mulheres da minha família. Da minha avó, da mãe dela, e assim por diante. É uma tradição. Isto se chama “broche de luto”, porque nos faz lembrar das pessoas que perdemos. Das pessoas que vieram antes de nós e que nos tornaram quem somos.

Eliza balançou a cabeça com seriedade, consciente de que tinha ouvido uma confidência muito especial.

– O broche vale muito dinheiro, mas nunca tive coragem de vendê-lo. Fui vítima do meu sentimentalismo, mas isso não a deve impedir.

– Como assim, mamãe?

– Eu não estou bem, minha filha. Em breve você vai ter que tomar conta de si mesma e do Sammy. Talvez seja necessário vender o broche.

– Ah, não, mamãe.

– Talvez seja necessário, e você é que deverá decidir. Não se guie pela minha relutância, está ouvindo?

– Sim, mamãe.

– Se você precisar vendê-lo, Eliza, faça isso com muito cuidado. Ele não pode ser vendido oficialmente, não pode haver nenhum registro.

– Por que não?

Sua mãe a encarou e Eliza reconheceu aquele olhar. Ela própria olhara assim para Sammy muitas vezes quando estava decidindo quanto podia ser franca.

– Porque minha família iria descobrir. – Eliza ficou calada; a família de mamãe, assim como seu passado, raramente era mencionada. – Eles devem ter comunicado o roubo do broche.

Eliza ergueu as sobrancelhas.

– Um erro, minha filha, porque ele é meu. Minha mãe me deu quando completei 16 anos, e ele estava na minha família muito antes disso.

– Se ele é seu, mamãe, por que ninguém pode saber que ele está com você?

– Uma venda dessas indicaria onde estamos, e isso não pode acontecer. – Segurou as mãos de Eliza, os olhos muito abertos, o rosto pálido e fraco do esforço de falar. – Está entendendo?

Eliza assentiu, tinha entendido. Isto é, tinha entendido mais ou menos. Mamãe estava preocupada com o homem mau, aquele sobre o qual os alertara a vida toda. Que podia estar em qualquer lugar, à espreita, esperando para agarrá-los. Eliza sempre amara essas histórias, embora a mãe nunca tivesse dado detalhes suficientes para saciar sua curiosidade. Ficava a cargo de Eliza enfeitar os alertas, dar ao homem um olho de vidro, uma cesta de cobras, um lábio que se entortava quando ele ria maldosamente.

– Quer que eu vá buscar seu remédio, mamãe?

– Você é uma boa menina, Eliza, uma boa menina.

Eliza pôs o pote na cama ao lado da mãe e foi buscar o frasquinho de láudano. Quando voltou, a mãe estendeu a mão para acariciar a mecha de cabelo que tinha se soltado da trança de Eliza.

– Tome conta de Sammy – disse ela. – E tome conta de si mesma. Lembre-se sempre de que, com força de vontade, até os fracos conseguem exercer grande poder. Você precisa ser corajosa quando eu... Se alguma coisa me acontecer.

– É claro, mamãe, mas não vai acontecer nada com você.

Eliza não acreditava nisso, nem sua mãe. Todo mundo sabia o que acontecia com quem tinha tuberculose.

Mamãe tomou um gole do remédio, depois se deitou de volta no travesseiro, exausta com o esforço. Seu cabelo ruivo se espalhava em volta dela, revelando o pescoço pálido com uma única cicatriz, a linha fina que nunca desapareceu e que tinha inspirado a história de Eliza sobre o encontro da mãe com o Estripador – outra história que nunca deixou sua mãe escutar.

Com os olhos ainda fechados, a mãe falou baixinho, em frases curtas e rápidas:

– Minha Eliza, só vou dizer isto uma vez. Se ele a achar e você precisar fugir, então, e só então, pegue o pote. Não vá ao Christie's, não vá a nenhum grande leiloeiro. Eles têm registros. Vá até a esquina e pergunte na casa do Sr. Baxter. Ele vai dizer onde você poderá encontrar o Sr. John Picknick. O Sr. Picknick saberá o que fazer. – As pálpebras dela tremeram com o esforço.

– Você entendeu?

– Sim, mamãe. Entendi.

– Até então, esqueça que ele existe. Não toque nele, não o mostre para Sammy, não conte a ninguém. E... Eliza?

– Sim, mamãe?

– Tome muito cuidado com o homem de quem falei.



Eliza havia mantido sua palavra. Quase sempre. Pegara o pote apenas duas vezes, só para olhar. Para passar os dedos pelo broche, como sua mãe fizera, para sentir sua magia e seu poder, antes de fechar rapidamente a tampa e selá-la com cera de vela, guardando-o de volta no lugar.

E, embora o tirasse do esconderijo naquele momento, não fora para olhar o broche da mãe. Eliza tinha dado sua contribuição para o pote de cerâmica. Lá dentro estava seu próprio tesouro, algo que ela guardava para o futuro.

Eliza tirou lá de dentro a bolsinha de couro e a apertou, buscando forças na sua solidez. Era um objeto que Sammy encontrara na rua e lhe dera. O brinquedo de alguma criança rica, perdido e esquecido, encontrado e ressuscitado. Eliza o

escondera desde o começo. Sabia que, se os Swindells o vissem, seus olhos brilhariam e eles o poriam na loja. E ela queria aquela bolsa mais do que tudo. Tinha sido um presente e era dela. Não havia muita coisa de que pudesse dizer o mesmo.

Algumas semanas depois, encontrou um uso para a bolsa, como um esconderijo para suas moedas secretas, aquelas que os Swindells desconheciam, pagas a ela por Matthew Rodin, o caçador de ratos. Eliza tinha habilidade para pegar ratos, embora não gostasse disso. Os ratos só estavam tentando sobreviver, afinal; era o melhor que podiam fazer em uma cidade que não favorecia os fracos e tímidos. Tentava não pensar no que mamãe diria – ela sempre teve um fraco por animais – e convencia a si mesma de que não tinha muita escolha. Se ela e Sammy quisessem ter alguma chance, precisavam de dinheiro, um dinheiro que os Swindells não notassem.

Eliza sentou-se na beirada da lareira, com o pote de cerâmica no colo, e limpou as mãos no avesso do vestido. Não podia limpá-las em um lugar que a Sra. Swindell visse. Era perigoso despertar a curiosidade dela.

Quando ficou satisfeita, abriu a bolsinha, afrouxou a fita de seda e alargou delicadamente a abertura. Espiou lá dentro.

“Tome conta de Sammy”, dissera mamãe. “E tome conta de si mesma.” Era isso que Eliza pretendia fazer. Dentro da bolsa havia quatro moedas. Com mais duas, teria o suficiente para comprar cinquenta laranjas. Era tudo que precisava para se tornar uma vendedora de laranjas. Com as moedas que ganhasse, compraria mais laranjas e então eles teriam seu próprio dinheiro, seu próprio negócio. Estariam livres para procurar um novo lugar para morar, onde ficariam seguros, sem os olhares vigilantes, vingativos, dos Swindells. Viveriam longe da ameaça constante de serem entregues para os assistentes sociais e mandados para o asilo.

Passos no corredor.

Eliza guardou as moedas de volta na bolsinha, apertou a fita e a colocou dentro do pote. Com o coração disparado, tornou a colocar o pote na chaminé; podia selá-lo mais tarde. Bem na hora, correu para a cama e ficou ali sentada, o retrato da inocência.

A porta se abriu e Sammy apareceu, ainda sujo de fuligem. Parado à porta, com uma única vela bruxuleando na mão, parecia tão magro que Eliza pensou

que fosse uma ilusão de ótica. Ela sorriu para ele, que se aproximou dela, enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena batata roubada da despensa da Sra. Swindell.

– Sammy! – ralhou Eliza, pegando a batata. – Você sabe que ela conta tudo. Vai saber que foi você quem a tirou.

Sammy deu de ombros, começando a lavar o rosto na vasilha de água ao lado da cama.

– Obrigada – agradeceu ela, guardando a batata na cesta de costura quando ele não estava olhando.

Ela a devolveria de manhã.

– Está esfriando – disse ela, tirando o avental e ficando só de combinação. – Esfriou cedo este ano.

Deitou-se na cama, tremendo debaixo do cobertor fino.

Só de short e camiseta, Sammy se deitou ao lado dela. Os pés deles estavam gelados e ela tentou aquecê-los com os seus.

– Quer que eu conte uma história?

Ela sentiu a cabeça dele se movendo, o cabelo dele roçando o seu rosto quando ele assentiu. Então começou a contar sua história favorita: “Era uma vez, quando a noite estava fria e escura, e as ruas, vazias, os bebês gêmeos de uma jovem princesa se mexiam e chutavam dentro da sua barriga. A princesa ouviu passos atrás de si e soube imediatamente quem era o homem mau que a estava perseguindo...”

Eliza já vinha contando esta história havia anos, embora não quando sua mãe estava perto. A mãe teria dito que Eliza deixava Sammy nervoso com suas histórias fantasiosas. Não entendia que as crianças não têm medo de histórias; que suas vidas estão cheias de coisas muito mais assustadoras do que as narradas nos contos de fadas.

A respiração do irmão se normalizou e Eliza percebeu que ele tinha adormecido. Interrompeu a história e pegou a mão dele. Estava tão fria, tão magra, que ela sentiu o estômago contrair de medo. Apertou mais a mão dele, prestando atenção em sua respiração.

– Vai ficar tudo bem, Sammy – murmurou, pensando na bolsinha de couro, no dinheiro lá dentro. – Vou me encarregar disso, eu prometo.

Londres, 2005

A filha de Ben, Ruby, estava aguardando Cassandra quando ela chegou a Heathrow. Uma mulher gorda, de mais de 50 anos, com um rosto animado e cabelo grisalho. Tinha uma energia que parecia deixar o ar carregado em volta dela; o tipo de pessoa que todos notavam. Antes que Cassandra pudesse expressar sua surpresa por aquela estranha estar no aeroporto à sua espera, Ruby já tinha agarrado a mala de Cassandra, posto o braço em volta dos seus ombros e a conduzido pelas portas de vidro que davam no estacionamento enfumaçado.

O carro dela era velho e o interior cheirava a almíscar e ao equivalente químico de uma flor que Cassandra não conseguiu identificar. Depois que ambas se sentaram e colocaram os cintos de segurança, Ruby pegou um pacote de balas da bolsa e ofereceu a Cassandra, que escolheu uma bala marrom, branca e preta.

– Sou viciada – confessou Ruby, enfiando uma bala cor-de-rosa na boca e a abrigando na bochecha. – Seriamente viciada. Às vezes nem acabei de chupar uma e já estou pondo outra na boca. – Mastigou-a ferozmente e depois a engoliu. – Bem, a vida é curta demais para moderação, você não acha?

Embora já fosse tarde, as ruas estavam cheias. Os carros transitavam velozmente pelo asfalto, que refletia o brilho alaranjado dos postes de luz. Enquanto Ruby dirigia com rapidez, só pisando no freio quando era absolutamente necessário, Cassandra olhava pela janela, desenhando mentalmente os círculos concêntricos dos movimentos arquitetônicos de Londres. Gostava de imaginar as cidades assim. Uma corrida da periferia para o centro era como viajar em uma cápsula do tempo para o passado. Os modernos hotéis próximos ao aeroporto e as ruas largas estreitavam-se em vielas de casas

humildes, depois em quarteirões de mansões, chegando, finalmente, ao coração de construções vitorianas.

Ao se aproximarem do centro de Londres, Cassandra pensou que era melhor dizer a Ruby o nome do hotel que reservara por duas noites antes de partir para a Cornualha. Procurou na bolsa a pasta de plástico onde tinha guardado os documentos de viagem.

– Ruby, estamos perto de Holborn?

– Holborn? Não. Fica do outro lado da cidade. Por quê?

– Meu hotel é lá. Posso pegar um táxi, claro, não precisa me levar até lá.

Ruby fitou-a por tanto tempo que Cassandra ficou preocupada por ela não estar com os olhos na estrada.

– Hotel? Acho que não. – Ela trocou de marcha, freando a tempo de evitar uma colisão com uma van azul à frente. – Você vai ficar na minha casa e não adianta protestar.

– Não, não – disse Cassandra, com o clarão do metal azul ainda reluzindo em sua mente. – Não posso aceitar, é muito trabalho. – Começou a relaxar a mão, que agarrava a maçaneta da porta. – Além disso, não dá mais tempo de cancelar minha reserva.

– Sempre dá tempo. Deixe que eu faço isso. – Ruby tornou a olhar para Cassandra, com o cinto de segurança espremendo seu peito farto de tal maneira que ele quase pulava para fora da blusa. – E não é nenhum trabalho. Já preparei uma cama para você e estou encantada com sua visita. – Ela sorriu. – Papai me esfolaria viva se soubesse que eu mandei você para um hotel!

Quando chegaram a South Kensington, Ruby estacionou o carro em um espaço minúsculo e Cassandra prendeu a respiração, sem fala diante da confiança daquela mulher.

– Aqui estamos. – Ruby tirou a chave da ignição e fez um gesto na direção de um prédio branco do outro lado da rua. – Lar, doce lar.

O apartamento era minúsculo. Ficava no fundo do prédio eduardiano, no alto de dois lances de escada e atrás de uma porta amarela. Possuía apenas um quarto, um pequeno banheiro e uma pequena cozinha anexa à sala de estar. Ruby tinha arrumado o sofá para que Cassandra dormisse ali.

– Só três estrelas, sinto dizer – comentou. – Vou compensar no café da manhã.

Cassandra olhou meio sem jeito para a diminuta cozinha e Ruby deu uma gargalhada que agitou sua blusa verde-limão. Ela enxugou os olhos.

– Não, não. Não pretendo cozinhar. Por que se preocupar com isso quando outra pessoa pode fazer algo muito melhor? Vou levar você ao café da esquina. – Pôs a chaleira no fogo. – Quer um chá?

Cassandra sorriu. O que queria mesmo era relaxar seus músculos faciais, que ainda ostentavam aquele sorriso amarelo. Talvez fosse por ter passado um tempo tão acima da superfície da Terra ou por causa de suas tendências antissociais, mas estava despendendo todas as suas energias para manter as aparências. Uma xícara de chá significaria pelo menos mais vinte minutos de sorrisos, acenos e respostas às perguntas incessantes de Ruby. Pensou, com certa culpa, no quarto de hotel do outro lado da cidade. Então viu que Ruby já estava pondo os saquinhos nas xícaras.

– É uma ótima ideia.

– Pronto – disse Ruby, entregando uma xícara fumegante a Cassandra.

Ela se sentou na outra ponta do sofá e abriu um sorriso radiante, enquanto uma nuvem com perfume de almíscar subia à sua volta.

– Não seja tímida – falou, indicando o açucareiro. – E, enquanto isso, você pode me contar tudo a seu respeito. Que coisa fantástica, esta casa na Cornualha.



Depois que Ruby foi finalmente para a cama, Cassandra tentou dormir. Estava cansada. Cores, sons, formas, tudo se misturava à sua volta, mas o sono não vinha. Imagens e conversas passavam rapidamente pela sua cabeça, uma corrente sem fim de pensamentos e sensações esparsas: Nell e Ben, o estande de antiguidades, sua mãe, a viagem, o aeroporto, Ruby, Eliza Makepeace e seus contos de fadas...

Finalmente, desistiu de dormir. Afastou as cobertas e se levantou. Seus olhos se acostumaram à escuridão e conseguiu ir até a única janela do apartamento. O parapeito largo se projetava sobre o aquecedor e, se Cassandra abrisse as cortinas poderia se sentar nele, com as costas apoiadas em uma parede e os pés tocando a outra. Ela se inclinou para a frente e olhou para fora, para os jardins vitorianos

com seus muros de pedra cobertos de hera, para a rua que ficava do outro lado. O luar iluminava silenciosamente o chão lá embaixo.

Embora já fosse quase meia-noite, Londres não estava escura. Cidades como Londres nunca ficavam às escuras, pensou. O mundo moderno tinha matado a noite. Antes devia ser muito diferente, uma cidade à mercê da natureza. Uma cidade em que a noite deixava as ruas escuras como breu e o ar enevoadado: a Londres de Jack, o Estripador.

Aquela era a Londres de Eliza Makepeace, a Londres que Cassandra conhecera ao ler o caderno de Nell, com ruas cobertas de neblina, tomadas por cascos de cavalos e lampiões que se materializavam e tornavam a desaparecer na névoa.

Olhando para o beco estreito atrás do apartamento de Ruby, podia até imaginá-los: cocheiros fantasmagóricos atijando seus cavalos assustados pelas ruas movimentadas, empoleirados no alto de suas carruagens. Vendedores de rua e meretrizes, policiais e ladrões...

Londres, 1900

A névoa estava densa e amarela. Surgiu de repente, vinda da superfície do rio e se espalhando pelas ruas, ao redor das casas, por baixo das portas. Eliza olhava pela fenda entre os tijolos. Sob seu manto silencioso, casas, lampiões e paredes se transformavam em sombras monstruosas, balançando-se para a frente e para trás ao sabor da neblina.

A Sra. Swindell tinha lhe deixado uma trouxa de roupa para lavar, mas, na opinião de Eliza, não adiantava lavar nada com aquela névoa – o que era branco estaria cinzento no final do dia. Dava no mesmo pendurar a roupa molhada, sem lavar, e foi o que fez. Isso economizaria sabão, além do tempo de Eliza. Porque ela tinha coisas melhores a fazer quando havia neblina, o clima perfeito para se esconder e espionar.

O Estripador era uma de suas brincadeiras favoritas. No começo, brincava sozinha, mas, com o tempo, ensinara as regras a Sammy e agora eles se revezavam, fazendo os papéis de mamãe e do Estripador. Eliza não conseguia decidir qual dos papéis preferia. Talvez o Estripador, pensava às vezes, por causa do seu poder. Sua pele ficava arrepiada de um prazer culpado quando se aproximava sorrateiramente de Sammy, abafando um risinho enquanto se preparava para agarrá-lo...

Também havia algo de sedutor em fazer o papel de sua mãe. Em caminhar depressa, cautelosamente, recusando-se a olhar por cima do ombro, recusando-se a sair correndo, tentando manter distância dos passos atrás dela, enquanto as batidas do seu coração ficavam tão altas que abafavam os passos e a deixavam indefesa.

Embora os Swindells estivessem ocupados saqueando as ruas (a neblina era uma dádiva para os moradores do rio que ganhavam a vida com atividades inescrupulosas), Eliza desceu a escada silenciosamente, evitando o chiado do quarto degrau. Sarah, a garota que tomava conta da filha dos Swindells, Hatty, era do tipo que gostava de puxar o saco dos patrões fazendo queixa de Eliza.

Quando chegou ao último degrau, Eliza examinou os cantos escuros da loja. A neblina havia entrado por entre os tijolos e se estendido pelo cômodo, cobrindo os expositores e formando uma nuvem amarela ao redor do lampião. Sammy estava no fundo, sentado em um banquinho, limpando garrafas. Parecia pensativo. Eliza reconheceu, pela feição do rosto, que o irmão estava com os pensamentos bem distantes.

Com um olhar para confirmar que Sarah não estava por perto, Eliza se aproximou silenciosamente dele.

– Sammy! – cochichou.

Nada, ele não tinha ouvido.

– Sammy!

O joelho dele parou de balançar e sua cabeça apareceu por cima do balcão. Seu cabelo liso deslizou para o lado.

– Tem neblina lá fora.

Seu rosto sem expressão refletiu a obviedade desta informação. Ele deu de ombros.

– Neblina espessa como mingau, os lampiões da rua quase desapareceram. Perfeito para o Estrupador.

Isso despertou a atenção de Sammy. Ele ficou parado por um momento, pensando, depois balançou a cabeça. Apontou para a cadeira do Sr. Swindell com sua almofada suja, marcada pelos ossos das costas que a pressionavam, noite após noite, quando ele voltava da taverna.

– Ele não vai saber que nós saímos. Ainda vão levar horas para voltar.

Sammy tornou a balançar a cabeça, desta vez com menos convicção.

– Eles vão ficar ocupados a tarde inteira, não vão perder a oportunidade de ganhar mais uns trocados.

Eliza sabia que o estava convencendo. Afinal, ele era parte dela, e ela sempre fora capaz de ler os pensamentos dele.

- Vamos, não vamos demorar. Vamos só até a beira do rio e depois voltamos.
– Quase lá, quase lá. – Você pode escolher quem você quer ser.

Isso foi o suficiente, como ela bem sabia. Os olhos escuros de Sammy fitaram os dela.

Ele levantou a mão fechada, como se estivesse empunhando uma faca.



Enquanto Sammy ficava parado perto da porta, esperando os dez segundos de vantagem dados para quem fizesse o papel de mamãe, Eliza se afastou. Passou por baixo do varal da Sra. Swindell, rodeou a carroça do trapeiro e se dirigiu para o rio. Seu coração martelava de tanta animação. Era deliciosa aquela sensação de perigo. Arrepios de medo percorriam sua pele enquanto avançava, abrindo caminho no meio de pessoas, carroças, cachorros, carrinhos de bebê, todos encobertos pela neblina. O tempo todo seus ouvidos estavam atentos ao som de passos atrás dela, cada vez mais próximos, prestes a alcançá-la.

Ao contrário de Sammy, Eliza amava o rio. Ele a fazia sentir-se perto do pai. Sua mãe não gostava de falar do passado, mas tinha lhe contado que o pai dela crescera em um trecho diferente daquele mesmo rio, que aprendera a trabalhar como marinheiro em um navio de carvão antes de se juntar a outra tripulação e viajar para o alto-mar. Eliza gostava de pensar em tudo que ele devia ter visto no seu trecho do rio, perto do Cais da Força, local onde os piratas eram enforcados, seus corpos, presos nas correntes até serem varridos por três marés. Como diziam os antigos: dançando a dança da morte.

Eliza estremeceu, imaginando os corpos sem vida, como devia ser morrer enforcado, depois se repreendeu por ter se distraído. Aquele era o tipo de lapso típico de Sammy. Dessa vez o jogo corria bem para o seu irmão: Eliza sabia que tinha que tomar mais cuidado.

Mas onde estavam os passos de Sammy? Ela se concentrou, tentou ouvir... Gaivotas no meio do rio, mastros estalando, madeira rangendo, um bonde passando, o vendedor de mata-moscas gritando “Apanhe-as vivas!”, os passos rápidos de uma mulher, um garoto anunciando o preço dos seus trapos...

De repente, atrás dela, um estrondo. Um cavalo relinchando. Um homem gritando.

O coração de Eliza deu um salto, ela quase se virou. Louca para ver o que tinha acontecido. Parou bem a tempo. Não foi fácil. Era curiosa por natureza, sempre dizia mamãe. Balançara a cabeça e estalava a língua em desaprovação, dizendo a Eliza que, se não aprendesse a se policiar, ia acabar batendo na montanha de suas próprias fantasias. Se Sammy estivesse perto e a visse espiando, ela ia ter que se render e já estava quase no rio. O cheiro da lama do Tâmis misturava-se ao odor sulfuroso da neblina. Já tinha quase vencido, só precisava avançar mais um pouco.

Uma confusão de vozes irrompeu atrás dela, e o som de um sino se aproximava. O idiota do cavalo devia ter batido na carroça do amolador de facas – os cavalos ficavam sempre um pouco enlouquecidos na neblina. Mas que droga! Como ia conseguir ouvir Sammy se ele resolvesse atacá-la agora?

O muro de pedra da margem do rio apareceu, flutuando na neblina.

Eliza sorriu e saiu correndo.

A rigor, correr era contra as regras, mas ela não conseguiu se controlar. Suas mãos tocaram as pedras cobertas de limo e ela gritou de prazer. Ela conseguira, tinha vencido, derrotado o Estripador mais uma vez.

Eliza subiu no muro e se sentou lá em cima, triunfante, olhando para a rua de onde viera. Batucou com os calcanhares na pedra e procurou Sammy no meio do nevoeiro. Pobre Sammy... Nunca fora tão bom quanto ela nas brincadeiras. Demorava mais a aprender as regras, tinha menos habilidade para assumir o papel que lhe era atribuído. Sammy não sabia fingir tão bem quanto Eliza.

Enquanto estava sentada ali, ficou sentindo os cheiros e ouvindo os sons da rua. Cada vez que respirava, sentia o gosto oleoso da neblina e o sino que ouvira ficava mais alto, mais próximo. As pessoas ao redor pareciam nervosas, todas correndo na mesma direção, como costumavam fazer quando o filho do trapeiro tinha um ataque epilético ou quando o homem do realejo passava.

É claro! O homem do realejo, isso explicava onde Sammy estava.

Eliza pulou do muro, arranhando a bota em uma pedra saliente.

Sammy nunca conseguiu resistir à música. Ele devia estar parado ao lado do homem do realejo, com a boca ligeiramente aberta, admirado, sem se lembrar mais da brincadeira nem do Estripador.

Ela se dirigiu para a aglomeração de pessoas, passando pela tabacaria, pelo sapateiro, pela loja de penhores. Mas, à medida que a multidão aumentava, o sino parou de tocar e não se ouvia nenhuma música de realejo. Eliza começou a andar mais depressa.

Um medo terrível tomara conta dela. Usou os cotovelos para abrir caminho no meio das pessoas – mulheres elegantes, cavalheiros de paletó, garotos de rua, lavadeiras, funcionários de escritório –, procurando o tempo todo por Sammy.

Informações começavam a chegar do centro da multidão, e Eliza ouviu frases cochichadas sobre sua cabeça: um cavalo preto aparecera de repente; um menino não o tinha visto chegar; o nevoeiro terrível...

“Sammy não”, disse a si mesma, não podia ser Sammy. Ele estava bem atrás dela, ela estava prestando atenção nele...

Aproximou-se e já tinha praticamente alcançado a clareira. Já podia quase enxergar no meio do nevoeiro. Prendendo a respiração, abriu caminho até a frente e viu aquela cena terrível.

Viu a cena inteira em um segundo e entendeu imediatamente. O cavalo preto, o corpo frágil do menino caído na porta do açougue. Cabelos ruivos alourados manchados de vermelho-escuro nos paralelepípedos da rua. O peito aberto por um casco de cavalo, os olhos azuis vidrados.

O açougueiro tinha saído da loja e estava ajoelhado ao lado do corpo.

– Ele está morto. Sem chance, pobrezinho.

Eliza olhou para o cavalo, que estava assustado com o nevoeiro, com a multidão, com o barulho. Bufando e soltando um ar quente que agitava a neblina.

– Alguém sabe o nome deste menino?

A multidão se agitou, enquanto as pessoas se viravam umas para as outras, erguiam os ombros, balançavam a cabeça.

– Acho que já o vi por aqui – disse uma voz.

Eliza fitou os olhos pretos e brilhantes do cavalo. Enquanto o mundo parecia girar em volta dela, o cavalo permanecia imóvel. Eles se olharam por um instante e, naquele momento, ela teve a impressão de que o animal enxergava dentro dela. Via o vazio que tinha sido aberto tão depressa e que ela iria passar o resto da vida tentando preencher.

– Alguém deve conhecê-lo – disse o açougueiro.

A multidão se calara, o que tornava o ambiente ainda mais estranho e misterioso.

Eliza sabia que devia sentir ódio do cavalo negro, que devia desprezar suas pernas fortes e ancas lisas, mas não. Encarando o animal, sentiu uma espécie de empatia, como se ele compreendesse, melhor do que ninguém, o vazio dentro dela.

– Certo. – O açougueiro assobiou e um jovem aprendiz apareceu. – Vá buscar o carrinho e tire o menino daqui. – O aprendiz correu para obedecer.

Enquanto ele colocava o corpo do menino no carrinho, o varredor começava a limpar a rua suja de sangue.

– Acho que ele mora na Battersea Church Road – disse uma voz.

Parecia a voz de um dos homens do escritório de advocacia onde sua mãe trabalhara, não exatamente a voz de um homem culto, porém mais educada do que a dos outros habitantes do rio.

O açougueiro ergueu os olhos para ver de onde vinha.

Um homem alto, com um pincenê e um paletó velho, mas limpo, se aproximou, saindo do nevoeiro.

– Eu o vi lá outro dia mesmo.

Houve um murmúrio quando a multidão digeriu esta informação. Olharam com outros olhos para o corpo despedaçado do menino.

– Sabe dizer em que casa, senhor?

– Infelizmente, não.

O açougueiro fez um sinal para o ajudante.

– Leve-o para a Battersea Church Road e pergunte por lá. Alguém deve conhecê-lo.

O cavalo balançou a cabeça na direção de Eliza, três vezes, depois suspirou e desviou os olhos.

Eliza piscou.

– Espere – disse, quase num sussurro.

O açougueiro olhou para ela.

– O que é?

Todos os olhos se viraram para ela, aquele fiapo de garota com uma longa trança ruiva. Eliza olhou para o homem de pincenê. As lentes eram brilhantes e brancas, de modo que não pôde ver seus olhos.

O açougueiro ergueu a mão para silenciar a multidão.

– E então, menina? Você sabe o nome deste pobre garoto?

– O nome dele é Sammy Makepeace – respondeu Eliza. – E ele é meu irmão.



Sua mãe tinha reservado algum dinheiro para o próprio enterro, mas não havia tomado esta providência em relação aos filhos. O que era natural, pois nenhum pai ou mãe irá admitir essa possibilidade.

– Ele vai ser enterrado como indigente em St. Bride’s – disse a Sra. Swindell, naquela mesma tarde. Ela sugou um pouco de sopa da colher e depois apontou o talher para Eliza, que estava sentada no chão. – Vão abrir o buraco de novo na quarta-feira. Até lá, acho que vamos ter que conservá-lo aqui. – Mordiscou a bochecha, esticando o lábio inferior. – Lá em cima, é claro. Não posso deixar que o fedor espante os fregueses.

Eliza já ouvira falar no enterro de indigentes em St. Bride’s. O buraco enorme, reaberto todas as semanas, a pilha de corpos, o clérigo encomendando rapidamente o corpo para poder fugir depressa daquele fedor.

– Não, em St. Bride’s, não.

A pequena Hatty parou de lamber seu pão. Ficou com ele encostado no rosto, enquanto os olhos arregalados moviam-se da mãe para Eliza.

– Não?

Os dedos da Sra. Swindell apertaram a colher.

– Por favor, Sra. Swindell – disse Eliza. – Deixe que ele tenha um enterro decente. Como o de mamãe. – Mordeu a língua para não chorar. – Quero que ele fique com a mamãe.

– Ah, você quer, não é? Um cortejo puxado a cavalo, talvez? Duas carpideiras profissionais? E suponho que você ache que o Sr. Swindell e eu vamos pagar por esse enterro elegante. – Ela fungou. – Ao contrário do que as pessoas pensam, senhorita, não somos uma instituição de caridade. Então, a menos que você pague, aquele menino vai passar a eternidade em St. Bride’s. E é o que ele merece, também.

– Sem cortejo, Sra. Swindell, sem carpideira. Só um enterro, um túmulo só dele.

– E como você propõe conseguir isso?

Eliza engoliu em seco.

– O irmão da Sra. Barker é coveiro, talvez possa fazer isso. Se a *senhora* pedir...

– Desperdiçar um favor por você e seu irmão idiota?

– Ele não é idiota.

– Foi estúpido o bastante para se deixar pisotear por um cavalo.

– Não foi culpa dele, foi o nevoeiro.

A Sra. Swindell tomou mais um pouco de sopa.

– Ele nem queria sair – disse Eliza.

– É claro que não – ironizou a Sra. Swindell. – Não era dado a esse tipo de travessura. Você, sim.

– Por favor, Sra. Swindell, eu posso pagar.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Ah, você pode pagar, é? Com promessas e fantasias?

Eliza pensou na bolsinha de couro.

– Eu... Eu tenho algum dinheiro.

A Sra. Swindell abriu a boca e deixou escorrer um pouco de sopa.

– Algum dinheiro?

– Só um pouquinho.

– Ora, sua vadiazinha. – Ela apertou os lábios, parecendo o fecho de uma bolsinha de moedas. – Quanto?

– Um xelim.

A Sra. Swindell deu uma gargalhada; um som horrendo, tão estranho, tão grosseiro, que a filha dela começou a berrar.

– Um xelim? – disse, com desprezo. – Um xelim não paga nem os pregos para fechar o caixão.

O broche da mãe! Podia vender o broche. Mamãe a tinha feito prometer que não se separaria dele a menos que o homem mau a ameaçasse, mas com certeza, nesta situação...

A Sra. Swindell agora estava tossindo, engasgada com aquela gargalhada inesperada. Deu um tapa no próprio peito, depois empurrou a pequena Hatty

para o chão.

– Pare com essa gritaria, preciso pensar.

Ela ficou ali sentada por um momento, depois fitou Eliza, estreitando os olhos. Balançou a cabeça algumas vezes.

– Sua insistência me fez decidir. Vou providenciar pessoalmente para que o menino tenha o que merece. Ele vai ser enterrado como indigente.

– Por favor...

– E vou ficar com seu xelim como recompensa pelo meu incômodo.

– Mas, Sra. Swindell...

– Nada de “Sra. Swindell”. Isso vai ensinar você a deixar de ser mentirosa, a não esconder dinheiro. Espere só até o Sr. Swindell chegar em casa e saber disso. Aí você vai ver. – Ela entregou o prato para Eliza. – Agora me dê mais um pouco de sopa e leve Hatty para a cama.



As noites eram piores. Os ruídos da rua pareciam mais altos, as sombras se tornavam amedrontadoras e, sozinha no quarto pela primeira vez na vida, Eliza começou a ter pesadelos. Pesadelos muito piores do que qualquer coisa que tivesse imaginado em suas histórias.

Durante o dia, era como se o mundo houvesse virado pelo avesso, como uma roupa no varal. Tudo tinha a mesma forma, o mesmo tamanho, a mesma cor, mas parecia completamente diferente. E, embora o corpo de Eliza funcionasse da mesma maneira como antes, sua mente percorria a paisagem dos seus pesadelos. Imaginava Sammy no fundo da cova de St. Bride’s, jogado no meio dos corpos de mortos anônimos. Preso debaixo da terra, abrindo os olhos, tentando gritar que ocorrera um erro, que não estava morto.

A Sra. Swindell cumprira sua palavra e Sammy havia sido enterrado como indigente. Eliza pegara o broche do esconderijo e fora até a casa de John Picknick, mas, no fim, não teve coragem de vendê-lo. Ficou parada na frente da casa durante meia hora, tentando se decidir. Sabia que, se vendesse o broche, teria dinheiro para dar um enterro decente a Sammy. Também sabia que o Sr. e a

Sra. Swindell iriam querer saber de onde viera o dinheiro e que a castigariam impiedosamente por ter guardado um tesouro daqueles.

Mas não foi o medo dos Swindells que a fez decidir. Não foi nem mesmo a voz da mãe, soando alta em sua memória, fazendo-a prometer que só venderia o broche se o homem mau viesse ameaçá-la.

Foi o medo de que seu próprio futuro fosse pior do que o seu passado. De que chegaria uma hora, que a espreitava nos anos nebulosos à sua frente, em que o broche seria a única solução para sua sobrevivência.

Deu meia-volta sem pôr os pés na casa do Sr. Picknic e correu para a loja de panos e garrafas, com o broche ardendo em seu bolso. Disse a si mesma que Sammy iria entender, que ele sabia tão bem quanto ela qual era o preço da vida naquele trecho do rio.

Então guardou com carinho a lembrança dele, envolta em camadas de emoções – alegria, amor, compromisso – das quais ela não precisava mais, e trancou tudo bem no fundo do coração. Esvaziar-se dessas lembranças e emoções pareceu ser o certo a fazer. Com a morte de Sammy, Eliza era a metade de uma pessoa. Como um quarto sem luz, sua alma ficou fria, escura e vazia.



Quando foi que teve aquela ideia pela primeira vez? Eliza nunca teve certeza. Não aconteceu nada naquele dia. Ela abriu os olhos na escuridão do seu quartinho como fazia todas as manhãs e ficou deitada, imóvel, retornando ativamente ao seu corpo depois da noite estressante.

Afastou o cobertor e se sentou na cama, pousando os pés descalços no chão. Sua longa trança caiu sobre um de seus ombros. Estava frio; o outono cedera lugar ao inverno e a manhã estava escura como a noite. Eliza riscou um fósforo e acendeu a vela, depois olhou para seu avental, pendurado atrás da porta.

O que a levou a fazer aquilo? O que a fez pegar a camisa e a calça que estavam penduradas atrás do avental? O que a fez vestir as roupas de Sammy?

Eliza nunca soube, mas aquilo parecia certo, como se fosse a única coisa a fazer. A camisa tinha um cheiro tão familiar, como suas próprias roupas, e, entretanto, diferente delas. Quando ela vestiu a calça, saboreou a estranha

sensação dos tornozelos nus, do ar frio na pele acostumada a usar meias. Sentou-se no chão e calçou as botas de Sammy, que couberam perfeitamente em seus pés.

Depois parou diante do pequeno espelho e olhou. Olhou de verdade, enquanto a vela tremulava ao seu lado. Um rosto pálido respondeu ao seu olhar. Cabelo comprido, de um ruivo dourado, olhos azuis e sobrancelhas claras. Sem tirar os olhos do espelho, Eliza pegou a tesoura de costura sobre a cesta de roupa suja e puxou a trança para o lado. A trança era grossa e ela teve que fazer força para cortá-la, até que finalmente caiu em sua mão. Sem nada que o prendesse, seu cabelo deslizou, solto, ao redor do seu rosto. Ela continuou a cortar até que o cabelo ficou do mesmo tamanho do de Sammy, depois enfiou o gorro de pano dele.

Eles eram gêmeos, não era surpresa que fossem tão parecidos. Entretanto, Eliza levou um susto. Sorriu, bem de leve, e Sammy sorriu de volta para ela. Estendeu a mão e tocou a superfície fria do espelho, não estava mais sozinha.

Tum... Tum...

A ponta da vassoura da Sra. Swindell batendo no teto, sua chamada diária para começar a lavar roupa.

Eliza pegou sua longa trança ruiva do chão, desmanchando-se no alto, onde estivera presa em sua cabeça, e amarrou um pedaço de barbante na ponta. Depois, guardou-a junto com o broche de mamãe. Não precisava mais dela; pertencia ao passado.

Londres, 2005

Cassandra sabia que os ônibus seriam vermelhos, é claro, e que teriam dois andares, mas vê-los passando em direção a locais como Kensington High Street e Piccadilly Circus, indicados nos letreiros, foi algo surpreendente. Como se tivesse entrado em um dos livros de histórias de sua infância ou em um dos muitos filmes em que táxis pretos percorriam ruas de paralelepípedos, prédios eduardianos chamavam atenção em ruas largas e o vento norte formava nuvens finas no céu.

Ela já estava nesta Londres de milhares de filmes e de milhares de histórias havia quase 24 horas. Quando finalmente acordou de seu sono defasado pela mudança de fuso horário, viu-se sozinha no apartamento de Ruby, com o sol de meio-dia invadindo o lugar por entre as cortinas e iluminando o seu rosto.

No banquinho ao lado do sofá, havia um bilhete de Ruby:

Senti sua falta no café da manhã! Não quis acordá-la – coma o que quiser. Tem banana na fruteira, outras coisas na geladeira, embora eu não tenha checado ultimamente – pode ser que esteja bem nojento! Há toalhas no armário do banheiro se você quiser tomar banho. Estarei no V&A até as seis. Passe por lá para ver a exposição da qual sou curadora. Tenho algo muito interessante para lhe mostrar! Bj.

PS: Venha no início da tarde. Tenho reuniões maçantes a manhã inteira.

Então, à uma da tarde, com o estômago roncando, Cassandra estava parada no meio da Cromwell Road, esperando que o fluxo aparentemente interminável de veículos permitisse que ela atravessasse para o outro lado.

O Victoria and Albert Museum erguia-se, grande e imponente, diante dela, com a sombra da tarde deslizando rapidamente pela fachada. Era um gigantesco mausoléu do passado. Lá dentro, sabia, havia salas e mais salas, todas repletas de história. Milhares de itens, retirados de seu tempo e de seus lugares, ecoando com as alegrias e tristezas de vidas esquecidas.

Cassandra encontrou Ruby levando um grupo de turistas alemães para a nova cafeteria do V&A.

– Sou a favor de ter uma cafeteria no prédio, adoro um bom café, no entanto, nada me irrita mais do que as pessoas que passam correndo pela minha exposição em busca de bolinhos e refrigerantes!

Cassandra sorriu, sentindo-se um pouco culpada, torcendo para que Ruby não conseguisse ouvir seu estômago roncando por causa dos aromas deliciosos que vinham da cafeteria. Aliás, era para lá que estava indo.

– Quer dizer, como elas podem deixar passar a oportunidade de contemplar o passado? – Ruby indicou as fileiras de vitrines que continham sua coleção. – Como podem?

Cassandra balançou a cabeça e disfarçou o ronco do estômago.

– Eu não sei.

– Bem – Ruby suspirou dramaticamente –, você está aqui agora e os filisteus são uma lembrança distante. Como está se sentindo? Sofrendo muito com a mudança de fuso horário?

– Estou bem, obrigada.

– Dormiu bem?

– O sofá-cama é muito confortável.

– Não precisa mentir – disse Ruby, rindo –, embora eu agradeça a intenção. Pelo menos, os carcos do sofá impediram que você dormisse o dia inteiro. Senão eu teria ligado para acordá-la. Não ia deixar que você perdesse isto. – Ela sorriu, radiante. – Ainda não posso acreditar que Nathaniel Walker tenha morado na mesma propriedade do seu chalé! Ele com certeza o viu, se inspirou nele. Pode até ter estado lá. – Com os olhos brilhantes e redondos, Ruby deu o braço a Cassandra e se dirigiu a um dos corredores. – Venha, você vai adorar isto!

Sem grande animação, Cassandra se preparou para demonstrar o necessário entusiasmo, independentemente do que Ruby lhe mostrasse.

– Aqui estamos. – Ruby apontou, triunfalmente, para uma fileira de desenhos na vitrine. – O que você acha?

Cassandra ficou boquiaberta, inclinou-se para a frente para ver melhor. Não ia precisar fingir entusiasmo. Os desenhos expostos a deixaram ao mesmo tempo chocada e maravilhada.

– Mas onde...? Como você...? – Cassandra olhou para Ruby, que bateu palmas, obviamente encantada. – Eu não fazia ideia da existência deles.

– Ninguém fazia – disse Ruby. – Ninguém, exceto a dona, e eu posso lhe assegurar que ela não pensava neles havia um bom tempo.

– Como você os conseguiu?

– Por puro acaso, querida. Puro acaso. Quando eu tive a ideia de fazer esta exposição, não quis simplesmente reorganizar velhas peças vitorianas que já estão expostas há décadas. Então eu pus um pequeno anúncio em todas as revistas especializadas que conhecia. Um anúncio muito simples, que dizia apenas: “Procuramos para empréstimo: objetos artísticos interessantes da virada do século XIX para serem exibidos com o máximo cuidado em museu de Londres.” Na mesma hora comecei a receber telefonemas. A maioria não passava de alarme falso, é claro, pinturas do céu e coisas parecidas feitas por minha tia-avó Mavis, mas havia preciosidades no meio de tudo isso. Você ficaria surpresa com a quantidade de itens de valor inestimável que sobreviveram sem nenhum cuidado adequado.

Acontecia a mesma coisa com as antiguidades, pensou Cassandra: os melhores achados eram sempre aqueles que tinham ficado esquecidos durante décadas, que haviam escapado das garras de carpinteiros amadores.

Ruby tornou a contemplar os desenhos.

– Estes desenhos estão entre as minhas melhores descobertas. – Ela sorriu para Cassandra. – Desenhos inacabados de Nathaniel Walker, quem diria? Quer dizer, temos uma pequena coleção de retratos pintados por ele lá em cima, e há alguns no Tate Britain, mas, até onde sei, até onde alguém sabe, isso foi tudo o que restou. O resto, acredita-se que...

– Foi destruído. Sim, eu sei. – O rosto de Cassandra estava quente. – Nathaniel Walker era famoso por destruir esboços, trabalhos que não o satisfaziam.

– Você pode imaginar o que senti quando a mulher me entregou esses desenhos. Eu tinha dirigido até a Cornualha na véspera, indo de casa em casa, recusando educadamente diversos itens que considerei inadequados. – Ela revirou os olhos. – As coisas que as pessoas achavam que serviam para uma exposição deixariam você de boca aberta. Basta dizer que, quando cheguei à casa, estava pronta para desistir. Era um desses chalés brancos à beira-mar, com telhado cinzento, e, eu já ia dar meia-volta quando Clara abriu a porta. Ela era engraçada, parecia um personagem saído de um dos livros de Beatrix Potter, uma velha galinha usando um avental de dona de casa. Ela me fez entrar na menor sala que eu já tinha visto, e também a mais entulhada de coisas. O lugar era tão pequeno que fazia meu apartamento parecer uma mansão! Ela insistiu em preparar uma xícara de chá para mim. Eu preferia um uísque àquela altura, depois do dia que tivera, mas sentei no meio das almofadas e esperei para ver que objeto sem valor ela tinha para me mostrar.

– E ela lhe entregou estes desenhos.

– Eu soube imediatamente do que se tratava. Eles não estão assinados, mas têm o carimbo dele. Veja no canto superior esquerdo. Juro que comecei a tremer quando os vi. Quase derrubei minha xícara de chá em cima deles.

– Como ela os conseguiu? – perguntou Cassandra. – *Onde* ela os conseguiu?

– Ela falou que eles estavam no meio das coisas da mãe dela – respondeu Ruby. – A mãe dela, Mary, foi morar com Clara depois que ficou viúva e lá permaneceu até morrer, em meados dos anos 1960. Ambas eram viúvas, e imagino que fizessem companhia uma à outra. Clara estava, sem dúvida, encantada de ter quem ouvisse as histórias a respeito de sua querida mãe. Antes de eu sair, insistiu em me fazer subir o lance de escadas mais perigoso que eu já vi para dar uma olhada no quarto de Mary. – Ruby se inclinou para Cassandra. – Que surpresa que tive! Mary podia estar morta havia quarenta anos, mas, pela aparência do cômodo, parecia que ia chegar a qualquer momento. Era de dar medo, mas também era encantador: uma cama estreita, muito bem-arrumada e um jornal dobrado na mesinha de cabeceira com um passatempo pela metade na folha da frente. E sob a janela havia um pequeno baú, trancado. Uma tentação! – Passou a mão pelo cabelo grisalho. – Tive que me conter para não atravessar o lugar e arrebentar a fechadura com minhas próprias mãos.

– Ela o abriu? Você viu o que havia lá dentro?

– Não tive essa sorte. Eu me contive e, logo depois, ela me levou embora. Tive que me contentar com os desenhos de Nathaniel Walker e a afirmação de Clara de que não havia mais nada que servisse no meio das coisas da mãe.

– Mary também era artista? – perguntou Cassandra.

– Mary? Não, ela era dona de casa. Pelo menos, no início. Durante a Primeira Guerra, ela trabalhara em uma fábrica de munições, e acho que deve ter parado depois disso. Bem, ela não exatamente parou de trabalhar. Casou-se com um açougueiro e passou o resto da vida preparando chouriço e limpando as tábuas de cortar carne. Não sei qual das duas coisas me desagrada mais.

– E como foi que ela pôs as mãos nesses desenhos? – insistiu Cassandra, franzindo a testa. – Nathaniel Walker era extremamente discreto em relação ao seu trabalho, e os desenhos são tão raros! Ele não os deu para ninguém, nunca assinou contratos com editoras que quisessem ficar com os direitos autorais dos originais. Se era assim em relação ao seu trabalho concluído, não posso imaginar o que o tenha feito se separar de desenhos inacabados como estes.

Ruby deu de ombros.

– Pegou emprestado? Comprou? Talvez ela os tenha roubado. Não sei, e devo admitir que não me importo muito. Fico feliz em classificá-los como um dos belos mistérios da vida. Só agradeço a Deus por ela ter posto as mãos neles, sem nunca ter percebido quanto eram valiosos, sem ter achado que deviam ser exibidos, conseguindo assim preservá-los tão bem para nós durante todo o século XX.

Cassandra aproximou-se dos desenhos. Embora nunca os tivesse visto antes, ela os reconheceu. Eram inconfundíveis: esboços iniciais das ilustrações do livro de contos de fadas. Desenhados mais rapidamente, as linhas rabiscadas com pressa, de uma maneira exploratória, mostrando o entusiasmo do artista pelo tema. A respiração de Cassandra se acelerou quando se lembrou de sentir a mesma sensação ao iniciar um desenho.

– É incrível ter a chance de ver um trabalho ainda em processo. Às vezes acho que isso diz muito mais sobre o artista, mais até do que a obra acabada.

– Como as esculturas de Michelangelo, em Florença.

Cassandra olhou para ela, feliz com a perspicácia de Ruby.

– Fiquei toda arrepiada na primeira vez em que vi uma imagem daquele joelho saindo do mármore. Como se a figura estivesse presa lá dentro o tempo

todo, esperando que alguém a libertasse.

Ruby sorriu.

– Ei – disse ela, tendo uma ideia súbita –, esta é sua única noite em Londres, vamos sair para jantar. Eu ia me encontrar com meu amigo, Grey, mas ele vai entender. Ou então eu o levo junto, vai ser ainda mais divertido, afinal de contas...

– Com licença – interrompeu alguém com sotaque americano –, a senhora trabalha aqui?

Um homem alto, de cabelos pretos, parou entre as duas.

– Trabalho – respondeu Ruby. – Posso ajudá-lo?

– Minha esposa e eu estamos com fome e um dos caras lá em cima disse que havia uma cafeteria aqui embaixo.

Ruby revirou os olhos para Cassandra.

– Há um novo Carluccio's perto da estação. – Então forçou um sorriso. – Por aqui, senhor. Vou mostrar onde fica.



Quando saiu do V&A, Cassandra foi em busca de um lugar para almoçar. As últimas coisas que comera foram o jantar do avião, algumas balas de Ruby e uma xícara de chá: não era de espantar que seu estômago estivesse gritando. O caderno de Nell tinha um mapa do centro de Londres colado na parte interior, e, pelo que Cassandra podia ver, não importava que direção tomasse, encontraria alguma coisa para comer e beber. Ao examinar o mapa, notou uma pequena marcação feita a caneta, em algum lugar do outro lado do rio, uma rua em Battersea. A animação a deixou arrepiada. Um X marcava o lugar... mas que lugar exatamente?

Vinte minutos depois, comprou um sanduíche de atum e uma garrafa de água em um café na Kings' Road, e prosseguiu pela Flood Street na direção do rio. Do outro lado, erguiam-se as quatro torres da usina elétrica de Battersea. Cassandra sentiu uma estranha sensação ao refazer os passos de Nell.

O sol de outono saía do esconderijo e lançava raios dourados sobre a superfície do rio. O Tâmesa. Quanta coisa aquele rio tinha visto: inúmeras vidas

passadas ao longo de suas margens, incontáveis mortes. E era deste rio que um navio havia partido, tantos anos antes, com a pequena Nell a bordo, levando-a para longe de tudo o que lhe era familiar, rumo a um futuro incerto. Um futuro que agora era passado, uma vida que tinha terminado. E, no entanto, isso ainda importava, importara para Nell e importava para Cassandra. Este quebra-cabeça era sua herança. Mais do que isso, era sua responsabilidade.

Londres, 1975

Nell inclinou a cabeça para observar melhor. Tivera a esperança de que, ao ver a casa em que Eliza tinha morado, conseguisse reconhecê-la, sentisse instintivamente que era importante para seu passado, mas isso não aconteceu. O local, no número 35 da Battersea Church Road, era completamente desconhecido. A casa era comum, parecida com as outras da rua: três andares, janelas envidraçadas, canos estreitos subindo por paredes de tijolos que o tempo e o limo tornavam pretas. A única coisa que se destacava era uma construção esquisita no topo do imóvel. De fora, parecia que parte do telhado havia sido emparedado para construir um cômodo extra, embora fosse difícil saber exatamente o quê sem ver por dentro.

A rua era paralela ao Tâmesa. Era suja, com lixo na sarjeta e crianças com narizes escorrendo brincando na calçada, não parecia o tipo de lugar que pudesse inspirar uma escritora de contos de fadas. Ideias tolas, românticas, é claro, mas, quando Nell imaginava Eliza, pensava no Kensington Gardens de J. M. Barrie, no charme mágico da Oxford de Lewis Carroll.

Mas este era o endereço citado no livro que ela tinha comprado na loja do Sr. Snelgrove. Esta era a casa onde Eliza Makepeace nascera. Onde tinha passado sua infância.

Nell se aproximou. Não parecia haver nenhuma atividade dentro da casa, então ousou debruçar-se na janela da frente. Uma pequena sala, uma lareira de tijolos e uma cozinha estreita. Um lance de escadas colado à parede ao lado da porta.

Nell deu um passo para trás, quase tropeçando em um vaso de planta.

Um rosto na janela da casa ao lado a fez dar um pulo, um rosto pálido, emoldurado por uma coroa de cabelos brancos. Nell piscou e, quando tornou a olhar, o rosto havia desaparecido. Um fantasma? Ela tornou a piscar. Não acreditava em fantasmas, não do tipo que arrastava correntes à noite.

A porta do número 37 da Battersea Church Road abriu-se com toda a força. Parada do outro lado, estava uma mulher minúscula, com menos de 1,50 metro, pernas de palito e uma bengala. De um sinal do lado esquerdo do seu queixo, saía um longo fio de cabelo branco.

– Quem é você, mocinha? – perguntou em tom ríspido, com um sotaque carregado.

Já fazia pelo menos quarenta anos que ninguém a chamava de “mocinha”.

– Nell Andrews – disse, afastando-se da planta murcha. – Estou apenas visitando o lugar. Só olhando. Tentando... – Ela estendeu a mão. – Eu sou australiana.

– Australiana? – indagou a mulher, mostrando as gengivas em um sorriso. – Por que não disse logo? O marido da minha sobrinha é australiano. Eles moram em Sydney, quem sabe você os conhece? Desmond e Nancy Parker?

– Acho que não os conheço – respondeu Nell, e a velha fez uma cara feia. – Não moro em Sydney.

– Ah, bem – disse a mulher, um tanto cética. – Talvez você os veja se for lá.

– Desmond e Nancy. Não vou esquecer.

– Ele normalmente chega tarde.

Nell franziu a testa. O marido da sobrinha em Sydney?

– O homem que mora aí ao lado. É bem silencioso – prosseguiu a mulher, baixando a voz. – Pode não ser branco, mas trabalha muito. – Ela balançou a cabeça. – Imagine só! Um africano morando aí no número 35. Nunca pensei que isso pudesse acontecer. Minha mãe iria se revirar no túmulo se soubesse de negros morando na velha casa.

Nell ficou curiosa.

– Sua mãe também morou aqui?

– Sim – respondeu a velha com orgulho. – Eu nasci aqui, nesta casa em que você está interessada, para falar a verdade.

– Nasceu aqui? – Nell ergueu as sobrancelhas. Não existia muita gente que pudesse dizer que tinha morado a vida inteira na mesma rua. – Quando foi isso,

há sessenta, setenta anos?

– Quase 78, fique sabendo. – A mulher esticou o queixo, fazendo com que a luz batesse no fio de cabelo do sinal. – Nem um dia a menos.

– Setenta e oito anos – disse Nell, devagar. – E a senhora passou todo esse tempo aqui. Desde... – um cálculo rápido – ... 1897?

– Sim, dezembro de 1897. Eu nasci perto do Natal.

– A senhora se lembra de muita coisa? Da sua infância?

Ela riu.

– Às vezes acho que essas são as únicas lembranças que tenho.

– Devia ser um lugar bem diferente naquela época.

– Ah, sim – disse a velha –, quanto a isso não há dúvida.

– A mulher na qual estou interessada também morou nesta rua. Aparentemente, aqui nesta casa. Talvez a senhora se lembre dela.

Nell abriu a bolsa e tirou o retrato que tinha xerocado da folha de rosto do livro de histórias. Notou que seus dedos tremiam.

– Ela foi desenhada de forma a parecer uma ilustração de contos de fadas, mas, se a senhora analisar bem...

A velha estendeu a mão encarquilhada e pegou o retrato, estreitando os olhos para examiná-lo, fazendo com que fileiras de rugas se formassem ao redor de cada olho.

– A senhora a conhece? – perguntou Nell, prendendo a respiração.

– Eu a conheço, sim. Vou me lembrar dela até o dia da minha morte. Ela me deixava tremendo de medo quando eu era pequena. Contava histórias terríveis quando sabia que minha mãe não estava por perto para lhe dar uma surra. – Olhou para Nell, franzindo a testa. – Elizabeth? Ellen?

– Eliza – disse Nell depressa. – Eliza Makepeace, ela se tornou escritora.

– Isso eu não sei, porque não sou muito de ler. Não vejo sentido em ler tantas páginas. Só sei que a garota do retrato contava histórias de arrepiar. Deixava todas as crianças da rua com medo do escuro, embora sempre voltássemos para ouvir mais. Não sei onde foi que aprendeu tudo aquilo.

Nell tornou a contemplar a casa, tentando imaginar aquela jovem Eliza. Uma contadora de histórias inveterada, assustando as crianças menores com seus contos de terror.

– Sentimos falta dela quando a levaram embora. – A velha balançava a cabeça com pesar.

– Achei que a senhora ficaria contente por não lhe meterem mais medo.

– Não – retrucou a velha, movendo os lábios como se estivesse mastigando as próprias gengivas. – Não existe uma só criança que não goste de levar um bom susto de vez em quando. – Ela pousou a bengala em um ponto da escada em que o reboco estava se desmanchando e olhou para Nell. – Aquela menina sofreu o pior tipo de horror, muito pior do que os de suas histórias. Perdeu o irmão, um dia, no nevoeiro. Nada que pudesse contar para nós era tão terrível quanto o que acontecera com ele. Foi um cavalo preto que pisou bem no coração do menino. – Balançou outra vez a cabeça. – A garota nunca mais foi a mesma depois disso. Ficou meio doida, se quer saber; cortou o cabelo e passou a usar calças, se me lembro bem.

Nell se animou ao ouvir aquele relato. Finalmente uma novidade.

A velha pigarreou, pegou um lenço de papel e cuspiu nele. Continuou como se nada tivesse acontecido.

– Houve um boato de que ela foi levada para o asilo.

– Não – disse Nell. – Ela foi morar com a família dela, na Cornualha.

– Cornualha. – Uma chaleira apitou dentro de casa. – Isso é bom, não é?

– Imagino que sim.

– Bem – disse a velha, com um aceno na direção da cozinha –, está na hora do chá.

A frase foi dita com tanta naturalidade que, por um breve instante, Nell achou que talvez fosse convidada para entrar, tomar chá e ouvir outras histórias a respeito de Eliza Makepeace. Mas, quando a porta começou a se fechar, deixando Nell do lado de fora, essa fantasia desapareceu.

– Espere – disse ela, estendendo a mão para impedir que a porta se fechasse.

A velha manteve a porta aberta enquanto a chaleira continuava apitando.

Nell tirou um pedaço de papel da bolsa e começou a escrever alguma coisa.

– Se eu deixar o endereço e o telefone do hotel onde estou hospedada, a senhora me procura caso se lembre de mais alguma coisa sobre Eliza? Qualquer coisa?

A velha ergueu uma sobrancelha. Fez uma pequena pausa, como se estivesse avaliando Nell, depois pegou o papel. Quando tornou a falar, sua voz estava um

tanto alterada:

– Se eu pensar em alguma coisa, falo com você.

– Obrigada, senhora...

– Swindell – disse a velha. – *Srta.* Harriet Swindell. Nunca encontrei um homem com quem quisesse me casar.

Nell ergueu a mão para dar adeus, mas a *Srta.* Swindell já tinha fechado a porta. Quando a chaleira parou de apitar lá dentro, Nell olhou para o relógio. Caso se apressasse, talvez ainda conseguisse pegar a Tate Gallery aberta. Lá poderia ver o retrato de Eliza pintado por Nathaniel Walker, o que ele intitulara *A Autora*. Tirou o mapa de Londres da bolsa e correu o dedo pelo rio até encontrar Millbank. Com um último olhar para a Battersea Church Road, enquanto um ônibus vermelho passava em frente às casas vitorianas que tinham abrigado a infância de Eliza, Nell se afastou.



E lá estava ela, *A Autora*, pendurada na parede da galeria. Exatamente como Nell recordava. Uma trança grossa caindo sobre um dos ombros, uma gola branca fechada até o queixo, cobrindo seu pescoço fino, um chapéu na cabeça. Muito diferente dos chapéus normalmente usados pela damas do período eduardiano. Suas linhas eram mais masculinas, seu estilo mais vistoso, a dama mais irreverente, embora Nell não soubesse por que sabia disso. Ela fechou os olhos. Com algum esforço, talvez conseguisse se lembrar de uma voz. Às vezes vinha à mente uma voz marcante, cheia de magia, mistério e segredos. Mas sempre fugia antes que Nell conseguisse recapturar sua lembrança, torná-la sua para recordar sempre que quisesse.

As pessoas movimentavam-se atrás dela e Nell tornou a abrir os olhos. *A Autora* entrou em foco novamente, e ela se aproximou. O quadro era incomum: em primeiro lugar, era um desenho a carvão, mais um estudo do que um retrato. A pose também era interessante. A mulher não estava de frente para o artista, fora desenhada como se estivesse indo embora, como se tivesse virado a cabeça no último minuto e ali fosse congelada. Havia algo de atraente naqueles olhos grandes, nos lábios entreabertos, como se ela fosse dizer alguma coisa; e algo

perturbador também. Era a ausência total de qualquer esboço de sorriso, como se tivesse sido surpreendida. Observada. Flagrada.

“Se ao menos você pudesse falar”, pensou Nell. “Então, talvez, você pudesse dizer quem sou eu, o que eu estava fazendo com você. Por que nós entramos juntas naquele navio e por que você não voltou para me buscar.”

Nell sentiu o peso da decepção, embora não soubesse dizer que revelações imaginara que teria ao fitar o retrato de Eliza. Imaginara não, corrigiu-se, esperara. Toda a sua procura era baseada em esperança. O mundo era um lugar enorme e não era fácil encontrar alguém que havia desaparecido sessenta anos antes, mesmo que esta pessoa fosse ela mesma.

A sala começava a esvaziar e Nell se viu cercada pelos olhares silenciosos dos mortos. Todos a observavam daquele jeito estranho de pessoas retratadas: olhos eternamente vigilantes, seguindo o observador pela sala. Ela estremeceu e vestiu o casaco.

Outro retrato atraiu sua atenção. Ela já estava quase na porta quando fitou a pintura da mulher de cabelos escuros, pele clara, lábios carnudos e vermelhos. Nell soube de imediato exatamente quem era ela. Mil fragmentos de memória se combinaram em um segundo, com certeza emanando de todo o seu ser. Não que reconhecesse o nome impresso sob o retrato, *Rose Elizabeth Mountrachet* – aquelas palavras, em si, não tinham grande significado. Era mais e era menos que isso. Os lábios de Nell começaram a tremer e sentiu um aperto no peito. Ela mal conseguia respirar.

– Mamãe – murmurou, sentindo-se tola, extasiada e vulnerável ao mesmo tempo.



Felizmente a Biblioteca Central ficava aberta até tarde, pois Nell não ia conseguir esperar até a manhã seguinte. Enfim sabia o nome de sua mãe, Rose Elizabeth Mountrachet. Mais tarde, consideraria aquele momento na Tate Gallery como uma espécie de nascimento. De repente, sem aviso, ela era filha de alguém, sabia o nome da sua mãe. Foi repetindo aquelas palavras enquanto percorria as ruas ao cair da noite.

Não era a primeira vez que ouvia aquele nome. O livro que tinha comprado na loja do Sr. Snelgrove, com a breve biografia de Eliza, mencionara a família Mountrachet, o tio materno de Eliza, membro da aristocracia, dono da imponente propriedade na Cornualha. Blackhurst, era para lá que Eliza tinha sido enviada depois da morte da mãe. Era o elo que estava procurando. O fio que ligava a Autora da lembrança de Nell ao rosto que ela agora identificava como sendo o de sua mãe.

A bibliotecária se lembrava de Nell, da véspera, quando ela fora lá procurar informações sobre Eliza.

– E então, a senhora encontrou o Sr. Snelgrove? – perguntou, com um sorriso.

– Sim – disse Nell, um tanto ofegante.

– E sobreviveu! – brincou.

– Ele me vendeu um livro muito útil.

– Esse é o nosso Sr. Snelgrove, sempre consegue fazer uma venda. – Ela meneou a cabeça com uma expressão carinhosa.

– Gostaria de saber se a senhora pode me ajudar outra vez. Preciso de informações sobre uma mulher.

A bibliotecária piscou.

– Tenho que saber mais um pouco sobre ela.

– É claro. Uma mulher nascida no final do século XIX.

– Ela também foi escritora?

– Não, acho que não. – Nell respirou fundo, organizando as ideias. – O nome dela era Rose Mountrachet e sua família pertencia à aristocracia. Pensei que talvez pudesse encontrar alguma coisa em um daqueles livros que falam sobre a nobreza.

– Ah! Como *Debrett's* ou *Who's Who*?

– Sim, exatamente.

– Vale a pena dar uma olhada – afirmou a bibliotecária. – Temos duas publicações aqui, mas o *Who's Who* é mais fácil de ler. Descendentes de famílias aristocráticas são automaticamente listados nessas obras. Ela pode não ter uma entrada própria, mas, se você tiver sorte, estará mencionada na referência a outra pessoa, o pai dela, talvez, ou o marido. A senhora não deve saber quando ela morreu.

– Não, por quê?

– Como a senhora não sabe quando ela foi incluída, se é que foi, pouparia tempo procurar primeiro no *Who Was Who*, que lista pessoas falecidas. Mas, para isso, é preciso saber quando ela morreu.

Nell balançou a cabeça.

– Não tenho a menor ideia. Se a senhora me der uma orientação geral, posso procurar no *Who's Who*, começando por este ano e retrocedendo até encontrar alguma menção a ela – sugeriu Nell.

– Talvez leve algum tempo, e a biblioteca vai fechar em breve.

– Serei rápida.

A mulher deu de ombros.

– Vá até o primeiro andar e consulte o catálogo na recepção. As fichas estão em ordem alfabética.



Finalmente, em 1934, Nell encontrou o que procurava. Não era Rose Mountrachet, mas era um Mountrachet mesmo assim. Linus, o tio que tinha pedido a guarda de Eliza Makepeace depois da morte de Georgiana. Ela leu a nota:

MOUNTRACHET, lorde, Linus St. John Henry. Nascido a 11 de janeiro de 1860, filho do falecido lorde St. John Luke Mountrachet e da falecida Margaret Elizabeth Mountrachet. Casado em 31 de agosto de 1888 com Adeline Langley. Uma filha, falecida, Rose Elizabeth Mountrachet, casada com o falecido Nathaniel Walker.

Rose tinha se casado com Nathaniel Walker. Isso significava que ele era seu pai? Tornou a ler a nota. Os *falecidos* Rose e Nathaniel. Então ambos tinham morrido antes de 1934. Era por isso que ela estava com Eliza? Eliza tinha sido designada sua guardiã porque seus pais estavam mortos?

Seu pai – isto é, Hugh – a encontrara no cais de Maryborough no final de 1913. Se Eliza tinha sido nomeada sua guardiã depois que Rose e Nathaniel

morreram, isso queria dizer que eles deviam ter morrido antes disso.

E se procurasse Nathaniel Walker no *Who's Who* daquele ano? Ele devia ter uma nota. Melhor ainda, se sua hipótese estava correta e ele já tivesse morrido em 1913, devia ir diretamente para o *Who Was Who*. Percorreu as estantes e tirou o *Who Was Who* de 1897-1915. Com as mãos trêmulas, começou a procurar a partir do final, Z, Y, X, W. Lá estava ele.

WALKER, Nathaniel James. Nascido a 22 de julho de 1883, morto em 2 de setembro de 1913. Filho de Anthony Sebastian Walker e Mary Walker. Casado com a falecida Rose Elizabeth Mountrachet em 3 de março de 1908. Uma filha, falecida, Ivory Walker.

Nell parou. Uma filha estava certo, mas o que queriam dizer com “falecida”? Ela não tinha morrido, estava bem viva.

Nell começou a sentir calor, mal conseguia respirar. Abanou o rosto e tornou a olhar para a nota. O que queria dizer aquilo? Será que eles tinham se enganado?

– Encontrou?

Nell ergueu os olhos. Fora a bibliotecária quem falara.

– Eles costumam se enganar? – perguntou. – Fornecem alguma informação equivocada?

A mulher pensou um pouco.

– Não são a fonte mais confiável, eu acho. As informações foram dadas pelas próprias pessoas.

– E quando a pessoa mencionada está morta?

– Não entendi.

– No *Who Was Who* todas as pessoas mencionadas estão mortas. Então quem fornece a informação?

Ela deu de ombros.

– A família, eu acho. Suponho que eles copiem a informação do último questionário preenchido, acrescentem as datas de morte, e pronto. – Ela tirou um pouco de poeira do alto da prateleira. – Vamos fechar em dez minutos. Se precisar de alguma coisa, avise.

Houvera um erro, só isso. Devia acontecer com frequência; afinal, quem preparava a edição não conhecia as pessoas mencionadas. Era possível – não era? – que a palavra *falecida* tivesse sido inserida por engano. Uma estranha dada como morta para os olhos silenciosos da posteridade?

Era mais que um erro de datilografia. Sabia quem era a criança mencionada ali e ela não estava morta. Só precisava encontrar uma biografia de Nathaniel Walker para provar que a nota estava errada. Ela agora tinha um nome: Ivory Walker. E, mesmo que não soasse familiar, que não coubesse nela como um casaco favorito, era esse o seu nome. Não havia como explicar por que algumas coisas ficavam gravadas na memória e outras não.

Ela se lembrou, de repente, do livro que tinha comprado a caminho da Tate Gallery, sobre as pinturas de Nathaniel. Ele devia conter uma breve biografia. Tirou-o da bolsa e o abriu.

Nathaniel Walker (1883-1913) nasceu em Nova York, filho de imigrantes poloneses, Antoni e Marya Walker (originalmente Walczwk). Seu pai trabalhava nas docas da cidade. Sua mãe lavava roupa para fora e criava os seis filhos, dos quais Nathaniel era o terceiro. Dois de seus irmãos morreram de febre, e Nathaniel ia seguir os passos do pai nas docas, quando um desenho que estava fazendo em uma rua de Nova York atraiu a atenção de Walter Irving Jr., herdeiro da fortuna do petróleo Irving. Ele contratou Nathaniel para pintar seu retrato.

Sob a proteção de seu patrono, Nathaniel tornou-se um membro conhecido da sociedade nova-iorquina. Foi em uma das festas de Irving, em 1907, que Nathaniel conheceu Rose Mountrachet, que visitava a cidade, vinda da Cornualha. Eles se casaram no ano seguinte em Blackhurst, a propriedade dos Mountrachets perto de Tregenna, na Cornualha. A reputação de Nathaniel continuou a crescer depois do casamento e da mudança para a Inglaterra. O ponto alto de sua carreira foi seu contrato, no início de 1910, para pintar o último retrato daquele que seria o rei Eduardo VII.

Nathaniel e Rose Walker tiveram uma filha, Ivory, nascida em 1909. A esposa e a filha foram temas frequentes das pinturas de Nathaniel, e um de seus quadros mais admirados é o que se chama Mãe e filha. O jovem casal morreu tragicamente em 1913, em Ais Gill, quando o trem em que viajavam colidiu com

outro e pegou fogo. Ivory Walker foi vítima fatal de escarlatina dias depois do falecimento dos pais.

Aquilo não fazia sentido. Nell *sabia* que era a filha mencionada na biografia. Rose e Nathaniel Walker eram seus pais. Ela *se lembrava* de Rose, lembrara dela na mesma hora. Os anos batiam – seu nascimento e até mesmo sua viagem para a Austrália – bem demais com a data da morte de Rose e Nathaniel para que tudo fosse mera coincidência. Para não falar do fato de que Rose e Eliza eram primas.

Nell foi para o índice e passou o dedo pela lista. Parou em *Mãe e filha* e abriu a página indicada, com o coração disparado.

Um tremor tomou seu lábio inferior. Podia não se lembrar de ser chamada de Ivory, mas não havia mais dúvida: sabia como era quando criança. Ali estava ela. Sentada no colo da mãe, pintada pelo pai.

Então por que a história a considerava morta? Quem dera aquela informação errada? Fora uma mentira proposital ou acreditaram nisso sem saber que ela embarcara em um navio para a Austrália com uma misteriosa autora de contos de fadas.

“Você não pode dizer o seu nome. É uma brincadeira que estamos fazendo.” Era isso que a Autora tinha lhe dito. Nell podia ouvir a voz dela, aquela voz sussurrante, como a brisa que vinha do oceano. *“É o nosso segredo. Você não pode contar.”* Nell tinha outra vez 4 anos; sentiu o medo, a insegurança, a agitação. Sentiu o cheiro da lama do rio, tão diferente do vasto mar azul, ouviu o grito zangado das gaivotas do Tâmis, os marinheiros chamando uns pelos outros. Um par de tonéis, um esconderijo escuro, uma réstia de luz...

A Autora a tinha levado. Ela não fora abandonada. Fora raptada e seus avós não sabiam. Era por isso que não a tinham procurado. Acreditavam que ela havia morrido.

Por que a Autora tinha feito isso? E por que desaparecera, deixando Nell sozinha no navio, sozinha no mundo?

O passado dela era como uma matrioska, uma pergunta dentro da outra, dentro da outra.

E para desvendar este mistério ela precisava de uma pessoa. Alguém com quem pudesse falar, que pudesse tê-la conhecido ou que soubesse de alguém que

a conhecera. Alguém que pudesse lançar alguma luz sobre a Autora, sobre os Mountrachets e sobre Nathaniel Walker.

Esse alguém, pensou ela, não ia ser encontrado nos corredores poeirentos de uma biblioteca. Precisava ir ao cerne do mistério, à Cornualha, àquela aldeia, Tregenna. Precisava ir à enorme mansão, Blackhurst, onde sua família morara e ela tinha brincado quando era pequena.

Londres, 2005

Ruby se atrasou para o jantar, mas Cassandra não se importou. O garçom lhe dera uma mesa ao lado da janela e ela observava as pessoas voltarem do trabalho para casa. Todas essas pessoas, vidas acontecendo fora da esfera em que a vida de Cassandra se passava. Vinham em ondas. Havia um ponto de ônibus bem em frente, e, do outro lado da rua, ficava a estação de metrô de South Kensington, com sua bela fachada de ladrilhos art nouveau. De vez em quando, um fluxo de gente entrava pela porta do restaurante, sentando-se às mesas ou parando no balcão para encomendar comida para levar.

Cassandra passou o dedo pela beirada gasta do caderno e tornou a recordar a frase que tinha lido, imaginando se conseguiria absorvê-la com mais facilidade desta vez. O pai de Nell era Nathaniel Walker. Nathaniel Walker, o pintor da realeza, era o pai de Nell, bisavô de Cassandra.

Não, a verdade ainda se encaixava como se fosse a luva de outra pessoa, exatamente como quando tomara conhecimento dela aquela tarde. Estava sentada às margens do Tâmesa, decifrando a caligrafia de Nell no relato sobre a visita que fizera à casa em Battersea, onde Eliza Makepeace tinha nascido, e à Tate Gallery, onde os quadros de Nathaniel Walker estavam expostos. O vento aumentara, crispando a superfície do rio e varrendo suas margens. Cassandra já estava prestes a ir embora quando alguma coisa atraiu seu olhar para aquele trecho particularmente rabiscado da página seguinte, uma frase sublinhada que dizia: *Rose Mountrachet era minha mãe. Eu reconheci o retrato e me lembro dela.* Em seguida, uma seta, e a atenção de Cassandra foi atraída para o título de um livro, *Who Was Who*, sob o qual havia uma lista escrita apressadamente:

- Rose Mountrachet casou-se com Nathaniel Walker, pintor, em 1908
- Uma filha! Ivory Walker (nascida algum tempo depois – 1909? Verificar escarlatina?)
- Rose e Nathaniel morreram em 1913, em um acidente de trem, Ais Gill (mesmo ano em que eu desapareci. Ligação?)

Um papel solto estava dobrado dentro do caderno, uma fotocópia tirada de um livro chamado *Grandes desastres de trem na Era do Vapor*. Cassandra tornou a pegar a folha. Estava gasta, e o texto, desbotado, mas felizmente não estava manchado pelo mofo que devorava o resto do caderno. O título dizia: “A tragédia da ferrovia Ais Gill”. Cercada pelos ruídos do restaurante, Cassandra tornou a ler o relato breve, mas bem realista.

Nas primeiras horas do dia 2 de setembro de 1913, dois trens da Midland Railway saíram da estação de Carlisle rumo à estação de St. Pancras, e todos a bordo desconheciam que estavam sendo levados para um cenário de total destruição. Era uma linha íngreme, pois atravessava as montanhas e os canais da paisagem do norte, e os trens tinham pouca potência. Dois fatos conspiraram para conduzi-los à destruição naquela noite: seus motores eram menores do que os recomendados para os trilhos íngremes da linha e cada um havia sido equipado com carvão de baixa qualidade, cheio de resíduos que o impediam de queimar adequadamente.

Depois de partir de Carlisle à 1h35, o primeiro trem conseguiu, com dificuldade, alcançar o topo do Ais Gill: a pressão do vapor começou a cair e o trem parou. Pode-se imaginar a surpresa dos passageiros com a parada súbita do trem logo depois de sair da estação, mas eles não devem ter ficado muito assustados. Afinal de contas, estavam em boas mãos; o guarda dissera que eles só ficariam parados por alguns minutos e depois seguiriam viagem.

Decerto, a certeza do guarda de que a espera seria breve foi um dos erros fatais cometidos naquela noite. O protocolo convencional da estrada de ferro sugere que, se soubesse quanto tempo o maquinista e o foguista iam levar para limpar a fornalha e restabelecer a pressão do vapor, ele teria lançado alguns detonadores ou carregado uma lanterna ao longo dos trilhos

para sinalizar a qualquer trem que estivesse se aproximando. Mas infelizmente ele não fez isso, e o destino dos passageiros foi selado.

A segunda locomotiva também trafegava com dificuldade. Puxava uma carga mais leve, mas seu motor pequeno e o carvão de má qualidade foram impedimentos suficientes para causar dificuldades ao maquinista. Poucos quilômetros antes de Mallerstang, o maquinista tomou a decisão fatal de deixar a cabine para inspecionar o motor. Embora esta prática pareça arriscada nos padrões de hoje, era bastante comum naquela época. Infelizmente, enquanto o maquinista se ausentara da cabine, o foguista também encontrara problemas: o injetor estava falhando e o nível da caldeira tinha começado a cair. Quando o maquinista retornou, os dois se concentraram tanto no problema que nenhum deles viu a lanterna vermelha acesa na sinaleira de Mallerstang.

Quando terminaram e prestaram atenção na linha, o primeiro trem estava parado a poucos metros de distância. O segundo não conseguiu frear a tempo. Como se pode imaginar, o dano foi extremo e a tragédia provocou a morte de um grande número de pessoas. Além do impacto da batida, o teto do bagageiro deslizou sobre a segunda locomotiva e destruiu o vagão-dormitório da primeira classe. O gás do sistema de iluminação pegou fogo e incendiou os vagões destruídos, matando os infelizes que estavam lá dentro.

Cassandra estremeceu ao imaginar as cenas daquela noite em 1913: a subida íngreme, a paisagem escura, a sensação do trem parando. Imaginou o que Rose e Nathaniel estariam fazendo no momento do impacto, se dormiam no seu vagão ou se conversavam. Se falavam sobre a filha, Ivory, que os esperava em casa. Como era estranho ela estar tão comovida com o sofrimento dos antepassados, de cuja existência só tinha tomado conhecimento tão tardiamente. Que horror deve ter sido para Nell descobrir os pais e tornar a perdê-los desta maneira terrível.

A porta do Carluccio's se abriu, trazendo uma lufada de ar frio misturada com cheiro de fumaça de carro. Cassandra viu Ruby caminhando em sua direção, acompanhada por um homem magro e careca.

– Que tarde! – Ruby sentou-se de frente para Cassandra. – Um grupo de estudantes apareceu já quase no fim do dia. Eu achei que não ia escapar nunca! –

Ela indicou o homem magro. – Este é Grey. Ele é bem mais divertido do que aparenta.

– Ruby querida, que apresentação encantadora. – Ele estendeu a mão por cima da mesa. – Graham Westerman. Ruby me contou tudo a seu respeito.

Cassandra sorriu. Aquela era uma afirmação interessante, uma vez que as duas tinham convivido, na vida, por um total de duas horas. Ainda assim, se alguém era capaz de um milagre desses, Cassandra apostaria que este alguém era Ruby.

Ele se sentou.

– Que sorte herdar uma casa.

– Sem falar em um delicioso mistério familiar – afirmou Ruby, então chamou o garçom e pediu pão e azeite para todos.

Ao ouvir menção ao mistério, a língua de Cassandra coçou com a vontade de falar na sua descoberta recente a respeito da identidade dos pais de Nell. Mas o segredo ficou preso em sua garganta.

– Ruby me disse que você gostou da exposição – comentou Grey, com os olhos brilhando.

– É claro que gostou, ela é humana, afinal de contas – disse Ruby. – Além de ser também uma artista.

– Historiadora da arte. – Cassandra enrubesceu.

– Papai disse que você desenha muito bem. Você ilustrou um livro infantil, não foi?

Ela balançou a cabeça.

– Não, eu costumava desenhar, mas era só um hobby.

– Mais do que um hobby, pelo que eu soube. Papai contou.

– Eu costumava andar com um bloco de desenho quando era mais jovem. Mas isso foi há muitos anos.

– Os hobbies têm tendência a serem deixados de lado – disse Grey diplomaticamente. – Um exemplo disso foi a paixão, felizmente curta, de Ruby pela dança de salão.

– Ora, Grey, só porque você não sabe dançar...

Enquanto os companheiros de mesa discutiam a dedicação de Ruby aos passos de salsa, Cassandra deixou seu pensamento divagar até aquela tarde,

muitos anos antes, quando Nell atirou sobre a mesa o pacote de lápis 2B e o bloco de desenho no qual Cassandra fazia seu dever de álgebra.

Estava morando com a avó havia mais de um ano. Começara o ensino médio e tinha tanta dificuldade em fazer amigos quanto em resolver equações.

– Não sei desenhar – dissera, surpresa e insegura.

Presentes inesperados sempre a deixavam desconfiada.

– Você vai aprender – afirmou Nell. – Você tem olhos e mão. Desenhe o que vê.

Cassandra suspirou pacientemente. Nell era cheia de ideias fora do comum. Ela não se parecia nada com as mães das outras crianças e, com certeza, não se parecia nada com Lesley, mas era bem-intencionada e Cassandra não queria ferir seus sentimentos.

– Acho que é preciso mais do que isso, Nell.

– Bobagem. É só uma questão de ver aquilo que está na sua frente e não o que você *acha* que está.

Cassandra ergueu as sobrancelhas, intrigada.

– Tudo é feito de linhas e formas. É como um código, você só precisa aprender a lê-lo e interpretá-lo. – Nell apontou para o outro lado da sala. – Aquele abajur ali, diga o que você está vendo.

– Hum... um abajur?

– Esse é o problema – retrucou Nell. – Se você só vê um abajur, não vai conseguir desenhá-lo. Mas se o que você vê é um triângulo em cima de um retângulo, com um pequeno tubo ligando um ao outro... Bem, isso já é meio caminho andado, não é?

Cassandra deu de ombros, incerta.

– Tente, nem que seja só para me agradar.

A garota tornou a suspirar, um suspiro de tolerância.

– Nunca se sabe, talvez você se surpreenda – incentivou Nell.

E foi o que aconteceu. Não que ela tenha mostrado um talento especial naquela primeira tentativa. A surpresa fora o prazer que sentira. O tempo parecia desaparecer quando estava com o bloco no colo e o lápis na mão...

O garçom chegou e colocou duas cestas de pão na mesa com um gesto elegante. Assentiu quando Ruby pediu um *prosecco*. Quando ele se afastou,

Ruby estendeu a mão para uma fatia de *focaccia*. Ela piscou para Cassandra e indicou a mesa.

– Experimente o azeite e o vinagre balsâmico. São excelentes.

Cassandra molhou o pão no azeite e no vinagre.

– Vamos, Cassandra – disse Grey –, ajude este velho casal não casado a parar de discutir, conte sobre sua tarde.

Ela pegou um pedacinho de pão que tinha caído na mesa.

– Sim, algo emocionante? – indagou Ruby.

Cassandra se viu dizendo:

– Descobri quem foram os pais biológicos de Nell.

Ruby deu um gritinho.

– O quê? Como? Quem?

Ela mordeu o lábio para evitar um sorriso de prazer.

– Rose e Nathaniel Walker.

– Puxa vida! – Ruby riu. – É o mesmo nome do meu pintor, Grey! Que coincidência, e nós estávamos falando dele hoje, e ele morou na mesma propriedade que... – Ela se calou e seu rosto rosado ficou pálido ao compreender o que Cassandra estava dizendo. – Você está falando do meu Nathaniel Walker. – Engoliu em seco. – Seu bisavô era Nathaniel Walker?

Cassandra assentiu e não conseguiu evitar um sorriso. Aquilo tudo parecia um tanto ridículo.

Ruby ficou boquiaberta, tamanho o espanto.

– E você não tinha ideia hoje, quando estivemos juntas na galeria?

Cassandra balançou a cabeça, ainda sorrindo como uma boba. Ela falou, apenas para tirar aquele sorriso dos lábios.

– Só soube esta tarde, quando li no caderno de Nell.

– Não posso acreditar que você não tenha dito nada até agora!

– Com toda essa conversa sobre dança de salão, acho que ela não teve oportunidade – disse Grey. – Além do mais, Ruby querida, algumas pessoas gostam de manter sua privacidade.

– Ora, Grey, ninguém gosta de guardar segredos. A única coisa que torna divertido um segredo é saber que você não deveria contá-lo. – Ela olhou para Cassandra. – Você é parente de Nathaniel Walker. Tem gente que é mesmo sortuda!

– Parece meio estranho. Foi muito inesperado.

– É mesmo – afirmou Ruby. – Tanta gente pesquisando a história na esperança de ser parente de um Winston Churchill da vida e o destino atira no seu colo um pintor famoso.

Cassandra não conseguiu conter um sorriso.

O garçom apareceu e serviu *prosecco* para todos.

– À solução de mistérios – saudou Ruby, erguendo a taça.

Eles brindaram e beberam.

– Desculpem minha ignorância – disse Grey –, meu conhecimento de história da arte não é lá grandes coisas, mas, se Nathaniel Walker teve uma filha que desapareceu, deve ter acontecido uma enorme investigação, não? Não estou duvidando da pesquisa da sua avó – disse ele para Cassandra –, mas como foi que a filha de um artista famoso desapareceu sem que ninguém soubesse?

Ruby pela primeira vez não soube responder. Ela olhou para Cassandra.

– Pelo que entendi, lendo o caderno de Nell, todos os registros dizem que Ivory Walker morreu aos 4 anos. A mesma idade que Nell tinha quando apareceu na Austrália.

Ruby esfregou as mãos, ansiosa e animada.

– Você acha que ela foi raptada e quem a raptou fez parecer que ela tinha morrido? Que coisa fantástica! Mas quem foi? Por que fizeram isso? O que Nell descobriu?

Cassandra sorriu como se pedisse desculpas.

– Parece que ela não conseguiu solucionar esta parte do mistério. Não completamente.

– Como assim? Como você sabe?

– Eu li o caderno até o final. Nell não descobriu.

– Mas ela deve ter descoberto *alguma coisa*, deve ter aventado alguma hipótese. – O desespero de Ruby era evidente. – Diga-me que ela tinha uma hipótese! Que deixou algo para que possamos investigar...

– Há um nome – disse Cassandra. – Eliza Makepeace. Nell foi deixada com uma mala contendo um livro de contos de fadas que provocou algumas lembranças. Mas, se Eliza pôs Nell no navio, ela mesma não chegou à Austrália.

– O que aconteceu com ela?

Cassandra deu de ombros.

– Não existe nenhuma informação oficial. É como se ela tivesse desaparecido na mesma época em que Nell foi mandada para a Austrália. Quaisquer que tenham sido os planos de Eliza, devem ter falhado.

O garçom tornou a encher as taças e perguntou se eles queriam pedir o prato principal.

– Acho que sim – disse Ruby. – Mas o senhor pode nos dar mais cinco minutos? – Ela abriu o cardápio e suspirou. – É tudo tão emocionante. Imagine só: amanhã você parte para a Cornualha para conhecer seu chalé secreto! Como você consegue suportar todo esse suspense?

– Você vai ficar hospedada no próprio chalé? – indagou Grey.

Cassandra negou.

– O advogado que ficou encarregado de guardar a chave disse que ele não está habitável. Fiz uma reserva em um hotel próximo, o Hotel Blackhurst. É a casa onde morava a família Mountrachet. A família de Nell.

– A sua família – disse Ruby.

– Sim.

Cassandra não tinha pensado nisso. Seus lábios tornaram a formar um sorriso involuntário.

Ruby reagiu de modo exagerado.

– Estou com uma inveja danada. Daria tudo para ter um mistério como esse no passado da minha família, alguma coisa emocionante a ser descoberta.

– Eu estou bem empolgada com tudo isso. Não consigo deixar de pensar naquela garotinha, na pequena Nell, arrancada da família, sentada sozinha no cais. Não consigo tirar isso da cabeça. Adoraria saber o que realmente aconteceu, como ela foi parar do outro lado do mundo, sozinha. – Cassandra ficou encabulada ao perceber que estava falando demais. – Acho que é bobagem minha.

– De jeito nenhum. Acho que é perfeitamente compreensível.

E o tom de simpatia na voz de Ruby deixou Cassandra paralisada. Sabia o que estava por vir. Sentiu um aperto no estômago e tentou encontrar palavras para mudar de assunto.

Mas não foi suficientemente rápida.

– Não pode haver nada pior do que perder um filho – disse Ruby com sua voz bondosa, suas palavras quebrando a casca protetora de Cassandra, fazendo

com que o rosto de Leo, seu cheiro, seu sorriso de 2 anos, escapasse, livre.

Conseguiu concordar com um aceno de cabeça, conseguiu sorrir de leve, refrear as lembranças, enquanto Ruby estendia a mão para tocar a dela.

– Depois do que aconteceu com o seu garotinho, não surpreende que você queira descobrir o passado da sua avó. – Ruby apertou carinhosamente a mão dela. – Faz todo o sentido para mim: você perdeu uma criança e agora quer encontrar outra.

Londres, 1900

Eliza soube quem elas eram assim que dobraram a esquina da Battersea Church Road. Já as tinha visto antes na rua, a velha e a jovem, elegantemente vestidas, realizando suas boas obras com uma certeza imponente, como se o próprio Deus tivesse descido do céu para instruí-las.

O Sr. Swindell vinha ameaçando chamar os assistentes sociais desde que Sammy morrera, não deixando passar uma oportunidade de dizer que, se não achasse um meio de ganhar dinheiro, ela iria parar no asilo. E, embora Eliza fizesse tudo para pagar o aluguel e ainda guardar um pouco na sua bolsinha de couro, seu dom de caçar ratos parecia tê-la abandonado e, a cada semana, ela ficava devendo mais.

No andar de baixo, uma batida à porta fez com que Eliza ficasse paralisada. Contemplou o quarto, amaldiçoando a pequena rachadura no reboco, a chaminé bloqueada. Não ter janelas era bom quando a pessoa queria apenas espionar a rua, mas era ruim quando precisava fugir.

Bateram de novo. Uma batida rápida, urgente, e depois uma voz aguda atravessou a parede:

– É da paróquia.

Eliza ouviu a porta se abrir, a sineta soando.

– Sou a Srta. Rhoda Sturgeon, e esta é minha sobrinha, a Srta. Margaret Sturgeon.

A Sra. Swindell respondeu:

– Encantada.

– Puxa, quanta coisa engraçada, e não tem lugar nem para um gato.

A Sra. Swindell voltou a falar, em um tom mais azedo:

– Sigam-me, a menina está lá em cima. E tomem cuidado. Se quebrarem alguma coisa, vão ter que pagar.

Eliza ouviu os passos se aproximando, o rangido do quarto degrau e, em seguida, mais passos. Esperou, com o coração batendo tão depressa quanto o dos ratos capturados pelo Sr. Rodin. Podia imaginá-lo batendo dentro do peito, como uma chama agitada pelo vento.

Então a porta traidora se abriu e surgiram as duas benfeitoras.

A mais velha sorriu, os olhos sumindo em meio às dobras da pele.

– Damas da paróquia de visita – informou. – Sou a Srta. Sturgeon e esta é minha sobrinha, Srta. Sturgeon. – Ela se inclinou para a frente e Eliza teve que recuar. – E você deve ser a pequena Eliza Makepeace.

Eliza não respondeu. Deu um puxão no gorro de Sammy, que ainda estava usando.

A velha olhou para o quarto escuro e abafado.

– Céus – disse, estalando a língua –, seu pedido não foi exagerado. – Ela levantou a mão e se abanou. – Não, não foi nada exagerado. – A mulher passou por Eliza. – Não é de espantar que a doença floresça aqui. O lugar não tem nem janela.

A Sra. Swindell, ofendida pela escandalosa afronta ao seu quarto, olhou zangada para Eliza.

A Srta. Sturgeon mais velha se virou para a mais moça, que não tinha saído de perto da porta.

– Aconselho você a se proteger com o lenço, Margaret, sua saúde é delicada.

A jovem assentiu e tirou um lencinho de renda da manga. Dobrou-o ao meio, formando um triângulo, e o colocou sobre a boca e o nariz enquanto dava um passo para dentro do quarto.

Segura de sua própria retidão, a velha Srta. Sturgeon prosseguiu com determinação:

– Estou feliz em anunciar que conseguimos alguma coisa para você, Eliza. Assim que soubemos da sua situação, procuramos um meio de ajudar. Você é um pouco jovem para o serviço doméstico e, desconfio, não tem inclinação para isso, mas conseguimos nos sair muito bem. Com a graça de Deus, encontramos um lugar para você no asilo.

Eliza perdeu o ar.

– Então junte suas coisas e vamos – disse a Srta. Sturgeon.

A garota não se mexeu.

– Vamos, não teime.

– Não! – gritou.

A Sra. Swindell deu um tapa na nuca dela, e a velha Srta. Sturgeon arregalou os olhos.

– Você tem sorte de conseguir um lugar, Eliza, pode ter certeza de que existem coisas piores do que o asilo esperando meninas que ficam sozinhas no mundo. – Ela fungou e empinou o nariz. – Agora venha.

– Eu não vou.

– Talvez ela seja burra – disse a jovem Srta. Sturgeon por trás do lenço.

– Ela não é burra – rebateu a Sra. Swindell –, só é ruim.

– Deus acolhe todas as suas ovelhas, até as más – afirmou a velha Srta. Sturgeon. – Agora trate de encontrar roupas mais apropriadas para a menina, Margaret. E tome cuidado para não respirar este ar viciado.

Eliza balançou a cabeça. Não ia para o asilo nem tirar as roupas de Sammy. Aquilo fazia parte dela agora.

Era nesse momento que ela precisava que seu pai aparecesse, heroico, na porta, para levá-la com ele pelos mares em busca de aventuras.

– Isto aqui serve – disse a Sra. Swindell, erguendo o avental de Eliza. – Ela não vai precisar de mais do que isto no lugar para onde vai.

Eliza pensou nas palavras da mãe. Na sua insistência de que uma pessoa tem que se salvar, que, com força de vontade, até os fracos conseguem exercer grande poder. De repente, soube o que tinha que fazer. Sem perder tempo, deu um salto na direção da porta.

A velha Srta. Sturgeon, com rapidez e presença de espírito, bloqueou a passagem. A Sra. Swindell formou uma segunda linha de defesa.

Eliza deu uma cabeçada na robusta Srta. Sturgeon e mordeu-a com toda força. A velha Srta. Sturgeon deu um grito e agarrou a coxa.

– Sua selvagem!

– Tia! Ela vai passar raiva para a senhora.

– Eu avisei que ela era um perigo – insistiu a Sra. Swindell. – Esqueça as roupas. Vamos descer.

Cada uma segurou um braço de Eliza e a jovem Srta. Sturgeon foi descendo com elas, dando informações inúteis sobre degraus e portas, enquanto Eliza se debatia.

– Fique quieta, menina! – disse a velha Srta. Sturgeon.

– Socorro! – gritou Eliza, quase se soltando. – Alguém me ajude.

– Você vai levar uma surra – ameaçou a Sra. Swindell quando chegaram ao andar de baixo.

Então, subitamente, um aliado inesperado.

– Um rato! Eu vi um rato!

– Não há ratos na minha casa!

A jovem Srta. Sturgeon gritou, pulou em uma cadeira e derrubou algumas garrafas verdes.

– Garota desajeitada! Vai ter que pagar pelo prejuízo.

– A culpa foi sua. Se a senhora não tivesse ratos em casa...

– Eu nunca tive! Não tem nenhum rato aqui!

– Tia, eu vi. Uma coisa horrível, do tamanho de um cachorro, com olhinhos pretos e garras afiadas... – Deixou-se cair sobre o espaldar da cadeira. – Estou tonta. Não estou acostumada a esses horrores.

– Calma, Margaret, coragem. Pense nos quarenta dias e quarenta noites de Cristo.

A velha Srta. Sturgeon provou sua determinação mantendo o braço de Eliza bem seguro, enquanto sustentava a sobrinha, quase desmaiada, que gritava:

– Aqueles olhinhos redondos, o nariz tremendo. – Ela engasgou. – Aargh! Lá está ele!

Todos os olhos se voltaram para onde Margaret estava apontando. Escondido atrás do saco de carvão, um rato trêmulo. Eliza torceu para ele fugir.

– Venha cá, seu safado!

A Sra. Swindell agarrou um pedaço de pano e começou a caçar o rato pela sala, agitando o pano em todas as direções.

Margaret estava berrando, a Srta. Sturgeon mandando-a calar a boca, a Sra. Swindell praguejando, o vidro se quebrando, e então uma voz alta e grossa ecoou:

– Parem imediatamente.

O ruído cessou de imediato quando Eliza, a Sra. Swindell e as duas Srtas. Sturgeon se viraram para ver de onde vinham aquelas palavras. Parado na porta, estava um homem vestido de preto. Atrás dele, uma carruagem. As crianças estavam reunidas em volta dela, tocando suas rodas e admirando as lanternas da frente. O homem contemplou a cena diante dele.

– Srta. Eliza Makepeace?

Eliza assentiu, sem conseguir dizer nada. Desapontada demais por ter seu local de fuga bloqueado para pensar na identidade daquele estranho que sabia seu nome.

– Filha de Georgiana Mountrachet?

Ele entregou um retrato a Eliza. Era sua mãe, bem mais jovem, usando roupas finas, de uma dama. A garota arregalou os olhos. Assentiu, confusa.

– Eu sou Phineas Newton. Estou aqui representando lorde Linus Mountrachet, da Mansão Blackhurst, e vim buscá-la para levá-la para a propriedade de sua família.

Eliza ficou estupefata, embora não tanto quanto as duas Sturgeons. A Sra. Swindell caiu sentada em uma cadeira, vítima de uma crise de apoplexia. Ela abria e fechava a boca como um peixe e dizia:

– Lorde Mountrachet...? Mansão Blackhurst...? Propriedade da família...?

A velha Srta. Sturgeon se aprumou.

– Sr. Newton, não o deixarei levar esta menina sem ver alguma documentação. Nós, na paróquia, temos nossas responsabilidades...

– Está tudo aqui. – O homem apresentou um pedaço de papel. – Meu patrão pediu e conseguiu a guarda desta menor. – Ele se virou para Eliza, sem se impressionar com sua roupa. – Vamos, senhorita. Há uma tempestade se aproximando e temos uma longa viagem pela frente.

Eliza só levou um segundo para se decidir. Não importava que ela nunca tivesse ouvido falar de Linus Mountrachet ou da propriedade de Blackhurst. Não importava que ela não soubesse se esse Sr. Newton estava dizendo a verdade. Não importava que sua mãe nunca tivesse contado nada a respeito da sua família, que uma sombra encobrisse seu rosto sempre que Eliza fazia alguma pergunta. Qualquer coisa era melhor do que o asilo. E aceitar a história do homem, escapar das garras das Srtas. Sturgeon e dar adeus aos Swindells e ao

seu quarto frio e solitário dava a Eliza a impressão de que estava se salvando, como se tivesse conseguido fugir por aquela porta.

Ela correu para junto do Sr. Newton, ficou atrás do braço dele e contemplou seu rosto. Assim de perto, ele não parecia tão grande quanto dera a impressão parado na porta. Era robusto e de altura mediana. Sua pele era avermelhada e, por baixo da cartola preta, Eliza pôde ver uma pequena quantidade de cabelo que os anos deixavam grisalhos.

Enquanto as Srtas. Sturgeon examinavam o papel, a Sra. Swindell finalmente se recompôs. Ela se aproximou, apontando o dedo para o peito do Sr. Newton, dando ênfase a cada três palavras.

– Isso não *passa* de um *truque* e o *senhor* é um *trapaceiro*. – Balançou a cabeça. – Não sei o que o senhor quer com a menina, mas posso imaginar, e não vai tirá-la de mim com seus esquemas maliciosos.

– Eu lhe asseguro, madame – disse o Sr. Newton, com certa repugnância –, que não há nenhuma trapaça aqui.

– Ah, não? – Ela ergueu as sobrancelhas e deu um sorriso meio assustador. – Ah, não? – Ela se virou, triunfante, para as Srtas. Sturgeon. – É tudo mentira, ele não passa de um mentiroso. Esta menina não tem família, ela é órfã. É uma órfã. E é minha, posso fazer o que quiser com ela. – A Sra. Swindell deu um sorriso vitorioso ao dizer o que lhe pareceu ser definitivo. – Foi deixada aqui quando a mãe morreu porque não tinha para onde ir. – Fez uma pausa triunfante. – É isso mesmo, a própria mãe da menina me contou que ela não tinha família. Sem falar que, nos treze anos em que a conheço, ninguém mencionou família alguma. Este homem é um impostor.

Eliza olhou para o Sr. Newton, que suspirou e franziu a testa.

– Embora eu não fique surpreso em saber que a mãe da Srta. Eliza tenha ocultado a existência de sua família, isso não altera o fato de que ela existe. – Ele fez um sinal para a velha Srta. Sturgeon. – Está tudo nesses papéis. – O homem saiu e abriu a porta da carruagem. – Srta. Eliza? – chamou, indicando que ela deveria entrar na carruagem.

– Vou chamar meu marido – disse a Sra. Swindell.

Eliza hesitou, abrindo e fechando as mãos.

– Srta. Eliza?

– Meu marido vai resolver isso.

Qualquer que fosse a verdade sobre sua família, Eliza compreendeu que a escolha era simples: carruagem ou asilo. Não tinha alternativa nesse momento. Sua única opção era se colocar à mercê de uma das pessoas ali reunidas. Respirando fundo, deu um passo na direção do Sr. Newton.

– Eu não empacotei minhas coisas...

– Alguém vá chamar o Sr. Swindell!

O Sr. Newton deu um sorriso amargo.

– Acho que nada aqui seria adequado à Mansão Blackhurst.

Uma pequena aglomeração de vizinhos havia se juntado. A Sra. Barker estava parada, boquiaberta, com uma cesta de roupa lavada na mão; a pequena Hatty encostou o rostinho sujo no vestido de Sarah.

– Tenha a bondade, Srta. Eliza.

O Sr. Newton se colocou ao lado da porta e fez um gesto na direção da carruagem.

Com um último olhar para a ofegante Sra. Swindell e para as duas Srtas. Sturgeon, Eliza subiu a escadinha que tinha sido puxada até o meio-fio e entrou na carruagem.



Só quando a porta se fechou atrás dela, Eliza viu que não estava sozinha. Sentado de frente para ela, no assento escuro, estava um homem que ela reconheceu. Um homem usando pincenê e um terno elegante. Sentiu o estômago se revirar. Soube na mesma hora que aquele era o homem mau sobre o qual sua mãe a tinha alertado e que precisava fugir. No entanto, quando se virou para a porta, o homem mau bateu na divisória atrás dele e a carruagem partiu.



PARTE DOIS

21

A viagem para a Cornualha, 1900

Enquanto percorriam a Battersea Church Road, Eliza examinou a porta da carruagem. Talvez, se girasse uma das maçanetas e empurrasse, um dos encaixes se abriria e ela poderia saltar para a liberdade. A qualidade desta liberdade era duvidosa; se sobrevivesse à queda, teria que achar um meio de evitar o asilo, mas isso, sem dúvida, era melhor do que ser levada pelo homem que aterrorizara sua mãe.

Com o coração batendo como um pardal engaiolado, ela estendeu a mão para o pino e...

– Eu não faria isso se fosse você.

Eliza ergueu o olhar, assustada.

O homem a observava, com os olhos aumentados pelas lentes do pincenê.

– Você cairia debaixo da carruagem e as rodas a cortariam ao meio. – Ele sorriu de leve, revelando um dente de ouro. – E como eu poderia explicar isso ao seu tio? Treze anos de busca para entregar você em pedaços?

Então ele fez um ruído, sons abafados que Eliza achou que eram de riso apenas pelos cantos de sua boca.

Tão depressa quanto tinha começado, o ruído parou e a boca do homem voltou ao normal. Passou os dedos pelo bigode grosso, que parecia a cauda de dois pequenos esquilos sobre seus lábios.

– Meu nome é Mansell.

Ele se recostou no assento e fechou os olhos. Juntou as mãos pálidas sobre o cabo de uma bengala de madeira escura.

– Trabalho para seu tio e tenho o sono muito leve.

As rodas da carruagem executavam uma dança metálica sobre as pedras das ruas, os prédios de tijolos passavam voando, uma paisagem cinzenta até onde era possível avistar, e Eliza ali sentada, imóvel, com medo de acordar o homem mau. Ela tentou respirar no mesmo ritmo do galope dos cavalos. Esforçou-se para acalmar seus pensamentos. Concentrou-se no couro frio do assento sob ela. Foi tudo o que pôde fazer para impedir que suas pernas tremessem. Ela se sentiu perdida, como um personagem tirado das páginas de uma história em que o ritmo e o contexto eram conhecidos e então aleatoriamente lançado em outra.

Quando chegaram aos arredores de Londres e saíram, finalmente, da floresta de prédios, Eliza conseguiu enxergar o céu ameaçador. Os cavalos se esforçavam para andar mais depressa do que as nuvens cinzentas, mas que chance tinham contra a ira de Deus? As primeiras gotas de chuva caíram sobre o teto da carruagem e o mundo do lado de fora ficou logo coberto por um manto branco. A chuva batia nas janelas e entrava pelas pequenas aberturas no alto das portas da carruagem.

Eles viajaram assim durante horas e Eliza buscou refúgio em seus pensamentos, até que, subitamente, fizeram uma curva e uma gota gelada caiu em sua cabeça. Piscou os cílios molhados, e olhou para a mancha de água na blusa. Sentiu uma vontade enorme de chorar. Era estranho que, em um dia tão tumultuado, algumas gotas de chuva fizessem uma pessoa chorar. Mas não ia chorar, não ali, com o homem mau sentado bem na sua frente. Engoliu o nó que sentia na garganta.

Sem parecer ter aberto os olhos, o Sr. Mansell tirou do bolso um lenço e estendeu para Eliza. Fez sinal para ela aceitá-lo.

Ela enxugou o rosto.

– Tanto trabalho... – disse ele, em uma voz tão baixa que seus lábios mal se mexeram. – Tanto trabalho...

A princípio, Eliza pensou que ele estivesse se referindo a ela. Pareceu uma injustiça, porque ela não falara nada, mas não teve coragem para dizer isso.

– Tantos anos procurando – continuou ele –, tão pouca recompensa... – Ele abriu os olhos, frios e calculistas; o corpo dela ficou tenso. – Até que ponto chega um homem arrasado.

Eliza imaginou quem seria o homem arrasado, esperava que o Sr. Mansell explicasse melhor. Só que ele não tornou a falar. Apenas olhou para o lenço e o segurou na ponta dos dedos antes de jogá-lo no assento ao seu lado.

A carruagem sacolejou de repente e Eliza se agarrou ao assento para se firmar. Os cavalos tinham mudado de marcha e a carruagem estava parando. Finalmente parou.

Tinham chegado? Eliza olhou pela janela, mas não viu casa alguma. Via apenas um vasto campo encharcado, e, ao lado dele, uma pequena construção de pedra com uma placa na porta. *Hospedaria MacCleary's, Guildford*.

– Tenho outra coisa para fazer – disse o Sr. Mansell, desembarcando. – Newton irá levá-la até lá. – A chuva quase abafou a ordem que ele deu em seguida, mas, quando a porta se fechou, Eliza o ouviu gritar: – Leve a menina para Blackhurst.



Uma curva fechada e Eliza foi jogada contra a porta dura e fria. Despertada subitamente, levou alguns instantes para lembrar onde estava, por que estava sozinha em uma carruagem escura, sendo levada para um lugar desconhecido. Aos poucos, foi se lembrando de tudo: a intimação do tio misterioso, a fuga das garras das benfeitoras da Sra. Swindell, o Sr. Mansell... Limpou o vidro embaçado da janela e olhou para fora. Desde que entrara na carruagem, eles tinham viajado dia e noite, parando apenas ocasionalmente para trocar os cavalos, e agora já estava quase escuro de novo. Evidentemente passara algum tempo dormindo; não sabia dizer quanto.

Já não chovia e as primeiras estrelas estavam visíveis acima das nuvens baixas. As luzes da carruagem não eram páreo para a escuridão do campo e tremiam enquanto o cocheiro navegava pela estrada esburacada. À luz fraca, Eliza avistou a silhueta de árvores grandes, seus galhos pretos desenhados no horizonte, e grandes portões de ferro. Eles entraram em um túnel de enormes arbustos e as rodas foram atravessando as poças, respingando lama na janela.

Estava tudo escuro dentro do túnel, os galhos eram tão densos que não deixavam passar nenhuma luminosidade. Eliza prendeu a respiração, na

expectativa de avistar pela primeira vez o que a aguardava do outro lado. Blackhurst. Ela podia ouvir o coração batendo, não mais como um pardal, mas um corvo de asas grandes e fortes, se debatendo em seu peito.

De repente, eles saíram do túnel.

Uma construção de pedra, a maior que Eliza já vira – maior até mesmo que os hotéis de Londres por onde circulavam os figurões. Estava envolta em uma neblina escura, com árvores altas e galhos entrelaçados atrás dela. Uma luz amarela piscava em uma das janelas mais baixas. Seria esta a casa?

Ao notar um movimento, seu olhar foi atraído para uma janela perto do topo. Um rosto distante, iluminado pela luz de uma vela, estava vigiando. Eliza se aproximou da janela para ver melhor, mas o rosto tinha desaparecido.

Então a carruagem passou pela casa, com suas rodas de metal batendo ruidosamente no chão. Eles atravessaram um arco de pedra e a carruagem parou.

Eliza ficou sentada, alerta, esperando, vigiando, imaginando se devia saltar, entrar na casa.

De repente, a porta se abriu e o Sr. Newton, encharcado apesar da capa de chuva, estendeu a mão.

– Venha, senhorita, já estamos atrasados. Não há tempo para hesitações.

Eliza aceitou a mão estendida e saltou da carruagem. Eles escaparam da chuva enquanto ela estava dormindo, mas o céu prometia que a tempestade ia alcançá-los. Nuvens cinzentas e mal-intencionadas baixavam na direção da terra, e o ar estava pesado com uma neblina diferente da de Londres. Era mais fria, menos engordurada; cheirava a sal, folhas e água. Também havia um barulho que não conseguiu identificar. Como um trem que passava sem parar.

– Você está atrasado. A patroa esperava a menina às duas e meia.

Havia um homem parado na porta, vestido como um figurão. Também falava como se fosse um figurão, mas Eliza sabia que não era. Sua rigidez o delatou, a veemência de sua superioridade. Nenhuma pessoa bem-nascida precisava se esforçar tanto.

– Não pude fazer nada, Sr. Thomas – disse Newton. – Pegamos mau tempo durante toda a viagem. Tivemos sorte de chegar, com o rio Tamar subindo desse jeito.

O Sr. Thomas não se comoveu. Fechou o relógio com um gesto brusco.

– A patroa está muito aborrecida. Sem dúvida, vai querer falar com o senhor amanhã.

A voz do cocheiro soou amarga:

– Sim, Sr. Thomas. Sem dúvida.

O Sr. Thomas se virou para examinar Eliza, demonstrando sua irritação.

– O que é isto?

– A menina, senhor. A que me mandaram buscar.

– Isso não é uma menina.

– Sim, senhor, é ela.

– O cabelo... as roupas...

– Eu só faço o que me mandam, Sr. Thomas. Se o senhor tiver alguma reclamação, sugiro que fale com o Sr. Mansell. Ele estava comigo quando eu a peguei.

Esta notícia pareceu tranquilizar um pouco o Sr. Thomas. Ele suspirou por entre os lábios cerrados.

– Bem, se o Sr. Mansell ficou satisfeito...

O cocheiro assentiu.

– Se o senhor não precisa de mais nada, vou levar os cavalos para o estábulo.

Eliza pensou em sair correndo atrás do Sr. Newton e dos seus cavalos, buscando refúgio nos estábulos, escondendo-se em uma carruagem e encontrando uma maneira de voltar para Londres, mas, quando viu, ele já tinha desaparecido na neblina.

– Venha – disse o Sr. Thomas.

Eliza obedeceu.

Lá dentro estava frio e úmido, embora mais quente e mais seco do que do lado de fora. Eliza seguiu o Sr. Thomas por um corredor curto, tentando evitar que seus passos soassem nas pedras cinzentas. O ar era dominado pelo cheiro de carne assada e Eliza sentiu o estômago roncar. Quando fora a última vez que tinha comido alguma coisa? Uma tigela da sopa da Sra. Swindell dois dias antes, um pedaço de pão com queijo que o cocheiro lhe dera muitas horas antes... Seus lábios estavam ressecados de fome.

O cheiro ficou mais forte quando atravessaram uma cozinha enorme. Um monte de empregadas e uma cozinheira gorda pararam de conversar para observar a cena. Assim que Eliza e o Sr. Thomas passaram, elas recomeçaram a

cochichar animadamente. Eliza teve vontade de chorar quando passou tão perto da comida. Sua boca se encheu de água, como se tivesse engolido um punhado de sal.

No final do corredor, uma mulher magra com um rosto sério e severo apareceu.

– Esta é a sobrinha, Sr. Thomas?

Seu olhar direto examinou Eliza de alto a baixo.

– Sim, Sra. Hopkins.

– Não houve nenhum engano?

– Infelizmente não, Sra. Hopkins.

– Entendo. – Ela respirou fundo. – Ela tem mesmo um ar londrino.

Isso, percebeu Eliza, não era um elogio.

– Realmente, Sra. Hopkins – disse o Sr. Thomas. – Tive vontade de mandá-la tomar um banho antes de apresentá-la.

A Sra. Hopkins apertou os lábios e suspirou, decidida.

– Embora concorde, Sr. Thomas, acho que não há tempo. *Ela* já nos informou do seu desprazer pela espera.

Ela. Eliza imaginou quem seria *ela*.

A Sra. Hopkins ficou meio agitada. Ela alisou rapidamente a saia.

– A menina deve ser levada à sala de visitas. *Ela* virá em seguida. Enquanto isso, vou preparar um banho, para que possamos remover um pouco dessa imundície de Londres antes do jantar.

Então ia haver um jantar. E logo. Eliza ficou tonta de alívio.

Uma risadinha atrás de Eliza e ela se virou a tempo de ver uma empregada de cabelos cacheados entrar na cozinha.

– Mary! – disse a Sra. Hopkins, indo atrás da empregada. – Um dia desses, você vai acordar e tropeçar nas suas orelhas se não aprender a parar de bisbilhotar...

No final do corredor, havia um lance de escadas que dava em uma porta de madeira. O Sr. Thomas subiu rapidamente e Eliza o seguiu, entrando em uma ampla sala.

O piso era de pedras retangulares, e havia uma escadaria suntuosa no centro da sala, um lustre pendurado no teto, cujas velas lançavam uma luz suave no ambiente.

O Sr. Thomas atravessou o salão de entrada e se dirigiu para uma porta vermelha. Ele inclinou a cabeça e Eliza entendeu que era para entrar.

Seus lábios pálidos tremeram quando ele olhou para ela. Pequenas rugas se formaram.

– A patroa, sua tia, descerá para vê-la daqui a pouco. Cuidado com sua pronúncia e chame-a de “minha senhora”, a menos que ela diga o contrário.

Eliza assentiu. *Ela* era sua tia.

O Sr. Thomas ainda a observava. Ele balançou ligeiramente a cabeça, sem tirar os olhos dela.

– Sim – disse ele, baixo e depressa. – Vejo sua mãe em você. Você é uma garotinha suja e malvestida, mas ela está aí em algum lugar.

Antes que Eliza pudesse apreciar o fato de ser parecida com a mãe, houve um ruído no alto da escadaria. O Sr. Thomas parou, endireitou o corpo e deu um empurrão em Eliza, que entrou sozinha no amplo salão com papel de parede cor de vinho e fogo crepitando na lareira.

Lampiões brilhavam sobre as mesas, mas não conseguiam iluminar o enorme salão. A escuridão sussurrava nos cantos, sombras se agitavam nas paredes. De um lado para outro...

Houve um ruído e a porta tornou a se abrir. Uma lufada de ar frio fez o fogo crepitar ainda mais na lareira, agitou as sombras nas paredes.

Estremecendo de ansiedade, Eliza se virou.



Uma mulher alta e magra estava parada à porta, seu corpo, uma ampulheta alongada. Seu vestido longo, de seda azul, escura como o céu noturno, caía colado ao seu corpo.

Um cachorro enorme – um sabujo – estava ao lado dela, suas pernas longas movendo-se rapidamente quando ele se aproximava, esfregando-se em seu vestido. Ele erguia de vez em quando a cabeça para esfregá-la na mão dela.

– Srta. Eliza – anunciou o Sr. Thomas, que tinha entrado rapidamente atrás da mulher e se colocado em posição de sentido.

A mulher não respondeu, mas examinou o rosto de Eliza. Ficou em silêncio por alguns instantes, antes de dizer em uma voz severa:

– Preciso falar com Newton amanhã. Ela chegou mais tarde do que o previsto. – Falou tão devagar, com tanta segurança, que Eliza pôde sentir o tom mordaz de suas palavras.

– Sim, minha senhora – respondeu Thomas, com o rosto ardendo. – Quer que eu traga o chá, minha senhora? A Sra. Hopkins...

– Agora não, Thomas. – Sem se virar, acenou com sua mão pálida e fina. – Você devia saber que está muito tarde para servir chá.

– Sim, minha senhora.

– Se alguém soubesse que se tomou chá na Mansão Blackhurst depois de escurecer... – Uma risada de rachar cristais. – Não, vamos esperar pelo jantar agora.

– Na sala de jantar, minha senhora?

– Onde mais?

– Dois lugares, minha senhora?

– Vou jantar sozinha.

– E a Srta. Eliza, madame?

A tia respirou fundo.

– Uma ceia ligeira.

O estômago de Eliza roncou. Pediu a Deus que sua ceia ligeira contivesse um pouco de carne quente.

– Perfeitamente, minha senhora – disse o Sr. Thomas, fazendo uma reverência ao sair da sala.

A porta se fechou lentamente.

A tia deu um longo suspiro e olhou para Eliza.

– Aproxime-se, criança, deixe-me olhar para você.

Eliza obedeceu, chegou mais perto da tia e parou, tentando acalmar a respiração.

De perto, a tia era linda. Tinha o tipo de beleza que se evidenciava em cada feição, mas que não era favorecida pelo todo. O rosto dela parecia uma pintura. Pele branca como a neve, lábios vermelhos como o sangue, olhos azul-claros. Olhar dentro dos olhos dela era como fitar um espelho iluminado. Seu cabelo preto era macio e brilhante, penteado para trás e preso no alto da cabeça.

O olhar da tia percorreu o rosto de Eliza e suas pálpebras pareceram estremecer. Dedos frios ergueram o queixo da menina, para observá-la melhor. Sem saber para onde olhar, Eliza piscou diante daquela expressão impenetrável. O enorme cachorro ficou ao lado da dona, lançando seu hálito quente nos braços de Eliza.

– Sim – disse a tia, o “s” se alongando em seus lábios e um nervo repuxando no canto da boca. Foi como se respondesse a uma pergunta que não havia sido formulada. – Você é filha dela. Reduzida em todos os aspectos, mas ainda filha dela. – Ela estremeceu de leve enquanto uma pancada de chuva batia nas janelas. A tempestade finalmente chegara. – Vamos torcer para você não ter a mesma personalidade dela. Com uma intervenção precoce, podemos evitar qualquer tendência semelhante.

Eliza imaginou que tendências seriam essas.

– Minha mãe...

– Não. – A tia ergueu a mão. – Não. – Ela abriu a mão diante da boca, sorriu de leve. – Sua mãe envergonhou o nome da família. Insultou a todos que vivem nesta casa. Não falamos nela aqui. Nunca. Esta é a primeira condição para você viver na Mansão Blackhurst. Está entendendo?

Eliza mordeu o lábio.

– Está entendendo? – A voz da tia tinha adquirido um súbito tremor.

Eliza assentiu com um leve aceno, mais pela surpresa do que por estar concordando.

– Seu tio é um cavalheiro. Ele sabe de suas responsabilidades.

Os olhos da tia voltaram-se na direção de um retrato pendurado ao lado da porta. Um homem de meia-idade, cabelos avermelhados e uma expressão ladina. Exceto pelos cabelos ruivos, não se parecia nada com a mãe de Eliza.

– Você deve sempre se lembrar da sorte que teve. Esforce-se bastante para conseguir merecer a generosidade do seu tio.

– Sim, minha senhora – respondeu Eliza, lembrando-se do que o Sr. Thomas dissera.

A tia se virou e puxou uma pequena alavanca na parede.

Eliza engoliu em seco. Tomou coragem para falar:

– Perdão, minha senhora – disse ela baixinho. – Vou conhecer meu tio?

A tia ergueu uma sobrancelha. Pequenas linhas surgiram em sua testa, que, em seguida, ficou lisa de novo, parecendo feita de alabastro.

– Meu marido está na Escócia fotografando a Catedral de Brechin e só voltará amanhã.

Ela se aproximou e Eliza percebeu a tensão emanando do seu corpo.

– Embora tenha oferecido um lugar para você morar, seu tio é um homem ocupado, um homem importante, que não gosta de ser incomodado por crianças.

– Ela cerrou os lábios com tanta força que ficaram pálidos. – Você deve se manter longe. Já foi muita bondade da parte dele trazê-la para cá, não deseje mais do que isso. Está entendendo? – Os lábios tremeram. – Está entendendo?

Eliza assentiu depressa.

Então felizmente a porta se abriu e o Sr. Thomas tornou a aparecer.

– A senhora tocou?

Os olhos da tia estavam fixos em Eliza.

– A criança precisa se lavar.

– Sim, minha senhora. A Sra. Hopkins já preparou a água.

A tia estremeceu.

– Mande-a pôr um pouco de desinfetante. Algo forte. Suficiente para remover esta sujeira de Londres. – E acrescentou baixinho: – Gostaria que removesse também tudo o mais com que, temo, ela tenha sido contaminada.



Ainda com a pele ardendo de tanto ser esfregada, Eliza seguiu a luz do lampião da Sra. Hopkins pela escada de madeira que ia dar em outro corredor. Homens mortos havia muito tempo a observavam maliciosamente de pesadas molduras douradas, e Eliza pensou que devia ser horrível posar para um retrato, ficar sentada, imóvel, por tanto tempo, só para ter uma imagem sua imortalizada em uma tela, pendurada em uma parede em um corredor escuro.

Ela andou mais devagar. Reconheceu o último retrato. Era diferente do que estava no salão: neste, ele era mais jovem. O rosto dele era mais cheio e ainda não tinha o ar ladino que exibiria mais tarde. No rosto deste rapaz jovem, Eliza via a mãe.

– Aquele ali é seu tio – disse a Sra. Hopkins, sem se virar. – Você irá conhecê-lo em carne e osso muito em breve.

A palavra “carne” fez Eliza reparar nos pedacinhos de tinta rosa e creme que o pincel do artista deixara no retrato. Ela estremeceu, lembrando-se dos dedos pálidos e úmidos do Sr. Mansell.

A Sra. Hopkins parou na frente de uma porta no final do corredor e Eliza correu atrás dela, ainda apertando a roupa de Sammy contra o peito. A governanta tirou uma chave de uma dobra do vestido e a enfiou na fechadura. Abriu a porta e entrou, erguendo o lampião.

O quarto estava escuro; o lampião só lançou uma luzinha fraca que pouco clareou o interior. No centro, Eliza avistou uma cama de madeira preta, com quatro colunas que pareciam ter figuras entalhadas que subiam na direção do teto.

Na mesinha de cabeceira, havia uma bandeja com um pedaço de pão e uma tigela de sopa de onde já não subia nenhum vapor. Não havia nenhuma carne à vista, mas mendigos não podiam escolher, como sua mãe dizia. Eliza correu para a tigela e tomou a sopa tão depressa que ficou com soluço. Ela passou o pão no fundo do prato para não perder nem uma gota.

A Sra. Hopkins, que a observava com um ar espantado, não teceu nenhum comentário. Pôs o lampião sobre uma caixa de madeira no pé da cama e puxou a coberta pesada.

– Agora venha para a cama. Não tenho a noite inteira.

Eliza obedeceu. Os lençóis estavam frios e úmidos sob suas pernas, sensíveis de tanto serem esfregadas.

A Sra. Hopkins levou o lampião e Eliza ouviu a porta sendo fechada. Ficou sozinha no quarto escuro, ouvindo a estrutura velha e cansada da casa estalar.

A escuridão do quarto tinha um som, pensou Eliza. Um ronco baixo e distante. Sempre presente, sempre ameaçador, nunca se aproximando o suficiente para se revelar como algo inofensivo.

E então começou a chover de novo, uma chuva súbita e pesada. Eliza se assustou quando um relâmpago rasgou o céu e iluminou tudo. Naqueles instantes de claridade, que eram sempre seguidos de um trovão que fazia a casa gigantesca estremecer, ela examinou o quarto, uma parede de cada vez, tentando conhecer o ambiente.

Clarão... trovão... guarda-roupa de madeira escura ao lado da cama.

Clarão... trovão... lareira na parede do outro lado.

Clarão... trovão... cadeira de balanço antiga perto da janela.

Clarão... trovão... um assento sob a janela.

Nas pontas dos pés, Eliza atravessou o cômodo pisando no chão frio. O vento entrava pelas brechas do assoalho e percorria sua superfície. Ela subiu no assento da janela e olhou para o terreno escuro lá fora. Nuvens ameaçadoras tinham ocultado a lua e o jardim estava coberto por um manto escuro. A chuva caía sobre o terreno encharcado.

Outro relâmpago e o quarto ficou iluminado de novo. Quando o clarão desapareceu, Eliza avistou seu reflexo na janela. O rosto dela, o rosto de Sammy.

A menina estendeu a mão, mas a imagem já tinha sumido e seus dedos tocaram apenas o vidro gelado. Soube, naquele momento, mais do que em qualquer outro, que estava muito longe de casa.

Ela voltou para a cama e se enfiou debaixo dos lençóis frios, úmidos e desconhecidos. Deitou a cabeça sobre a camisa de Sammy. Fechou os olhos e começou a cochilar.

De repente, sentou-se na cama.

Sentiu um frio na barriga e o coração disparando.

O broche de mamãe. Como podia ter esquecido? Naquela pressa, com todo aquele drama, deixara-o para trás. Enfiado na chaminé, na casa dos Swindells, o tesouro de sua mãe a esperava.

Cornualha, 2005

Cassandra pôs um saquinho de chá na xícara e a chaleira no fogo. Enquanto a água fervia, ela ficou olhando pela janela. Seu quarto ficava nos fundos do Hotel Blackhurst, com vista para o mar, e, embora estivesse escuro, ainda conseguia ver o jardim. Um gramado em forma de feijão ia da varanda até uma fileira de árvores altas, azuladas sob o luar. Aquela era a face do rochedo, sabia Cassandra, aquelas árvores eram a última linha de defesa naquele pedaço de terra.

Em algum lugar, do outro lado da enseada, ficava a cidade. Cassandra ainda não tinha visto muita coisa dela. A viagem de trem tomara grande parte do dia e, quando o táxi atravessou as colinas que ficavam atrás de Tregenna, a noite já estava caindo. Só quando o carro chegou ao alto de uma colina foi que Cassandra avistou brevemente um círculo de luzes na enseada lá embaixo, como uma aldeia de um conto de fadas se materializando com o cair da noite.

Enquanto esperava a água ferver, ela folheou o caderno de Nell. Lera-o durante grande parte da viagem de trem, imaginando que seu tempo ia ser bem empregado desvendando o estágio seguinte da viagem da avó. Mas se enganara. A teoria era sólida, mas a prática não tão simples. Passara a maior parte da viagem perdida em seus próprios pensamentos. Estava assim desde o jantar com Ruby e Grey. Embora Nick e Leo nunca estivessem longe dos seus pensamentos, ver a morte deles ser comentada tão abertamente, tão inesperadamente, a fizera reviver aquela tragédia.

Tudo fora tão súbito. Essas coisas sempre eram, supunha. Em um momento, ela era esposa e mãe; no outro, estava sozinha. E tudo para que pudesse desenhar por uma hora sem ser interrompida. Colocara Leo ainda bebê no colo de Nick e os mandara comprar mantimentos supérfluos. Nick sorria para ela ao ligar o

carro, e Leo tinha acenado com sua mão gorducha, ainda agarrado à fronha de seda que levava para toda parte. Cassandra acenara de volta, distraída, já com a cabeça no seu estúdio.

O pior era que tinha adorado aquela hora e meia, até ouvir a batida à porta. Nem notara que eles já estavam fora havia tanto tempo...

Nell fora a salvadora de Cassandra pela segunda vez. Viera imediatamente, trazendo Ben com ela. Ele conseguiu lhe explicar o que tinha acontecido, as palavras que não faziam sentido nos lábios do policial: um acidente, um caminhão desgovernado, uma batida. Uma terrível sequência de eventos tão corriqueiros, tão banais, que era impossível acreditar que estivessem acontecendo com ela.

Nell dissera a Cassandra que ficaria tudo bem. Mas ela sabia que isso não era verdade, que nunca mais as coisas ficariam bem. Viera munida de comprimidos para ajudar a neta a dormir, para apagar sua mente e fazer com que tudo aquilo desaparecesse, mesmo que apenas por algumas horas. E depois, levava Cassandra para casa com ela.

As coisas melhoraram na casa de Nell; ali, os fantasmas não estavam tão presentes. A casa da avó tinha seus próprios fantasmas, e os que Cassandra trouxera não dispunham da mesma liberdade ali.

Seguiu-se um período enevoado, um período de dor, de horror e pesadelos que não desapareciam quando o dia raiava. Ela não sabia o que era pior: as noites em que Nick tomava conta de seus pensamentos, seu fantasma repetindo aquelas perguntas, sem parar – “Por que você nos obrigou a sair? Por que você me fez levar Leo?” –, ou as noites em que ele não aparecia, quando ela ficava sozinha e as horas escuras se estendiam interminavelmente, com a salvação parcial trazida pelo amanhecer que parecia não chegar nunca. E havia o sonho. Aquele campo odioso, com a promessa de que ela iria encontrá-los.

Durante os dias, era Leo que a acompanhava, o barulho dos seus brinquedos, um grito, uma mãozinha agarrando sua saia, pedindo para ser erguido no colo. Ah, o clarão de felicidade em seu coração, momentâneo, fragmentado, mas, mesmo assim, real. Aquele átimo de segundo em que ela esquecia tudo. Depois, a dura realidade, quando se virava para pegá-lo no colo e ele não estava ali.

Ela tentou começar a sair, achou que conseguiria fugir deles, mas não tinha funcionado. Via crianças em todos os lugares por onde andava – os parques, as

escolas, as lojas. Será que sempre houvera tantas? Então ficava em casa, passava os dias deitada no jardim de Nell, observando a mangueira e contemplando as nuvens. O céu azul por trás das folhas do jasmineiro, a agitação das palmeiras, as sementes em forma de estrelas carregadas pelo vento e caindo sobre o jardim.

Sem pensar em nada. Tentando não pensar em nada. Pensando em tudo.

Foi lá que Nell a encontrou em uma tarde de abril. A estação estava apenas começando, o calor do verão tinha diminuído e havia um vestígio de outono no ar. Cassandra estava de olhos fechados.

Percebeu Nell parada perto dela porque o calor que tocava a pele dos seus braços cessara, e uma sombra encobria seu rosto.

Então, uma voz:

– Pensei mesmo que a encontraria aqui.

Cassandra seguiu em silêncio.

– Você não acha que já está na hora de começar a fazer alguma coisa, Cass?

– Por favor, Nell. Me deixe.

Tentou novamente, mais devagar, com firmeza.

– Você precisa começar a fazer alguma coisa.

– Por favor... – Ela se sentia mal só de segurar um lápis. Quanto a abrir um dos cadernos de desenho... Como podia se arriscar a ver um rostinho redondo, a pontinha de um nariz arrebitado, os lábios de um bebê...?

– Você precisa fazer alguma coisa.

Nell só estava tentando ajudar. Entretanto, havia uma parte de Cassandra que queria gritar e sacudir a avó, castigá-la por não conseguir entender. Em vez disso, suspirou. Suas pálpebras, ainda fechadas, tremeram.

– O Dr. Harvey vive dizendo isso. Não preciso ouvir de você também.

– Não estou falando terapeuticamente, Cass. – Uma breve hesitação, e Nell continuou: – Quero dizer que você precisa começar a contribuir.

Cassandra abriu os olhos, levantou uma das mãos para se proteger da claridade.

– O quê?

– Eu não sou uma galinha dos ovos de ouro, meu amor. Preciso de ajuda. Na casa, na loja, financeiramente.

As frases ofensivas flutuaram no ar, recusando-se a desaparecer. Como Nell podia ser tão fria? Tão insensível? Cassandra se irritou.

– Minha família morreu – conseguiu finalmente dizer; a garganta doeu com todo aquele esforço. – Estou de luto.

– Eu sei disso – respondeu Nell, sentando-se ao lado de Cassandra. Segurou a mão da neta. – Eu sei disso, minha querida. Mas já se passaram seis meses. E você não está morta.

Cassandra estava chorando. Pronunciar aquelas palavras tinha provocado o choro.

– Você está aqui – disse Nell baixinho, afagando a mão de Cassandra –, e eu preciso de ajuda.

– Não posso.

– Pode, sim.

– Não. – A cabeça dela doía; estava cansada, tão cansada... – Eu simplesmente não posso. Não tenho nada para dar.

– Não preciso que você me dê nada. Só preciso que venha comigo e faça o que eu pedir. Você pode segurar uma flanela, não pode?

Nell afastou o cabelo de Cassandra do rosto molhado de lágrimas. Seu tom de voz era baixo e firme.

– Você vai superar isso. Sei que não é o que parece, mas você vai. Você é uma sobrevivente.

– Eu não quero sobreviver.

– Eu também sei disso – afirmou Nell. – E é justo. Só que às vezes nós não temos escolha...

A chaleira elétrica desligou com um clique sonoro e Cassandra despejou água quente sobre o sachê, com a mão um pouco trêmula. Esperou um pouco a infusão do chá. Agora sabia que Nell tinha compreendido, que ela conhecia o vazio súbito, assustador, de ter todos os seus laços partidos.

Mexeu o chá e suspirou, enquanto Nick e Leo se retiravam mais uma vez. Ela se obrigou a pensar no presente. Estava no Hotel Blackhurst, em Tregenna, na Cornualha, ouvindo as ondas de um mar desconhecido quebrando na areia de uma praia desconhecida.

Do outro lado do topo das árvores mais altas, um pássaro solitário atravessou o céu escuro e o luar iluminou a superfície da água. Luzinhas piscavam ao longe. Barcos de pesca, pensou Cassandra. Tregenna era uma aldeia de pesca, afinal. Que estranho, era uma surpresa encontrar, neste mundo moderno, um lugar onde

as coisas ainda eram feitas à moda antiga, em pequena escala, como vinham sendo feitas por gerações.

Cassandra tomou um gole de chá e suspirou. Estava na Cornualha, como Nell estivera antes dela. E Rose, Nathaniel e Eliza Makepeace antes disso. Enquanto murmurava o nome deles, sentiu um formigamento estranho na pele. Como fios pequeninos, todos sendo repuxados ao mesmo tempo. Tinha um objetivo naquele lugar, e não era chafurdar no próprio passado.

– Aqui estou, Nell – disse baixinho. – Era isso que você queria que eu fizesse?

Mansão Blackhurst, 1900

Quando Eliza acordou na manhã seguinte, levou alguns instantes para se lembrar de onde se encontrava. Parecia estar deitada em um imenso trenó de madeira, com um toldo azul-escuro acima de sua cabeça. Sua camisola era do tipo que faria a Sra. Swindell esfregar as mãos de cobiça. As roupas sujas de Sammy estavam dobradas debaixo de sua cabeça, improvisando um travesseiro. Então tudo veio à tona: as benfeitoras, o Sr. Newton, a viagem de carruagem, o homem mau. Estava na casa do tio e da tia, houve uma tempestade, raios, trovões e chuva. O rosto de Sammy refletido no vidro.

Eliza foi até o assento sob a janela e olhou para fora. Viu-se obrigada a estreitar os olhos. A chuva e os trovões da noite anterior tinham desaparecido com a aurora. A luz e o ar estavam límpidos. Folhas e galhos se espalhavam pelo gramado e um banco de jardim diretamente abaixo da janela tinha sido virado pelo vento.

Sua atenção foi atraída para um canto distante do jardim. Alguém, um homem, se movia no meio das plantas. Tinha uma barba preta e usava um macacão, um esquisito chapéu verde e galochas pretas.

Um ruído atrás dela fez Eliza se virar. A porta do seu quarto se abriu e uma empregada jovem, de cabelos bem encaracolados, colocou uma bandeja sobre a mesinha de cabeceira. Era a mesma que recebera uma bronca na noite anterior.

– Bom dia, senhorita – disse ela. – Meu nome é Mary e eu trouxe o café da manhã. A Sra. Hopkins disse que a senhorita podia tomá-lo no seu quarto esta manhã, por causa da longa viagem que fez.

Eliza se apressou em sentar-se à mesa. Seus olhos se arregalaram quando viu o que havia na bandeja: pãezinhos quentes com manteiga, potes brancos cheios

até a borda com geleias de frutas, salmões defumados, uma pilha de ovos mexidos, uma bela salsicha. Seu coração se encheu de alegria.

– A senhorita trouxe uma bela tempestade ontem à noite – prosseguiu Mary, abrindo as cortinas. – Quase não consegui chegar em casa. Achei que ia ter que passar a noite aqui.

Eliza engoliu um pedaço de pão.

– Você não mora aqui?

Mary riu.

– Nem pensar. As outras podem morar aqui, mas eu não ia gostar disso. – Ela olhou para Eliza, com as faces ruborizadas. – Quer dizer, eu moro na aldeia. Com meus pais, meus irmãos e minha irmã.

– Você tem um irmão?

Quando Eliza pensou em Sammy, sentiu um forte vazio no peito.

– Tenho, sim, três. Dois mais velhos e um mais jovem, embora Patrick, o mais velho, não more mais conosco. Mas ainda trabalha nos barcos pesqueiros, junto com meu pai. Ele, Will e papai saem todos os dias, não importa o tempo. O mais jovem, Roly, tem apenas 3 anos e fica em casa com minha mãe e a pequena May. – Ela afofou as almofadas do assento da janela. – Nós, os Martins, sempre trabalhamos no mar. Meu bisavô era um dos piratas de Tregenna.

– Um o quê?

– Um dos piratas de Tregenna – respondeu Mary, arregalando os olhos de incredulidade. – A senhorita nunca ouviu falar neles?

Eliza balançou a cabeça.

– Os piratas de Tregenna foram o bando mais assustador que já existiu. Eles mandavam e desmandavam no mar, trazendo de volta uísque e pimenta quando o pessoal daqui não conseguia obtê-los de outro jeito. Mas só tiravam dos ricos, fique sabendo. Assim como aquele fulano... Como ele se chamava mesmo? Só que no oceano, e não na floresta. Existem trilhas por estas montanhas que vão até o mar.

– Onde fica o mar, Mary? – indagou Eliza. – Perto daqui?

Mary olhou outra vez para ela com uma expressão de espanto.

– É claro que sim, bobinha! Não consegue ouvi-lo?

Eliza apurou os ouvidos, imóvel. Ela podia escutar o mar?

– Ouça – disse Mary. – *Tchááá... Tchááá... Tchááá...* Isso é o mar. Inspirando e expirando, como sempre. A senhorita não consegue mesmo ouvir?

– Eu estava ouvindo – disse Eliza. – Só não sabia que era o mar.

– Não sabia que era o mar? – Mary riu. – E o que achava que era?

– Achei que era um trem.

– Um trem?! – Mary deu uma gargalhada. – A senhorita é engraçada. A estação fica longe daqui. Achou que o mar fosse um trem, que coisa! Espere só até eu contar para os meus irmãos.

Eliza pensou nas poucas histórias que sua mãe tinha contado sobre areia, pedrinhas prateadas e vento que cheirava a sal.

– Posso ver o mar, Mary?

– Acho que sim. Desde que volte quando a cozinheira tocar a sineta do almoço. A patroa saiu para fazer visitas esta manhã, então não vai reparar. – O rosto alegre de Mary ficou sombrio quando mencionou a patroa. – Só trate de voltar antes dela, está ouvindo? Ela é cheia de regras e ordens, não gosta de ser contrariada.

– Como eu chego lá?

Mary fez sinal para Eliza se aproximar da janela.

– Venha até aqui que eu lhe mostro, benzinho.



O ar era diferente naquele lugar, e o céu também. Parecia mais brilhante e distante. Não era como aquela cobertura cinzenta que pairava sobre Londres, sempre ameaçando cair sobre a cidade. Este céu pairava alto, carregado pela brisa do mar, como um enorme lençol branco no varal, soprado pelo vento.

Eliza ficou parada na beira do rochedo, olhando para o mar azul-escuro do outro lado da enseada. O mesmo mar que seu pai tinha navegado, a praia que sua mãe conhecera quando era menina.

A tempestade da noite anterior tinha deixado restos de madeira espalhados pela praia. Galhos esbranquiçados e elegantes, retorcidos e polidos pelo tempo, saíam do meio das pedras como chifres de algum animal enorme.

Eliza podia sentir o gosto do sal no ar, exatamente como mamãe tinha dito. Nos confins daquela casa estranha, sentiu-se, de repente, leve e livre. Respirou fundo e começou a descer os degraus de madeira, cada vez mais depressa, ansiosa para chegar lá embaixo.

Quando alcançou a praia, sentou-se em uma pedra lisa e desamarrou as botas, os dedos atropelando uns aos outros na pressa de concluir a tarefa. Enrolou a bainha da calça de Sammy até acima dos joelhos, depois foi até a beira do mar. Sentiu as pedras, ao mesmo tempo lisas e pontudas, quentes sob seus pés. Ficou parada por um momento, observando a grande massa azul indo e vindo, indo e vindo.

Então, com um suspiro profundo e salgado, avançou um pouco, molhando os pés, os tornozelos, os joelhos. Foi andando pela beirada da praia, rindo das bolhas entre seus dedos, catando conchas e um pedacinho de algo trazido pelo mar que tinha a forma de uma estrela.

Era uma pequena enseada com uma curva fechada. Eliza não demorou a percorrer toda a extensão da praia. Quando chegou ao fim, a proximidade lhe deu outra dimensão do que parecera, a distância, uma mera mancha escura. Um imenso penhasco preto se projetava da ribanceira em direção ao mar. Parecia uma nuvem de fumaça escura congelada pelo tempo, condenada a uma solidez eterna; não fazia parte da terra, nem do mar e nem do ar.

A rocha negra era escorregadia, mas Eliza encontrou uma plataforma na ponta, onde ela conseguia ficar em pé. Procurou saliências e escalou a encosta, só parando ao chegar ao topo. Era tão alto que ela não podia olhar para baixo sem ter a impressão de que sua cabeça borbulhava. Engatinhando, ela continuou. A plataforma ficava cada vez mais estreita e ela finalmente chegou à ponta. Sentou-se no punho erguido da rocha e riu até perder o fôlego.

Era como estar no topo de um imenso navio. Abaixo, via a espuma branca das ondas; adiante, o mar aberto. O sol fazia brilhar milhares de luzes em sua superfície, agitadas pelo vento, até o horizonte. Bem em frente, sabia, ficava a França. Do outro lado da Europa, estava o Oriente – Índia, Egito, Pérsia e outros lugares exóticos sobre os quais os barqueiros do Tâmis falavam. Mais além estava o Extremo Oriente, o outro lado da Terra. Contemplando o vasto oceano e a luz cintilante do sol, enquanto pensava em terras distantes, Eliza foi envolvida

por uma sensação inédita. Uma percepção de possibilidades futuras, uma ausência de cautela...

Inclinou-se para a frente e estreitou os olhos. O horizonte não estava mais vazio. Algo surgira: um navio negro com as velas erguidas navegava na linha em que o mar se encontra com o céu, como se estivesse prestes a cair no abismo do mundo. Eliza piscou e, quando tornou a abrir os olhos, a embarcação tinha desaparecido. Como os navios devem andar depressa no mar aberto, como suas velas brancas são grandes e fortes... Era em um navio desses que seu pai devia ter viajado, pensou ela.

Eliza olhou para cima. Uma gaivota voava em círculos, gritando, camuflada pelo branco do céu. Ela seguiu seu voo até que algo no topo do rochedo chamou sua atenção. Havia um chalé, quase escondido pelas árvores. Ela só conseguia avistar seu telhado e uma janelinha engraçada bem no topo. Imaginou como seria viver em um lugar desses, na extremidade do mundo: será que teria sempre a sensação de que iria tropeçar e cair no mar?

Eliza levou um susto quando a água fria bateu no rosto. Olhou para baixo, para o mar revolto. A maré estava enchendo rapidamente. A plataforma onde ela tinha subido estava agora debaixo d'água.

Ela engatinhou de volta pela rocha e desceu com cuidado, agarrando-se às saliências das pedras.

Quando já estava quase no nível da água, parou. Daquele ângulo, podia ver que a rocha não era sólida. Era como se alguém tivesse aberto um grande buraco nela.

Uma caverna, era isso. Eliza pensou nos piratas de Tregenna que Mary tinha mencionado, em seus túneis. Era isso aquela caverna, ela tinha certeza. Mary não dissera que os piratas costumavam passar seu contrabando por uma série de cavernas que corriam sob os rochedos?

Eliza passou pela frente da rocha e subiu na plataforma. Deu alguns passos: estava escuro e úmido.

– Olá? – disse.

Sua voz ecoou agradavelmente, reverberando nas paredes antes de desaparecer.

Ela não conseguia enxergar o que havia no interior, mas sentiu um arrepio de empolgação. Sua própria caverna! Ia voltar ali um dia, pensou, com uma

lanterna para poder ver direito...

Ouviu então um som, distante, mas se aproximando. *Po-co-tó, po-co-tó, po-co-tó...*

Eliza primeiro pensou que o som vinha de dentro da caverna. O medo a deixou presa ao chão, e ela imaginou que tipo de monstro marinho estava vindo atrás dela.

Po-co-tó, po-co-tó, po-co-tó... Mais alto agora.

Ela recuou devagar, esgueirando-se pela lateral da rocha.

Então, na trilha no alto do rochedo, ela viu um par de belos cavalos pretos puxando uma carruagem. Não era um monstro marinho, afinal, mas Newton e sua carruagem na estrada do rochedo, o som aumentava ao ressoar nas paredes de pedra da caverna.

Lembrou-se do aviso de Mary. A tia tinha saído de manhã, mas era esperada para o almoço; Eliza não devia se atrasar.

Desceu pela rocha e pulou nas pedras. Correu pela água rasa e depois voltou pela praia. Eliza amarrou as botas e subiu os degraus. A ponta de sua calça estava molhada e a bainha foi batendo nos seus tornozelos enquanto voltava por entre as árvores. O sol havia mudado de posição desde que ela descera para a enseada; o caminho se tornara escuro e frio. Era como se ela estivesse em um esconderijo, em um esconderijo secreto no meio dos arbustos, onde moravam fadas e duendes. Eles estavam escondidos, vendo-a passar pelo seu mundo. Examinou a vegetação enquanto andava, tentando não piscar, na esperança de apanhá-los desprevenidos. Afinal, todo mundo sabia que, se você visse uma fada, ela era obrigada a satisfazer seus desejos.

Um barulho deteve Eliza. Ela prendeu a respiração. Na clareira, diante dela, estava um homem, um homem de verdade. Aquele de barba preta que ela vira da janela do seu quarto naquela manhã. Estava sentado em um toco de árvore, desembrulhando um pedaço de pano. Lá dentro, havia uma fatia de torta de carne.

Eliza parou, observando. Os ramos dos galhos roçaram as pontas de seu cabelo curto quando ela subiu com cuidado em um galho baixo para ver melhor. O homem tinha ao seu lado um carrinho cheio de terra. Ou algo que parecia ser terra. Eliza sabia que aquilo era um mero artifício, que por baixo da terra havia tesouros guardados. Afinal, ele era um rei pirata, disso ela tinha certeza. Era um

dos piratas de Tregenna ou o fantasma de um pirata de Tregenna. Talvez fosse um marinheiro morto-vivo, esperando para vingar a morte dos companheiros; um fantasma com questões a resolver, esperando em sua toca para capturar garotinhas e levá-las para casa, onde sua esposa as assaria e faria tortas. Aquele era o navio que ela vira no mar, o grande navio preto que tinha desaparecido em um piscar de olhos. Era o navio pirata, e ele...

O galho onde ela estava sentada se partiu e Eliza caiu no chão sobre um monte de folhas úmidas.

O homem barbado não moveu um músculo sequer. Seu olho direito pareceu mover-se ligeiramente na direção de Eliza enquanto ele continuava mastigando sua torta.

Eliza se levantou, esfregou o joelho, tirou uma folha seca do cabelo.

– Você é a nova daminha – disse ele devagar, mastigando a torta que virava uma cola em sua boca. – Ouvi dizer que você ia chegar. Embora, se me permite dizer, você não pareça uma dama. Com essas roupas de menino e esse cabelo despenteado desse jeito.

– Cheguei ontem à noite. Trouxe a tempestade comigo.

– É muito poder para alguém tão pequena.

– Com força de vontade, até os fracos conseguem exercer grande poder.

Ele franziu a testa.

– Quem lhe disse isso?

– Minha mãe.

Eliza lembrou-se tarde demais de que não devia falar na mãe. Com o coração acelerado, esperou para ver o que o homem ia dizer.

Ele ficou olhando para ela, mastigando devagar.

– Acho que ela sabia o que estava dizendo. As mães quase sempre têm razão.

Um suspiro de alívio.

– Minha mãe morreu.

– A minha também.

– Eu estou morando aqui agora.

Ele assentiu.

– Eu diria que está mesmo.

– Meu nome é Eliza.

– E o meu é Davies.

– Você é muito velho.

– Tão velho quanto o meu dedo mindinho e um pouco mais velho do que os meus dentes.

Eliza respirou fundo.

– Você é pirata?

Ele riu, um som rouco, que parecia um ruído de fumaça saindo de uma chaminé suja.

– Sinto desapontá-la, menina, eu sou um jardineiro, assim como meu pai foi um dia. Sou o encarregado pelo labirinto, para ser mais exato.

Eliza franziu o nariz.

– Encarregado pelo labirinto?

– Eu cuido do labirinto. – Como Eliza pareceu não entender, Davies apontou para os arbustos atrás dele, separados por um portão de ferro. – É um enigma feito de arbustos. O objetivo é encontrar o caminho nele sem se perder.

Um enigma onde cabe uma pessoa? Eliza nunca tinha ouvido falar em algo assim.

– Aonde ele vai dar?

– Ah, ele forma um zigue-zague. Se você tiver sorte de encontrar a saída, consegue chegar ao outro lado da propriedade. Senão – ele arregalou os olhos ameaçadoramente –, é capaz de morrer de fome antes que alguém perceba que você desapareceu. – Ele se inclinou na direção dela, baixou a voz. – Eu costumo encontrar os ossos desses infelizes.

Empolgada, Eliza perguntou sussurrando:

– E se eu conseguisse atravessá-lo? O que encontraria do outro lado?

– Outro jardim, um jardim especial, e um pequeno chalé. Bem na ponta do rochedo.

– Eu vi o chalé. Da praia.

Davies assentiu.

– Imagino que sim.

– De quem é a casa? Quem mora lá? – quis saber Eliza.

– Agora, ninguém. Lorde Archibald Mountrachet, que devia ser seu bisavô, mandou construí-la. Algumas pessoas comentam que inicialmente ia ser um mirante, um posto de observação.

– Para os contrabandistas, os piratas de Tregenna?

Ele sorriu.

– Estou vendo que a jovem Mary Martin andou conversando com você.

– Posso ir até lá para ver essa casa?

– Você nunca vai encontrá-la.

– Vou, sim.

Os olhos dele brilharam enquanto insistia na provocação.

– Nunca, você nunca conseguirá atravessar o labirinto. E, se conseguir, nunca saberá como passar pelo portão secreto e entrar no jardim no chalé.

– Eu vou conseguir! Deixe-me tentar, por favor, Davies.

– Acho que não vai ser possível, Srta. Eliza – disse Davies, ficando sério. – Faz muito tempo que ninguém passa pelo labirinto. Eu cuido dele até certo ponto, mas só vou até onde me permitem. Ele deve estar coberto pela vegetação dali em diante.

– Por que ninguém mais passou por ele?

– Seu tio mandou fechá-lo faz algum tempo. Ninguém esteve lá depois disso.

– Ele se inclinou para ela. – Sua mãe conhecia o labirinto como a palma da mão. Quase tão bem quanto eu.

Uma sineta soou ao longe.

Davies tirou o chapéu e enxugou o suor da testa.

– É melhor se apressar, senhorita. Essa foi a sineta do almoço.

– Você também vai almoçar?

Ele riu.

– Os empregados não almoçam, Srta. Eliza. Não é apropriado. Eles jantam neste horário.

– Então você vem jantar?

– Não como dentro da casa. Já faz muito tempo.

– Por que não?

– Não é um lugar onde gosto de estar.

Eliza não entendeu.

– Por que não?

Davies coçou a barba.

– Fico mais feliz perto das minhas plantas, Srta. Eliza. Algumas pessoas são feitas para o convívio com os homens, mas outras não. Eu faço parte do segundo grupo: prefiro ficar no meu canto.

– Mas por quê?

Ele suspirou, como um gigante cansado.

– Certos lugares deixam um homem de cabelo em pé, não combinam com o jeito de ser dele. Entende o que eu estou dizendo?

Eliza pensou na tia, no salão cor de vinho, na noite anterior, no cão, nas sombras e na luz do lustre batendo nas paredes. Ela assentiu.

– A jovem Mary é uma boa moça. Ela vai cuidar de você na casa. – Ele franziu a testa, olhando bem para ela. – Não vale a pena confiar com muita facilidade nas pessoas, Srta. Eliza. Não vale a pena mesmo, está ouvindo?

Eliza assentiu com um gesto solene, porque parecia haver certa exigência de solenidade.

– Agora vá depressa, jovem dama. Vai se atrasar para o almoço e a patroa vai mandar servir seu coração em uma travessa. Ela não gosta que as regras sejam desrespeitadas.

Eliza sorriu, mas Davies não retribuiu. A garota se virou para ir embora, mas parou quando viu um vulto na janela de cima, algo que vira na noite anterior. Era um rosto, pequeno e vigilante.

– Quem é aquela? – perguntou.

Davies se virou e olhou na direção da casa. Acenou de leve na direção da janela de cima.

– Acho que é a Srta. Rose.

– Srta. Rose?

– Sua prima. A filha dos seus tios.

Eliza arregalou os olhos. Tinha, então, uma prima?

– Ela estava sempre andando por aqui, uma menina muito alegre, mas há alguns anos adoeceu e nunca mais pôde sair. A patroa passa o tempo todo tentando curá-la. Gasta um bom dinheiro com isso; o jovem médico da cidade está sempre indo e vindo.

Eliza ainda fitava a janela. Vagarosamente ergueu a mão, com os dedos abertos como a estrela do mar que tinha achado na praia. Acenou e viu o rosto desaparecer rapidamente no escuro.

Um sorriso surgiu no rosto de Eliza.

– Rose – disse ela, saboreando a doçura da palavra.

Era como o nome de uma princesa de conto de fadas.

Chalé do Penhasco, 2005

O vento agitava o cabelo de Cassandra, revirando seu rabo de cavalo como se ele fosse uma biruta presa em um mastro. Ela apertou o casaco em volta dos ombros e parou por um momento para recuperar o fôlego, olhando para trás, para a estradinha estreita com a aldeia lá embaixo. Pequenos chalés brancos agarravam-se às rochas como limo, e barcos pesqueiros vermelhos e azuis pontilhavam a baía, balançando nas ondas enquanto gaivotas voavam em círculos sobre eles. O ar, mesmo naquela altura, estava carregado de sal.

A estrada era tão estreita e ficava tão perto do precipício que Cassandra se perguntou como as pessoas tinham coragem de dirigir por ela. Capim alto crescia dos dois lados, balançando com o vento. Quanto mais ela subia, mais maresia havia no ar.

Cassandra olhou as horas. Tinha subestimado o tempo que levaria para chegar ao topo, sem falar no cansaço que fazia suas pernas tremerem como gelatina. Havia ainda a mudança de fuso horário e a conhecida insônia.

Dormira muito mal na noite anterior. O quarto e a cama eram bem confortáveis, mas tivera sonhos estranhos, do tipo que fica na cabeça quando você acorda, mas que foge da memória quando você tenta relembrar. Só ficou a sensação de desconforto.

Em algum ponto da noite, ela tinha acordado por motivos mais concretos. Como no momento em que ouviu um barulho que parecia uma chave na fechadura de seu quarto. Estava certa de que alguém tentara abrir a porta, mas, quando mencionara isso na recepção de manhã, a moça olhou para ela de um jeito estranho e disse, com uma voz gélida, que o hotel usava cartões, não chaves de verdade. O que ouviu fora apenas o vento batendo nas calhas.

Cassandra voltou a subir a ladeira. Não devia estar muito longe, a mulher da mercearia da aldeia tinha informado que era uma caminhada de vinte minutos e ela já estava andando havia mais de meia hora.

Ela dobrou uma curva e viu um carro vermelho parado ao lado da estrada. Um homem e uma mulher a ficaram olhando: ele era alto e magro, e ela, baixa e gorda. Por um momento, Cassandra pensou que eles eram visitantes apreciando a vista, mas, quando ergueram a mão ao mesmo tempo e acenaram, ela os identificou.

– Olá! – disse o homem, caminhando na direção dela.

Era de meia-idade, embora seu cabelo e sua barba, brancos como neve, dessem a impressão de um rosto bem mais velho.

– Você deve ser Cassandra. Eu sou Henry Jameson e esta – indicou a mulher sorridente – é minha esposa, Robyn.

– Prazer em conhecê-la – disse Robyn, chegando logo atrás do marido.

Seu cabelo grisalho era cortado na altura das bochechas rosadas e redondas como duas maçãs.

Cassandra sorriu.

– Obrigada por me encontrarem em um sábado. Sou muito grata a vocês por isso.

– Que bobagem. – Henry passou a mão pelos cabelos despenteados pelo vento. – Não é trabalho algum. Só espero que você não se importe que Robyn tenha vindo junto...

– É claro que ela não se importa, por que se importaria? – indagou Robyn. – Você não se importa, não é?

Cassandra balançou a cabeça.

– Não falei? Ela não se importou nem um pouco. – Robyn agarrou o pulso de Cassandra. – Não que ele pudesse ter me impedido de vir. Arriscaria um processo de divórcio se tivesse tentado.

– Minha esposa é secretária da sociedade histórica local – informou Henry, com um tom de desculpas na voz.

– Publiquei alguns livros sobre esta região. Histórias principalmente sobre famílias locais, monumentos importantes, grandes mansões. A mais recente é sobre o contrabando. Estamos colocando todos os artigos em um site.

– O objetivo dela é tomar chá em todas as grandes propriedades do condado.

– Mas eu morei nesta aldeia a vida toda e nunca pus os pés na velha casa. – Robyn sorriu e seu rosto se iluminou. – Confesso que estou morrendo de curiosidade.

– Nunca teríamos adivinhado, minha querida – disse Henry, já indicando a montanha. – Temos que continuar a pé daqui, a estrada não segue adiante.

Robyn foi na frente, com passadas decididas na trilha estreita de capim varrido pelo vento. À medida que subiam, Cassandra começou a notar os pássaros. Grupos de pequenos pardais marrons chamando uns aos outros enquanto pulavam de galho em galho. Teve a estranha sensação de estar sendo vigiada, como se os pássaros estivessem se espremendo para ficar de olho nos humanos intrusos. Ela estremeceu, depois se repreendeu por ser tão infantil, inventando mistérios onde só havia natureza.

– Foi meu pai quem a vendeu para sua avó – disse Henry, diminuindo as passadas para caminhar ao lado de Cassandra. – Em 1975. Eu tinha acabado de entrar no escritório, como estagiário, mas me lembro disso.

– Todo mundo se lembra disso – complementou Robyn. – Foi a última parte da velha propriedade a ser vendida. Teve gente na aldeia que jurou que o chalé nunca seria vendido.

Cassandra contemplou o mar.

– Por quê? A casa deve ter uma vista linda...

Henry olhou para Robyn, que tinha parado para recuperar o fôlego, com a mão no peito.

– Bem, isso é verdade – disse ele –, mas...

– Falava-se muita coisa ruim na cidade – contou Robyn, ofegante. – Boatos e coisas assim... sobre o passado.

– Que tipo de coisas?

– Apenas boatos – disse Henry, com firmeza –, um monte de bobagens, do tipo que você encontra em qualquer aldeia inglesa.

– Diziam que ela era assombrada – prosseguiu Robyn, sussurrando.

Henry riu.

– Me fale uma casa na Cornualha que não seja.

Robyn revirou os olhos azuis.

– Meu marido é pragmático.

– E minha mulher é romântica – disse Henry. – O chalé do rochedo é feito de pedra e cimento, como todas as outras casas em Tregenna. Não é mais assombrado do que eu.

– E você se considera um cornualhense. – Robyn prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhou para Cassandra. – Você acredita em fantasmas?

– Acho que não. – Cassandra pensou na sensação estranha que os pássaros tinham causado nela. – Não do tipo que faz “buuu” à noite.

– Então você é uma pessoa sensata – disse Henry. – A única coisa que entrou ou saiu do chalé do rochedo nos últimos trinta anos foi um rapaz ou outro que resolveu dar um susto nos amigos. – Henry tirou do bolso da calça um lenço grafado com um monograma, dobrou-o ao meio e enxugou a testa. – Vamos, Robyn. Vamos levar o dia inteiro se não nos apressarmos e o sol está muito forte. Parece até que ainda estamos no verão.

A ladeira íngreme e a trilha estreita tornaram a conversa difícil, e eles caminharam os últimos 100 metros em silêncio. O capim brilhava ao sol, agitados pelo vento.

Finalmente, passaram por uma moita de arbustos e chegaram a um muro de pedra. Tinha pelo menos 3 metros de altura e causou estranheza depois de terem andado por tanto tempo sem avistar uma estrutura feita pelo homem. Um arco de ferro emoldurava o portão de entrada e uma trepadeira se enrolara nele, calcificada pelo tempo. Uma placa, que um dia devia ter sido presa ao portão, estava pendurada. O musgo havia coberto sua superfície, enchendo as ranhuras das letras. Cassandra inclinou a cabeça para ler as palavras: *Não entre! É por sua conta e risco.*

– O muro é relativamente novo – avisou Robyn.

– Por “novo”, minha esposa quer dizer centenário. O chalé deve ter uns 300 anos. – Henry pigarreou. – Agora você entende que a velha casa está meio em ruínas, não é?

– Eu tenho uma foto.

Cassandra a tirou da bolsa.

Ele ergueu as sobrancelhas ao examiná-la.

– Tirada antes da venda, eu diria. Ela mudou um pouco desde então. Ficou muito abandonada.

Ele estendeu o braço esquerdo para abrir o portão de ferro e fez um gesto com a cabeça.

– Vamos entrar?

Um caminho de pedras passava por baixo de uma pérgula de velhas roseiras com juntas artríticas. A temperatura baixou quando eles cruzaram o portal do jardim. A impressão era de escuridão e melancolia. E de silêncio, um silêncio estranho, imóvel. Até o barulho do mar parecia abafado. Era como se o terreno dentro do muro de pedras estivesse adormecido, esperando que alguma coisa ou alguém o despertasse.

– O chalé do rochedo – anunciou Henry quando chegaram ao final do caminho.

Cassandra arregalou os olhos. Diante dela, havia um emaranhado de arbustos. Folhas de hera, de um verde-escuro, espalhavam-se pelas paredes, estendendo-se pelos espaços onde deviam estar ocultas as janelas. Teria dificuldade em enxergar a construção o que havia debaixo da trepadeira se não soubesse o que havia ali.

Henry tossiu, enrubescendo.

– Sem dúvida, a casa está bem abandonada.

– Nada que uma boa limpeza não dê um jeito – disse Robyn, com uma animação forçada, capaz de ressuscitar navios naufragados. – Não há motivo para desânimo. Você já viu o que eles conseguem fazer nesses programas de TV sobre reformas de casas, não viu? Passa na TV australiana?

Cassandra assentiu distraidamente, tentando ver o telhado.

– Vou deixar que você faça as honras – comentou Henry, tirando a chave do bolso.

Esta era surpreendentemente pesada, longa e trabalhada, terminando com um belo desenho em cobre. Ao pegá-la, Cassandra teve um lampejo de reconhecimento. Já tinha segurado uma chave igual antes, mas quando?, pensou. No estande de antiguidades? A imagem era muito forte, mas a lembrança não veio.

Cassandra subiu na plataforma de pedra ao lado da porta. Podia ver a fechadura, mas a hera tinha tomado o espaço em frente à entrada.

– Isto deve servir – afirmou Robyn, tirando da bolsa uma tesoura de poda. – Não me olhe assim, querido – falou, quando Henry ergueu uma sobrancelha. –

Sou do campo, ando sempre prevenida.

Cassandra pegou a tesoura e cortou os galhos, um por um. Então, ela parou por um momento e passou a mão, de leve, pela madeira da porta, manchada pelo sal. Uma parte dela relutava em prosseguir, contentando-se em ficar no limiar do conhecimento, mas, quando olhou por cima do ombro, tanto Robyn quanto Henry acenaram com a cabeça, encorajando-a. Enfiou a chave na fechadura e, usando as duas mãos, girou-a com força.

O cheiro foi a primeira coisa que notou, úmido e forte, fedendo a fezes de animais. Assim como a floresta tropical, na Austrália, cujas copas das árvores ocultavam um mundo à parte, úmido e fértil, um ecossistema fechado, que desconfia de estranhos.

Ela deu um pequeno passo adiante. A porta deixava entrar luz suficiente para revelar a poeira suspensa no ar parado, leve demais, cansada demais para cair. O chão era de madeira e, a cada passo, seus sapatos faziam um barulho abafado, arrependido.

Ela entrou no primeiro cômodo e olhou em volta. Estava escuro, as janelas cobertas por décadas de sujeira. Quando seus olhos se ajustaram, Cassandra viu que era uma cozinha. Uma mesa de madeira clara ficava no centro, com duas cadeiras de junco enfiadas embaixo dela. Havia um fogão preto em um nicho na parede oposta, com teias de aranha formando uma cortina diante dele. Em um canto, a roda de fiar ainda tinha um fio de lã escura.

– Parece um museu – murmurou Robyn. – Só que mais empoeirado.

– Acho que não vou poder oferecer uma xícara de chá para vocês tão cedo – disse Cassandra.

Henry tinha passado pela roda de fiar e apontava para um canto de pedra.

– Tem uma escada ali.

Um lance estreito de escada subia reto e depois virava abruptamente, dando em uma pequena plataforma. Cassandra pôs o pé no primeiro degrau, testando sua firmeza. Estava bastante fixo. Cautelosamente, começou a subir.

– Vá com cuidado – recomendou Henry, atrás dela, com as mãos estendidas atrás das costas de Cassandra, em um gesto vago, gentil, protetor.

Ela chegou à pequena plataforma e parou.

– O que foi? – perguntou Henry.

– Uma árvore, uma árvore enorme, está bloqueando completamente o caminho. Ela entrou pelo telhado.

Henry espiou por cima do ombro de Cassandra.

– Acho que a tesoura de poda de Robyn não vai adiantar muito, não desta vez. Você precisa de um cortador de árvores. – Ele começou a descer a escada. – Alguma ideia, Robyn? Quem você chamaria para tirar um tronco caído?

Cassandra desceu e alcançou o chão bem quando Robyn respondeu:

– O filho de Bobby Blake pode fazer isso.

– Um rapaz daqui. – Henry concordou com um aceno de cabeça. – Ele tem uma empresa de paisagismo. Faz quase todo o trabalho no hotel também. Certamente é a melhor opção.

– Vou ligar para ele, está bem? – disse Robyn. – Vou ver se ele tem hora esta semana. Vou sair e ver se consigo sinal no celular. O meu morreu desde que entramos aqui.

Henry balançou a cabeça.

– Faz mais de cem anos que Marconi recebeu o primeiro sinal telegráfico sem fio, e veja até onde a tecnologia nos levou. Sabe que o sinal foi enviado desta costa, logo ali adiante? De Poldhu Cove?

– Sério?

Quando percebeu a extensão da ruína do chalé, Cassandra ficou desanimada. Embora estivesse grata por Henry ter ido até lá para se encontrar com ela, não estava interessada em uma aula sobre telecomunicações. Ela afastou uma teia de aranha e se encostou na parede, abrindo um sorriso resignado.

Henry pareceu perceber o estado de espírito dela.

– Sinto muito que o chalé esteja nestas condições. Não posso deixar de me sentir um tanto responsável, já que fui o guardião da chave.

– Sei que não há nada que você pudesse ter feito. Especialmente se Nell pediu que seu pai não fizesse nada. – Ela sorriu. – Além disso, você estaria invadindo a propriedade e a placa da entrada é bem clara quanto a isso.

– É verdade, e sua avó não quis de jeito nenhum que contratássemos uma empresa. Falou que a casa era muito importante para ela e que queria supervisionar pessoalmente a reforma.

– Acho que ela planejava se mudar para cá – disse Cassandra. – De vez.

– Sim – concordou Henry. – Eu dei uma olhada nos arquivos quando soube que ia me encontrar com você hoje. Ela dizia em todas as cartas que viria para cá, até uma que foi escrita em 1976, quando contou que sua situação havia mudado e que não voltaria, pelo menos não por algum tempo. Ela pediu ao meu pai que guardasse a chave para saber onde encontrá-la quando chegasse a hora. – Ele olhou em volta. – Só que a hora nunca chegou.

– Não – disse Cassandra.

– Mas agora você está aqui – disse Henry, com um entusiasmo renovado.

– Sim.

Ao ouvirem um barulho na porta, ambos olharam.

– Consegui falar com Michael – avisou Robyn, guardando o celular. – Ele falou que vem aqui na quarta-feira de manhã para ver o que é preciso fazer. – Ela se virou para Henry. – Agora vamos, amor, Marcia está nos esperando para o almoço e você sabe como ela fica quando nos atrasamos.

Henry franziu a testa.

– Nossa filha tem muitas virtudes. A paciência não é uma delas.

Cassandra sorriu.

– Obrigada por tudo.

– Não vá tentar tirar o tronco sozinha. Por mais que você esteja louca para dar uma olhada lá em cima.

– Eu prometo.

Quando estavam na metade do caminho em direção ao portão, Robyn se virou para Cassandra:

– Você se parece com ela.

Cassandra não entendeu.

– Com sua avó. Você tem os olhos dela.

– Você a conheceu?

– Sim, é claro, mesmo antes de ela comprar o chalé. Uma tarde, ela entrou no museu onde eu trabalhava e começou a perguntar sobre a história local. Estava especialmente interessada em algumas das antigas famílias daqui.

Henry chamou da beira do penhasco.

– Vamos, Robyn. Marcia nunca nos perdoará se o assado queimar.

– Ela perguntou sobre a família Mountrachet?

Robyn acenou para Henry.

– Eles mesmos. Moravam na mansão. Sobre os Walkers também. O pintor e a esposa dele, e sobre a escritora que publicou contos de fadas.

– Robyn!

– Sim, sim, já estou indo. – Ela revirou os olhos para Cassandra. – Ele é tão paciente quanto uma fagulha em um incêndio, esse meu marido.

Então, ela correu atrás dele, gritando aos quatro ventos que Cassandra não deixasse de ligar para eles.

Tregenna, 1975

O Museu de Pesca e Contrabando de Tregenna ficava em um pequeno prédio caiado de branco na extremidade do cais e, embora o aviso escrito à mão na janela da frente deixasse claro o horário de funcionamento, Nell já estava na aldeia havia três dias quando, finalmente, conseguiu avistar uma luz lá dentro.

Ela abriu a porta baixa, coberta por uma cortina de renda.

Atrás da mesa, estava sentada uma mulher bem-arrumada, com cabelos castanhos até os ombros. Mais jovem que Lesley, pensou Nell, mas parecendo muito mais velha. A mulher se levantou quando a viu e puxou o pano rendado e uma pilha de papéis em sua direção. Parecia uma criança que fora flagrada fazendo uma travessura.

– Eu... eu não estava esperando visita – disse, olhando por cima dos óculos grandes.

Não pareceu muito satisfeita em vê-la. Nell estendeu a mão.

– Nell Andrews. – Ela olhou para a placa sobre a mesa. – E você deve ser Robyn Martin?

– Não recebemos muitos visitantes nesta época do ano. Vou procurar a chave. – Ela espalhou os papéis sobre a mesa, prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. – Os mostruários estão um pouco empoeirados – disse ela, com um tom de acusação –, mas é por aqui.

Nell acompanhou com os olhos o movimento do braço de Robyn. Do outro lado da porta de vidro, ficava uma pequena sala, que abrigava diversas redes, anzóis e varas. Fotografias em preto e branco penduradas na parede exibiam barcos, tripulações e enseadas locais.

– Na realidade – falou Nell –, estou buscando uma informação. O homem da agência do correio achou que você poderia me ajudar.

– Meu pai.

– Perdão?

– Meu pai é o chefe do correio.

– Ah, sim – disse Nell. – Bem, ele achou que você poderia me ajudar. A informação que estou buscando não tem nada a ver com pesca ou contrabando. Trata-se de história local. História de uma família, para ser mais precisa.

A atitude de Robyn mudou na mesma hora.

– Por que você não falou logo? Eu trabalho aqui no museu de pesca para ajudar a comunidade, mas a história social de Tregenna é a minha vida. Veja aqui. – Ela mexeu nos papéis sobre sua mesa e entregou um a Nell. – Este é o texto para um folder turístico que ando preparando, e estou terminando um artigo sobre mansões. Tem um editor em Falmouth interessado. – Ela consultou seu belo relógio de pulso com pulseira de prata. – Seria um prazer conversar com você, mas tenho um compromisso...

– Por favor – pediu Nell. – Eu vim de muito longe e não vou tomar muito do seu tempo. Se puder dispor de alguns minutos...

Robyn apertou os lábios e olhou para Nell.

– Posso fazer melhor do que isso – disse ela, com um ar decidido. – Posso levar você comigo.



Uma espessa camada de neblina chegara junto com a maré cheia e conspirava com o entardecer para branquear a aldeia. À medida que elas subiam pelas ruas estreitas, tudo ganhava um tom acinzentado. A mudança rápida do tempo tinha deixado Robyn agitada. Ela caminhava depressa, e Nell, apesar de também ter um passo ligeiro, sentiu dificuldade para acompanhá-la. Nell estava curiosa para saber aonde elas estavam indo tão depressa, mas, naquela velocidade, ficava difícil conversar.

As duas chegaram a uma casinha branca no alto da ladeira com uma placa que dizia *Chalé da Sardinha*. Robyn bateu à porta e esperou. Não havia luz lá

dentro, e ela ergueu o pulso para checar as horas.

– Ele ainda não chegou. Sempre pedimos que ele chegue cedo em casa quando há neblina.

– Quem?

Robyn olhou para Nell como se tivesse esquecido por um instante que havia outra pessoa com ela.

– Gump, meu avô. Sai todo dia para ver os barcos. Ele foi pescador. Já está aposentado há vinte anos, mas só fica feliz quando sabe quem saiu para pescar e o que apanhou. Nós dizemos a ele para não ficar fora de casa quando começa a neblina, mas ele não obedece.

Ela parou e estreitou os olhos para enxergar melhor.

Nell acompanhou seu olhar e viu uma figura no meio do nevoeiro.

– Gump! – exclamou Robyn.

– Calma, menina – surgiu uma voz do meio do nevoeiro.

Ele apareceu, subiu os três degraus de concreto e girou a chave na fechadura.

– Bem, não fiquem aí paradas, tremendo como dois passarinhos – falou por cima do ombro. – Entrem, vamos nos aquecer.

No pequeno hall, Robyn ajudou o velho a tirar sua capa cheirando a maresia e suas botas pretas de borracha, colocando-as sobre um banquinho de madeira.

– Você está molhado, Gump – disse ela, passando a mão na camisa xadrez do avô. – Vamos vestir uma roupa seca.

– Não precisa – rebateu o velho, dando um tapinha na mão da neta. – Vou me sentar ao lado do fogo e, quando você trazer meu chá, já estarei seco.

Robyn ergueu ligeiramente a sobrancelha ao olhar para Nell enquanto Gump ia para a sala da frente: “Está vendo como ele dá trabalho?”, dizia o gesto.

– Gump tem quase 90 anos, mas se recusa a sair desta casa – sussurrou ela. – Um de nós sempre vem cear com ele à noite. Eu venho de segunda a quarta.

– Ele parece muito bem para 90 anos.

– A vista dele está começando a falhar e sua audição não é das melhores, mas ainda insiste em ver se “seus rapazes” chegaram sãos e salvos ao porto, sem se importar com seus próprios problemas. Deus me livre que aconteça alguma coisa com ele nos meus plantões. – Ela espiou pelo vidro, fazendo uma careta quando o avô tropeçou no tapete a caminho da poltrona. – Não sei... Quer dizer, você

poderia lhe fazer companhia enquanto eu acendo o fogo para ferver água. Vou ficar mais tranquila quando ele estiver seco.

Atraída pela promessa de, finalmente, saber alguma coisa sobre sua família, Nell concordaria com qualquer coisa. Ela assentiu. Robyn sorriu aliviada e correu atrás do avô.

Gump tinha se sentado em sua poltrona de couro marrom, com uma manta sobre as pernas. Por um momento, contemplando a manta, Nell pensou em Lil e nas mantas que ela tinha feito para cada uma das filhas. Imaginou o que a mãe iria pensar sobre a investigação, se iria entender por que era tão importante reconstruir os primeiros quatro anos de sua vida. Provavelmente não. Lil sempre acreditara que o dever de uma pessoa era lidar da melhor maneira possível com o que o destino lhe havia reservado. Não adiantava ficar imaginando como as coisas poderiam ser, costumava dizer, o que importa é como as coisas são. A teoria funcionava bem para Lil, que sabia quem era, conhecia sua história.

Robyn se levantou, as chamas tremulavam na lareira.

– Vou buscar o chá agora, Gump, e começar a preparar o jantar. Enquanto eu estiver na cozinha, minha amiga... – ela olhou interrogativamente para Nell. – Desculpe...

– Nell, Nell Andrews.

– ... Nell vai fazer companhia para você, Gump. Ela está visitando Tregenna e tem interesse nas famílias locais. Talvez você possa lhe contar alguma coisa na minha ausência.

O velho estendeu as palmas abertas, nas quais uma vida inteira puxando cordas e prendendo anzóis tinha deixado suas marcas.

– Pode me perguntar qualquer coisa – começou ele –, e eu digo tudo o que sei.

Quando Robyn desapareceu pela porta, Nell procurou um lugar para se sentar. Instalou-se em uma cadeira verde ao lado do fogo, apreciando o calor que vinha da lareira.

Gump ergueu os olhos do cachimbo que estava enchendo de fumo e balançou a cabeça, encorajando-a. Aparentemente, era a vez dela.

Nell pigarreou e agitou os pés no tapete, imaginando por onde começar. Decidiu que não valia a pena fazer rodeios. Foi diretamente ao assunto.

– Eu estou interessada na família Mountrachet.

Gump riscou um fósforo e tragou com força para acender o cachimbo.

– Andei perguntando pela aldeia, mas parece que ninguém sabe nada sobre eles.

– Ah, sabem sim – rebateu ele, soltando a fumaça. – Mas não querem tocar no assunto.

Nell ergueu as sobrancelhas.

– E por quê?

– O pessoal de Tregenna gosta de uma boa conversa, mas somos um bando de supersticiosos. Estamos sempre dispostos a conversar livremente sobre qualquer assunto, mas, se você perguntar sobre as coisas que aconteceram lá no alto do penhasco, ninguém vai dizer nada.

– Eu notei – disse Nell. – Isso é porque os Mountrachets eram considerados aristocratas? De classe alta?

Gump bufou.

– Eles tinham dinheiro, mas não me fale em classe. – Ele se inclinou para a frente. – Foi um título pago com o sangue de inocentes. Tudo aconteceu em 1724. Uma tempestade caiu uma tarde, a mais feroz em muitos anos. O farol perdeu o telhado e o novo lampião a óleo apagou como se fosse a chama de uma vela. A lua estava escondida e a noite era um breu. – Ele cerrou os lábios pálidos em volta do cachimbo. Tragou com força, animando-se com a história que estava contando. – A maioria dos barcos de pesca já tinha voltado, mas ainda havia um no mar, um barco de dois mastros com uma tripulação estrangeira.

– A tripulação daquele barco não teve a menor chance. Dizem que as ondas estavam batendo no meio dos penhascos de Sharpstone e o barco foi atirado contra as pedras, desmanchando-se antes de alcançar a enseada. Houve artigos em jornais e uma investigação do governo, mas nunca recuperaram mais do que alguns pedaços de madeira do navio. Puseram a culpa nos mercadores independentes, é claro.

– Mercadores independentes?

– Contrabandistas – disse Robyn, que tinha surgido com uma bandeja de chá.

– Mas não foram eles que roubaram a carga do navio – disse Gump. – Foi aquela família que fez isso, a família Mountrachet.

Nell aceitou a xícara que Robyn ofereceu a ela.

– Os Mountrachets eram contrabandistas?

Gump deu uma risada seca e tomou um gole de chá.

– Eles não eram assim tão dignos. Os contrabandistas se apoderaram de algumas mercadorias dos navios que têm problemas, mas ajudam a tripulação a se salvar. O que aconteceu naquela noite na enseada de Blackhurst foi obra de ladrões. Ladrões e assassinos. Eles mataram toda a tripulação, roubaram a carga do navio e, bem cedo na manhã seguinte, antes que alguém soubesse o que tinha acontecido, arrastaram a embarcação e os corpos para o mar e os afundaram. Ganharam uma fortuna: caixotes de pérolas e marfim, leques da China, joias da Espanha.

– Nos anos seguintes, Blackhurst passou por uma grande reforma. – Robyn continuou a história, sentando-se no banquinho de veludo desbotado onde o avô costumava descansar os pés. – Eu acabei de escrever sobre isso no meu artigo “As mansões da Cornualha”. E o Sr. Mountrachet recebeu um título de nobreza do rei.

– É incrível o que alguns presentes bem escolhidos podem fazer.

Nell se remexeu na cadeira, desconfortável. Agora não era hora de mencionar que aqueles ladrões e assassinos eram seus antepassados.

– E pensar que eles se deram bem com isso!

Robyn olhou para Gump, que pigarreou.

– Bem – resmungou ele. – Eu não diria isso.

Nell olhou para os dois, confusa.

– Existem castigos piores do que os determinados pela lei. Preste atenção nas minhas palavras, há castigos piores. – Gump suspirou. – Depois do que aconteceu na enseada, a família se tornou amaldiçoada, todos eles.

Nell se recostou no assento da cadeira, desapontada. Uma maldição. Bem na hora em que ela achava que ia conseguir alguma informação.

– Conte a ela sobre o navio, Gump – disse Robyn, parecendo perceber a decepção de Nell. – O navio preto.

Satisfeito com a oportunidade, Gump ergueu um pouco a voz.

– A família pode ter afundado aquele navio, mas não se livrou dele, não por muito tempo. Ele ainda aparece de vez em quando no horizonte. Geralmente, antes ou depois de uma tempestade. Uma grande escuna preta, um navio fantasma, espreitando a enseada. Assombrando os descendentes daqueles criminosos.

– O senhor já viu o navio?

O velho balançou a cabeça em negativa.

– Achei que tinha visto uma vez, mas estava enganado, graças a Deus. – Ele se inclinou para a frente. – É um mau vento que faz aparecer aquele navio. Dizem que a pessoa que o avista paga uma penitência pela tragédia. Se você o vir, ele também verá você. E tudo o que sei é que aqueles que admitem que o viram atraem desgraças terríveis. O nome da escuna era *Jacquard*, mas aqui nós a chamamos de Black Hearse.

– Mansão Blackhurst – disse Nell. – Acho que não é uma coincidência, certo?

– Ela é esperta – afirmou Gump para Robyn, sorrindo, com o cachimbo pendurado na boca. – Bem esperta. E algumas pessoas concordariam com a teoria de que foi daí que a propriedade ganhou seu nome.

– O senhor não concorda?

– Sempre achei que tinha mais a ver com a grande rocha negra que existe na enseada de Blackhurst. Sabe, existe uma passagem ali. Ela ia da enseada até um ponto qualquer da propriedade e, de volta, até a aldeia. Era uma bênção para os contrabandistas, mas era também uma passagem muito imprevisível. Havia alguma coisa nos ângulos e no formato do túnel: se a maré enchesse mais do que o esperado, um homem no interior da caverna teria pouca chance de escapar. Aquela rocha foi o caixão de muitos homens. Se você olhar da propriedade para a praia, irá vê-la. Uma coisa monstruosa.

Nell balançou a cabeça.

– Ainda não vi a enseada. Tentei visitar a casa outro dia, mas o portão estava trancado. Vou voltar amanhã e deixar uma carta de apresentação na caixa do correio. Espero que os donos me deixem dar uma olhada. Sabe como eles são?

– Gente nova – disse Robyn. – Forasteiros. Estão falando em transformar aquilo em um hotel. – Ela se inclinou para a frente. – Dizem que a moça é escritora. Ela é muito sofisticada e os livros são bem ousados. – Robyn olhou para o avô e enrubescou. – Não que eu os tenha lido.

– Eu vi parte da propriedade anunciada na imobiliária da cidade – disse Nell. – Tem uma casa chamada Chalé do Penhasco à venda.

Gump riu secamente.

– E vai ficar à venda para sempre. Ninguém vai ser tolo o bastante para comprá-la. É preciso mais do que uma camada de tinta para livrar aquele lugar de toda a desgraça de que ele foi palco.

– Que tipo de desgraça?

Gump, que até aqui tinha contado a história com muita animação, ficou, de repente, em silêncio, matutando sobre a pergunta. Seu olhar ficou sombrio.

– Aquele lugar deveria ter sido queimado há muito tempo. Coisas terríveis aconteceram lá.

– Que tipo de coisas?

– Não queira saber – respondeu ele, com os lábios tremendo. – Acredite no que estou dizendo. Existem lugares que não melhoram com uma simples reforma.

– Eu não tinha a intenção de comprar a casa – afirmou Nell, surpresa com a veemência dele. – Só pensei que era uma maneira de dar uma olhada na propriedade.

– Você não precisa atravessar a propriedade Blackhurst para ver a enseada. Pode vê-la do alto do penhasco. – Ele ergueu o cachimbo na direção da costa. – Pegue o caminho que sai da aldeia e rodeia a ribanceira e olhe na direção de Sharpstone; a enseada fica logo abaixo. É a enseada mais bonita da Cornualha, exceto por aquela rocha enorme. Não há nenhum sinal do sangue que foi espalhado na praia tempos atrás.

O cheiro de carne e temperos estava forte e Robyn foi buscar pratos e colheres na cozinha.

Você fica para jantar, não é, Nell?

– É claro que ela vai ficar – disse Gump, recostando-se na cadeira. – Não pode ir embora numa noite como esta. Escura como breu.



O ensopado estava delicioso e Nell aceitou, sem muita relutância, um segundo prato. Depois, Robyn pediu licença para ir lavar a louça e Nell e Gump ficaram sozinhos novamente. A sala já estava quente, e o rosto dele ficara vermelho. Ele percebeu que ela o observava e balançou a cabeça com simpatia.

A companhia de William Martin era agradável, em sua sala de estar aconchegante. Este é o poder de um contador de histórias, pensou Nell. Ele tinha uma capacidade tal de prender a atenção que o resto do ambiente parecia desaparecer. E William Martin era um contador de histórias nato, sem dúvida alguma. Mas até que ponto se podia acreditar nas suas histórias era outra questão. Tinha o dom óbvio de transformar palha em ouro, no entanto, talvez fosse a única pessoa que vivera naqueles anos que lhe interessavam.

– Eu gostaria de saber – recomeçou ela, com o fogo aquecendo agradavelmente a lateral de seu corpo – se, quando o senhor era mais jovem, conheceu Eliza Makepeace. Ela era uma escritora, pupila de Linus e Adeline Mountrachet.

Houve uma pausa perceptível. A voz de William soou abafada.

– Todo mundo conhecia Eliza Makepeace.

Nell prendeu a respiração. Finalmente.

– O senhor sabe o que aconteceu com ela? – perguntou depressa. – Quer dizer, no fim?

Ele balançou a cabeça.

– Isso eu não sei.

O homem ficara reticente, assumindo uma postura reservada que não apresentara até então. Embora as implicações disso fizessem o coração de Nell encher-se de esperança, soube que teria que ser muito cuidadosa. Não queria que ele se fechasse completamente.

– E sobre antes, quando ela morava em Blackhurst? O senhor pode me contar alguma coisa?

– Eu falei que a conhecia, mas não tive oportunidade de conhecê-la tão bem. Não era bem-vindo na mansão. As pessoas que cuidavam da casa não iriam gostar disso.

Nell insistiu.

– Pelo que descobri, Eliza foi vista pela última vez em Londres, em 1913. Ela estava com uma garotinha, Ivory Walker, que tinha 4 anos na época. Filha de Rose Mountrachet. O senhor consegue pensar em algum motivo para Eliza planejar uma viagem para a Austrália com a filha de outra pessoa?

– Não.

– O senhor tem ideia da razão pela qual a família Mountrachet contou às pessoas que a neta estava morta quando, na verdade, ela estava bem viva?

– Não – respondeu em tom seco.

– Então o senhor sabe que Ivory estava viva apesar da informação em contrário?

O fogo crepitou.

– Eu não sei porque isso não é verdade. Aquela criança morreu de escarlatina.

– Sim, sei que espalharam essa notícia na época. – O rosto de Nell estava quente, sua cabeça latejava. – Mas também sei que não é verdade.

– Como pode saber uma coisa dessas?

– Porque eu era aquela criança. – A voz de Nell falhou. – Cheguei à Austrália quando tinha 4 anos. Fui colocada em um navio por Eliza Makepeace quando todo mundo pensava que eu estava morta, e ninguém consegue me dizer por quê.

O rosto de William foi tomado por uma expressão difícil de interpretar. Parecia prestes a responder, mas não o fez.

Em vez disso, ele se levantou, espreguiçou os braços, estufando a barriga.

– Estou cansado. Está na hora de me recolher. – Ele chamou: – Robyn? – E mais alto: – Robyn!

– Sim, Gump. – Robyn veio da cozinha com um pano de prato na mão. – O que foi?

– Vou me deitar.

Ele se dirigiu para a escada estreita que ficava no fundo da sala.

– Não quer outra xícara de chá? Estamos nos divertindo tanto...

William pôs a mão no ombro de Robyn ao passar por ela.

– Feche bem a porta quando sair, meu bem. Não queremos que a neblina entre na casa.

Robyn arregalou os olhos, surpresa. Nell pegou o casaco.

– Acho que já vou.

– Sinto muito – disse Robyn. – Não sei o que deu nele. Ele é velho, fica cansado com facilidade...

– É claro.

Nell abotoou o casaco. Sabia que devia pedir desculpas, que tinha deixado Gump nervoso, mas não conseguiu. A decepção deixou um gosto amargo em sua garganta.

– Obrigada pelo seu tempo – conseguiu dizer, saindo para a noite úmida.

Nell olhou para trás quando chegou ao final da ladeira e viu que Robyn ainda a observava. Ergueu o braço, respondendo ao aceno de Robyn.

William Martin podia ser velho e estar cansado, mas não saíra da sala tão repentinamente apenas por isso. Nell sabia, tinha guardado seu doloroso segredo por muito tempo e era capaz de identificar um companheiro de infortúnio. William sabia mais do que estava dizendo e a necessidade que Nell sentia de descobrir a verdade era maior do que seu respeito pela privacidade dele.

Ela comprimiu os lábios e baixou a cabeça para se proteger do frio. Estava decidida a convencê-lo a contar tudo.

Mansão Blackhurst, 1900

Eliza tinha razão: o nome Rose servia bem para uma princesa de conto de fadas, e, certamente, Rose Mountrachet desfrutava do privilégio e da beleza adequados ao papel. Infelizmente, para a pequena Rose, os primeiros onze anos de sua vida haviam sido algo bem distante de um conto de fadas.

– Abra bem.

O Dr. Matthews tirou uma espátula de madeira da maleta de couro e abaixou a língua de Rose. Ele espiou dentro da garganta dela, com o rosto tão próximo que ela teve a oportunidade indesejada de examinar os pelos do nariz dele.

– Hummmm – soltou ele, fazendo tremer os pelos.

Rose tossiu de leve quando a espátula arranhou sua garganta.

– E então, doutor?

Sua mãe se aproximou, pressionando os dedos pálidos contra o azul-escuro do vestido.

O Dr. Matthews ergueu o corpo.

– A senhora fez bem em me chamar, lady Mountrachet. Há mesmo uma inflamação.

Sua mãe suspirou.

– Eu sabia. O senhor tem um remédio, doutor?

Enquanto o Dr. Matthews expunha o tratamento, Rose virou a cabeça e fechou os olhos. Bocejou de leve. Sempre soubera que não iria viver muito.

Às vezes, em momentos de maior fraqueza, ela se permitia imaginar como seria a vida se não conhecesse seu fim, se o futuro se estendesse diante dela indefinidamente – uma estrada longa, com curvas e desvios que ela não fosse capaz de antecipar, com momentos marcantes que incluíssem uma apresentação

à sociedade, um marido, filhos. Teria uma casa imponente, só sua, para impressionar as outras damas. Porque, para ser honesta, queria muito esta vida.

Mas não se permitia sonhar com muita frequência. De que adiantava se lamentar? Em vez disso, esperava, convalescia, trabalhava em seu álbum de recortes. Lia, quando conseguia, a respeito de lugares que jamais veria, fatos que jamais aproveitaria, conversas que nunca teria. Esperando por um novo e inevitável episódio que a levaria mais para perto do fim, torcendo para que a doença seguinte pudesse ser mais interessante do que a anterior. Algo menos doloroso e mais compensador – como a ocasião em que engoliu o dedal de mamãe.

Não fizera de propósito, é claro. Se ele não fosse tão brilhante, tão bonito, não teria pensado em tocar nele. Mas ele era e foi o que ela fez. Que menina de 8 anos não faria isso? Estava tentando equilibrá-lo na ponta da língua, como o palhaço no seu livro sobre o Circo Meggendorfer, aquele que equilibrava a bola vermelha no nariz arrebitado. Algo pouco aconselhável, certamente, mas ela era apenas uma criança e já vinha fazendo isso havia alguns meses sem problemas.

O episódio do dedal terminara bem. O médico fora chamado de imediato, um médico jovem que assumira recentemente o consultório da aldeia. Ele a examinara e depois sugeriu utilizar uma nova ferramenta de diagnóstico que poderia ser útil. Com uma chapa fotográfica, poderia ver dentro do estômago de Rose sem pegar o bisturi. Todo mundo tinha gostado da sugestão: seu pai, cuja habilidade com uma câmera fez com que fosse chamado para bater a chapa; o Dr. Matthews, porque pôde publicar as fotos em uma revista especial chamada *Lancet*, e sua mãe, porque a publicação causou certa agitação em seu círculo social.

Quanto a Rose, o dedal foi expelido (de forma muito indecorosa) 48 horas depois, e ela ficou feliz por ter finalmente conseguido deixar papai satisfeito – ainda que por pouco tempo. Não que ele tivesse dito isso, ele não era assim, mas Rose sabia identificar o estado de espírito dos pais (mesmo que sem adivinhar as causas da variação do humor). E o prazer de seu pai deixara Rose muito alegre.

– Com sua permissão, lady Mountrachet, vou terminar o exame.

Rose suspirou quando o Dr. Matthews levantou sua camisola para expor o estômago. Fechou os olhos quando dedos gelados apertaram sua pele e pensou no seu livro de recortes. Mamãe tinha conseguido uma revista de Londres com

fotos da última moda em vestidos de noiva e, usando renda e fitas da sua caixa de costura, Rose decorava seu livro. A noiva do seu caderno estava ficando linda: um véu de renda belga, com pequenas pérolas coladas em volta, flores prensadas para o buquê. O noivo era outra questão: Rose não sabia muita coisa sobre cavalheiros. (E não seria apropriado que uma jovem dama conhecesse mesmo muito a respeito.) Mas achava que os detalhes do noivo não tinham muita importância, desde que a noiva estivesse bonita.

– Está tudo bem – disse o Dr. Matthews, baixando a camisola de Rose. – Felizmente, a infecção não se generalizou. Posso sugerir, entretanto, lady Mountrachet, uma conversa com a senhora a respeito do melhor tratamento?

Rose abriu os olhos a tempo de ver o sorriso bajulador do médico. Como ele era cansativo! Estava sempre tentando ser convidado para o chá, aproveitando a oportunidade de conhecer e tratar mais pessoas da nobreza rural. As fotos do dedal de Rose *in situ* lhe deram certa fama entre as pessoas bem-nascidas do condado, e ele soubera aproveitá-la. Enquanto guardava o estetoscópio na maleta, ajeitando-o no lugar com suas mãos pequenas e bem-cuidadas, o tédio de Rose se transformou em irritação.

– Então não é desta vez que eu vou para o céu, doutor? – perguntou ela, fitando o rosto dele, que enrubescceu. – É que estou preparando uma página do meu livro de recortes e seria uma pena deixá-la inacabada.

O Dr. Matthews deu uma risadinha tola e olhou para sua mãe.

– Ora, menina – disse ele, gaguejando –, não há motivos para preocupação. Um dia, nós todos seremos chamados para junto de Deus...

Rose ficou olhando enquanto ele fazia um sermão desagradável sobre vida e morte, antes de virar a cabeça para disfarçar um sorriso.

A perspectiva de morrer cedo tem um efeito diferente sobre cada pessoa. Em algumas, provoca uma maturidade que vai muito além da idade e da experiência: uma calma aceitação que faz brotar uma disposição bondosa e gentil. Em outras, entretanto, forma pedacinhos de gelo no coração. Gelo que, embora às vezes oculto, nunca derrete completamente.

Rose, embora tivesse vontade de pertencer ao primeiro grupo, sabia, no fundo, que fazia parte do segundo. Não que fosse uma pessoa má, mas tinha desenvolvido um dom para a indiferença. Uma capacidade de desprender-se de si mesma e observar situações sem experimentar nenhum sentimento.

– Dr. Matthews – a voz de mamãe interrompeu a descrição cada vez mais enfadonha dos anjinhos de Deus. – Por que o senhor não desce e me espera na sala de almoço? Thomas vai nos servir um chá.

– Sim, lady Mountrachet – disse ele, aliviado por ser poupado daquela conversa difícil.

Ele evitou os olhos de Rose e saiu do quarto.

– Bem, Rose – disse mamãe –, isso não foi nem um pouco educado.

A censura foi aplacada pela preocupação, e Rose sabia que não ia ser castigada. Nunca era. Quem podia ficar zangado com uma garotinha moribunda? Rose suspirou.

– Eu sei, mamãe, desculpe. É só que eu me sinto tonta, e ouvir o Dr. Matthews piora minha tontura.

– Uma constituição frágil é uma cruz terrível de carregar. – A mãe segurou as mãos de Rose. – Mas você é uma dama, uma Mountrachet. E saúde frágil não é desculpa para falta de educação.

– Sim, mamãe.

– Tenho que ir conversar com o médico agora – avisou ela, acariciando o rosto de Rose. – Volto aqui quando Mary trouxer sua bandeja.

Ela se encaminhou para a porta, o vestido arrastando pelo tapete e pelas tábuas do assoalho.

– Mamãe? – chamou Rose.

A mãe se virou.

– Sim?

– Queria lhe perguntar uma coisa. – Rose hesitou, sem saber como prosseguir. Tinha consciência de que era uma pergunta estranha. – Eu vi um menino no jardim.

Sua mãe ergueu a sobrancelha.

– Um menino?

– Esta manhã, eu o vi da janela quando Mary me levou para minha cadeira. Ele estava atrás de um arbusto, conversando com Davies; um menino com ar travesso, de cabelo ruivo.

Mamãe pôs a mão no pescoço e soltou o ar devagar, de modo que Rose ficou ainda mais curiosa.

– Você não viu menino nenhum, Rose.

– Mamãe?

– Aquela é sua prima, Eliza.

Rose arregalou os olhos. A declaração foi totalmente inesperada. Principalmente porque aquilo era impossível. Sua mãe não tinha irmãos nem irmãs e, depois da morte da avó, seus pais e Rose eram os únicos Mountrachets que restavam.

– Eu não tenho primos.

Mamãe respondeu com uma pressa incomum:

– Infelizmente, tem. O nome dela é Eliza e ela veio morar em Blackhurst.

– Por quanto tempo?

– Indefinidamente, eu acho.

– Mas, mamãe... – Rose sentiu a cabeça mais leve do que nunca. Como um moleque daqueles poderia ser *sua prima*? – O cabelo... o jeito dela... suas roupas estavam molhadas. E ela estava suja e despenteada... – Rose estremeceu. – E coberta de folhas...

A mãe pôs um dedo na frente dos lábios. Ela se virou para a janela e o cacho castanho que tinha na nuca estremeceu com o movimento.

– Ela não tinha para onde ir. Seu pai e eu concordamos em ficar com ela. Um ato de caridade cristã que ela jamais apreciará, muito menos merecerá. No entanto, temos sempre que fazer o que é correto.

– Mamãe, o que ela vai fazer *aqui*?

– Vai nos causar muita vergonha, não tenho dúvidas. Mas não podíamos abandoná-la. Se não fizéssemos nada, a vida dela seria horrível, então temos que transformar necessidade em virtude.

As palavras da mãe tinham o tom de sentimentos empurrados à força por uma peneira. Ela própria pareceu perceber que eram palavras vazias e se calou.

– Mamãe? – chamou Rose com cautela.

– Você perguntou o que ela vai fazer aqui. – A mãe se virou para Rose, com uma inflexão nova na voz. – Eu a estou dando para você.

– Para mim?

– Como uma espécie de projeto. Ela será sua protegida. Quando você estiver boa, vai ensiná-la a se comportar. Ela não passa de uma selvagem, sem nenhum charme ou graça. Uma órfã que nunca aprendeu como se comportar em

sociedade. – Sua mãe suspirou. – É claro que eu não tenho ilusões, nem espero que você faça milagres.

– Sim, mamãe.

– Você pode imaginar, minha filha, as influências a que esta órfã foi exposta. Vivia em Londres, em meio ao pecado e à degradação.

E então Rose soube quem era aquela menina. Eliza era filha da irmã de seu pai, a misteriosa Georgiana, cujo retrato sua mãe banira para o sótão, de quem ninguém ousava falar.

Quer dizer, ninguém além de sua avó.

Nos últimos meses de vida da velha senhora, quando voltou como um urso ferido para Blackhurst e se recolheu no quarto da torre para morrer, ela tinha momentos de lucidez e falava sobre duas crianças que se chamavam Linus e Georgiana. Rose sabia que Linus era seu pai e imaginou que Georgiana devia ser a irmã dele. A que tinha desaparecido pouco antes de Rose nascer.

Foi numa manhã de verão, e Rose estava descansando na poltrona ao lado da janela da torre, com uma brisa morna arrepiando sua nuca. Rose gostava de se sentar perto de vovó, de observá-la enquanto dormia, cada respiração poderia ser a última, e observava as gotas de suor que se formavam em sua testa.

De repente, sua avó abriu os olhos: eram grandes e claros, desbotados por uma vida inteira de amargura. Fitou Rose, mas, como não a reconheceu, desviou o olhar. Estava hipnotizada, aparentemente pelas cortinas agitadas pelo vento. O primeiro impulso de Rose foi chamar mamãe – já fazia horas que vovó não acordava –, mas, quando estendeu a mão para a sineta, a velha suspirou. Um suspiro longo e cansado, tão profundo que sua pele pareceu encolher entre os ossos.

Então, de repente, uma mão agarrou o pulso de Rose.

– Uma moça tão linda... – disse ela, tão baixinho que Rose teve que se aproximar para ouvir. – Bonita demais, uma maldição. Todos os rapazes se viraram para admirá-la. Ele não conseguiu resistir, ia atrás dela por toda parte, achava que não sabíamos. Ela fugiu e não voltou, nem uma palavra da minha Georgiana...

Rose Mountrachet era uma boa menina, conhecia as regras. Como poderia ser diferente? Presa a vida inteira na cama, doente, sujeita às lições esporádicas da mãe sobre as regras da sociedade e da boa conduta. Rose sabia muito bem que

uma dama jamais devia usar pérolas ou diamantes pela manhã; jamais devia ofender uma pessoa; jamais, sob nenhuma circunstância, devia ficar a sós com um cavalheiro. O mais importante de tudo: Rose sabia que escândalos deviam ser evitados a todo custo, que um escândalo era capaz de destruir uma dama. Capaz de destruir, pelo menos, sua reputação.

Entretanto, esta menção a uma tia desaparecida, o cheiro de um escândalo familiar, teve outro efeito em Rose. Fez com que um arrepio de agitação percorresse seu corpo. Pela primeira vez em anos, ela sentiu as pontas dos dedos vibrarem. Chegou ainda mais perto, querendo que a avó prosseguisse, ansiosa para acompanhar o fluxo das palavras que conduziam a águas escuras e profundas.

– Quem, vovó? – insistiu Rose. – Quem a seguia? Com quem ela fugiu?

Vovó não respondeu. Quaisquer que fossem os cenários que se desenrolavam em sua mente, eles se recusavam a ser manipulados. Rose insistiu em vão. No fim, teve que se contentar em revirar o assunto em sua mente, o nome da tia se transformou em um símbolo de tempos difíceis e nebulosos. Símbolo de tudo que havia de mau e injusto no mundo...

– Rose? – Mamãe estava franzindo a testa. – Quer dizer alguma coisa? Você estava murmurando.

Ela estendeu a mão para medir a temperatura da filha.

– Eu estou bem, mamãe, só me distraí um pouco, pensando.

– Você parece quente.

Rose encostou a mão na própria testa. Ela estava quente? Não sabia.

– Vou mandar o Dr. Matthews subir antes de ir embora – sentenciou sua mãe.

– É melhor ser previdente.

Rose fechou os olhos. Outra visita do Dr. Matthews, duas na mesma tarde, era mais do que podia suportar.

– Você está fraca demais para conhecer nosso novo projeto – anunciou sua mãe. – Vou falar com o médico e, se ele concordar, você poderá conhecer Eliza amanhã. Imagine a filha de um marinheiro carregar o nome da família Mountrachet!

Um marinheiro. Isso era novidade. Rose arregalou os olhos.

– Mamãe?

Foi a vez de a mãe ficar corada. Revelara mais do que pretendia, uma pequena falha na sua armadura.

– O pai de sua prima era marinheiro. Não falamos nele.

– Meu tio era marinheiro?

Sua mãe ficou sem fala e cobriu a boca com a mão.

– Ele não era seu tio, Rose, ele não era nada seu ou meu. Nem era casado com sua tia Georgiana.

– Mamãe! – Rose nem podia imaginar um escândalo desses. – O que você quer dizer com isso?

Sua mãe baixou o tom de voz:

– Eliza pode ser sua prima, Rose, e não temos escolha a não ser acolhê-la nesta casa. Mas ela vem de origem escura, não tenha dúvidas quanto a isso. Teve sorte que a morte da mãe a tenha trazido de volta para Blackhurst. Depois de toda a vergonha que a família sofreu. – Balançou a cabeça. – Seu pai quase morreu quando ela partiu. Não posso imaginar o que teria acontecido se eu não estivesse aqui para ajudá-lo a suportar todo aquele escândalo. – Ela olhou para Rose. Sua voz estava um pouco trêmula. – Um escândalo desses pode manchar para sempre o nome de uma família. Por isso é muito importante que você e eu tenhamos uma vida impecável. Sua prima Eliza será um desafio, não tenho dúvida. Ela nunca será uma de nós, mas, com esforço, nós a tiraremos da podridão de Londres.

Rose fingiu estar atenta aos babados da manga da sua camisola.

– Uma moça de origem escura pode aprender a se passar por uma dama, mamãe?

– Não, minha filha.

– Nem se ela for criada por uma família nobre? – Rose encarou a mãe. – Nem se ela se casar com um cavalheiro, talvez?

A mãe fitou Rose com atenção e hesitou antes de responder, devagar e com cuidado:

– É possível, é claro, que uma moça de origem humilde mas honesta, que trabalhe com afinco para melhorar, possa elevar sua condição. – Ela suspirou. – Mas não, eu sinto dizer, no caso da sua prima. Temos que baixar nossas expectativas, Rose.

– É claro.

A verdadeira razão do desconforto da mãe estava ali, presente entre elas, mas, se desconfiasse de que Rose sabia, teria ficado mortificada. Tratava-se de outro segredo de família que Rose conseguira arrancar da avó moribunda. Um segredo que explicava muita coisa: a animosidade entre as duas matriarcas e, até mais do que isso, a obsessão de sua mãe com bons modos – sua devoção às regras da sociedade, seu compromisso em se apresentar sempre como um exemplo de virtude social.

Lady Adeline Mountrachet podia ter tentado banir qualquer menção à verdade muito tempo atrás – a maioria das pessoas que conhecia a história banira este conhecimento da memória, com medo, e quem ainda se lembrava não ousava comentar nada a respeito das origens de lady Mountrachet para não perder o emprego –, mas sua avó não tinha nenhum escrúpulo. Ela gostava de se referir à mocinha de Yorkshire cujos pais, que passavam por dificuldades financeiras, haviam agarrado a oportunidade de mandá-la para a Mansão Blackhurst, na Cornualha, onde serviria de companhia para a gloriosa Georgiana Mountrachet.

Sua mãe parou à porta.

– Mais uma coisa, Rose, a mais importante de todas.

– Sim, mamãe?

– Essa menina *tem* que ser mantida longe do seu pai.

Tal tarefa não seria nada difícil de realizar; Rose podia contar nos dedos quantas vezes vira o pai no ano anterior. Mesmo assim, a veemência da mãe era curiosa.

– Por quê, mamãe?

Uma breve pausa, que Rose notou com interesse crescente, se seguiu de uma resposta que suscitou ainda mais dúvidas:

– Seu pai é um homem ocupado, um homem importante. Ele não precisa ser constantemente lembrado da mancha no nome da família. – Ela tomou fôlego e completou, baixinho: – Pode acreditar no que estou dizendo, Rose, ninguém nesta casa sairá ganhando se esta menina se aproximar de seu pai.



Adeline apertou a ponta do dedo e viu a gota vermelha de sangue aparecer. Era a terceira vez que espetava o dedo em poucos minutos. Bordar sempre fora uma atividade que acalmava seus nervos, mas estavam em farrapos naquele dia. Largou o bordado. A conversa com Rose a deixara nervosa, assim como o chá desagradável com o Dr. Matthews. No entanto, sua inquietação vinha, claro, da chegada da filha de Georgiana. Embora, fisicamente, a menina fosse um fiapo de gente, tinha trazido algo com ela. Algo invisível, como a mudança no clima que precede uma grande tempestade. E esse algo ameaçava pôr um fim em tudo aquilo pelo qual Adeline havia lutado; de fato, a chegada da menina já tinha iniciado um processo insidioso porque Adeline passara o dia inteiro pensando em sua própria chegada a Blackhurst. Ela tinha se esforçado muito para enterrar aquelas lembranças e para garantir que os outros também as esquecessem...

Quando chegou ali, em 1886, Adeline encontrou uma casa que parecia vazia. E que casa! Era a maior que ela já tinha visto. Ficara pelo menos dez minutos parada esperando alguma orientação, alguém que a recebesse, até que, finalmente, um rapaz com um terno elegante e uma expressão travessa aparecera no hall. Ele tinha parado, surpreso, e consultara o relógio de bolso.

– Você está adiantada – disse, em um tom que não deixou dúvidas para Adeline de sua opinião sobre quem chegava antes da hora. – Só a esperávamos na hora do chá.

Ela ficou parada, em silêncio, sem saber o que dizer.

O homem continuou, impaciente:

– Se você esperar aqui, vou encontrar alguém para levá-la ao seu quarto.

Adeline percebeu que estava incomodando.

– Posso dar uma volta no jardim se o senhor preferir – disse, em tom humilde, mais consciente do que nunca do seu sotaque do norte, que soava ainda mais grosseiro naquela sala fantástica, de chão de mármore branco.

O homem assentiu, secamente.

– É melhor assim.

Um criado tinha levado suas malas, e Adeline estava livre de bagagens quando desceu a imponente escadaria. Ela parou ali embaixo, olhando de um lado para outro, tentando livrar-se da sensação desagradável de ter fracassado antes mesmo de começar.

O reverendo Lambert mencionara a riqueza e a importância da família Mountrachet diversas vezes durante as visitas a Adeline e seus pais. Era uma honra para toda a diocese, dizia repetidamente, que um de seus membros tivesse sido escolhido para desempenhar uma tarefa tão importante. Seu colega cornualhense tinha procurado muito, sob instruções diretas da dona da casa, a fim de selecionar a candidata mais adequada, e cabia a Adeline provar que era digna de tão grande honra. Sem mencionar a generosa quantia que seria paga aos seus pais por sua ausência. Adeline estava determinada a ser bem-sucedida. Durante toda a viagem de Yorkshire até ali, repetira para si mesma lições acerca de tópicos, como “A aparência de qualidade é tão importante quanto a própria qualidade” e “Uma dama é o que uma dama faz”. Ao chegar àquela casa, no entanto, suas convicções tinham sofrido um baque.

Um barulho que veio de cima atraiu sua atenção para o céu, onde uma família de gralhas fazia um desenho complicado. Um dos pássaros deu um mergulho e acompanhou os outros na direção de um conjunto de árvores ao longe. Por não ter um destino certo, Adeline foi atrás deles, concentrando-se em pensar o tempo todo a respeito de novos começos e dos rumos traçados.

Adeline estava tão absorta que não prestou atenção nos fantásticos jardins de Blackhurst. Antes mesmo de ter começado a discorrer sobre os valores da aristocracia, saíra da mata e estava parada na beira do penhasco, com o capim roçando seus pés. Do outro lado, parecendo um manto de veludo, estava o profundo mar azul.

Adeline se agarrou num galho próximo. Nunca tinha se dado bem com alturas e seu coração estava disparado.

Algo na água atraiu seu olhar para a enseada. Um rapaz e uma moça em um barquinho, ele sentado e ela em pé, fazendo o barco balançar de um lado para outro. O vestido de musselina branca da moça estava molhado dos tornozelos até a cintura e grudava em suas pernas de um modo que fez Adeline perder o fôlego.

Ela achou que devia sair dali, mas não conseguiu tirar os olhos deles. A moça tinha cabelos ruivos, de um tom brilhante, solto e comprido, com as pontas molhadas. O homem usava um chapéu de palha preto, pendurado no pescoço. Ele ria, lançando água na moça. Aproximou-se dela, estendeu os braços para agarrar suas pernas. O barco balançou com mais força, e, quando Adeline pensou que ele ia alcançá-la, a moça deu um mergulho e desapareceu no mar.

Nada na experiência de Adeline a preparara para tal comportamento. O que levava a moça a fazer aquilo? E para onde ela tinha ido? Adeline esticou o pescoço para olhar. Examinou a superfície do mar até que, finalmente, uma figura vestida de branco se tornou visível, deslizando para a superfície perto de uma rocha negra. A moça saiu da água, com o vestido colado ao corpo, pingando, e, sem se virar, subiu na rocha e desapareceu por uma trilha que ia dar em um pequeno chalé no alto do penhasco.

Tentando controlar a respiração, Adeline dirigiu sua atenção para o rapaz, pois ele devia estar igualmente chocado. Também vira a moça desaparecer e remava o barco na direção da enseada. Puxou-o para a praia, apanhou os sapatos e começou a subir os degraus. Ele mancava e tinha uma bengala.

O homem passou bem perto de Adeline, mas não a viu. Estava assobiando uma melodia que ela desconhecia. Era uma melodia alegre, cheia de sol e sal. A antítese do triste Yorkshire do qual ela queria tão desesperadamente fugir. Este rapaz parecia ter o dobro da altura dos jovens de sua terra e ser duas vezes mais alegre.

Sozinha no alto do penhasco, ela percebeu subitamente o calor e o peso da sua roupa de viagem. A água lá embaixo parecia tão fresca; aquele pensamento vergonhoso passou pela sua cabeça sem que pudesse controlá-lo. Como seria mergulhar na água e sair, toda molhada, como a moça, como Georgiana tinha feito?

Mais tarde, muitos anos depois, quando a mãe de Linus, a velha bruxa, estava morrendo, ela confessou seu motivo para escolher Adeline como dama de companhia para Georgiana.

– Eu procurava a moça mais sem graça possível, bastante carola, na esperança de que pudesse passar um pouco desse comportamento para minha filha. Não suspeitei nem por um momento de que meu pássaro raro fosse fugir e o ratinho do campo fosse tomar seu lugar. Acho que devo lhe dar os parabéns. Você venceu no fim, não foi, lady Mountrachet?

E vencera mesmo. Havia superado a origem humilde, com trabalho e determinação. Adeline subira na vida, mais alto do que seus pais jamais teriam imaginado quando permitiram que ela fosse para aquela aldeia desconhecida na Cornualha.

E continuara a trabalhar com afinco, mesmo depois de seu casamento e da conquista do título de lady Mountrachet. Reinara com pulso de ferro para que nenhuma lama pudesse atingir o nome da família e sua imponente mansão. E isso não ia mudar. A filha de Georgiana agora estava lá, isso era um fato consumado. Cabia a Adeline garantir que a vida na Mansão Blackhurst prosseguisse inalterada.

Só precisava livrar-se do receio de que, abrigando Eliza em Blackhurst, Rose saísse perdendo...

Adeline afastou os pensamentos sombrios e se concentrou em recuperar o autocontrole. Sempre fora sensível no que se referia a Rose, era nisso que dava ter uma filha com saúde delicada. Ao lado dela o cão, Askrigg, gemeu. Ele também tinha passado o dia todo inquieto. Adeline acariciou a cabeça do animal.

– Shhh – disse ela. – Vai ficar tudo bem. – Ela o afagou. – Vou tratar disso.

Não havia nada a temer. Afinal, que ameaça esta intrometida, uma garota esquelética de cabelo crespo e pálida, de uma vida de pobreza em Londres, poderia representar para Adeline e sua família? Bastava olhar para Eliza para ver que ela não era Georgiana, graças a Deus. Ora, talvez aqueles pensamentos inquietantes não fossem medo, e sim alívio. Alívio por encarar seu maior temor e se livrar dele. Pois, com a chegada de Eliza, vinha o consolo adicional de saber que Georgiana estava morta, que jamais retornaria. E, em seu lugar, estava uma garota abandonada, sem o poder da mãe de dobrar facilmente a vontade das pessoas à sua.

A porta se abriu, fazendo o fogo crepitar.

– O jantar está servido, madame.

Adeline desprezava Thomas, desprezava todos eles. Apesar dos “sim, madame”, dos “não, madame” e dos “o jantar está servido, madame”, sabia o que realmente pensavam, o que sempre pensariam dela.

– E o patrão? – perguntou ela, com o tom mais frio e autoritário possível.

– Lorde Mountrachet está vindo do laboratório, madame.

A maldita câmara escura! Era claro que ele estava lá. Tinha ouvido a carruagem chegar enquanto aturava o chá com o Dr. Matthews. Ela mantivera o ouvido atento ao hall de entrada, esperando ouvir os passos característicos do marido – pesado, leve, pesado, leve –, mas nada. Devia ter adivinhado que ele iria diretamente para a infernal câmara escura.

Thomas ainda estava olhando para ela, então Adeline não deixou cair sua máscara. Preferia sofrer na mão do diabo em pessoa a dar ao empregado a satisfação de perceber a desarmonia do casal.

– Vá – disse, com um gesto –, providencie pessoalmente para que aquela lama imunda da Escócia seja retirada das botas do patrão.



Linus já estava sentado quando Adeline chegou. Já tinha começado a tomar a sopa e não ergueu os olhos quando a esposa entrou. Estava ocupado demais estudando as fotografias em preto e branco espalhadas na sua ponta da mesa: musgo, borboletas e tijolos, os troféus de sua recente viagem.

Ao vê-lo, Adeline sentiu a cabeça ferver. O que os outros diriam se soubessem que a mesa de jantar de Blackhurst era cenário para um comportamento como aquele? Olhou de soslaio para Thomas e para o lacaio, ambos com a vista voltada para a parede em frente. Mas Adeline não se deixou enganar, sabia que, por trás daquelas expressões vazias, as mentes estavam trabalhando, julgando, anotando, preparando-se para contar aos colegas de outras casas sobre a decadência dos padrões na Mansão Blackhurst.

Adeline sentou-se empertigada em seu lugar, esperou o lacaio colocar o prato de sopa à sua frente. Tomou uma pequena colherada e queimou a língua. Ficou observando Linus, de cabeça baixa, continuar sua inspeção das fotos. O cabelo estava rareando no alto de sua cabeça. Parecia que um pardal tinha estado ali, ajeitando os poucos fios para fazer um ninho.

– A menina está aqui? – indagou ele, sem erguer os olhos.

Adeline sentiu a pele ficar arrepiada: “A maldita menina!”

– Está.

– Você a viu?

– É claro. Ela foi acomodada lá em cima.

Finalmente ele levantou a cabeça, tomou um gole de vinho. Depois outro.

– E ela é... ela é parecida...?

– Não – respondeu Adeline com frieza. – Não é. – No colo, suas mãos estavam crispadas.

Linus soltou o ar devagar, partiu um pedaço de pão e começou a comê-lo. Falou de boca cheia, certamente para irritá-la.

– Mansell disse a mesma coisa.

O culpado pela vinda da menina era Henry Mansell. Linus podia ter desejado o retorno de Georgiana, mas Mansell é quem tinha mantido viva a esperança. O detetive, com seu bigode grosso e seu pincenê, fora pago por Linus e lhe enviava relatórios frequentes. Toda noite, Adeline rezava para que Mansell fracassasse, para que Georgiana continuasse longe, para que Linus desistisse dela.

– Sua viagem correu bem? – perguntou Adeline.

Nenhuma resposta. Ele estava analisando as fotos de novo.

O orgulho de Adeline evitou que tornasse a olhar para Thomas. Ela fez questão de exibir uma expressão de calma e contentamento e tomou outra colher da sopa, que já tinha esfriado um pouco. A rejeição de Linus por Adeline era uma coisa – ele se afastara dela logo depois do casamento –, mas sua recusa completa de Rose era outra. Ela era sua filha; seu sangue corria nas veias dela, o sangue de sua nobre família. Por que a ignorava daquele jeito? Adeline não conseguia entender.

– O Dr. Matthews esteve aqui hoje, de novo – disse ela. – Outra infecção.

Linus ergueu os olhos, com o costumeiro desinteresse. Comeu mais um pedaço de pão.

– Nada muito sério, felizmente – prosseguiu Adeline, incentivada pelo olhar dele. – Nada de muito preocupante.

Linus engoliu o pedaço de pão.

– Vou para a França amanhã – informou ele. – Tem um portão em Notre-Dame... – Ele deixou a frase inacabada. A obrigação de manter Adeline informada só ia até aí.

Adeline franziu as sobrancelhas involuntariamente e se apressou em desfazer a expressão.

– Ótimo – disse, forçando os lábios a sorrir e abafando a imagem, que surgiu repentinamente, de Linus no barquinho, a câmera apontada para uma figura toda vestida de branco.

Tregenna, 1975

Lá estava ela, a rocha negra da história de William Martin. Do alto do penhasco, Nell observou a espuma branca do mar bater nas pedras antes de entrar na caverna e ser sugada de novo pela correnteza. Não era difícil imaginar a enseada como um local de grandes tempestades, navios naufragados e contrabando chegando no meio da noite.

Ao longo do topo do penhasco, uma fileira de árvores bloqueava a visão de Nell da Mansão Blackhurst, a casa de sua mãe.

Enfiou ainda mais as mãos nos bolsos do casaco. O vento era forte ali no alto e ela precisou de toda a sua força para manter o equilíbrio. Seu pescoço estava dormente, o rosto ao mesmo tempo quente do atrito e frio por causa do vento. Virou-se para seguir pelo caminho de volta. A estrada não ia até ali e o atalho era estreito. Nell caminhou com cuidado: seu joelho estava inchado e roxo depois de sua entrada intempestiva em Blackhurst, na véspera. Fora até lá com a intenção de entregar uma carta dizendo que era uma negociante de antiguidades da Austrália, em visita à Inglaterra, e solicitando autorização para visitar a casa. No entanto, ali parada diante do portão de ferro, havia sido tomada por um impulso tão forte que mal conseguia respirar. Quando se deu conta, já tinha aberto mão de toda a sua dignidade e estava escalando o portão, apoiando os pés nas curvas de ferro batido.

Era um comportamento ridículo para uma mulher da idade dela, mas foi o que aconteceu. Era intolerável estar assim tão perto da casa da sua família, do lugar onde tinha nascido, e não poder dar sequer uma olhada. Pena que sua agilidade física não tenha correspondido à sua tenacidade. Ela ficara ao mesmo tempo envergonhada e agradecida quando Julia Bennett apareceu. Felizmente a

nova proprietária de Blackhurst aceitou as explicações de Nell e a convidou para entrar.

Foi uma sensação muito estranha ver a casa por dentro. Estranha, mas não do jeito como previra. Nell ficou sem fala de tanta expectativa. Entrou no hall, subiu as escadas, olhando para dentro dos cômodos, dizendo a si mesma: sua mãe sentou-se aqui, sua mãe andou por aqui, sua mãe amava este lugar; e esperou que a enormidade disso a atingisse. Esperou que saísse das paredes uma onda que a atingisse com força, fazendo-a reconhecer que estava em casa. Só que isso não aconteceu. Uma expectativa tola, é claro, e nada parecida com Nell. Entretanto, até a pessoa mais pragmática às vezes é vítima de algo assim. Pelo menos agora podia dar concretude às lembranças que vinha tentando reconstruir, conversas imaginárias ocorrendo em aposentos reais.

Sobre o capim, Nell avistou um galho do tamanho que procurava. Havia algo de imensamente agradável em caminhar com uma vara; dava uma sensação de determinação. Sem mencionar que aliviava o peso em seu joelho machucado. Ela apanhou o cajado improvisado e continuou a descer cuidadosamente, ladeando o alto muro de pedra. Havia uma placa no portão da frente, logo abaixo daquela que ameaçava os invasores: *À venda*. Ao lado, um número de telefone.

Então este era o chalé que pertencia à propriedade Blackhurst, o que Julia Bennett mencionara na véspera e que William Martin queria que tivesse sido queimado; aquele que fora palco de eventos terríveis, quaisquer que tivessem sido. Nell debruçou-se no portão. Não parecia haver nada de muito ameaçador ali. O jardim estava maltratado e a noite que se aproximava se espalhava pelos cantos. Um caminho estreito levava até o chalé e continuava para a direita, depois da porta da frente, atravessando o jardim. Na extremidade do muro, havia uma estátua solitária coberta de musgo. Um menino nu no meio de um canteiro, com os olhos eternamente voltados para o chalé.

Não, não era um canteiro, o menino estava em um laguinho.

A correção veio rápida e precisa, surpreendendo Nell de tal modo que ela se segurou no portão com mais força. Como sabia que era um laguinho?

Então, diante dos seus olhos, o jardim mudou. Arbustos e ervas daninhas, crescendo ali havia décadas, desapareceram. Folhas ergueram-se do chão, revelando caminhos, canteiros de flores e um banco de jardim. O lugar ficou claro de novo e a luz brincou na superfície do lago. Ela estava, então, em dois

lugares ao mesmo tempo: era uma mulher de 65 anos com o joelho machucado, agarrada a um portão enferrujado, e era também uma menina, com uma longa trança caída nas costas, sentada na grama, com os pés mergulhados no lago...

O peixe tornou a subir à superfície, a barriga dourada brilhando, e a menina riu quando ele abriu a boca para morder seu dedão. Ela amava o lago, queria ter um em casa, mas sua mãe tinha medo de que ela caísse e se afogasse. Mamãe tinha medo de tudo, especialmente quando se tratava da menina. Se a visse ali naquele momento, ficaria muito zangada. Mas ela não sabia, estava em um dos seus maus dias, deitada no escuro em seu quarto, com um pano úmido na testa.

Um barulho fez a menina erguer os olhos. A dama e seu pai tinham saído de casa. Eles ficaram um instante parados e papai disse algo para a dama, algo que a menina não conseguiu ouvir. Ele tocou o braço dela e a dama se aproximou lentamente. Ela olhava para a menina de um jeito estranho, um jeito que a fez se lembrar da estátua do menino que ficava o dia inteiro no lago, sem piscar. A dama abriu um sorriso mágico; a menina tirou os pés de dentro do lago e esperou, esperou, imaginando o que a dama iria dizer...

Uma gralha voou ali perto e o tempo foi restaurado. A vegetação reapareceu, as folhas caíram, e o jardim se tornou, uma vez mais, um lugar úmido e escuro. A estátua do menino voltou a ficar verde pela ação do tempo, como era de esperar.

Nell sentiu uma dor nas articulações. Soltoou o portão e contemplou a gralha – com suas asas cortando o ar, ela voava na direção da copa das árvores de Blackhurst. A oeste, as nuvens, iluminadas por trás, brilhavam no céu que escurecia.

Nell olhou para o jardim do chalé. A menina tinha desaparecido. Tinha mesmo?

Ao se afastar em direção à aldeia, apoiando a vara no chão, Nell sentiu uma estranha sensação de dualidade, que não era de todo desagradável.

Mansão Blackhurst, 1900

Na manhã seguinte, enquanto uma fraca luz invernal batia nas vidraças das janelas do quarto, Rose alisou as pontas do seu longo cabelo castanho. A Sra. Hopkins o escovara até deixá-lo brilhando, do jeito que Rose gostava, e ele caía, impecável, sobre a renda de seu vestido mais bonito – aquele que mamãe tinha encomendado de Paris. Rose estava se sentindo cansada e um pouco irritada, mas já se acostumara com isso. Meninas de saúde frágil não podiam estar contentes o tempo todo, e Rose não tinha a menor intenção de fingir ser o que não era. Honestamente, gostava de ter as pessoas pisando em ovos ao seu redor: ela ficava um pouco menos infeliz quando os outros se sentiam igualmente reprimidos. Além disso, Rose tinha bons motivos para se sentir cansada. Passara a noite inteira em claro, virando-se de um lado para outro como na história da princesa com a ervilha, só que não fora um caroço no colchão que a mantivera acordada, e sim a surpreendente revelação de sua mãe.

Depois que mamãe saiu do quarto, Rose ficou refletindo sobre a natureza precisa da mancha no nome de sua família, sobre o tipo de tragédia que ocorrera depois da fuga de tia Georgiana. Pensara durante a noite inteira na tia malvada, e os pensamentos não haviam desaparecido com o raiar do dia. Durante o café da manhã, e mais tarde, quando a Sra. Hopkins a vestiu, e mesmo agora, enquanto aguardava no quarto de brinquedos, aquilo não lhe saía da cabeça. Observava o fogo brincar nos tijolos da lareira, imaginando se aquelas sombras alaranjadas se pareciam com a porta do inferno pela qual sua tia devia ter passado. Então, de repente... Passos no corredor!

Rose deu um salto na cadeira, alisou a manta de lã que cobria seus joelhos e logo passou a exhibir a expressão de plácida perfeição que aprendera com sua

mãe. Apreciou o arrepio de empolgação que lhe percorreu o corpo. Ah, que tarefa importante aquela! Ter uma protegida. Uma órfã para transformar à sua imagem e semelhança. Rose nunca tivera uma amiga antes, tampouco haviam permitido um bichinho de estimação (a mãe tinha muito medo de que contraísse raiva). E, apesar das palavras de alerta de mamãe, ela nutria muitas esperanças em relação a essa prima. Ela ia ser transformada em uma dama, ia se tornar uma companhia para Rose, alguém para enxugar sua testa quando estivesse doente, para segurar sua mão quando estivesse triste, para escovar seu cabelo quando estivesse aborrecida. E ela ia ficar tão grata às orientações de Rose, tão feliz de conhecer o comportamento de uma dama, que faria exatamente o que Rose mandasse. Ia ser a amiga perfeita – que nunca discutia, nunca se comportava de forma cansativa, nunca externava uma opinião desagradável.

A porta se abriu, o fogo crepitou zangadamente por ter sido perturbado, e a mãe entrou no quarto, as saias azuis farfalhando. Havia uma agitação em suas maneiras que despertou o interesse de Rose, alguma coisa em seu rosto que sugeria que a dificuldade do projeto era maior do que ela revelara.

– Bom dia, Rose – disse ela secamente.

– Bom dia, mamãe.

– Permita-me apresentar-lhe sua prima. – Uma breve pausa. – Eliza.

E então, de trás da saia da mãe, saiu a garota esquelética que Rose tinha visto da janela na véspera.

Involuntariamente, Rose recuou um pouco. Olhou a menina de alto a baixo, observando o cabelo curto, a roupa horrorosa (calças!), os joelhos ossudos e as botas velhas. A prima não falou nada, ficou parada, olhando para ela com os olhos arregalados, de um jeito que Rose achou extremamente rude. Sua mãe tinha razão. Esta menina (não conseguia pensar nela como sua prima!) não tinha a menor educação, nem um pinga de modos.

Rose recuperou a compostura.

– Muito prazer – seu tom de voz estava um pouco fraco, mas um aceno de mamãe a fez ver que se comportara bem.

Ela esperou um cumprimento que não veio. Rose olhou para a mãe, que fez sinal para que prosseguisse assim mesmo.

– Diga-me, prima Eliza – ela tornou a tentar –, você está gostando da estada conosco?

Eliza fitou-a como se ela fosse um animal estranho, curioso, no zoológico de Londres, depois assentiu.

Passos soaram no corredor e Rose teve uma breve trégua no desafio de dar continuidade à conversa com aquela prima estranha e calada.

– Sinto muito interrompê-la, minha senhora – anunciou a Sra. Hopkins da porta –, mas o Dr. Matthews está lá embaixo. Ele diz que trouxe o novo medicamento que a senhora estava aguardando.

– Diga a ele para deixar com a senhora. Estou ocupada com outro assunto.

– É claro, e eu sugeri isso, mas ele insistiu em entregá-lo pessoalmente.

Os cílios de sua mãe tremeram tão ligeiramente que só alguém que se dedicasse a observar seus humores teria notado.

– Obrigada, Sra. Hopkins. Diga ao Dr. Matthews que já vou descer.

Enquanto os passos da Sra. Hopkins desapareciam no corredor, a mãe virou-se para a prima e disse, em uma voz clara e autoritária:

– Sente-se no tapete e ouça cuidadosamente as instruções de Rose. Não se mexa. Não fale. Não toque em nada.

– Mas, mamãe... – Rose não esperava ser deixada sozinha tão cedo.

– Você pode começar suas lições ensinando sua prima a se vestir adequadamente.

– Sim, mamãe.

Então, as saias rodadas desapareceram, a porta foi fechada e o fogo parou de crepitar. Rose olhou para a prima. Elas estavam a sós e o trabalho ia começar.



– Largue isso. Largue isso imediatamente!

As coisas não estavam correndo como Rose imaginara. A menina não prestava atenção, não obedecia, nem ligou quando Rose a ameaçou com a ira da mãe. Já fazia cinco minutos que Eliza andava pelo quarto de brinquedos, pegando coisas, examinando-as, tornando a largá-las. Sem dúvida, deixando impressões digitais em toda parte. Nesse momento, ela estava balançando o caleidoscópio que alguma tia-avó tinha mandado para Rose em um de seus aniversários.

– Isso é precioso – comentou Rose, aborrecida. – Eu insisto que largue isso. Você não sabe nem como mexer nisso direito.

Tarde demais, Rose percebeu que tinha dito a coisa errada. Agora a prima estava se aproximando dela, com o caleidoscópio na mão. Chegou tão perto que Rose pôde notar a sujeira sob suas unhas, a temida sujeira que a mãe vivia dizendo que a deixaria doente.

Rose ficou horrorizada. Encolheu-se na cadeira, com a cabeça girando.

– Não – conseguiu pronunciar. – Saia daqui.

Eliza parou no braço da poltrona, dando a impressão de que ia se sentar ali sobre o veludo.

– Saia daqui, eu já disse! – Rose balançou a mão pálida e frágil. Será que ela não entendia? – Você não pode se sentar perto de mim.

– Por que não?

Então ia ter que explicar.

– Você esteve lá fora. Não está limpa. Pode me transmitir alguma coisa. – Rose deixou o corpo cair nas almofadas. – Estou completamente tonta e a culpa é sua.

– A culpa não é minha – retrucou Eliza, sem sinal de arrependimento. – Eu também estou tonta. É porque este quarto está quente como uma fornalha.

Ela também estava tonta? Rose ficou sem fala. Tonteira era uma arma só dela. E o que a prima estava fazendo agora? Estava em pé de novo, indo na direção da janela do quarto. Rose ficou observando com os olhos arregalados de medo. Com certeza, ela não pretendia...

– Vou abrir isto aqui. – Eliza soltou o primeiro ferrolho. – E aí nós vamos nos sentir bem.

– Não! – Rose sentiu o terror crescer dentro dela. – Não!

– Você vai se sentir muito melhor.

– Mas é inverno. Está escuro e nublado lá fora. Eu posso pegar um resfriado! Eliza deu de ombros.

– Você pode não pegar.

Rose ficou tão chocada com a ousadia da menina que a indignação superou o medo e ela adotou o tom de voz da mãe:

– Eu exijo que você pare!

Eliza franziu o nariz, parecendo estar digerindo a ordem. Enquanto Rose prendia a respiração, Eliza largou o ferrolho da janela. Tornou a dar de ombros, mas o gesto pareceu menos impertinente desta vez. Enquanto ela voltava para o centro do quarto, Rose ficou satisfeita em perceber certo desânimo na postura de Eliza. Finalmente a menina parou no meio do tapete e apontou para o cilindro no colo de Rose.

– Você pode me mostrar como isso funciona? O telescópio? Eu não consegui enxergar nada através dele.

Rose suspirou, cansada, aliviada e cada vez mais confusa com aquela estranha criatura. Onde já se viu mencionar aquele brinquedo bobo, assim, sem mais nem menos? Mas a prima tinha sido obediente e, sem dúvida, merecia um pequeno incentivo.

– Em primeiro lugar, não se trata de um telescópio. Isto é um *caleidoscópio*. Você não enxerga através dele. Você olha para dentro e o desenho muda.

Ela ergueu o brinquedo e executou a ação antes de colocá-lo no chão e empurrá-lo para junto da prima.

Eliza pegou o brinquedo e encostou uma extremidade no olho, girando a outra. À medida que os pedacinhos de vidro colorido se moviam, ela foi abrindo um sorriso que terminou em risadas alegres.

Rose piscou, surpresa. Não estava acostumada a ouvir risadas, só dos empregados, ocasionalmente, quando pensavam que ela não estava por perto. O som era bonito. Um som alegre, ligeiro, feminino, que não combinava com a aparência da prima.

– Por que você usa essas roupas? – perguntou Rose.

Eliza continuou a olhar no caleidoscópio.

– Porque elas são minhas – respondeu finalmente. – Me pertencem.

– Parecem pertencer a um menino.

– Já pertenceram um dia. Agora são minhas.

Isto foi uma surpresa. As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas.

– Que menino?

Ela não respondeu, continuou girando o caleidoscópio.

– Eu perguntei: “Que menino?” – O tom um pouco mais alto dessa vez.

Vagarosamente Eliza baixou o brinquedo.

– É falta de educação ignorar as pessoas, sabe?

– Não estou ignorando você – protestou Eliza.

– Então por que não responde?

Ela tornou a dar de ombros.

– É grosseria dar de ombros desse jeito. Quando alguém faz uma pergunta, você deve responder. Agora me diga: por que você estava me ignorando?

Eliza olhou para Rose, que percebeu uma mudança no rosto da prima. Os olhos dela pareciam brilhar com uma nova luz.

– Eu não falei nada porque não queria que *ela* soubesse onde eu estava.

– Ela quem?

Cautelosa e vagorosamente, Eliza chegou um pouco mais perto.

– A outra prima.

– Que outra prima? – A garota não dizia coisa com coisa. Rose estava começando a achar que ela era imbecil.

– Não sei do que você está falando. Não tem nenhuma outra prima.

– Ela é um segredo. Eles a mantêm trancada lá em cima.

– Você está inventando isso. Por que alguém a manteria em segredo?

– Eles me mantiveram em segredo, não foi?

– Mas não a deixaram trancada lá em cima.

– Isso porque eu não era perigosa.

Eliza foi na ponta dos pés até a porta do quarto, abriu-a só um pouquinho e espiou para fora. Soltoou uma exclamação de susto.

– O que foi? – perguntou Rose.

– Shhh! – Eliza pôs um dedo nos lábios. – Não podemos deixar que ela saiba que estamos aqui.

– Por quê? – perguntou Rose, de olhos arregalados.

Eliza voltou na ponta dos pés para perto da cadeira de Rose. A luz que tremulava na lareira lançou um brilho fantasmagórico em seu rosto.

– Nossa outra prima – disse ela – é louca.

– Louca?

– Completamente. – Eliza baixou a voz e Rose teve que chegar perto para ouvir. – Está trancada no sótão desde pequena, mas alguém a deixou sair.

– Quem?

– Um dos fantasmas. O fantasma de uma velha, uma velha muito gorda.

– Vovó – murmurou Rose.

– Shhh! – disse Eliza. – Ouça! Passos!

Rose sentiu seu coração saltar no peito.

Eliza pulou no braço da poltrona de Rose.

– Ela está vindo para cá!

A porta se abriu e Rose gritou. Eliza riu e mamãe levou um susto.

– O que você está fazendo aí, menina má? – disse furiosa, olhando de Eliza para Rose. – Jovens damas não sobem nos móveis. Eu disse para você não se mexer. – Ela estava ofegante. – Você se machucou, minha Rose?

Rose balançou a cabeça.

– Não, mamãe.

Por um instante, sua mãe pareceu perdida; Rose chegou a temer que ela fosse chorar. Então agarrou Eliza pelo braço e a arrastou para fora do quarto.

– Garota má! Vai ficar sem jantar esta noite! – Sua voz tinha um tom de aço. – E vai ficar sem jantar amanhã também. Vai ficar sem jantar até aprender a obedecer. Eu sou a dona desta casa e você vai me obedecer...

A porta se fechou e Rose ficou sozinha de novo. Refletia sobre o que tinha acontecido. O medo que sentiu ao ouvir a história de Eliza, um medo curiosamente agradável que percorreria seu corpo, a ideia terrível e maravilhosa da outra prima louca. Porém, o que mais intrigou Rose foi a brecha na compostura da mãe. Pois, naquele momento, as fronteiras inflexíveis do mundo de Rose pareceram mudar.

Nada era mais como antes. E essa percepção fez o coração de Rose bater com força, com uma alegria inesperada, inexplicável.

Hotel Blackhurst, 2005

As cores eram diferentes aqui. Cassandra nunca tinha percebido quanto era forte a luz na Austrália até ver a luminosidade suave da Cornualha. Imaginou como a reproduziria em aquarelas, surpreendendo-se por ter pensado nisso. Deu uma mordida na torrada amanteigada e mastigou-a pensativamente, contemplando a fileira de árvores que ficava na beirada do penhasco. Fechou um dos olhos e levantou o dedo indicador para acompanhar o traçado das copas.

Uma sombra surgiu sobre a mesa e uma voz soou atrás dela:

– Cassandra? Cassandra Ryan? – Uma mulher de uns 60 anos estava parada perto da mesa, com os cabelos louro-prateados bem arrumados, maquiagem pesada nos olhos. – Sou Julia Bennett, a proprietária do Hotel Blackhurst.

Cassandra limpou um dedo sujo de manteiga no guardanapo e trocou um aperto de mãos com ela.

– Prazer em conhecê-la.

Julia apontou para a cadeira vazia.

– Posso...?

– É claro, por favor.

Julia sentou-se e Cassandra esperou, sem saber o que dizer, imaginando se isto fazia parte do serviço personalizado anunciado no panfleto do hotel.

– Espero que esteja gostando da sua estada conosco.

– É um belo lugar.

Julia olhou para ela e sorriu, exibindo covinhas.

– Sabe, você se parece com sua avó. Aposto que ouve isso o tempo todo.

Por trás de seu sorriso educado, Cassandra estava louca para fazer um monte de perguntas. Como esta estranha sabia quem ela era? Como conheceu Nell?

Como foi capaz de relacionar as duas?

Julia riu e se inclinou para a frente, conspiratoriamente.

– Um passarinho me contou que a moça australiana que tinha herdado o chalé estava na cidade. Tregenna é um lugar pequeno, você espirra no penhasco de Sharpstone e as pessoas ficam sabendo na enseada.

Cassandra compreendeu quem era o passarinho mencionado.

– Robyn Jameson.

– Ela esteve aqui ontem, tentando me fisgar para o comitê do festival – disse Julia. – Não pôde deixar de contar as novidades. Eu somei dois mais dois e relatei você à dama que veio me visitar trinta anos atrás, que salvou minha pele ao tirar o chalé das minhas mãos. Sempre imaginei quando sua avó iria voltar, fiquei alguns anos de olho nela. Eu gostava dela. Era uma pessoa direta, não era?

A descrição era tão certa que Cassandra não pôde deixar de imaginar o que Nell tinha dito ou feito para merecê-la.

– Sabe, na primeira vez em que a vi, Nell estava pendurada em um arbusto perto do portão.

– É mesmo? – Cassandra arregalou os olhos.

– Tinha escalado o muro e estava com dificuldade de descer do outro lado. Por sorte, eu havia acabado de ter uma discussão com o meu marido Richard, a centésima do dia, e estava andando pelo jardim para me acalmar. Nem gosto de pensar no tempo que ela teria ficado pendurada ali se eu não tivesse aparecido.

– Ela estava tentando ver a casa?

Julia assentiu.

– Ela disse que era uma negociante de antiguidades interessada no período vitoriano e perguntou se podia dar uma espiada na casa.

Cassandra sentiu uma onda de afeição por Nell ao imaginá-la escalando muros e dizendo meias verdades, recusando-se a receber um não como resposta.

– Eu falei que ela era bem-vinda, depois que descesse da árvore! – Julia riu. – A casa estava muito deteriorada, fazia décadas que se achava abandonada, e Rick e eu tínhamos derrubado tanta coisa que parecia bem pior do que antes, mas ela não pareceu se importar. Percorreu o seu interior, parando em todos os cômodos. Era como se ela estivesse tentando guardá-los na memória.

Ou recuperar a memória deles, pensou Cassandra, imaginando até onde Nell contara a Julia o motivo do seu interesse.

– Você mostrou o chalé para ela também?

– Não, mas tenho certeza de que o mencionei. Então cruzei os dedos e tudo o mais que podia cruzar. – Ela riu. – Estávamos desesperados para encontrar um comprador! Estávamos quase falindo. O chalé já tinha sido posto à venda havia algum tempo. Quase o vendemos duas vezes para londrinos em busca de uma casa de férias, mas acabou não dando certo. Um azar danado. Baixamos o preço, mas ninguém daqui o aceitaria nem de graça. Uma vista espetacular, e ninguém interessado por causa de uns boatos idiotas.

– Robyn me contou.

– Pelo que sei, tem alguma coisa errada com sua casa na Cornualha, se é que ela não é mal-assombrada – disse Julia, brincando. – Nós temos nosso próprio fantasma no hotel. Mas você já sabe disso, ouvi dizer que você o viu na noite passada.

O espanto de Cassandra deve ter aparecido em seu rosto, porque Julia continuou:

– Samantha, a recepcionista, me contou que você ouviu alguém enfiar uma chave na sua porta.

– Ah – disse Cassandra –, sim. Pensei que era outro hóspede, mas deve ter sido o vento. Eu não tive a intenção de causar...

– Foi ela mesma, nossa fantasma. – Julia riu ao ver a expressão de perplexidade de Cassandra. – Ora, não se assuste, ela não vai lhe fazer nenhum mal. Não é um fantasma desagradável. Eu não manteria aqui um fantasma desagradável.

Cassandra teve a impressão de que Julia estava zombando dela. Mas tinha ouvido mais conversas de fantasmas na Cornualha do que quando tinha ido à sua primeira festa de pijama, aos 12 anos.

– Acho que toda casa velha deve ter um fantasma – disse ela.

– Exatamente – concordou Julia. – As pessoas esperam isso. Eu teria inventado um se ele já não existisse aqui. Um hotel histórico como este... Ora, um fantasma é tão importante para os hóspedes quanto toalhas limpas. – Ela se aproximou. – O nosso tem até nome. Rose Mountrachet: ela e sua família moravam aqui, no início do século XX. Bem antes disso, se você considerar que

os Mountrachets se estabeleceram cem anos antes. O retrato dela está pendurado ao lado da estante do salão, uma jovem de pele clara e cabelo escuro. Você já o viu?

Cassandra fez que não com a cabeça.

– Ah, você precisa vê-lo – disse Julia. – Foi pintado por John Singer Sargent, poucos anos depois de ele ter pintado as irmãs Wyndham.

– É mesmo? – Cassandra ficou arrepiada. – Um legítimo John Singer Sargent?

Julia riu.

– Incrível, não é mesmo? Mais um dos segredos da casa. Eu só percebi o valor dele há poucos anos. Um cara da Christie's esteve aqui para ver outro quadro e o descobriu. O quadro é meu trunfo, mas não teria coragem de me desfazer dele. Nossa Rose era tão linda e teve uma vida tão trágica! Uma criança frágil que recuperou a saúde, mas acabou morrendo aos 24 anos em um trágico acidente. – Ela suspirou romanticamente. – Já terminou o café? Venha comigo que eu lhe mostro a pintura.



Rose Mountrachet aos 18 anos era mesmo bonita: pele branca, cabelos escuros penteados para trás em uma trança frouxa e os seios fartos, tão na moda naquela época. Sargent era famoso por sua habilidade em perceber e capturar a personalidade dos seus modelos, e o olhar de Rose era emotivo. Lábios vermelhos em repouso, mas olhos que permaneciam vigilantes, fixos no artista. Uma expressão séria que combinava com o que Cassandra imaginava de uma menina que passara a infância inteira aprisionada pela saúde frágil.

Ela se aproximou. A composição do quadro era interessante. Rose estava sentada em um sofá, com um livro no colo. O sofá formava um ângulo com a moldura, de modo que Rose estava em primeiro plano, à direita, e, atrás dela, havia uma parede forrada de verde, sem mais detalhes. A maneira como a parede foi pintada dava a impressão de que era clara e aveludada, mais impressionista do que o realismo pelo qual Sargent ficou conhecido. O pintor usou essa técnica

algumas vezes, mas este quadro parecia mais leve do que seus outros trabalhos, menos detalhista.

– Ela era uma beleza, não era? – disse Julia, se aproximando, toda prosa.

Cassandra assentiu distraidamente. A data no quadro era 1907, pouco antes de ele parar de pintar retratos. Talvez já estivesse ficando cansado de retratar a aristocracia da época.

– Estou vendo que ela já enfeitiçou você. Agora você sabe por que eu quis tê-la como nosso fantasma. – Ela riu, depois notou que Cassandra não estava achando graça. – Você está bem? Parece um tanto abalada. Quer um copo d’água?

Cassandra balançou a cabeça.

– Não, não, eu estou bem, obrigada. É só o quadro... – Ela cerrou os lábios e disse: – Rose Mountrachet era minha bisavó.

Julia franziu a testa.

– Só descobri isso recentemente. – Cassandra sorriu para Julia, sem jeito. Apesar de estar falando a verdade, Cassandra se sentia como uma atriz de novela, de segunda classe. – Sinto muito. Esta é a primeira vez que eu vejo um retrato dela. É tudo muito recente.

– Puxa, sinto que seja eu a lhe dizer isto, mas você deve estar enganada. Rose não pode ser sua bisavó. Ela não pode ser bisavó de ninguém. Sua filha única morreu quando era praticamente um bebê.

– De escarlatina.

– Pobrezinha, tinha apenas 4 anos. – Ela olhou para Cassandra. – Se você sabe sobre a escarlatina, deve saber que a filha de Rose morreu.

– Eu sei que as pessoas pensam isso, mas também sei o que aconteceu de verdade. E não foi isso.

– Eu vi a lápide no cemitério – disse Julia. – Alguns versos de um poema, tão tristes. Posso lhe mostrar, se quiser.

Cassandra sentiu o rosto ardendo, como ocorria sempre que surgia algum desentendimento.

– Pode haver uma lápide, mas não tem nenhuma menina enterrada ali. Não Ivory Walker, pelo menos.

A expressão de Julia vacilou entre interesse e preocupação.

– Continue.

– Quando minha avó tinha 21 anos, ela descobriu que os pais dela não eram seus pais verdadeiros.

– Ela foi adotada?

– Mais ou menos. Foi encontrada no cais, na Austrália, aos 4 anos, apenas com uma mala. Só quando tinha 65 anos, o pai dela finalmente lhe entregou a mala e ela pôde começar a buscar informações sobre seu passado. Veio para a Inglaterra, fez pesquisas, falou com pessoas e registrou tudo em um diário.

Julia sorriu.

– E esse diário está com você.

– Exatamente. Foi como eu soube que ela descobriu que a filha de Rose não tinha morrido, mas que havia sido raptada.

Os olhos azuis de Julia examinaram o rosto de Cassandra. Seu rosto ficou corado.

– Se foi isso que aconteceu, por que não houve uma busca? Uma notícia dessas não sairia nos jornais, como quando raptaram o garoto Lindbergh?

– Não se a família manteve segredo.

– Por que fariam isso? Eles iam querer que todo mundo soubesse.

Cassandra balançava a cabeça.

– Não se quisessem evitar um escândalo. A mulher que pegou a criança era sobrinha de lorde e lady Mountrachet, prima de Rose.

Julia tomou um susto.

– *Eliza* raptou a filha de Rose?

Foi a vez de Cassandra ficar surpresa.

– Você sabe algo sobre *Eliza*?

– É claro, ela é muito famosa por aqui. – Julia engoliu em seco. – Deixe-me entender isso direito. Você acha que *Eliza* levou a filha de Rose para a Austrália?

– Ela a colocou em um navio para a Austrália, mas não embarcou nele. *Eliza* desapareceu em algum lugar entre Londres e Maryborough. Quando meu bisavô encontrou *Nell*, ela estava sozinha no cais. Foi por isso que ele a levou para casa, não podia deixar uma criança daquela idade ali.

Julia estava impressionada com aquilo tudo.

– Pensar em uma garotinha abandonada desse jeito... Sua pobre avó, que coisa horrível não saber a própria origem. Isso, com certeza, explica a ansiedade dela em visitar esta casa.

– Foi por isso que Nell comprou o chalé – disse Cassandra. – Quando descobriu quem ela era, quis possuir um pedaço de seu passado.

– É claro. – Julia ergueu as mãos e tornou a baixá-las. – Essa parte faz muito sentido, só não sei quanto ao resto.

– Como assim?

– Bem, mesmo se o que você está dizendo for verdade, se a filha de Rose sobreviveu, foi raptada e acabou indo parar na Austrália, não posso acreditar que Eliza tenha tido alguma coisa a ver com isso. Rose e Eliza eram muito próximas. Viviam mais como irmãs que como primas, eram muito amigas. – Ela fez uma pausa, pareceu refletir mais uma vez sobre o problema, depois soltou o ar, com um jeito decidido. – Não, não posso acreditar que Eliza fosse capaz de tal traição.

A fé de Julia na inocência de Eliza não parecia a de uma observadora neutra discutindo uma hipótese histórica.

– Como pode ter tanta certeza disso?

Julia indicou um par de cadeiras de vime sob a janela.

– Vamos nos sentar ali. Vou pedir a Samantha que nos traga um chá.

Cassandra consultou o relógio. A hora do seu encontro com o jardineiro se aproximava, mas estava curiosa a respeito da história de Julia, do modo como ela falava de Eliza e Rose, como se estivesse se referindo a duas amigas queridas. Sentou-se na cadeira indicada enquanto Julia fazia sinal para que Samantha trouxesse o chá.

Assim que Samantha saiu, Julia continuou:

– Quando compramos Blackhurst, a casa estava um horror. Sempre sonhamos em ter um estabelecimento como este, mas a realidade era um pesadelo. Você não faz ideia da quantidade de problemas que pode haver em uma casa deste tamanho. Levamos três anos para torná-la habitável. Trabalhamos muito, nosso casamento quase acabou no decorrer do processo. Nada pior do que infiltrações e buracos no telhado para a vida de um casal.

Cassandra sorriu.

– Posso imaginar.

– É realmente triste. A casa foi habitada e amada pela mesma família durante tanto tempo, mas, no século XX, especialmente depois da Primeira Guerra, ela ficou totalmente abandonada. Cômodos foram lacrados, lareiras desativadas,

sem falar no estrago feito pelo Exército quando esteve aqui nos anos 1940. Enterramos todo o nosso dinheiro na casa. Eu era uma escritora na época, escrevi uma série de romances nos anos 1960. Não fui nenhuma Jackie Collins, mas me dei bem. Meu marido era do setor bancário e acreditávamos que tínhamos o suficiente para reformar a casa e iniciar o negócio. – Ela riu. – Calculamos muito mal. No terceiro Natal, estávamos quase falidos, e nosso casamento, por um fio. Já tínhamos vendido parte da propriedade e, na véspera do Natal de 1974, decidimos jogar a toalha e voltar para Londres com o rabo entre as pernas.

Samantha chegou com uma bandeja cheia de coisas, colocou-a na mesa e ficou ali parada, hesitante, sem saber se servia o chá.

– Pode deixar que eu sirvo, Sam – disse Julia, rindo. – Eu não sou a rainha. Pelo menos ainda não. – Ela piscou o olho para Cassandra. – Açúcar?

– Sim, por favor.

Julia entregou uma xícara de chá a Cassandra, deu um gole no dela e depois continuou sua história:

– Estava fazendo um frio terrível naquela véspera de Natal. Uma tempestade havia chegado do mar e devastava a costa. Não havia luz, nosso peru estragava em uma geladeira quente e não sabíamos onde tínhamos guardado o pacote de velas. Estávamos procurando em um dos quartos do andar de cima, quando um relâmpago iluminou o cômodo e nós dois notamos a parede. – Ela fez uma pausa para dar mais suspense à narrativa. – Na parede, havia um buraco.

– Como um buraco de rato?

– Não, um buraco quadrado.

Cassandra franziu a testa.

– Uma pequena cavidade na pedra – disse Julia. – O tipo de coisa com que eu sonhava quando era criança sempre que meu irmão encontrava meu diário. Estava oculta atrás de uma tapeçaria que o pintor tinha retirado naquela semana. – Ela tomou um bom gole de chá antes de prosseguir: – Sei que parece bobagem, mas achar aquele esconderijo foi como achar um amuleto. Era quase como se a casa estivesse dizendo: “Tudo bem, vocês já estão martelando por aqui há muito tempo. Vocês provaram que suas intenções são verdadeiras, então podem ficar.” E, acredite, daquela noite em diante, as coisas começaram a melhorar. Começaram a dar certo. Sua avó apareceu, quis comprar o Chalé do Penhasco,

um cara chamado Bobby Blake começou a consertar o jardim e duas companhias de ônibus começaram a trazer turistas para tomar chá.

Ela sorria enquanto recordava, e Cassandra quase se arrependeu de interrompê-la.

– Mas o que foi que você encontrou? O que havia dentro do esconderijo?

Julia olhou espantada para ela.

– Era algo que pertencia a Rose?

– Sim – respondeu Julia, com um sorriso animado. – Era, sim. Era uma coleção de álbuns de recortes amarrados com uma fita. Um para cada ano, de 1900 a 1913.

– Álbuns de recortes?

– Muitas moças costumavam colecioná-los antigamente. Era um hobby aprovado e incentivado pelos mais velhos, um dos poucos! Uma forma de autoexpressão em que uma jovem podia se permitir certas liberdades sem perder a alma para o demônio. – Ela sorriu. – Ah, os álbuns de Rose não são diferentes dos que você poderia encontrar em museus ou sótãos por todo o país, estão cheios de pedaços de pano, desenhos, fotos, convites, pequenas histórias. Quando os encontrei, eu me identifiquei tanto com esta moça de quase um século atrás, com seus sonhos, suas esperanças e suas decepções, que, desde então, tenho um carinho especial por ela. Penso nela como um anjo que vela por nós.

– Os álbuns ainda estão aqui?

Ela assentiu, com um ar meio culpado.

– Eu sei que devia tê-los doado para um museu ou um desses centros históricos locais, mas sou um tanto supersticiosa e não consegui me separar deles. Coloquei-os expostos por algum tempo no salão, em uma das vitrines, mas, toda vez que olhava para eles, eu sentia vergonha, como se tivesse tornado público algo muito particular. Agora estão guardados em uma caixa no meu quarto, por falta de lugar melhor.

– Eu adoraria vê-los.

– É claro que sim, meu bem. E você os verá. – Julia sorriu radiante para Cassandra. – Estou esperando um grupo que deve chegar daqui a meia hora e Robyn tomou conta do resto da minha semana com os preparativos para o festival. Podemos marcar para a hora do jantar, sexta-feira à noite, no meu

apartamento? Rick vai estar em Londres, então vamos ter uma noite das garotas. Vamos poder nos debruçar sobre os álbuns de Rose e derramar muitas lágrimas. Que tal?

– Ótimo – respondeu Cassandra, sem muita segurança.

Era a primeira vez que a convidavam para chorar.

Mansão Blackhurst, 1907

Tomando cuidado para não alterar sua posição no sofá e despertar a ira do artista, Rose baixou os olhos para ver a página mais recente do seu álbum de recortes. Trabalhara nele a semana toda, sempre que o Sr. Sargent permitia que ela tivesse um descanso. Havia um retalho do cetim rosa-claro com que fora feito o seu vestido de aniversário, uma fita de cabelo e, embaixo, com sua letra mais caprichada, ela escrevera alguns versos de um poema de lorde Tennyson: *Mas quem a viu acenar? Ou a viu parada na janela? Ou ela é conhecida em toda parte, a Dama de Shalott?*

Como Rose se identificava com a Dama de Shalott! Condenada a passar a eternidade em seus aposentos, sempre obrigada a vivenciar o mundo como observadora. Afinal, Rose não tinha passado a maior parte da vida igualmente recolhida?

Mas não seria mais assim. Rose havia tomado uma decisão: não seria mais tolhida pelos prognósticos mórbidos do Dr. Matthews, pela preocupação doentia da mãe. Embora ainda tivesse uma saúde delicada, Rose aprendera que fragilidade provocava mais fragilidade, que nada causava mais vertigens do que dia após dia de confinamento. Ela ia abrir as janelas quando sentisse calor – talvez apanhasse um resfriado, mas talvez não adoecesse. Decidira viver com planos de se casar, de ter filhos, de envelhecer. E finalmente, no seu 18º aniversário, Rose ia contemplar Camelot. Melhor do que isso: caminharia em Camelot. Após anos de súplicas, sua mãe finalmente consentira: pela primeira vez, Rose ia acompanhar Eliza até a enseada de Blackhurst.

Desde que chegara, sete anos antes, Eliza sempre contava histórias da enseada. Quando Rose estava deitada em seu quarto escuro e quente, respirando

o ar viciado de sua última doença, a prima entrava e Rose quase podia sentir o mar em sua pele. Deitava-se ao lado dela, colocava uma concha, um molusco ou uma lasquinha de pedra em sua mão e começava a história. E, em sua imaginação, Rose enxergava o mar azul, sentia a brisa morna nos cabelos, a areia quente sob os pés.

Algumas histórias Eliza inventava, outras ela ouvia em algum lugar. Mary, a empregada, tinha irmãos que eram pescadores, e Rose tinha a forte impressão de que ela gostava de conversar quando devia estar trabalhando. Não com Rose, é claro, mas Eliza era diferente. Todas as criadas tratavam Eliza de um modo diferente. Totalmente impróprio, parecia que se consideravam amigas dela.

Ultimamente Rose havia começado a desconfiar de que Eliza vinha se aventurando do lado de fora da propriedade, que tinha até conversado com alguns aldeões, pois suas histórias adquiriram uma nova feição. Tinham muitos detalhes sobre barcos, navegação, sereias e tesouros, aventuras no mar, contadas em uma linguagem fantasiosa que Rose secretamente adorava; e a narradora tinha uma nova luz em seus olhos, como se houvesse experimentado as coisas proibidas de que falava.

Uma coisa era certa: mamãe ficaria furiosa se soubesse que Eliza tinha estado na aldeia, misturando-se à gente comum. Ficava irritada com o fato de Eliza conversar com os criados – só por isso Rose conseguia tolerar a amizade de Eliza com Mary. Se a mãe lhe perguntasse aonde tinha ido, com certeza a prima não mentiria, embora Rose não soubesse o que ela seria capaz de fazer. Apesar de tentar durante todos aqueles anos, sua mãe não conseguira encontrar um castigo que detivesse a sobrinha.

A ameaça de ser considerada sem modos não significava nada para a menina. Ser mandada para o armário debaixo da escada só lhe dava tempo para inventar novas histórias. Negar-lhe vestidos novos – o que era um verdadeiro castigo para Rose – era totalmente inócuo: Eliza ficava mais do que satisfeita em usar os vestidos velhos da prima. Quanto aos castigos, ela era como a heroína de suas próprias histórias, protegida por um encantamento.

Ver as tentativas malsucedidas de sua mãe para disciplinar Eliza provocava um prazer ilícito em Rose. Cada bronca era recebida com um olhar indiferente, um dar de ombros e um “Sim, tia”. Como se Eliza não tivesse mesmo imaginado que seu comportamento pudesse ser ofensivo. O dar de ombros, em especial,

deixava mamãe furiosa. Já fazia muito tempo que ela havia liberado a filha de transformar Eliza em uma dama, satisfazendo-se com o fato de Rose ter convencido Eliza a se vestir adequadamente. (Rose aceitara o elogio de sua mãe e ocultara que na verdade Eliza só tinha largado as calças quando elas não lhe couberam mais.) Algo se quebrara dentro de Eliza, dizia a mãe, como um pedaço de espelho em um telescópio que o impedia de funcionar direito. Algo que a impedia de sentir vergonha.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Rose, Eliza se mexeu ao lado da prima no sofá. Fazia quase uma hora que elas estavam ali sentadas, imóveis, e o desconforto de Eliza era evidente. Diversas vezes o Sr. Sargent fora obrigado a lhe pedir que parasse de franzir a testa, que ficasse parada, enquanto ele retocava a pintura. Rose o ouvira dizer à sua mãe na véspera que ele já teria terminado, não fosse a recusa da moça de cabelos ruivos a posar pelo tempo necessário para ele capturar sua expressão.

A mãe estremeceu de raiva quando ele dissera isso. Teria preferido que Rose posasse sozinha, mas a filha tinha teimado. Eliza era sua prima, sua única amiga, é claro que deveria estar no retrato. E então Rose tossira um pouco, olhando para sua mãe, e o assunto fora encerrado.

E, embora o lado frio de Rose se deliciasasse com o aborrecimento dela, sua insistência na inclusão de Eliza fora sincera. Rose nunca tivera uma amiga antes. Nunca havia tido esta oportunidade, e, mesmo que houvesse, de que serviria uma menina fadada à morte para suas amigas? Como a maioria das crianças acostumadas, pelas circunstâncias, com o sofrimento, Rose achava que não tinha nada em comum com as outras garotas da sua idade. Não se interessava por rolar arcos ou brincar de bonecas, e se entediava facilmente com conversas cansativas sobre preferências de cor, número ou canção.

Eliza não era como elas. Rose percebeu isso no dia em que se conheceram. A prima tinha um modo de ver o mundo que era, quase sempre, surpreendente, de fazer coisas inteiramente inesperadas, coisas que sua mãe não tolerava.

Mas o que Eliza tinha de melhor, melhor ainda do que sua capacidade de irritar sua mãe, era sua habilidade de contar histórias. Sabia tantas histórias maravilhosas que Rose nunca ouvira, histórias assustadoras que deixavam sua pele arrepiada e seus pés suados. Sobre a outra prima, sobre o rio de Londres ou sobre um homem mau com uma faca enorme. E, é claro, sua história sobre o

navio negro que assombrava a enseada de Blackhurst. Embora soubesse que isso era outra das invenções de Eliza, Rose adorava ouvir a história. O navio fantasma que surgia no horizonte, o navio que Eliza dizia ter visto e que passara muitos dias de verão na enseada torcendo para ver de novo.

Uma coisa que Rose nunca conseguiu convencer a prima a fazer foi contar histórias sobre o irmão dela, Sammy. Ela deixara escapar o nome dele uma única vez, mas se calara imediatamente quando Rose começou a fazer perguntas. Foi mamãe quem contou a Rose que Eliza tivera um irmão gêmeo, um menino que morrera em circunstâncias trágicas.

Ao longo dos anos, quando ficava deitada sozinha na cama, Rose gostava de imaginar a morte dele, daquele garotinho cuja perda fizera o impossível: tinha deixado sem palavras a contadora de histórias Eliza. “A morte de Sammy” substituíra “A fuga de Georgiana” nas fantasias de Rose. Ela o imaginara se afogando, caindo, definhando, o pobre menino que Eliza tanto amara antes dela.

– Fique parada – disse o Sr. Sargent, apontando o pincel na direção de Eliza.
– Pare de se mexer. Você é pior do que o cão de lady Asquith.

Rose piscou, tomando cuidado para não deixar sua expressão mudar, quando percebeu que o pai tinha entrado na sala. Ele estava parado atrás do cavalete do Sr. Sargent, observando atentamente o trabalho do artista. Franzindo a testa e inclinando a cabeça, para acompanhar com mais precisão o movimento do pincel. Rose ficou surpresa, nunca imaginara que o pai tivesse interesse pelas belas-artes. Achava que o pai só gostava de fotografia, mas até isso ele conseguia transformar em algo sem graça. Nunca fotografava gente, apenas insetos, plantas e tijolos. Entretanto, ali estava ele, hipnotizado pelo retrato da filha. Rose ergueu mais o corpo.

Apenas duas vezes na sua infância ela tivera oportunidade de observar o pai de perto. A primeira foi quando ela engoliu o dedal e o pai foi chamado para tirar a fotografia para o Dr. Matthews. A segunda não tinha sido tão agradável.

Ela estava escondida. O Dr. Matthews era aguardado e Rose, com 9 anos na época, tinha metido na cabeça que não estava com vontade de vê-lo. Fora para o único lugar onde sua mãe não iria procurá-la: a câmara escura do pai.

Havia um buraco debaixo da grande escrivaninha e Rose tinha levado um travesseiro para ficar mais confortável no esconderijo. E ficou mesmo: exceto

pelo cheiro horrível do quarto, parecido com os produtos de limpeza que as criadas usavam na faxina da primavera.

Estava lá havia quinze minutos quando abriram a porta. Um pequeno feixe de luz passou por um buraquinho no centro de um nó de madeira na parte posterior da escrivaninha. Rose prendeu a respiração e encostou o olho no buraco, com medo de ver a mãe e o Dr. Matthews à sua procura.

Mas quem se aproximava não era mamãe nem o médico, era papai, usando sua longa capa preta de viagem.

Rose sentiu a garganta se apertar. Mesmo sem ter sido oficialmente alertada, sabia que a câmara escura de papai era território proibido.

Ele ficou ali parado por um momento, sua silhueta escura contra a luz do lado de fora. Entrou, tirando o casaco e atirando-o sobre uma cadeira. Thomas apareceu, com o rosto pálido de aflição.

– Perdão, senhor, só o esperávamos...

– Meus planos mudaram.

– A cozinheira está preparando o almoço, senhor – disse Thomas, acendendo o lampião da parede. – Vou preparar a mesa para dois e dizer a lady Mountrachet que o senhor voltou.

– Não.

Ao ver o modo brusco como o pai dera a ordem, Rose prendeu a respiração.

Thomas se virou depressa para papai e o fósforo que segurava com as mãos enluvadas se apagou, em função do súbito deslocamento de ar.

– Não – repetiu o pai. – A viagem foi longa, Thomas. Preciso descansar.

– Uma bandeja, senhor?

– E uma garrafa de xerez.

Thomas assentiu e saiu. Seus passos desapareceram pelo corredor.

Rose ouviu um barulho. Encostou o ouvido na escrivaninha, imaginando se havia algo na gaveta, algum pertence misterioso de papai, pulsando lá dentro. Então percebeu que era o seu próprio coração, acelerado, tentando fugir de seu peito.

Mas não havia como escapar enquanto papai estivesse sentado na poltrona, bloqueando a porta.

Então Rose continuou ali, com os joelhos encolhidos contra o peito, para abafar as batidas do coração que ameaçavam delatá-la.

Foi a única vez que ficou a sós com o pai. Notou como a presença dele transformava o quarto, antes um espaço benigno, em um lugar carregado de emoções e sentimentos que Rose não compreendia.

Passos no tapete, seguidos de uma voz masculina, arrepiaram os cabelos e os pelos de Rose.

– Onde você está? – perguntou o pai baixinho e repetiu com os dentes trincados. – Onde você está?

Rose prendeu a respiração. Estaria ele se referindo a ela? Seu pai adivinhara que estava escondida onde não devia?

O pai suspirou. De tristeza? Amor? Cansaço? E então disse *poupée* tão suavemente, tão baixo, uma voz alquebrada. Rose estava aprendendo francês com a Srta. Tranton e sabia o que significava *poupée*, boneca.

– *Poupée* – repetiu seu pai. – Onde você está, minha Georgiana?

Rose soltou o ar. Sentia-se aliviada por ele não ter percebido sua presença e ofendida por ele não ter dito seu nome com tanto carinho.

E, com o rosto encostado na escrivaninha, Rose prometeu a si mesma que um dia alguém ia chamar por ela daquele jeito...

– Abaixo a mão! – O Sr. Sargent estava irritado. – Se você continuar a se mexer, vou pintá-la com três mãos e você será lembrada assim por toda a posteridade.

Eliza suspirou, pondo as mãos para trás.

Os olhos de Rose estavam embaçados de ficar na mesma posição, e ela piscou algumas vezes. Seu pai já tinha saído da sala, mas sua presença ainda se fazia sentir, a mesma sensação de infelicidade que sempre carregava.

Rose tornou a olhar para seu álbum de recortes. O tecido tinha um tom tão bonito de rosa que ela sabia que combinaria bem com seu cabelo escuro.

Durante todos os anos em que esteve doente, a única coisa que Rose desejava era crescer. Queria ultrapassar as fronteiras da infância e viver, como Milly Theale expressou tão bem no livro favorito de Rose, mesmo que de forma breve e interrompida. Sonhava em se apaixonar, se casar, ter filhos. Planejava deixar Blackhurst e começar uma vida só dela. Longe desta casa, longe deste sofá onde sua mãe insistia que ela repousasse mesmo quando estava se sentindo bem. “O sofá de Rose”, era como mamãe se referia a ele. “Ponham uma manta nova sobre

o sofá de Rose. Algo que disfarce a palidez do rosto dela, que faça o cabelo dela parecer mais brilhante.”

E o dia da sua fuga estava se aproximando, Rose sabia disso. Finalmente a mãe admitira que Rose tinha condições de encontrar um noivo. Nos últimos meses, organizara almoços com uma procissão de jovens (e não tão jovens!) solteiros. Eram todos tolos – Eliza havia divertido Rose depois de cada visita com suas imitações daqueles rapazes –, mas fora uma boa experiência já que o cavalheiro perfeito estava em algum lugar, esperando por ela. Ele não seria nada parecido com seu pai, seria um artista, com a sensibilidade e a percepção de um artista, que não ligava para insetos e tijolos. Seria uma pessoa aberta e fácil de entender, cujas paixões e sonhos iluminariam seus olhos. E ele iria amá-la, e só a ela.

Ao lado dela, Eliza bufou, impaciente.

– Francamente, Sr. Sargent – disse ela. – Eu pintaria a mim mesma mais depressa.

Seu marido seria igual a Eliza, pensou Rose, com um sorriso no rosto plácido. O cavalheiro que estava procurando seria a encarnação masculina de sua prima.



Finalmente, o carrasco as libertou. Tennyson tinha razão, ficar mofando por falta de uso era muito chato. Eliza tirou depressa o vestido ridículo que tia Adeline insistira que ela usasse para o retrato. Era um vestido antigo de Rose – a renda pinicava, o cetim grudava –, de um tom de vermelho que a fazia se sentir um morango. Que perda de tempo, a manhã inteira diante de um velho ranzinza que tentava capturar as imagens delas para que pudessem ser penduradas, solitárias e imóveis, em alguma parede fria.

Eliza ficou de quatro e espiou debaixo da cama. Levantou a ponta do taco que tinha soltado muito tempo antes. Enfiou a mão lá dentro e tirou a história “A criança trocada”. Passou a mão pela capa preta e branca, sentiu as marcas de sua caligrafia sob os dedos.

Foi Davies quem sugeriu que ela pusesse suas histórias no papel. Ela o ajudava a plantar novas roseiras quando um pássaro cinza e branco, com um rabo listrado, voou para um arbusto próximo.

– Cuco – comentou Davies. – Ele passa os invernos na África e volta para cá na primavera.

– Eu queria ser um pássaro – falou Eliza. – Eu simplesmente iria até o alto do penhasco e sairia voando, até a África ou a Índia. Ou mesmo até a Austrália.

– Austrália?

Aquele era o lugar que atraía sua imaginação nos últimos tempos. O irmão mais velho de Mary, Patrick, emigrara recentemente, com sua família, para um lugar chamado Maryborough, onde sua tia Eleanor se estabelecera alguns anos antes. Apesar desta ligação familiar, Mary gostava de pensar que o nome também influíra na escolha dele e se dispunha a contar detalhes a respeito daquela terra exótica, que ficava do outro lado do mundo, flutuando em um oceano longínquo. Eliza encontrara a Austrália no mapa da sala de estudos, um continente estranho, enorme, no oceano Antártico, com duas orelhas, uma pontuda e outra partida.

– Eu conheço um homem que foi para a Austrália – disse Davies, fazendo uma pausa no trabalho. – Ele comprou uma fazenda de uns 400 hectares e não conseguiu cultivar nada.

Eliza se agitou, animada. Esses extremos combinavam com a impressão que ela tinha do lugar.

– Existe um coelho gigantesco por lá, pelo que Mary me contou. Eles o chamam de canguru. Os pés dele são do tamanho das pernas de um homem!

– Não sei o que a senhorita faria num lugar desses, Srta. Eliza. Nem na África nem na Índia.

Eliza sabia exatamente o que faria.

– Vou colecionar histórias. Histórias antigas que ninguém daqui jamais ouviu. Vou ser como os Irmãos Grimm, aqueles de quem eu estava falando para você.

Davies franziu a testa.

– Realmente não entendo por que você quer ser igual a esses dois alemães. Devia escrever suas próprias histórias, não histórias de outras pessoas.

Então ela fizera isso. Começara a escrever uma história para Rose, um presente de aniversário, um conto de fadas sobre uma princesa que fora transformada em pássaro. Aquela foi a primeira história que ela pôs no papel, e ver suas ideias e pensamentos se tornarem algo concreto lhe propiciou uma estranha sensação. Sua pele ficou mais sensível, estranhamente exposta e vulnerável. A brisa ficou mais fria, o sol, mais quente. Ela não sabia se gostava disso ou se detestava.

Rose, no entanto, sempre amara as histórias de Eliza, que, por sua vez, não tinha presente melhor para dar a ela; foi a escolha perfeita. Depois que Eliza foi tirada de sua vida solitária em Londres e levada para a imponente e misteriosa Blackhurst, Rose se tornou sua alma gêmea. Ria e sonhava junto com Eliza e, aos poucos, preencheu o vazio deixado por Sammy, aquele buraco negro que havia nos gêmeos que ficavam sem seus pares. Em troca, Eliza faria ou escreveria qualquer coisa para Rose.



A criança trocada

ELIZA MAKEPEACE

Antigamente, quando existia a magia, havia uma rainha que desejava muito ter um filho. Ela era uma rainha triste, pois o rei vivia viajando, deixando-a sem outra coisa a fazer além de lidar com sua solidão e imaginar como o marido, a quem ela tanto amava, conseguia suportar passar tanto tempo afastado dela.

Acontece que, muitos anos antes, o rei tinha roubado o trono de sua herdeira legítima, a Rainha das Fadas, e a terra linda e pacífica das fadas se tornara um lugar desolado em que a magia não florescia mais e de onde o riso fora banido. O rei era tão cruel que ordenou que prendessem a Rainha das Fadas e a trouxessem de volta para o reino. Uma gaiola de ouro foi preparada especialmente para aprisionar a Rainha das Fadas e obrigá-la a fazer mágicas para diverti-lo.

Em um dia de inverno, enquanto o rei estava viajando, a rainha sentou-se em frente à janela aberta, contemplando a terra coberta de neve. Ela estava chorando, pois a desolação dos meses de inverno fazia com que se lembrasse da própria solidão. Enquanto observava a paisagem deserta, pensou em seu útero vazio, como sempre, apesar do seu desejo de ser mãe.

– Ah, como eu quero ter um filho! – exclamou ela. – Uma bela filha, com o coração puro e olhos que jamais se encherão de

lágrimas. Assim, eu nunca mais ficarei sozinha.

O inverno passou e o mundo começou a despertar. Os pássaros voltaram ao reino e começaram a fazer seus ninhos, as gazelas podiam ser vistas pastando na floresta, e brotos nasceram nos galhos das árvores. Enquanto as cotovias voavam pelo jardim, a saia da rainha começou a ficar apertada na cintura e ela compreendeu que estava grávida. O rei não tinha retornado ao castelo, então a rainha percebeu que uma fada travessa, longe de casa e escondida no jardim, devia tê-la ouvido chorar e concedido seu desejo.

A barriga da rainha foi crescendo e o inverno tornou a chegar. Na véspera do Natal, quando uma nevasca caía sobre a terra, a rainha começou a sentir dores. Por toda a noite ela gemeu e, ao soar a última badalada da meia-noite, sua filha nasceu, e a rainha pôde, finalmente, admirar o rosto do bebê. E pensar que esta linda criança, de pele clara, cabelo escuro e lábios vermelhos como um botão de rosa era toda sua!

– Rosalinda – disse a rainha. – Vou chamá-la de Rosalinda.

A rainha se apaixonou instantaneamente e não deixava que a princesa Rosalinda saísse de perto dela. A solidão tornara a rainha amarga, a amargura a deixara egoísta, e o egoísmo a tornara desconfiada. A todo momento, a rainha achava que alguém estava à espreita para raptar sua criança. Ela é minha, pensava a rainha, minha salvação, então tenho que guardá-la só para mim.

Na manhã do batizado da princesa Rosalinda, as mulheres mais sábias da terra foram convidadas a trazer suas bênçãos. O dia todo, a rainha ouviu os votos de graça, prudência e sabedoria. Finalmente, quando a noite começou a cair, a rainha se despediu das sábias mulheres. Ela se virou apenas por um momento, mas, quando tornou a olhar para a filha, viu que uma convidada ainda se encontrava lá. Uma viajante usando uma longa capa, parada ao lado do berço, olhando para a criança.

– Já é tarde, sábia mulher – disse a rainha. – A princesa foi abençoada e agora precisa dormir.

A viajante tirou a capa e a rainha levou um susto, pois o rosto dela não era o de uma donzela sábia, mas o de uma velha com um sorriso desdentado.

– Eu trago uma mensagem da Rainha das Fadas – disse a velha.
– Esta menina é uma das nossas, portanto deve ir comigo.

– Não! – gritou a rainha, correndo para perto do berço. – Ela é *minha* filha, *minha filhinha preciosa*.

– Sua? Esta criança gloriosa? – Então ela começou a rir, um riso cruel que fez a rainha recuar, horrorizada. – Ela só foi sua enquanto nós permitimos. Lá no fundo, você sempre soube que ela nasceu da poeira das fadas e agora tem que entregá-la.

Então a rainha chorou, pois o que a velha disse era o que ela sempre temera.

– Eu não posso perdê-la – murmurou ela. – Tenha piedade, velha, e permita que eu fique com minha filha por mais tempo.

Acontece que a velha era astuta e, ao ouvir as palavras da rainha, um sorriso surgiu em seu rosto.

– Eu lhe ofereço uma escolha. Entregue a criança agora e a vida dela será longa e feliz, junto da Rainha das Fadas.

– Ou...? – perguntou a rainha.

– Ou você pode mantê-la aqui até a manhã do seu 18º aniversário, quando ela irá embora para sempre, a fim de cumprir seu destino. Pense com cuidado, pois mantê-la por mais tempo significa amá-la cada vez mais.

– Não preciso pensar. Escolho a segunda opção.

A velha sorriu, exibindo as falhas escuras de seus dentes.

– Então ela é sua, mas só até a manhã do seu 18º aniversário.

Naquele momento, a princesinha começou a chorar pela primeira vez na vida. A rainha se virou para pegar a criança e, quando voltou a olhar, a velha tinha desaparecido.

A princesa se tornou uma linda menina, cheia de luz e alegria. Enfeitiçava o oceano com seu canto e trazia sorrisos a todos os rostos. Todos, exceto o da rainha, amedrontada demais para desfrutar da presença da filha. Quando a filha cantava, a rainha não

ouvia, quando a filha dançava, a rainha não via, quando a filha a tocava, a rainha não sentia, porque estava ocupada demais calculando quanto tempo restava antes que a criança lhe fosse tomada.

Com o passar dos anos, crescia o medo do acontecimento terrível que espreitava logo adiante. Sua boca desaprendeu a sorrir, e as linhas em sua testa se acentuaram. Então, em uma noite, ela teve um sonho em que a velha apareceu.

– Sua filha tem quase 10 anos – disse a velha. – Não se esqueça de que o destino irá encontrá-la quando ela completar 18 anos.

– Eu mudei de ideia – confessou a rainha. – Não posso permitir que ela vá embora, não vou deixá-la ir.

– Você deu sua palavra – rebateu a velha –, e ela terá que ser honrada.

Na manhã seguinte, depois de se certificar de que a princesa estava bem protegida, a rainha vestiu sua roupa de montaria e mandou buscar seu cavalo. Embora a magia tivesse sido banida do castelo, havia um lugar onde feitiços e encantamentos ainda podiam ser encontrados. Em uma caverna escura na beira do mar encantado, morava uma fada que não era nem boa nem má. Fora castigada pela Rainha das Fadas por ter usado a magia sem prudência, por isso vivia escondida enquanto o resto do pessoal da magia havia fugido da região. E, embora a rainha soubesse que era perigoso buscar a ajuda da fada, aquela era sua última esperança.

A rainha cavalgou por três dias e três noites e, quando finalmente chegou à caverna, a fada estava esperando por ela.

– Entre – disse ela –, e diga-me o que deseja.

A rainha falou sobre a velha e sua promessa de voltar no dia do 18º aniversário da princesa. A fada escutou. Então, quando a rainha terminou, ela disse:

– Não posso desfazer a maldição da velha, mas posso ajudá-la.

– Eu ordeno que você o faça – retrucou a rainha.

– Devo alertá-la, minha rainha, que, quando você ouvir minha proposta, talvez não me agradeça pela ajuda.

Então a fada se aproximou e cochichou no ouvido da rainha.

A proposta foi aceita sem hesitação, pois qualquer coisa era melhor do que perder a filha para aquela velha.

– Considere feito.

Então a fada entregou à rainha uma poção e a instruiu a dar à princesa três gotas durante três noites.

– E então tudo será como eu prometi. A velha não a perturbará mais, pois a princesa terá seu verdadeiro destino.

A rainha voltou para casa, com a mente tranquila pela primeira vez desde o batizado da filha. Nas três noites seguintes, ela pingou três gotas da poção no leite da menina. Na terceira noite, quando a princesa tomou o leite, começou a sufocar e, caindo da cadeira, transformou-se em um belo pássaro, exatamente como a fada prometera. O pássaro voou pelo quarto e a rainha mandou a criada pegar a gaiola de ouro nos aposentos do rei. O pássaro foi preso lá dentro, a porta da gaiola, fechada, e a rainha deu um suspiro de alívio. O rei tinha sido esperto e sua gaiola, uma vez fechada, não podia ser aberta.

– Pronto, minha linda – disse a rainha. – Você está segura e ninguém jamais a tirará de mim.

A rainha pendurou a gaiola em um gancho, na torre mais alta do castelo.

Com a princesa dentro da gaiola, toda a luz desapareceu do reino, e os súditos da Terra Encantada ficaram presos em um inverno eterno em que as terras deixaram de ser férteis e as plantações morreram. A única coisa que aliviava o desespero do povo era o canto da princesa – triste e lindo –, que saía pela janela da torre e se espalhava pela terra infértil.

O tempo passou, como sempre passa, e príncipes encorajados pela cobiça vieram de longe para libertar a princesa. Dizia-se que, no árido reino da Terra Encantada, havia uma gaiola de ouro tão preciosa que fazia a fortuna deles parecer humilde, e, dentro dela, um pássaro preso cujo canto era tão lindo que moedas de ouro caíam do céu quando ele cantava. Mas todos os que tentavam abrir a gaiola

caíam mortos assim que nela tocavam. A rainha, que passava noite e dia sentada na sua cadeira de balanço, tomando conta da gaiola para que ninguém roubasse seu tesouro, ria ao ver os príncipes mortos, pois o medo e a desconfiança tinham finalmente conspirado para enlouquecê-la.

Alguns anos depois, o filho caçula de um lenhador veio de uma terra distante para a floresta. Enquanto estava trabalhando, o vento trouxe uma melodia tão maravilhosa que ele parou e ficou imóvel, como se tivesse sido transformado em pedra, escutando cada nota. Sem poder se controlar, largou o machado e foi em busca do pássaro que cantava de modo tão triste e maravilhoso. Ao atravessar a floresta densa, pássaros e animais selvagens apareceram para ajudá-lo, e o filho do lenhador agradeceu a cada um deles, pois era uma pessoa amável que se comunicava com todos os seres da natureza. Ele atravessou moitas de espinhos, correu pelo campo, escalou montanhas, dormia à noite em árvores ocas, só comia frutas e nozes, até, finalmente, se deparar com os muros do castelo.

– Como você chegou a esta terra distante? – perguntou o guarda.

– Eu segui o canto de seu belo pássaro.

– Se dá valor à vida, vá embora – avisou o guarda. – Tudo neste reino é amaldiçoado, e quem toca na gaiola do pobre pássaro está perdido.

– Não tenho nada a perder – respondeu o filho do lenhador. – E preciso ver por mim mesmo de onde vem este canto glorioso.

Acontece que, naquele instante, a princesa-pássaro completou seu 18º ano de vida e começou a cantar a melodia mais linda e mais triste de todas, lamentando a perda de sua juventude e de sua liberdade.

O guarda se afastou. O rapaz entrou no castelo e subiu as escadas até a torre mais alta.

Quando o filho do lenhador viu o pássaro preso, seu coração ficou triste porque ele não gostava de ver aves nem animais selvagens aprisionados. Estendeu a mão para a porta da gaiola e, ao seu toque, esta se abriu, libertando-o.

Naquele momento, o pássaro se transformou em uma bela mulher, de cabelos compridos que caíam em cascata, e com uma coroa de conchas na cabeça. Pássaros vieram de árvores distantes e, com seus bicos, fizeram chover sobre ela pedacinhos de pedras brilhantes que nela se prenderam, cobrindo-a de prateado. Animais voltaram ao reino, e grãos e flores começaram imediatamente a crescer no solo árido.

No dia seguinte, quando o sol se ergueu, brilhando, sobre o mar, ouviu-se um som trovejante e seis cavalos encantados apareceram nos portões do castelo, puxando uma carruagem dourada. A Rainha das Fadas saltou e seus súditos se inclinaram diante dela. Acompanhando-a, vinha a fada da caverna, que tinha provado ser bondosa, mostrando-se fiel à sua verdadeira rainha e garantindo que a princesa Rosalinda estivesse pronta quando seu destino chegasse.

Sob o olhar vigilante da Rainha das Fadas, a princesa Rosalinda e o filho do lenhador se casaram, e a alegria do jovem casal foi tão grande que a magia voltou ao reino e todos na Terra Encantada viveram livres e felizes para sempre.

Exceto, é claro, a rainha, que não foi encontrada em parte alguma. Em seu lugar, havia um pássaro grande e feio, com um grito tão horroroso que fazia gelar o sangue de quem o escutava. Ele foi expulso do reino e voou para uma floresta distante, onde acabou morto e comido pelo rei, que tinha enlouquecido de desespero com sua busca infrutífera pela Rainha das Fadas.



Mansão Blackhurst, 1907

Alguém bateu à porta e Eliza escondeu “A criança trocada” atrás de si. Seu rosto enrubesceu.

Mary entrou apressada, com os cachos mais despenteados do que nunca. Seu cabelo sempre dava uma boa indicação de seu estado de espírito, e Eliza não teve dúvidas de que a cozinha estava um caos com os preparativos do aniversário.

– Mary! Eu estava esperando Rose.

– Srta. Eliza. – Mary comprimiu os lábios, um gesto inusitado que fez Eliza rir. – O patrão deseja vê-la, senhorita.

– Meu tio quer me ver?

Embora sempre tivesse andado livremente pela propriedade, durante todos aqueles anos em que estava morando em Blackhurst, Eliza raramente encontrava o tio. Ele era uma figura taciturna, que passava a maior parte do tempo viajando pelo continente à procura de insetos, cujas imagens costumava roubar em sua câmara escura.

– Vamos, Srta. Eliza – disse Mary. – Apresse-se.

Eliza nunca tinha visto Mary tão séria. Ela atravessou rapidamente o corredor e desceu a estreita escada dos fundos. Eliza teve que correr para conseguir acompanhá-la. No final da escada, em vez de virar à esquerda, na direção da área principal, Mary virou à direita e percorreu um corredor silencioso, que, por ter menos lampiões do que o resto da casa, era bem escuro. Eliza também notou que não havia ali nenhum quadro; de fato, nenhuma tentativa de decoração fora feita naquelas paredes escuras.

Quando chegaram à porta do fundo, Mary parou. Prestes a abri-la, ela olhou por cima do ombro e deu um apertão na mão de Eliza, algo inteiramente inesperado.

Antes que Eliza pudesse perguntar qual era o problema, a porta foi aberta e Mary anunciou a presença da menina.

– Srta. Eliza, meu senhor.

E então ela saiu e Eliza ficou sozinha na porta do escritório, que tinha um cheiro muito estranho.

O tio estava sentado diante de uma ampla escrivaninha, no fundo da sala.

– O senhor queria falar comigo, tio?

A porta se fechou atrás dela.

Tio Linus olhou por cima dos óculos. Mais uma vez, Eliza se viu pensando como aquele velho com a pele toda manchada podia ser parente de sua linda mãe. A ponta de sua língua apareceu entre os lábios.

– Ouvi dizer que você se saiu bem nos estudos durante os anos em que morou em Blackhurst.

– Sim, senhor – confirmou Eliza.

– E, segundo meu criado, Davies, você gosta de jardins.

– Gosto, tio.

Desde o primeiro dia em Blackhurst, Eliza tinha se apaixonado pela propriedade. Conhecia as passagens sob os penhascos, a parte tratada do labirinto e os jardins tão bem quanto, antes, conhecera as ruas cobertas de cerração de Londres. E, por mais que ela explorasse, o jardim mudava a cada estação.

– Isso está no nosso sangue. Sua mãe... – A voz dele ficou embargada. – Quando sua mãe era menina, gostava muito do jardim.

Eliza tentou harmonizar essa informação com as lembranças de sua mãe. Do túnel do tempo, vieram imagens fragmentadas: a mãe no quarto sem janelas em cima da loja da Sra. Swindell; um vasinho com uma erva-de-cheiro. A planta não tinha durado muito, pouca coisa conseguia sobreviver naquelas condições precárias.

– Aproxime-se, menina – disse o tio, com um gesto. – Venha para a luz para eu poder vê-la.

Eliza foi para o outro lado da escrivaninha, parando perto dos joelhos dele. O cheiro da sala tornara-se mais intenso, como se viesse do tio.

Ele estendeu a mão, tremendo um pouco, e acariciou as pontas dos longos cabelos ruivos de Eliza. Muito de leve. Retirou a mão, como se estivesse queimada.

Ele estremeceu.

– O senhor está passando mal, tio? Quer que eu chame alguém?

– Não – respondeu ele depressa. – Não.

Ele lhe acariciou de novo o cabelo, fechou os olhos. Eliza estava tão perto que podia ver os olhos dele se movendo sob as pálpebras, podia ouvir os murmúrios em sua garganta.

– Procuramos tanto sua mãe... Tentamos tanto trazer nossa Georgiana para casa.

– Sim, senhor.

Mary tinha contado isso a Eliza. Como o tio Linus era apegado à irmã mais jovem, como ficara arrasado quando ela havia partido, suas frequentes viagens a Londres. A busca que consumira sua juventude e o pouco de alegria que tinha, a ansiedade com que ele saía de Blackhurst a cada vez, a decepção ao voltar. Como ele ficava sentado sozinho em sua câmara escura, tomando xerez, recusando qualquer companhia, mesmo a de tia Adeline, até o Sr. Mansell tornar a aparecer com uma nova pista.

– Chegamos tarde demais.

Ele lhe acariciava os cabelos com mais força agora, enrolando-os nos dedos, como uma fita. Estava puxando seus cabelos, e Eliza precisou se segurar na beirada da escrivaninha para não cair. Ficara hipnotizada por aquele rosto, parecido com o do rei do conto de fadas, abandonado pelos súditos.

– Eu cheguei tarde demais. Mas você está aqui agora. Deus me concedeu outra chance.

– O que houve, tio?

Ele baixou a mão e abriu os olhos. Apontou para um banquinho na parede oposta, coberto por um pano branco.

– Sente-se – ordenou ele.

Eliza o encarou, sem entender.

– Sente-se. – Ele foi mancando até um tripé preto próximo à parede. – Quero tirar seu retrato.

Eliza nunca tinha tirado um retrato, nem sentia interesse por isso naquele momento. Quando estava prestes a lhe dizer isso, a porta se abriu.

– O almoço de aniversário. – As palavras de tia Adeline terminaram com um som agudo. Ela pôs a mão no peito. – Eliza! – exclamou ela, em um tom de desespero. – Onde você está com a cabeça, menina? Suba imediatamente. Rose está chamando.

Eliza correu para a porta.

– E pare de incomodar seu tio – sussurrou tia Adeline, furiosa, quando Eliza passou por ela. – Não vê que ele está exausto de tanto viajar?



Chegara finalmente o dia. Adeline não sabia que forma aquilo tomaria, mas a ameaça sempre estivera ali, à espreita, e ela nunca se sentira inteiramente à vontade. Rangeu os dentes, direcionou sua raiva para a nuca. Obrigou-se a tirar aquela imagem da cabeça. A filha de Georgiana, com os cabelos soltos, parecendo um fantasma do passado, e a expressão no rosto de Linus, seu rosto velho abobalhado de desejo. E pensar que ele ia tirar uma fotografia da menina! Fazer o que nunca tinha feito com Rose. Nem com Adeline.

– Feche os olhos, lady Mountrachet – disse a criada, e Adeline obedeceu.

Sentia o hálito quente da outra mulher ao escovar seu cabelo, e ela pensou: “Ah, como seria bom ficar aqui sentada para sempre, sentindo o hálito doce e quente desta garota tola no meu rosto, sem pensar em nada.”

– Agora abra os olhos, madame, enquanto eu arrumo as pérolas.

A empregada saiu e Adeline ficou sozinha com seus pensamentos. Inclinou-se para a frente. Sua testa estava lisa, o cabelo arrumado. Beliscou as faces, talvez com mais força do que seria necessário, e examinou o conjunto. Ah, como a idade era cruel! Pequenas mudanças que passavam despercebidas, que não podiam ser impedidas. O néctar da juventude se esvaindo por uma peneira cujos furos ficavam cada vez maiores.

– E assim o amigo se transforma em inimigo – murmurou Adeline para o espelho impiedoso.

– Aqui está, madame – disse a criada. – Trouxe o conjunto de rubis. Bonito e alegre para uma ocasião tão festiva. Dezoito anos! Logo virá um casamento, escute o que estou dizendo...

Enquanto a criada tagarelava, Adeline desviou o olhar, recusando-se a contemplar a própria decadência.

O retrato estava pendurado onde sempre estivera, ao lado da penteadeira. Como ela estava elegante em seu vestido de noiva, tão correta! Ninguém adivinharia por esta fotografia o esforço que fizera para conseguir transparecer tamanha calma. Linus, por sua vez, tinha a perfeita aparência de um cavalheiro. Mal-humorado, talvez, mas este era o costume.

Eles se casaram um ano depois do desaparecimento de Georgiana. Desde o momento em que ficaram noivos, Adeline Langley trabalhara arduamente para se reinventar. Decidiu tornar-se uma mulher merecedora do nome antigo e de peso que adotara: Mountrachet. Abandonou seu sotaque e seus gostos de moça do interior, devorou os textos de *Debrett's* sobre etiqueta e se dedicou a aprender as artes da vaidade e da nobreza. Adeline sabia que precisava se esforçar muito mais do que qualquer outra para apagar da memória das pessoas suas verdadeiras origens.

– Quer usar seu chapéu verde, lady Mountrachet? – quis saber a criada. – Combina tão bem com este vestido, e a senhora vai precisar de um chapéu se for até a enseada. Vou deixá-lo em cima da cama.

A noite de núpcias não tinha sido nada do que ela havia esperado. Adeline não sabia ao certo e, evidentemente, não podia perguntar, mas desconfiava de que fora decepcionante também para Linus. Os dois dividiram o leito poucas vezes depois disso, e menos ainda após Linus começar a viajar. Ausentava-se para tirar fotografias, segundo ele, mas Adeline sabia a verdade.

Como ela se sentia inútil! Como se sentia fracassada como esposa e como mulher. Pior ainda, sentia-se fracassada como dama da sociedade. Afinal, apesar dos seus esforços, o casal raramente era convidado para alguma coisa. Linus, quando estava em Blackhurst, não lhe fazia companhia, ficava a maior parte do tempo sozinho e respondia a perguntas apenas quando necessário, e com observações agressivas. Quando Adeline ficou adoentada, pálida e cansada,

achou que era infelicidade. Só quando sua barriga começou a crescer compreendeu que estava grávida.

– Pronto, lady Mountrachet. Seu chapéu está em cima da cama, e a senhora está pronta para a festa.

– Obrigada, Poppy. – Ela conseguiu sorrir de leve. – Isso é tudo.

Quando a porta se fechou, Adeline desmanchou o sorriso e tornou a olhar para o espelho.

Rose era a legítima herdeira da glória dos Mountrachets. Esta menina, a filha de Georgiana, era pouco mais do que um passarinho, que tinha voltado para roubar o lugar da filha de Adeline, para empurrá-la para fora de um ninho que Adeline lutara para que fosse dela.

Por algum tempo, a ordem fora mantida. Adeline garantiu que Rose tivesse vestidos bonitos, um belo sofá para se sentar, enquanto Eliza se vestia com roupas da temporada anterior. Os modos de Rose, sua natureza feminina, eram perfeitos, coisa que Eliza conseguira aprender. Adeline ficou tranquila.

No entanto, à medida que as meninas cresciam, que se tornavam mulheres, as coisas iam mudando, escapando do controle de Adeline. As proezas de Eliza nos estudos eram uma coisa – ninguém gostava de uma mulher inteligente –, mas agora, com o tempo que ela passava ao ar livre, sua pele tinha adquirido um brilho saudável, seu cabelo, aquele maldito cabelo ruivo, tinha crescido, e ela estava ganhando corpo.

Certo dia, Adeline tinha ouvido uma das criadas comentar como a Srta. Eliza estava linda, mais linda até do que a mãe, Srta. Georgiana. À menção daquele nome, Adeline ficara paralisada de susto. Depois de tantos anos de silêncio, o nome agora a espreitava em cada canto. Rindo dela, fazendo-a lembrar-se de sua inferioridade, do seu fracasso em se destacar, mesmo se esforçando muito mais do que Georgiana.

Adeline sentiu uma pontada na têmpora. Ergueu a mão e pressionou-a de leve. Havia alguma coisa errada com Rose. Este local em sua têmpora era o sexto sentido de Adeline. Desde que Rose era bebê, Adeline sempre previa as doenças da filha. Era um elo que não podia ser quebrado entre elas.

E agora a região voltava a latejar. Adeline cerrou os lábios, decidida. Observou o rosto severo como se ele pertencesse a uma estranha, à senhora de uma nobre mansão, uma mulher cujo controle era inabalável. Respirou fundo,

criando forças. Rose tinha que ser protegida, a pobre Rose que não percebia como Eliza era uma ameaça.

Uma ideia começou a se formar na mente de Adeline. Ela não podia mandar Eliza embora, Linus jamais permitiria e Rose teria um desgosto enorme. Além disso, era melhor manter os inimigos por perto, mas talvez Adeline pudesse levar Rose para fora do país por algum tempo. Para Paris ou Nova York? Para lhe dar a oportunidade de brilhar sem Eliza por perto, atraindo todas as atenções, arruinando as chances da outra...

Adeline alisou a saia e se encaminhou para a porta. Uma coisa era certa, não haveria visita à enseada naquele dia. Aquela tinha sido uma promessa tola, um momento de fraqueza de Adeline. Graças a Deus, estava em tempo de corrigir o seu. A maldade de Eliza não podia manchar Rose.

Ela fechou a porta e atravessou o corredor, as saias farfalhando. Quanto a Linus, conseguiria mantê-lo ocupado. Adeline era sua esposa, era seu dever garantir que ele não tivesse oportunidade de sofrer por causa de seus impulsos. Seria despachado para Londres. Ela ia implorar às esposas dos ministros do governo para requisitar os serviços dele, ia sugerir locais exóticos para ele fotografar, ia mandá-lo embora. Suas mãos não ficariam ociosas para ser tentadas por Satã.



Linus reclinou-se no banco do jardim e enganchou a bengala no braço do banco. O sol estava se pondo, colorindo de rosa e laranja a extremidade oeste da propriedade. Tinha chovido muito o mês inteiro e o jardim resplandecia. Não que Linus ligasse para isso.

Durante séculos, os Mountrachets tinham sido grandes cultivadores. Seus antepassados viajavam muito, percorrendo o mundo em busca de espécimes exóticos para plantar em seus jardins. Linus, entretanto, não tinha herdado este traço, que perdurara em sua irmãzinha.

Bem, isso não era inteiramente verdade.

Houve um tempo em que ele se interessava pelo jardim. Quando era criança, acompanhava Davies em seu trabalho, admirando as flores exóticas, os abacaxis

na estufa, as plantas que brotavam das sementes que ele ajudara a plantar.

No jardim, acontecia também o maior dos milagres: lá, a vergonha de Linus desaparecia. As plantas, as flores, não se importavam com o fato de sua perna esquerda ser mais curta do que a direita. Tampouco ligavam para o fato de que seu pé esquerdo fosse um apêndice inútil, torto e fraco. Havia um lugar para tudo e para todos no jardim de Blackhurst.

Então, quando tinha 7 anos, Linus se perdeu no labirinto. Davies havia lhe avisado que não entrasse lá sozinho, que o caminho era longo e escuro, cheio de obstáculos, mas o garoto estava maravilhado com o fato de ter 7 anos. O labirinto, com suas paredes exuberantes, sua promessa de aventura, o atraía. Ele era um cavaleiro, estava indo lutar contra o dragão mais feroz do mundo e ia triunfar. Encontraria o caminho até o outro lado.

Escurece cedo no labirinto. Linus não previra a rapidez e a intensidade da escuridão lá dentro. No breu, as esculturas ganhavam vida, fitando-o ameaçadoramente de seus esconderijos. Os arbustos mais altos se transformavam em monstros, os mais baixos faziam brincadeiras maldosas: faziam-no pensar que estava indo na direção certa, quando, de fato, andava em círculos.

Chegara ao centro do labirinto, quando se desesperou. Então, para culminar, uma argola de metal presa a uma plataforma no chão surgira de repente, fazendo-o tropeçar e cair, torcendo seu tornozelo bom. Linus fora obrigado a ficar ali sentado, com o tornozelo doendo e lágrimas de raiva escorrendo pelo rosto.

Linus esperou por muito tempo. Escureceu, esfriou, e suas lágrimas secaram. Depois ficou sabendo que seu pai tinha se recusado a mandar procurá-lo. Ele era um menino, o pai dissera e, aleijado ou não, qualquer menino que merecesse este nome encontraria a saída. Ora, ele mesmo – St. John Luke – tinha atravessado o labirinto com apenas 4 anos. O menino precisava ficar mais corajoso.

Linus tremeu de frio no labirinto a noite inteira, até que, finalmente, sua mãe convenceu o pai a mandar Davies atrás dele.

O tornozelo de Linus levou uma semana para ficar bom, mas, depois disso, durante quinze dias, o pai o levou de volta ao labirinto, ordenando que ele o atravessasse e ralhando quando ele fracassava. Linus começou a sonhar com o labirinto e, quando estava acordado, desenhava, de memória, mapas. Lidava com isso como se fosse um problema matemático porque sabia que havia uma solução. Se ele tivesse algum valor, a encontraria.

Depois de duas semanas, seu pai desistiu. Na 15ª manhã, quando Linus apareceu para seu teste diário, ele nem ergueu os olhos do jornal.

– Você é uma grande decepção. Um menino tolo que jamais será ninguém. – Ele virou uma página, moveu o jornal e examinou as manchetes. – Saia do meu quarto.

Linus nunca mais se aproximou do labirinto. Não conseguiu culpar o pai ou a mãe por seu fracasso vergonhoso – eles tinham razão; afinal de contas, quem poderia ser totalmente incapaz de encontrar a saída de um labirinto? Culpou, então, o jardim. Passou a destruir as plantas, arrancar as flores, pisar nos brotos.

Todas as pessoas são moldadas por coisas que estão fora do seu controle, traços herdados, traços adquiridos. Quando Linus era criança, a perna provocou timidez, a timidez provocou uma gagueira, e ele se tornou um menino desagradável, que só atraía atenção quando se comportava mal. Recusava-se a sair de casa, então sua pele ficou pálida e sua perna boa ficou fina. Colocava insetos dentro do chá da mãe, espinhos no chinelo do pai e aceitava de bom grado qualquer castigo. Assim, dessa forma previsível, Linus ia vivendo.

Então, quando tinha 10 anos, sua irmãzinha nasceu.

Linus desprezou-a imediatamente. Tão macia, rosada e embonecada. E, como Linus descobriu ao olhar por baixo de sua camisola de renda, perfeitamente formada. As duas pernas do mesmo tamanho. Dois pezinhos perfeitos, nenhum deles um pedaço de carne inútil.

Pior do que sua perfeição física, entretanto, era sua alegria. Seu sorriso largo, sua risada musical. Como tinha coragem de ser tão alegre, quando ele, Linus, era tão infeliz?

Linus resolveu tomar alguma providência. Sempre que conseguia escapar de sua preceptora, entrava no quarto da irmã e se ajoelhava ao lado do berço. Se o bebê estivesse dormindo, ele fazia um ruído súbito para despertá-lo. Se ela estendesse a mão para um brinquedo, ele o afastava. Se estendesse os braços pedindo colo, ele cruzava os dele. Se ela sorrisse, ele fazia uma careta horrorosa.

Entretanto, ela não parecia ligar. Nada que Linus fizesse a levava a chorar, nada perturbava sua alegria natural. Isso o deixava perplexo, e ele se concentrava em usar criatividade e dissimulação para inventar castigos para a irmãzinha.

Quando Linus entrou na adolescência e se tornou ainda mais desajeitado, com braços compridos e pelos ruivos brotando no queixo, Georgiana se

transformou em uma linda criança, amada por todos na região. Ela provocava um sorriso no rosto dos camponeses mais sisudos; fazendeiros que não haviam tido nada de bom a dizer sobre a família Mountrachet em muitos anos mandavam cestas de maçãs para a Srta. Georgiana.

Então, um dia, Linus estava sentado no parapeito da janela da biblioteca, usando sua nova lente de aumento para fritar formigas, quando escorregou e caiu. Não se machucou, mas sua preciosa lente de aumento quebrou. Ele gostava tanto do brinquedo, estava tão cansado de se frustrar consigo mesmo, que, apesar de já contar 13 anos, começou a chorar de raiva. Culpava-se por ter caído, por não ser inteligente, por não ter amigos, por não ser amado, por ter nascido defeituoso.

Estava tão cego pelas lágrimas que não percebeu que sua queda tinha sido testemunhada. Sentiu alguém bater em seu braço. Ele ergueu os olhos e viu sua irmãzinha parada ali, estendendo alguma coisa para ele. Era Claudine, sua boneca favorita.

– Linus triste – disse ela. – Pobre Linus. Claudine faz Linus contente.

Linus ficou perplexo, pegou a boneca, com os olhos fixos na irmã, que se sentou ao lado dele.

Com um riso malvado, enfiou um dos olhos de Claudine para dentro. Olhou para ver o efeito que seu vandalismo teria em Georgiana.

Ela estava chupando o polegar, observando-o com os olhos azuis cheios de compaixão. Passado um instante, empurrou para dentro o outro olho de Claudine.

Desse dia em diante, eles se tornaram amigos. Sem queixas, sem caretas, ela suportava as crises de raiva do irmão, sua crueldade, tudo o que a rejeição tinha provocado nele. Georgiana o deixava brigar com ela, repreendê-la e, depois, abraçá-la.

Se os tivessem deixado em paz, tudo teria dado certo, mas os pais não toleravam que alguém pudesse amá-lo. Linus os ouvia sussurrando: “Eles passam muito tempo juntos, isso não é correto, não é saudável.” Poucos meses depois, ele foi mandado para o colégio interno.

Suas notas eram horríveis, Linus se encarregou de que fossem. Mas seu pai fora companheiro de caçadas do diretor do Balliol College e conseguiu um lugar para ele em Oxford. A única coisa positiva dos anos na universidade foi sua

descoberta da fotografia. Um professor de inglês, que era uma pessoa sensível, permitiu que ele usasse sua câmera e depois o auxiliou na compra de uma.

E, finalmente, aos 23 anos, Linus voltou a Blackhurst. Como sua *poupée* havia crescido! Só tinha 13 anos e estava tão alta. O cabelo estava mais ruivo e comprido. Durante algum tempo, ele se sentiu tímido diante dela: estava tão mudada, ele precisava tornar a conhecê-la. Só que, um dia, quando ele tirava fotografias perto da enseada, ela apareceu no visor da câmera, sentada no alto da rocha negra, olhando para o mar. O vento agitava seus cabelos, ela abraçava os joelhos, e suas pernas estavam nuas.

Linus ficou sem ar. Continuou a observá-la, e ela se virou devagar e olhou diretamente para ele. Havia quem não conseguisse disfarçar o desconforto ao saber-se diante de uma câmera. Georgiana, no entanto, permaneceu indiferente. Parecia fitá-lo, com os mesmos olhos com que o olhara tantos anos antes, quando ele estava chorando. Sem pensar, ele apertou o botão da câmera. Capturou o rosto dela, um rosto tão perfeito.



Cuidadosamente, Linus tirou do bolso a fotografia. Ele a segurou com delicadeza porque o papel estava velho, com as extremidades gastas. A luz do sol já tinha desaparecido quase por completo, mas se ele segurasse no ângulo certo...

Quantas vezes tinha se sentado ali, contemplando a foto, depois do desaparecimento dela? Aquela era a única cópia que possuía, pois, quando Georgiana partiu, alguém entrou no laboratório e pegou os negativos. Teria sido mamãe? Adeline? Uma pessoa a mando delas? Sobrara apenas esta cópia, porque Linus a tinha sempre com ele.

Agora, uma segunda chance surgira, e esta Linus não ia perder. Ele não era mais uma criança, era o senhor de Blackhurst. Seus pais estavam mortos e enterrados. Só restavam aquela sua esposa desagradável e a filha de saúde frágil. E quem eram elas para impedir a vontade de Linus?

Ele cortejara Adeline para castigar os pais pela fuga de Georgiana, e o noivado fora um golpe tão brutal que a permanência da mulher em sua casa

representara um preço pequeno a pagar. E fora mesmo. E ia continuar a ser. Era fácil ignorá-la. Ele era o patrão e faria o que quisesse.

– Eliza...

Linus permitiu que o nome dela escapasse de seus lábios trêmulos.

Ele lhe daria um presente. Algo que provocasse sua gratidão. Algo de que, ele sabia, ela iria gostar. Afinal, sua mãe gostava tanto daquilo...

Chalé do Penhasco, 2005

Cassandra atravessou o portão e sentiu, mais uma vez, o impacto do silêncio, estranho e pesado, que havia ao redor do chalé. Havia outra coisa também que ela não entendia ao certo, uma estranha sensação de conspiração. Como se, ao passar por aquele portão, ela estivesse firmando um pacto cujos termos ainda ignorava.

Era mais cedo do que quando estivera lá antes, e o sol iluminava o jardim. O paisagista só era esperado uns quinze minutos mais tarde, então Cassandra guardou a chave no bolso e resolveu explorar um pouco a propriedade.

Um estreito caminho de pedra, quase oculto pelo musgo, rodeava a entrada. A vegetação que ladeava a casa era alta e densa, e Cassandra precisou afastá-la da parede para poder passar.

Havia algo no jardim que a fazia se lembrar do quintal de Nell em Brisbane. Não tanto as plantas, mas a atmosfera. Até onde Cassandra conseguia recordar, o quintal de Nell era um emaranhado de arbustos, ervas e flores, com pequenas trilhas de cimento entre as plantas. Era muito diferente dos outros quintais, com seus gramados queimados de sol e uma ou outra roseira dentro de pneus pintados de branco.

Cassandra chegou aos fundos do chalé e parou. Um espinheiro de pelo menos 3 metros tinha crescido no meio do caminho. Ela se aproximou e olhou para cima. Seu formato era uniforme, linear, quase como se as plantas tivessem formado um muro natural.

Ela caminhou ao longo daquela cerca viva, passando de leve os dedos por suas folhas. Andava devagar, a vegetação quase alcançando seus joelhos e ameaçando derrubá-la a cada passo. No meio do caminho, notou uma brecha

entre os galhos, uma abertura pequena, mas suficiente para ela ver que não havia nenhuma luz do outro lado, que havia algo sólido ali atrás. Com cuidado para não se espetar nos espinhos, Cassandra enfiou a mão na abertura e se inclinou para a frente, enfiando todo o braço. Seus dedos roçaram algo sólido e frio.

Um muro, um muro de pedra, coberto de musgo – notou pelas manchas verdes nas pontas dos seus dedos. Cassandra limpou a mão no jeans e tirou a escritura do bolso para examinar o mapa da propriedade. O chalé estava claramente marcado, um pequeno quadrado na frente do terreno. Segundo o mapa, entretanto, a linha que delimitava o fundo ficava bem mais longe. Cassandra tornou a dobrar o mapa e o guardou no bolso. Se o mapa estivesse correto, este muro fazia parte da propriedade de Nell, não marcava seu limite. Pertencia ao Chalé do Penhasco, bem como tudo que existisse do outro lado.

Cassandra continuou sua corrida de obstáculos ao longo do muro, torcendo para encontrar um portão ou uma porta, qualquer coisa que a deixasse entrar. O sol estava subindo e os pássaros tinham parado de cantar. O ar era pesado com o perfume doce e inebriante de uma trepadeira de rosas. Embora fosse outono, Cassandra sentia calor. E pensar que imaginara que a Inglaterra fosse um país frio, quase sem sol! Ela parou para enxugar o suor da testa e bateu com a cabeça em algo.

O galho retorcido de uma árvore vinha de cima do muro, como se fosse um braço. Cassandra percebeu que era uma macieira quando viu que o galho tinha frutos. As maçãs estavam tão maduras, tão cheirosas, que Cassandra não resistiu e colheu uma.

Consultou o relógio e, a contragosto, começou a voltar pelo mesmo caminho. Continuaria a procurar uma porta depois, não queria correr o risco de se desencontrar do jardineiro. A sensação de isolamento ao redor do chalé era tão grande que Cassandra tinha a sensação de que não o ouviria dali, mesmo que ele a chamasse.

Ela abriu a porta e entrou.

A casa parecia estar atenta, esperando para ver o que ela ia fazer. De leve, passou a mão pela parede.

– Minha casa – disse baixinho. – Esta é minha casa.

Aquelas palavras ecoaram nas paredes. Tudo aquilo era estranho e inesperado. Ela percorreu a cozinha, passou pela roda de fiar e foi para a

pequena sala de visitas na parte da frente. A casa tinha uma atmosfera diferente agora que ela estava sozinha. De certo modo, parecia-lhe familiar, como um lugar que tivesse visitado muito tempo antes.

Cassandra se sentou em uma cadeira de balanço. Conhecia bem móveis antigos e sabia que a cadeira não estava prestes a quebrar, mas, mesmo assim, não se sentiu muito à vontade. Era como se seu dono estivesse por perto e fosse voltar a qualquer momento e encontrar uma intrusa em seu lugar.

Enquanto limpava a maçã na blusa, Cassandra virou a cabeça para olhar pela janela empoeirada. Uma trepadeira subia pela vidraça, mas ela ainda conseguia avistar o jardim. Havia uma pequena estátua que não tinha notado antes, uma criança, um menino em cima de uma pedra, fitando a casa com os olhos bem abertos.

Cassandra mordeu a maçã perfumada. Uma maçã de uma árvore do seu próprio jardim, uma árvore plantada muitos anos antes e que ainda dava frutos. Todo ano. Era doce. Será que as maçãs eram sempre tão doces?

Ela bocejou. O sol a deixara muito sonolenta. Ficaria ali sentada mais um pouco, até o jardineiro chegar. Deu mais uma mordida. A sala parecia mais quente do que antes, como se o fogão tivesse sido aceso, como se alguém tivesse entrado no chalé e começado a preparar o almoço. Suas pálpebras estavam pesadas e ela fechou os olhos. Um pássaro cantou uma linda melodia; folhas agitadas pelo vento tocavam a janela, e, ao longe, o oceano quebrava na praia com um ritmo constante, ia e vinha, ia e vinha...



... ia e vinha na sua cabeça o dia todo. Ela tornou a atravessar a cozinha e parou na janela, mas não se permitiu olhar para fora. Em vez disso, consultou o pequeno relógio de mesa. Ele estava atrasado. Já tinha passado da hora marcada. Ela parou para pensar se aquele atraso significava algo de importante, se ele havia ficado preso, se por acaso se arrependera, se ainda viria.

Seu rosto estava quente. Fazia calor lá dentro. Ela aproximou-se do fogão e diminuiu o fogo. Pensou que talvez devesse ter preparado algo para comer.

Ouviu um barulho lá fora.

Ficou agitada. Ele estava lá.

Ela abriu a porta e ele entrou, sem dizer nada.

Ele parecia tão grande naquele pequeno hall, e, apesar de agora já o conhecer bem, estava tímida, não conseguia encará-lo.

Ele também estava nervoso; ela podia perceber isso, embora ele se esforçasse para disfarçar.

Sentaram-se um em frente ao outro na mesa da cozinha e o lampião tremulava entre os dois. Um lugar estranho para se sentar em uma noite como essa, mas foi o que fizeram. Ela contemplou as próprias mãos, pensando em como agir. Tudo parecera muito simples no início, mas agora o caminho estava repleto de armadilhas. Talvez esses encontros fossem sempre assim.

Ele estendeu a mão.

Ela prendeu a respiração quando ele segurou uma mecha de seu cabelo entre os dedos. Contemplou-a por um tempo que pareceu um século. Não olhava tanto para o cabelo, mas para o estranho fato de ser o cabelo *dela* entre os dedos *dele*.

Finalmente seus olhares se encontraram. Ele encostou a mão no rosto dela. Então ele sorriu, e ela também. Suspirou de alívio e de algo mais. Ele abriu a boca e disse...



– Olá? – Uma batida à porta. – Olá? Tem alguém aí?

Cassandra abriu os olhos. A maçã que estava segurando caiu no chão.

Ouviu passos pesados e logo um homem apareceu. Era alto e forte, de 40 e poucos anos. Cabelo escuro, olhos escuros, um sorriso largo.

– Olá – disse ele, com as mãos erguidas, em uma atitude de rendição. – Você está com cara de quem viu um fantasma.

– Você me assustou – falou Cassandra, na defensiva, levantando-se da cadeira.

– Desculpe. – Ele se aproximou. – A porta estava aberta. Não imaginei que você estivesse tirando um cochilo.

– Eu não estava. Quer dizer, estava, mas não tinha essa intenção. Eu só quis me sentar um pouco, mas...

A explicação de Cassandra foi interrompida pela lembrança do sonho. Já fazia muito tempo que não sonhava com nada remotamente erótico; aliás havia muito não *fazia* algo remotamente erótico. Desde Nick. E não queria pensar nisso. De onde tinha vindo aquele sonho?

O homem sorriu e estendeu a mão.

– Eu sou Michael Blake, paisagista. Você deve ser Cassandra.

– Isso mesmo.

Ela enrubescceu ao apertar a mão dele.

Ele balançou a cabeça, sorrindo.

– Meu amigo contou que as mulheres australianas eram lindas, mas eu não acreditei. Agora sei que ele estava dizendo a verdade.

Cassandra não sabia para onde olhar e acabou fixando um ponto logo acima do ombro esquerdo dele. Um flerte assim tão escancarado sempre a deixava sem jeito, mas ficara duplamente nervosa com o sonho. Ainda podia sentir seus efeitos.

– Ouvi dizer que você está tendo problemas com uma árvore?

– É verdade. – Cassandra assentiu e afastou o sonho da mente. – Estou tendo, sim. Obrigada por ter vindo.

– Nunca pude resistir a uma dama em perigo.

Ele tornou a exibir seu sorriso largo e franco.

Ela apertou mais o casaco em volta da cintura. Tentou retribuir o sorriso, mas não se sentiu à vontade.

– É por aqui. Na escada.

Michael seguiu-a pelo corredor, inclinou-se para olhar para cima e assobiou.

– Um dos velhos pinheiros. Parece que já está aí há um bom tempo. Deve ter caído durante a grande tempestade de 1995.

– Você pode removê-lo?

– É claro que sim. – Michael olhou por cima do ombro. – Você pode pegar a serra elétrica, Chris?

Cassandra se virou; ela não tinha percebido que outra pessoa tinha entrado na sala com ele. Havia outro homem parado atrás dela, mais magro e mais jovem do que Michael. De cabelo castanho-claro, encaracolado, pele morena, olhos castanhos.

– Christian – disse Michael, apresentando-o.

Ele estendeu a mão, hesitou, limpou-a no jeans. Tornou a estendê-la.

Cassandra o cumprimentou.

– Serra elétrica, Chris – repetiu Michael. – Rápido, vamos.

Michael ergueu as sobrancelhas para Cassandra quando Chris saiu.

– Tenho que estar de volta ao hotel dentro de meia hora, mas não se preocupe, vou iniciar o trabalho e deixar o resto com o meu fiel escudeiro. – Ele sorriu para Cassandra, olhando-a diretamente nos olhos. – Então esta casa é sua. Morei a vida inteira na aldeia e nunca soube que tinha dono.

– Eu mesma ainda estou me acostumando com a ideia.

Michael deu uma olhada em volta, para a casa em ruínas.

– O que uma simpática moça australiana está fazendo em um lugar assim?

– Eu a herdei. Minha avó a deixou para mim.

– Sua avó era inglesa?

– Australiana. Ela a comprou nos anos 1970, quando veio aqui de férias.

– Um souvenir e tanto! Ela não achou nenhum pano de prato que lhe agradasse?

Um barulho na porta indicava que Christian estava de volta, carregando uma serra elétrica.

– É esta que você quer?

– É uma serra com uma corrente – disse Michael, piscando para Cassandra. – Eu diria que sim.

O corredor era estreito e Cassandra se virou de lado para Christian passar. Ela não o encarou, fingindo ter sua atenção voltada para uma tábua solta no assoalho. O modo de Michael falar com Chris a deixara constrangida.

– Chris é novo no ramo – disse Michael, sem se dar conta do desconforto de Cassandra. – Ainda não sabe a diferença entre uma serra de corrente e uma serra tico-tico. Está um pouco perdido, mas vamos transformá-lo em um lenhador. – Ele sorriu. – Ele é um Blake, está no sangue. – Deu um tapinha de brincadeira no ombro do irmão e os dois homens se concentraram no trabalho a fazer.

Cassandra ficou aliviada quando a serra foi ligada e ela pôde fugir para o jardim. Embora soubesse que utilizaria melhor seu tempo tirando galhos de dentro de casa, sua curiosidade havia sido despertada. Queria encontrar uma passagem naquele muro nem que a missão levasse o dia inteiro.



O sol estava alto e quase não havia sombras. Cassandra tirou o casaco e o deixou em uma pedra. O sol batia nos seus braços e o alto da sua cabeça logo ficou quente. Arrependeu-se de não ter trazido um chapéu.

Enquanto examinava os galhos, enfiando a mão numa ou noutra abertura, evitando os espinhos, voltou a pensar no sonho. Fora particularmente nítido, e ela conseguia se lembrar de cada detalhe – imagens, cheiros e até mesmo a atmosfera, inegavelmente erótica, carregada de desejo proibido.

Cassandra sacudiu de leve a cabeça, para afastar emoções confusas e indesejadas. Dirigiu seu pensamento para o mistério de Nell. Na noite anterior, ficara acordada até tarde lendo o caderno. Uma tarefa não muito fácil. Quando o mofo não dificultava a leitura, era a caligrafia da avó, que já era péssima, e tinha piorado ainda mais depois da chegada dela à Cornualha. Transformara-se em um verdadeiro garrancho. Cassandra apostava que ela passara a escrever mais depressa, mais agitada.

Mesmo assim, conseguiu ler. Tinha ficado enfeitiçada com as lembranças da avó, com sua certeza de ter visitado o chalé quando era menina. Cassandra mal podia esperar para ver os álbuns de recortes que Julia encontrara, os diários onde a mãe de Nell anotara seus pensamentos. Certamente eles iriam lançar mais luz sobre fatos da infância dela. Talvez até fornecessem pistas importantes para o desaparecimento dela com Eliza Makepeace.

Um assobio, alto e agudo, fez Cassandra erguer os olhos, esperando algum tipo de pássaro.

Michael estava parado no canto da casa, vendo-a trabalhar. Ele apontou para o espinheiro.

– Você tem uma planta impressionante aí.

– Nada que uma boa limpeza não possa resolver – disse ela, sem jeito. Ficou imaginando por quanto tempo ele a estivera observando.

– Um ano de limpeza e uma serra elétrica. – Ele riu. – Estou indo para o hotel. – Fez um gesto de cabeça na direção do chalé. – Conseguimos avançar bastante. Vou deixar o Chris terminar. Ele vai conseguir, mas é bom que você o oriente. – Michael tornou a sorrir daquele jeito franco. – Você tem meu telefone,

certo? Me ligue. Posso lhe mostrar alguns lugares pitorescos enquanto você estiver na cidade.

Não foi uma pergunta. Cassandra sorriu e logo se arrependeu. Desconfiou de que Michael fosse o tipo de pessoa que considerava qualquer reação como um sim. Então ela teve sua confirmação: ele piscou para ela e voltou para a frente da casa.

Com um suspiro, Cassandra tornou a olhar para o muro. Christian tinha subido pelo buraco feito pela árvore e estava em cima do telhado, usando um serrote para cortar os galhos. A tranquilidade de Michael contrastava com uma intensidade que havia em Christian e que parecia se refletir em tudo o que fazia. Ele mudou de posição e Cassandra virou depressa a cabeça, fingindo observar o muro.

Eles continuaram trabalhando, e o silêncio entre eles amplificava todos os outros sons: o vaivém do serrote de Christian; o burburinho dos pássaros sobre as telhas; o som distante de água correndo em algum lugar. Normalmente Cassandra gostava de trabalhar calada, estava acostumada a ficar sozinha e preferia, de fato, ficar sozinha. Só que não estava e, quanto mais fingisse estar, mais o silêncio se tornava pesado.

Finalmente ela não aguentou mais.

– Tem um muro aqui atrás – disse, com uma voz mais alta e mais estridente do que pretendia. – Eu o encontrei mais cedo.

Christian ergueu os olhos da madeira. Encarou-a como se ela tivesse começado a recitar a tabela periódica.

– Não sei o que tem do outro lado – disse ela. – Não consigo encontrar um portão e a planta que minha avó recebeu quando comprou a casa não traz nenhuma indicação desse muro. Sei que tem um monte de galhos e espinhos, mas talvez você consiga enxergar melhor aí de cima.

Christian contemplou as próprias mãos, deu a impressão de que ia dizer algo.

Cassandra pensou “Ele tem mãos bonitas”, e descartou imediatamente este pensamento.

– Você consegue ver o que tem do outro lado do muro?

Ele mordeu o lábio inferior, limpou as mãos no jeans e assentiu.

– Você consegue? – Ela não estava contando com isso. – O que é? Você pode me dizer?

– Posso fazer melhor – disse ele, segurando-se na beirada do telhado e saltando para o chão. – Venha, vou lhe mostrar.



O buraco era bem pequeno, ficava na parte de baixo do muro e estava tão escondido que Cassandra poderia tê-lo procurado por um ano sem encontrar. Christian estava de quatro no chão, afastando a vegetação.

– Primeiro as damas – disse ele.

Cassandra encarou-o.

– Achei que tinha um portão.

– Se você o encontrar, eu passo por ele com você.

– Você quer que eu... – Ela olhou para o buraco. – Não sei se eu consigo. Nem sei como...

– De barriga no chão. O buraco não é tão apertado quanto parece.

Cassandra tinha dúvidas quanto a isso. Parecia muito apertado. Entretanto, aquela busca infrutífera só tinha aumentado sua determinação: ela *precisava* saber o que havia do outro lado do muro. Deitou-se no chão e olhou de viés para Christian.

– Tem certeza de que é seguro? Você já fez isso antes?

– Pelo menos umas cem vezes. – Ele coçou o pescoço. – Claro, eu era mais jovem e menor, mas... – Ele riu. – Estou brincando. Vai dar tudo certo.

Ela sentiu certo alívio quando sua cabeça passou e ela percebeu que não ia ficar com o pescoço preso debaixo de um muro de pedra. Conseguiu passar o restante do corpo, o mais depressa que pôde, e se levantou. Limpou a terra das mãos e olhou em volta, encantada.

Era um jardim murado. Cheio de mato, mas ainda belo. Alguém havia cuidado daquilo um dia. Dois caminhos – o que restara deles – se interligavam como o cadarço de uma sapatilha de dança. Árvores frutíferas tinham sido plantadas ao redor, e arames ziguezagueavam do topo de um muro para o topo de outro. Ramos de glicínia tinham se entrelaçado, formando uma espécie de cobertura.

Encostada em um dos lados, havia uma árvore velha e nodosa. Cassandra se aproximou. Viu que era a macieira, aquela cujo galho passara por cima do muro. Ergueu a mão para tocar um dos seus frutos dourados. A árvore tinha uns 5 metros e a forma do bonsai japonês que Nell dera a Cassandra no seu aniversário de 12 anos. Ao longo das décadas, o tronco curto tinha entortado e alguém tivera o trabalho de colocar um apoio sob um galho grande para absorver parte do seu peso. Uma marca de queimadura no meio do tronco sugeria que ele fora atingido por um raio muitos anos antes. Cassandra passou os dedos pela queimadura.

– Este lugar é mágico, não é? – Christian estava parado no meio do jardim, perto de um banco de ferro. – Mesmo quando era criança, eu conseguia sentir isso.

– Você costumava vir aqui?

– O tempo todo. Era meu lugar secreto. Ninguém mais sabia dele. – Christian deu de ombros. – Bem, quase ninguém.

Do outro lado do jardim, Cassandra viu alguma coisa brilhando junto ao muro. Ela se aproximou. Era de metal, refletia a luz do sol. Era uma porta. Coberta de galhos de trepadeira, uma imensa teia bloqueava a entrada da toca da aranha. Ou, talvez, a saída.

Christian aproximou-se e, juntos, eles puxaram a planta. Havia uma maçaneta de metal escurecida pelo tempo. Cassandra tentou abri-la. A porta estava trancada.

– Onde será que ela vai dar?

– Tem um labirinto do outro lado que atravessa toda a propriedade – disse Christian. – Termina perto do hotel. Michael está trabalhando para restaurá-lo.

O labirinto, é claro! Ela sabia disso. Onde tinha lido sobre o labirinto? No caderno de Nell? Em um folheto turístico no hotel?

Uma libélula passou voando e eles voltaram para o centro do jardim.

– Por que sua avó comprou o chalé? – quis saber Christian, tirando uma folha que ficara presa no seu ombro.

– Ela nasceu nesta região.

– Na aldeia?

Cassandra hesitou, imaginando quanto devia contar.

– Na propriedade, para falar a verdade. Em Blackhurst. Ficou sabendo quando já tinha passado dos 60 anos, depois da morte de seu pai adotivo.

Descobriu que seus pais eram Rose e Nathaniel Walker. Ele era...

– Um artista. Eu sei. – Christian pegou um galhinho do chão. – Tenho um livro ilustrado por ele, um livro de contos de fadas.

– *Contos mágicos para meninas e meninos?*

– É. – Ele olhou espantado para ela.

– Eu também tenho um exemplar.

Christian ergueu as sobrancelhas.

– Não foram impressos muitos, ao menos pelos padrões de hoje. Você sabe que Eliza Makepeace morava neste chalé?

Cassandra balançou a cabeça.

– Não, eu sabia que ela tinha crescido na propriedade...

– A maioria das histórias dela foi escrita aqui neste jardim.

– Você sabe bastante sobre ela.

– Reli as histórias há pouco tempo. Eu as adorava quando era criança, desde que encontrei um velho exemplar no bazar de caridade da aldeia. Havia algo de mágico nelas, mais do que parecia à primeira vista. – Ele arrastou o pé na terra. – É um pouco triste, eu acho... Um homem adulto lendo histórias infantis.

– Eu não acho.

Cassandra notou que ele estava levantando e abaixando os ombros, com as mãos nos bolsos. Quase como se estivesse nervoso.

– Qual delas você gosta mais?

Ele inclinou a cabeça, estreitando os olhos por causa do sol.

– “Os olhos da velha”.

– É mesmo? Por quê?

– Ela sempre me pareceu diferente das outras. Mais significativa, de certa forma. Além disso, eu tinha 8 anos e me apaixonei pela princesa. – Ele sorriu, envergonhado. – Como não gostar de uma garota cujo castelo é destruído, seus súditos, derrotados, e que, mesmo assim, tem a coragem de embarcar em uma missão para recuperar os olhos da velha?

Cassandra também sorriu. A história da princesa corajosa que não sabia que era uma princesa foi a primeira que ela lera naquele dia quente em Brisbane, quando tinha 10 anos, desobedeceu à avó e descobriu a maleta debaixo da cama.

Christian quebrou o galhinho ao meio e jogou fora os pedaços.

– Imagino que você vá tentar vender o chalé, não?

– Por quê? Está interessado em comprá-lo?

– Com o salário que Mike me paga? – Os olhos deles se encontraram. – Não conte com isso.

– Eu não sei como vou reformá-lo – disse ela. – Não imaginei que havia tanta coisa a ser feita. O jardim, a casa... – Ela fez um gesto na direção do muro. – Tem um buraco no maldito telhado.

– Quanto tempo você vai ficar?

– Tenho reserva no hotel para três semanas.

Ele assentiu.

– Deve ser tempo suficiente.

– Você acha?

– Claro.

– Que confiança. E você ainda nem me viu com um martelo na mão.

Ele estendeu o braço para prender um ramo solto de glicínia.

– Eu posso ajudá-la.

Cassandra ficou sem jeito: ele achou que havia sido uma indireta.

– Não tive a intenção... Não tenho... Não tenho verba para restauração.

Ele sorriu, o primeiro sorriso verdadeiro que ela o via dar.

– Já estou ganhando pouco mesmo. Posso não ganhar nada para trabalhar em um lugar que eu amo.

Tregenna, 1975

Nell contemplou o mar agitado. Era o primeiro dia nublado desde sua chegada à Cornualha, e toda a paisagem tremia. Os chalés brancos pendurados nos penhascos, as gaivotas prateadas, o céu cinzento refletindo o mar revolto.

– Esta é a vista mais bonita de toda a Cornualha – disse a corretora.

Nell não se dignou a responder. Continuou a observar as ondas da pequena janela do quarto.

– Tem outro quarto aqui ao lado. Só que menor do que este.

– Eu preciso de mais tempo para examinar a casa – disse Nell. – Encontro você lá embaixo quando terminar.

A corretora pareceu contente em ser dispensada e, após um minuto, Nell a viu sair pelo portão da frente, enfiada em um casaco.

Nell observou a mulher lutar contra o vento para acender um cigarro, depois contemplou o jardim. Não dava para ver muito dali de cima, um muro de trepadeiras bloqueava sua visão, mas conseguia enxergar a cabeça de pedra da estátua do menino.

Nell se debruçou no parapeito da janela, sentiu a madeira curtida pelo sal sob as palmas das mãos. Já havia ido ao chalé antes, quando era pequena, ela sabia disso agora. Tinha estado naquele mesmo lugar, naquele quarto, contemplando o mesmo mar. Fechou os olhos e tentou lembrar.

Havia uma cama onde estava agora, uma cama de solteiro simples com pontas de metal que precisavam de polimento. Do teto, caía um pedaço de tela, como a névoa branca que paira no horizonte quando o mar é castigado pela tempestade. Uma colcha de retalhos, fria sob seus joelhos; barcos de pesca balançavam ao sabor da maré, pétalas de flores flutuavam no lago do jardim.

Ficar sentada nesta janela que se projetava do chalé era como estar pendurada no alto do penhasco, como a princesa de um de seus contos de fadas favoritos, transformada em um pássaro e presa em uma gaiola de ouro...

Vozes alteradas lá embaixo – eram seu pai e a Autora.

O nome dela, Ivory, afiado como as pontas de uma estrela recortada em papelão com uma tesoura. Seu nome como uma arma.

Outras palavras raivosas eram ditas. Por que papai estava gritando com a Autora? Papai que nunca erguia a voz.

A menina ficou assustada, ela não queria ouvir aquilo.

Nell fechou os olhos com mais força, tentando escutar.

A menina prendeu o choro, cantou músicas mentalmente, contou histórias, pensou naquela gaiola dourada, na princesa-pássaro se balançando e esperando.

Nell tentou afastar a canção, a imagem da gaiola dourada. Nas profundezas geladas de sua mente, a verdade espreitava, esperando que Nell a arrastasse de volta à superfície...

Mas não hoje. Ela abriu os olhos. Os ramos estavam muito escorregadios; a água em volta deles, muito lamacenta.

Nell desceu a escada estreita.

A corretora trancou o portão e, juntas, as duas caminharam em silêncio até o carro.

– Então, o que você achou? – perguntou a mulher, no tom superficial de quem acha que sabe a resposta.

– Eu gostaria de comprá-la.

– Talvez eu possa lhe mostrar. – A corretora olhou para ela. – Você quer comprar a casa?

Nell tornou a observar o mar agitado, o horizonte enevoadado. Gostava de certa inclemência no tempo. Quando as nuvens baixavam e a chuva ameaçava cair, sentia-se restaurada. Respirava mais profundamente, pensava com mais clareza.

Ela não sabia como ia pagar pelo chalé, o que teria que vender para conseguir isso. Mas tão certo quanto preto e branco formavam cinza, Nell sabia que tinha que tê-lo. Desde o momento em que se lembrara daquela menina perto do laguinho, da menina que era Nell em uma outra vida, ela soubera.



A corretora dirigiu de volta até a Hospedaria de Tregenna com promessas de levar os contratos assim que estivessem redigidos. Também tinha o nome de um bom advogado que Nell podia usar. Nell fechou a porta do carro e subiu os degraus até o salão. Ela estava tão focada em calcular a diferença de horário – precisava acrescentar três horas? – para poder ligar para o gerente do seu banco e tentar explicar a súbita aquisição de um chalé na Cornualha que não viu a pessoa que se dirigia a ela até quase darem um encontrão uma na outra.

– Desculpe – disse Nell, parando de repente.

Robyn Martin piscava por trás dos óculos.

– Você estava esperando por mim? – quis saber Nell.

– Eu trouxe uma coisa para você. – Robyn entregou a Nell uma pilha de papéis presos com um clipe. – É a pesquisa para o artigo que estou escrevendo sobre a família Mountrachet. – Ela estava um pouco sem jeito. – Eu a ouvi perguntar a Gump sobre eles, e eu sei que ele não... não ajudou muito. – Ela passou a mão no cabelo. – Está muito desorganizada, mas eu achei que poderia interessá-la.

– Obrigada – disse Nell, com sinceridade. – E sinto muito se eu...

Robyn balançou a cabeça.

– E o seu avô...?

– Está bem melhor. De fato, eu estava pensando se você poderia vir jantar de novo, na semana que vem. Na casa de Gump.

– Agradeço o convite – falou Nell –, mas acho que seu avô não vai gostar.

– Não, você entendeu mal.

Nell franziu a testa.

– A ideia foi dele – disse Robyn. – Ele disse que tem uma coisa para lhe contar. Sobre o chalé e sobre Eliza Makepeace.

Nova York e Tregenna, 1907

SRTA. ROSE MOUNTRACHET,
CUNARD LINER, *LUSITANIA*

9 de setembro de 1907
Srta. Eliza Mountrachet,
Mansão Blackhurst,
Cornualha, Inglaterra

Minha querida Eliza,

Ah! Que maravilha o Lusitania! Estou escrevendo esta carta, priminha, sentada no convés superior – em uma mesinha deliciosa no Café Varanda –, contemplando o azul do Atlântico, enquanto o nosso imenso “hotel flutuante” nos leva para Nova York.

Existe uma atmosfera de grande animação a bordo, com as pessoas exultando com a possibilidade de o Lusitania recuperar o título Flâmula Azul da Alemanha. No embarque em Liverpool, enquanto o navio saía lentamente do porto e dava início à viagem, a multidão no cais estava cantando “Os ingleses jamais, jamais serão escravos” e agitando bandeiras, tantas e tão depressa que, mesmo quando nos afastamos e as pessoas viraram pontinhos no cais, eu conseguia vê-las se mover. Quando os barcos se despediram de nós tocando suas buzinas, confesso que meus braços ficaram arrepiados e meu coração se encheu de orgulho. Que felicidade participar de um evento tão importante! Será que a história vai se lembrar de nós? Espero que sim – imaginar que se

pode fazer alguma coisa, influenciar em um acontecimento de alguma forma e, assim, ultrapassar os limites do tempo de vida humana!

Eu sei o que você vai dizer a respeito da Flâmula Azul – que é uma corrida boba inventada por homens tolos tentando provar que seu barco pode correr mais do que outro pertencente a homens ainda mais tolos! Mas, Eliza querida, sentir esta empolgação da vitória... Bem, só posso dizer que é revigorante. Eu me sinto mais viva do que nunca, e, embora saiba que você deve estar revirando os olhos, permita-me desejar que consigamos fazer a viagem em tempo recorde e reconquistar o lugar que é nosso por direito.

O navio é feito de tal maneira, que às vezes é difícil a pessoa lembrar que está no mar. Mamãe e eu estamos em uma das duas suítes reais a bordo – ela tem dois quartos, sala de estar, sala de jantar, banheiro, lavatório e copa. E é lindamente decorada, fazendo-me lembrar um pouco das fotos de Versalhes do livro da Srta. Tranton, o que ela mostrou na aula naquele verão, muito tempo atrás.

Eu ouvi uma dama muito bem-vestida comentar que este navio é mais parecido com um hotel do que qualquer outro navio em que ela já havia viajado. Não sei quem era a dama, mas tenho certeza de que ela era muito importante, porque mamãe ficou sem fala quando nos aproximamos dela. Mas não se impressione, isso não durou muito – mamãe não consegue se controlar por muito tempo. Ela logo recuperou a fala e está recuperando o tempo perdido desde então. Nossos companheiros de viagem são a verdadeira nata da sociedade londrina, segundo mamãe, portanto precisam ser “conquistados”. Recebi ordens de usar sempre o que tenho de melhor – graças a Deus, tenho dois guarda-roupas repletos e estou sempre pronta para a guerra! Embora mamãe e eu tenhamos o mesmo objetivo, não temos o mesmo gosto! Ela está sempre mostrando um cavalheiro que considera um ótimo partido e eu geralmente fico desanimada. Mas, chega, acho que vou perder a audiência da minha querida prima se me alongar muito neste assunto.

De volta, então, ao navio: tenho me aventurado um pouco, sem dúvida você ficaria orgulhosa. Ontem de manhã, consegui fugir de mamãe e passei uma hora muito agradável no jardim da cobertura.

Pensei em você, minha querida, em quanto você ficaria espantada ao ver que esta vegetação toda podia ser cultivada a bordo de um navio. Há vasos por toda parte cheios de plantas e flores. Eu me senti muito contente sentada no meio deles (ninguém conhece melhor do que eu o poder curativo de um jardim) e mergulhei nos devaneios mais tolos. (Você será capaz de imaginar muito bem para onde me levou minha fantasia...)

Ah! Como eu gostaria que você tivesse concordado em vir conosco, Eliza. Vou me permitir ralhar com você, pois não consigo entender. Afinal de contas, foi você quem levantou pela primeira vez a possibilidade de um dia viajarmos juntas para os Estados Unidos, para ver os arranha-céus de Nova York e a grande Estátua da Liberdade. Não sei o que a fez deixar passar esta oportunidade e ficar em Blackhurst, tendo apenas papai como companhia. Você é, como sempre, um mistério para mim, minha querida, mas sei que não adianta discutir depois que você toma uma decisão, minha teimosa Eliza. Só vou dizer que sinto sua falta e estou sempre imaginando quantas travessuras faríamos se você estivesse aqui. (Como destruiríamos os nervos de minha pobre mãe!) É estranho pensar no tempo em que você era uma desconhecida para mim; parece que sempre formamos uma dupla e que os anos em Blackhurst antes de sua chegada foram apenas um período terrível de espera.

Ah... mamãe está chamando. Parece que somos esperadas, de novo, no salão de jantar. (E que fartura, Eliza! Preciso me exercitar caminhando pelo convés entre uma refeição e outra para ter condição de comer algo na seguinte.) Mamãe deve ter fiscado o conde fulano de tal ou o filho de algum industrial rico para nossa mesa. É um trabalho sem fim! Mas em uma coisa ela tem razão: eu nunca vou conhecer “meu destino” se ficar trancada no quarto.

Então me despeço de você, minha querida Eliza, e termino dizendo que, embora você não esteja comigo em pessoa, está em espírito. Sei que, quando avistar a famosa dama da Liberdade, vigiando seu porto, será a voz de minha prima Eliza que eu ouvirei, dizendo: “Olhe para ela e pense em tudo o que ela já viu.”

Da prima que te ama muito, Rose.



Eliza segurou com força o embrulho de papel pardo. Parada na porta da mercearia de Tregenna, viu um cobertor cinzento de nuvens se formar no céu. Névoa no horizonte anunciava tormentas no mar, e o ar na aldeia estava carregado de umidade. Eliza não levava bolsa, porque, ao sair de casa, não tinha a intenção de ir até a aldeia. Foi em algum momento, durante a manhã, que a história lhe veio à cabeça e exigiu que ela escrevesse imediatamente. As cinco páginas que restavam em seu caderno não tinham sido suficientes, então ela tinha ido comprar outro.

Eliza tornou a olhar para o céu ameaçador e caminhou apressadamente pelo cais. Quando chegou ao cruzamento, ignorou a estrada principal e começou a subir a trilha estreita que ia dar no penhasco. Ela nunca a tinha subido antes, mas Davies lhe dissera uma vez que havia um atalho entre a propriedade e a aldeia pela encosta do penhasco.

O caminho era íngreme, e o capim, alto, mas Eliza seguiu adiante. Ela só parou uma vez para contemplar o mar cor de granito, no qual uma frota de pequenos barcos pesqueiros navegava de volta para casa. Eliza sorriu ao vê-los, como passarinhos voltando para o ninho depois de passar o dia explorando o vasto mundo.

Um dia ela ia cruzar o mar, até o outro lado, como seu pai fizera. Havia tantos mundos esperando por ela além do horizonte. África, Índia, Arábia, as antípodas, e, nesses lugares distantes, ela ia descobrir novas histórias, lendas mágicas de outrora.

Davies tinha sugerido que ela escrevesse suas histórias, e Eliza seguira o conselho. Ela enchera doze cadernos e ainda não tinha parado. Quanto mais escrevia, mais histórias surgiam, rodopiando em sua mente, pressionando sua cabeça, ansiosas para serem libertadas. Não sabia se eram boas, mas, na realidade, isso não a preocupava. Eram suas, e o fato de escrevê-las as tinham tornado, de algum modo, reais. Personagens que tinham surgido em sua mente ficavam mais ousados no papel. Adquiriam novos maneirismos que ela não tinha imaginado, diziam coisas que ela não sabia que eles pensavam, começavam a se comportar de forma imprevisível.

Suas histórias tinham uma pequena plateia, mas receptiva. Toda noite, depois do jantar, Eliza subia na cama, ao lado de Rose, como fazia quando elas eram menores, e começava a contar seu mais recente conto de fadas. Rose ouvia, de olhos arregalados, soltando suspiros e exclamações na hora certa, rindo nos trechos mais divertidos.

Foi Rose quem convenceu Eliza a mandar uma de suas histórias para o escritório de Londres da revista *Children's Storytime*.

– Você não quer ver suas histórias publicadas? Elas serão histórias de verdade, e você, uma escritora de verdade.

– Elas já são histórias de verdade!

Rose, então, tinha olhado para ela com um ar astuto.

– Se elas forem publicadas, você vai ter um pequeno rendimento.

Um rendimento! Aquilo interessava a Eliza, e Rose sabia disso. Até então, Eliza dependia inteiramente da tia e do tio, mas ultimamente vinha pensando em como iria pagar pelas viagens e aventuras que sabia que o futuro lhe reservava.

– E mamãe ia ficar muito contente – disse Rose, cruzando as mãos sob o queixo, mordendo o lábio para não rir. – Uma Mountrachet trabalhando para se sustentar!

A reação de tia Adeline, como sempre, não significava nada para Eliza, mas a ideia de outras pessoas lerem suas histórias... Desde que Eliza descobrira o livro de contos de fadas na loja da Sra. Swindell e mergulhara em suas páginas amareladas, tinha entendido o poder das histórias. Sua habilidade mágica em curar feridas.

O chuvisco tinha se transformado em chuva e Eliza começou a correr, apertando o caderno contra o peito enquanto a grama molhada batia em sua saia. O que Rose ia dizer quando Eliza lhe contasse que a revista infantil ia publicar “A criança trocada” e que tinham lhe pedido que enviasse mais histórias? Sorriu para si mesma enquanto corria.

Faltava uma semana para Rose chegar, e Eliza mal podia esperar. Estava louca para rever a prima! Rose fora muito negligente com sua correspondência – tinha escrito uma carta a caminho dos Estados Unidos, e nada mais, e Eliza esperava ansiosamente por notícias da grande cidade. Teria adorado visitá-la, mas tia Adeline havia sido muito clara.

– Você pode arruinar suas chances – disse ela uma noite, depois que Rose tinha ido dormir –, mas não vou permitir que estrague o futuro de Rose com seus modos selvagens. Ela jamais encontrará o destino dela se não tiver a oportunidade de brilhar. – Tia Adeline erguera bem o corpo. – Reservei duas passagens para Nova York, uma para Rose e uma para mim. Quero evitar uma situação desagradável, então é melhor que ela pense que a decisão foi sua.

– Por que eu mentiria para Rose?

Tia Adeline respirou fundo, sugando as bochechas.

– Para deixá-la feliz, é claro. Você não quer que ela fique feliz?

Uma trovoadas ecoou no penhasco quando Eliza chegou ao topo. O céu estava escuro e a chuva aumentava. Na clareira, havia um chalé. O mesmo chalezinho, Eliza percebeu, que ficava do outro lado do jardim murado que tio Linus lhe dera para ela plantar. Correu para se abrigar sob o pórtico de entrada, encolhendo-se contra a porta enquanto a chuva caía, torrencial, sobre o telhado.

Fazia dois meses que tia Adeline e Rose haviam partido para Nova York e, embora os dias agora se arrastassem, o primeiro mês tinha passado depressa em um turbilhão de bom tempo e ótimas ideias para histórias. Eliza dividira seu dia entre seus dois lugares favoritos na propriedade: a rocha negra na enseada, no topo da qual milênios de marés tinham formado uma plataforma lisa, e o jardim secreto, seu jardim, na ponta do labirinto. Que delícia ter um lugar só dela, um jardim inteiro para ficar. Às vezes Eliza gostava de ficar imóvel no banco de ferro e simplesmente ouvir as folhas agitadas pelo vento roçando nos muros, o oceano batendo na praia e os pássaros cantando suas histórias. Por vezes, se ela ficasse quietinha, quase podia ouvir as flores suspirando de gratidão para o sol.

Mas não hoje. O sol tinha desaparecido, o céu e o mar se misturavam em uma agitação cinzenta. A chuva continuava a cair e Eliza suspirou. Não valia a pena tentar ir até o jardim e atravessar o labirinto, a menos que quisesse encharcar a si mesma e seu caderno novo. Se ao menos ela encontrasse uma árvore oca para se abrigar! Uma ideia para uma história começou a se formar na imaginação de Eliza; ela a agarrou, não a deixou ir embora, prendeu-a até ela formar braços, pernas e um enredo claro.

Tirou de dentro do vestido o lápis que sempre trazia enfiado no corpete. Apoiou o caderno no joelho e começou a escrever.

O vento soprava com mais força ali, no reino dos pássaros, e a chuva começou a entrar no seu abrigo, manchando as páginas do caderno. Eliza se virou de frente para a porta, mas ainda assim a chuva a encontrou.

Isso não era nada bom! Onde ia escrever quando a temporada de chuvas se instalasse? A enseada e o jardim não seriam um abrigo seguro. Havia a casa do tio, é claro, com suas centenas de cômodos, mas Eliza tinha dificuldade em escrever com alguém por perto. Sempre que pensava que estava sozinha, descobria uma criada ajoelhada perto da lareira, espalhando carvão. Ou o tio, sentado em silêncio em um canto escuro.

Uma pancada de chuva caiu aos pés de Eliza, inundando o pórtico. Ela fechou o caderno e bateu impacientemente com o pé no chão de pedra. Precisava de um abrigo melhor. Eliza olhou para a porta vermelha atrás dela. Como não tinha notado isso antes? Uma chave saía da fechadura. Sem nenhuma hesitação, Eliza virou-a para a esquerda. O mecanismo funcionou. Ela pôs a mão na maçaneta, lisa e inesperadamente quente, e girou-a. Um clique soou e a porta se abriu, como num passe de mágica.

Eliza atravessou a soleira e entrou naquele útero escuro e seco.



Debaixo do guarda-chuva preto, Linus esperava. Não tinha visto Eliza o dia inteiro e estava agitado. Mas sabia que ela viria, Davies dissera que ela iria visitar o jardim e só havia uma maneira de voltar de lá. Linus fechou os olhos e recordou o tempo em que Georgiana ia todos os dias até ali. Ela o convidara diversas vezes para acompanhá-la, para ver o que ela tinha plantado, mas Linus sempre recusava o convite. Ainda assim, esperava por ela, ficava de prontidão até sua *poupée* aparecer no meio dos arbustos. Às vezes recordava o dia em que ficara preso no labirinto, tantos anos antes. Era uma sensação estranha, uma mistura de vergonha e alegria pelo retorno da irmã.

Ele abriu os olhos e prendeu a respiração. Pensou, a princípio, que estava sendo vítima de uma fantasia, mas não: era Eliza chegando, pensativa. Ela ainda não o vira. Os lábios dele estavam secos.

– Criança – chamou ele.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

– Tio – respondeu, sorrindo. Estava com os braços caídos ao longo do corpo; em uma das mãos, havia um embrulho marrom. – Que chuva inesperada!

A saia estava molhada, a beirada transparente colada em suas pernas. Linus não conseguiu desviar os olhos.

– Eu... Eu fiquei com medo de que você fosse surpreendida pelo temporal.

– E quase fui mesmo. Mas me abriguei no chalé, no pequeno chalé do outro lado do labirinto.

Cabelo molhado, saia molhada, tornozelos molhados. Linus engoliu em seco, apoiou a bengala na terra úmida e se levantou.

– O chalé é usado por alguém, tio? – Eliza se aproximou. – Ele pareceu deserto.

O cheiro dela – chuva, sal, terra. Ele se apoiou na bengala e quase caiu. Ela estendeu a mão para ampará-lo.

– O jardim, criança, conte-me sobre o jardim.

– Ah, tio, como ele está crescendo! O senhor precisa vir um dia e sentar-se no meio das flores. Para ver pessoalmente o que plantei.

As mãos dela em seu braço eram quentes e firmes. Ele daria todos os anos que lhe restavam de vida para deter o tempo e permanecer para sempre naquele momento, ele e sua Georgiana...

– Lorde Mountrachet! – Thomas se aproximou, preocupado. – Meu senhor, o senhor devia ter dito que precisava de ajuda.

E então Eliza não o estava mais segurando, Thomas tomara o lugar dela. Linus a viu subir a escada e entrar no hall, parando um momento para recolher a correspondência, antes de ser engolida pela casa.

SRTA. ROSE MOUNTRACHET
CUNARD LINER, *LUSITANIA*

7 de novembro de 1907
Srta. Eliza Mountrachet
Mansão Blackhurst,
Cornualha, Inglaterra

Querida Eliza,

Quanto tempo! Tanta coisa aconteceu desde que nos vimos pela última vez que nem sei por onde começar. Primeiro, tenho que me desculpar pela falta de cartas nas últimas semanas. Nosso último mês em Nova York foi uma loucura e, quando me sentei para escrever para você, na saída do grande porto americano, fomos vítimas de uma tempestade tão violenta que parecia que eu estava de novo na Cornualha. Muitos trovões e uma forte ventania! Fiquei presa na cabine por dois dias e a pobre mamãe ficou verde. Ela precisou de cuidados constantes – que mudança: mamãe doente e a frágil Rose cuidando dela!

Depois que a tempestade passou, o nevoeiro permaneceu por vários dias, pairando ao redor do navio como se fosse um monstro marinho. Ele me fez lembrar você, querida Eliza, e as histórias que você costumava inventar quando éramos meninas, sobre as sereias e os navios perdidos no mar.

O céu clareou agora que estamos nos aproximando da Inglaterra.

Espere, por que estou fazendo este relatório do clima quando tenho algo para lhe contar? Eu sei por quê: estou evitando o assunto porque não sei como começar...

Você deve lembrar, Eliza querida, que falei na minha última carta que mamãe e eu tínhamos conhecido pessoas importantes? Uma delas, lady Dudmore, era mesmo uma pessoa de certa influência; e mais: parece que ela gostou de mim, porque mamãe e eu recebemos várias cartas de apresentação e, assim, fomos introduzidas na melhor sociedade de Nova York. Parecíamos duas borboletas, esvoaçando de festa em festa.

Mas continuo fugindo do assunto, porque você não precisa ouvir sobre cada soirée, cada partida de bridge! Eliza querida, sem mais delongas, vou prender a respiração e escrever de uma vez: eu estou noiva! Vou me casar, e, minha querida Eliza, estou tão feliz que mal ousa mencionar o assunto com medo de não conseguir dizer nada, exceto que estou amando. E isso eu não vou fazer – não aqui. Eu me recuso a minimizar este sentimento maravilhoso, tentando capturá-lo em palavras. Vou esperar até nos reencontrarmos para lhe contar tudo

pessoalmente. Basta dizer, prima, que estou flutuando em uma nuvem de felicidade.

Nunca me senti tão bem, e devo isso a você, minha querida Eliza – daí da Cornualha, você agitou sua varinha mágica e me concedeu meu desejo mais caro! Pois meu noivo (que emoção escrever estas duas palavras, “meu noivo”!) talvez não seja como você imagina. Embora maravilhoso – bonito, inteligente e bom –, ele é um homem sem posses! (E agora você vai começar a perceber por que eu desconfio de que você tenha o dom da profecia.) Ele é exatamente o par que você inventou para mim em “A criança trocada”! Como você soube, minha querida, que eu me apaixonaria por ele?

A pobre mamãe está em estado de choque (embora tenha melhorado um pouco agora). Ficou quase sem falar comigo alguns dias depois que eu lhe comuniquei meu noivado. Ela, é claro, queria que eu arranjasse um bom partido e não vê que não ligo para dinheiro ou títulos. Esses são os desejos dela para mim e, embora confesse que um dia eu já os compartilhei com ela, agora não os tenho mais. Como poderia, quando meu príncipe apareceu e abriu a porta da minha gaiola de ouro?

Estou louca para tornar a vê-la, Eliza, e para dividir com você minha felicidade. Senti muitas saudades suas e mal posso pensar que, quando chegar à Inglaterra, ainda terei que esperar uma semana até encontrá-la. Vou mandar esta carta assim que atracarmos em Liverpool: eu gostaria de a estar levando para Blackhurst em vez de ter que suportar a companhia desagradável da família de mamãe!

Com todo o amor de sua prima,

Rose



Se fosse honesta, Adeline se culparia. Não tinha estado presente, ao lado de Rose, em todos os eventos durante a visita delas a Nova York? Não a acompanhara ao baile promovido pelos Irvings em sua imponente casa na Quinta Avenida? Pior ainda, não fizera um sinal positivo para Rose quando o belo rapaz

de cabelos escuros e lábios grossos se aproximou dela para convidá-la para dançar?

– Sua filha é uma beleza – dissera a Sra. Frank Hastings, inclinando-se para cochichar no ouvido de Adeline quando o belo casal foi para a pista de dança. – É a moça mais bonita da festa.

Adeline tinha se agitado na cadeira – sim, cheia de orgulho. (Foi este o momento em que errou? Deus tinha percebido seu excesso de confiança?)

– Beleza que se compara à pureza do seu coração.

– E Nathaniel Walker é um homem muito bonito.

Nathaniel Walker. Era a primeira vez que ouvia aquele nome.

– Walker – disse, pensativa.

O nome tinha certa solidez, ela não ouvira falar em uma família chamada Walker que fizera fortuna com petróleo? Dinheiro novo, não herdado, mas os tempos estavam mudando, não era mais vergonha.

– Quem são os pais dele?

Será que Adeline imaginou o ar de ironia que animou por alguns instantes as feições calmas da Sra. Hastings?

– Ah, ninguém importante. – Ela ergueu a sobrancelha. – Ele é um artista, você sabe, com o qual, estranhamente, um dos rapazes Irving fez amizade.

O sorriso de Adeline ficou congelado nos lábios. Nem tudo estava perdido, afinal de contas, a pintura era um hobby muito nobre.

– Dizem – continuou a Sra. Hastings, dando o golpe final – que o rapaz dos Irvings o conheceu na rua! Filho de imigrantes e, ainda por cima, poloneses. Ele pode chamar a si mesmo de Walker, mas duvido que este seja o nome que consta nos seus documentos de imigração. Ouvi dizer que ele faz desenhos para viver!

– Retratos a óleo?

– Não, nada tão imponente. Desenhos a carvão, pelo que entendi. – Ela disfarçou a satisfação com uma careta. – Um avanço e tanto! Afinal, os pais são católicos, o pai trabalhava como estivador.

Adeline teve vontade de gritar enquanto a Sra. Hastings se recostava na cadeira, com um sorriso falso.

– Mas não há mal algum em uma moça dançar com um belo rapaz, não é?

Adeline esboçou um sorriso sereno para disfarçar seu pânico.

– De fato, não há mal nisso.

Como podia acreditar na inocência daquela cena, quando sua mente já recuperava a imagem de uma jovem no topo de um penhasco na Cornualha, com os olhos e o coração abertos, contemplando um belo homem que parecia tão promissor? Ah, era muito perigoso para uma jovem sentir-se envaidecida com as atenções de um belo homem.

A semana passou, e não havia mais nada a dizer a respeito. Noite após noite, Adeline exibiu Rose diante de uma plateia de rapazes de boa família. Esperou e torceu por um brilho de interesse no rosto da filha. Apenas se decepcionou. Rose só tinha olhos para Nathaniel, e ele, ao que parecia, para ela. Como alguém que fosse vítima de uma perigosa histeria, Rose estava enfeitiçada e inalcançável. Adeline teve que resistir ao impulso de dar um tapa no rosto da filha, rosto que brilhava mais do que seria apropriado para uma jovem delicada.

Adeline também estava enfeitiçada pelo rosto de Nathaniel Walker. Em cada festa, jantar ou leitura a que fossem, examinava a sala, procurando por ele. O medo criara uma imagem em sua mente e todos os outros rostos ficavam borrados, só o dele era nítido. Começou a vê-lo, mesmo quando o rapaz não se encontrava. Ela sonhava com docas, barcos e famílias pobres. Às vezes o sonho acontecia em Yorkshire, e seus pais representavam o papel da família de Nathaniel. Ah, seu pobre cérebro! Quem imaginaria que fosse passar por isso?

Então, uma noite, o pior finalmente aconteceu. Elas tinham ido a um baile e, na volta, na carruagem, Rose estava estranhamente calada. Aquele silêncio era do tipo que anuncia uma firmeza de vontade, uma clareza de visão, como quando alguém que tem um segredo o mantém oculto por um tempo antes de libertá-lo.

O momento terrível chegou quando Rose estava se vestindo para dormir.

– Mamãe – disse ela, enquanto escovava o cabelo –, quero lhe contar algo. – Então as palavras, as terríveis palavras: – Afeição... destino... para sempre...

– Você é jovem – rebateu Adeline depressa, interrompendo Rose. – É compreensível que confunda amizade com outro tipo de afeição.

– Não é só amizade que sinto, mamãe.

Adeline sentiu um calor repentino.

– Isso seria um desastre. Ele não traz nada...

– Ele traz a si mesmo, e é tudo de que eu preciso.

A insistência dela, sua irritante confiança.

– Isso mostra sua ingenuidade, Rose, sua juventude.

– Não sou assim tão jovem para saber o que quero, mamãe. Já tenho 18 anos. Você não me trouxe a Nova York para eu encontrar meu destino?

– Este homem não é seu destino – disse, com um fio de voz.

– Como a senhora sabe?

– Eu sou sua mãe. – O argumento soou fraco. – Você é linda e pertence a uma família importante, como pode se contentar com tão pouco?

Rose suspirou, de um jeito que deu a entender que a conversa estava encerrada.

– Eu o amo, mamãe.

Adeline fechou os olhos. Jovens! Que chance tinham os argumentos mais racionais contra o poder arrogante daquelas três palavras? Como sua filha, seu tesouro mais precioso, podia pronunciá-las com tanta facilidade, e a respeito de alguém como ele!

– E ele me ama, mamãe, ele falou.

Adeline sentiu o coração contrair-se de medo. Pobre menina, cega com ideias tolas sobre o amor. Como lhe dizer que os corações dos homens não eram facilmente conquistados? E, quando o eram, raramente eram mantidos?

– A senhora vai ver – disse Rose. – Vou ser feliz para sempre, como na história de Eliza. Ela escreveu isto, sabe, quase como se soubesse o que ia acontecer.

Eliza! Adeline ferveu de ódio. Até aqui, tão longe, a moça continuava a ser uma ameaça. Sua influência se estendia através dos oceanos, suas palavras insidiosas sabotavam o futuro de Rose, levando-a a cometer o maior erro de sua vida.

Adeline cerrou os lábios. Não tinha administrado a recuperação de Rose de tantas doenças só para vê-la desperdiçar a vida em um casamento equivocado.

– Você precisa romper com ele. Ele vai entender. Ele devia saber que jamais obteria consentimento para isso.

– Já estamos noivos, mamãe. Ele me pediu em casamento e eu aceitei.

– Desmanche esse noivado.

– Não.

Adeline se sentiu sem saída.

– Você será banida da sociedade, mal recebida na casa do seu pai.

– Então vou ficar aqui, onde sou bem recebida. Na casa de Nathaniel.

Como as coisas tinham chegado a esse ponto? Sua Rose, dizendo essas coisas. Ela devia saber que aquilo tudo iria partir o coração de sua mãe. A cabeça de Adeline começou a latejar, precisava se deitar.

– Sinto muito, mamãe – disse Rose calmamente –, mas não vou mudar de ideia. Não posso. Não me peça isso.

Elas ficaram vários dias sem se falar, exceto, é claro, banalidades. Rose pensou que Adeline estava de mau humor, mas não era isso. Ela estava refletindo. Adeline sempre fora capaz de substituir a paixão pela lógica.

A equação em pauta era impossível, então algum fator precisava ser mudado. Se não ia ser a decisão de Rose, então seria o próprio noivo. Ele devia se tornar um homem merecedor da mão da filha, o tipo de homem de quem as pessoas falavam com admiração e, sim, com inveja. E Adeline tinha a impressão de saber exatamente como esta mudança poderia ser efetuada.

No coração de todo homem há um buraco. Um abismo negro, uma carência que precisa ser preenchida. Adeline suspeitava de que o buraco de Nathaniel Walker era o orgulho, o orgulho do tipo mais perigoso, o de um homem pobre. Um desejo de se afirmar, de ascender socialmente e de se tornar melhor do que o pai. Mesmo sem a biografia tão maliciosamente fornecida pela Sra. Hastings, quanto mais Adeline observava Nathaniel Walker, mais convencida ficava de que estava certa. Podia perceber no modo como ele andava, no brilho cuidadoso dos seus sapatos, no entusiasmo do seu sorriso, no som da sua risada. Eram traços de um homem que tinha vindo de baixo e avistado o mundo cintilante distante do dele. Um homem cujo refinamento disfarçava a pobreza.

Adeline conhecia bem a fraqueza dele, porque era a mesma que a dela. Também sabia o que devia fazer: precisava garantir que ele tivesse todas as oportunidades; precisava ser sua maior mecenas, promover a arte dele na sociedade, garantir que se tornasse o grande pintor de retratos da elite. Com a ajuda dela, e a beleza e o charme dele, sem falar de uma esposa como Rose, ele não deixaria de impressionar.

E Adeline nunca deixaria que ele esquecesse quem tinha sido responsável pelo seu sucesso.



Eliza pôs a carta ao lado, na cama. Rose estava noiva, ia se casar. A notícia não a deveria ter surpreendido. Rose falara muitas vezes de suas esperanças para o futuro, do seu desejo de se casar e ter filhos, uma casa imponente e uma carruagem só dela. Entretanto, Eliza sentiu uma sensação estranha.

Abriu o caderno novo e passou os dedos de leve pela primeira página, manchada de chuva. Desenhou uma linha com o lápis, observou distraidamente a linha escurecer e clarear de acordo com o estado do papel – seco ou molhado. Começou a elaborar uma história, escreveu e riscou várias vezes até largar o caderno.

Finalmente, Eliza se recostou no travesseiro. Não havia como negar, tinha uma sensação estranha: um nó no estômago. Talvez estivesse doente, pensou. Talvez por conta da chuva... Mary sempre dizia que ela não deveria ficar tanto tempo do lado de fora.

Eliza virou a cabeça e contemplou a parede, o vazio. Rose, sua prima, sua amiga, sua cúmplice, ia se casar. Com quem Eliza iria dividir o jardim secreto? Suas histórias? Sua vida? Como era possível que um futuro tão nitidamente imaginado – anos a fio, cheios de viagens, aventuras e livros – podia de repente se transformar em uma quimera?

Ela desviou o olhar até pousá-lo no vidro frio do espelho. Não costumava se olhar no espelho e, desde a última vez que fizera isso, algo tinha desaparecido. Eliza se aproximou. Avaliou-se.

E então compreendeu. Ela viu o que tinha perdido. Este reflexo pertencia a uma adulta, não havia lugar em suas feições para Sammy se esconder. Ele tinha desaparecido.

E agora Rose também ia embora. Quem era esse homem que roubara sua amiga mais querida num piscar de olhos?

Eliza não se sentiria tão mal se tivesse engolido um dos enfeites de Natal feitos por Mary, uma das laranjas espetada de cravos.

Inveja, era isso que ela estava sentindo. Ela invejava o homem que tinha curado Rose, que fizera com tanta facilidade o que Eliza tentava fazer, que havia se apoderado tão completamente da afeição da prima. *Inveja*. Eliza pronunciou a palavra dura e sentiu seus espinhos venenosos espetando sua língua.

Ela se afastou do espelho e fechou os olhos, tentando esquecer a carta e a notícia terrível que trouxera. Não queria sentir inveja, não queria abrigar aquele

sentimento doloroso. Afinal, sabia, pelos contos de fadas, qual era o destino das irmãs malvadas dominadas pela inveja.

Hotel Blackhurst, 2005

O apartamento de Julia ficava no último andar da casa, e seu acesso era por meio de uma escada incrivelmente estreita no fundo do corredor do segundo andar. Quando Cassandra saiu do quarto, o sol já se punha no horizonte e o hall estava escuro. Ela bateu e esperou, segurando com força a garrafa de vinho que, de última hora, resolvera comprar ao passar pela vila a caminho de casa com Christian.

A porta se abriu e Julia apareceu, usando um quimono de um forte tom de rosa.

– Entre, entre – disse ela, fazendo sinal para Cassandra segui-la. – Estou só melhorando nosso jantar. Espero que você goste de comida italiana.

– Adoro – respondeu Cassandra, seguindo-a.

O que antes tinha sido um corredor de quatinhos que abrigavam um exército de criadas foi transformado em um amplo loft. Janelas envidraçadas cobriam as paredes dos dois lados e deviam oferecer uma vista incrível da propriedade durante o dia.

Cassandra parou na porta da cozinha. Todas as superfícies estavam cobertas de vasilhas e potes, latas de tomate com as tampas penduradas, manchas de azeite e suco de limão e outros ingredientes misteriosos. Na falta de um lugar para pôr o presente, ela o entregou na mão de Julia.

– Você é mesmo um amor?

Julia sacou a rolha, depois pegou uma taça e despejou o vinho de uma altura teatral. Lambeu uma gota do dedo.

– Não costumo beber nada a não ser gim – disse, piscando. – Ele mantém você jovem; é puro. – Ela entregou a taça com o líquido vermelho e pecaminoso

para Cassandra e saiu da cozinha. – Agora venha se sentar.

Ela indicou uma poltrona no meio da sala e Cassandra acomodou-se. Diante dela, havia um baú de madeira que funcionava como uma mesa de centro e, no meio dele, havia uma pilha de álbuns de recortes, com capas de couro marrom desbotado.

Cassandra sentiu um arrepio de empolgação e seus dedos formigaram de desejo.

– Dê uma olhada neles enquanto eu dou os últimos toques no nosso jantar.

Ela não precisou falar duas vezes. Cassandra pegou o álbum que estava no alto da pilha e passou a palma da mão de leve sobre sua superfície. O couro tinha perdido a aspereza e estava liso e macio como veludo.

Cheia de expectativa, abriu o álbum e leu, escrito em uma caligrafia bonita e clara: *Rose Elizabeth Mountrachet Walker, 1909*. Passou a ponta do dedo sobre as palavras e sentiu as marcas no papel. Imaginou a pena com que tinham sido escritas. Cuidadosamente, virou as páginas até chegar à primeira entrada.



Um novo ano. E um ano em que ocorrerão acontecimentos extraordinários. Mal consegui me concentrar depois que o Dr. Matthews veio e me deu o veredito. Confesso, as tonteiras que venho tendo haviam me deixado muito preocupada, e não só a mim. Bastava olhar para mamãe para ver a ansiedade estampada em seu rosto. Enquanto o Dr. Matthews me examinava, eu fiquei imóvel, com os olhos fixos no teto, afastando o temor de minha mente, com o pensamento voltado para os momentos mais felizes de minha vida até aqui. O dia do meu casamento, é claro; minha viagem a Nova York; o verão depois da chegada de Eliza a Blackhurst... Como essas lembranças parecem alegres quando a vida que elas marcam está ameaçada!

Depois, quando mamãe e eu nos sentamos no sofá aguardando o diagnóstico do Dr. Matthews, ela segurou minha mão. A mão dela estava fria. Eu a fitei, mas ela evitou meus olhos. Foi quando eu me preocupei de verdade. Durante todo o período de enfermidades que tive na infância, mamãe sempre manteve o otimismo. Fiquei imaginando por que sua confiança a teria abandonado, o que

ela teria intuído para estar tão preocupada. Quando o Dr. Matthews pigarreou, apertei a mão de mamãe e esperei. O que ele disse foi mais surpreendente do que eu teria sonhado.

– Você está grávida. De dois meses, eu diria. Se Deus quiser, o bebê nascerá em agosto.

Ah, não há palavras que possam exprimir a alegria que essa palavra provocou em mim. Um bebê para amar. Um herdeiro para Nathaniel, um neto para mamãe, um afilhado para Eliza.

Os olhos de Cassandra arderam. Sentia uma forte emoção ao pensar que este bebê cuja concepção Rose comemorou era Nell, que este bebê tão desejado era a avó querida de Cassandra. Os sentimentos de Rose eram especialmente comoventes por terem sido escritos na ignorância do que estava por vir.

Ela folheou rapidamente o diário, passando por retalhos de renda e fita, breves notas sobre as visitas do médico, convites para diversos jantares e bailes no condado, até que finalmente, em dezembro de 1909, encontrou o que estava procurando.

Ela chegou – registro isto um pouco mais tarde do que esperava. Os últimos meses têm sido mais difíceis do que havíamos previsto, e tenho muito pouco tempo e pouca energia para escrever, mas tudo isso valeu a pena. Depois de tantos meses de expectativa, longos períodos de doença, preocupação e confinamento, seguro em meus braços minha linda filha. O restante não conta. Ela é perfeita. Tem a pele clara e macia, os lábios carnudos e rosados. Seus olhos são de um azul intenso, mas o médico diz que é sempre assim e que eles podem escurecer com o tempo. Secretamente, espero que ele esteja errado. Desejo para ela o colorido dos Mountrachets, como de papai e Eliza: olhos azuis e cabelos ruivos. Decidimos dar a ela o nome de Ivory, que significa “mármore”. É a cor da sua pele e, como o tempo sem dúvida irá provar, da sua alma.

– Pronto. – Julia trouxe duas tigelas fumegantes de massa e um enorme recipiente de pimenta enfiado debaixo do braço. – Ravióli com nozes e

gorgonzola. – Ela entregou uma para Cassandra. – Cuidado, o prato está um pouco quente.

Cassandra pegou a tigela e largou o álbum.

– O cheiro está delicioso.

– Se eu não tivesse me tornado escritora, depois decoradora, e então hoteleira, teria sido chef. Saúde. – Julia ergueu o copo de gim, tomou um gole e então suspirou. – Às vezes tenho a impressão de que minha vida é feita de uma série de incidentes e acasos, não que eu esteja me queixando. É possível ser muito feliz abrindo mão de toda espécie de controle. – Ela espetou um ravióli. – Mas chega de falar a meu respeito. Como andam as coisas no chalé?

– Muito bem – disse Cassandra. – Só que, quanto mais eu faço, mais tenho que fazer. O jardim está abandonado e a casa, uma bagunça. Nem sei ao certo se ela está com a estrutura em bom estado. Acho que vou ter que chamar um construtor para examiná-la, mas ainda não tive oportunidade, tem tanta coisa me ocupando ao mesmo tempo, é muito...

– Exaustivo?

– Sim, é exaustivo, sem dúvida, só que mais do que isso. É... – Cassandra fez uma pausa, procurando pela palavra certa, surpreendendo-se ao encontrá-la – ... empolgante! Encontrei uma coisa no chalé, Julia.

– Encontrou uma coisa? – Ela ergueu as sobrancelhas. – Um tesouro escondido ou algo assim?

– Se você considerar um tesouro algo verde e fértil... – Cassandra mordeu o lábio inferior. – É um jardim secreto, um jardim murado nos fundos do chalé. Acho que ninguém entrou ali durante várias décadas, e não é de espantar, o muro é muito alto e está inteiramente coberto por trepadeiras cheias de espinhos. Você não adivinharia que ali existe um muro.

– Como você o encontrou?

– Por acaso.

Julia balançou a cabeça.

– Não existe isso de acaso.

– Eu juro que não sabia da existência dele.

– Não estou sugerindo que soubesse. Só estou dizendo que, talvez, o jardim só estivesse se escondendo das pessoas que ele não queria ver.

– Bem, estou feliz por ele ter aparecido para mim. O jardim é incrível. Está cheio de mato, mas, por baixo, várias plantas sobreviveram. Há caminhos, bancos, comedouros de pássaros.

– Como a Bela Adormecida antes de o encantamento ser quebrado.

– Mas a questão é essa: ele não estava adormecido. As árvores continuaram a crescer, a dar frutos, embora não houvesse ninguém para aproveitar. Você devia ver a macieira, ela parece ter cem anos.

– Ela tem – disse Julia de repente, sentando-se na ponta da cadeira e largando o prato. – Ou quase isso. – Ela folheou os álbuns, passando o dedo ao longo das páginas, procurando algo. – Arrá! – disse, apontando para uma anotação. – Aqui está. Logo depois do 18º aniversário de Rose, antes de ela ir para Nova York e conhecer Nathaniel. – Julia pôs seus óculos turquesa de madrepérola e começou a ler:

Vinte e um de maio de 1907. Que dia foi este! E pensar que, quando começou, ia passar mais um dia interminável dentro de casa. (Depois que o Dr. Matthews mencionou alguns casos de resfriado na aldeia, mamãe ficou apavorada, temendo que eu adoecesse e pusesse em risco o fim de semana no campo que vamos passar no mês que vem.) Eliza, como sempre, tinha outras ideias. Assim que mamãe saiu de carruagem para almoçar na casa de lady Phillimore, Eliza apareceu à minha porta, com o rosto brilhando (como eu invejo o tempo que ela passa ao ar livre!), e insistiu para eu largar meu álbum de recortes (pois eu estava trabalhando em você, meu querido diário!) e ir com ela até o labirinto: ela precisava me mostrar algo.

Meu primeiro instinto foi recusar – temia que uma das criadas contasse à mamãe, e eu não gosto de brigas, principalmente quando está em jogo uma viagem a Nova York –, mas então percebi que Eliza estava com aquele “olhar”, aquele de quando planeja algo e não hesita diante de nada, o “olhar” que já me deixou encrencada inúmeras vezes nos últimos sete anos.

Minha prima estava tão agitada que era impossível não ser contagiada pelo seu entusiasmo. Às vezes acho que ela tem energia suficiente para nós duas, o que é muito bom, porque eu estou quase sempre desanimada. Quando me dei conta, já estava indo com ela, de braços dados, rindo. Davies esperava por nós no portão do labirinto, carregando um enorme vaso de plantas – Eliza ficou o

tempo todo correndo até ele para se oferecer para ajudar (o que ele recusou todas as vezes) e voltando, me dando a mão e me puxando. Nós continuamos assim pelo labirinto (com o qual Eliza parece extremamente familiarizada), atravessando a área central, passando pela alça de ferro que ela diz que leva a uma passagem subterrânea, até chegar finalmente a uma porta de metal com um grande ferrolho. Com um floreio, Eliza tirou uma chave do bolso da saia e, antes que eu tivesse tempo de perguntar onde ela tinha encontrado aquilo, ela a enfiou na fechadura e abriu a porta.

Lá dentro, havia um jardim. Igual e ao mesmo tempo diferente dos outros jardins da propriedade. Para começar, é completamente murado. Altos muros de pedra de todos os lados, interrompidos apenas por duas portas de metal, uma em frente à outra.

– Então existe outra porta – disse Cassandra. – Eu não consegui encontrá-la. Julia olhou por cima dos óculos.

– Foram feitas reformas por volta de 1912, 1913... O muro de tijolos da frente foi uma das modificações, talvez eles tenham removido a porta nessa época. Mas espere. Escute só isso.

O jardim estava limpo e tinha poucas plantas. Parecia terra arada, esperando para ser semeada depois do inverno. No meio dele, havia um banco de metal ao lado de uma bacia de pedra para passarinhos e, no chão, diversos caixotes de madeira cheios de mudas de plantas.

Eliza correu para dentro, parecendo uma colegial.

– Que lugar é este? – perguntei, espantada.

– É um jardim, eu estou cuidando dele. Você devia ter visto o mato que tinha aqui. Temos estado bem ocupados, não é, Davies?

– Com certeza, Srta. Eliza – respondeu ele, colocando o vaso de plantas perto do muro.

– Ele vai ser nosso, Rose, seu e meu. Um lugar secreto onde podemos ficar juntas, só nós duas, exatamente como imaginamos quando éramos menores. Quatro paredes, portas fechadas, nosso paraíso particular. Mesmo quando você estiver adoentada, vai poder vir para cá, Rose. Os muros o protegem do vento

do mar, e você vai poder ouvir os passarinhos, sentir o perfume das flores, sentir o sol no seu rosto.

O entusiasmo dela, a intensidade do seu sentimento, era tal que eu não pude deixar de desejar um jardim como aquele. Contemplei os canteiros bem tratados, as flores que começavam a desabrochar, e consegui imaginar o paraíso que ela descrevia.

– Ouvi falar, quando era bem pequena, de um jardim murado escondido na propriedade, mas achei que devia ser invenção.

– Não é – afirmou Eliza, com os olhos brilhando. – Era tudo verdade, e agora nós o estamos revivendo.

Eles tinham mesmo trabalhado muito. Se o jardim passara tanto tempo abandonado, desde... Franzi a testa, estava começando a me lembrar da história que ouvira quando pequena. Então compreendia tudo: soube exatamente de quem tinha sido aquele jardim.

– Ah, Liza – falei depressa. – Você tem que tomar cuidado, muito cuidado. Precisamos ir embora daqui e nunca mais voltar. Se papai descobrir...

– Ele já sabe.

Olhei espantada para ela.

– Como assim?

– Foi o tio Linus quem disse a Davies que eu podia ficar com o jardim. Ele mandou Davies limpar o trecho final do labirinto e lhe disse que nós faríamos o jardim reviver.

– Mas papai proibiu todo mundo de entrar no jardim murado.

Eliza deu de ombros, aquele gesto que ela tem o hábito de fazer e que mamãe detesta tanto.

– Ele deve ter mudado de ideia.

Mudado de ideia. Aquilo não se parecia em nada com a imagem do meu pai. Aquele homem não tinha coração. A única vez em que eu o vi agir como se tivesse foi quando me escondi embaixo de sua escrivaninha e o vi chorar de saudade da irmã, sua poupée. De repente, eu entendi e senti um peso no estômago.

– É porque você é filha dela.

Eliza não ouviu. Arrastava o vaso na direção de um buraco perto do muro.

– *Esta é nossa primeira árvore nova. Vamos cumprir um ritual. Por isso é tão importante que você esteja aqui hoje. Esta árvore vai continuar a crescer, não importa para onde a vida nos leve, e ela vai se lembrar sempre de nós: Rose e Eliza.*

Davies estava do meu lado, segurando uma pequena pá.

– *A Srta. Eliza deseja que a senhorita seja a primeira a jogar terra nas raízes da árvore, Srta. Rose.*

A Srta. Eliza deseja. Quem sou eu para discutir com uma força daquelas?

– *Que árvore é essa? – perguntei.*

– *Uma macieira.*

– *Eu devia ter adivinhado. Eliza sempre gostou de simbolismos e as maçãs, afinal, foram o primeiro fruto.*

Julia ergueu o olhar do álbum e uma lágrima escorreu dos seus olhos. Ela fungou e sorriu.

– Eu adoro a Rose. Você não consegue sentir a presença dela aqui conosco?

Cassandra sorriu de volta. Tinha comido uma maçã de uma árvore que sua bisavó havia ajudado a plantar, quase cem anos antes. Enrubescou ligeiramente, quando a lembrança da maçã evocou o sonho estranho que tivera. A semana inteira, enquanto trabalhava ao lado de Christian, tinha conseguido bloqueá-lo. Achava que estava livre dele.

– E agora você está limpando o mesmo jardim. Que bela simetria. O que Rose diria se soubesse? – Julia tirou um lenço de papel de uma caixa ali perto e assoou o nariz. – Desculpe – disse ela, limpando o rímel sob cada um dos olhos. – É tão bonito... – Ela riu. – É uma pena que você não tenha um Davies para ajudá-la.

– Não é um Davies, mas tenho uma pessoa me ajudando, sim – disse Cassandra. – Ele esteve lá todas as tardes, esta semana. Conheci-o quando ele e o irmão, Michael, foram tirar uma árvore que caiu sobre o chalé. Acho que você os conhece. Robyn Jameson comentou que eles também cuidam do seu jardim.

– Os irmãos Blake. Eles cuidam mesmo do jardim, e eu gosto de vê-los trabalhar. Michael é bem bonito, não acha? E é encantador. Se eu ainda estivesse escrevendo, imaginaria Michael Blake quando descrevesse meu galã.

– E Christian?

Apesar de se esforçar para parecer indiferente, Cassandra sentiu o rosto enrubescer.

– Ah, ele seria, sem dúvida, o irmão mais jovem, mais inteligente, mais calado, que surpreende a todos salvando a situação e conquistando o coração da heroína.

Cassandra sorriu.

– Não vou nem perguntar quem eu seria.

– E eu sei muito bem quem eu seria – disse Julia, suspirando. – A beldade envelhecida que não tem nenhuma chance de conquistar o herói e que canaliza sua energia para ajudar a heroína a cumprir o seu destino.

– A vida seria muito mais fácil se fosse como um conto de fadas – disse Cassandra –, se as pessoas fossem personagens previsíveis.

– Ah, mas elas são, só que *pensam* que não são. Até a pessoa que insiste em dizer que essas coisas não existem é um clichê: um pedante que tenta afirmar que é uma pessoa única!

Cassandra tomou um gole de vinho.

– Você não acredita que possa existir originalidade?

– Nós somos todas pessoas únicas, mas nunca da forma como imaginamos. – Julia sorriu, depois fez um gesto com a mão, fazendo tilintar suas pulseiras. – Ouça só o que eu estou dizendo. Eu sou uma extremista horrível. É claro que existem variações de caráter. Seu Christian Blake, por exemplo, não é um jardineiro profissional, você sabe. Ele trabalha em um hospital em Oxford. Quer dizer, trabalhou. Uma especialidade médica qualquer, eu esqueço o nome, eles são tão compridos e confusos, não são?

Cassandra ficou atenta.

– O que um médico está fazendo cortando árvores?

– O que um médico está fazendo cortando árvores? – repetiu Julia. – É exatamente isso que eu estou dizendo. Quando Michael me contou que o irmão ia começar a trabalhar com ele, não questionei, mas fiquei curiosa. O que faz um jovem trocar de profissão, assim, sem mais nem menos?

Cassandra balançou a cabeça.

– Ele mudou de ideia?

– Uma mudança e tanto, eu diria.

– Talvez tenha percebido que não gostava do que fazia.

– É possível, mas você não acha que ele teria percebido isso durante os intermináveis anos de estudo? – Julia sorriu enigmaticamente. – Penso que o motivo deve ser bem mais interessante do que isso, mas eu sou uma escritora e é difícil abandonar velhos hábitos. Acabo me deixando levar pela imaginação. – Ela apontou o dedo para Cassandra. – É isso, meu bem, que torna interessante um personagem: seus segredos.

Cassandra pensou em Nell e nos segredos que ela guardava. Como tinha conseguido descobrir quem era e não contar a ninguém?

– Gostaria que minha avó tivesse visto os álbuns de recortes antes de morrer. Eles teriam significado muito para ela, seria quase como escutar a voz da própria mãe.

– Tenho pensado na sua avó a semana inteira – disse Julia. – Desde que você me contou o que aconteceu, fico imaginando o que fez Eliza levá-la.

– E o que você pensou?

– Inveja – disse Julia. – Eu volto sempre a esta hipótese. É um motivo muito poderoso, e Deus sabe que havia muito o que invejar em Rose: sua beleza, seu marido talentoso, sua origem. Durante toda a infância delas, Eliza deve ter visto Rose como a menina que tinha tudo, especialmente o que *ela* não tinha. Pais ricos, uma bela casa, uma natureza bondosa que todos admiravam. Então, na idade adulta, ver Rose se casar tão depressa, e com um homem que devia ser um ótimo partido, depois engravidar, ter uma linda filha... Nossa! Até *eu* tenho inveja da Rose! Imagine o que isso significou para Eliza, que era, até certo ponto, uma estranha no ninho. – Ela esvaziou o copo e o pôs enfaticamente na mesa. – Não perdoo o que ela fez, de jeito nenhum, só estou dizendo que não me surpreende.

– É a explicação mais óbvia, não é?

– E geralmente a explicação mais óbvia é a correta. Está tudo aí nos álbuns; bem, está tudo aí se você souber o que está procurando. Depois que Rose descobriu que estava grávida, Eliza começou a se afastar. Há poucas referências a Eliza após o nascimento de Ivory. Rose deve ter ficado triste. Eliza era quase uma irmã e, de repente, em um momento tão especial, ela se afastou, fez as malas e foi embora de Blackhurst.

– Para onde? – perguntou Cassandra, surpresa.

– Viajou para o exterior, eu acho. – Julia franziu a testa. – Agora que você mencionou isso, não sei ao certo o que Rose diz a respeito – ela fez um gesto com a mão – e, na verdade, isso não vem ao caso. O fato é que ela partiu quando Rose estava grávida e só voltou depois do nascimento de Ivory. A amizade delas nunca mais foi a mesma.



Cassandra bocejou e ajeitou o travesseiro. Seus olhos estavam cansados, mas ela estava quase no fim de 1907 e não queria largar o álbum com poucas páginas faltando para o final. Além disso, quanto mais cedo os lesse, melhor: embora Julia tivesse tido a gentileza de lhe emprestar os álbuns, Cassandra sabia que ela não ia querer ficar sem eles por muito tempo. Felizmente, ao contrário de Nell, que tinha uma letra horrível, a caligrafia de Rose era firme e clara. Cassandra tomou um gole de seu chá, que já estava morno, e passou diversas páginas cheias de pedaços de tecido, fitas, tule de noiva e assinaturas floreadas: Sra. Rose Mountrachet Walker, Sra. Walker, Sra. Rose Walker. Ela sorriu – certas coisas não mudavam nunca – e chegou à última página.

Acabei de reler Tess dos D'Urbevilles. É um romance intrigante, do qual não posso dizer que tenha gostado. Há muita brutalidade na ficção de Hardy. É violenta demais para meu gosto: afinal de contas, sou filha da minha mãe. A conversão de Angel ao cristianismo, seu casamento com Liza-lu, a morte do pobre bebê Sorrow: esses acontecimentos me perturbam, todos eles. Por que o bebê foi privado de um enterro cristão? Os filhos não podem ser culpados pelos pecados dos seus pais, não é mesmo? Será que Hardy aprova a conversão de Angel ou ele é um cético? E como Angel pôde transferir sua afeição com tanta facilidade de Tess para a irmã dela?

Bem, essas questões intrigaram mentes mais capazes do que a minha, e meu objetivo ao reler a história trágica da pobre e infeliz Tess não foi a de fazer crítica literária. Confesso que consultei o Sr. Thomas Hardy na esperança de que ele pudesse oferecer algum insight do que eu devo esperar quando me casar com Nathaniel. Mais especialmente, do que é esperado de mim. Ah! Fico corada

só em pensar nisso! Nunca vou ter coragem de falar sobre elas. (Imagine a cara de mamãe!)

Infelizmente o Sr. Hardy não forneceu as respostas que eu estava buscando. Eu não lembrava direito, o desvirginamento de Tess não é contado em detalhes. Então é isso. A menos que eu encontre outra pessoa a quem recorrer (não o Sr. James, eu acho, nem o Sr. Dickens), vou ser obrigada a mergulhar de olhos vendados no abismo. Meu maior temor é que Nathaniel tenha que ver minha barriga. Espero que não. A vaidade é um grande pecado, mas infelizmente não consigo evitá-la. Minhas marcas são tão feias, e ele gosta tanto de minha pele clara.

Cassandra releu as últimas linhas. Que marcas eram essas a que Rose se referia? Marcas de nascença, talvez? Cicatrizes? Tinha lido algo mais nos álbuns que pudesse esclarecer aquela anotação? Por mais que tentasse, Cassandra não conseguia lembrar. Estava muito tarde e ela se sentia cansada, seus pensamentos pareciam tão fora de foco quanto sua visão.

Tornou a bocejar, esfregou os olhos e fechou o álbum. Provavelmente jamais saberia, e possivelmente não faria diferença. Cassandra passou os dedos mais uma vez pela capa desbotada, como Rose devia ter feito tantas vezes antes dela. Pôs o livro sobre a mesinha de cabeceira e apagou a luz. Fechou os olhos e mergulhou em um sonho familiar que mostrava uma grama alta, um campo sem fim e, de repente, inesperadamente, um chalé na beira de um penhasco dando para o mar.

Chalé da Sardinha, 1975

Nell esperou à porta, pensando se deveria bater de novo. Estava ali parada havia cinco minutos e começava a desconfiar de que William Martin não soubesse que ela ia jantar com ele, que o convite devia ter sido um plano de Robyn para acalmar os ânimos depois do último encontro deles. Robyn parecia o tipo de pessoa que detestava qualquer mal-entendido, fosse qual fosse sua causa ou consequência.

Ela tornou a bater. Manteve uma expressão de calma dignidade para que nenhum vizinho de William pensasse que aquela desconhecida iria bater na porta dele a noite toda.

Foi o próprio William quem finalmente abriu a porta, com um pano de prato no ombro, uma colher de pau na mão.

– Ouvi dizer que você comprou aquele chalé – disse ele.

– Boas notícias se espalham depressa.

Ele comprimiu os lábios, olhando para ela.

– Você é uma moça teimosa, logo percebi isso.

– Sou como Deus me fez, acho.

Ele balançou a cabeça, resmungando.

– Entre. Você vai morrer de frio aí fora.

Nell tirou a jaqueta impermeável e procurou um lugar para pendurá-la. Entrou na sala atrás de William. O ar estava pesado, úmido de vapor, o cheiro era ao mesmo tempo enjoativo e delicioso. Peixe, sal e algum outro tempero.

– Estou preparando uma panela de ensopado – disse William, desaparecendo na cozinha. – Não ouvi você bater por causa do chiado do fogo. – Um barulho de

panelas seguiu-se de um xingamento. – Robyn já vai chegar. – Outro ruído de panelas soou. – Ficou presa com aquele namorado dela.

Ele disse isso com certo desdém. Nell foi para a cozinha atrás dele e observou-o mexer o ensopado.

– O senhor não gosta do noivo de Robyn?

Ele pôs a concha na bancada, tampou a panela e pegou o cachimbo. Tirou um fiapo de fumo da beirada.

– Não há nada errado com o rapaz. A não ser o fato de ele não ser perfeito. – Com a mão nas costas curvadas, ele foi para a sala. – Você tem filhos? Netos? – perguntou, ao passar por Nell.

– Uma de cada.

– Então você entende o que estou dizendo.

Nell sorriu com amargura. Doze dias tinham se passado desde que ela saíra da Austrália; imaginou se Lesley teria notado sua ausência. Era improvável – mesmo assim, Nell pensou em mandar um cartão-postal. A menina ia gostar. Cassandra. Crianças gostavam dessas coisas, não é mesmo?

– Venha para cá – chamou William da sala. – Faça companhia a um velho.

Nell, dada a hábitos, escolheu a mesma cadeira de veludo onde tinha se sentado da outra vez.

Eles ficaram alguns instantes ali, em um silêncio cúmplice. O vento aumentara do lado de fora e as vidraças batiam de vez em quando, acentuando o silêncio lá dentro.

Nell apontou para o quadro sobre a lareira, um barco de pesca pintado com listras vermelhas e brancas e o nome impresso em preto.

– Ele é seu? O *Priskie Queen*?

– É, sim – respondeu William. – É o amor da minha vida, eu penso às vezes. Já passamos por muitas tempestades juntos.

– O senhor ainda o tem?

– Não, já faz alguns anos.

Outro silêncio. William deu um tapinha no bolso da camisa, depois tirou uma bolsinha de fumo e começou a encher o cachimbo.

– Meu pai foi controlador de porto – disse Nell. – Cresci no meio de navios. – Ela teve uma visão súbita de Hugh, parado no cais de Brisbane logo depois da

guerra, o sol atrás dele e sua silhueta em eclipse, suas longas pernas irlandesas e suas mãos grandes e fortes. – Isso está no sangue, não é?

– Com certeza!

As vidraças tornaram a chacoalhar e Nell suspirou. Era agora ou nunca: era preciso desanuviar o clima, e Nell teria que fazê-lo.

– William – disse ela, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos nos joelhos –, a respeito da outra noite, do que eu disse. Eu não tive a intenção de...

Ele levantou a mão, ligeiramente trêmula.

– Não faz mal.

– Mas eu não devia...

– Não foi nada.

Ele enfiou o cachimbo entre os dentes escurecidos e encerrou o assunto. Riscou um fósforo.

Nell tornou a se encostar na cadeira: se era assim que ele queria, tudo bem, mas, desta vez, ela estava determinada a não sair dali sem outra peça do quebra-cabeças.

– Robyn disse que o senhor queria me dizer algo.

O cheiro doce do tabaco fresco espalhou-se quando William trouxe algumas vezes e depois soltou uma baforada de fumaça. Ele assentiu.

– Eu devia ter dito na outra noite, mas... – ele olhava para um ponto além dela e Nell teve vontade de se virar para ver o que era – ... você me pegou de surpresa. Já fazia muito tempo que eu não ouvia o nome dela.

Eliza Makepeace. O nome não pronunciado tremulou suas asas prateadas no espaço entre eles.

– Faz mais de sessenta anos desde a última vez que a vi, mas posso vê-la neste instante, descendo a estrada do chalé, caminhando na direção da aldeia, com o cabelo solto descendo pelas costas. – Ele tinha fechado os olhos ao falar, então tornou a abri-los e fitou Nell. – Acho que isso não significa muito para você, mas naquela época... Bem, não era comum que uma pessoa da mansão se misturasse aos aldeões. Mas Eliza – pigarreou, repetiu o nome –, Eliza se comportava como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. Ela não era como o restante deles.

– O senhor a conheceu?

– Eu a conheci bem, tão bem quanto alguém poderia conhecê-la. Eu a conheci quando ela tinha 18 anos. Minha irmã caçula, Mary, trabalhava na casa e trouxe Eliza em uma de suas tardes de folga.

Nell tentou disfarçar a empolgação. Finalmente estava falando com alguém que havia conhecido Eliza. Melhor ainda, a descrição dele confirmava a sensação ilícita que rondava seus remendos de lembranças.

– Como ela era, William?

Ele comprimiu os lábios e coçou o queixo: o ruído áspero pegou Nell de surpresa. Por um segundo, ela se sentiu com 5 anos, sentada no colo de Hugh, a cabeça encostada em seu rosto barbado. William abriu um sorriso, mostrando seus dentes grandes e manchados de fumo.

– Ela era diferente de qualquer outra pessoa, era original. Todos nós por aqui gostamos de contar histórias, mas as dela eram especiais. Ela era engraçada, corajosa, imprevisível.

– Bonita?

– Sim, linda. – Seus olhos se encontraram. – Tinha um cabelo ruivo comprido até a cintura. Com mechas que ficavam douradas ao sol. – Ele apontou com o cachimbo. – Gostava de se sentar naquela rocha negra na enseada, contemplando o mar. Quando o dia estava claro, nós a avistávamos quando voltávamos para o cais. Ela erguia a mão e acenava, parecendo a rainha dos Piskies.

Nell sorriu. *The Piskie Queen*.

– Como seu barco.

William fingiu estar concentrado nas ranhuras do veludo de suas calças e resmungou um pouco.

A verdade prevaleceu: aquilo não era coincidência.

– Robyn deve estar chegando. – Ele não olhou para a porta. – Vamos tomar um chá.

– Você batizou o barco em homenagem a ela?

William abriu a boca, tornou a fechar. Ele suspirou, o suspiro de um jovem.

– Você era apaixonado por ela.

Ele arriou os ombros.

– É claro que sim. Assim como todos os homens que punham os olhos nela. Como eu falei, ela era diferente. As regras que governam as nossas vidas não

importavam para ela. Agia segundo seus sentimentos, e sentia um bocado.

– E o senhor e ela, algum dia...

– Eu estava comprometido com outra pessoa. – Ele olhou para um retrato na parede, um jovem casal em trajes de casamento, ela sentada, ele em pé, atrás. – Cecily e eu já namorávamos firme havia dois anos nessa época. Em uma aldeia como esta, é assim que as coisas acontecem. Você cresce na casa vizinha à de uma garota e, um dia, vocês são duas crianças atirando pedras de cima do penhasco; no outro, vocês já são casados há três anos com outro bebê a caminho. – Ele suspirou, dando de ombros e fazendo seu suéter de lã parecer grande demais. – Quando conheci Eliza, meu mundo virou de cabeça para baixo. Não posso descrever de outro modo. Foi como um feitiço, eu só pensava nela. – Ele balançou a cabeça. – Eu gostava de Ceci, a amava de verdade, mas a teria abandonado num estalo. – Ele fitou Nell e desviou logo o olhar. – Não me orgulho nem um pouco disso, me parece extremamente desleal. Mas é a verdade. – Tornou a fitar Nell. – Mas não se pode culpar um rapaz por seus sentimentos, não é?

William a encarou e, de repente, tudo se esclareceu. Estava buscando absolvição havia muito tempo.

– Não – disse ela. – Não se pode.

Ele suspirou e falou tão baixo que Nell precisou inclinar a cabeça para ouvi-lo.

– Às vezes o corpo tem desejos que a mente não consegue explicar, não consegue nem mesmo aceitar. Eu só conseguia pensar em Eliza, não conseguia me controlar. Era como, como...

– Um vício?

– Isso mesmo. Eu achava que só poderia ser feliz se fosse com ela.

– Ela sentia a mesma coisa?

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu com certa melancolia.

– Sabe, por um tempo pensei que sim. Ela tinha um jeito, uma intensidade, um hábito de fazer você sentir que ela não queria estar em outro lugar nem com outra pessoa, exceto com você. – Ele riu. – Logo percebi meu erro.

– O que aconteceu?

William comprimiu os lábios e, por um segundo, Nell pensou que a história estivesse encerrada. Ela deu um suspiro de alívio quando ele prosseguiu:

– Foi numa noite de primavera. Deve ter sido em 1908 ou 1909. Fora um ótimo dia no mar, eu tinha apanhado muitos peixes e estava comemorando com os outros rapazes. A bebida me deu coragem e, no caminho de volta para casa, eu me vi subindo o penhasco. Assumi um risco idiota, só havia aquele atalho estreito na época, que mal servia para uma cabra passar, mas não me importei. Já tinha enfiado na cabeça que ia pedi-la em casamento. – A voz dele tremeu. – Quando cheguei perto do chalé, olhei pela janela...

Nell se inclinou para a frente.

Ele se encostou na cadeira.

– Bem, você já ouviu esta história antes.

– Ela estava com outra pessoa?

– Não apenas com outra pessoa. – Os lábios dele tremeram. – Estava com uma pessoa da família. – William esfregou o olho, depois examinou o dedo. – Eles estavam... – Ele olhou para Nell. – Bem, você pode imaginar.

Um ruído do lado de fora e uma lufada de ar frio. A voz de Robyn veio do hall.

– Está muito frio lá fora. – Ela entrou na sala. – Perdão pelo atraso. – Ela olhou esperançosa para eles, passando a mão no cabelo úmido pelo sereno. – Está tudo bem aqui?

– Não podia estar melhor, mocinha – disse William, olhando rapidamente para Nell.

Nell assentiu. Não tinha intenção de revelar seu segredo.

– Eu já ia servir o ensopado – comentou William. – Deixe seu velho Gump olhar para você.

– Gump! Eu disse que ia cuidar do chá. Trouxe tudo comigo.

– Ora – resmungou ele, levantando-se da cadeira e firmando os pés no chão. – Quando você e aquele rapaz estão juntos, nunca se sabe quando vai se lembrar do seu velho Gump. Achei que, se não tomasse minhas providências, correria um sério risco de passar fome.

– Ah, Gump – ralhou ela, levando a sacola de compras para a cozinha. – Você não existe. Quando foi que me esqueci de você?

– Não é você, meu bem. – Ele foi arrastando os pés atrás dela. – É aquele seu namorado. Como todos os advogados, ele é um falastrão.

Enquanto os dois discutiam se William estava ou não fisicamente capacitado para cozinhar, Nell repassou o que William lhe contara. Agora ela entendia por que ele insistia em dizer que o chalé era um lugar marcado, triste; e era, sem dúvida, para ele. Mas William desviara do assunto com sua confissão, e cabia a Nell fazê-lo retomar a direção que lhe interessava. E, por mais curiosa que estivesse em relação à pessoa com quem Eliza estava naquela noite, isso não vinha ao caso e, se insistisse com William, ele se retrairia. Não podia correr esse risco antes de descobrir por que Eliza a tinha roubado de Rose e Nathaniel Walker. Precisava descobrir por que fora mandada para a Austrália, para uma vida completamente diferente.

– Aqui está. – Robyn surgiu carregando uma bandeja com três tigelas fumegantes.

William veio atrás, meio resabiado, e se sentou.

– Eu ainda faço o melhor ensopado de peixe deste lado de Polperro.

Robyn ergueu a sobancelha para Nell.

– Ninguém está negando isso, Gump – disse, entregando-lhe uma tigela.

– Eu só estava duvidando da minha capacidade de carregar a bandeja da cozinha até a mesa.

Robyn deu uma risada teatral.

– Deixe-nos ajudá-lo, Gump, isso é tudo que eu peço.

Nell rangeu os dentes; precisava acabar com aquela discussão, não podia pôr em risco sua conversa com Gump.

– Delicioso – comentou alto, provando o ensopado. – Tem a quantidade perfeita de molho Worcestershire.

William e Robyn olharam para ela, as colheres paradas no ar.

– O que foi? – perguntou Nell, olhando de um para outro. – O que eu falei?

Robyn abriu a boca e tornou a fechá-la.

– O molho Worcestershire.

– É nosso ingrediente secreto – disse William. – Está na família há várias gerações.

Nell deu de ombros, em um gesto de desculpas.

– Minha mãe costumava fazer ensopado de peixe, e a mãe dela também. Elas sempre usavam molho Worcestershire. Acho que era nosso ingrediente secreto também.

William inspirou devagar e Robyn mordeu o lábio.

– Está delicioso – disse Nell, tornando a provar o ensopado. – O segredo é colocar a quantidade certa.

– Diga-me, Nell – Robyn retomou a conversa, evitando o olhar de William. – Tinha algo de útil naqueles papéis que eu lhe dei?

Nell sorriu agradecida. Robyn salvando a cena.

– Eram muito interessantes. Gostei muito do artigo de jornal sobre o lançamento do *Lusitania*.

Robyn se animou.

– Deve ter sido empolgante, um lançamento importante como esse. É horrível pensar no que aconteceu com aquele lindo navio.

– Alemães – disse Gump, com a boca cheia de ensopado. – Foi um sacrilégio, um ato de barbárie.

Nell pensou que os alemães deviam sentir o mesmo em relação ao bombardeio de Dresden, mas ali não era hora nem lugar, e William não era a pessoa certa, para ter esse tipo de discussão. Então ela mordeu a língua e entabulou uma conversa amena com Robyn sobre a história da aldeia e a casa em Blackhurst até que, finalmente, a moça pediu licença para tirar os pratos e buscar a sobremesa.

Nell a viu sair da sala e, consciente de que aquela poderia ser sua última chance de conversar com William sozinha, aproveitou a oportunidade.

– William, preciso lhe perguntar uma coisa.

– Pode perguntar.

– Você conheceu Eliza...

Ele trágou o cachimbo e assentiu.

– Então por que, na sua opinião, ela me raptou? Você acha que ela queria uma filha?

William soltou a fumaça. Apertou o cachimbo entre os dentes e falou:

– Não me parece. Ela tinha o espírito livre. Não era o tipo de pessoa que quisesse assumir responsabilidades domésticas, muito menos roubá-las.

– Houve algum comentário na aldeia? Alguém tinha alguma teoria a respeito?

– Nós todos acreditamos que a criança, que você, tinha morrido de escarlatina. Ninguém questionou o fato. – Ele deu de ombros. – Quanto ao

desaparecimento de Eliza, ninguém deu muita bola para isso. Não era a primeira vez.

– Não?

– Ela já tinha feito isso alguns anos antes. – William olhou rapidamente na direção da cozinha e baixou a voz, evitando os olhos de Nell. – Sempre me culpei por isso. Foi logo depois que... logo depois daquilo que eu mencionei. Eu a confrontei, revelei o que tinha visto, chamei-a de tudo. Ela me fez prometer que eu não contaria para ninguém, falou que eu não havia entendido, que não era o que parecia. – Ele riu amargamente. – Ela disse todas as coisas que uma mulher diz quando é flagrada numa situação complicada.

Nell balançou a cabeça.

– Eu fiz o que ela pediu, guardei o seu segredo. Logo depois disso, soube, na aldeia, que Eliza tinha partido.

– Para onde ela foi?

Ele balançou a cabeça.

– Quando voltou, um ano depois, mais ou menos, eu lhe perguntei isso várias vezes, mas ela nunca contou.

– A sobremesa está pronta – anunciou Robyn da cozinha.

William se inclinou para a frente, tirou o cachimbo da boca e o apontou para Nell.

– Foi por isso que pedi a Robyn que convidasse você para vir aqui esta noite, era isso que eu queria lhe dizer: descubra para onde Eliza foi e acho que você resolverá seu quebra-cabeças. Porque uma coisa posso lhe garantir: não importa para onde tenha ido, ela estava muito diferente quando voltou.

– Diferente como?

William gesticulou, recordando.

– Mudada, menos ela mesma. – Ele apertou o cachimbo com os dentes. – Faltava-lhe algo, ela nunca mais foi a mesma.



Mansão Blackhurst, 1907

Na manhã em que Rose deveria voltar de Nova York, Eliza foi cedo para o jardim secreto. O sol de novembro ainda despertava de seu sono, e o caminho estava escuro, só dava para ver a grama, molhada de orvalho. Ela caminhava rapidamente, com os braços cruzados na frente do corpo por causa do frio. Tinha chovido na noite anterior e havia poças por toda parte; ela as evitou o melhor que pôde, depois abriu o portão do labirinto e começou a atravessá-lo. Estava ainda mais escuro dentro dos muros de cerca viva, mas Eliza era capaz de atravessar o labirinto de olhos fechados.

Normalmente adorava o breve momento de crepúsculo em que a noite anunciava o amanhecer, mas hoje estava distraída demais para prestar atenção nisso. Desde que recebera a carta de Rose anunciando seu noivado, Eliza tinha combatido suas emoções. O espinho da inveja se alojara em seu coração e se recusava a lhe dar descanso. Todo dia, quando pensava em Rose, quando relia sua carta, quando imaginava o futuro, o medo machucava suas entranhas, enchendo-a com seu perigoso veneno.

Pois com a carta de Rose, a cor do mundo de Eliza havia mudado. Como o caleidoscópio do quarto de brinquedos que a encantara tanto quando ela foi para Blackhurst, um giro e as mesmas peças se reorganizaram para criar uma imagem completamente diferente. Uma semana antes, ela se sentira segura, com a certeza de que ela e Rose estavam ligadas para sempre. Agora temia ficar sozinha de novo.

Quando entrou no jardim secreto, a luz da manhã já lançava seus primeiros raios. Eliza respirou fundo. Fora até o jardim porque aquele era o lugar onde

sempre se sentia segura, e agora, mais do nunca, precisava que ele fizesse sua mágica.

Ela passou a mão sobre o banco de ferro, molhado de chuva, e se sentou na beirada úmida. A macieira estava dando frutos, pequenos globos rosados e alaranjados. Podia colher alguns para a cozinheira, ou talvez devesse arrumar os canteiros, ou podar as trepadeiras. Devia fazer algo que distraísse sua mente da chegada de Rose, do medo de que a prima estivesse mudada ao voltar.

Desde que recebera a carta de Rose, Eliza tinha analisado sua inveja e percebido que não era o homem, Nathaniel Walker, que ela temia; era o amor de Rose por ele. O casamento ela podia tolerar, mas não uma mudança no afeto de Rose. A maior preocupação de Eliza era que a prima, que sempre a tivera como favorita, tivesse encontrado um substituto e não precisasse mais dela.

Eliza se obrigou a caminhar e estudar as plantas. As glicínias estavam soltando as últimas folhas, o jasmim perdera as flores, mas o outono tinha sido ameno e as rosas cor-de-rosa ainda estavam em flor. Eliza chegou mais perto, segurou entre os dedos um botão e sorriu ao ver uma gota de chuva dentro de suas pétalas.

A ideia foi súbita e completa. Precisava preparar um buquê de boas-vindas para Rose. Sua prima gostava de flores, porém, mais do que isso, Eliza ia escolher plantas que simbolizassem a amizade delas. O buquê teria hera para representar amizade, rosas cor-de-rosa para felicidade e gerânios para lembranças...

Eliza escolheu cada galhinho cuidadosamente, colhendo apenas os mais bonitos, os mais perfeitos, depois amarrou o buquê com uma fita de cetim rosa, arrancada da bainha do seu vestido. Estava dando o laço quando ouviu o som de rodas no caminho de cascalho.

Ela estava de volta. Rose chegara em casa.

Com o coração na boca, Eliza ergueu a saia com a barra molhada, agarrou o buquê e começou a correr. Ziguezagueava pelo labirinto. Foi pisando nas poças, seu coração batia no compasso das patas dos cavalos.

Atravessou o portão bem a tempo de ver a carruagem. Parou um momento para tomar fôlego. Tio Linus estava sentado, como sempre, no banco de jardim ao lado do portão do labirinto, com sua pequena câmara ao lado. Quando ele chamou por ela, Eliza fingiu que não o ouvira.

Ela chegou à frente da casa quando Newton estava abrindo a porta da carruagem. Ele piscou e Eliza acenou de volta. Cerrou os lábios enquanto esperava.

Desde que recebera a carta de Rose, os dias tinham ficado longos e as noites, ainda mais demoradas, e agora o momento finalmente chegara. O tempo pareceu ficar mais lento: ela ouviu sua respiração acelerada, seu coração batendo nos ouvidos.

Será que imaginou a mudança na expressão de Rose, a alteração na sua postura?

O buquê caiu das mãos de Eliza e ela o pegou da grama molhada.

O movimento deve ter chamado a atenção, porque tanto Rose quanto tia Adeline se viraram; uma sorriu, a outra não.

Eliza levantou a mão devagar e acenou. Tornou a baixá-la.

Rose ergueu as sobrancelhas, achando graça.

– Ora, você não vai me dar as boas-vindas, prima?

Eliza sentiu imediatamente uma onda de alívio. Sua Rose estava de volta e tudo ia ficar bem, com certeza. Ela correu, com os braços estendidos, e as duas se abraçaram.

– Afaste-se, menina – disse tia Adeline. – Você está coberta de lama. Vai sujar o vestido de Rose.

Rose sorriu e Eliza sentiu a preocupação desaparecer. É claro que Rose não havia mudado. Ela só tinha estado fora por dois meses e meio. Eliza permitira que o medo conspirasse com a ausência e desse uma falsa impressão de mudança.

– Prima Eliza, como é bom vê-la!

– Igualmente, Rose.

Eliza ofereceu-lhe o buquê.

– Que lindo! – Rose o aproximou do nariz. – Do seu jardim?

– É, hera para amizade, gerânios para lembranças...

– Sim, sim, e rosa, estou vendo. Que lembrança carinhosa, Eliza. – Rose estendeu o buquê para Newton. – Peça à Sra. Hopkins que coloque em um vaso, sim, Newton?

– Tenho tanta coisa para lhe contar, Rose... – disse Eliza. – Você nunca vai adivinhar o que aconteceu. Uma das minhas histórias...

– Minha nossa! – Rose riu. – Eu ainda nem entrei em casa e Eliza já está me contando histórias de fadas.

– Não canse sua prima – advertiu tia Adeline rispidamente. – Rose precisa descansar. – Ela olhou para a filha e disse, com certa hesitação: – Você devia se deitar.

– É claro, mamãe, eu pretendo subir imediatamente.

A mudança era sutil, mas Eliza logo notou. Havia mais hesitação na sugestão de tia Adeline e menos obediência na voz de Rose.

Eliza ainda estava refletindo sobre aquela sutil alteração, quando tia Adeline entrou e Rose se aproximou e cochichou no ouvido de Eliza:

– Vamos lá para cima, querida. Tenho muitas novidades.



E tinha mesmo. Ela contou cada momento que passou na companhia de Nathaniel Walker e, o mais cansativo, a angústia de cada minuto longe dele. O relato épico começou naquela tarde e continuou pela noite e no dia seguinte. No início, Eliza conseguiu fingir que estava interessada – na realidade, no começo ela estava mesmo, pois os sentimentos que Rose descrevia não se pareciam com nada que ela jamais tivesse sentido –, mas, à medida que os dias foram passando, tornando-se semanas, Eliza começou a desanimar. Tentou fazer Rose se interessar por outros temas e tarefas – uma visita ao jardim, o mais recente conto que ela escrevera, até mesmo um passeio à enseada –, mas Rose só tinha ouvidos para histórias de amor e resignação. Especificamente dela própria...

Dessa forma, à medida que o inverno se aproximava, Eliza passou a frequentar mais a enseada, o jardim secreto, o chalé. Lugares onde ela podia desaparecer, onde os criados pensariam duas vezes antes de incomodá-la com suas mensagens, sempre as mesmas: a Srta. Rose solicita a presença imediata da Srta. Eliza para tratar de assunto da maior importância. Apesar de Eliza não compreender as qualidades de um vestido de noiva comparado a outro, Rose nunca se cansava de atormentá-la com o assunto.

Eliza disse a si mesma que tudo voltaria ao normal, que Rose se sentia apenas empolgada: ela sempre gostara de moda e decoração, e estava tendo a

oportunidade de brincar de princesa encantada. Eliza só precisava ser paciente, e tudo voltaria a ser como antes.

Então começou a primavera. Os pássaros voltaram, Nathaniel chegou de Nova York, o casamento se aproximava e, quando Eliza se deu conta, ela acenava para a carruagem de Newton, que levava o feliz casal para Londres e para a viagem que fariam de navio até o continente.



Mais tarde, naquela noite, deitada em sua própria cama na casa vazia, Eliza sentiu bater com força a ausência de Rose. Compreendeu com toda a clareza que Rose nunca mais iria ao seu quarto à noite, nem ela iria ao da prima. Elas não se deitariam mais uma ao lado da outra, rindo e contando histórias enquanto o resto da casa dormia. Um quarto especial estava sendo preparado para os recém-casados, em uma ala distante. Um quarto maior, com vista para a enseada, mais apropriado para um casal. Eliza se virou de lado. No escuro, finalmente compreendeu quanto seria intolerável viver sob o mesmo teto que Rose e não poder estar com ela.

No dia seguinte, Eliza procurou a tia. Encontrou-a à escrivaninha da saleta, escrevendo. Tia Adeline não demonstrou notar a presença de Eliza, mas a moça se dirigiu a ela mesmo assim.

– Tia, eu gostaria de saber se posso pegar algumas coisas no sótão.

– Que coisas? – quis saber tia Adeline, sem desviar a atenção da carta que escrevia.

– Só preciso de uma mesa, uma cadeira e uma cama...

– Uma cama? – Ela olhou para a sobrinha com a testa franzida.

No silêncio da noite, Eliza tinha compreendido que era melhor efetuar mudanças por iniciativa própria do que tentar tapar buracos produzidos pelas decisões dos outros.

– Agora que Rose está casada, ocorreu-me que minha presença talvez não seja tão necessária na casa. Eu poderia morar no chalé.

Eliza não alimentava muitas esperanças: tia Adeline tinha um prazer especial em dizer não. Viu a tia assinar a carta com todo o cuidado, depois afagar a

cabeça do seu cão com as unhas afiadas. Ela esboçou um leve sorriso, depois se levantou e tocou a campainha.



Na primeira noite que passou em sua nova casa, Eliza ficou sentada na janela do andar de cima, vendo o mar subir e descer como uma grande gota de mercúrio sob o luar. Rose estava do outro lado daquele oceano. Mais uma vez, sua prima tinha viajado de navio e Eliza ficara para trás. Um dia, Eliza iria fazer sua viagem. A revista não pagava muito por seus contos de fadas, mas, se ela continuasse escrevendo e economizasse durante um ano, poderia comprar as passagens. E havia o broche, é claro, com suas pedras coloridas. Eliza nunca se esquecera do broche da mãe, enfiado dentro da lareira dos Swindells. Um dia, de alguma forma, pretendia recuperá-lo.

Pensou no anúncio que tinha visto no jornal na semana anterior: “Precisa-se de gente para viagem a Queensland. Venha começar uma nova vida.” Mary sempre contava a respeito das aventuras do irmão na cidade de Maryborough. Pelo que ela contava, a Austrália era uma terra de amplos espaços e sol ofuscante, onde as regras da sociedade eram desprezadas pela maioria e havia oportunidades para todos que quisessem iniciar uma nova vida. Eliza sempre imaginara que ela e Rose iriam viajar juntas, como tinham conversado tantas vezes. Será que tinham mesmo? Relembrando, percebeu que Rose ficava calada quando a conversa girava em torno dessas sonhadas aventuras.

Eliza ficava todas as noites no chalé. Comprava seus próprios mantimentos no mercado da aldeia; seu jovem amigo pescador, William, providenciava para que ela sempre tivesse peixe fresco; e Mary passava por lá quase todas as tardes, a caminho de casa, sempre levando uma tigela de sopa, sobras de carne e notícias da casa.

Fora essas visitas, pela primeira vez na vida Eliza estava realmente sozinha. No início, barulhos estranhos, sons noturnos, a perturbavam, mas, à medida que os dias foram passando, ela começou a identificá-los: animais caminhando sobre o telhado, o ruído do aquecedor, as tábuas do assoalho estalando com o frio da noite. E havia os benefícios inesperados de sua vida solitária: Eliza descobriu

que os personagens de suas histórias se tornaram mais atrevidos. Encontrava fadas brincando nas teias de aranha, insetos murmurando encantamentos nos parapeitos das janelas, gênios do fogo sussurrando no fogão. Às vezes, durante as tardes, ela se sentava na cadeira de balanço e ficava prestando atenção neles. E, tarde da noite, quando estavam todos dormindo, Eliza inseria as histórias deles em suas próprias histórias.

Certa manhã, na quarta semana, Eliza levou o caderno para o jardim e se sentou em seu local favorito, na grama suave sob a macieira. Teve uma ideia para uma história e começou a escrevê-la: uma princesa corajosa que abriu mão dos seus direitos de herança e acompanhou sua criada em uma longa viagem, cheia de perigos. Eliza estava prestes a fazer sua heroína entrar na caverna de um duende especialmente malvado quando um pássaro pousou em um galho acima dela e começou a cantar.

– É mesmo? – disse Eliza, largando a pena.

O pássaro tornou a cantar.

– Eu concordo, também estou com vontade de beliscar alguma coisa. – Colheu uma das últimas maçãs em um galho baixo, limpou-a no vestido e deu uma dentada. – Está mesmo deliciosa – falou, quando o pássaro saiu voando. – Você pode experimentar uma, se quiser.

– Eu sou capaz de aceitar.

Eliza parou e ficou imóvel, olhando para o lugar onde o pássaro tinha passado.

– Eu devia ter trazido alguma coisa, mas não sabia que ia ficar aqui por tanto tempo.

Ela examinou o jardim e levou um susto quando viu um homem sentado no banco de ferro. Ele estava tão fora de contexto que, embora já tivessem se encontrado antes, Eliza levou alguns segundos para identificá-lo. Cabelo e olhos escuros, sorriso amável... Eliza levou um choque. Era Nathaniel Walker, que se casara com Rose. Nathaniel estava sentado no *seu* jardim.

– A maçã parece estar deliciosa – disse ele. – Ver você comê-la é quase tão satisfatório quanto comer uma.

– Não gosto de ser observada.

Ele sorriu.

– Então não vou olhar.

– O que você está fazendo aqui?

Nathaniel ergueu um livro.

– *O pequeno lorde*. Você já leu?

Ela fez que não com a cabeça.

– Nem eu, apesar de passar horas tentando. E a culpa, em parte, é sua, prima Eliza. Seu jardim me distrai muito. Passei a manhã toda aqui sentado e ainda não terminei o primeiro capítulo.

– Achei que vocês estavam na Itália.

– E estávamos. Voltamos uma semana mais cedo.

Eliza sentiu um frio na espinha.

– Rose está em casa?

– É claro. – Ele sorriu. – Espero que você não esteja sugerindo que eu possa ter perdido minha esposa para os italianos!

– Quando foi que ela... – Eliza afastou uma mecha de cabelo da testa, tentando entender. – Quando foi que vocês chegaram?

– Na segunda-feira à tarde. Foi uma viagem cansativa, o mar estava muito agitado.

Três dias. Eles tinham voltado havia três dias e Rose nem se manifestara. Eliza sentiu um aperto no peito.

– Rose está bem?

– Nunca esteve melhor. O clima do Mediterrâneo fez bem a ela. Teríamos ficado lá a semana toda, mas ela queria organizar a festa. – Ele ergueu as sobrancelhas de forma teatral. – Pelo que Rose e a mãe dizem, acho que será uma festança.

Eliza escondeu sua confusão dando outra mordida na maçã, depois jogou fora o resto. Ouvira mencionarem uma festa ao ar livre, mas achara se tratar de um dos eventos sociais de Adeline, que não tinha nada a ver com Rose.

Nathaniel tornou a erguer o livro.

– Daí minha escolha de leitura. A Sra. Hodgson Burnett virá. – Ele arregalou os olhos. – Ora, você deve estar louca para conhecê-la. Imagino que será um prazer conversar com outra escritora.

Eliza esfregou a ponta de uma folha do caderno entre o polegar e o indicador, sem olhar para ele.

– Sim... Acho que sim.

– Você vem, não é? – perguntou ele, com um ligeiro tom de apreensão. – Tenho certeza de que Rose falou que ia convidar você. A festa vai ser no gramado oval, sábado, às duas horas.

Eliza desenhou uma trepadeira na margem do papel. A prima sabia que ela não gostava de festas, era só isso. Bondosa Rose, poupando Eliza da agonia de conviver com os amigos de tia Adeline.

Com um tom afetuosos, Nathaniel comentou:

– Rose sempre fala de você, prima Eliza. Tenho a impressão de conhecê-la. – Ele fez um gesto com a mão. – Ela me contou do jardim, foi por isso que vim até aqui hoje. Precisava ver com meus próprios olhos se ele era mesmo tão bonito quanto ela dizia.

Eliza o encarou.

– E então?

– Ele é tudo e mais um pouco. Como falei, eu culpo o jardim por não ter conseguido ler. A luz bate nele de um jeito que me dá vontade de colocar no papel. Desenhei em toda a capa do meu livro. – Ele sorriu. – Não vá contar à Sra. Hodgson Burnett.

– Plantei o jardim para Rose e para mim mesma.

A voz de Eliza soou estranha aos seus próprios ouvidos, havia se acostumado a ficar sozinha. Também ficou envergonhada por expressar seus sentimentos, mas não conseguiu deixar de falar deles.

– Eu o fiz para que pudéssemos ter um lugar secreto, um lugar onde ninguém pudesse nos achar, onde Rose pudesse ficar sentada ao ar livre, mesmo quando estivesse adoentada – concluiu.

– Rose tem sorte em ter uma prima que gosta tanto dela. Sou eternamente grato a você por tê-la conservado tão bem para mim. Nós dois somos uma espécie de time, não é?

“Não”, pensou Eliza, “não somos, não. Rose e eu somos uma dupla, um time. Você é um apêndice. Temporário”.

Ele se levantou, limpou a calça e segurou o livro junto ao peito.

– Agora devo me despedir. Minha sogra adora regras e acho que ela não iria gostar que eu chegasse atrasado para o jantar.

Eliza, que o acompanhara até o portão, o viu partir. Fechou-o, depois sentou-se na beirada do banco. Evitou o metal quente, onde ele estivera. Não havia por

que não gostar de Nathaniel, e era por isso que ela não gostava dele. O encontro deles deixou um peso em seu peito. Foi a menção à festa ao ar livre, a Rose, à confiança dele no afeto dela. A gratidão que ele tinha estendido a Eliza, embora expressa de maneira perfeitamente gentil, a deixou com a certeza de que ele a considerava um acessório. E, para piorar, ele tinha entrado em seu jardim, encontrado o caminho pelo labirinto com tamanha facilidade...

Eliza afastou da mente esses pensamentos. Voltaria ao seu conto de fadas. A princesa estava prestes a entrar com a criada na caverna do duende. Assim, esqueceria aquele encontro inquietante.

Porém, por mais que tentasse, o entusiasmo de Eliza tinha desaparecido e levado com ele sua inspiração. Um enredo que a enchera de satisfação no início parecia, agora, frágil e transparente. Eliza riscou o que havia escrito. Não servia. Entretanto, por mais que revirasse o enredo na cabeça, não conseguiu fazê-lo funcionar, pois qual era a princesa de conto de fadas que trocaria o príncipe pela criada?



O sol brilhava e parecia até que Adeline tinha feito um acordo com Deus. Os lírios extras chegaram a tempo, e Davies percorreu o jardim em busca de mais espécies exóticas para fazer os arranjos. A chuvarada noturna que deixara Adeline acordada e nervosa só aumentara o brilho do jardim, de modo que cada folha parecia ter sido especialmente lavada para a festa. O gramado estava coberto de cadeiras arrumadas harmoniosamente. Garçons contratados em fila ao lado das escadas transmitiam calma e controle, enquanto, na cozinha, longe da vista dos convidados, a cozinheira e sua equipe trabalhavam sem parar.

Os convidados tinham começado a chegar nos últimos quinze minutos. Adeline os recebia e os encaminhava para o gramado. Todos pareciam imponentes com seus belos chapéus – embora nenhum fosse tão bonito quanto o de Rose, comprado em Milão, especialmente para a ocasião.

De onde estava, escondida pela enorme azaleia, Adeline observava todos. Lorde e lady Ashfield sentados ao lado de lorde Irving-Brown; sir Arthur Mornington tomando chá perto de onde os jovens Churchills riam e jogavam

bola; lady Susan Heuser estava mergulhada em uma conversa com lady Caroline Aspley.

Adeline sorriu. Fizera um bom trabalho. Uma festa ao ar livre era um modo adequado de dar boas-vindas aos recém-casados e, além disso, a escolha cuidadosa de especialistas, fofoqueiros e alpinistas sociais era uma boa oportunidade de divulgar o trabalho de Nathaniel como retratista. Ao longo das paredes do hall de entrada, mandara Thomas pendurar os melhores quadros do genro e, mais tarde, depois que o chá fosse servido, planejava levar alguns convidados seletos para vê-los. Assim, Nathaniel se tornaria assunto para os críticos de arte e para os formadores de opinião da sociedade.

Tudo o que o artista precisava fazer era encantar os convidados do mesmo modo como tinha encantado Rose. Adeline examinou o grupo e localizou a filha sentada ao lado de Nathaniel e da americana, Sra. Hodgson Burnett. Adeline relutara em convidá-la, pois, se um divórcio já era uma infelicidade, dois eram quase uma calamidade. Mas a escritora era, sem dúvida, muito bem relacionada no continente, portanto Adeline tinha concluído que sua potencial ajuda falava mais alto que sua má fama.

Rose riu de alguma coisa que a mulher disse e Adeline sentiu uma onda de satisfação. Rose estava maravilhosa, tão radiante quanto as cascatas de rosas atrás dela. Parecia feliz, Adeline pensou, como costumava acontecer com uma jovem recém-casada, que tinha acabado de jurar amor eterno.

Sua filha tornou a rir, e Nathaniel apontou na direção do labirinto. Adeline torceu para que eles não estivessem perdendo um tempo precioso discutindo o jardim murado ou alguma outra bobagem de Eliza quando deveriam estar falando das pinturas de Nathaniel. A saída da sobrinha da casa fora um inesperado presente do destino.

Durante as semanas de preparação da festa, Adeline tinha ficado acordada, noite após noite, pensando em como evitar que a moça estragasse o grande dia. Que surpresa abençoada a manhã em que ela havia aparecido na sala e pedido para ir morar no chalé. Adeline conseguira disfarçar seu contentamento. Eliza morando afastada no chalé era o melhor arranjo possível, melhor do que qualquer outro plano que Adeline pudesse ter elaborado, e o afastamento fora completo. Adeline não vira nem sombra da moça desde sua partida; a casa

inteira estava mais leve e mais espaçosa. Finalmente, depois de oito longos anos, estava livre da presença da sobrinha.

A maior dificuldade tinha sido como convencer Rose de que a saída da prima era a melhor solução. A pobre Rose fora sempre cega no que se referia a Eliza, nunca vira nela a ameaça que Adeline sabia existir. Realmente, uma das primeiras coisas que Rose fez ao chegar da lua de mel foi perguntar por ela. Quando Adeline explicou por que Eliza estava morando no chalé, Rose estranhara – parecia tão súbito, dissera ela – e decidira visitar Eliza logo no dia seguinte.

Uma visita dessas era impensável, é claro, para que a mentira de Adeline funcionasse. Então, logo depois do café da manhã, Adeline foi procurar Rose no seu novo quarto, onde ela montava um delicado arranjo de flores. Enquanto Rose as arrumava, Adeline perguntou, com uma voz calma e casual:

– Você acha que Eliza devia ser convidada para a festa?

Rose virou-se para ela, segurando a flor enquanto a água escorria pelo caule.

– É claro que sim, mamãe. Eliza é minha amiga mais querida.

Adeline comprimiu os lábios: esta era a resposta para a qual ela tinha se preparado. Fingir aceitação é um risco calculado, e Adeline empregou-o sabiamente. Uma sequência de frases que havia preparado e ensaiado várias vezes fluíu de seus lábios com naturalidade.

– É claro, minha querida. Se você quer a presença dela, que seja. Não vamos mais tocar nesse assunto.

Só depois dessa aquiescência foi que Adeline se permitiu um pequeno suspiro.

Rose estava de costas para ela, com um galho de gardênia na mão.

– O que foi, mamãe?

– Nada, meu bem.

– Mamãe?

Cuidado, cuidado.

– Eu só estava pensando em Nathaniel.

A fala atraiu a atenção de Rose, fazendo-a enrubescer.

– Nathaniel, mamãe?

Adeline ficou parada, alisando a frente do vestido. Sorriu para Rose.

– Não faz mal. Tenho certeza de que tudo vai correr bem para ele, mesmo com a presença de Eliza.

– É claro que sim.

Rose hesitou antes de recolocar a gardênia no arranjo. Não tornou a olhar para Adeline, mas não precisava. A mãe podia visualizar a incerteza estampada no rosto dela. Então Rose perguntou:

– Por que Nathaniel se beneficiaria com a ausência de Eliza?

– É que eu esperava atrair atenção para Nathaniel e sua arte. Eliza tem uma tendência a ser o foco das atenções. Queria que esse dia fosse seu e de seu marido, minha querida. Mas é claro que você deve convidar Eliza se achar melhor. – Então ela deu uma risada alegre, ligeira, ensaiada à perfeição. – Além disso, ousou dizer que, se Eliza souber que você voltou antes, ela vai se enfiar aqui, e um dos criados acabará deixando escapar alguma coisa sobre a festa. Apesar da aversão dela por eventos sociais, sua devoção por você, minha querida, é tamanha que ela vai insistir em vir.

Então Adeline saíra, sorrindo, orgulhosa, ao notar a tensão nos ombros da filha. Um sinal claro de que o tiro tinha acertado o alvo.

E, como era esperado, Rose apareceu no quarto de vestir de Adeline um pouco mais tarde e sugeriu que, já que Eliza não gostava de festas, talvez fosse melhor poupá-la. Disse ainda que tinha pensado melhor e que não iria visitar a prima naquele dia. Ia esperar até depois da festa, quando as coisas tivessem assentado e as duas pudessem conversar com calma.



Aplausos vindos do jogo de bola atraíram a atenção de Adeline. Ela bateu palmas com as mãos enluvadas e, com um sorriso amável, atravessou o gramado. Ao se aproximar do sofá, a Sra. Hodgson se levantou e abriu um guarda-sol branco. Ela se despediu de Rose e Nathaniel e caminhou na direção do labirinto. Adeline achou que ela não ia entrar nele; o portão do labirinto fora fechado mais cedo para desencorajar visitantes, mas era típico de uma americana fazer o que lhe desse na cabeça. Adeline andou um pouco mais depressa – procurar uma convidada perdida não estava em seus planos – e interceptou a Sra.

Hodgson Burnett antes que ela se afastasse muito. Ela brindou a convidada com o mais amável dos sorrisos.

– Boa tarde, Sra. Hodgson Burnett.

– Ora, boa tarde, lady Mountrachet. Que lindo dia!

Aquele sotaque! Adeline sorriu, concordando.

– Não podíamos desejar mais que isso. E vejo que a senhora conheceu o feliz casal.

– Monopolizei-os, melhor dizendo. Sua filha é uma criatura maravilhosa.

– Obrigada. Sou suspeita para falar.

Risos cordiais de ambas as partes.

– E o marido está obviamente apaixonado – disse a Sra. Hodgson Burnett. – O amor dos jovens não é fantástico?

– Fiquei *encantada* com o casamento. Um rapaz tão talentoso... – Uma pequena pausa. – Nathaniel mencionou os retratos, não?

– Não. Acabei não dando chance nenhuma a ele. Estava interessada em saber sobre o jardim secreto que dizem que existe nesta imponente propriedade.

– Uma coisa à toa. – Adeline sorriu sem graça. – Um canteiro de flores com um muro em volta. Toda propriedade da Inglaterra tem um.

– Não com tantas histórias românticas relacionadas a ele, estou certa. Um jardim erguido das ruínas para ajudar uma jovem delicada a recuperar a saúde!

Adeline riu com uma alegria forçada.

– Minha nossa! Parece que minha filha e o marido lhe relataram um conto de fadas. Rose deve sua saúde aos esforços de um ótimo médico e eu posso lhe garantir que o jardim é bastante comum. Por outro lado, os retratos de Nathaniel...

– Mesmo assim, eu adoraria vê-lo. Isto é, o jardim. Meu interesse foi despertado.

Adeline não podia recusar. Ela assentiu a contragosto e praguejou baixinho, disfarçando com um sorriso.



Adeline estava decidida a ter uma boa conversa com Nathaniel e Rose, quando, em sua visão periférica, avistou um tecido branco pelo portão do labirinto. Virou-se bem a tempo de ver Eliza abrir o portão e dar de cara com a Sra. Hodgson Burnett.

Ela levou a mão à boca, evitando um grito. Tinha que ser no pior dia e na pior hora. Aquela moça, sempre apressada, malvestida, inoportuna. Com sua saúde de ferro, seu rosto rosado, seu cabelo despenteado, seu chapéu deselegante, e – Adeline notou, horrorizada – sem luvas. Pelo menos, estava usando sapatos.

Contraindo os cantos da boca como uma marionete de madeira, Adeline olhou em volta, tentando avaliar a extensão do desastre. Uma criada ajudava a Sra. Hodgson Burnett a se sentar em uma cadeira. Todo o resto parecia calmo, o dia ainda não estava perdido. Na realidade, apenas Linus, sob uma araucária, ignorando a conversa de lorde Appleby, notara a chegada dela, erguendo sua câmera fotográfica, apontando-a para Eliza, que, por sua vez, olhava na direção de Rose, com uma expressão consternada. Surpresa, sem dúvida, de ver a prima de volta do continente tão cedo.

Adeline se virou rapidamente, decidida a evitar constrangimentos para a filha. No entanto, Rose e Nathaniel não tinham percebido nada, ocupavam-se demais um com o outro. Nathaniel tinha virado a cadeira e seus joelhos estavam quase tocando (ou de fato tocando?) os de Rose. Entre os dedos, ele segurava um dos morangos da estufa de Davies, girando o fruto e aproximando-o dos lábios da esposa, para depois tornar a afastá-lo. Rose ria, com o queixo levantado, o sol adentrava sua boca.

Com o rosto vermelho, Adeline ergueu o leque para bloquear aquela visão. Que comportamento inadequado! O que as pessoas iriam pensar? Podia imaginar o que Caroline Aspley escreveria assim que chegasse em casa.

Adeline sabia que era seu dever impedir aquele comportamento impróprio, entretanto... Ela tornou a baixar o leque, observando por cima dele. Por mais que tentasse, não conseguia desviar os olhos. O frescor da imagem era magnético. Mesmo sabendo que Eliza estava causando uma confusão atrás dela, que Linus estava se comportando de forma inadequada, era como se o mundo estivesse girando em câmera lenta e Adeline estivesse sozinha no centro dele, ouvindo apenas as batidas do seu coração. Ela sentiu um formigamento na pele, uma

fraqueza nas pernas, a respiração ofegante. Não conseguiu evitar o pensamento: como seria a sensação de ser tão amada?



O cheiro do vapor de mercúrio encheu suas narinas e Linus respirou profundamente. Prendeu a fumaça, sentiu sua mente se expandir, seus tímpanos arderem, antes de exalar. Sozinho na câmara escura, Linus tinha 1,80 metro, as duas pernas retas e fortes. Usando a pinça de prata, deslizou o papel para a frente e para trás, observando atentamente a imagem que começava a se formar.

Ela jamais concordaria em posar. No início, ele insistira, depois tinha implorado, e então ele entendera o seu jogo. Eliza gostava da perseguição, e Linus precisou repensar sua estratégia.

E tinha repensado. Mansell fora despachado para Londres para comprar uma Kodak-Eastman Brownie – uma camerazinha feia, própria para amadores, sem a qualidade fotográfica da sua Tourograph, mas leve e portátil, e era isso que importava. Enquanto Eliza continuasse se esquivando, Linus sabia que aquele era o único jeito de fotografá-la.

Sua mudança para o chalé fora um passo corajoso, e Linus a admirou por isso. Ele lhe dera o jardim para que ela o amasse como sua mãe o amara – nada deixava sua *poupée* mais feliz do que o jardim –, mas Linus não tinha previsto o recente repatriamento. Eliza não se aproximava da casa havia várias semanas. Todo dia ele a esperava perto do portão do labirinto, mas ela continuava a atormentá-lo com sua ausência.

E, para complicar, Linus descobrira que tinha um adversário. Três dias antes, enquanto mantinha sua vigília, vira algo muito desagradável. Enquanto aguardava Eliza, viu sair do portão do labirinto o pintor, o novo marido. Linus ficara chocado, pois não podia encontrar uma explicação para aquela visita. Por que aquele homem estaria percorrendo um lugar que Linus nunca se atreveu a percorrer? Linus então começou a se indagar: ele a teria visto? Teria falado com ela? Teria olhado dentro dos olhos dela? Era insuportável aquele pintor se intrometendo com o que lhe pertencia.

Linus, no entanto, tinha por fim triunfado. Sua paciência fora recompensada.

Ele respirou fundo. A imagem estava surgindo. Apenas com uma luzinha vermelha para enxergar, Linus se inclinou para mais perto. A paisagem estava escura – os arbustos do labirinto –, mas, no centro, a figura dela, brilhante. Ela o havia notado imediatamente, e um calor de prazer subira pelo pescoço de Linus. Seus olhos grandes, seus lábios entreabertos, como um animal encurralado.

Linus olhou para a bandeja com o líquido de revelação. Lá estava ela. O branco do vestido, a cintura fina – ah, como ele desejava pôr as mãos em volta dela, sentir sua respiração por baixo das costelas! E aquele pescoço tão pálido, pulsando como o de sua mãe. Linus fechou os olhos e imaginou o pescoço de sua *poupée* com aquele talho vermelho. Ela também tentara deixá-lo.

Ele estava na câmara escura quando ela o procurou pela última vez. Cortava papelão para montar sua nova seleção de fotos: gafanhotos do Ocidente. Ficara empolgado com as imagens, tinha até pensado em perguntar ao pai se ele permitiria uma pequena exposição. Não teria tolerado interrupções, mas Georgiana era uma exceção a quase todas as regras.

Como ela estava etérea, perfeita, emoldurada pela soleira da porta, a lâmpada vermelha ressaltando suas feições. Encostou um dedo nos lábios, impedindo-o de falar, e fechou a porta. Ele a viu aproximar-se lentamente, com um sorriso. Uma das coisas que mais o atraía era o mistério que ela continha. Estar a sós com sua *poupée* provocava em Linus uma rara sensação de conspiração; ele tinha pouco tempo para os outros, que, por sua vez, não tinham tempo para ele.

– Você vai me ajudar, não é, Linus? – disse ela, com os olhos bem abertos.

E então começou a falar de um homem que tinha conhecido, um marinheiro. Eles estavam apaixonados, iam ficar juntos, era um segredo, mamãe e papai não podiam saber, ele ia ajudá-los, não ia? Aqueles olhos, implorando, ignorando sua dor. O tempo tinha parado, as palavras dela giravam em sua mente, aumentando e diminuindo de volume. Uma vida inteira de solidão percebida em um instante.

Sem pensar duas vezes, ele levantou a mão, ainda segurando o canivete, e golpeou sua pele leitosa, transferindo para ela sua dor...



Linus usou pinças para aproximar a fotografia da luz. Estreitou os olhos. Maldição! Onde devia estar o rosto de Eliza só havia uma luz branca, pontilhada de cinzento. A moça tinha se mexido no momento exato em que ele apertou o botão. Ele não fora rápido o bastante, e ela tinha escapado por entre seus dedos. Linus cerrou os punhos. Recordou, como sempre fazia quando ficava nervoso, aquela garotinha que tinha se sentado ao lado dele no chão da biblioteca, oferecendo-lhe a boneca e, com ela, a promessa de cumplicidade. Antes de ela o desapontar.

Não tinha importância. Era só um revés, algo temporário no jogo que eles estavam jogando, o jogo que ele tinha jogado com a mãe dela. Daquela vez, ele tinha perdido: depois do incidente com o canivete, sua Georgiana desaparecera para sempre. Agora, ele tomaria mais cuidado.

Não importava como, por mais que tivesse que esperar, ele ia vencer.



Rose arrancou as pétalas da margarida branca até não restar nenhuma: menino, menina, menino, menina. Ela sorriu e fechou os dedos em volta do miolo amarelo da margarida. Uma filhinha para ela e Nathaniel, e depois, quem sabe, um filho, e, em seguida, mais um de cada.

Rose sempre desejara uma família. Uma família bem diferente daquele arranjo familiar frio e solitário que conhecera na infância, antes da chegada de Eliza. Haveria intimidade e amor entre os pais, e muitos filhos, irmãos e irmãs que sempre cuidariam uns dos outros.

Embora esses fossem os seus desejos, Rose tinha ouvido conversas suficientes entre senhoras para saber que, embora os filhos fossem uma bênção, o ato de concebê-los era uma provação. Consequentemente, na noite do seu casamento, ela esperava o pior. Quando Nathaniel a despiu, removeu a renda que sua mãe encomendara especialmente para aquele dia, Rose prendeu a respiração, observando cuidadosamente o rosto do marido. Ela estava muito nervosa. O medo do desconhecido somava-se à preocupação com as marcas que tinha no corpo. Ela praticamente não respirava. Esperava que ele falasse, mas, ao mesmo tempo, temia o que fosse dizer. Nathaniel largou o vestido e se virou, ainda em

silêncio. Não a encarou. Examinou-a devagar e cuidadosamente, como se estivesse admirando uma obra de arte que havia muito desejava ver. Seus olhos escuros estavam focados, os lábios entreabertos. Ele ergueu a mão e Rose estremeceu; passou a ponta do dedo, de leve, sobre sua maior cicatriz. O toque causou um arrepio que percorreu a barriga e as coxas de Rose.

Mais tarde, eles fizeram amor, e Rose descobriu que as senhoras tinham razão, era doloroso. Mas Rose conhecia a dor, era capaz de sair do próprio corpo e observar a experiência em vez de senti-la. Concentrou-se no rosto dele, tão perto do dela – olhos fechados, pálpebras escuras e lisas; lábios grossos agindo de uma forma que nunca tinha visto antes; respiração rápida e pesada –, então Rose percebeu que era poderosa. Durante todos os anos de saúde precária, ela jamais achara que tinha força. Era a pobre Rose, a delicada e frágil Rose. Mas, no rosto de Nathaniel, Rose viu desejo, e isso a tornou forte.

Durante a lua de mel, o tempo passou voando. Onde antes havia horas e minutos, agora só havia dias e noites, sol e lua. Foi um choque quando eles voltaram para a Inglaterra e encontraram o tempo esperando por eles. Um choque, também, retomar a vida em Blackhurst. Rose se acostumara a ter privacidade na Itália e viu que agora se ressentia da presença de outras pessoas. Criados, mamãe, até Eliza – havia sempre alguém à espreita, querendo desviar sua atenção de Nathaniel. Rose gostaria de ter uma casa só dela, onde ninguém os incomodasse, mas sabia que haveria tempo para isso. E compreendia que sua mãe tinha razão: Nathaniel teria mais chance de conhecer as pessoas certas em Blackhurst, e a casa era suficientemente grande para abrigar, com conforto, vinte homens.

Melhor assim. Rose pôs a mão delicadamente sobre a barriga. Achava que iria precisar de um quarto de bebê muito em breve. A manhã toda ela se sentira estranha, como alguém que guarda um segredo precioso. Tinha certeza de que um evento tão importante quanto este devia ser assim, uma mulher reconhecendo instantaneamente o milagre de uma nova vida dentro do seu corpo. Segurando o miolo da margarida, Rose se dirigiu para a casa, com o sol batendo em suas costas. Imaginou quando deveria compartilhar o segredo com Nathaniel. Sorriu ao pensar nisso. Como ele ficaria feliz! Quando tivessem um filho, estariam completos.

Chalé do Penhasco, 2005

E finalmente parecia que o outono tinha entendido que estávamos em setembro. Os últimos dias do verão tinham saído de cena e, no jardim secreto, as sombras se alongavam em direção ao inverno. O chão estava coberto de folhas, alaranjadas e verdes, e as castanhas cobriam orgulhosamente os galhos das árvores.

Cassandra e Christian tinham trabalhado a semana toda no chalé – tirando trepadeiras, esfregando paredes cobertas de mofo, consertando tábuas podres do assoalho. Mas, como era sexta-feira, os dois passaram à tarefa pela qual mais ansiavam: dedicar alguma atenção ao jardim.

Christian estava cavando um buraco onde antes havia um portão, tentando chegar ao fim das imensas fundações de arenito, e Cassandra encontrava-se agachada do outro lado do muro havia duas horas, removendo samambaias do que antes era um canteiro de flores. A tarefa a fazia se lembrar dos fins de semana de sua infância, quando ajudava Nell a limpar o mato do seu jardim em Paddington – a recordação lhe causou uma reconfortante sensação de familiaridade. Juntara uma pilha considerável de folhas e raízes atrás dela, mas seu ritmo estava diminuindo. Era difícil não se distrair no jardim secreto. Era como estar em um espaço fora do tempo. Os muros causavam isso, supunha, embora a sensação de enclausuramento ultrapassasse o plano físico. As coisas soavam diferentes ali: os pássaros cantavam mais alto e as folhas sussurravam ao vento. Os cheiros eram mais fortes – terra molhada, maçãs doces – e o ar mais puro. Quanto mais tempo passava no jardim, mais Cassandra achava que tinha razão: o jardim não adormecera, estava bem acordado.

O sol se moveu ligeiramente, enviando raios através das trepadeiras, e uma chuva de folhas amarelas caiu de uma árvore próxima. Vendo-as flutuar, douradas nos raios de luz, Cassandra sentiu um enorme desejo de desenhar, de capturar no papel aquele mágico contraste entre luz e sombra. Seus dedos coçaram, imaginando os traços para deixar os raios retos, o sombreado necessário para dar a impressão de transparência. O desejo de desenhar a pegou desprevenida.

– Pausa para o chá?

Do outro lado do jardim, Christian encostou a pá no muro. Levantou a ponta da camiseta desbotada e enxugou o suor da testa.

– É uma boa ideia. – Ela bateu com as mãos enluvadas no jeans para espanar a terra e as folhas de samambaia, tentando não olhar para o corpo exposto dele. – Quem prepara? Eu ou você?

– Eu.

Ele se ajoelhou na área que tinha limpado no meio do jardim e encheu uma panela com o resto da água da garrafa que tinha levado.

Cassandra se sentou com cuidado. Uma semana de faxina deixara suas panturrilhas duras e suas coxas doloridas. Não que ela se importasse. Cassandra sentia um prazer masoquista com as dores do corpo. Eram uma prova irrefutável de sua própria existência física. Ela não se sentia mais invisível ou frágil; estava mais pesada, menos propensa a ser levada pelo vento. E, à noite, adormecia logo e dormia um sono pesado até de manhã.

– Como vai o labirinto? – perguntou enquanto Christian colocava a panela para ferver no pequeno fogareiro que tinha trazido. – O labirinto lá do lado do hotel?

– Indo. Mike calcula que estará limpo quando o inverno chegar.

– Mesmo com você passando tanto tempo aqui?

Christian sorriu.

– Como era de esperar, Mike tem reclamado bastante disso.

Ele tirou os resíduos do chá da manhã de dentro das canecas e pendurou um saquinho novo em cada uma.

– Espero que você não esteja encrocado por me ajudar.

– Nada que eu não possa resolver.

– Estou muito agradecida pela sua ajuda, Christian.

– Não é nada. Eu prometi ajudar e vou cumprir a promessa.

– Eu sei, e estou muito contente. – Ela tirou as luvas vagarosamente. – Mesmo assim, vou compreender se você estiver ocupado demais com outras coisas.

– Com meu trabalho? – Ele riu. – Não se preocupe, Mike vai ter seu quinhão.

Seu trabalho. Aquele era um assunto que Cassandra ainda não tinha conseguido abordar. O fato de estar ali, no jardim, pareceu facilitar as coisas, deixá-las mais naturais, como ocorria com Nell. Ela desenhou um arco na terra com o salto do sapato.

– Christian?

– Sim?

– Eu só estava pensando... – Ela desenhou outro arco por baixo do anterior – Tem uma coisa que eu queria perguntar, uma coisa que Julia Bennett mencionou. – Ela o encarou, mas logo desviou o olhar. – Por que você está aqui em Tregenna trabalhando com Michael em vez atuar como médico em Oxford?

Como Christian não respondeu, ela tornou a olhá-lo. A expressão dele era difícil de interpretar. Ele deu de ombros, sorriu um pouco.

– Por que você está aqui em Tregenna reformando uma casa sem seu marido?

Cassandra levou um susto. Sem pensar, começou a girar sua aliança.

– Eu... eu... – Diversas respostas evasivas surgiram na ponta de sua língua, até que ela ouviu uma voz, que não era bem a dela: – Eu não tenho marido. Eu tive... mas houve um acidente. Nick...

– Desculpe. Você não precisa, não tive a intenção...

– Está tudo bem, eu...

– Não. Não está. – Christian passou a mão no cabelo. – Eu não devia ter perguntado.

– Está tudo bem. Eu perguntei primeiro.

E, de uma forma estranha que Cassandra não conseguiu articular nem para si mesma, uma parte dela ficou contente por ter dito aquelas palavras. Foi um alívio ter mencionado o nome de Nick, isso a fez se sentir menos culpada por ainda estar ali e ele não. Por ela estar ali, agora, com Christian.

A panela se agitava no fogareiro, a água derramando. Christian inclinou-a para encher as canecas, depois despejou uma colher de açúcar em cada uma e

mexeu rapidamente. Entregou uma para Cassandra.

– Obrigada.

Ela segurou a caneca e soprou delicadamente o chá.

Christian tomou um gole, encolhendo-se ao queimar a língua.

Um silêncio ruidoso estabeleceu-se entre eles, e Cassandra buscou algum assunto trivial para retomar a conversa, mas nada veio à mente.

Finalmente Christian falou:

– Acho que sua avó teve sorte em não conhecer seu passado.

Cassandra usou a ponta do dedo mínimo para tirar um pedacinho de folha de dentro do chá.

– Você não acha que é uma dádiva poder olhar para a frente e não para trás?

Ela fingiu interesse na folhinha que retirara da caneca.

– De certa forma.

– Quase sempre.

– Mas é horrível esquecer inteiramente o passado.

– Por quê?

Cassandra olhou para ele, para ver se ele estava falando sério. A expressão dele indicava que sim.

– Porque seria como se nunca tivesse acontecido.

– Mas aconteceu, nada pode mudar isso.

– É, mas você não se lembraria.

– E daí?

– Daí... – Ela largou a folhinha e ergueu os ombros de leve. – Você precisa das lembranças para manter o passado vivo.

– É isso que estou dizendo. Sem lembranças, todo mundo poderia simplesmente ir em frente. Seguir adiante.

Cassandra enrubesceu e disfarçou, tomando um gole de chá. Depois outro. Christian a estava instruindo sobre a importância de relegar o passado à história. Esperava isso de Nell e de Ben, aprendera a balançar a cabeça com seriedade quando uma das tias expressava sentimentos semelhantes, mas isto era diferente. Vinha se sentindo tão positiva, tão mais leve do que o normal, vendo as coisas com mais clareza. Estava se divertindo. Perguntou-se em que momento ele a enxergara como uma causa perdida, como alguém que precisava de ajuda. Sentiu-se envergonhada e, mais do que isso, um tanto desapontada.

Ela tomou mais um gole de chá e olhou para Christian. Ele estava ocupado enrolando folhas secas em um graveto, com uma expressão difícil de ler. Preocupado, com certeza, só que mais do que isso: distraído, distante, sozinho.

– Christian...

– Eu conheci Nell, sabe?

Ela foi pega de surpresa.

– Minha avó, Nell?

– Acho que era ela. Não imagino que outra pessoa pudesse ser. As datas coincidem. Eu tinha 11 anos, então deve ter sido em 1975. Eu tinha vindo aqui para fugir e estava passando por baixo do muro quando alguém agarrou o meu pé. Não percebi que era uma pessoa, no início. Achei, por um momento, que meus irmãos estavam dizendo a verdade quando diziam que o chalé era mal-assombrado, que um fantasma ou uma bruxa iria me transformar em sapo. – Deu um meio sorriso e esmagou uma folha entre os dedos, deixando cair os pedacinhos no chão. – Mas não era um fantasma, era uma senhora com um sotaque estranho e um rosto triste.

Cassandra visualizou o rosto de Nell. Era triste? Formidável, sim, pouco inclinado a demonstrações desnecessárias de cordialidade, mas triste? Não sabia; conhecia a avó bem demais para ter o distanciamento e fazer esta análise.

– Ela tinha cabelo grisalho – descreveu ele – preso no alto da cabeça.

– Num coque.

Ele assentiu, sorriu de leve e virou a caneca para despejar os restos de chá. Jogou fora o graveto.

– Você está perto de solucionar o mistério para ela?

Cassandra soltou o ar lentamente; havia algo de perturbador em Christian naquela tarde. O humor dele a fez lembrar os raios de luz penetrando nas trepadeiras. Algo fugidio, mutável.

– Não muito. Os álbuns de recortes de Rose não continham as revelações que eu esperava.

– Não havia nenhuma anotação do tipo: “Por que Eliza um dia poderá raptar a minha filha?” – Ele sorriu.

– Infelizmente não.

– Pelo menos, você tem algo interessante para ler ao deitar.

– Se eu não dormisse assim que minha cabeça tocasse o travesseiro...

– É a proximidade do mar – disse Christian, levantando-se e pegando a pá. – Esse ar faz bem à alma.

A declaração soou verdadeira. Cassandra também se levantou.

– Christian – disse ela, agitando as luvas –, com relação aos álbuns de recortes...

– O que tem?

– Tem uma coisa que acho que talvez você possa me ajudar. Uma espécie de mistério.

– Ah, é?

Ela o encarou, um tanto apreensiva porque ele tinha evitado o assunto antes.

– É uma questão médica.

– Tudo bem.

– Rose menciona algumas marcas na sua barriga. Do que pude depreender, eram bem grandes, a ponto de envergonhá-la. Sei também que ela teve duas consultas com seu médico, o Dr. Ebenezer Matthews, a respeito dessas marcas.

Ele fez um gesto, como se pedisse desculpa.

– Pele não era minha especialidade.

– E qual era?

– Oncologia. Rose relata mais alguma coisa a respeito delas? Cor, tamanho, tipo, quantidade?

Cassandra balançou a cabeça.

– Ela fala quase sempre por eufemismos.

– Típico puritanismo vitoriano. – Ele arrastou o pé no chão enquanto refletia.

– Podia ser qualquer coisa. Cicatrizes, manchas de pigmentação... Ela menciona alguma cirurgia?

– Não que eu me lembre. Que tipo de cirurgia?

– Bem, posso pensar em apendicite ou então ela pode ter precisado operar os rins ou os pulmões. – Ele ergueu as sobrancelhas. – Hidatidose, talvez. É possível que ela tenha estado perto de alguma fazenda?

– Havia fazendas na propriedade.

– Esta é, sem dúvida, a razão mais comum para que uma criança da época vitoriana sofresse uma cirurgia abdominal.

– O que é isso exatamente?

– Uma doença causada por um parasita, uma larva. Ele vive em cães, mas uma parte do seu ciclo acontece em seres humanos ou ovelhas. Normalmente ele se aloja no rim ou no fígado, mas às vezes vai para os pulmões. – Ele olhou para ela. – Isso se encaixa, mas acho que, sem ter como perguntar diretamente a ela e sem mais informações nos álbuns, nunca teremos certeza.

– Vou dar mais uma olhada esta tarde, para ver se deixei passar alguma coisa.

– E eu vou continuar pensando a respeito.

– Obrigada, mas não se preocupe com isso, é mesmo só uma curiosidade.

Ela calçou as luvas, ajustando-as entre os dedos.

Christian enfiou a pá na terra algumas vezes.

– Havia morte demais.

Cassandra olhou para ele.

– Meu trabalho como oncologista... era muito cruel. Os pacientes, as famílias, as perdas. Achei que ia conseguir lidar com tudo aquilo, mas, com o tempo, pesa demais.

Cassandra pensou nos últimos dias de Nell, no cheiro do hospital, no brilho frio das paredes.

– Nunca fui feito para essa tarefa, na verdade. Percebi isso enquanto ainda estava na universidade.

– Você não pensou em mudar de curso?

– Eu não queria desapontar minha mãe.

– Ela queria que você fosse médico?

– Não sei. – Seus olhos se encontraram. – Ela morreu quando eu era garoto.

“Câncer”, Cassandra entendeu.

Compreendeu, também, por que ele queria tanto esquecer o passado.

– Eu sinto muito, Christian.

Ele balançou a cabeça, observou o pássaro preto voando baixo no céu.

– Parece que vai chover. Quando as gralhas voam assim tão baixo, é a chuva chegando. – Sorriu timidamente, parecendo desculpar-se pela súbita mudança de assunto. – A meteorologia não é páreo para o folclore cornualhense.

Cassandra pegou seu garfo de jardinagem.

– Então vamos trabalhar mais meia hora e encerrar por hoje.

Christian olhou para o chão e esfregou a bota na terra.

– Sabe, eu ia tomar um drinque no pub a caminho de casa. – Ele olhou para ela. – Você gostaria de me acompanhar?

– Claro – respondeu. – Por que não?

Christian sorriu e seu rosto pareceu relaxar.

– Ótimo. Que ótimo.

Uma lufada de vento carregado de maresia fez uma folha de olmo cair na cabeça de Cassandra. Ela a retirou e voltou sua atenção para a terra, enfiando seu garfo de jardinagem sob uma raiz fina e tentando retirá-la do chão. E sorriu, sem saber bem por quê.



Uma banda tocava no pub, então eles ficaram e pediram tortas e batatas fritas. Christian contou histórias divertidas sobre quando voltou a morar com o pai e a madrasta, e Cassandra relatou algumas das excentricidades de Nell: sua recusa em usar um descascador de batatas porque ele desperdiçava mais batata do que uma faca; seu hábito de adotar gatos de outras pessoas; o dia em que mandou fazer uma armação de prata para os dentes sisos de Cassandra (adereço que passou a usar como um colar). Christian tinha rido e Cassandra também.

Estava escuro quando ele finalmente a deixou de volta no hotel. O ar espesso de neblina dava um brilho amarelo aos faróis do carro.

– Obrigada – disse Cassandra ao saltar. – Foi muito divertido.

E ela se divertira mesmo. Surpreendentemente. Seus fantasmas continuavam com ela, como sempre, mas tinham se afastado um pouco.

– Gostei muito de você ter vindo.

– É. Eu também.

Cassandra tornou a sorrir, esperou um instante, depois fechou a porta. Acenou quando o carro desapareceu no nevoeiro.

– Um recado telefônico para você – disse Samantha, agitando um pedaço de papel quando Cassandra entrou no saguão. – Você saiu?

– Sim, fui até o pub.

Cassandra pegou o recado, ignorando a expressão de curiosidade de Samantha.

Ruby Davis ligou. Ela chegará à Cornualha na segunda-feira. Reservou suíte no Hotel Blackhurst. Aguarda boas notícias!

Cassandra ficou contente. Poderia mostrar a Ruby o chalé, os álbuns de recortes e o jardim secreto. Ruby, sabia ela, iria entender como tudo aquilo era especial. Também ia gostar de Christian.

– Alguém a trouxe de volta? Parecia o carro de Christian Blake.

– Obrigada pela mensagem – disse Cassandra, com um sorriso.

– Não que eu tenha visto bem – insistiu Samantha, enquanto Cassandra subia as escadas. – Eu não estava espionando, longe de mim fazer algo assim.

De volta ao seu quarto, Cassandra preparou um banho quente e usou os saís de lavanda que Julia lhe dera para acalmar seus músculos cansados. Levou os álbuns e os colocou sobre uma toalha estendida nos ladrilhos do chão. Mantendo a mão esquerda seca para virar as páginas, ela entrou na banheira, suspirando de prazer quando a água envolveu seu corpo. Apoiou a cabeça na borda e abriu o primeiro álbum, na esperança de encontrar algum detalhe que tivesse deixado passar.

Quando a água já estava morna e seus pés, enrugados, percebeu que não havia nada de novo. Apenas as menções veladas de Rose às “marcas” que a deixavam envergonhada.

Mas ela encontrara outra coisa interessante. Nada relacionado às cicatrizes, mas, ainda assim, um dado curioso. Não foram exatamente as palavras escolhidas por Rose, e, sim, o tom da anotação que despertou o interesse de Cassandra. Ela teve a sensação de que aquilo significava muito mais do que parecia à primeira vista.

Abril de 1909. Foi iniciada a construção do muro do chalé. Mamãe achou, com razão, que era melhor fazer isso sem Eliza. O chalé é por demais vulnerável. Antigamente, com a função que tinha, não fazia mal que ele ficasse exposto, mas agora não precisa mais enviar sinais para o mar. Pelo contrário: nenhum de nós deseja se expor. E todo cuidado é pouco, pois, quando há muito a ganhar, também há muito a perder.

Mansão Blackhurst, 1909

Rose estava chorando. Seu rosto estava quente e o travesseiro, molhado, e ela continuava a chorar. Protegeu os olhos da luz e chorou como não fazia desde criança. Que manhã terrível! Como o sol ousava brilhar daquele jeito, fazendo pouco de sua tristeza? Como as outras pessoas ousavam seguir suas vidas normalmente, como se Deus estivesse no céu, enquanto Rose via mais uma vez o fim de suas esperanças chegar em forma de sangue? Por quanto tempo mais, ela se perguntava, quantas vezes mais iria tolerar aquele martírio mensal?

De certa forma, era melhor saber, pois os piores dias eram os de espera. Aqueles longos dias em que Rose se permitia imaginar, sonhar, ter esperanças. Ela passara a odiar a palavra “esperança”. Era uma semente insidiosa plantada dentro da alma de uma pessoa, sobrevivendo com pouco trato, depois florescendo tão espetacularmente que ninguém podia deixar de adorá-la. Também era a esperança que impedia que uma pessoa aprendesse com a experiência. A cada mês, depois do seu período menstrual, Rose sentia a esperança crescer de novo, e a experiência anterior era esquecida. Por mais que promettesse a si mesma que desta vez não iria fraquejar, que não iria sucumbir aos sussurros cruéis da esperança, sempre sucumbia. Porque as pessoas desesperadas se agarram à esperança como marinheiros aos destroços do navio.

No decorrer de um ano, houvera apenas um pequeno intervalo naquele ciclo terrível. Um mês em que a menstruação não veio. O Dr. Matthews fora logo chamado, fizera um exame e pronunciara as palavras benditas: Rose estava grávida. Que felicidade ouvir seu desejo mais caro ser confirmado com tanta calma, livre da preocupação dos meses de decepção que antecederam aquele momento, com firmeza e confiança de que tudo ia dar certo. Sua barriga ia

crescer e um bebê nasceria. Embalara aquela notícia preciosa por oito dias. Murmurara palavras de amor para sua barriga, tinha andado, falado e sonhado de um modo diferente. E então, no nono dia...

Ouviu uma batida à porta, mas Rose não se mexeu. Vá embora, pensou, vá embora e me deixe em paz.

A porta rangeu e alguém entrou, tentando não fazer barulho. Um ruído soou – algo sendo colocado na mesinha de cabeceira –, seguido por uma voz falando baixo em seu ouvido.

– Trouxe o café da manhã.

Mary de novo. Como se não bastasse Mary ter visto os lençóis manchados com sua escura reprovação.

– Precisa manter o ânimo, Sra. Walker.

Sra. Walker. Aquelas palavras fizeram Rose sentir um aperto no peito. Como tinha desejado ser a Sra. Walker. Depois de conhecer Nathaniel em Nova York, chegava a cada baile com o coração disparado, examinava o salão até avistá-lo, prendia o fôlego até seus olhos se encontrarem e ele abrir um sorriso só para ela.

E agora o sobrenome era dela, mas não o merecia. Uma esposa que não era capaz de cumprir a mais básica das funções de uma mulher casada. Uma esposa que não conseguia dar ao marido o que toda boa esposa tinha a obrigação de dar: filhos. Filhos saudáveis, felizes, para correr pela casa, para empurrar carrinhos na areia, para se esconder da governanta.

– A senhora não deve chorar. A gravidez vai acontecer na hora certa.

Cada palavra bem-intencionada era um punhal.

– Vai mesmo, Mary?

– É claro, madame.

– Como você tem tanta certeza?

– Tem que acontecer, não é? Uma mulher não pode evitar que isso aconteça. Conheço muitas que gostariam de escapar se houvesse como.

– Mulheres ingratas – disse Rose, com o rosto quente e molhado. – Essas mulheres não merecem a bênção de ter filhos.

Os olhos de Mary expressaram sua piedade e, em vez de dar um tapa no rosto redondo e saudável da criada, Rose se virou e se aninhou debaixo das cobertas. Abrigou sua dor no íntimo de suas entranhas. Mergulhou na nuvem escura e vazia da perda.



Nathaniel seria capaz de desenhá-lo dormindo. O rosto da esposa era tão familiar que ele às vezes achava que o conhecia mais que o dele. Terminou a linha que estava desenhando e a esfregou de leve com o polegar. Estreitou os olhos e inclinou a cabeça. Ela era linda, ele tinha acertado nisso. O cabelo escuro e a pele clara, a bela boca. Entretanto, não sentiu prazer ao retratá-la.

Guardou na pasta o desenho. Ela ia gostar de recebê-lo, como sempre. Seus pedidos de novos retratos eram tão enfáticos que ele nunca conseguia dizer não. Se não lhe desse um novo retrato com intervalos de poucos dias, ela chorava e perguntava se ele ainda a amava. Nathaniel agora já a desenhava de cor. Desenhá-la ao vivo era muito doloroso. Sua Rose havia desaparecido dentro da própria dor. A jovem que ele conhecera em Nova York tinha se consumido, revelando esta sombra de Rose, com olheiras causadas pela insônia, a pele sem viço, os movimentos nervosos. Algum poeta tinha descrito adequadamente essa tristeza causada pela visão de uma pessoa amada desfigurada pela infelicidade?

Noite após noite, ela o procurava e ele a atendia. No entanto, o desejo de Nathaniel tinha desaparecido. O que antes o havia excitado, agora o enchia de horror e, pior ainda, de culpa. Culpa pelo fato de não conseguir olhar para ela quando faziam amor. Culpa por não conseguir lhe dar o que ela queria. Culpa por não desejar o bebê tanto quanto ela. Não que Rose fosse capaz de acreditar nisso. Por mais que Nathaniel dissesse que ela era suficiente para ele, Rose não se convencia.

E, o que era mais embaraçoso, a mãe dela o tinha procurado em seu estúdio. Examinara seus quadros com um ar duro, antes de se sentar na cadeira ao lado do cavalete e iniciar seu sermão. Rose era delicada, dissera ela, sempre fora. Os impulsos animais de um marido poderiam lhe causar um grande mal, e seria melhor para todos se ele desistisse por algum tempo. A conversa com a sogra foi tão desconfortável que ele não conseguiu explicar sua posição.

Em vez disso, Nathaniel concordou e passou a buscar refúgio no jardim, não mais no estúdio. O gazebo se tornou seu ateliê. Ainda fazia frio em março, mas Nathaniel não se importou. O clima lhe garantia certa privacidade. Finalmente podia ficar à vontade. Passar o inverno dentro de casa, com os sogros e as necessidades sufocantes de sua mulher, fora algo opressivo. A tristeza e a

decepção de Rose tinham se infiltrado nas paredes, nas cortinas, nos tapetes. Era a casa dos mortos: Linus trancado em sua câmara escura; Rose, no quarto; Adeline, espreitando nos corredores.

Nathaniel inclinou-se para a frente, sua atenção atraída pelos raios de sol que entravam pelos galhos da acácia. Seus dedos se agitaram, querendo capturar a luz e a sombra. Mas não havia tempo. A tela de lorde Mackelby estava no cavalete, com sua barba, suas bochechas coradas, sua testa enrugada. Só faltavam os olhos. Eram sempre os olhos que dificultavam a pintura a óleo de Nathaniel.

Ele escolheu um pincel e removeu um pelo solto. Já ia passar tinta na tela, quando sentiu um formigamento nos braços, o estranho sexto sentido que denunciava que ele não estava mais sozinho. Olhou por cima do ombro. Havia um criado atrás dele. Ele ficou nervoso.

– Pelo amor de Deus, homem – disse Nathaniel. – Não apareça assim, sorrateiramente. Se tiver algo a falar, venha logo, pare na minha frente e diga. Não há necessidade de andar na ponta dos pés.

– Lady Mountrachet manda avisar que o almoço será servido mais cedo, senhor. A carruagem partirá para Tremayne Hall às duas horas da tarde.

Nathaniel praguejou baixinho. Esquecera-se de Tremayne Hall. Mais uma das amigas ricas de Adeline queria pendurar a própria imagem na parede. Talvez, se tivesse muita sorte, a cliente ia querer que ele pintasse também seus três cachorrinhos!

Era difícil acreditar que um dia ele ficara animado com essas apresentações, que sentira seu status subir como a vela de um barco. Fora idiota ao ignorar o preço desse sucesso. Suas encomendas tinham aumentado, mas sua criatividade fora imensamente reduzida. Ele produzia retratos como se fosse uma daquelas novas indústrias de produção em massa das quais os homens de negócios estavam sempre falando, esfregando as mãos de cobiça. Não tinha tempo para parar, para melhorar, para variar seu método. Seu trabalho não era o de um artista, não havia mais dignidade nem humanidade em suas pinceladas.

O pior de tudo era que, enquanto ele estava ocupado produzindo retratos a óleo, não tinha tempo para os desenhos, sua verdadeira paixão. Desde que chegara a Blackhurst, só conseguira fazer um painel e alguns estudos da casa e seus habitantes. Suas mãos, sua habilidade, seu ânimo haviam atrofiado.

Ele fizera a escolha errada, agora compreendia. Se ao menos tivesse atendido ao pedido de Rose e procurado uma casa para eles depois do casamento, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Talvez estivessem felizes, ela com filhos e ele podendo se dedicar ao seu trabalho criativo.

Mas talvez não. Talvez eles fossem forçados a suportar aquela tortura em piores circunstâncias. Como um menino que tinha vivido na pobreza poderia escolher o caminho mais pobre?

E, agora, Adeline, como a própria Eva, tinha começado a falar de uma possível sessão com o rei. Embora estivesse cansado de pintar retratos, embora se odiasse por ter abandonado completamente sua paixão, sentia um arrepio de ânimo ao pensar nessa possibilidade.

Largou o pincel e limpou uma mancha de tinta do polegar. Já estava saindo para almoçar, quando sua pasta atraiu sua atenção. Dando uma olhada na direção da casa, tirou os desenhos secretos lá de dentro. Vinha trabalhando neles fazia quinze dias, desde que encontrara os contos de fadas da prima Eliza no meio das coisas de Rose. Embora fossem escritos para crianças, histórias mágicas de bravura e correção, eles o cativaram. Os personagens adquiriram vida em sua imaginação, sua sabedoria simples era um bálsamo para sua mente agitada, para os problemas complicados da vida adulta. Começara a desenhar, sem querer, linhas que se transformaram em uma velha trabalhando na roda de fiar; na Rainha das Fadas com sua longa trança; na princesa-pássaro presa em sua gaiola dourada.

E o que começou como uma série de rabiscos agora se transformava em verdadeiros desenhos. Ele os escurecia com sombreado, firmava as linhas, acentuava as feições. Examinou-os. Tentou não reparar no bloco que Rose tinha lhe comprado quando eram recém-casados, não queria pensar em tempos mais felizes.

Os desenhos ainda não tinham sido concluídos, mas ele estava satisfeito com o resultado até ali. Na verdade, aquele era o único projeto que parecia lhe dar algum prazer, uma fuga da provação que sua vida se tornara. Com o coração batendo mais depressa, Nathaniel prendeu o papel no cavalete. Depois do almoço, ia desenhar, com o mesmo entusiasmo com que costumava desenhar quando era menino. Os olhos sombrios de lorde Mackelby podiam esperar.



Finalmente, com a ajuda de Mary, Rose se vestiu. Passara a manhã inteira sentada na poltrona, mas decidira sair do quarto. Quando tinha deixado aquelas quatro paredes pela última vez? Dois dias antes? Três? Quando ficou em pé, quase caiu. Sentiu a cabeça vazia e o estômago fraco, sensações familiares da sua infância, na época em que Eliza era capaz de levantar seu ânimo com contos de fadas e relatos trazidos da enseada. Se ao menos o remédio para as aflições da idade adulta fosse tão simples.

Já fazia algum tempo que Rose não via Eliza. Ela a avistava ocasionalmente da janela, atravessando o jardim ou parada na beira do penhasco, um pontinho distante com longos cabelos vermelhos esvoaçando. Uma ou duas vezes, Mary vinha avisar que a Srta. Eliza estava lá embaixo e gostaria de ver a prima, mas Rose sempre se recusava. Amava a outra, mas a batalha que estava travando contra o sofrimento e a esperança sugava toda a sua energia. E Eliza era tão animada, tão cheia de vitalidade, de capacidade, de saúde... Aquilo era mais do que Rose podia suportar.

Leve como um fantasma, Rose deslizou pelo corredor acarpetado, com a mão no corrimão para manter o equilíbrio. Esta tarde, quando Nathaniel voltasse de seu encontro em Tremayne Hall, ela se juntaria a ele no gazebo. Estaria frio, é claro, mas pediria a Mary que a agasalhasse bem. Thomas poderia levar o divã e um cobertor para que ele ficasse mais confortável. Nathaniel devia estar solitário lá, ficaria feliz em tê-la ao seu lado de novo. Poderia desenhá-la reclinada no divã. Ele gostava tanto de retratá-la, e era seu dever de esposa agradar ao marido.

Rose estava quase chegando à escada quando ouviu vozes no corredor:

– Ela falou que não vai dizer nada, que não é da conta de ninguém. – As palavras foram pontuadas por batidas da vassoura contra o assoalho.

– A patroa não vai ficar satisfeita quando descobrir.

– A patroa não vai descobrir.

– Se tiver olhos, vai. É difícil não ver quando a barriga de uma garota começa a crescer.

Rose tapou a boca com a mão, caminhou na ponta dos pés pelo corredor, tentando ouvir mais.

– Ela diz que todas as mulheres da família dela têm pouca barriga. Que vai poder disfarçar com o uniforme.

– Tomara que tenha razão, senão vai ser enxotada daqui.

Rose chegou ao alto da escada a tempo de ver Daisy desaparecer na sala dos empregados. Sally não conseguiu escapar.

A criada levou um susto e ficou corada.

– Desculpe, madame. – Uma reverência apressada, o cabo da vassoura preso à saia. – Não vi a senhora.

– De quem vocês estavam falando, Sally?

O rubor se espalhou até as orelhas da moça.

– Sally – disse Rose –, exijo que você responda. Quem é que está esperando um bebê?

– Mary, madame. – Soou pouco mais que um sussurro.

– Mary?

– Sim, madame.

– Mary está grávida?

A moça assentiu apressadamente, louca para sumir dali.

– Entendo.

Rose sentiu um buraco tomar seu estômago, ameaçando virá-la do avesso. Aquela garota estúpida com sua fertilidade barata. Exibindo-a para quem quisesse ver, consolando Rose, afirmando que tudo ia dar certo e depois rindo dela pelas costas. E solteira, ainda por cima! Bem, nesta casa não! A Mansão Blackhurst era uma casa de altos padrões morais. Rose ia providenciar para que fossem mantidos.



Adeline passou a escova no cabelo diversas vezes. Mary tinha ido embora e, apesar de isso ser um problema para organizar a festa do fim de semana, a ausência da moça teria que ser enfrentada. Embora normalmente Adeline não encorajasse Rose a tomar decisões a respeito da criadagem sem consultá-la, aquelas eram circunstâncias extraordinárias, e Mary, uma fingida. Fingida e

solteira, o que piorava tudo. Não, Rose tinha razão em seus instintos, embora não em seu método.

Pobre Rose. O Dr. Matthews havia procurado Adeline naquela semana. Ele tinha se sentado de frente para ela na saleta e adotado um tom de voz baixo, típico de quando estava nervoso. Rose não estava bem, dissera ele (como se Adeline não fosse capaz de perceber isso sozinha), e ele estava muito preocupado.

– Infelizmente, lady Mountrachet, meus temores não se limitam ao seu declínio físico. Existem... – ele tossiu discretamente – ... outras coisas.

– Outras coisas, Dr. Matthews? – Adeline serviu-lhe uma xícara de chá.

– Questões emocionais, lady Mountrachet. – Ele sorriu recatadamente e tomou um gole de chá. – Quando questionada acerca dos aspectos físicos de seu casamento, a Sra. Walker confessou o que seria considerado, na minha opinião, uma tendência pouco saudável para o excesso.

Adeline sentiu seus pulmões se expandirem, prendeu a respiração e se obrigou a soltar o ar calmamente. Na falta do que dizer ou fazer, pôs mais um torrão de açúcar no chá. Sem encarar o Dr. Matthews, fez sinal para ele prosseguir:

– Console-se, lady Mountrachet. Embora seja certamente um quadro sério, sua filha não é a única a sofrer disso. Posso relatar uma alta incidência de excessivo ardor físico entre jovens senhoras atualmente, e estou certo de que ela vai superá-lo. Mais preocupante é minha suspeita de que sua tendência física esteja contribuindo para seus repetidos fracassos.

Adeline pigarreou.

– Continue, Dr. Matthews.

– Minha opinião médica é a de que sua filha deve interromper suas relações físicas até seu pobre corpo ter tempo de se recuperar. Porque está tudo relacionado, lady Mountrachet, está tudo relacionado.

Adeline ergueu a xícara aos lábios e sentiu o gosto amargo da porcelana fina. Ela assentiu quase imperceptivelmente.

– O Senhor age de forma misteriosa. Da mesma forma, pela vontade d’Ele, o corpo humano. É razoável supor que uma jovem senhora com... apetites exacerbados... – ele sorriu, reservadamente – ... seja um modelo maternal pouco adequado. O corpo tem conhecimento dessas coisas, lady Mountrachet.

– O senhor está sugerindo, Dr. Matthews, que talvez, com menos tentativas, minha filha possa ter mais sucesso?

– Vale a pena pensar nisso, lady Mountrachet. Sem mencionar os benefícios que esta moderação trará para sua saúde e para seu bem-estar. Imagine, por favor, lady Mountrachet, uma biruta.

Adeline ergueu as sobrancelhas e imaginou – não pela primeira vez – por que tinha permanecido leal ao Dr. Matthews por todo este tempo.

– Se uma biruta fica suspensa por anos a fio, sem oportunidade de descanso ou conserto, o vento abrirá buracos em seu tecido. Da mesma forma, lady Mountrachet, sua filha precisa de tempo para se recuperar. Precisa ser protegida dos ventos fortes que ameaçam rasgá-la.

Deixando as birutas de lado, havia certo sentido nas palavras do Dr. Matthews. Rose estava doente e fraca e, se não tivesse tempo para se curar, talvez não se recuperasse inteiramente. Entretanto, o desejo de ter um filho a consumia. Adeline tentara convencer a filha de colocar sua saúde em primeiro lugar, e, finalmente, percebera que para isso era preciso ter Nathaniel como aliado. Por mais difícil que essa conversa promettesse ser, conseguira conquistar a obediência do genro. Nos últimos doze meses, Nathaniel tinha aprendido a lidar com Adeline, e agora, com um retrato da realeza em vista, sem dúvida iria concordar com ela.

Embora Adeline conseguisse manter uma aparência calma, sentia um forte ódio. Por que outras mulheres conseguiam ter filhos, mas Rose não? Por que sua filha tinha que enfraquecer quando as outras ficavam mais fortes? Quanto mais o corpo frágil de Rose precisaria suportar? Nos seus momentos mais sombrios, Adeline imaginava se seria algo que *ela* própria, como mãe, tivesse feito. Perguntava-se se Deus a estava castigando. Fora orgulhosa demais, tinha se gabado muitas vezes da beleza de Rose, de seus belos modos, de sua natureza doce. Não existia castigo maior do que ver uma filha amada sofrendo.

Para piorar, surge esta notícia de Mary, aquela garota saudável, com seu rosto alegre, seu cabelo revoltado, esperando um bebê. Ela teria um bebê indesejado enquanto tantas mulheres que desejavam ser mães fracassavam repetidamente. Não havia justiça. Não era de espantar que Rose tivesse enlouquecido: era mesmo a vez dela. A boa notícia, o filho, devia pertencer a Rose, e não a Mary.

Se ao menos houvesse um meio de dar um filho a Rose sem o esforço físico... É claro que isso era impossível. Se houvesse um método desses, as mulheres fariam fila...

Adeline parou no meio de uma escovadela. Olhou para seu reflexo, mas nada viu. Sua mente estava em outro lugar, contemplando a imagem de uma moça saudável, sem nenhum instinto maternal, ao lado de uma mulher delicada cujo corpo não era capaz de realizar o desejo de seu coração...

Ela largou a escova. Apertou as mãos frias no colo.

Seria possível consertar este erro?

Não seria fácil. Primeiro, Rose precisaria ser convencida de que era a melhor solução. E havia a moça. Ela ia precisar entender que tinha essa obrigação, que devia muito à família Mountrachet, depois de todos aqueles anos.

Difícil, com certeza. Mas não impossível.

Vagarosamente, Adeline se levantou. Largou a escova na penteadeira. Ainda refletindo sobre o assunto, dirigiu-se ao quarto de Rose.



O segredo para enxertar rosas estava na faca. Precisava ser afiada, explicara Davies, afiada o bastante para raspar os pelos do seu braço. Eliza o encontrara na estufa, e ele ficara contente em ajudá-la com o enxerto que ela planejava para seu jardim. Ele lhe mostrara como fazer o corte, como certificar-se de que não havia farpas, caroços ou imperfeições que pudessem impedir que o enxerto pegasse. Ela acabou ficando a manhã inteira e ajudou com o replantio dos vasos para a primavera. Era tão bom enfiar a mão na terra quente, sentir nas pontas dos dedos todas as possibilidades de uma nova estação.

Quando saiu, Eliza percorreu a pé o longo caminho de volta. Era um dia frio, com nuvens finas passando ligeiras no céu, e ela apreciou o vento frio em seu rosto depois do abafamento da estufa. Porque estava tão perto, seus pensamentos se voltaram, como sempre, para a prima. Mary informara que Rose andava deprimida e, embora Eliza suspeitasse de que não a deixariam entrar, não podia estar tão próxima e não tentar. Bateu à porta lateral e esperou até abrirem.

– Bom dia, Sally. Vim visitar Rose.

– Não é possível, Srta. Eliza – respondeu a criada, com uma expressão mal-humorada. – A Sra. Walker está ocupada e não pode receber visitas. – Eram versos de uma melodia que ela já sabia de cor.

– Vamos, Sally – insistiu Eliza, sorrindo. – Eu não sou visita. Tenho certeza de que, se você disser a Rose que eu estou aqui...

Das sombras, veio a voz de Adeline:

– Sally tem razão. A Sra. Walker está ocupada. – A tia se aproximou. – Vamos almoçar agora. Se você deixar um cartão, Sally vai informar à Sra. Walker que você solicitou uma audiência.

Sally estava de cabeça baixa e seu rosto enrubescceu. Sem dúvida houve alguma confusão com a criadagem e Eliza saberia detalhes, mais tarde, por Mary. Sem Mary e seus relatórios regulares, Eliza não saberia nada do que se passava na casa.

– Eu não tenho cartão – respondeu Eliza. – Diga a Rose que eu estive aqui, está bem, Sally? Ela sabe onde me encontrar.

Com um aceno na direção da tia, Eliza atravessou o gramado, só parando para olhar para a janela do novo quarto de Rose, onde a luminosidade da primavera pintava a superfície de branco. Com um arrepio, pensou na faca de poda de Davies: a facilidade com que uma lâmina afiada conseguia separar uma planta, sem deixar nenhum vestígio do elo anterior.

Passando pelo relógio de sol, Eliza chegou ao gazebo. O equipamento de pintura de Nathaniel estava arrumado lá dentro, como acontecia nos últimos tempos. Ele não estava ali, provavelmente entrara para almoçar, mas deixara o trabalho preso no cavalete.

Eliza se surpreendeu.

Os desenhos eram inconfundíveis.

Ela teve um impacto ao ver o produto de sua imaginação ali materializado. Personagens, que até então só existiam em sua cabeça, transformados, em um passe de mágica, em imagens. Sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

Eliza se aproximou. Subiu a escada do gazebo e examinou os desenhos. Não conseguiu conter o sorriso. Era como descobrir que um amigo imaginário tinha adquirido vida. A semelhança entre os desenhos e os personagens que havia criado era suficiente para que os reconhecesse instantaneamente. Entretanto,

eram, de alguma forma, diferentes. A mão do pintor era mais sombria do que sua mente, percebeu, e gostou. Sem pensar, ela os retirou do cavalete.

Eliza percorreu rapidamente o labirinto, seu jardim, entrou no chalé, o tempo todo pensando nos desenhos. Perguntava-se quando ele os teria feito, por quê, o que pretendia com eles. Foi só quando estava pendurando o casaco e o chapéu no hall do chalé que seus pensamentos se voltaram para a carta que recentemente recebera da editora de Londres. O Sr. Hobbins iniciara a carta cumprimentando a escritora por suas histórias. Dizia que tinha uma filha que aguardava cada conto de fadas de Eliza Makepeace com ansiedade. Depois sugeriu que ela publicasse uma coleção ilustrada e se lembrasse dele, se resolvesse fazê-lo.

Eliza ficara orgulhosa, mas não muito convencida. Por alguma razão, a ideia não foi adiante. Agora, entretanto, ao ver os desenhos de Nathaniel, conseguia visualizar o livro, quase podia sentir o peso da publicação nas mãos. Uma edição com suas histórias favoritas, um volume que agradaria às crianças. Como o livro que ela tinha descoberto na loja da Sra. Swindell, tantos anos antes.

E, embora a carta do Sr. Hobbins não fosse clara a respeito de remuneração, sem dúvida Eliza poderia esperar um pagamento melhor do que os que tinha recebido até então. Afinal de contas, um livro inteiro devia valer muito mais do que uma história avulsa. Talvez ela finalmente conseguisse o dinheiro necessário para viajar para o outro lado do oceano...

Uma batida à porta chamou sua atenção.

Eliza descartou a ideia irracional de que Nathaniel estaria esperando por ela ali, de que ele tivesse vindo buscar seus desenhos. É claro que não era ele. Ele nunca ia ao chalé e, além disso, só daria falta dos desenhos horas depois.

Mesmo assim, Eliza enrolou-os e enfiou-os no bolso do casaco.

Ela abriu a porta. Mary estava lá, com o rosto molhado de lágrimas.

– Por favor, Srta. Eliza, me ajude.

– Mary, o que aconteceu? – Eliza fez a moça entrar, olhando por cima do ombro dela antes de fechar a porta. – Você se machucou?

– Não, Srta. Eliza. – Ela engoliu o choro. – Não é isso.

– Então me conte o que houve.

– É a Sra. Walker.

– Rose? – Eliza sentiu o coração disparar.

– Ela me mandou embora – disse Mary, chorando –, falou para eu sair imediatamente.

Eliza sentiu ao mesmo tempo surpresa e alívio, por não ter acontecido nada com Rose.

– Mas, Mary, por quê?

A criada se deixou cair em uma cadeira e enxugou os olhos com as mãos.

– Eu não sei como falar, Srta. Eliza.

– Então explique com calma, Mary. Por favor, conte o que aconteceu.

Ela recomeçou a chorar.

– Estou grávida, Srta. Eliza. Vou ter um bebê e achei que podia guardar segredo, mas a Sra. Walker descobriu e disse que não me quer mais na casa.

– Ah, Mary... – replicou Eliza, sentando-se em outra cadeira e segurando as mãos de Mary. – Você tem certeza sobre o bebê?

– Não tenho dúvidas, Srta. Eliza. Não queria que acontecesse, mas aconteceu.

– E quem é o pai?

– Um rapaz que mora perto de casa. Por favor, Srta. Eliza, ele não é um mau rapaz e diz que quer se casar comigo, mas preciso ganhar algum dinheiro antes, senão não terei como alimentar e vestir o bebê. Não posso perder meu emprego agora, Srta. Eliza, e sei que ainda posso trabalhar direito.

O rosto de Mary estava tão desesperado que Eliza não pôde responder de outro jeito:

– Vou ver o que posso fazer.

– A senhorita vai falar com a Sra. Walker?

Eliza foi buscar um copo d'água e o entregou a Mary.

– Vou tentar falar com ela. Embora você saiba muito bem que não é fácil conseguir uma audiência com Rose.

– Por favor, a senhorita é minha única esperança.

Eliza sorriu com uma confiança que, na verdade, não sentia.

– Vou deixar passar uns dias, para dar tempo a Rose para se acalmar, então vou falar com ela. Tenho certeza de que ela irá reconsiderar.

– Ah, obrigada, Srta. Eliza. Não queria que isso acontecesse, estraguei tudo. Queria tanto poder voltar no tempo e desfazer tudo isso.

– Todos nós temos esse desejo de vez em quando – afirmou Eliza. – Agora vá para casa, Mary querida, e tente não se preocupar. Vai dar tudo certo, tenho certeza. Depois que eu falar com Rose, mando um recado para você.



Adeline bateu de leve à porta do quarto, depois entrou. Rose estava sentada à janela, olhando para baixo. Seus braços estavam tão magros, seu perfil tão abatido. O quarto ficara sem vida, em solidariedade à dona, as almofadas jogadas, as cortinas desalinhadas. Até o ar parecia viciado sob a luz fraca.

Rose não deu nenhuma indicação de ter notado sua entrada, então Adeline se aproximou e parou atrás dela. Olhou pela janela para ver o que atraía a atenção da filha.

Nathaniel estava sentado em frente ao cavalete, no gazebo, virando as páginas de seu portfólio de couro. Parecia agitado, como se tivesse perdido alguma coisa importante.

– Ele vai me abandonar, mamãe – disse Rose, com a voz bem fraca. – Por que ele ficaria comigo?

Então, ela se virou e Adeline tentou não permitir que seu rosto refletisse o terrível estado da filha. Ela pôs a mão no ombro ossudo de Rose.

– Vai ficar tudo bem, minha Rose.

– Vai mesmo?

Seu tom foi tão amargo que Adeline estremeceu.

– É claro que sim.

– Não sei como, pois parece que sou incapaz de fazer dele um homem. Não consigo lhe dar um herdeiro, um filho. – Rose tornou a se virar para a janela. – É claro que ele vai embora. E, sem ele, vou definhar.

– Eu falei com Nathaniel, Rose.

– Ah, mamãe...

Adeline pôs um dedo nos lábios de Rose.

– Eu falei com Nathaniel e sei que ele, assim como eu, só quer que você fique bem de novo. Os filhos virão quando você estiver bem e, para isso, é preciso que você tenha paciência. Precisa de um tempo para se recuperar.

Rose balançava a cabeça, o pescoço tão fino que Adeline temeu que este simples gesto pudesse quebrá-lo.

– Não posso esperar, mamãe. Sem um filho, não posso viver. Faria qualquer coisa para ter um bebê, mesmo que isso me custasse a vida. Prefiro morrer a esperar.

Adeline sentou-se ao lado da filha, segurando suas mãos pálidas entre as dela.

– Não precisa ser assim.

Rose olhou para Adeline com uma chama de esperança nos olhos. A esperança que um filho nunca perde, a fé de que os pais possam solucionar qualquer problema.

– Eu sou sua mãe e tenho que cuidar de sua saúde, mesmo que você não queira, então pensei muito no assunto. Acho que encontrei uma maneira de você ter um filho sem colocar sua vida em risco.

– Como, mamãe?

– Você talvez vá relutar no início, mas, eu imploro, deixe de lado suas dúvidas. – Adeline baixou a voz. – Ouça atentamente, Rose, o que eu tenho a dizer.



Foi Rose quem acabou fazendo contato com Eliza. Cinco dias depois da visita de Mary, Eliza soube que a prima queria falar com ela. E, o mais surpreendente, a carta de Rose sugeria que as duas se encontrassem no jardim secreto.

Quando a viu, Eliza ficou contente de ter levado almofadas para colocar no banco do jardim, pois a querida Rose estava um fiapo de gente. Mary dissera que ela não estava bem, mas Eliza nunca imaginou uma magreza tão acentuada. Embora tentasse disfarçar o choque, soube que a prima notara seu espanto.

– Você está surpresa com minha aparência, prima – disse Rose, sorrindo e fazendo saltar os ossos do rosto.

– De jeito nenhum. É claro que não, eu apenas, meu rosto...

– Conheço você muito bem, minha Eliza. Posso ler seus pensamentos como se fossem meus. Não tenho passado bem. Ando muito fraca. Mas vou me recuperar, como sempre acontece.

Eliza assentiu, sentindo os olhos marejados.

Rose sorriu; seu sorriso era ainda mais triste ao tentar demonstrar segurança.

– Venha – fez um gesto –, sente-se aqui ao meu lado, Eliza. Você se lembra do dia em que me trouxe pela primeira vez para o jardim secreto e, juntas, nós plantamos a macieira?

Eliza segurou as mãos finas e frias de Rose.

– É claro que sim. Veja como está nossa árvore agora, Rose.

O arbusto tinha crescido e a árvore já alcançava o alto do muro. Os galhos se estendiam graciosamente, os botões apontavam para o céu.

– Ela está linda – disse Rose, nostálgica. – É impressionante: só precisamos plantá-la na terra e ela soube exatamente o que fazer.

Eliza sorriu carinhosamente.

– Fez o que a natureza a criou para fazer.

Rose mordeu o lábio, deixando uma marca vermelha.

– Sentada aqui, eu quase acredito que tenho 18 anos novamente, que estou prestes a viajar para Nova York, cheia de ansiedade e animação. – Ela sorriu para Eliza. – Parece que se passou um século desde a última vez que estivemos juntas, como costumava acontecer quando éramos meninas.

Uma onda de nostalgia apagou o ano de inveja e decepção. Eliza apertou a mão de Rose com força.

– É mesmo, prima.

Rose tossiu um pouco e seu frágil corpo se agitou com o esforço. Eliza já ia oferecer um xale para ela colocar nos ombros, quando Rose tornou a falar:

– Você teve notícias da casa ultimamente?

Eliza respondeu cautelosamente, imaginando o motivo da súbita mudança de assunto.

– Eu estive com Mary.

– Então você sabe. – Rose olhou para Eliza, depois balançou a cabeça, tristemente. – Ela não me deixou nenhuma escolha, prima. Sei que vocês gostam uma da outra, mas era impensável mantê-la em Blackhurst naquele estado. Você deve entender.

– Ela é uma moça boa e leal, Rose – afirmou Eliza com doçura. – Comportou-se de forma imprudente, não nego. Mas você não poderia perdoá-la? Mary está sem salário e o bebê que está esperando vai ter necessidades que ela precisa suprir. Por favor, pense nisso, Rose. Imagine o sofrimento dela.

– Posso garantir que não penso em outra coisa.

– Então, quem sabe, você...

– Alguma vez você desejou tanto alguma coisa, Eliza, que, sem ela, você não pudesse mais viver?

Eliza pensou na sua sonhada viagem pelos mares, no seu amor por Sammy, na sua amizade com Rose.

– Eu desejo um filho mais do que tudo na vida. Meu coração dói, assim como meus braços. Às vezes eu sinto o peso da criança que quero embalar. O calor de sua cabecinha na curva do meu braço.

– E, com certeza, um dia...

– Sim, sim. – O sorriso de Rose desmentia aquelas palavras otimistas. – Mas eu já tentei tanto. Doze meses, Eliza... Doze meses, e só me decepcionei. Agora o Dr. Matthews diz que minha saúde pode impedir que meu sonho se realize. Você deve imaginar, Eliza, como me senti com o segredo de Mary. Ela, por um mero acidente, vai ter o que eu tanto desejo. Ela, que não tem nada para oferecer, vai ter o que eu, que tenho tudo, não consegui. Você não percebe que isso não está certo? Que Deus não pode aprovar uma injustiça dessas?

O desespero de Rose era imenso. Sua aparência frágil contrastava com seu desejo feroz, e, de repente, o bem-estar de Mary passou a ser a menor das preocupações de Eliza.

– Como posso ajudá-la, Rose? Diga, o que eu posso fazer?

– Tem uma coisa, prima Eliza. Preciso que você faça uma coisa por mim, uma coisa que também ajudará Mary.

Finalmente. Rose tinha compreendido que precisava de Eliza, como ela sempre soubera. Percebeu que só Eliza poderia ajudá-la.

– É claro, Rose – disse ela. – Qualquer coisa. Diga o que você precisa e eu farei.

Tregenna, 2005

O tempo mudou na sexta-feira à noite e o nevoeiro cobriu a aldeia durante todo o fim de semana. Devido a esta inclemência do tempo, Cassandra resolveu dar um descanso às suas pernas e tirou merecidas férias do chalé. Passou o sábado recolhida no quarto, cercada por xícaras de chá e pelo caderno de Nell. Estava intrigada com o relato da avó sobre a consulta feita a um detetive em Truro. Um homem chamado Ned Morrish, cujo nome ela vira no catálogo de telefones depois que William Martin insinuou que o mistério seria desvendado se descobrisse para onde Eliza tinha ido em 1909.

No domingo, Cassandra se encontrou com Julia para o chá. A chuva caíra a manhã inteira, mas, no meio da tarde, o dilúvio se reduziu a um chuveiro, e a neblina surgiu. Olhando pelas janelas, Cassandra só conseguia avistar o verde do gramado encharcado; o resto era neblina. Avistava eventualmente galhos nus, como pequenas rachaduras em uma parede branca. Era o tipo de dia que Nell amava. Cassandra sorriu ao recordar o entusiasmo com que a avó colocava capa de chuva e galochas. Talvez, bem no fundo, aquela herança de Nell a estivesse chamando.

Cassandra recostou-se nas almofadas da poltrona e ficou observando as chamas crepitando na lareira. Havia pessoas reunidas em todos os cantos do salão do hotel – algumas jogando, outras lendo ou comendo –, que ressoava com as vozes reconfortantes de pessoas secas e aquecidas.

Julia pôs uma colher de creme no seu bolinho recheado de geleia.

– Por que o súbito interesse pelo muro do chalé?

Cassandra segurou a caneca quente com as duas mãos.

– Nell acreditava que, se descobrisse para onde Eliza fora em 1909, encontraria a resposta para seu mistério.

– O que isso tem a ver com o muro?

– Não sei, talvez nada. Alguma coisa no álbum de Rose me fez pensar...

– O quê?

– Ela fez uma anotação em abril de 1909 que parece ligar a viagem de Eliza à construção do muro.

Julia lambeu o creme dos dedos.

– Eu lembro. Ela escreveu que era preciso tomar cuidado, porque quando há muito a ganhar também há muito a perder.

– Exatamente. A questão é saber o que ela quis dizer com isso.

Julia mordeu o lábio.

– Que grosseria ela não ter explicado melhor para aqueles que iriam ler suas anotações noventa anos depois!

Cassandra sorriu, puxou um fiapo solto no braço da poltrona.

– Por que ela teria dito isso? O que havia a ganhar, o que ela estava tão preocupada em perder? E o que a segurança do chalé tinha a ver com isso?

Julia deu uma mordida no bolinho e o mastigou devagar enquanto pensava. Limpou os lábios no guardanapo.

– Rose estava grávida na época, certo?

– Segundo aquela anotação no álbum, sim.

– Então talvez fossem os hormônios. Isso pode acontecer, não pode? As mulheres não ficam emotivas? Talvez ela estivesse com saudades de Eliza e com medo de que o chalé pudesse ser roubado ou invadido. Talvez se sentisse responsável. As duas ainda eram muito próximas.

Cassandra pensou um pouco. Gravidez podia ser a resposta para mudanças repentinas de humor, mas aquela seria a melhor resposta? Mesmo admitindo uma narradora com excesso de hormônios, havia algo estranho naquela anotação. O que estava acontecendo no chalé que fez Rose se sentir tão vulnerável?

– Dizem que amanhã o tempo vai melhorar – comentou Julia, pousando o garfo no prato cheio de migalhas de bolo. Ela se encostou na poltrona, abriu a cortina e olhou para a neblina do lado de fora. – Suponho que você vá voltar a trabalhar no chalé, certo?

– Na verdade, não. Uma amiga minha vai chegar.

– Ela está vindo para o hotel?

Cassandra assentiu.

– Que bom! Me avise se eu puder ajudar de algum modo.



Julia estava certa: segunda-feira à tarde a neblina começou a se dissipar e um sol trêmulo prometia aparecer entre as nuvens. Cassandra esperava no salão quando o carro de Ruby parou no estacionamento. Ela sorriu ao ver o carrinho branco, recolheu os álbuns e correu para o saguão.

– Ufa! – disse Ruby, entrando e largando as malas, depois tirou o chapéu impermeável e sacudiu a cabeça. – Uma típica demonstração local de boas-vindas! Nem uma gota de chuva e, mesmo assim, estou encharcada. – Ela parou e fitou Cassandra. – Olhe só para você!

– O quê? – Cassandra passou a mão no cabelo. – O que há comigo?

Ruby sorriu, enrugando os cantos dos olhos.

– Nada, foi isso que eu quis dizer. Você está fabulosa.

– Obrigada.

– O ar da Cornualha lhe fez bem. Você nem parece a mesma pessoa que eu fui buscar em Heathrow.

Cassandra começou a rir, surpreendendo Samantha, que ouvia de trás da mesa da recepção.

– É mesmo um prazer rever você, Ruby – disse, pegando uma das malas. – Vamos nos livrar da bagagem e sair para dar um passeio, ver a enseada depois de toda essa chuva.



Cassandra fechou os olhos, ergueu o rosto para o céu e deixou a brisa do mar bater em suas pálpebras. Gaivotas conversavam entre si, um inseto voou perto de seu ouvido, ondas quebravam suavemente na praia. Uma enorme sensação de calma a invadiu enquanto ela sincronizava sua respiração com a do mar: inspirar, expirar, inspirar, expirar. A chuva recente deixara um cheiro forte de sal no ar.

Ela abriu os olhos e fitou a enseada. A fileira de árvores ao longo do penhasco, a rocha negra, as montanhas que ocultavam seu chalé. Ela soltou o ar, sentindo um profundo prazer.

– Eu sinto como se tivesse entrado em *Os cinco e os contrabandistas*! – gritou Ruby da praia. – Estou sempre com a impressão de que Timmy, o cachorro, vai correr pela areia com uma garrafa contendo uma mensagem na boca – ela arregalou os olhos – ou com um osso humano, alguma coisa nefasta que ele desenterrou!

Cassandra sorriu.

– Eu adorava essa história. – Ela começou a andar pelas pedras na direção de Ruby e da rocha negra. – Quando eu era criança e costumava ler este livro nos dias quentes de Brisbane, daria tudo para viver em uma cidade costeira, cheia de neblina, com cavernas de contrabandistas.

Quando chegaram à ponta da praia, onde as pedras se encontravam com a grama, surgiu diante delas a colina íngreme que fazia limite com a enseada.

– Minha nossa – disse Ruby, inclinando a cabeça para ver o topo. – Você pretende mesmo que a gente escale isso?

– Não é tão íngreme quanto parece, juro.

O tempo e o tráfego tinham aberto uma pequena trilha, quase invisível, no meio do capim e das flores amarelas, e elas caminharam vagarosamente, parando de vez em quando para Ruby recuperar o fôlego.

Cassandra apreciou o ar puro que a chuva havia deixado. Quanto mais subiam, mais frio ficava. Cada lufada de vento trazia a umidade do mar para salpicar seus rostos. Ao se aproximar do topo, Cassandra estendeu a mão para agarrar os longos talos de capim, sentindo-os deslizar por entre seus dedos.

– Estamos quase lá – disse para Ruby, que vinha atrás. – Fica logo depois desta subida.

– Estou me sentindo uma noviça rebelde – falou Ruby, sem fôlego. – Só que mais gorda, mais velha e sem nenhuma energia para cantar.

Cassandra chegou ao topo. Acima dela, nuvens finas deslizavam no céu, empurradas pelos fortes ventos do outono. Foi até a beirada do penhasco e contemplou o mar, vasto e bravio.

Ruby exclamou, aliviada:

– Graças a Deus! Estou viva. – Parou com as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego. – Vou contar um segredo para você. Achei que não fosse conseguir.

Ela se endireitou, pôs as mãos nas costas e foi para junto de Cassandra. Sua expressão se iluminou quando seus olhos percorreram o horizonte.

– É lindo, não é? – perguntou Cassandra.

Ruby assentiu.

– É fantástico. É isto que os pássaros sentem quando estão em seus ninhos. – Ela deu um passo para trás. – Só que mais seguros, talvez, uma vez que têm asas para voar, no caso de uma queda.

– O chalé costumava ser um ponto de observação no tempo dos contrabandistas.

Ruby concordou.

– Dá para acreditar. Não há muita coisa que você não consiga ver daqui de cima. – Ela virou-se, esperando avistar o chalé, e franziu a testa. – Uma pena esse muro alto. Ele deve bloquear grande parte da vista.

– É, do andar de baixo. Mas nem sempre fez parte da casa, foi construído em 1909.

Ruby caminhou na direção do portão.

– Por que alguém ergueria um muro desses?

– Segurança.

– Segurança contra o quê?

Cassandra seguiu Ruby.

– Acredite, eu adoraria saber.

Ela abriu o portão de ferro.

– Simpático. – Ruby apontou para a placa que ameaçava os invasores.

Cassandra sorriu, pensativa. *Não entre! É por sua conta e risco.* Passara tantas vezes pela placa nas últimas semanas que nem a enxergava mais. Agora, por causa da anotação no álbum de Rose, as palavras ganharam um novo significado.

– Vamos, Cass. – Ruby estava parada do outro lado, perto da porta do chalé, batendo com os pés no chão. – Suportei a caminhada sem me queixar, mas você não espera que eu escale as paredes e entre pela janela, não é?

Cassandra sorriu e pegou a chave.

– Não há perigo. Chega de exercício por hoje. Vamos deixar o jardim secreto para amanhã. – Ela enfiou a chave na fechadura, girando-a para a esquerda, depois abriu a porta.

Ruby entrou e atravessou o corredor na direção da cozinha. Agora que Cassandra e Christian já tinham tirado as trepadeiras que cobriam as janelas e lavado as vidraças, o lugar estava bem mais claro.

– Puxa – murmurou Ruby, arregalando os olhos –, a casa está perfeitamente conservada!

– Pode-se dizer que sim.

– Ninguém a destruiu com a desculpa de modernizá-la. Coisa rara. – Ela se virou para Cassandra. – Tem uma atmosfera maravilhosa, não é? Envolvente, acolhedora. Quase posso sentir os fantasmas do passado andando por aqui.

Cassandra sorriu. Sabia que Ruby também sentiria isso.

– Estou tão contente que você tenha vindo, Ruby.

– Eu não perderia isso por nada – disse, atravessando o cômodo. – Grey quase passou a usar protetores de ouvido depois que nos encontramos. Ele não aguenta mais me ouvir falar sobre seu chalé na Cornualha. Além de toda a minha curiosidade, eu tinha mesmo um trabalho para fazer em Polperro, então tudo se encaixou. – Ruby se apoiou na cadeira de balanço para espiar pela janela da frente. – Aquilo ali é um lago?

– É, um laguinho.

– Estátua bonita, imagino que esteja com frio.

Ela deixou a cadeira, que ficou balançando suavemente, seus pés rangendo baixinho no assoalho. Ruby continuou a examinar o cômodo, passando os dedos de leve sobre a beirada do fogão.

– O que você foi fazer em Polperro?

Cassandra sentou-se de pernas cruzadas sobre a mesa da cozinha.

– Minha exposição terminou na semana passada e fui devolver os desenhos de Nathaniel Walker para a dona. Meu coração quase se partiu quando me separei deles, pode acreditar.

– Ela não considerou deixá-los permanentemente no museu?

– Isso seria ótimo. – A cabeça de Ruby tinha desaparecido dentro do nicho de tijolos do fogão e sua voz soou abafada. – Talvez você consiga convencê-la.

– Eu? Eu nem a conheço!

– Bem, ainda não. Mas falei de você para ela quando estive lá. Contei que sua avó era parente dos Mountrachets, que tinha nascido aqui em Blackhurst e que voltara para comprar o chalé. Clara ficou muito interessada.

– É mesmo? Por quê?

Ruby se levantou, batendo com a cabeça na prateleira do fogão.

– Ai, droga. – Esfregou o lugar com força. – Sempre a maldita cabeça.

– Você está bem?

– Sim, sim, estou bem. Tenho muita resistência à dor. – Ela parou de esfregar, piscou. – A mãe de Clara trabalhou em Blackhurst como criada, lembra? Mary, aquela que acabou fabricando chouriço com o marido açougueiro.

– Sim, agora estou lembrando. E como você soube que Clara estava interessada em Nell? O que ela falou?

Ruby voltou a examinar o fogão, abrindo a porta do forno.

– Ela falou que queria conversar com você sobre alguma coisa. Algo que a mãe tinha lhe contado antes de morrer.

Cassandra sentiu os pelos da nuca se arrepiarem.

– O quê? Ela disse mais alguma coisa?

– Não para mim, e não fique tão animada. Conhecendo o respeito que ela tinha pela mãe, deve achar que você vai ficar feliz em saber que Mary passou os melhores anos de sua vida trabalhando naquela casa imponente. Ou que Rose uma vez a cumprimentou pelo polimento da prata. – Ruby fechou a porta do forno, virou-se para Cassandra. – Será que este fogão ainda funciona?

– Funciona, sim. A gente nem acreditou.

– A gente?

– Christian e eu.

– Quem é Christian?

Cassandra passou os dedos pela beirada da mesa.

– Ah, um amigo. Ele tem me ajudado com a limpeza.

Ruby franziu a testa.

– Um amigo, é?

– É. – Cassandra deu de ombros, tentando parecer indiferente.

Ruby sorriu indicando que entendera que havia algo no ar.

– É bom ter amigos. – Ela foi até o fundo da cozinha, depois da janela com a vidraça quebrada, onde estava a antiga roda de fiar. – Será que eu vou conhecê-

lo? – Girou a roda.

– Cuidado – disse Cassandra. – Não vá espetar o dedo.

– Não mesmo. – Ruby passou de leve os dedos pela roda. – Não quero que nós duas caíamos num sono de cem anos. – Ela mordeu o lábio inferior, com os olhos brilhando. – Embora isto desse ao seu amigo a oportunidade de nos salvar.

Cassandra corou. Fingiu não ligar para as insinuações da amiga enquanto Ruby contemplava as vigas do teto, os ladrilhos azuis e brancos em volta do fogão, as tábuas largas do assoalho.

– Então – disse finalmente –, o que você acha?

Ruby revirou os olhos.

– Você sabe o que eu acho, Cass. Estou morrendo de inveja! Isto aqui é fabuloso! – Ela se encostou na mesa. – Ainda está pensando em vendê-la?

– Sim, acho que sim.

– Você é mais forte do que eu. – Ruby balançou a cabeça. – Não conseguiria me desfazer dela.

De repente, uma onda de apego surgiu e Cassandra a afastou.

– Eu preciso. Não posso simplesmente ficar com ela. A manutenção sairia muito cara; eu moro do outro lado do mundo!

– Você poderia mantê-la como casa de veraneio, alugá-la quando não estiver usando. Então sempre teremos um lugar para ficar quando quisermos passar um tempo perto do mar. – Ela riu. – Isto é, você terá um lugar para ficar. – Cutucou Cassandra de leve com o ombro. – Vamos, me mostre o que tem lá em cima. Aposto que a vista é maravilhosa.

Cassandra subiu na frente pela escada estreita e, quando chegaram ao quarto, Ruby se debruçou na janela.

– Cass – disse, enquanto o vento formava pequenas ondas brancas na superfície do mar –, vai ter gente fazendo fila para passar as férias aqui. É um lugar preservado, perto o suficiente da aldeia para fazer compras, longe o suficiente para garantir privacidade. O pôr do sol aqui deve ser maravilhoso, e também as noites, quando as luzes dos barcos brilham como estrelas.

Os comentários de Ruby ao mesmo tempo animaram e assustaram Cassandra, porque deram voz a um desejo secreto, um sentimento que nem sequer percebera até ouvi-lo sair da boca de outra pessoa. Ela *queria* ficar com o chalé, por mais que soubesse que o mais sensato era vendê-lo. A atmosfera do

lugar a tinha cativado. Havia sua ligação com Nell, mas era mais do que isso. Uma sensação de que tudo estava em paz quando ela estava no chalé e no jardim. Em paz com o mundo e consigo mesma. Sentia-se inteira pela primeira vez em dez anos. Era como se tivesse completado um ciclo.

– Meu Deus! – Ruby se virou e agarrou o pulso de Cassandra.

– O que foi? – Cassandra sentiu um aperto no peito. – O que foi?

– Acabei de ter uma ideia brilhante. – Ela se abanou, sem fôlego. – Vamos dormir aqui esta noite, eu e você, no chalé.



Cassandra já tinha ido ao mercado e estava saindo da mercearia com uma caixa de papelão cheia de velas e fósforos quando deu de cara com Christian. Fazia três dias que eles tinham ido jantar no pub – chovera demais para pensarem em voltar ao jardim durante o fim de semana –, e ela não falava com ele desde então. Sentiu-se estranhamente nervosa, seu rosto ficou vermelho.

– Vai acampar?

– Mais ou menos. Uma amiga veio me visitar e quer passar a noite no chalé.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não deixe os fantasmas morderem vocês.

– Vou tentar.

– Nem os ratos. – Ele deu um sorriso brincalhão.

Cassandra também sorriu, depois comprimiu os lábios. O silêncio se estendeu, incômodo. Ela disse, timidamente:

– Ei, quem sabe você podia vir jantar conosco? Um jantar simples, mas divertido. Se você estiver livre, claro. Eu sei que Ruby adoraria conhecer você. – Cassandra enrubesceu, detestando-se pelo modo hesitante como fizera o convite.

– Vai ser divertido – repetiu ela.

Ele assentiu, pensativo.

– Sim. Claro, parece uma boa ideia.

– Ótimo. – Cassandra sentiu um arrepio de satisfação. – Sete horas? E não precisa levar nada; como você pode ver, estou com um bom estoque.

– Ah, me dê isso.

Christian pegou a caixa das mãos de Cassandra. Ela tirou do braço a sacola de plástico e esfregou as marcas vermelhas que as alças tinham deixado em seu pulso.

– Vou lhe dar uma carona até a trilha do penhasco – disse ele.

– Não quero atrapalhá-lo.

– Você não está atrapalhando. Eu ia mesmo até lá, para falar de Rose e daquelas marcas que ela tinha.

– Ah, não encontrei mais nada no álbum.

– Não faz mal, sei o que era e sei como ela as conseguiu. – Ele fez um gesto na direção do carro. – Venha, podemos conversar no caminho.

Christian manobrou o carro para sair do lugar apertado onde tinha estacionado e desceu a rua principal.

– E então? – disse Cassandra. – O que você descobriu?

Os vidros estavam embaçados e Christian limpou o para-brisa com a palma da mão.

– Quando você estava me falando sobre Rose naquele dia, alguma coisa me soou familiar. Foi o nome do médico, Ebenezer Matthews. Não conseguia de modo algum lembrar onde tinha ouvido esse nome antes. Finalmente, no sábado de manhã, me veio um estalo. Na universidade, fiz um curso sobre ética médica, e um dos trabalhos foi sobre o uso histórico das novas tecnologias.

Ele diminuiu a velocidade do carro em um cruzamento e mexeu no aquecimento.

– Desculpe, às vezes falha. Vai esquentar logo. – Ele girou o botão do azul para o vermelho, ligou a seta para a esquerda e começou a subir a estrada do penhasco. – Uma das vantagens de ter voltado a morar na minha casa é que tenho acesso às caixas onde minha vida foi guardada quando minha madrastra transformou meu quarto em uma academia de ginástica.

Cassandra sorriu, lembrando as caixas com recordações embaraçosas do tempo de escola que tinha descoberto quando foi morar com Nell depois de ter perdido o marido e o filho.

– Levei algum tempo, mas finalmente achei o trabalho e lá estava o nome dele: Ebenezer Matthews. Eu o incluí porque ele era da mesma aldeia onde eu tinha sido criado.

– E havia algo no seu trabalho sobre o caso de Rose?

– Não, mas, depois que eu entendi quem era o Dr. Matthews de Rose, mandei um e-mail para uma amiga em Oxford que trabalha na biblioteca de medicina. Ela me deve um favor e concordou em mandar tudo o que conseguisse sobre os pacientes do médico entre 1889 e 1913. O período de vida de Rose.

Uma amiga. Mulher. Cassandra sentiu uma pontada de ciúme.

– E...?

– O Dr. Matthews era um cara muito ocupado. Não no início: para alguém que alcançou tanta projeção, teve um começo bem humilde. Médico em uma cidadezinha da Cornualha, fazia tudo o que jovens médicos do interior fazem. Sua grande oportunidade, pelo que pude depreender, foi conhecer Adeline Mountrachet, da Mansão Blackhurst. Não sei por que ela escolheu um médico jovem como ele para tratar a filha. Aristocratas costumavam consultar médicos de família que haviam tratado o tio-avô quando ele era pequeno. O fato é que Ebenezer Matthews foi chamado. Ele e Adeline devem ter simpatizado um com o outro, porque, depois dessa primeira consulta, ele se tornou o médico de Rose. Cuidou dela durante toda sua infância e mesmo depois que ela se casou.

– Como você sabe disso? Como sua amiga obteve esse tipo de informação?

– Muitos médicos, naquela época, mantinham arquivos em seus consultórios. Registros dos pacientes que atendiam, quem lhes devia dinheiro, tratamentos prescritos, artigos publicados, esse tipo de coisa. Muitos desses arquivos foram parar em bibliotecas. Foram doados ou vendidos, normalmente pela família dos médicos.

Chegaram ao fim da estrada, que dali em diante era uma trilha de terra, e Christian parou o carro no pequeno trecho perto do mirante. Do lado de fora, o vento açoitava o penhasco e os pequenos pássaros se aglomeravam. Ele desligou o motor e se virou no assento para fitar Cassandra.

– Na última década do século XIX, o Dr. Matthews começou a ficar conhecido. Parece que ele não estava satisfeito em ser apenas um médico de cidade pequena, embora sua lista de pacientes fosse repleta de integrantes da sociedade local. Ele começou a publicar artigos sobre diversos assuntos. Não foi muito difícil cruzar seus textos com seu arquivo médico e descobrir que Rose é citada como *Srta. RM*. Ela aparece bastante a partir de 1897.

– Por quê? O que aconteceu nessa época?

Cassandra sentia um nó na garganta de tanta ansiedade.

– Quando Rose tinha 8 anos, ela engoliu um dedal.

– Por quê?

– Bem, não sei, acho que foi um acidente, e isso não vem ao caso. Não era nada de extraordinário, metade das moedas inglesas passou pelo estômago de alguma criança em algum momento. Elas saem sem muita dificuldade se você tiver paciência para esperar.

Cassandra suspirou.

– Mas eles não esperaram. O Dr. Matthews fez uma operação.

Christian balançou a cabeça.

– Pior do que isso.

Ela ficou apreensiva.

– O quê?

– Ele pediu um raio X e depois publicou as imagens na revista *Lancet*.

Christian pegou no banco traseiro uma cópia e entregou a ela.

Cassandra examinou o artigo e deu de ombros.

– Não estou entendendo. Qual é o problema?

– Não é o raio X em si, é a exposição. – Ele apontou para uma linha no topo da página. – O Dr. Matthews mandou o fotógrafo fazer uma exposição de sessenta minutos. Acho que ele quis ter certeza de que ia ter sua imagem.

Cassandra podia sentir o frio do lado de fora do vidro da janela roçando seu rosto.

– Mas o que isso significa? Uma exposição de sessenta minutos?

– Raio X é radiação. Você nunca percebeu que o técnico sai da sala antes de apertar o botão para bater a chapa? Uma exposição de sessenta minutos significa que o Dr. Matthews e o fotógrafo fritaram os ovários dela e tudo o que havia dentro.

– Os ovários? – Cassandra olhou para ele. – Então como foi que ela engravidou?

– É isso que eu estou querendo dizer. Ela não engravidou, não podia engravidar. Quer dizer, ela não poderia conceber um bebê saudável. Em 1897, Rose Mountrachet se tornou, para todos os efeitos, estéril.

Chalé do Penhasco, 1975

Apesar da demora de dez dias para a redação dos contratos, a jovem Julia Bennett fora muito amável. Quando Nell pediu para ter acesso ao chalé antes da assinatura, ela lhe entregou a chave, balançando o pulso cheio de pulseiras.

– Isso não me preocupa nem um pouco – disse, com as pulseiras batendo umas nas outras. – Sinta-se em casa. Esta chave é tão pesada que estou feliz em me livrar dela!

A chave era mesmo pesada. Era grande, com uma ponta trabalhada e grossos dentes na outra. Nell contemplou-a, era quase do tamanho da palma de sua mão. Colocou-a sobre a mesa da cozinha. A cozinha de seu chalé. Bem, quase seu. Só faltavam dez dias para que isso se tornasse realidade.

Nell não estaria em Tregenna nessa data. Seu voo para Londres estava marcado para dali a quatro dias e, quando tentou alterar sua passagem, foi informada de que a mudança teria um custo exorbitante. Decidiu, então, partir para a Austrália como planejara. Os advogados locais, que estavam tratando da compra do Chalé do Penhasco, disseram que ficariam com a chave até ela voltar. Ela lhes informara que não demoraria muito, que só precisava de tempo para tomar algumas providências e depois se mudaria para lá de vez.

Nell decidira que iria para Brisbane pela última vez. O que a prendia àquele lugar? Uns poucos amigos, uma filha que não precisava dela, irmãs que não a entendiam. Sentiria falta de sua loja de antiguidades, mas talvez pudesse montar outra na Cornualha. Quando estivesse devidamente instalada, com mais tempo livre, chegaria ao fundo do mistério, saberia por que Eliza a tinha roubado e colocado no navio para a Austrália. Todas as vidas precisavam ter um propósito, e este seria o de Nell. Que outra opção havia para conhecer de fato sua história?

Nell caminhou vagarosamente pela cozinha, realizando um inventário mental. A primeira coisa que pretendia fazer quando voltasse era uma faxina completa no chalé. Havia poeira por toda parte. Também seriam necessários alguns consertos: partes do assoalho precisavam ser substituídos, devia ter muita madeira podre ali, a cozinha tinha que ser posta em condições de uso...

É claro que uma aldeia como Tregenna devia ter operários para fazer isso, mas Nell não gostava da ideia de contratar estranhos para trabalhar em seu chalé. Embora feito de pedra e madeira, era mais do que uma casa para Nell. Assim como ela tinha cuidado de Lil quando estava morrendo, recusando-se a repassar esta responsabilidade para outra pessoa, Nell sabia que ela mesma tinha que cuidar do chalé. Usaria os conhecimentos que Hugh lhe ensinara tantos anos antes, quando era uma garotinha apaixonada pelo pai.

Nell parou ao lado da cadeira de balanço. Algo naquele canto atraiu sua atenção. Ela se aproximou. Uma garrafa d'água pela metade, um pacote de biscoitos, uma revista em quadrinhos chamada *Whizzer and Chips*. Nada disso estava ali quando Nell visitou o chalé pela primeira vez, então a pessoa só poderia ter estado lá depois. Nell folheou a revista: uma pessoa jovem, pelo visto.

Uma brisa úmida soprou no rosto de Nell e ela olhou para o fundo da cozinha. Faltava uma vidraça na janela. Fazendo uma anotação mental para trazer plástico e fita adesiva para cobri-la antes de deixar Tregenna, Nell olhou pela janela. Uma enorme cerca viva corria paralela à casa. Teve a impressão de perceber um movimento com a visão periférica. Quando tornou a olhar, não viu nada. Um pássaro, possivelmente, ou um esquilo.

Nell notara no mapa enviado a ela pelo advogado que a propriedade se estendia bastante além da casa. Isso significava, provavelmente, que o que quer que houvesse do outro lado da cerca viva também era dela. Decidiu dar uma olhada.

O caminho que seguia pela lateral da casa era estreito e escuro pela falta de sol. Nell andou com cuidado, afastando o mato ao passar. No fundo do chalé, trepadeiras tinham crescido entre a casa e a cerca viva, forçando Nell a abrir caminho entre elas.

Enquanto percorria o lugar, tornou a perceber movimento, bem ao seu lado. Nell olhou para o chão. Pernas magras saíam de baixo do muro. Ou o muro tinha

caído do céu, como em *O Mágico de Oz*, e esmagado um pobre anão cornualhense, ou encontrara a pessoa que invadira seu chalé.

Nell agarrou aquele calcanhar magro. As pernas ficaram imóveis.

– Venha – disse ela. – Saia daí.

Outro momento de imobilidade, depois as pernas começaram a recuar. O dono das pernas parecia ter uns 10 anos, embora Nell nunca tivesse sido muito boa em calcular a idade de uma criança. Era um garoto magro, de cabelos castanhos e joelhos ossudos. Tinha hematomas nas duas canelas.

– Você deve ser o macaquinho que tem entrado no meu chalé.

O menino piscou os olhos castanhos antes de fitar o chão.

– Qual é o seu nome?

– Christian. – Ele falou tão baixo que ela mal conseguiu entender.

– Christian de quê?

– Christian Blake. Não estraguei nada. Meu pai trabalha na casa grande e às vezes eu gosto de vir visitar... *seu* jardim murado.

Nell olhou para o muro coberto de hera.

– Então tem um jardim aí atrás? Era o que eu imaginava. – Ela encarou o menino. – E me diga uma coisa, Christian: sua mãe sabe onde você está?

O menino curvou os ombros.

– Não tenho mãe.

Nell ergueu as sobrancelhas.

– Ela foi para o hospital no verão, e então...

O mau humor de Nell passou na mesma hora.

– Entendo. Bem... Quantos anos você tem, 9, 10?

– Quase 11. – Levemente ofendido, enfiou as mãos nos bolsos.

– É claro, estou vendo agora. Tenho uma neta da sua idade.

– Ela também gosta de jardins?

Nell olhou espantada para ele.

– Não sei direito.

Christian olhou de lado para ela, franzindo a testa.

– Quer dizer, imagino que sim.

Nell procurou uma desculpa, depois se controlou. Não devia se sentir culpada por não saber quais eram as preferências da filha de Lesley.

– Eu não a vejo muito.

– Ela mora muito longe da senhora?

– Não.

– Então por que não a vê muito?

Nell olhou para o menino, pensando se via ou não alguma graça naquela impertinência.

– Às vezes as coisas simplesmente são como são.

Ela lembrou a si mesma de que o menino tinha acabado de perder a mãe. E sabia, por experiência própria, que pessoas que ficavam sem chão costumavam agir de forma imprudente. A vida podia ser muito cruel. Por que este menino devia crescer sem mãe? Por que uma pobre mulher teve que morrer cedo, deixando o filho desamparado? Olhando para as pernas magras do garoto, Nell sentiu um nó na garganta. Quando falou, sua voz era áspera, mas bondosa:

– O que você estava fazendo no meu jardim?

– Nada de mais, juro. Gosto de ficar lá.

– E é assim que você entra? Por baixo do muro?

Ele assentiu.

Nell fitou o buraco.

– Acho que eu não consigo passar por aí. Onde está o portão?

– Não tem portão. Pelo menos não neste muro.

Nell franziu a testa.

– Eu tenho um jardim sem porta?

Ele tornou a balançar a cabeça.

– Antigamente tinha, dá para ver do outro lado onde ele foi tapado.

– Por que alguém iria tapar a entrada?

O menino deu de ombros e Nell acrescentou mais um item à sua lista mental de consertos.

– Talvez você possa me contar o que eu estou perdendo – disse ela –, já que não posso ver por mim mesma. O que faz você vir até aqui em cima?

– Este é meu lugar favorito no mundo inteiro – confessou Christian, com uma expressão ardente nos olhos castanhos. – Gosto de me sentar lá dentro e conversar com minha mãe. Ela adorava jardins, adorava principalmente o seu jardim murado. Foi ela que me mostrou como fazia para entrar, nós íamos tentar consertar o portão. Mas ela adoeceu.

Nell cerrou os lábios.

– Tenho que voltar para a Austrália daqui a alguns dias, mas retornarei em um ou dois meses. Você poderia tomar conta do meu jardim, Christian?

Ele assentiu com ar solene.

– Posso, sim.

– Vou ficar feliz em saber que o deixei em boas mãos.

Christian ficou todo prosa.

– E, quando a senhora voltar, vou ajudá-la a cuidar dele. Como meu pai faz no hotel.

Nell sorriu.

– Acho que vou aceitar sua ajuda. Não aceito ajuda de qualquer pessoa, mas tenho a impressão de que, neste caso, você é o homem certo para este trabalho.

Mansão Blackhurst, 1913

Rose apertou o xale em volta dos ombros e cruzou os braços para se proteger do frio. Quando decidiu ir em busca do sol no jardim da mansão, Eliza era a última pessoa que esperava ver. Enquanto Rose escrevia em seu álbum, erguendo os olhos de vez em quando para ver Ivory correndo no meio dos canteiros de flores, nada indicava que a paz do dia seria tão terrivelmente abalada. Uma sensação estranha a fizera olhar na direção do labirinto, e o que viu no portão gelou o sangue de Rose. Como Eliza sabia que ia encontrar Rose e Ivory sozinhas no jardim? Ela estava vigiando, esperando uma oportunidade para pegar Rose desprevenida? E por que agora? Por que, depois de três anos, ela aparecera como um fantasma, atravessando o gramado com um pacote nas mãos?

Rose olhou para o lado. Lá estava ele, fingindo ser inofensivo. Mas não era. Ela sabia disso. Não precisava abrir o embrulho para saber o que havia ali dentro, um objeto que representava um lugar, um tempo, uma união que Rose queria tanto esquecer.

Afastou as saias, tentando criar alguma distância entre ela e o pacote.

Um bando de pássaros levantou voo e Rose olhou para o gramado. Sua mãe estava vindo com o cachorro novo, Helmsley, caminhando junto de sua saia escura. Uma onda de alívio deixou Rose tonta. A mãe era uma âncora para o presente, para um mundo seguro onde tudo estava em seu lugar. Quando Adeline se aproximou, Rose não conseguiu mais conter a ansiedade.

– Ah, mamãe... – disse. – Ela esteve aqui, Eliza esteve aqui.

– Eu vi tudo da janela. O que ela disse? A menina ouviu alguma coisa que não devia?

Rose repassou o encontro em sua mente, mas o medo e a preocupação tinham feito com que esquecesse o que fora efetivamente dito. Mexeu a cabeça, consternada.

– Não sei.

Adeline olhou para o embrulho, depois ergueu-o do banco, cuidadosamente, como se estivesse pegando fogo.

– Não abra, mamãe, por favor. Não quero ver o que tem dentro. – A voz de Rose era quase um sussurro.

– É...?

– Tenho certeza. – Rose encostou os dedos frios no rosto. – Ela falou que era para Ivory. – Rose olhou para a mãe e sentiu outra onda de pânico. – Por que ela traria isso, mamãe? Por quê?

Sua mãe estreitou os lábios.

– O que ela quis dizer com isso?

– Acho que chegou a hora de estabelecer certa distância entre você e sua prima.

Adeline sentou-se ao lado da filha e colocou o embrulho no colo.

– Distância, mamãe? – O rosto de Rose ficou gelado, sua voz se transformou em um sussurro apavorado. – Você acha que ela... que ela virá aqui de novo?

– Ela provou hoje que não tem respeito pelas regras que foram estabelecidas.

– Mas, mamãe, você não acha que...

– Só estou pensando no seu bem-estar. – Enquanto a filha de Rose corria pelo jardim, Adeline se aproximou para falar ao pé do ouvido da filha: – Temos que lembrar, minha querida – murmurou –, que um segredo nunca está seguro quando é conhecido por outras pessoas.

Rose assentiu. A mãe tinha razão. Fora uma loucura pensar que aquilo poderia continuar indefinidamente.

Adeline se levantou e fez um gesto, chamando Helmsley.

– Thomas já vai servir o almoço. Não demore. Não vá tornar este dia ainda mais desagradável pegando um resfriado. – Ela voltou a colocar o pacote no banco e baixou a voz: – E peça a Nathaniel para dar um sumiço nisto.



Ao ouvir pés correndo no andar de cima, Adeline estremeceu de irritação. Já tinha dito diversas vezes que meninas bem-educadas precisavam ter bons modos, mas a criança não aprendia. Isso já era de se esperar, é claro: por mais que Rose a vestisse com belas roupas, a menina tinha uma origem inferior, não havia como negar. Rosto rosado demais, uma gargalhada que ecoava pelos corredores, cachos que escapavam das fitas – ela era completamente diferente de Rose.

Rose a adorava. E por isso Adeline a aceitara, tinha se forçado a sorrir, a enfrentar seu olhar impertinente, a tolerar seu barulho. O que Adeline não faria pela filha? O que já não havia feito? Mas também sabia que era seu dever manter o pulso firme, porque a criança ia precisar de orientação severa para vencer as barreiras de seu nascimento.

O círculo daqueles que sabiam a verdade era pequeno e devia permanecer assim: caso contrário, seria um escândalo. Era imperativo, portanto, que Mary e Eliza fossem bem monitoradas.

Adeline, a princípio, tinha se preocupado com a possibilidade de Rose não compreender, de achar que tudo poderia continuar como antes. Nesse aspecto, ficara agradavelmente surpresa. Assim que Ivory fora colocada em seus braços, Rose sofrera uma mudança: fora tomada por um feroz desejo maternal de proteger a filha. Tinha concordado com Adeline que Eliza e Mary deviam ficar longe: longe o bastante para evitar sua presença diária, mas perto o suficiente para permanecer sob a vigilância de Adeline. Só assim era possível garantir que nenhuma das duas contasse o que sabia sobre a criança da Mansão Blackhurst. Adeline ajudara Mary a comprar uma casinha em Polperro, e Eliza conseguira permissão para ficar no chalé. Embora, em parte, Adeline lamentasse a proximidade de Eliza, este era o menor dos males, e a felicidade de Rose era o mais importante.

Querida Rose. Ela estava tão pálida, sentada sozinha no banco do jardim. Mal tinha tocado no almoço, empurrando a comida de um lado para outro no prato. Agora descansava, tentando evitar a volta de uma enxaqueca que a tinha atormentado por toda a semana.

Adeline abriu a mão que estava cerrada em seu colo e flexionou os dedos, pensativa. Deixara as condições perfeitamente claras quando tudo foi combinado: nenhuma das duas moças deveria tornar a pôr os pés em Blackhurst. A regra era simples e, até aquela data, havia sido seguida. As asas da segurança

tinham se fechado sobre o segredo, e a vida em Blackhurst seguira seu curso normal.

O que Eliza estava pensando, ao faltar agora com sua palavra?



Nathaniel esperou até que Rose estivesse deitada, descansando, e Adeline tivesse saído para fazer uma visita. Assim, raciocinou, nenhuma das duas conheceria seu método para garantir a ausência de Eliza. Desde que soubera o que havia acontecido, Nathaniel tentara imaginar um modo de ajeitar as coisas. Ver a mulher naquele estado era um lembrete assustador de que, apesar da mudança abençoada depois do nascimento de Ivory, a outra Rose, tensa e instável, nunca estava muito longe da superfície. Soube na mesma hora que tinha que falar com Eliza. Deveria encontrar um meio de ela entender que nunca mais poderia se aproximar.

Algun tempo havia se passado desde sua última incursão, e ele se esquecera de como era escuro ali dentro, de como eram raros os raios de sol que conseguiam penetrar nos arbustos. Caminhou cautelosamente, tentando lembrar o trajeto. Muito diferente do dia, quatro anos antes, em que percorrera com toda a facilidade o labirinto, atrás dos seus desenhos. Chegara ao chalé com o sangue pulsando nas veias, os ombros doendo com o esforço, e exigiu a devolução dos seus desenhos. Reclamara que eram dele, que eram importantes, que precisava deles. E então, quando já não tinha mais o que argumentar, ficara ali parado, mudo, aguardando uma resposta de Eliza. Não sabia bem o que esperava – uma confissão, um pedido de desculpas, a entrega dos desenhos, tudo isso junto, talvez –, mas ela o surpreendera. Depois de passar alguns instantes olhando para ele como quem contempla um objeto curioso, ela piscou aqueles olhos claros, mutáveis, que ele adoraria desenhar, e perguntou se ele gostaria de ilustrar um livro de contos de fadas.

Um barulho espantou a lembrança. O coração de Nathaniel deu um salto. Ele se virou e olhou para o espaço escuro atrás dele. Um passarinho o encarou antes de levantar voo.

Por que ele estava tão nervoso? Tinha os nervos em frangalhos, como se fosse culpado, o que era ridículo, já que não havia nada de impróprio em suas ações. Só pretendia falar com Eliza, pedir que ela não atravessasse os portões do labirinto. E sua missão, afinal de contas, era para o bem de Rose; sua principal preocupação era com a saúde e com o bem-estar de sua esposa.

Andou mais depressa, dizendo a si mesmo que estava inventando perigos onde não havia. Sua missão podia ser secreta, mas não ilícita. Havia uma diferença.

Concordara em ilustrar o livro. Como poderia resistir, e por quê? Desenhar era seu maior desejo, e ilustrar aquelas histórias permitia que ele entrasse em um mundo que não continha as agruras de sua vida. Fora como uma tábua de salvação, uma tarefa secreta que tornava suportáveis os longos dias como retratista. Nos encontros com ricos e nobres imbecis, quando Adeline o forçava de novo e era obrigado a sorrir e se mostrar simpático como um cão treinado, ele se alegrava com a ideia de que também dava vida ao mundo mágico das histórias de Eliza.

Nunca tivera acesso a um exemplar. A publicação tinha atrasado, por um motivo ou por outro, e, quando o livro foi finalmente impresso, ficou claro para ele quanto seria mal recebido em Blackhurst. Uma vez, no início do projeto, cometera o grave erro de mencioná-lo para Rose. Achou que ela ia ficar contente, que ia apreciar a ligação entre o marido e a prima querida, mas estava enganado. Nunca pôde esquecer a expressão dela: choque, raiva e tristeza. Disse que ele a tinha traído, que não a amava, que queria deixá-la. Nathaniel não conseguiu entender. Agiu como costumava fazer nessas ocasiões: tranquilizou Rose e perguntou se podia desenhar o retrato dela para sua coleção. Guardou segredo sobre o projeto a partir de então, mas não desistiu dele. Não teve coragem.

Depois que Ivory nasceu e Rose ficou boa, sua vida, aos poucos, começou a entrar nos eixos. Como era estranho o poder que um bebê tinha de pôr a vida nos trilhos, de erguer o manto negro que cobria tudo – Rose, seu casamento, a própria alma de Nathaniel. Não fora algo instantâneo, claro. Para começar, no que dizia respeito à criança, Nathaniel tinha avançado bem devagar, focando em Rose, sabendo sempre que havia a possibilidade de que a origem do bebê se mostrasse algo insuperável. Só quando viu que ela amava a menina como a uma

filha legítima foi que permitiu que seu coração amolecesse. Permitiu que a inocência do bebê penetrasse em seu espírito cansado e ferido e aceitou sua pequena família, que se fortalecera com a chegada de um novo membro.

Aos poucos, esqueceu o livro e a alegria que tinha sentido ao ilustrá-lo. Dedicou-se a seguir as regras dos Mountrachets – ignorou a existência de Eliza e, quando Adeline lhe pediu que alterasse o retrato pintado por John Singer Sargent, suportou a desonra de ter modificado o trabalho do grande pintor. A essa altura, Nathaniel tinha a impressão de que já havia cruzado tantas fronteiras morais, antes invioláveis, que mais uma não faria diferença...

Nathaniel chegou à clareira no centro do labirinto e um casal de pavões observou-o brevemente antes de seguir adiante. Caminhou com cuidado para evitar o anel de metal que podia derrubá-lo, depois entrou no caminho estreito que ia dar no jardim secreto.

Nathaniel ficou imóvel. Ouvira ruídos de galhos quebrados, de passos leves, porém mais pesados do que os dos pavões.

Ele parou, virou-se rapidamente. Um clarão branco. Alguém estava mesmo seguindo-o.

– Quem está aí? – A voz dele soou mais insegura do que esperava. Ele tentou soar mais severo: – Insisto que apareça.

Uma pausa, depois a pessoa surgiu.

– Ivory! – O alívio foi substituído pela consternação. – O que você está fazendo aqui? Sabe que não pode ultrapassar o portão do labirinto.

– Por favor, papai – disse a menina. – Me leve com você. Davies falou que tem um jardim no final do labirinto, onde todos os arco-íris do mundo começam.

Nathaniel não pôde deixar de admirar a imagem.

– É mesmo?

Ivory assentiu com uma vivacidade infantil que o encantou. Ele consultou o relógio. Adeline estaria de volta em uma hora, louca para ver o progresso que ele fizera com o retrato de lorde Haymarket. Não daria tempo de levar Ivory para casa e depois voltar, e ele não sabia quando teria outra oportunidade. Coçou a orelha e suspirou.

– Venha então, pequenina.

Ela o acompanhou de perto, cantarolando uma melodia que Nathaniel reconheceu como “Laranjas e limões”. Deus sabe com quem ela havia

aprendido. Não com Rose, que tinha uma memória horrível para letras e música; nem com Adeline, para quem a música significava muito pouco. Por não ter governanta, sua filha passava muito tempo com a criadagem de Blackhurst. Como saber o que mais estavam lhe ensinando?

– Papai?

– Sim.

– Fiz outro retrato na minha mente.

– Ah, é? – Nathaniel afastou um galho cheio de espinhos para Ivory passar.

– Foi o navio do capitão Ahab. E a baleia nadando perto.

– De que cor era a vela?

– Branca, é claro.

– E a baleia?

– Cinzenta como uma nuvem de tempestade.

– E qual era o cheiro do navio?

– Ele cheirava a água salgada e às botas sujas de Davies.

Achando graça, Nathaniel ergueu as sobrancelhas.

– Imagino que sim.

Esta era uma das brincadeiras preferidas deles, que aconteciam normalmente nas tardes que Ivory passava em seu estúdio. Nathaniel ficara surpreso em ver que gostava muito da companhia da filha. Ela o fazia ver as coisas de um modo diferente, mais simples, de uma maneira que dava vida aos seus retratos. As perguntas frequentes a respeito do que ele estava fazendo e por quê exigiam que ele explicasse coisas que deixara de apreciar havia muito: que a pessoa deve desenhar o que vê, não o que imagina que está vendo; que toda imagem é formada de linhas e formas; que a cor deve ao mesmo tempo revelar e ocultar.

– Por que estamos atravessando o labirinto, papai?

– Tem alguém do outro lado que eu preciso ver.

Ivory pensou um pouco.

– É uma pessoa, papai?

– É claro que é uma pessoa. Você acha que papai iria se encontrar com um bicho?

Eles viraram uma esquina, depois outra, em rápida sucessão, e Nathaniel pensou em uma bola de gude deslizando pelas curvas e voltas da pista que Ivory havia construído no quarto de brinquedos. Deslizando sem controlar seu destino.

Uma ideia tola, é claro, pois suas ações eram as de um homem tomando as rédeas do próprio destino.

Eles dobraram uma última curva e chegaram à porta do jardim secreto. Nathaniel parou, ajoelhou-se e segurou os ombros da filha com carinho.

– Ivory – disse cuidadosamente –, eu a trouxe hoje pelo labirinto.

– Sim, papai.

– Mas você nunca mais deve passar por aqui, muito menos sozinha. – Nathaniel cerrou os lábios. – E acho que seria melhor se... se esse nosso passeio de hoje...

– Não se preocupe, papai. Não vou contar à mamãe.

Nathaniel sentiu uma sensação de alívio misturada com certo mal-estar por conspirar com a filha contra a esposa.

– Nem à vovó, papai.

Nathaniel assentiu, com um leve sorriso.

– É melhor assim.

– Um segredo.

– Sim, um segredo.

Nathaniel abriu a porta que dava no jardim secreto e fez Ivory passar. Esperava encontrar Eliza sentada como a Rainha das Fadas no gramado ao lado da macieira, mas o jardim estava vazio e silencioso. O único movimento vinha de um passarinho – o mesmo? –, que inclinou a cabeça e ficou olhando com ar de proprietário quando Nathaniel avançou pelo caminho em zigue-zague.

– Ah, papai – disse Ivory, olhando maravilhada para o jardim. Ela olhou para cima, para ver as trepadeiras que cruzavam o espaço entre os muros. – Este é um jardim *mágico*.

Era estranho que uma criança conseguisse perceber algo assim. Nathaniel imaginou o que haveria no jardim de Eliza que fazia com que a pessoa sentisse que todo aquele esplendor não surgira simplesmente por obra da natureza. Algum acordo devia ter sido feito com os espíritos para obter aquela abundância.

Atravessou o portão e percorreu o caminho que ladeava o chalé. Apesar da hora, estava fresco por causa do muro de pedra que Adeline construía. Nathaniel pôs a mão nas costas de Ivory, entre suas asas de fada.

– Agora ouça: papai vai entrar, mas você vai esperar aqui no jardim.

– Sim, papai.

Ele hesitou.

– Não saia daqui.

– Não, papai – disse isso com tanta inocência, como se sair dali fosse a última coisa em que tivesse pensado.

Nathaniel foi até a porta. Bateu e esperou Eliza abrir, ajeitando os punhos da camisa.

A porta se abriu e lá estava ela. Como se fosse ontem. Como se não tivessem se passado quatro anos.



Nathaniel sentou-se perto da mesa e Eliza ficou do outro lado, com os dedos pousados na beirada do tampo. Ela olhava para ele com seu jeito peculiar, sem nenhuma preocupação com convenções sociais que sugerissem que estava feliz em vê-lo. Fora a vaidade que o fez pensar que ela ficaria contente em vê-lo? A luminosidade do chalé deixava o cabelo dela mais ruivo do que nunca. Raios de sol iluminavam as mechas, deixando-as quase douradas, como se tivessem sido tecidas com o ouro das fadas. Nathaniel repreendeu seus pensamentos – estava permitindo que o conhecimento que tinha daquelas histórias se confundisse com a imagem da mulher que as escrevia.

Fez-se um silêncio desconfortável. Havia muito a dizer, mas Nathaniel não conseguiu pensar em nada. Era a primeira vez que a via depois que o acordo fora feito. Ele pigarreou, estendeu a mão como se fosse tocar na dela. Não conseguiu se controlar. Eliza retirou a mão de repente e desviou o olhar para o fogão.

Nathaniel recostou-se na cadeira, pensando em como poderia começar, que palavras usar para transmitir sua mensagem.

– Você sabe por que eu vim aqui – disse finalmente.

Sem se virar, ela respondeu:

– É claro.

Ele observou os dedos de Eliza, tão finos, quando ela pôs a chaleira no fogo.

– Então você sabe o que eu tenho a dizer.

– Sei.

Do lado de fora, trazida pelo vento, veio uma voz muito doce:

– *Laranjas e limões, dizem os sinos de São Clemente...*

As costas de Eliza se enrijeceram, e Nathaniel pôde ver os pequenos nós das vértebras de seu pescoço. Era como a coluna de uma criança. Ela se virou abruptamente.

– A menina está aqui?

Nathaniel ficou perversamente contente com a expressão de Eliza, a de um animal prestes a ser capturado. Teve vontade de desenhá-la, aqueles olhos arregalados, o rosto pálido, a boca tensa. Prometeu a si mesmo pôr no papel esta cena assim que voltasse para o estúdio.

– Você trouxe a criança aqui?

– Ela me seguiu. Só a percebi quando já era tarde.

A expressão assustada foi substituída por um leve sorriso.

– Ela tem coragem.

– Outros diriam que é desobediente.

Eliza se sentou na beirada da cadeira.

– Agrada-me pensar que a menina gosta de fazer travessuras.

– Não sei se a mãe dela fica feliz com esse lado aventureiro de Ivory.

O sorriso de Eliza era impossível de interpretar.

– A avó certamente não.

O sorriso ficou mais largo. Nathaniel também sorriu e desviou os olhos. Ele murmurou o nome dela – Eliza – e balançou a cabeça. Começou a dizer o que o levava até ali:

– Outro dia...

– Fiquei contente, outro dia, em ver que a criança está bem – falou ela depressa, em tom de nervosismo, tentando evitar que a conversa tomasse aquele rumo.

– É claro que ela está bem, não lhe falta nada.

– A aparência de opulência pode enganar, não significa que a pessoa esteja bem. Pergunte à sua esposa.

– Isso foi desnecessariamente cruel.

Ela assentiu. Apenas concordando, sem nenhum sinal de arrependimento. Nathaniel pensou que talvez Eliza não tivesse nenhum senso moral, mas ele sabia que sim. Ela olhou firmemente para ele.

– Você veio aqui por causa do meu presente.

Nathaniel baixou a voz:

– Foi bobagem sua levá-lo. Você sabe como Rose se sentiria.

– Sim, mas pensei: que mal teria entregar um pacote?

– Você sabe qual é o mal, e eu sei que você, sendo amiga de Rose, não quer lhe causar nenhuma dor. Como minha amiga...

De repente ele se sentiu tolo. Olhou para o chão, para as tábuas do assoalho, como se buscasse apoio.

– Por favor, Eliza, não vá mais até lá. Rose ficou péssima depois de sua visita. Ela não quer se lembrar do que aconteceu.

– A memória é uma amante cruel com quem todos nós precisamos aprender a dançar.

Antes que Nathaniel pudesse formular uma resposta, Eliza voltou a olhar para o fogão.

– Quer um chá?

– Não – respondeu ele, sentindo-se um tanto derrotado, sem saber por quê. – Preciso voltar.

– Rose não sabe que você está aqui.

– Preciso voltar.

Ele pôs o chapéu e se dirigiu para a porta da cozinha.

– Você viu o livro? Acho que ficou bom.

Nathaniel parou, mas não se virou.

– Adeus, Eliza. Não tornarei a vê-la.

Ele enfiou o casaco e repeliu as inquietantes e impronunciáveis dúvidas.

Já estava quase na porta quando ouviu Eliza atrás dele.

– Espere – pediu ela, com sua postura um tanto abalada. – Deixe-me ver de perto a menina, a filha de Rose.

Nathaniel apertou a fria maçaneta de metal da porta. Trincou os dentes, refletindo sobre o pedido dela.

– Vai ser a última vez.

Como poderia recusar tal apelo?

– Só um olhar. Depois tenho que levá-la de volta para casa.

Juntos, eles saíram para o jardim. Ivory estava sentada na beirada do laguinho, com os pés enfiados na água, cantando para si mesma e empurrando uma folha na superfície.

Quando a criança ergueu os olhos, Nathaniel segurou delicadamente o braço de Eliza e a lhe incentivou a se aproximar.



O vento tinha aumentado e Linus teve que se apoiar na bengala para não tropeçar. Lá embaixo, na enseada, o mar normalmente calmo ficara agitado, formando ondas que quebravam na praia. O sol estava escondido atrás de um cobertor de nuvens – muito diferente dos dias perfeitos de verão que ele um dia tinha passado na enseada com sua *poupée*.

O barquinho de madeira havia sido de Georgiana, um presente de seu pai, mas ela ficara feliz em dividi-lo com o irmão. Não tinha pensado nem por um momento que sua perna aleijada fizesse dele um homem menos capaz, não importava o que papai dissesse. Nas tardes em que o ar estava quente e doce, eles remavam juntos até o centro da enseada. Ficavam lá parados, enquanto as ondas batiam de leve no barco, e só tinham olhos um para o outro. Ao menos era isso que Linus pensava.

Quando ela partiu, levou também o frágil sentimento de solidariedade que ele cultivara. Foi o fim do sentimento de que – embora o pai e a mãe o julgassem um rapaz tolo, sem valor e sem utilidade – tinha algo a oferecer ao mundo. Sem Georgiana, voltara a ser inútil. Então decidiu que ela teria que voltar.

Linus contratou um homem. Henry Mansell, um personagem sombrio e misterioso, cujo nome era sussurrado nas hospedarias da Cornualha e que foi indicado pelo criado de um nobre da região. Diziam que resolvia qualquer problema.

Linus lhe contou sobre Georgiana e sobre o mal que o homem que a havia roubado lhe fizera. Contou-lhe também que o homem trabalhava em navios que saíam do porto de Londres.

Logo em seguida, Linus soube que o marinheiro estava morto. Um acidente, relatou Mansell, sem demonstrar um pinga de emoção no rosto, um acidente infeliz.

Uma sensação estranha acompanhou Linus naquela tarde. A vida de um homem fora tirada por ordem dele. Ele era poderoso, podia fazer o que quisesse

com os outros; isso o deixou extremamente feliz.

Ele tinha pagado uma quantia generosa a Mansell, e o homem partira em busca de Georgiana. Linus se enchera de esperanças, porque, sem dúvida, Mansell era capaz de tudo. Sua *poupée* logo retornaria, feliz por ter sido resgatada. As coisas voltariam a ser como antes...

A rocha negra parecia zangada. Linus sentiu um aperto no coração ao se lembrar de Georgiana sentada nela. Ele enfiou a mão no bolso e tirou a fotografia, alisando-a delicadamente.

– *Poupée* – sussurrou.

Por mais que Mansell procurasse, ele nunca a encontrou. Percorrera todo o continente, seguira pistas por toda Londres, sem sucesso. Linus não tivera nenhuma notícia até 1900, quando soube que uma criança havia sido encontrada em Londres. Uma criança de cabelos ruivos e olhos iguais aos da mãe.

Ele tirou os olhos do mar e fitou o penhasco que ficava do lado esquerdo da enseada. De onde estava, podia ver um canto do novo muro de pedra.

Como ficara feliz quando soube da criança. Não conseguira recuperar Georgiana, mas, por aquela menina, ela lhe seria devolvida.

Só que as coisas não haviam corrido como ele esperava. Eliza tinha resistido a ele, nunca entendera que fora Linus que a mandara buscar, que a trouxera para perto a fim de que ela soubesse que pertencia a ele.

E agora a presença dela o atormentava, trancada naquele maldito chalé. Tão perto e, no entanto... já fazia quatro anos. Quatro anos que ela não vinha para aquele lado do labirinto. Por que ela era tão cruel? Por que o rejeitava de novo?

Uma lufada súbita de vento levantou as abas do chapéu de Linus. Ele ergueu a mão, instintivamente, para segurá-lo e, ao fazer isso, soltou a fotografia.

O vento levou sua *poupée*. Para cima e para baixo, flutuando, cada vez mais longe. Pousando, finalmente, na água e sendo carregada pelo mar.

Tirada de Linus, mais uma vez, escapando entre seus dedos.



Desde a visita de Eliza, Rose andava preocupada. Buscava uma solução para seu dilema. Quando a prima surgiu no portão do labirinto, Rose teve um choque,

percebeu que estava em perigo. Pior do que isso: deu-se conta de que corria perigo havia muito tempo e não tinha notado. Uma onda de pânico a deixou tonta. Sentiu alívio por não ter acontecido nada até então, e medo de que a situação mudasse. E, depois de refletir muito sobre o assunto, teve certeza de uma coisa: sua mãe tinha razão, era preciso estabelecer uma distância entre eles e Eliza.

Rose puxou delicadamente a linha de seu bordado e disse, com a voz mais calma possível:

– Estive pensando de novo na visita da Autora.

Nathaniel levantou os olhos da carta que estava escrevendo. Disfarçou rapidamente a preocupação.

– Como eu falei, minha querida, não pense mais nisso. Não vai tornar a acontecer.

– Você não pode ter certeza disso, pois nenhum de nós previu que ela viria até aqui.

Ele insistiu, em tom mais severo desta vez:

– Ela não voltará.

– Como você sabe?

Nathaniel enrubescou. A mudança foi ligeira, mas Rose notou.

– Nate? O que foi?

– Eu falei com ela.

O coração de Rose disparou.

– Você a viu?

– Fui obrigado a vê-la. Por você, minha querida. Você ficou tão nervosa com a visita dela que precisei me certificar de que isso não tornaria a acontecer.

– Mas eu não queria que você falasse com ela.

Aquilo era pior do que Rose imaginara. Sentiu um calor dominar seu corpo e a certeza ainda maior de que tinham que partir. Todos eles. Estava certa de que Eliza precisava ser arrancada de uma vez por todas da vida deles. Rose respirou devagar, obrigou seu rosto a relaxar. Não era bom que Nathaniel pensasse que ela não estava bem, que estava tomando decisões precipitadas.

– Falar com ela não é o bastante, Nate.

– O que mais podemos fazer? Você não está sugerindo que nós a tranquilizemos no chalé, está?

Ele estava tentando fazê-la rir, mas Rose não expressou reação alguma.

– Eu estava pensando em Nova York.

Nathaniel ergueu as sobrancelhas.

– Já conversamos sobre a possibilidade de passar algum tempo do outro lado do Atlântico. Acho que deveríamos antecipar nossos planos.

– Deixar a Inglaterra? – questionou ele.

Rose assentiu, com firmeza.

– Mas eu tenho encomendas. Nós falamos em contratar uma preceptora para Ivory.

– Sim, sim – disse Rose, impaciente. – Mas não estamos seguros aqui.

Nathaniel não respondeu nada, nem precisava, porque sua expressão dizia tudo. Rose não se importou. Ele acabaria concordando, como sempre acontecia. Especialmente por temer que ela entrasse de novo em depressão. Era lamentável usar a devoção do marido contra ele próprio, mas Rose não tinha escolha. A maternidade e a família eram seu sonho; não pretendia pôr tudo a perder. Quando Ivory nasceu, quando foi colocada nos braços de Rose, foi como se eles tivessem sido presenteados com um novo começo. Ela e Nathaniel eram felizes novamente, nunca falavam sobre o que havia acontecido antes disso. Aquele tempo não existia mais – desde que ficassem longe de Eliza.

– Tenho aquele compromisso em Carlisle – comentou Nathaniel. – Já comecei o trabalho.

Na voz dele, Rose percebeu a hesitação que usaria para quebrar sua resistência.

– E é claro que você deve terminá-lo – respondeu ela. – Vamos cumprir o compromisso em Carlisle e partir logo em seguida. Tenho três passagens reservadas no *Carmania*.

– Você já reservou as passagens... – Soou mais como uma constatação do que como uma pergunta.

Rose suavizou a voz:

– É o melhor que temos a fazer, Nathaniel. Você precisa entender. É a única maneira de ficarmos em segurança. E pense no que esta viagem significará para a sua carreira. É bem capaz de sair no *New York Times*: a volta triunfal de um dos cidadãos mais talentosos da cidade.



Escondida debaixo da cadeira favorita de vovó, Ivory murmurou as palavras para si mesma: “Nova York.” Ela sabia onde ficava York. Uma vez, quando estavam viajando para a Escócia, ela, mamãe e papai tinham passado alguns dias em York, na casa de uma das amigas de vovó – uma senhora bem idosa, de óculos e com olhos que pareciam estar sempre chorando. Mas sua mãe não estava falando de York, Ivory tinha ouvido claramente. “Nova York”, era o que ela tinha dito; eles deviam ir logo para *Nova York*. E Ivory sabia onde ficava essa cidade. Era do outro lado do oceano, o lugar onde seu pai nascera, sobre o qual ele contara tantas histórias, repletas de arranha-céus, música e automóveis. Uma cidade onde tudo brilhava.

Um monte de pelos de cachorro fez cócegas no nariz de Ivory e ela lutou para conter um espirro. Esta era uma de suas habilidades mais impressionantes, evitar espirros, por isso conseguia se esconder tão bem. Ivory gostava tanto de se esconder que às vezes o fazia só por prazer. Sozinha em uma sala, escondia-se e deliciava-se só de imaginar que até a própria sala tinha se esquecido de que ela estava ali.

Hoje, no entanto, Ivory havia se escondido com um objetivo. Vovô estava esquisito. Normalmente ele ficava quieto em seu canto, mas ultimamente tinha dado para aparecer onde quer que Ivory estivesse, dizendo que ela era dele. Sempre com sua câmera marrom, tentando tirar fotografias dela com aquela boneca quebrada. Ivory não gostava da boneca quebrada com seus olhos imóveis, horríveis. Então, embora sua mãe dissesse que ela devia fazer o que vovô pedisse, que era uma grande honra ser fotografada, Ivory preferia se esconder.

Quando pensava na boneca, ficava arrepiada, então tentou pensar em outra coisa. Procurou se concentrar em algo que a deixasse feliz, como a aventura com papai, no labirinto. Ivory estava brincando do lado de fora quando o viu sair pela porta lateral da casa. Andava tão depressa que ela primeiro pensou que ele ia pegar a carruagem para pintar o retrato de alguém. Só que não carregava seu equipamento e não estava vestido do jeito como costumava se vestir quando tinha um encontro importante. Ivory o viu atravessar o gramado na direção do

portão do labirinto e então soube exatamente o que ele ia fazer, seu pai não sabia fingir.

Ivory não pensou duas vezes. Correu atrás dele, atravessou o portão do labirinto e entrou no túnel escuro. Sabia que a dama de cabelo ruivo, a que tinha levado o pacote para ela, morava do outro lado.

E agora, depois dessa visita, sabia quem era a dama. O nome dela era Autora e, embora seu pai dissesse que ela era uma pessoa, Ivory sabia que isso não era verdade. Ela já desconfiara disso no dia em que a Autora tinha vindo pelo labirinto, mas, depois de olhar para ela no jardim do chalé, Ivory teve certeza.

A Autora era mágica. Bruxa ou fada, não tinha certeza, mas Ivory sabia que a Autora não era uma pessoa como as outras.

Chalé do Penhasco, 2005

Do lado de fora, o vento agitava as copas das árvores e o oceano rugia na enseada. O luar entrava pela vidraça, desenhando quadrados prateados no chão, e o cheiro forte da sopa de tomate com torradas impregnara as paredes, o chão, o próprio ar. Cassandra, Christian e Ruby estavam sentados ao redor da mesa da cozinha, com o fogão aceso de um lado e um aquecedor a querosene do outro. Havia uma fileira de velas ao longo da mesa e em diversos pontos do aposento, mas ainda havia locais aonde a luz não chegava.

– Não entendo – disse Ruby. – Como você sabe que Rose era estéril só por esse artigo de revista?

Christian tomou uma colher de sopa.

– A exposição ao raio X. Seus ovários não poderiam ter sobrevivido.

– Mas ela não tinha como saber disso? Quer dizer, com certeza devia haver sinais de que alguma coisa estava errada.

– Como o quê?

– Bem, ela ainda... você sabe... ficava menstruada?

Christian deu de ombros.

– Acho que sim. A função de seu sistema reprodutor permaneceu inalterada, ela ainda liberava um óvulo todo mês, mas os próprios ovários tinham sido afetados.

– De tal forma que ela não podia engravidar?

– Ou, se engravidasse, o feto teria tantos problemas que ela, com toda a certeza, abortaria. Ou teria uma criança muito deformada.

Cassandra empurrou o prato de sopa.

– Isso é terrível. Por que ele fez isso?

– Provavelmente queria ser um dos pioneiros a usar aquela nova tecnologia, desejava a glória de ver seu trabalho publicado. Não havia nenhuma razão médica para fazer um raio X, a menina tinha apenas engolido um dedal.

– E quem não engoliu? – ironizou Ruby, passando um pedaço de pão pela borda do prato vazio.

– Mas por que uma hora de exposição? Isso não era necessário, era?

– É claro que não – respondeu Christian. – Só que as pessoas não sabiam disso na época, então esse tipo de exposição prolongada era comum.

– Imagino que se acreditassem que, se era possível conseguir uma boa imagem em quinze minutos, poderia conseguir uma melhor ainda em uma hora – disse Ruby.

– E foi antes de saberem dos riscos. O raio X só foi inventado em 1895, então o Dr. Matthews foi de fato um pioneiro. No início, as pessoas achavam que era benéfico, que podia curar câncer, lesões de pele e outras doenças. As queimaduras eram, sem dúvida, óbvias, mas só muitos anos depois foi constatada a gravidade de seus efeitos.

– As manchas de Rose eram decorrentes – afirmou Cassandra. – Eram marcas de queimadura.

Christian assentiu.

– Além de fritar seus ovários, a exposição ao raio X com certeza queimou sua pele.

Uma rajada de vento fez os galhos baterem contra a vidraça. As velas tremeluziram quando o vento frio entrou pelas frestas do assoalho. Ruby colocou seu prato de sopa dentro do de Cassandra e limpou a boca com o guardanapo.

– Então, se Rose era estéril, quem era a mãe de Nell?

– Eu sei a resposta – retrucou Cassandra.

– Sabe?

Ela assentiu.

– Está tudo nos álbuns. De fato, acho que é isso que Clara quer me contar.

– Quem é Clara? – quis saber Christian.

Ruby disse, surpresa:

– Você acha que Nell era filha de Mary.

– Quem é Mary? – perguntou Christian.

– Uma amiga de Eliza – disse Cassandra. – Mãe de Clara. Uma criada de Blackhurst que foi despedida no início de 1909, quando Rose descobriu que ela estava grávida.

– Rose a mandou embora?

Cassandra assentiu.

– No álbum de recortes, ela escreveu que não suportava a ideia de que alguém tão indigno pudesse ter um filho, ao passo que ela, que tudo possuía e tanto desejava, não conseguia ter.

Ruby tomou um gole de vinho.

– Por que Mary daria sua filha para Rose?

– Duvido que ela tenha simplesmente *dado* a criança.

– Será que Rose comprou o bebê?

– É possível, certo? As pessoas já fizeram coisas piores para ter um filho.

– Será que Eliza sabia? – perguntou Ruby.

– Pior do que isso – disse Cassandra. – Acho que ela ajudou. Acho que por isso ela foi embora.

– Culpa?

– Exatamente. Ela ajudou Rose a usar sua posição de poder para tirar uma criança de alguém que precisava de dinheiro. E, é claro, não tinha como se sentir confortável com isso. Ela e Mary eram muito próximas, segundo Rose.

– Você está presumindo que Mary queria ficar com a criança – disse Ruby. – Que ela não queria abrir mão da filha.

– Eu estou presumindo que a decisão de dar um filho nunca é simples. Mary pode ter precisado de dinheiro, um bebê pode ter sido uma inconveniência, pode ter pensado que o filho teria um lar melhor, mas, ainda assim, acho que deve ter sido algo devastador.

Ruby ergueu as sobrancelhas.

– E Eliza a ajudou.

– Depois partiu. É isso que me faz concluir que o bebê não foi dado de bom grado. Acho que Eliza foi embora porque não conseguiu ficar e ver Rose com o bebê de Mary. O fato de separar mãe e filha foi algo traumático que pesou na consciência de Eliza.

Ruby balançou lentamente a cabeça.

– Isso explicaria por que Rose se recusou a ter contato com Eliza depois do nascimento de Ivory, explicaria o afastamento das primas. Rose deve ter percebido que Eliza não estava à vontade e temeu que a prima fizesse algo que pudesse perturbar sua felicidade.

– Como tomar Ivory de volta – concluiu Christian.

– O que, por fim, ela acabou fazendo.

– Sim – disse Ruby –, acabou fazendo. – Ela ergueu as sobrancelhas para Cassandra. – Então, quando é que você vai falar com Clara?

– Ela me convidou para ir lá amanhã, às onze horas.

– Que droga. Vou embora às nove. Maldito trabalho. Adoraria ir, podia lhe dar uma carona.

– Eu levo você – disse Christian.

Ele estava mexendo nos botões do aquecedor, aumentando a chama, e o cheiro de querosene estava forte.

Cassandra evitou o sorriso de Ruby.

– É mesmo? Tem certeza?

Ele sorriu, encarou-a por algum tempo antes de desviar o olhar.

– Você me conhece. Estou sempre pronto para ajudar.

Ela sorriu, baixou os olhos e enrubescou. Algo em Christian fazia com que se sentisse novamente com 13 anos. E era um sentimento tão juvenil, tão nostálgico – como se voltasse para um tempo e para um lugar onde a vida ainda fosse acontecer –, que desejava se agarrar àquela sensação. Queria ignorar a culpa que carregava por ter prazer na companhia de Christian, por crer que assim ela estava, de algum modo, sendo desleal a Nick e Leo.

– Então por que você acha que Eliza esperou até 1913? – Christian olhou de Ruby para Cassandra. – Quer dizer, para pegar Nell de volta. Por que não fez isso antes?

Cassandra passou a mão de leve pela superfície da mesa. Observou a luz da vela iluminar sua pele.

– Talvez porque Rose e Nathaniel morreram no desastre de trem. Meu palpite é que, apesar das dúvidas, ela estava disposta a não interferir para não deixar Rose infeliz.

– Mas quando Rose morreu...

– Exatamente. Ela encarou Christian. A seriedade da expressão dele provocou um arrepio em seu corpo. – Com Rose morta, não suportou mais a ideia de que Ivory permanecesse em Blackhurst. Acho que roubou a menina para devolvê-la a Mary.

– Então por que não devolveu? Por que a pôs em um navio para a Austrália? Cassandra suspirou e fez a chama da vela tremer.

– Ainda não cheguei a uma conclusão sobre isso.

Tampouco chegara a uma conclusão sobre quanto William Martin sabia quando se encontrou com Nell em 1975. Mary era irmã dele, não saberia que ela estava grávida? Não saberia caso ela tivesse um filho e não ficasse com ele? E, com certeza, se soubesse que ela estava grávida, se soubesse do papel que Eliza desempenhara na adoção não oficial, não teria contado a Nell? Afinal de contas, se Mary era a mãe de Nell, William era seu tio. Cassandra não conseguia imaginar por que ele se calaria se uma sobrinha desaparecida havia tanto tempo ressurgisse em sua casa.

Entretanto, não há menção alguma no caderno de Nell a algo dessa natureza. Cassandra lera atentamente cada página, procurando qualquer pista que houvesse deixado passar. William não tinha dito nem feito nada que sugerisse que Nell era parente dele.

Era possível, claro, que William não tivesse percebido que Mary estava grávida. Cassandra já ouvira falar de casos semelhantes em revistas e programas de TV, mulheres que disfarçavam a gravidez durante os nove meses. E fazia sentido no caso de Mary. Para que o acordo funcionasse, Rose teria insistido na discrição. Não iria querer que aquela pequena aldeia ficasse sabendo que o bebê não era dela.

Mas seria mesmo possível que uma moça engravidasse, ficasse noiva do namorado, perdesse o emprego, desse o bebê para outra pessoa, retomasse sua vida e ninguém ficasse sabendo? Cassandra certamente estava deixando passar alguma coisa.

– É meio parecido com as histórias de fadas de Eliza, não é?

Cassandra olhou para Christian.

– O quê?

– Tudo: Rose, Eliza, Mary, o bebê. Isso não lembra “O ovo dourado”?

Cassandra balançou a cabeça. O título não era familiar.

– Está em *Contos mágicos para meninas e meninos*.

– Não no meu exemplar, devemos ter edições diferentes.

– Só houve uma edição. É por isso que o livro é tão raro.

Ela deu de ombros, confusa.

– Eu nunca vi.

Ruby abanou a mão.

– Chega, quem quer saber quantas edições existiram? Conte a história, Christian. Por que você acha que ela foi inspirada em Mary e no bebê?

– É uma história estranha, na verdade; sempre tive essa impressão. É diferente dos outros contos de fadas, mais triste, com um arcabouço moral menos sólido. É sobre uma rainha má que obriga uma jovem donzela a abrir mão de um ovo dourado mágico para curar a princesa doente. A donzela, a princípio, resiste, porque sua missão na vida é guardar o ovo, sua herança; acho que é assim que ela descreve. Só que a rainha a vence pelo cansaço e, no fim, ela consente porque é convencida de que, se não fizer isso, a princesa ficará eternamente infeliz e o reino será amaldiçoado com um inverno sem fim. Tem um personagem que faz o papel de intermediário na transação, a criada. Ela trabalha para a princesa e para a rainha, mas, no final, tenta convencer a donzela a não dar o ovo. É como se ela compreendesse que o ovo é uma parte da donzela, que, sem ele, a donzela se tornará inútil, não terá razão para viver. O que é exatamente o que acontece: ela entrega o ovo e destrói sua vida.

– Você acha que a criada era Eliza? – pergunta Cassandra.

– Isso se encaixa, não?

Ruby apoiou o queixo no punho.

– Deixe-me entender direito: você está dizendo que o ovo era a criança? Nell?

– Sim.

– E que Eliza escreveu a história para aplacar sua culpa?

Christian balançou a cabeça.

– Culpa, não. A história não passa uma sensação de culpa e, sim, de tristeza. Por si mesma e por Mary. E por Rose, de certa forma. Os personagens estão todos fazendo o que julgam certo, só que não pode haver um final feliz para nenhum deles.

Cassandra mordeu o lábio, pensativa.

– Você acha mesmo que um conto de fadas pode ser autobiográfico?

– Não exatamente autobiográfico, não em um sentido literal, a menos que ela tivesse experiências muito doidas. – Ele ergueu as sobrancelhas ao dizer isso. – Eliza deve ter transformado fatos de sua própria vida em ficção. Não é isso que os escritores fazem?

– Não sei. É?

– Vou trazer “O ovo dourado” amanhã – disse Christian. – Vai poder julgar por você mesma. – A luz amarelada da vela acentuava a ossatura do seu rosto, fazia sua pele brilhar. Ele sorriu, timidamente. – Os contos de fadas são a única voz que restou a Eliza. Quem sabe o que mais ela está tentando nos contar?



Depois que Christian saiu, Ruby e Cassandra estenderam seus sacos de dormir sobre o colchão de espuma que levaram. Tinham resolvido ficar no andar de baixo para aproveitar o calor do fogão e empurraram a mesa para abrir espaço. O vento que vinha do mar entrava pelo vão da porta, subia pelas frestas do assoalho. A casa tinha um cheiro de terra molhada, mais do que Cassandra percebera durante o dia.

– Esta é a parte em que contamos histórias de fantasmas uma para a outra – sussurrou Ruby, virando-se para olhar Cassandra. Ela sorriu, o rosto sombreado pela luz das velas. – Como isto é divertido. Já falei quanto você tem sorte de ser dona de um chalé mal-assombrado na beira de um penhasco?

– Uma ou duas vezes.

Ela sorriu.

– E já comentei como você é sortuda em ter um *amigo* como Christian, que é bonito, inteligente e educado?

Cassandra se concentrou no zíper do seu saco de dormir, fechou-o com precisão e atenção exageradas.

– Um *amigo* que, obviamente, está encantado por você?

– Ora, Ruby – Cassandra balançou a cabeça –, isso não é verdade. Ele gosta de ajudar a cuidar do jardim, só isso.

Ruby ergueu uma sobrancelha, achando graça.

– É claro que é do jardim que ele gosta. Foi por isso que passou duas semanas trabalhando de graça.

– É verdade!

– É claro que é.

Cassandra disfarçou um sorriso e adotou um tom levemente indignado.

– Quer você acredite ou não, o jardim secreto é muito importante para Christian. Ele costumava brincar ali quando era criança.

– E essa paixão intensa pelo jardim deve explicar por que ele vai levá-la até Polperro amanhã.

– Ele só está sendo gentil, é uma pessoa gentil. Não tem nada a ver comigo, com os sentimentos dele a meu respeito. Não é que ele goste de mim.

Ruby moveu a cabeça em sinal de ironia.

– Claro, você tem razão. Quer dizer, o que é “gostar”?

Cassandra olhou para ela de esguelha, sorriu sem querer.

– Então – disse ela, mordendo o lábio inferior –, você o acha bonito?

Ruby riu.

– Sonhe com os anjos, Cassandra.

– Boa noite, Ruby.

Cassandra apagou a vela, mas a lua cheia iluminou o aposento. Uma luz prateada cobria cada superfície. Ela ficou ali deitada, repassando todas as peças do quebra-cabeça em sua mente. Pensava em Eliza, Mary, Rose e, de repente, lhe veio a imagem de Christian encarando-a para, depois, desviar o olhar.

Em dois minutos, Ruby roncava. Cassandra sorriu. Devia ter adivinhado que a amiga tinha um sono fácil. Fechou os olhos e suas pálpebras ficaram pesadas.

Enquanto o mar batia na base do penhasco e as árvores murmuravam agitadas pelo vento, Cassandra adormeceu...

... Ela estava no jardim, no jardim secreto, sentada na grama, debaixo da macieira. O dia estava muito quente e uma abelha zumbia ao redor das flores, indo e vindo ao sabor do vento.

Estava com sede, louca por um gole d’água, mas não havia água por perto. Estendeu a mão, tentou se levantar, mas não conseguiu. Sua barriga estava enorme, a pele esticada e coçando debaixo do vestido.

Ela estava grávida.

Assim que percebeu isso, a sensação se tornou familiar. Podia sentir o coração batendo com força, o calor de sua pele; depois o bebê começou a chutar...

– Cass.

... a chutar com tanta força que sua barriga estufou de um lado. Ela pôs a mão naquele calombo, tentando segurar o pezinho...

– Cass.

Cassandra abriu os olhos. O luar iluminava as paredes. O fogão crepitava. Ruby estava apoiada em um dos cotovelos, sacudindo o ombro dela.

– Você está bem? Estava gemendo.

– Estou bem. – Cassandra ergueu o corpo de repente. Pôs a mão na barriga. – Meu Deus, tive um sonho muito estranho. Eu estava grávida, muito grávida. Minha barriga estava enorme e esticada, e foi tudo tão nítido... – Ela esfregou os olhos. – Eu estava no jardim secreto e o bebê começou a chutar.

– Foi a conversa que tivemos mais cedo, sobre o bebê de Mary, Rose, o ovo dourado, tudo junto.

– Sem falar no vinho. – Cassandra bocejou. – Mas foi tão real, parecia que estava mesmo acontecendo. Eu me sentia tão desconfortável, com tanto calor, e quando o bebê chutou doeu muito.

– Você pinta um belo quadro da gravidez – disse Ruby. – Estou quase feliz por nunca ter vivenciado isso.

Cassandra sorriu.

– Os últimos meses não são nada agradáveis, mas, no fim, vale a pena. Aquele momento em que você finalmente segura um bebezinho em seus braços.

Nick chorou na sala de parto, mas Cassandra não. Ela estava tão presente, tão fortemente integrada àquele momento, que não reagiu do mesmo jeito. Para chorar, teria que se distanciar do acontecimento e enxergá-lo em um contexto maior. A experiência de Cassandra fora imediata demais para isso. Sentia um cansaço que vinha de dentro, uma alegria estonteante. Como se pudesse ouvir melhor, ver melhor do que antes. Podia ouvir seu sangue correndo, as luzes vibrando no teto, a respiração do bebê.

– Na verdade, eu fiquei grávida uma vez – revelou Ruby. – Mas apenas por uns cinco minutos.

– Ah, Ruby... – murmurou Cassandra, compadecida. – Você perdeu o bebê?

– Pode-se dizer que sim. Eu era jovem, foi um erro, ele e eu concordamos que era bobagem seguir adiante com aquilo. Achei que teria muito tempo depois para pensar nisso. – Ela deu de ombros, depois alisou o saco de dormir. – O único problema foi que, quando eu estava pronta, já não tinha os ingredientes necessários à minha disposição.

Cassandra franziu a testa.

– Esperma, meu bem. Não sei se passei toda a fase dos meus 30 anos com TPM, mas, por alguma razão, os homens e eu não nos entendíamos. Quando encontrei um cara com o qual eu conseguia conviver, o *timing* já tinha passado. Tentamos algumas vezes, mas – ela deu de ombros –, bem, você não pode lutar contra a natureza.

– Sinto muito, Ruby.

– Não precisa. Eu estou bem. Tenho um emprego que adoro, tenho bons amigos. – Ela piscou. – E, convenhamos, você viu meu apartamento. Foi uma vitória consegui-lo. Não tem lugar nem para uma mosca além de mim, mas o que importa?

Cassandra sorriu.

– Você constrói sua vida com o que tem, não com o que não tem. – Ruby tornou a se deitar e se ajeitou no saco de dormir. – Boa noite.

Cassandra continuou sentada por algum tempo, observando as sombras que dançavam nas paredes enquanto refletia sobre o que Ruby dissera. Sobre a vida que ela, Cassandra, tinha construído com as coisas, as pessoas, que não estavam mais ali. Fora isso que Nell fizera? Ela tinha ignorado a vida e a família que lhe haviam sido dadas e se voltado para a que lhe tinha sido tirada? Cassandra deitou-se e fechou os olhos. Deixou que os sons da noite aquietassem seus pensamentos. O mar, as ondas batendo na rocha negra, o vento balançando os galhos das árvores...

O chalé era um lugar solitário, isolado de dia e mais ainda de noite. A estrada não ia até o alto do penhasco, a entrada do jardim secreto fora fechada e, do outro lado do muro, havia um labirinto cujo caminho era, claro, difícil de percorrer. Era o tipo de lugar onde uma pessoa podia viver sem nunca enxergar outra alma.

Uma ideia repentina fez Cassandra prender a respiração. Tornou a se sentar.

– Ruby – chamou ela, e repetiu mais alto: – Ruby.

– Estou dormindo – foi a resposta.

– Já entendi o que aconteceu.

– Ainda estou dormindo.

– Descobri por que eles construíram o muro, por que Eliza partiu. Foi por isso que eu tive o sonho: meu inconsciente compreendeu e estava querendo me contar.

Um suspiro. Ruby virou de lado e apoiou a cabeça no braço.

– Você venceu, estou acordada.

– Foi aqui que Mary ficou durante a gravidez de Ivory, de Nell. Aqui, no chalé. Por isso William não soube que ela estava grávida. – Cassandra se inclinou mais para perto de Ruby. – Foi por isso que Eliza partiu: Mary ficou aqui no lugar dela. Eles a mantiveram escondida no chalé, construíram o muro para que ninguém pudesse vê-la.

Ruby esfregou os olhos e se sentou.

– Eles transformaram o chalé em uma gaiola até o bebê nascer e Rose se tornar mãe.

Tregenna, 1975

Na véspera de sua partida, Nell foi uma última vez ao Chalé do Penhasco. Levou a mala branca com ela, cheia de documentos e pesquisas que fizera durante a visita. Queria examinar suas anotações, e o chalé parecia um lugar tão bom quanto qualquer outro para fazer isso. Pelo menos, foi o que dissera a si mesma quando decidiu subir a estrada íngreme do penhasco. Não era verdade, é claro, não completamente. Embora quisesse rever suas anotações, não era esse o motivo de ter ido ao chalé. Fora simplesmente porque não conseguia ficar longe dele.

Girou a chave e abriu a porta. O inverno se aproximava e o chalé estava frio: o ar do hall parecia pesado. Nell subiu a escada e levou a mala para o quarto. Gostava de olhar para o mar prateado e, na última visita, vira uma cadeira no canto que serviria muito bem aos seus propósitos. Ela estava descascada no encosto, mas isso não era um impedimento. Nell colocou-a ao lado da janela, sentou-se com cuidado e abriu a mala branca.

Folheou os papéis que havia lá dentro: as anotações de Robyn sobre a família Mountrachet, as informações detalhadas do detetive que contratara para pesquisar a vida de Eliza, cartas dos advogados locais referentes à compra do Chalé do Penhasco. Nell encontrou a carta que tratava dos limites da propriedade e a abriu para estudar o mapa. Podia ver claramente a área que o jovem Christian dissera que era um jardim. Parou para pensar quem teria fechado o portão com tijolos e por quê.

Enquanto refletia, o papel caiu de sua mão. Inclinou-se para pegá-lo e algo chamou sua atenção. O tempo úmido fizera o rodapé se soltar da parede. Havia um pedaço de papel enfiado atrás dele. Nell segurou a ponta e puxou.

Era um pedacinho de cartolina, manchado de mofo, no qual havia sido desenhado o rosto de uma mulher, emoldurado por um arco formado por uma trepadeira. Nell reconheceu o retrato que vira na galeria em Londres. Era Eliza Makepeace, mas havia alguma coisa diferente neste desenho. Ao contrário do retrato de Londres, desenhado por Nathaniel Walker, que a fazia parecer intocável, este transparecia uma intimidade maior. Algo nos olhos sugeria que este artista fora mais próximo de Eliza do que Nathaniel. Linhas ousadas, certas curvas e a expressão... algo nos olhos dela atraía e ao mesmo tempo confrontava Nell.

Alisou um dos cantos da cartolina. E pensar que aquilo estava ali havia tanto tempo! Tirou o livro de contos de fadas da mala. Não sabia ao certo por que o trouxera para o chalé. Parecia apenas fazer sentido trazer as histórias para casa, para o lugar onde Eliza Makepeace as escrevera. Aquilo era indubitavelmente tolo, vergonhosamente sentimental, mas o que podia fazer? Agora Nell estava contente por tê-lo trazido. Abriu o livro e guardou o desenho lá dentro. Ali ele estaria seguro.

Recostou-se na cadeira e passou os dedos pela capa do livro, o couro macio com um alto-relevo no centro, com a ilustração de uma donzela e um cervo. Era um belo livro, tanto quanto os que já tinham passado pela loja de antiguidades de Nell. E estava tão bem conservado, décadas passadas sob os cuidados de Hugh não o tinham prejudicado.

Embora Nell quisesse recordar tempos mais antigos, ela se viu pensando em Hugh. Especialmente nas noites em que ele lia histórias do livro de contos de fadas para ela dormir. Lil ficava preocupada, achando que poderiam ser assustadoras demais para a menina, mas Hugh compreendera. À noite, depois do jantar, quando Lil estava ajeitando a casa, ele se sentava na cadeira de vime e Nell se enroscava no colo dele. O peso agradável dos seus braços em volta dela para segurar o livro, o leve cheiro de tabaco na camisa do pai, os pelos ásperos de sua barba roçando seu cabelo...

Nell suspirou. Hugh tinha cuidado bem dela, e Lil também. Mesmo assim, ela os afastou da mente e se concentrou no passado mais remoto. Pois houve um tempo antes de Hugh, um tempo antes da viagem de navio para Maryborough: o tempo de Blackhurst, do chalé e da Autora.

Pronto – uma cadeira branca de jardim, sol, borboletas. Nell fechou os olhos, agarrou-se à cauda da memória, deixou que ela a arrastasse para um dia quente de verão, para um jardim onde a sombra cobria um gramado. O ar carregado com o cheiro das flores banhadas de sol...

A menina fingia que era uma borboleta. Uma coroa de flores circundava a cabeça dela, e tinha os braços abertos, correndo em círculos, enquanto o sol aquecia suas asas. Ela se sentiu imponente quando o sol transformou em prata o algodão branco do seu vestido.

– Ivory.

A princípio a menina não ouviu, pois borboletas não falam a língua dos homens. Elas cantam no tom mais doce com palavras tão lindas que os ouvidos dos adultos não conseguem escutar. Só as crianças notam quando elas chamam.

– Ivory, venha depressa.

Havia uma severidade na voz de sua mãe que fez a menina correr batendo os braços na direção da cadeira branca do jardim.

– Venha, venha – disse, estendendo os braços, chamando a filha com um balançar dos dedos.

Feliz, a menina subiu no colo da mãe, que envolveu sua cintura com os braços e encostou os lábios frios na pele sob sua orelha.

– Eu sou uma borboleta – comentou a menina –, esta cadeira é meu casulo...

– Shhh. Fique quietinha.

O rosto de sua mãe ainda estava encostado no dela e a menina percebeu que olhava para algo mais adiante. A menina se virou para ver o que tanto atraía a atenção da mãe.

Uma dama caminhava na direção delas. A menina estreitou os olhos contra o sol para entender aquela miragem, pois esta dama era diferente das que vinham visitar mamãe e vovó, aquelas que ficavam para tomar chá e jogar bridge. Esta dama mais parecia uma menina com a altura de uma mulher. Usava um vestido de algodão branco e seu cabelo ruivo estava apenas ligeiramente preso.

A menina procurou a carruagem que devia ter trazido a dama até ali, mas não viu nenhuma. A mulher parecia ter se materializado, como em um passe de mágica.

Então a menina compreendeu. Prendeu a respiração, maravilhada. A dama não vinha da entrada da casa, ela saía de dentro do labirinto.

Era proibido entrar no labirinto. Esta era uma das regras mais severas; tanto mamãe quanto vovó sempre lhe diziam que o caminho era escuro e cheio de perigos. A regra era tão rígida que nem papai ousava desobedecer.

A dama caminhava na direção delas, meio andando, meio saltitando. Trazia alguma coisa, um pacote de papel pardo, debaixo do braço.

A mãe apertou mais a cintura da menina, transformando o prazer do abraço em desconforto.

A dama parou na frente delas.

– Olá, Rose.

A menina sabia que este era o nome de sua mãe, mas ela não respondeu.

– Sei que não devia ter vindo. – Uma voz maviosa, delicada como uma teia de aranha que a menina gostaria de segurar entre os dedos.

– Então por que você veio?

A dama estendeu o pacote, mas sua mãe não o pegou. Ela tornou a apertar a menina.

– Não quero nada de você.

– Não trouxe para você. – A dama colocou o pacote no banco do jardim. – É para sua garotinha.



O pacote continha o livro de contos de fadas, Nell agora se lembrava. Houve uma discussão mais tarde, entre sua mãe e seu pai: ela insistira em jogar fora o livro e, no fim, ele concordara e o levara embora. Mas ele não o descartou. Guardara-o no estúdio, ao lado do exemplar de *Moby Dick*. E ele o lia para Nell quando ela ficava junto dele, quando sua mãe estava doente e alheia a tudo.

Agitada com a lembrança, Nell tornou a acariciar a capa do livro. Tinha sido um presente de Eliza. Ela o abriu cuidadosamente no lugar em que, por sessenta anos, estivera a fita que servia de marcador. Era cor de ameixa, só estava um pouquinho desfiada e marcava o início de uma história chamada “Os olhos da velha”. Nell começou a ler sobre a jovem princesa que não sabia que era princesa e que atravessou o mar em busca da terra das coisas perdidas para devolver a visão à velha. A história era vagamente familiar, devia ser muito

apreciada na infância. Nell colocou o marcador no novo lugar e fechou o livro, deixando-o sobre o parapeito da janela.

Ela franziu a testa e olhou mais de perto. Ainda havia uma fresta na lombada, onde a fita tinha estado.

Nell tornou a abrir o livro: este se abriu automaticamente na história “Os olhos da velha”. Ela passou os dedos pelo lado de dentro da lombada.

Havia páginas faltando. Não muitas, apenas cinco ou seis, mal dava para notar, mas, de qualquer forma, estavam faltando.

Tinham sido destacadas com cuidado. Bem perto da costura, com um canivete, talvez.

Nell verificou a numeração das páginas. Havia um salto entre a 55 e a 62.

O intervalo perfeito entre duas histórias...



O ovo dourado

ELIZA MAKEPEACE

Era uma vez, muito tempo atrás, uma jovem donzela que morava em um pequeno chalé nos arredores de um reino grande e próspero. A donzela era pobre, e o chalé ficava tão escondido no fundo do bosque que ninguém o avistava. Muito tempo antes, algumas pessoas sabiam da existência do pequeno chalé com sua lareira de pedra, mas elas já tinham morrido e a Mãe Tempo cobrira o lugar com um véu de esquecimento. Fora os pássaros que vinham cantar na sua janela e os animais da floresta que apareciam em busca do calor de sua lareira, a donzela vivia sozinha. Entretanto, nunca se sentiu solitária ou infeliz, pois a donzela do chalé estava ocupada demais para desejar uma companhia que nunca tivera.

Nos fundos, atrás de uma porta especial com uma fechadura brilhante, havia um objeto precioso. Um ovo dourado cujo brilho era tão intenso e tão lindo que quem o contemplasse ficaria cego na mesma hora. O ovo dourado era tão velho que ninguém sabia sua idade, e por inúmeras gerações a família da donzela ficara encarregada de protegê-lo.

A donzela não questionou esta responsabilidade, pois sabia que era seu destino. O ovo tinha que ser mantido seguro e escondido. E o mais importante: a existência do ovo devia ser um segredo. Muitos anos antes, quando o reino tinha pouco tempo de existência, grandes

guerras haviam sido travadas por causa do ovo dourado, pois, segundo a lenda, ele tinha poderes mágicos e podia garantir ao seu dono a realização de todos os seus desejos.

Então a donzela o vigiava. De dia, ela se sentava na roda de fiar na janela do chalé, cantando alegremente com os pássaros que se reuniam para vê-la trabalhar. À noite, oferecia abrigo para seus amigos animais e dormia no calor da casa, aquecida pelo brilho que emanava do ovo dourado. Lembrava-se sempre de que nada era mais importante do que proteger sua herança.

Enquanto isso, do outro lado do reino, no imponente castelo, vivia uma jovem princesa que era boa e justa, mas muito infeliz. Sua saúde era frágil e, por mais que a mãe dela, a rainha, se esforçasse, nada conseguia curá-la. Havia gente que dizia que, quando ela era bebê, um boticário malvado a amaldiçoara para que vivesse doente, mas ninguém ousava dizer isso em voz alta. Afinal, a rainha era uma governante cruel e os súditos temiam sua ira.

A filha da rainha, entretanto, era a luz dos olhos da mãe. Todas as manhãs, a rainha ia visitar a filha, mas infelizmente a princesa estava sempre do mesmo jeito: pálida, fraca e cansada.

– Tudo o que eu desejo, mamãe – murmurava ela –, é ter forças para passear pelos jardins do castelo, para dançar nos bailes do castelo, para nadar nas águas do castelo. Ficar boa é meu maior desejo.

A rainha tinha um espelho mágico onde via as idas e vindas do reino e todos os dias perguntava:

– Espelho meu, amigo querido, mostre-me o curandeiro que acabará com este horror.

No entanto, todos os dias, o espelho dava a mesma resposta:

– Não existe ninguém, minha rainha, em toda a terra, que possa curá-la.

Aconteceu que um dia a rainha estava tão nervosa com o estado da filha que se esqueceu de fazer ao espelho a pergunta habitual. Em vez disso, começou a chorar, dizendo:

– Espelho meu, que eu tanto admiro, mostre-me como realizar o desejo de minha filha.

O espelho ficou calado por um momento, mas uma imagem começou a se formar: um pequeno chalé no meio de uma floresta escura, com fumaça saindo de uma pequena chaminé de pedra. Lá dentro, à janela, estava sentada uma jovem donzela, fiando em uma roca e cantando junto com os pássaros pousados no parapeito.

– O que você está me mostrando? – perguntou a rainha, atônita.
– Esta jovem é uma curandeira?

A voz do espelho soou baixa e tenebrosa:

– Na floresta escura, nos arredores do reino, há um chalé. Lá dentro, existe um ovo dourado com o poder de conceder ao dono a realização de seus desejos. A donzela que você está vendo é a guardiã do ovo dourado.

– E como irei pegar o ovo? – quis saber a rainha.

– Ela deseja o bem do reino – respondeu o espelho – e não cederá facilmente.

– Então o que preciso fazer?

Mas o espelho mágico não tinha mais respostas, e a imagem do chalé desapareceu, restando apenas o vidro. A rainha ergueu o queixo orgulhosamente, olhando para o próprio rosto com um sorriso que se formou lentamente em seus lábios.

Bem cedo na manhã seguinte, ela mandou chamar a criada mais próxima da princesa. Uma moça que tinha morado a vida toda no reino e na qual a rainha sabia que podia confiar para fazer qualquer coisa que garantisse a saúde e a felicidade da princesa. A rainha mandou a criada se apoderar do ovo dourado.

A criada partiu na direção da floresta escura. Durante três dias e três noites, caminhou para leste e, ao anoitecer do terceiro dia, ela chegou à orla da floresta. Pisou em galhos caídos e abriu caminho no meio da folhagem até que, finalmente, avistou um pequeno chalé em uma clareira, com uma fumaça perfumada saindo de sua chaminé.

A criada bateu à porta e esperou. Quando esta se abriu, viu uma jovem donzela ali e, embora ficasse surpresa ao se deparar com uma visitante, um sorriso generoso tomou seu rosto. Convidou a criada a entrar.

– Você está cansada – comentou a donzela. – Você veio de muito longe. Venha se aquecer perto da lareira.

A criada entrou atrás da donzela e se sentou em uma almofada ao lado do fogo. A donzela trouxe uma tigela de sopa e ficou sentada, tecendo calmamente, enquanto a visita comia. O fogo crepitava na lareira e o calor do aposento deixou a criada muito sonolenta. Sua vontade de dormir era tão grande que ela teria esquecido sua missão se a donzela do chalé não tivesse dito:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas desculpe perguntar: qual é o objetivo de sua visita?

– Fui enviada pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela quer sua ajuda para curar a princesa.

Os pássaros da floresta às vezes cantavam a respeito dos acontecimentos do reino, então a donzela ouvira falar na bela e bondosa princesa que morava no castelo.

– Farei o que puder – respondeu a donzela –, mas não entendo por que a rainha mandou me chamar, visto que não sei curar ninguém.

– A rainha me mandou buscar uma coisa que você tem aqui – informou a criada. – Um objeto com o poder de conceder ao dono a realização dos seus desejos.

A donzela entendeu então que a criada se referia ao ovo dourado. Ela balançou tristemente a cabeça.

– Eu faria qualquer coisa para ajudar a princesa, menos o que está pedindo. Proteger o ovo dourado foi a missão que herdei dos meus antepassados, e nada é mais importante do que isso. Você pode ficar aqui esta noite, mas amanhã deve voltar para o reino e dizer à rainha que não posso entregar o ovo dourado.

No dia seguinte, a criada partiu. Viajou por três dias e três noites, até que, finalmente, chegou aos muros do castelo onde a

rainha esperava por ela.

– Onde está o ovo dourado? – perguntou a rainha, olhando para as mãos vazias da criada.

– Falhei na minha missão – respondeu a criada. – Infelizmente, a donzela do chalé se recusou a se separar de sua herança.

A rainha se empertigou e seu rosto enrubesceu.

– Você deve voltar – ordenou ela, apontando a unha comprida para a criada – e dizer à donzela que seu dever é servir a seu reino. Se ela não fizer isso, vai ser transformada em pedra e ficará no pátio do castelo por toda a eternidade.

Então a criada tornou a rumar para leste, viajou por três dias e três noites, até chegar ao chalé. Bateu à porta e foi recebida alegremente pela donzela, que a mandou entrar e foi buscar um prato de sopa para a visitante. A donzela ficou fiando enquanto a criada comia, até que finalmente disse:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas desculpe perguntar: qual é o objetivo de sua visita?

– Fui enviada de novo pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela quer sua ajuda para curar a filha. Seu dever é servir ao reino. Caso se recuse, a rainha disse que você será transformada em pedra e ficará no pátio do castelo por toda a eternidade.

A donzela sorriu tristemente.

– Proteger o ovo dourado é meu destino – disse ela. – Não posso entregá-lo a você.

– Você quer ser transformada em pedra?

– Não – disse a donzela –, e isso não vai acontecer, pois eu sirvo ao meu reino ao proteger o ovo dourado.

A criada não discutiu porque viu que o que a donzela do chalé dizia era verdade. No dia seguinte, a criada partiu de volta para o castelo e, quando chegou, a rainha estava, mais uma vez, esperando por ela junto aos muros.

– Onde está o ovo dourado? – perguntou, olhando para as mãos vazias da criada.

– Mais uma vez falhei na minha missão – contou a criada. – Infelizmente a donzela do chalé se recusou a entregar sua herança.

– Você não disse à donzela que era seu dever servir ao reino?

– Sim, Majestade – respondeu a criada –, e ela falou que, ao guardar o ovo dourado, estava servindo ao reino.

O rosto da rainha ficou vermelho de tanta raiva. Nuvens se formaram no céu e os corvos do reino voaram em busca de abrigo.

A rainha recordou as palavras do espelho – “ela deseja o bem do reino” – e seus lábios se curvaram em um sorriso.

– Você deve voltar lá mais uma vez – ordenou à criada. – Então, vai dizer à donzela que, se ela não entregar o ovo dourado, será responsável pela tristeza eterna da princesa, mergulhando o reino em um inverno sem fim.

Então a criada rumou para leste pela terceira vez, viajando por três dias e três noites, até chegar de novo ao chalé. Bateu à porta e foi recebida alegremente pela donzela, que a fez entrar e foi lhe buscar um prato de sopa. A donzela ficou fiando enquanto a criada comia, até que finalmente disse:

– Você é muito bem-vinda aqui, estranha, mas desculpe perguntar: qual é o objetivo de sua visita?

– Fui enviada de novo pela rainha desta terra – disse a criada. – Ela quer sua ajuda para curar a filha. Seu dever é servir ao reino. Se você não entregar o ovo, a rainha disse que será responsável pela tristeza eterna da princesa, e que o reino mergulhará em um inverno sem fim.

A donzela do chalé ficou em silêncio por um longo tempo. Depois balançou a cabeça vagarosamente.

– Para poupar a princesa e o reino, vou entregar o ovo dourado.

A criada estremeceu enquanto a floresta escura se aquietava e um vento forte entrava por baixo da porta, agitando o fogo da lareira.

– Mas não existe nada mais importante do que proteger a sua herança – disse ela. – É o seu dever para com o reino.

A donzela sorriu.

– Mas de que adianta este dever se minhas ações fizerem o reino mergulhar em um inverno sem fim? Um inverno sem fim irá congelar tudo, não haverá pássaros, nem animais, nem grãos. É para cumprir o meu dever que vou entregar o ovo dourado.

A criada olhou para a donzela com tristeza.

– Mas não existe nada mais importante do que proteger a sua herança. O ovo é uma parte de você, você tem o dever de protegê-lo.

Mas a donzela já tinha tirado do pescoço uma grande chave dourada e a enfiava na fechadura da porta especial. Quando girou a chave, ouviu-se um gemido que veio bem do fundo do chão do chalé, as pedras da lareira se mexeram, as vigas do teto suspiraram. A luz do chalé se apagou e algo brilhou dentro do quarto secreto. A donzela desapareceu e depois tornou a aparecer, segurando nas mãos um objeto encoberto, tão precioso, que o ar em volta dele parecia vibrar.

Ela levou a criada para fora do chalé e, quando as duas alcançaram a extremidade da clareira, entregou-lhe sua herança. No momento em que se virou para voltar ao chalé, viu que ele estava mais escuro. A luz tinha desaparecido, incapaz de penetrar na densa floresta. Lá dentro, os aposentos estavam frios, não eram mais aquecidos pelo calor que emanava do ovo dourado.

Com o tempo, os animais pararam de vir e os pássaros foram embora. A donzela descobriu que não tinha mais nenhuma utilidade. Desaprendeu a fiar, sua voz se transformou em um sussurro e, finalmente, sentiu os membros enrijecidos, pesados, inertes. Até que, um dia, percebeu que uma camada de poeira cobrira o chalé e o seu corpo imóvel. Ela fechou os olhos e mergulhou no frio e no silêncio.

Alguns meses depois, a princesa do reino estava cavalcando com a criada nos limites da floresta. Embora um dia tivesse sido muito doente, a princesa havia se recuperado milagrosamente e agora estava casada com um belo príncipe. Levava uma vida muito feliz: caminhava, dançava e cantava, desfrutando de todas as vantagens de uma boa saúde. Levava uma filhinha muito amada,

que comia puro mel, bebia o orvalho das pétalas das rosas e dispunha de lindas borboletas para brincar.

Quando a princesa e a criada estavam cavalgando pela floresta, a princesa sentiu um estranho desejo de entrar no bosque. Ela ignorou os protestos da criada e guiou seu cavalo para o interior da floresta fria e escura. Havia um silêncio profundo lá dentro, nenhum animal ou pássaro perturbava o ar parado. O único ruído era o dos cascos dos cavalos.

Depois, chegaram a uma clareira onde um pequeno chalé havia sido encoberto pela vegetação.

– Ora, que bela casinha – disse a princesa. – Quem será que mora aqui?

A criada virou o rosto, estremecendo com o ar frio da clareira.

– Ninguém, minha princesa. Ninguém mora mais ali. O reino floresce, mas não existe vida na floresta escura.



Chalé do Penhasco, 1913

Eliza sabia que ia sentir saudade daquela costa, daquele mar, quando partisse. Embora fosse conhecer outra costa e outro mar, não seriam os mesmos. Outros pássaros e outra vegetação, ondas sussurrando suas histórias em línguas estrangeiras. Mas estava na hora. Ela esperara muito e sem motivo. O que estava feito estava feito e, apesar do remorso que a invadia no escuro, que a impedia de dormir enquanto se revirava na cama e se arrependia do papel que desempenhara na mentira, não tinha escolha senão seguir em frente.

Eliza desceu a escada de pedra até o píer. Um pescador ainda estava se preparando para o trabalho do dia, enchendo o barco com cestas e rolos de linha de pescar. Quando ela se aproximou, as pernas musculosas e as feições queimadas de sol se tornaram visíveis, e Eliza viu que era William, o irmão de Mary. Descendente de uma longa linhagem de pescadores da Cornualha, ele se destacava pela coragem e audácia, de modo que histórias de suas façanhas se espalhavam como capim pela costa.

Ele e Eliza tinham sido amigos um dia, e ele lhe contara histórias da vida no mar, mas já fazia alguns anos que essa amizade tinha esfriado. Desde que Will viu o que não era para ver, desafiou Eliza e insistiu para que ela explicasse o inexplicável. Já fazia muito tempo que eles não se falavam, e Eliza sentia falta da companhia dele. Saber que em breve iria embora de Tregenna a fez deixar para trás o passado e se aproximar.

– Você está saindo tarde hoje, Will.

Ele ergueu a cabeça, ajeitou o gorro. Seu rosto ficou corado e ele respondeu, sem jeito:

– E você veio cedo.

– Estou querendo aproveitar bem o dia.

Eliza estava perto do barco. A água batia de leve na lateral da embarcação e o ar estava carregado de maresia.

– Alguma notícia de Mary?

– Desde a semana passada não tenho notícias. Ela ainda está feliz em Polperro, uma típica esposa de açougueiro – disse Will.

Eliza sorriu. Era um prazer saber que Mary estava bem. Depois de tudo o que tinha passado, ela merecia.

– É uma boa notícia, Will. Vou escrever para ela hoje à tarde.

Ele franziu a testa. Baixou os olhos para as próprias botas e bateu com o pé na parede de pedra do píer.

– O que foi? – quis saber Eliza. – falei algo errado?

William mandou embora um par de gaivotas gulosas que queriam pegar suas iscas.

– Will?

Ele olhou de esguelha para Eliza.

– Nada de errado, Srta. Eliza, só que... estou satisfeito por vê-la bem, e um pouco surpreso.

– Por quê?

– Ficamos tristes ao saber da notícia. – Ele ergueu o queixo e coçou a barba que cobria seu rosto. – A respeito dos Walkers, por eles nos... deixarem.

– Nova York, sim. Eles partem no mês que vem.

Nathaniel tinha contado a Eliza. Ele a visitara de novo no chalé, levando Ivory. Era uma tarde chuvosa e a criança fora levada para dentro. Subira para o quarto de Eliza. Quando Nathaniel lhe contou sobre os planos do casal, dele e de Rose, de começar vida nova do outro lado do Atlântico, ela ficara zangada. Tinha se sentido abandonada, usada. Mais do que antes. Ao pensar em Nathaniel e Rose em Nova York, o chalé tinha, de repente, parecido o lugar mais triste do mundo; e a vida de Eliza, a vida mais triste que alguém podia ter.

Logo depois que Nathaniel saiu, Eliza lembrou-se do conselho da mãe, de que devia se salvar, e decidiu que estava na hora de colocar em ação seus planos. Reservou uma passagem em um navio que a embarcaria em uma nova aventura, bem longe de Blackhurst e da vida que levava no chalé. Também havia escrito para a Sra. Swindell, dizendo que iria a Londres no mês seguinte e gostaria de

visitá-la. Ela não tinha mencionado o broche da mãe – se Deus quisesse, ainda estaria guardado no pote de barro dentro da chaminé –, mas queria recuperá-lo.

E, com a herança da mãe, começaria uma vida nova, só dela.

William pigarreou.

– O que foi, Will? Você parece que viu um fantasma.

– Nada disso, Srta. Eliza. É só que... – Seus olhos azuis examinaram os dela. O sol estava alto no horizonte e ele teve que contrair o rosto. – A senhorita não sabe?

– Não sei o quê?

Ela deu de ombros.

– A respeito dos Walkers... do trem que vinha de Carlisle.

Eliza assentiu.

– Eles passaram alguns dias em Carlisle. Devem estar de volta amanhã.

William apertou os lábios.

– Eles estarão de volta amanhã, Srta. Eliza, mas não do modo como a senhorita imagina. – Ele suspirou e balançou a cabeça. – Está em todos os jornais, todo o vilarejo ficou sabendo. Não posso acreditar que ninguém tenha contado para a senhorita. Eu mesmo teria ido contar, mas... – Ele segurou as mãos dela, um gesto inesperado que fez com que seu coração disparasse. – Houve um acidente, Srta. Eliza. Um trem bateu no outro. Alguns dos passageiros... o Sr. e a Sra. Walker... – Ele a fitou. – Ambos morreram, Srta. Eliza. Em um lugar chamado Ais Gill.

Ele continuou, mas Eliza não estava ouvindo. Dentro de sua cabeça, uma luz vermelha tinha se acendido e bloqueado tudo, toda sensação, todo ruído, todos os pensamentos. Ela fechou os olhos e começou a cair, vendada, em um poço sem fim.



Adeline mal conseguia respirar. A dor era tanta que bloqueava seus pulmões. A notícia foi dada por telefone tarde da noite de terça-feira. Linus estava trancado na câmara escura e Daisy tinha ido chamar lady Mountrachet para

atender ao telefone. Um policial, com a voz entrecortada pelos quilômetros que separavam a Cornualha de Cumberland, tinha desferido o golpe terrível.

Adeline desmaiaria. Pelo menos, achava que isso havia acontecido, porque a única lembrança que tinha depois daquele momento era a de acordar em sua cama, com um peso esmagando o seu peito. Depois de um segundo de confusão, ela se lembrou da notícia; o horror então fora revivido.

Ainda bem que havia um funeral para ser providenciado, procedimentos a serem seguidos, senão Adeline não teria suportado. Por mais que seu coração estivesse despedaçado, havia coisas que precisava fazer. Como mãe enlutada, não podia fugir às suas responsabilidades. Ela devia isso a Rose, à sua amada filha.

– Daisy. – A voz dela soou rouca. – Vá buscar papel. Tenho que preparar uma lista.

Quando Daisy saiu apressada da sala, Adeline começou a fazer uma lista mental. Os Churchills tinham que ser convidados, é claro, lorde e lady Huxley. Os Astors, os Heusers... Ela informaria mais tarde à família de Nathaniel. Adeline não tinha coragem para incluir gente daquele tipo no funeral de Rose.

E a criança também não poderia ir: uma ocasião tão solene não era lugar para ela. Pena que não estivesse com os pais naquele trem, que um resfriado a tivesse impedido de viajar. O que Adeline ia fazer com a menina? A última coisa de que precisava era algo que a lembrasse constantemente da morte de Rose.

Olhou pela janela na direção da enseada. A fileira de árvores, o mar mais adiante, estendendo-se infinitamente.

Adeline se recusou a olhar para a esquerda. O chalé estava oculto, mas saber que estava ali era o suficiente. Ela sentiu o sangue gelar.

Uma coisa era certa: Eliza não seria informada antes do funeral. Adeline não suportaria ver a moça viva quando Rose estava morta.



Três dias depois, enquanto Adeline, Linus e os criados se reuniam no cemitério do outro lado da propriedade, Eliza deu uma última caminhada ao redor do chalé. Já enviara uma mala na frente ao porto para não ter que carregar

muito peso. Só uma pequena maleta de viagem com seu caderno e alguns artigos pessoais. O trem ia sair de Tregenna ao meio-dia, e Davies, que ia buscar um carregamento de plantas novas que viriam no trem de Londres, tinha se oferecido para levá-la à estação. Ele era a única pessoa para quem contou sobre sua partida.

Eliza verificou seu pequeno relógio de bolso. Havia tempo para uma última visita ao jardim secreto. Deixara-o por último, tinha limitado, de propósito, o tempo que poderia passar lá, com medo de não conseguir deixá-lo.

Mas ia ser assim. Tinha que ser assim.

Eliza se encaminhou para a entrada. Onde antes havia uma porta, agora só havia uma ferida aberta, um buraco no chão e uma pilha de tijolos de pedra esperando para serem usados.

Acontecera durante a semana. Eliza estava limpando o jardim quando foi surpreendida por dois operários que se aproximavam do chalé. Primeiro, imaginou que estivessem perdidos, mas logo percebeu quanto essa ideia era absurda. As pessoas não chegavam ao chalé por acaso.

– Lady Mountrachet nos enviou – disse o mais alto dos dois homens.

Eliza se levantou, limpando as mãos na saia. Não falou nada, esperou que ele continuasse.

– Ela disse que quer que esta porta seja retirada.

– É mesmo? Engraçado, ela nunca me disse isso.

O homem mais baixo deu um sorriso irônico, o mais alto ficou sem graça.

– E por que a porta vai ser retirada? – perguntou Eliza. – Tem outra para substituí-la?

– Vamos fechar o buraco com tijolos – disse o mais alto. – Lady Mountrachet disse que não haverá mais acesso do chalé ao jardim. Vamos cavar um buraco e colocar novas fundações.

É claro. Eliza devia ter esperado que houvesse repercussões depois de sua passagem pelo labirinto quinze dias antes. Quando as coisas foram combinadas, quatro anos antes, as regras tinham sido claramente estabelecidas. Mary recebera dinheiro para começar vida nova em Polperro e Eliza fora proibida de ir além do jardim secreto. Mas não resistira.

Ainda bem que Eliza não estaria mais no chalé. Sem acesso ao jardim, não conseguiria suportar a vida em Blackhurst. Muito menos depois da morte de

Rose.

Passou pelo entulho onde antes existia a porta e entrou no jardim secreto. O cheiro de jasmim ainda estava forte e a macieira dava frutos. As trepadeiras tinham cruzado o alto do jardim e formado um toldo de folhas.

Davies iria cuidar do jardim, Eliza sabia, mas não seria a mesma coisa. Ele já tinha muito trabalho e o jardim tomava muito tempo e muita dedicação.

– O que vai ser de você? – disse Eliza, baixinho.

Ela olhou para a macieira e sentiu uma dor no peito, como se um pedaço de seu coração tivesse sido arrancado. Lembrou-se do dia em que havia plantado a árvore junto com Rose. Tantas esperanças elas tinham na época, tanta fé de que tudo daria certo. Eliza não podia suportar a ideia de que Rose não estivesse mais neste mundo.

Algo atraiu o olhar de Eliza. Um pedaço de pano saindo de baixo da folhagem da macieira. Teria deixado um lenço, da última vez que estivera por ali? Ajoelhou-se e espiou por entre as folhas.

Havia uma garotinha, a filhinha de Rose, dormindo na grama.

Como se um encanto tivesse sido quebrado, a menina se mexeu. Piscou, abriu os olhos e fitou Eliza.

Ela não pulou nem se assustou, nem fez nada que se pudesse esperar de uma criança apanhada desprevenida por um adulto a quem não conhecia muito bem. Apenas sorriu confortavelmente, depois bocejou. Em seguida, saiu de baixo do galho.

– Olá – disse ela, parando diante de Eliza.

Eliza olhou para ela, surpresa e satisfeita com a falta de cerimônia da menina.

– O que você está fazendo aqui?

– Lendo.

Eliza ergueu as sobrancelhas, a menina não tinha nem 4 anos.

– Você sabe ler?

Hesitou, depois assentiu.

– Mostre-me.

A menina ficou de quatro e engatinhou para debaixo do galho da macieira. Tirou de lá seu exemplar do livro de contos de fadas de Eliza. O exemplar que

Eliza tinha levado para o outro lado do labirinto. Ela abriu o livro e começou a ler “Os olhos da velha”, passando os dedos ao longo do texto.

Eliza disfarçou um sorriso ao notar que o dedo e a voz não combinavam. Lembrou-se da própria habilidade que tinha, quando criança, de decorar suas histórias favoritas.

– E por que você está aqui? – perguntou.

A menina parou de ler.

– Todo mundo saiu. Eu vi da janela, carruagens pretas se arrastando como um bando de formigas pela estrada. E eu não queria ficar sozinha na casa. Então vim para cá, eu gosto daqui, mais do que de qualquer outro lugar. Do *seu* jardim.

Ela olhou para o chão. Sabia que tinha se excedido.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou Eliza.

– Você é a Autora.

Eliza deu um leve sorriso.

A menina criou coragem: inclinou a cabeça, de modo que sua longa trança caiu sobre um dos ombros.

– Por que você está triste?

– Porque estou me despedindo.

– De quem?

– De meu jardim. De minha antiga vida. – Havia uma intensidade no olhar da menina que Eliza achou cativante. – Vou partir em uma aventura. Você gosta de aventuras?

A menina assentiu.

– Também vou fazer uma aventura, em breve, com papai e mamãe. Vamos para Nova York em um navio gigantesco, maior do que o do capitão Ahab.

– Para Nova York? – Eliza levou um susto. Seria possível que a menina não soubesse que os pais estavam mortos?

– Vamos atravessar o oceano, e vovó e vovô não irão conosco. Nem aquela boneca quebrada horrorosa.

Foi esse o momento da incontornável decisão? Quando Eliza fitou os olhos ansiosos de uma menininha que não sabia que os pais estavam mortos, que ia enfrentar a vida tendo como guardiães tia Adeline e tio Linus?

Mais tarde, quando Eliza olhou para trás, teve a impressão de que não havia tomado nenhuma decisão, mas que a decisão fora tomada por ela. Por um

estranho processo de alquimia, Eliza soube, instantaneamente e com absoluta certeza, que a menina não podia ser deixada sozinha em Blackhurst.

Ela estendeu a mão, observou a palma estendida para a menina, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. Cerrou os lábios e conseguiu falar:

– Eu ouvi sobre sua aventura. De fato, fui enviada para buscá-la. – As palavras saíram com facilidade, como se fizessem parte de um plano concebido muito tempo antes, como se fossem verdadeiras. – Eu vou levá-la até o meio do caminho.

A menina piscou, surpresa.

– Está tudo bem – disse Eliza. – Venha. Pegue minha mão. Nós vamos por um caminho diferente, um caminho secreto que ninguém conhece, só nós.

– Minha mãe vai estar lá quando chegarmos a esse lugar?

– Sim – disse Eliza, sem hesitação. – Sua mãe vai estar lá.

A menina pensou um pouco. Assentiu. Seu pequeno queixo tinha uma covinha no meio.

– Tenho que levar meu livro.



Adeline ficou atenta. Fora só no meio da tarde que deram o alarme. Daisy – garota estúpida – tinha batido à porta do quarto de vestir de Adeline, medindo as palavras, mudando o apoio do corpo de uma perna para outra, perguntando se a patroa vira a Srta. Ivory.

Sua neta vivia passeando pela propriedade, então o primeiro sentimento de Adeline foi de irritação. Aquela menina má tinha escolhido a dedo a hora de sumir. Logo aquele dia, depois de ter enterrado sua querida Rose, sua filha, seria obrigada a organizar uma busca. Adeline teve vontade de gritar e praguejar.

Os criados foram chamados, procuraram por toda a casa, mas não encontraram a menina. Passada uma hora, Adeline foi forçada a considerar a possibilidade de Ivory ter se aventurado a ir mais longe. Adeline e Rose tinham avisado a menina para não se aproximar da enseada e de outras áreas da propriedade, mas Ivory não era tão obediente quanto Rose. Ela era teimosa, um traço deplorável que Rose não combatera com castigos. No entanto, Adeline não

era tão indulgente e, quando a menina fosse encontrada, a faria ver que aquele comportamento não era correto; não iria mais tolerar aquela atitude.

– Com licença, madame.

Adeline se virou, as dobras da saia roçando umas nas outras. Era Daisy, de volta da enseada.

– Onde está ela? – perguntou Adeline.

– Não a encontrei, madame.

– Você procurou em toda parte? Na rocha negra, nas colinas?

– Ah, não, madame. Não me aproximei da rocha negra.

– E por que não?

– Ela é tão grande e escorregadia e... – O rosto da moça brilhou como um pêssego maduro. – Dizem que ela é mal-assombrada, a pedra grande.

Adeline teve vontade de dar um tapa na cara da criada. Se tivesse obedecido às suas ordens e obrigado a criança a permanecer na cama, nada daquilo estaria acontecendo! Daisy certamente tinha se afastado, fora conversar com o novo empregado na cozinha... Mas não adiantava castigá-la. Ainda não. Poderia parecer que Adeline estava esquecendo suas prioridades.

Em vez disso, virou-se e foi até a janela. Contemplou a escuridão descendo sobre o gramado. Era tudo tão complicado. Normalmente Adeline se comportava de acordo com as convenções sociais, mas naquele dia estava difícil desempenhar o papel de avó preocupada estava. Se ao menos alguém encontrasse a menina, morta ou viva, ferida ou ilesa, e a trouxesse de volta, poderia, então, encerrar o episódio e continuar a chorar a perda de Rose.

Mas parecia que essa solução simples não ia acontecer. Em uma hora, estaria escuro e não havia nem sinal da neta. A busca não poderia ser interrompida enquanto todas as opções não tivessem sido esgotadas. Os criados estavam vigiando, suas reações, sem dúvida, eram relatadas e dissecadas na sala da criadagem, então devia continuar a busca. Daisy era inútil e os outros não eram muito melhores. Ela precisava de Davies. Onde estava aquele imbecil quando precisava dele?

– É a tarde de folga dele, madame – lembrou Daisy quando ela perguntou.

É claro que era. Os criados estavam sempre por perto, mas nunca eram encontrados.

– Imagino que ele esteja em casa ou visitando alguém na aldeia, minha senhora. Acho que ele disse que ia buscar umas encomendas no trem.

Só havia outra pessoa que conhecia a propriedade tão bem quanto Davies.

– Vá chamar a Srta. Eliza, então – ordenou Adeline, sentindo um gosto amargo ao pronunciar aquele nome. – E diga a ela para vir aqui imediatamente.



Eliza contemplou a criança adormecida. Longos cílios em um rosto liso, lábios cor-de-rosa formando um beicinho, os punhos fechados descansando em seu colo. Como as crianças eram confiantes – conseguir dormir numa hora dessas! A confiança e a vulnerabilidade deram a Eliza vontade de chorar.

O que ela estava pensando? O que estava fazendo ali, em um trem, indo para Londres com a filha de Rose?

Nada, não tinha pensado em nada, por isso estava ali. Pensar seria mergulhar o pincel carregado de dúvida nas águas cristalinas da certeza. Sabia que a criança não podia ser deixada sozinha em Blackhurst nas mãos de tia Adeline e tio Linus, então resolvera agir. Falhara com Sammy, mas não ia falhar de novo.

O que fazer com Ivory era outra questão, porque, sem dúvida, Eliza não poderia ficar com ela. A criança merecia algo melhor. Devia ter um pai e uma mãe, irmãos, uma casa feliz, cheia de amor, que lhe garantisse boas lembranças para toda a vida.

Entretanto, Eliza não conseguia pensar em uma alternativa. A criança tinha que ficar longe da Cornualha, senão o risco de ser encontrada e levada de volta para Blackhurst era muito grande.

Não, até que Eliza encontrasse uma solução melhor, a menina tinha que ficar com ela. Pelo menos, por ora. O navio só partiria para a Austrália em cinco dias, para Maryborough, onde morava o irmão de Mary e a tia dela, Eleanor. Mary lhe dera um endereço e, quando chegasse lá, Eliza pretendia entrar em contato com a família Martin. Mandaria notícias para Mary, é claro; contaria a ela o que tinha feito.

Eliza já estava com a passagem, reservada sob um nome falso. Era uma atitude supersticiosa, mas, quando chegou a hora de fazer a reserva, foi tomada

por uma sensação muito forte de que um recomeço exigia um novo nome. Não queria deixar um rastro no escritório de reservas, um caminho entre este mundo e aquele. Usara, então, um pseudônimo. E aquilo fora um golpe de sorte.

Afinal, eles iriam procurá-las. Eliza sabia demais sobre a origem da filha de Rose para que tia Adeline a deixasse escapar com tanta facilidade. Precisava estar preparada para se esconder. Ia procurar uma hospedaria perto do porto, um lugar onde pudesse alugar um quarto para uma pobre viúva e sua filha, que iam se juntar ao resto da família em Nova York. Imaginou se seria possível comprar uma passagem para uma criança tão em cima da hora. Ou seria melhor encontrar uma maneira de embarcar a menina sem chamar atenção?

Eliza contemplou aquele pedacinho de gente, dormindo em um canto do vagão do trem, tão vulnerável. Estendeu a mão e acariciou o rosto da menina. Retirou a mão quando a criança se mexeu, franziu o narizinho e acomodou melhor a cabeça no assento. Por mais ridículo que pudesse parecer, Eliza via em Ivory alguma coisa de Rose – Rose criança, quando Eliza a conhecera.

A menina ia perguntar pelo pai e pela mãe, e Eliza um dia lhe contaria. Embora não soubesse ao certo quais palavras usaria. Notou que a história de fadas que poderia contar não estava mais no livro da menina. Alguém a removera. Nathaniel, desconfiou Eliza. Tanto Rose quanto tia Adeline teriam destruído o livro inteiro; Nathaniel arrancara a história que o implicava e manteria o resto.

E esperaria até o último minuto para entrar em contato com os Swindells, porque, embora Eliza não os visse mais como uma ameaça, sabia que não devia confiar demais neles. Se os Swindells vissem alguma oportunidade de lucro, eles a agarrariam. Eliza tinha pensado em desistir da visita; considerara que o risco era maior do que a recompensa, mas, por fim, resolvera arriscar. Precisaria das pedras preciosas do broche para se sustentar no Novo Mundo, e os fios trançados que ele guardava eram preciosos – representavam sua família, seu passado, eram sua ligação com o próprio eu.



Enquanto Adeline esperava pela volta de Daisy, o tempo se arrastou, lento e pesado, como uma criança petulante agarrada à sua saia. Eliza era culpada por Rose estar morta. Sua visita proibida precipitara os planos de viagem para Nova York, assim provocando a ida a Carlisle. Se Eliza tivesse ficado do outro lado da propriedade como prometera, Rose jamais teria entrado naquele trem.

A porta se abriu e Adeline prendeu o fôlego. Finalmente a criada voltara, com folhas no cabelo, lama na saia, mas sozinha.

– Onde está ela? – quis saber Adeline.

Ela já estaria procurando? Daisy teria finalmente usado a cabeça e mandado Eliza direto para a enseada?

– Não sei, madame.

– Não sabe?

– Quando cheguei ao chalé, ele estava trancado. Olhei pela janela, mas não vi nem sinal dela.

– Você devia ter esperado um pouco. Talvez ela tenha ido até o vilarejo e logo esteja de volta.

A moça balançava a cabeça insolentemente.

– Acho que não, madame. A lareira estava limpa, e as estantes, vazias. – Daisy piscou, plácida. – Acho que ela também partiu, madame.

Então Adeline entendeu. E ficou furiosa, uma raiva que ferveu em suas veias, causando pontadas de dor na cabeça.

– A senhora está bem? Quer se sentar?

Não, Adeline não precisava se sentar. Pelo contrário. Precisava ver por si mesma, testemunhar a ingratidão da moça.

– Leve-me pelo labirinto, Daisy.

– Não sei o caminho, madame. Ninguém sabe. Ninguém, exceto Davies. Fui pela estrada do penhasco.

– Então mande Newton trazer a carruagem.

– Mas está escurecendo, madame.

Adeline estreitou os olhos e se empertigou. Com toda a clareza, disse:

– Vá chamar Newton e me traga uma lanterna.



O chalé estava arrumado, mas não vazio. A cozinha ainda tinha vários utensílios pendurados, mas nada sobre a mesa. No cabide ao lado da porta não havia nenhum casaco pendurado. Adeline sentiu uma onda de náusea e uma contração nos pulmões. Era a presença daquela moça, deixando o ar pesado e opressivo. Pegou a lanterna e subiu a escada. Havia dois quartos, no maior (muito simples, mas limpo) estava a cama que fora trazida do sótão, coberta com uma velha colcha. No outro, uma escrivaninha, uma cadeira e uma estante cheia de livros. Os objetos sobre a escrivaninha haviam sido empilhados. Adeline apoiou os dedos sobre o tampo de madeira e se inclinou para olhar para fora.

O entardecer tinha colorido o mar, e a água subia e descia ao longe, dourada e roxa.

Rose partiu.

Este pensamento a atingiu de supetão.

Ali, sozinha, sem ninguém para observá-la, Adeline pôde parar de fingir por um instante. Fechou os olhos e arriou os ombros.

Teve vontade de se encolher no chão, de sentir a madeira fria e lisa do assoalho sob o rosto, e nunca mais se levantar. Quis dormir por cem anos, não ter ninguém vendo nela um exemplo. Queria poder respirar...

– Lady Mountrachet? – A voz de Newton veio do andar de baixo. – Está escurecendo, minha senhora. Os cavalos vão ter dificuldade em descer se não formos logo.

Adeline respirou fundo. Tornou a endireitar os ombros.

– Só um minuto.

Abriu os olhos e pôs a mão na testa. Rose tinha partido e Adeline jamais iria se recuperar, mas havia um novo risco. Embora uma parte dela quisesse deixar Eliza e a menina sumirem de sua vida para sempre, nada era simples. Com o desaparecimento de Eliza e de Ivory, com certeza juntas, Adeline enfrentava o risco de que as pessoas descobrissem a verdade. Temia que Eliza pudesse contar o que eles tinham feito. E isso não podia acontecer. Pelo bem de Rose, de sua memória, e pelo bom nome da família Mountrachet, Eliza precisava ser encontrada, trazida de volta e silenciada.

Adeline olhou mais uma vez para a escrivaninha e viu um pedaço de papel saindo de baixo de uma pilha de livros. Reconheceu uma palavra, embora, a princípio, não soubesse de onde. Ela puxou o papel. Era uma espécie de lista de

tarefas a serem feitas antes da partida de Eliza. No final da lista, estava escrito *Swindell*. Era um sobrenome, pensou Adeline.

Seu coração bateu mais depressa e ela guardou o papel no bolso. Adeline encontrara sua pista. Eliza não podia desaparecer sem deixar rastro. Ela seria encontrada, e a criança, a filha de Rose, trazida de volta para seu verdadeiro lugar.

E Adeline sabia exatamente a quem iria recorrer para isso.

Polperro, 2005

O chalé de Clara era pequeno e branco e ficava em uma encosta, perto de um pub chamado O Bucaneiro.

– Quer fazer as honras? – perguntou Christian ao chegarem.

Cassandra assentiu, mas não bateu à porta. Fora tomada, subitamente, por uma onda de nervosismo. A irmã de sua avó estava lá dentro. Em poucos instantes, o quebra-cabeça que atormentara Nell durante toda a vida estaria solucionado. Cassandra olhou para Christian e tornou a pensar em quanto estava contente por ele ter vindo com ela.

Depois da partida de Ruby para Londres naquela manhã, Cassandra esperara por ele nos degraus da frente do hotel, segurando um exemplar dos contos de fadas de Eliza. Christian também estava com o dele, e puderam confirmar que faltava uma história no livro de Cassandra. A falha na lombada era tão pequena, o corte tinha sido tão bem-feito, que Cassandra não tinha percebido antes. Nem os números das páginas que estavam faltando haviam atraído sua atenção. A numeração era tão cheia de firulas que seria preciso certo grau de conhecimento em caligrafia para notar a diferença entre 54 e 61.

No caminho para Polperro, Cassandra tinha lido “O ovo dourado” em voz alta. Ao fazer isso, foi ficando cada vez mais convencida de que Christian tinha razão, de que a história era uma alegoria a respeito de Rose e da concretização de sua maternidade. Isso a deixou mais certa do que nunca de que era sobre isso que Clara queria lhe falar.

Pobre Mary, obrigada a dar sua primeira filha e a manter segredo sobre isso. Não era de se espantar que ela tivesse revelado tudo a Clara em seus últimos dias

de vida. Uma mãe, ela sabia bem, se lembraria de um filho perdido por toda a vida.

Leo teria quase 12 anos agora.

– Você está bem?

Christian estava olhando para ela, uma ruga de preocupação entre os olhos.

– Sim – disse Cassandra, afastando as lembranças. – Eu estou bem. – E, quando sorriu para ele, aquilo não lhe pareceu tão forçado quanto antes.



Ela levantou a mão e, antes que batesse, a porta se abriu. Na moldura baixa e estreita apareceu uma mulher velha e gorda, cujo avental, amarrado na cintura, dava a impressão de um corpo formado por duas bolas de massa de pão.

– Eu vi vocês aí parados – explicou ela, sorrindo, apontando um dedo curvo para eles – e falei para mim mesma: “Eles devem ser os meus convidados.” Entrem, vocês dois, vou preparar uma xícara de chá para nós.

Christian sentou-se ao lado de Cassandra no sofá de estampa florida, e eles empurraram as almofadas para abrir espaço. Ele parecia tão grande no meio daqueles enfeites que Cassandra teve vontade de rir.

Um bule amarelo ocupava um lugar de destaque na mesa da sala, coberto por um abafador em forma de galinha. Esta se parecia incrivelmente com Clara, pensou Cassandra: olhos pequenos e atentos, um corpo gorducho, uma boquinha pontuda.

Clara pegou uma terceira xícara e serviu o chá.

– Minha mistura especial – disse ela. – Três quartos de Breakfast, um quarto de Earl Grey. – Ela espiou por cima dos óculos. – Quer dizer, *English* Breakfast. – Depois de acrescentar o leite, ela se sentou na poltrona ao lado da lareira. – Está na hora de dar um descanso aos meus pobres pés. Fiquei em pé o dia inteiro, organizando as barracas para o festival do porto.

– Obrigada por me receber – agradeceu Cassandra. – Este é meu amigo Christian.

Christian apertou a mão de Clara e ela enrubesceu.

– Prazer em conhecê-lo. – Ela tomou um gole de chá, depois fez um gesto na direção de Cassandra. – A senhora do museu, Ruby, me contou sobre sua avó. Aquela que não sabia quem eram seus pais.

– Nell – disse Cassandra. – Esse era o nome dela. Meu bisavô Hugh a encontrou, quando ela era bem pequena, sentada sobre uma maleta branca no cais de Maryborough. Ele era chefe do porto e um navio...

– Você disse Maryborough?

Cassandra assentiu.

– Ora, que coincidência. Tenho parentes em um lugar chamado Maryborough. Em Queensland.

– Queensland! – Cassandra inclinou-se para a frente. – Que parentes?

– O irmão de minha mãe se mudou para lá quando era rapaz. Criou os filhos, meus primos. – Ela riu. – Mamãe costumava dizer que eles tinham ido para lá por causa do nome dela, Mary.

Cassandra olhou para Christian. Teria sido por isso que Eliza tinha colocado Nell naquele navio? Ela estaria devolvendo a menina para a família de Mary, para a verdadeira família de Nell? Em vez de levar a criança para Polperro e arriscar que as pessoas locais a reconhecessem como Ivory Mountrachet, decidira mandá-la para junto do irmão de Mary? Cassandra suspeitou de que Clara soubesse a resposta, tudo o que tinha a fazer era conduzir a conversa na direção certa.

– Sua mãe, Mary, trabalhou em Blackhurst, não foi?

Clara tomou um gole de chá.

– Trabalhou lá até ser despedida, em 1909. Trabalhara lá desde menina, desde que tinha uns 10 anos. Foi despedida porque estava grávida. – Clara baixou a voz, sussurrando: – Ela não era casada, entende? E naquela época não se fazia isso. Mas ela não era uma moça má, minha mãe. Era muito correta. Ela e meu pai acabaram se casando, como manda o figurino. Teriam se casado antes, mas ele teve pneumonia. Quase não conseguiu ir ao próprio casamento. Foi quando eles se mudaram para Polperro, receberam um dinheiro e abriram o açougue.

Ela pegou um pequeno livro retangular ao lado da bandeja de chá. A capa era decorada com papel de presente, pano e botões e, quando Clara o abriu,

Cassandra viu que se tratava de um álbum de fotografias. Clara o folheou até na página que estava marcada com uma fita e disse:

– Esta aqui é minha mãe.

Cassandra fitou a jovem mulher com cabelo cacheado e curvas pronunciadas, tentando ver Nell em suas feições. Havia algo de Nell em sua boca, talvez, um sorriso que brincava em seus lábios quando ela menos pretendia. Mas fotos são assim mesmo: quanto mais Cassandra olhava, mais parecia enxergar algo de tia Phyllis no nariz e nos olhos!

Ela entregou o álbum a Christian e sorriu para Clara.

– Ela era muito bonita, não era?

– Ah, sim – disse Clara, piscando. – Minha mãe era uma beldade. Bonita demais para uma criada.

– Você sabe se ela gostou do tempo que passou em Blackhurst? Ficou triste por ter saído de lá?

– Ela ficou contente em deixar a casa, mas triste em se separar da patroa.

Isso era novidade.

– Ela e Rose eram íntimas?

Clara balançou a cabeça.

– Não sei de nenhuma Rose. Era sobre Eliza que ela costumava falar. Srta. Eliza para lá, Srta. Eliza para cá.

– Mas Eliza não era a dona da Mansão Blackhurst.

– Bem, oficialmente não, mas sempre foi a favorita de minha mãe. Ela costumava dizer que a Srta. Eliza era uma centelha de vida em um lugar morto.

– Por que ela achava que era um lugar morto?

– As pessoas que moravam lá eram como mortos, dizia minha mãe. Sempre tristonhas, sempre querendo o que não deviam ou não podiam ter.

Cassandra refletiu sobre esta descrição da vida na Mansão Blackhurst. Aquela não era a impressão que tivera ao ler os álbuns de recortes de Rose, embora Rose, com seu foco em vestidos novos e nas aventuras da prima Eliza, fosse apenas uma das vozes em uma casa onde devia haver outras tantas. Mas essa era a natureza da história, é claro: imaginária, parcial, incognoscível, um registro feito pelos vitoriosos.

– Os patrões dela, o lorde e a lady, eram asquerosos, segundo minha mãe. No fim, foram castigados, não é mesmo?

Cassandra franziu a testa.

– Quem foi castigado?

– Os dois. Lorde e lady Mountrachet. Ela morreu um ou dois meses depois da filha, de septicemia. – Clara balançou a cabeça e baixou o tom de voz, conspiratoriamente, quase sentindo prazer. – Chocante. Minha mãe soube pelas criadas que ela ficou um horror nos últimos dias. O rosto todo torto, parecendo rir como um demônio, saindo da cama para vagar pelos corredores com uma grande argola de chaves na mão, trancando todas as portas e falando de um segredo que ninguém podia saber. Completamente louca. E com o lorde não foi muito diferente.

– Lorde Mountrachet também teve septicemia?

– Não, não, ele não. Perdeu a fortuna fazendo viagens para lugares exóticos. – Ela baixou a voz. – Lugares de vodu. Dizem que ele trazia de volta suvenires que deixavam as pessoas de cabelo em pé. Ficou doido também. Os criados foram todos embora, exceto por uma ajudante de cozinha e um jardineiro que moraram lá a vida inteira. Segundo minha mãe, quando o velho finalmente morreu, só foi encontrado muitos dias depois. – Clara sorriu, fechando os olhos. – Mas Eliza escapou, não foi? É isso que importa. Atravessou o oceano, contou minha mãe. Ela sempre ficava contente com isso.

– Mas ela não foi para a Austrália – disse Cassandra.

– Não sei para onde ela foi – retrucou Clara. – Só sei o que minha mãe me falou: que Eliza fugiu a tempo daquela casa terrível. Foi embora como tinha planejado e nunca mais voltou. – Ela ergueu um dedo. – Foi de lá que vieram aqueles desenhos, aqueles de que a moça do museu gostou tanto. Eram dela, de Eliza. Estavam no meio das coisas dela.

Cassandra estava prestes a perguntar se Eliza os dera a Mary, mas se conteve. Percebeu que seria falta de educação sugerir que a mãe adorada de Clara houvesse roubado valiosas obras de arte de sua patroa.

– Que coisas?

– Nas caixas que minha mãe comprou.

Agora Cassandra estava realmente confusa.

– Ela comprou de Eliza algumas caixas?

– Não comprou de Eliza. As caixas pertenciam a Eliza. Mamãe as comprou depois que ela partiu.

– E comprou de quem?

– Foi uma venda grande. Eu me lembro. Minha mãe me levou quando eu era menina. Foi em 1935, eu tinha 15 anos. Depois que o lorde finalmente morreu, um membro distante da família, que morava na Escócia, resolveu vender a propriedade, na esperança de levantar algum dinheiro durante a Depressão, sem dúvida. Bem, minha mãe leu sobre isso no jornal e viu que estavam planejando vender alguns itens de menor valor também. Acho que lhe deu certo prazer pensar que podia possuir um pedacinho do lugar onde tinha sido tão maltratada. Ela me levou junto porque achou que seria bom, para mim, ver como ela havia começado a vida. Achou que isso me faria ficar grata por não ser uma criada, que iria me encorajar a estudar para conseguir subir mais do que ela na vida. Não posso dizer que tenha funcionado, mas certamente me chocou. Foi a primeira vez que vi algo do gênero. Não fazia ideia de que algumas pessoas vivessem daquele jeito. Não se vê muita opulência por aqui. – Ela balançou a cabeça, indicando sua aprovação em relação a isso, depois fez uma pausa e olhou para o teto. – Onde foi mesmo que eu parei?

– Você estava nos contando sobre as caixas – respondeu Christian. – As caixas que sua mãe comprou em Blackhurst.

Ela ergueu um dedo trêmulo.

– Isso, da casa em Tregenna. Vocês precisavam ter visto a expressão dela quando as viu. As caixas estavam sobre uma mesa junto com outros artigos variados: abajures, pesos de papel, livros, coisas assim. Não vi nada de especial nelas, mas mamãe soube na mesma hora que eram de Eliza. Ela segurou minha mão, acho que pela primeira vez na vida, e pareceu ter ficado sem ar. Fiquei preocupada, achei que precisava se sentar, mas ela não quis nem ouvir falar nisso. Agarrou aquelas caixas. Era como se estivesse com medo de se afastar e outra pessoa aparecer para comprá-las. Não me pareceu provável que mais alguém se interessasse. Como falei, não me pareceram grande coisa, mas a beleza é uma questão de ponto de vista, não é?

– E os desenhos de Nathaniel Walker estavam dentro da caixa? – perguntou Cassandra. – No meio das coisas de Eliza?

Clara assentiu.

– É estranho, agora que estou me lembrando. Mamãe ficou muito feliz ao comprá-las, mas, ao chegar em casa, mandou meu pai levá-las para o sótão, e eu

nunca mais ouvi falar nelas. Não que eu me preocupasse com isso na época. Tinha apenas 15 anos. Provavelmente estava de olho em algum rapaz e não dei a menor importância àquelas caixas. Só quando ela veio morar aqui comigo é que notei que ainda as tinha. Ora, isso foi estranho e me fez ver que eram mesmo importantes, porque ela não trouxe muita coisa. E foi então que ela finalmente me contou que caixas eram aquelas e por que eram tão importantes.

Cassandra se lembrou do que Ruby dissera sobre o quarto do andar de cima, ainda cheio de objetos pessoais de Mary. Que outras pistas preciosas poderiam estar lá, enterradas naquelas caixas, e que jamais seriam vistas? Ela engoliu em seco.

– Você alguma vez viu o que havia dentro das caixas?

Clara tomou um gole de chá, que a essa altura já devia estar frio, e brincou com a asa da xícara.

– Devo admitir que sim.

O coração de Cassandra deu um salto; ela se inclinou para a frente.

– E...?

– Livros principalmente, um lampião, como eu falei... – Ela fez uma pausa e seu rosto enrubescceu.

– Havia mais alguma coisa? – perguntou, muito delicadamente.

Clara esfregou a ponta do chinelo no tapete. Levou algum tempo para erguer os olhos.

– Também encontrei uma carta, logo no alto da pilha. Era dirigida à minha mãe, enviada por uma editora de Londres. Levei um choque. Nunca tinha imaginado que mamãe fosse escritora. – Clara riu. – E ela não era mesmo, é evidente.

– E o que dizia a carta? – indagou Christian. – Por que a editora escreveu para sua mãe?

– Bem, parece que minha mãe enviou uma das histórias de Eliza para eles. Pelo que entendi, ela deve ter encontrado a história dentro da caixa, junto com as coisas de Eliza, e pensou que merecia ser lida. Parece que Eliza a escrevera pouco antes de embarcar na sua aventura. Era uma bela história, cheia de esperança e com um final feliz.

Cassandra pensou no artigo que estava dentro do caderno de Nell.

– “O voo do cuco”? – perguntou.

– Essa mesma – disse Clara, tão contente quanto se tivesse escrito a história.
– Então você leu?

– Eu li a respeito dela, mas não a própria história. Foi publicada anos depois das outras.

– É verdade. Foi publicada em 1936, pelo que dizia a carta. Minha mãe deve ter ficado muito contente quando soube. Deve ter sentido que fez algo por Eliza. Ela sentiu muito a falta dela, isso é certo.

Cassandra assentiu; já sentia o gostinho da solução do mistério de Nell.

– Elas tinham uma forte ligação, não tinham?

– Tinham mesmo.

– O que você acha que as unia tanto? – Ela mordeu o lábio, nervosa.

Clara cruzou as mãos no colo e baixou a voz.

– As duas fizeram parte de uma coisa que ninguém mais ficou sabendo.

Cassandra sentiu alívio e indagou, num fio de voz:

– Que coisa? O que sua mãe lhe contou?

– Foi nos últimos dias de vida de mamãe. Ela vivia me dizendo que uma coisa terrível tinha acontecido e que as pessoas que participaram daquilo haviam escapado impunes. Ficava repetindo isso sem parar.

– E o que você acha que ela queria dizer com isso?

– A princípio, não dei muita importância. Ela estava sempre murmurando coisas estranhas, no fim. Insultava nossos velhos amigos. Não era mais a mesma. E não parava de falar nisso. “Está tudo na história”, dizia ela. “Eles roubaram aquilo da jovem.” Eu não sabia do que se tratava, a que história estava se referindo. Mas ela acabou me contando tudo. – Clara respirou fundo, balançou a cabeça tristemente. – Rose Mountrachet não era a mãe daquela menina, da sua avó.

Cassandra suspirou aliviada. Finalmente a verdade.

– Eu sei – disse, segurando as mãos de Clara. – Nell era filha de Mary, o motivo pelo qual ela foi despedida.

A expressão de Clara era difícil de decifrar. Ela olhou para Cassandra e depois para Christian, com as pálpebras tremendo, piscou, confusa, depois começou a rir.

– O que foi? – perguntou Cassandra, um tanto assustada. – O que há de engraçado nisso? Você está bem?

– Minha mãe estava grávida, é verdade, mas não teve o bebê. Ela o perdeu quando contava doze semanas de gravidez.

– O quê?

– É isso que eu estou tentando lhe dizer. Nell não era filha de mamãe, ela era filha de Eliza.



– Eliza estava grávida. – Cassandra tirou a echarpe e a depositou sobre a bolsa, no chão do carro.

– Eliza estava grávida. – Christian tamborilou no volante.

O aquecimento do carro foi ligado e o radiador começou a fazer barulho. Eles deixaram Polperro. A neblina tinha baixado enquanto eles visitavam Clara e, ao longo da costa, as luzes dos barcos piscavam no mar coberto pela névoa.

Cassandra ia olhando fixamente para a frente, seu cérebro tão enevoado quanto o mundo do lado de fora do para-brisa.

– Eliza estava grávida. Ela era a mãe de Nell. Foi por isso que Eliza a levou.

– Se repetisse isso várias vezes, talvez fizesse mais sentido.

– Então foi isso que aconteceu.

Ela inclinou a cabeça de lado e esfregou o pescoço.

– Mas eu não entendo. Fazia tanto sentido antes, quando parecia ser Mary. Agora que se trata de Eliza... Não entendo como Rose ficou com Ivory. Por que Eliza deixou que ela ficasse com a menina? E como foi que ninguém nunca descobriu?

– A não ser Mary.

– A não ser Mary.

– Suponho que eles tenham guardado segredo.

– A família de Eliza?

Ele assentiu.

– Ela era solteira, jovem, estava sob a responsabilidade deles e ficou grávida. Não deve ter sido um acontecimento nada bem-vindo para eles.

– Quem era o pai?

Christian deu de ombros.

– Algum sujeito da aldeia? Ela tinha um namorado?

– Não sei. Ela era amiga do irmão de Mary, William; está escrito no caderno de Nell. Eles eram muito próximos até brigar por algum motivo. Talvez ele fosse o pai.

– Quem sabe? Acho que isso não importa muito. – Ele olhou para ela. – Quer dizer, importa, é claro, para Nell e para você, mas, no caso em si, o fato é que ela estava grávida e Rose não.

– Então eles convenceram Eliza a dar seu bebê para Rose.

– Deve ter sido mais fácil para todo mundo.

– Isso é discutível.

– Digo, socialmente. Então, Rose morreu...

– E Eliza pegou a filha de volta. Isso faz sentido. – Cassandra fitou a neblina que cobria o capim do lado da estrada. – Mas por que ela não embarcou no navio para a Austrália junto com Nell? Por que uma mulher tomaria de volta a filha e depois a mandaria sozinha em uma viagem longa e perigosa para um país distante? – Cassandra suspirou. – Parece que, quanto mais chegamos perto da solução, mais complicada fica a história.

– Talvez ela tenha ido junto. Talvez algo aconteceu no caminho, alguma doença. Clara parecia ter certeza de que ela embarcara.

– Mas Nell se lembrava de Eliza colocando-a no navio e lhe dizendo para esperar. Depois foi embora e não voltou. Era uma das únicas lembranças nítidas que ela tinha. – Cassandra roeu a unha do polegar. – Que frustrante! Achei que iríamos encontrar todas as respostas hoje.

– Uma coisa é certa: “O ovo dourado” não era a respeito de Mary. Eliza escreveu a história sobre si mesma. Ela era a donzela do chalé.

– Pobre Eliza – disse Cassandra, fitando o mundo coberto pela neblina lá fora. – A vida da donzela depois que ela entrega o ovo é tão...

– Triste.

– Sim.

Cassandra estremeceu. Compreendia o tipo de perda que deixava uma pessoa sem nenhum objetivo na vida, mais pálida, mais fraca, mais vazia.

– Não surpreende que ela tenha resgatado Nell quando teve a oportunidade.

O que Cassandra não daria para ter uma segunda chance?

– O que nos leva de volta à questão inicial: se ela havia recuperado a própria filha, por que não embarcou no navio junto com ela?

Cassandra balançou a cabeça.

– Não sei. Isso não faz sentido.

Eles passaram pela placa de boas-vindas a Tregenna, e Christian saiu da estrada principal.

– Sabe o que eu acho?

– O quê? – perguntou Cassandra.

– Acho que nós devíamos almoçar no pub, conversar um pouco mais sobre isso, ver se conseguimos entender melhor. Tenho certeza de que uma cerveja vai ajudar.

Cassandra sorriu.

– Sim, normalmente uma cerveja deixa minha mente mais ágil. Você pode passar no hotel para eu pegar um casaco?

Christian entrou na estrada que atravessava o bosque e virou na entrada do Hotel Blackhurst. Ainda havia nevoeiro e o caminho estava escorregadio, então ele avançou com cuidado.

– Já volto – disse Cassandra, batendo a porta do carro.

Ela subiu correndo e entrou no saguão.

– Oi, Sam – falou, acenando para a recepcionista.

– Oi, Cass. Tem uma pessoa esperando por você aqui.

Cassandra parou.

– Robyn Jameson está esperando há meia hora no salão.

Cassandra olhou para fora. Christian estava mexendo nos botões do rádio. Ele não ia se importar de esperar mais um pouco. Ela não sabia o que Robyn poderia querer, mas com certeza não demoraria muito.

– Olá – cumprimentou Robyn, quando viu Cassandra. – Um passarinho me contou que você passou a manhã inteira conversando com minha prima Clara.

A rede de fofocas do lugar era impressionante.

– É verdade.

– Espero que tenha se divertido.

– Sim, obrigada. Você está aqui há muito tempo?

– De jeito nenhum. Trouxe algo para você. Podia ter deixado na recepção, mas achei que fosse necessário explicar.

Cassandra ergueu as sobrancelhas enquanto Robyn continuava:

– Eu fui visitar meu pai no fim de semana, no asilo. Ele gosta de saber de tudo o que acontece na aldeia, foi chefe do correio, você sabe, e eu mencionei que você estava aqui, restaurando o chalé que sua avó deixou de herança, aquele no alto do penhasco. Papai fez uma cara muito esquisita. Mesmo sendo velho, é inteiramente lúcido, igualzinho ao pai. Ele segurou meu braço e disse que tinha uma carta que precisava ser entregue para você.

– Para mim?

– Para sua avó, na verdade, mas, como ela não está mais aqui, a carta é sua.

– Que tipo de carta?

– Quando sua avó partiu de Tregenna, foi ver meu pai. Avisou que ia voltar para morar no Chalé do Penhasco e pediu que ele guardasse a correspondência dela. Ela foi muito clara a respeito disso, segundo ele; então, quando chegou uma carta, ele fez o que ela mandou: guardou-a no correio. De vez em quando, papai levava a carta até o chalé, mas nunca havia ninguém lá. As trepadeiras cresceram, a poeira se instalou, e o lugar parecia cada vez mais desabitado. Aos poucos, ele parou de ir. Seus joelhos não estavam muito bons e ele pensou que sua avó iria procurá-lo quando voltasse. Normalmente teria mandado de volta para o remetente, mas sua avó tinha sido muito clara, então guardou a carta durante todo esse tempo.

“Ele me instruiu a ir até o porão, onde suas coisas estão guardadas, e pegar a caixa de cartas perdidas. No meio delas, eu ia encontrar uma endereçada a Nell Andrews, Hospedaria de Tregenna, recebida em novembro de 1975. E ele tinha razão: a carta estava lá.”

Ela tirou um pequeno envelope cinzento de dentro da bolsa, entregando-o para Cassandra. O papel era comum, quase transparente de tão fino. Estava endereçado em uma caligrafia antiquada, um tanto confusa, primeiro para um hotel em Londres, depois redirecionado para a Hospedaria de Tregenna. Cassandra virou o envelope.

Com a mesma caligrafia, estava escrito: *Remetente: Srta. Harriet Swindell, Battersea Church Road, 37, Londres, SW11.*

Cassandra se lembrou da anotação feita no caderno de Nell. Harriet Swindell era a mulher que ela visitara em Londres, a velha que tinha nascido e crescido na mesma casa em que Eliza nascera. Por que ela escrevera para Nell?

Com os dedos tremendo, Cassandra abriu o envelope. O papel fino se rasgou com facilidade. Ela abriu a carta e começou a ler:

3 de novembro de 1975

Cara Sra. Andrews,

Não me importo em dizer que, desde que a senhora veio aqui, perguntando sobre a dama dos contos de fadas, não tenho conseguido pensar em outra coisa. A senhora vai ver, quando tiver minha idade, que o passado se torna um velho amigo. Do tipo que chega sem ser convidado e se recusa a partir. Eu me lembro dela muito bem, só que a senhora me pegou desprevenida com sua visita, aparecendo aqui bem na hora do chá. Eu não sabia se queria conversar acerca do passado com uma estranha. Mas minha sobrinha Nancy achou que eu devia falar, que tudo aconteceu há tanto tempo que não tem mais quase nenhuma importância, então resolvi escrever, como a senhora pediu. Eliza Makepeace voltou mesmo aqui para visitar minha mãe. Só uma vez, mas eu me lembro muito bem. Eu tinha 16 anos na época, então sei que foi em 1913.

Lembro-me de ter pensado que havia algo de estranho nela. Ela até se vestia como uma dama, mas havia algo nela que não se encaixava. Melhor dizendo, havia algo nela que não combinava conosco, moradores do número 35 da Battersea Church Road. Alguma coisa que a distinguia das outras damas elegantes que costumávamos ver nas ruas naquela época. Ela entrou na loja, um pouco agitada na minha opinião, como se estivesse com pressa e não quisesse ser vista. Parecia meio desconfiada. Cumprimentou minha mãe como se elas se conhecessem, e minha mãe, por sua vez, sorriu para ela, algo que eu não a via fazer com frequência. Quem quer que fosse aquela dama, pensei, minha mãe devia saber que podia ganhar uns trocados pelo fato de conhecê-la.

A voz dela era clara e musical – esse foi o primeiro sinal que tive de que já a conhecia. Era familiar, de certo modo, uma voz que as crianças gostavam de ouvir, que falava de fadas e duendes e que não deixava dúvidas de que eles realmente existiam.

Ela agradeceu à minha mãe por recebê-la e contou que estava deixando a Inglaterra e que não voltaria por algum tempo. Eu lembro que ela estava ansiosa em subir e visitar o quarto onde tinha morado, um quartinho horrível no alto da casa: frio, com uma lareira que nunca funcionou, e escuro, sem janelas. Ela falou que queria lembrar os velhos tempos.

Minha mãe não tinha inquilino na época – entrara numa briga feia por causa de dívidas de aluguel –, então deixou a dama subir. Mamãe lhe disse que não se apressasse, chegou até a pôr uma chaleira no fogo – uma atitude nada típica dela.

Mamãe a viu subir a escada e me chamou. “Vá atrás dela”, mandou mamãe, “e cuide para que ela não desça logo.” Eu estava acostumada com as ordens dela, e com seus castigos quando eu desobedecia. Então, subi atrás da dama.

Quando cheguei lá em cima, ela tinha fechado a porta do quarto. Eu podia ter simplesmente me sentado e cuidado para que ela não descesse logo, mas fiquei curiosa. Não conseguia imaginar por que teria se trancado ali. Como eu falei, não havia janelas no cômodo e a luz só podia entrar pela porta.

Havia um buraco na parte de baixo da porta, feito por ratos, então eu me deitei de bruços no chão e olhei. Ela estava parada no meio do quarto, olhando em volta para se situar, depois foi até a velha lareira quebrada. Sentou-se na pedra, enfiou o braço lá dentro e ficou ali por um tempo enorme. Finalmente retirou o braço e, na sua mão, havia um pequeno pote de cerâmica. Eu devia ter feito algum ruído – de tão espantada – e ela ergueu os olhos, assustada. Prendi a respiração e, após algum tempo, ela voltou a prestar atenção no pote, encostou-o no ouvido e o agitou de leve. Pude ver, pela expressão dela, que ficou satisfeita com o que ouviu. Então ela o guardou em um bolso especial que havia em seu vestido e se encaminhou para sair.

Eu desci depressa e contei à mamãe que ela estava descendo. Fiquei surpresa ao ver Tom, meu irmãozinho, parado à porta, ofegante, como se tivesse corrido muito, mas não tive tempo de perguntar onde ele tinha estado. Mamãe estava vigiando a escada, então eu fiz o mesmo. A dama

desceu, agradecendo a mamãe por ela a ter deixado visitar o quarto e dizendo que não podia ficar para o chá, que estava atrasada.

Então ela desceu e eu vi que havia um homem parado ao lado da escada. Um homem com uns óculos engraçados, do tipo que não tem hastes, só um ganchinho que prende no nariz. Ele segurava uma esponja e, quando ela chegou lá embaixo, pôs a esponja sobre o nariz da dama, que desmaiou. Imediatamente desabou nos braços dele. Eu devo ter gritado, porque minha mãe me deu um tapa na cara.

O homem me ignorou e arrastou a dama até a porta. Com a ajuda de papai, ele a colocou na carruagem, depois entregou um envelope para mamãe e foi embora.

Eu levei um puxão de orelhas depois, quando contei a mamãe o que tinha visto. Por que você não me falou, garota imbecil?, gritou minha mãe. Podia ser algo valioso. Podia servir para nós. Não adiantou dizer a mamãe que o homem com os cavalos pretos já tinha lhe dado um bom dinheiro pela dama. Para minha mãe, dinheiro nunca era demais.

Nunca mais tornei a ver aquela dama e não sei o que aconteceu com ela depois que foi levada. Muita coisa ocorria na nossa margem do rio, coisas que não vale a pena lembrar.

Não sei quanto esta carta irá ajudá-la na sua pesquisa, mas Nancy disse que não fazia mal contar. Então foi o que eu fiz. Espero que a senhora encontre o que está procurando.

Sinceramente,

Srta. Harriet Swindell

Brisbane, 1975

O vaso Fairyland Lustre sempre fora seu favorito. Nell o encontrou em uma feira décadas antes. Qualquer negociante de antiguidades que se prezasse teria reconhecido seu valor, porém o vaso Fairyland Lustre era diferente. O que importava não era seu valor material, embora fosse bem grande, mas o que ele representava: pela primeira vez Nell descobria um tesouro daqueles onde menos esperava. Como um minerador de ouro que guarda sua primeira pepita independentemente do valor, Nell não queria se separar de seu achado.

Ela o guardava enrolado em uma toalha, no fundo do armário, e de vez em quando o tirava de lá só para contemplá-lo. Sua beleza, as folhas verde-escuras pintadas nas laterais, as pinceladas douradas e as fadas art nouveau escondidas no meio da folhagem a deixavam arrepiada.

Entretanto, Nell estava decidida: chegara a um ponto em que poderia viver sem seu vaso, poderia viver sem seus bens mais preciosos. Tinha tomado uma decisão, e pronto. Embrulhou o vaso em mais uma camada de jornal e o colocou delicadamente na caixa junto com os outros. Feito isso, estava pronto para a loja na segunda-feira, já com o preço de venda estabelecido. E, se tivesse ainda alguma dúvida ou arrependimento, bastava focar no objetivo: ter dinheiro suficiente para começar uma vida nova em Tregenna.

Ela estava louca para voltar. Seu mistério se tornava cada vez mais complicado. Recebera finalmente notícias do detetive, Ned Morrish. Ele fizera uma investigação e enviara seu relatório. Nell estava na loja quando recebeu a carta; um cliente novo, Ben qualquer coisa, a trouxera. Quando Nell viu os selos estrangeiros, a letra no envelope, precisa e achatada embaixo, como se tivesse sido escrita com uma régua, sentiu um súbito calor. Teve vontade de rasgá-lo

com os dentes ali mesmo. Mas manteve a compostura, pediu licença quando pareceu o momento correto e levou a carta para a pequena cozinha que tinha nos fundos.

O relatório era breve, Nell levou dois minutos para ler. O conteúdo da carta a deixou ainda mais confusa. De acordo com as investigações do Sr. Morrish, Eliza Makepeace não tinha ido a lugar algum em 1909 nem em 1910. Ela ficou o tempo todo no chalé. Ele incluía diversos documentos para atestar esta afirmação – uma entrevista feita com alguém que dizia ter trabalhado em Blackhurst, diversas cartas trocadas com uma editora em Londres, todas enviadas e recebidas no Chalé do Penhasco –, mas Nell só foi lê-las mais tarde. Ficou surpresa demais com a notícia de que Eliza não tinha viajado, de que estivera ali o tempo todo, no chalé. William parecia muito seguro. Ela desaparecera por doze meses, mais ou menos, ele contara. Quando voltou, estava diferente, tinha perdido o brilho. Nell não conseguia combinar as lembranças de William com a descoberta do Sr. Morrish. Assim que voltasse para a Cornualha, tornaria a conversar com William, ver se ele conseguia pensar em alguma explicação.

Nell passou as costas da mão na testa. O dia estava abafado, mas Brisbane era assim mesmo em janeiro. O céu podia estar todo azul como uma cúpula do mais fino vidro, mas cairia uma tempestade mais tarde, não tinha dúvidas. Nell tinha vivido o suficiente para saber quando estavam se formando nuvens pesadas.

Na rua, Nell ouviu um carro se aproximando. Não o identificou como um dos veículos de seus vizinhos: alto demais para o Mini de Howard, agudo demais para o Ford dos Hogans. O carro fez um barulho horrível ao subir no meio-fio. Nell balançou a cabeça, satisfeita por nunca ter aprendido a dirigir, por nunca ter precisado de um carro. Eles pareciam provocar o que havia de pior nas pessoas.

Whiskers se levantou e arqueou as costas. Dos gatos, Nell ia mesmo sentir saudades. Ficaria bem feliz em levá-los com ela, mas dar comida aos gatos dos outros era uma coisa, raptá-los era outra.

– Ei, sua xereta – disse Nell, coçando o queixo da gata. – Não se preocupe com esse carro barulhento.

Whiskers miou e pulou da mesa para o chão, olhando para Nell.

– O quê? Você acha que tem alguém aqui para nos visitar? Não imagino quem seja. Não somos muito sociais, caso não tenha notado.

A gata saiu pela porta dos fundos. Nell largou a pilha de jornais.

– Tudo bem, madame – disse ela –, você venceu. Vou dar uma olhada. – Acariciou as costas da gata enquanto percorriam o estreito caminho de concreto. – Você se acha muito esperta, não é, por me obrigar a fazer sua vontade?

Nell parou no canto da casa. O carro, uma caminhonete, tinha mesmo parado em frente à sua porta. Uma mulher usando grandes óculos escuros e um short bem curto andava pela passagem de concreto. Atrás dela vinha uma criança magra e alta, com os ombros curvados.

Elas ficaram paradas por alguns instantes, as três, trocando olhares.

Finalmente Nell recuperou a fala, ainda que não tenha encontrado as palavras que gostaria de dizer:

– Achei que tivéssemos combinado que você ligaria antes.

– Também estou feliz em vê-la, mamãe – disse Lesley, revirando os olhos como costumava fazer quando tinha 15 anos (hábito que era irritante naquela época, e continuava sendo).

Nell sentiu os velhos ressentimentos vindo à tona. Fora uma mãe medíocre para Lesley, sabia disso, mas agora era tarde demais para reparar o mal. Aconteceu, e Lesley tinha sobrevivido bem. Tinha sobrevivido, ao menos.

– Estou separando caixas para leiloar – dissera Nell, engolindo o nó em sua garganta; não era a hora de mencionar a mudança para a Inglaterra. – Está tudo espalhado, não tem lugar para sentar.

– Nós damos um jeito. – Lesley fez um gesto na direção da menina. – Sua neta está com sede, está um calor horrível aqui fora.

Nell olhou para a menina. Pernas compridas, joelhos ossudos, a cabeça baixa para não chamar atenção. Não havia dúvida quanto a isso: algumas crianças chegavam ao mundo com uma carga pesada demais de problemas.

Ela pensou em Christian, o menino que tinha encontrado no jardim da Cornualha, o menino sem mãe, de olhos castanhos e ansiosos. “Ela também gosta de jardins?”, perguntara ele sobre sua neta, e ela, Nell, não soubera responder.

– Tudo bem, então – disse ela. – É melhor vocês entrarem.

Mansão Blackhurst, 1913

Cascos de cavalo batiam com força na terra fria e seca, iam em direção a Blackhurst, mas Eliza não os escutava. A esponja do Sr. Mansell tinha cumprido sua função e ela estava perdida em uma névoa de clorofórmio, o corpo caído no canto da carruagem...

A voz de Rose, baixa e fraca:

– Tem uma coisa que eu preciso, algo que só você pode fazer. Meu corpo tornou a me decepcionar, como sempre, mas o seu, prima, é forte. Preciso que você tenha um filho por mim, um filho de Nathaniel.

E Eliza, que esperara tanto tempo, que desejava tanto ser útil, que sempre fora uma metade em busca da outra metade, não precisou nem pensar.

– É claro – dissera. – É claro que eu vou ajudá-la, Rose.

Ele veio todas as noites durante uma semana. Tia Adeline, com a ajuda do Dr. Matthews, calculou as datas, e Nathaniel obedeceu. Ele atravessou o labirinto, rodeou o chalé e bateu à porta de Eliza.

Na primeira noite, Eliza esperou dentro de casa, andando de um lado para outro na cozinha, imaginando se ele viria, se ela devia ter preparado alguma coisa. Perguntava-se como as pessoas se comportavam em uma hora dessas. Tinha concordado com o pedido de Rose sem hesitação e, nas semanas que se seguiram, pensara pouco no que significava aquele compromisso. Ficara muito satisfeita pelo fato de Rose finalmente precisar dela. Foi só quando o dia se aproximou que começou a perceber que o que era hipotético se tornava real.

Entretanto, não havia nada que ela não fizesse por Rose. Disse a si mesma, muitas vezes, que suas ações iriam consolidar o elo que havia entre elas para

sempre, por mais horrível que esse ato desconhecido pudesse ser. Isso se tornou um mantra, uma espécie de encantamento. Ela e Rose estariam unidas como nunca. Rose a amaria ainda mais, nunca mais a abandonaria. Tudo aquilo era por Rose.

Quando ele bateu à porta na primeira noite, Eliza repetiu o mantra, abriu a porta e deixou Nathaniel entrar.

Ele ficou algum tempo parado no hall, parecendo maior e mais moreno do que ela lembrava, até Eliza lhe indicar o cabide. Tirou o casaco, depois sorriu para ela, com certa gratidão. Foi então que percebeu que estava tão nervoso quanto ela.

Nathaniel a seguiu até a cozinha, em busca da segurança e da solidez da mesa, e se apoiou no espaldar de uma cadeira.

Eliza ficou parada do outro lado, limpou as mãos já limpas na saia, imaginou o que dizer, como proceder. O melhor, sem dúvida, era fazer o que era necessário e acabar logo com aquilo. Não tinha sentido prolongar o mal-estar. Ela se preparava para dizer isso, mas Nathaniel quebrou o silêncio:

– Achei que você ia gostar de ver. Estou trabalhando nele há um mês.

Ela percebeu que ele segurava uma pasta de couro.

Nathaniel a colocou sobre a mesa e tirou uma pilha de papéis lá de dentro. Desenhos, compreendeu Eliza.

– Eu comecei com “A perseguição da fada”.

Ele estendeu uma folha para a escritora e, quando ela pegou o papel, notou que as mãos dele estavam tremendo.

Eliza contemplou a ilustração: traços pretos e sombreados. Uma mulher magra e pálida reclinada em uma cama baixa, dentro de uma torre fria e escura. O rosto da mulher tinha sido desenhado com linhas longas e finas. Ela era linda, mágica, etérea, exatamente como o conto de fadas de Eliza a descrevia. Entretanto, havia algo no desenho do rosto da fada que chamou a atenção de Eliza. A mulher se parecia com a mãe dela. Não literalmente, não por causa da curva dos lábios, da cor dos olhos ou dos ossos da face. De uma forma impossível de descrever, de um jeito mágico, Nathaniel tinha capturado Georgiana ao desenhar os membros flácidos da fada, seu cansaço, a resignação de suas feições. E o mais estranho é que, pela primeira vez, Eliza percebeu que, na história da fada perseguida, descrevera a própria mãe.

Ela o encarou, analisou aqueles olhos escuros que tinham conseguido enxergar dentro da sua alma. Quando seus olhos se encontraram, o calor da lareira pareceu aumentar.



Tudo parecia exagerado por causa das circunstâncias. As vozes deles soavam muito altas, seus movimentos eram súbitos demais, o ar parecia extremamente frio. O ato não foi tão horrível quanto ela temia, nem foi uma coisa comum. E aconteceu algo inesperado que ela não pôde deixar de saborear: uma intimidade, uma proximidade que havia muito ela não experimentava. Ela se sentiu como parte de um casal.

Só que eles não eram um casal, é claro, e era uma traição para com Rose simplesmente imaginar isso, mesmo que apenas por um instante, e, no entanto... As pontas dos dedos dele nas suas costas, nas suas coxas. O calor do encontro dos seus corpos nus. A respiração dele no seu pescoço...

Ela abriu os olhos em um determinado momento e observou o rosto dele, as expressões e as histórias moldando suas feições. E, quando ele abriu os olhos e seus olhares se encontraram, ela se sentiu, de repente, inesperadamente, viva, sólida, real.

E então terminou, e eles se afastaram um do outro, cortando aquele elo criado pela relação física. Eles se vestiram, e ela o acompanhou até o andar de baixo. Ficou ao lado dele na porta, conversando sobre a recente maré alta, sobre a possibilidade de mau tempo nas semanas seguintes. Uma conversa educada, como se Nathaniel tivesse passado lá apenas para pegar um livro emprestado.

Finalmente ele estendeu a mão para abrir a porta e o silêncio caiu entre os dois. O que tinham feito pesava. Ele abriu a porta, tornou a fechá-la. Virou-se para olhar Eliza.

– Obrigado – disse ele.

Ela balançou a cabeça.

– Rose quer... Ela precisa...

Eliza tornou a balançar a cabeça, e ele sorriu de leve. Abriu a porta e desapareceu na noite.



No decorrer da semana, o que era estranho se tornou comum, e eles entraram em uma rotina. Nathaniel chegava com seus desenhos mais recentes e, juntos, eles discutiam as histórias, as ilustrações. Ele levava seus lápis, fazia alterações enquanto conversavam. Frequentemente, quando os desenhos ficavam prontos, a conversa se desviava para outros assuntos.

Também conversavam deitados na cama estreita de Eliza. Nathaniel contava histórias de sua família, que Eliza achava estar morta, falava sobre as dificuldades que tinha enfrentado na juventude, do pai no cais e da mãe, cujas mãos ficavam feridas de tanto lavar roupa. Eliza também se viu contando a ele coisas que nunca revelara, segredos de antigamente: sobre a mãe, sobre o pai que não tinha conhecido, seus sonhos de cruzar o mar atrás dele. Tal era a intimidade, estranha e inesperada, que tinha se formado entre eles, que ela chegou a falar até sobre Sammy.

Assim se passou a semana e, na última noite, Nathaniel chegou mais cedo. Ele parecia relutante em fazer o que deviam fazer. Sentaram-se um de frente para o outro à mesa, como na primeira noite, mas nada disseram. Então, de repente, inesperadamente, Nathaniel estendeu a mão e ergueu uma mecha do cabelo dela, do seu longo cabelo ruivo que a luz da vela tornara dourado. A expressão dele, ao contemplar a mecha entre seus dedos, estava pensativa. Seu cabelo escuro lançava uma sombra em seu rosto; seus olhos negros refletiam pensamentos não ditos. Eliza sentiu um aperto no peito.

– Não quero que isto acabe – confessou finalmente, baixinho. – É tolice, eu sei, mas é o que sinto.

Ele parou quando Eliza ergueu o dedo e pressionou os lábios dele. Silenciando-o.

Seu próprio coração batia forte sob o vestido, e ela rezou para que ele não percebesse. Nathaniel não podia terminar aquela fala – por mais que uma parte dela desejasse ouvi-la –, porque as palavras são poderosas, e Eliza sabia disso

melhor do que ninguém. Eles já tinham permitido a si mesmos sentir demais e, naquele acordo, não havia espaço para sentimentos.

Ela balançou de leve a cabeça e finalmente ele assentiu. Recusou-se a olhar para ela por algum tempo e não falou mais nada. E, quando ele começou a desenhar em silêncio, Eliza controlou o impulso de lhe dizer que tinha mudado de ideia.

Quando ele partiu naquela noite e Eliza voltou para dentro, as paredes do chalé pareceram estranhamente silenciosas e sem vida. Ela encontrou um pedaço de cartolina sobre a mesa, virou-o e viu o próprio rosto. Um desenho. E, pela primeira vez, não se importou por ter sua imagem capturada em papel.



Eliza soube que eles tinham sido bem-sucedidos antes mesmo de se passar um mês. Uma sensação inexplicável de ter companhia, mesmo sabendo que estava sozinha. Quando sua menstruação não veio, teve certeza. Mary, que tinha perdido o bebê, fora reinstalada em Blackhurst provisoriamente e instruída a fazer um elo entre a casa e o chalé. Quando Eliza lhe contou que acreditava que uma nova vida crescia em sua barriga, Mary balançou a cabeça, suspirou e levou o recado para tia Adeline.

Um muro foi construído ao redor do chalé, para que ninguém visse quando a barriga de Eliza começasse a crescer. Espalharam a notícia de que ela tinha viajado e o mundo se fechou sobre o chalé. As mentiras mais simples são as mais poderosas, e esta foi perfeitamente encenada. O desejo que Eliza tinha de viajar era conhecido por todos. Não foi difícil acreditarem que ela havia partido sem avisar e que voltaria quando tivesse vontade. Mary ia lá todas as noites levar mantimentos e o Dr. Matthews, médico de tia Adeline, a visitava a cada duas semanas, oculto pela escuridão da noite, para acompanhar a gravidez.

Durante os meses de gestação, Eliza não viu quase ninguém além dos dois, mas nunca se sentiu sozinha. Ela cantava para seu ventre, contava histórias, tinha sonhos estranhos e vibrantes. O chalé pareceu encolher em volta dela, envolvendo-a como um casaco velho e quente.

E o jardim, um lugar onde seu coração sempre se alegrara, estava mais lindo do que nunca. As flores tinham um perfume mais doce, pareciam mais alegres, cresciam mais depressa. Um dia, quando estava sentada sob a macieira e o ar quente e ensolarado vibrava ao seu redor, ela adormeceu. Enquanto dormia, uma história chegou até ela, como se um estranho tivesse se ajoelhado ao seu lado e cochichado em seu ouvido. Uma história sobre uma jovem que venceu seus temores e viajou para muito longe, para descobrir a verdade para um velho e querido parente.

Eliza acordou de repente, com a certeza de que aquele sonho era importante, que devia ser transformado em um conto de fadas. Ao contrário da maioria das inspirações que vinham de sonhos, a história não precisou de muita elaboração. A criança, o bebê que crescia dentro dela, também era importante para a história. Eliza não podia explicar como sabia disso, mas tinha certeza de que o bebê estava ligado de alguma forma àquela história, de que a ajudara a recebê-la de forma tão nítida, tão completa.

Eliza escreveu o conto naquela tarde e o intitulou “Os olhos da velha”. Nas semanas seguintes, viu-se pensando frequentemente na pobre e infeliz mulher cuja verdade fora roubada. Embora não visse Nathaniel desde a noite do último encontro, Eliza sabia que ele ainda estava trabalhando nas ilustrações para o livro dela e queria ver os desenhos que a nova história iria inspirar. Em uma noite escura, quando Mary trouxe seus mantimentos, Eliza perguntou por ele, mantendo a voz calma mesmo quando pediu à criada que perguntasse a ele se poderia visitá-la em breve. Mary apenas balançou a cabeça em negativa.

– A Sra. Walker não vai permitir – disse ela, baixando a voz, embora elas estivessem sozinhas no chalé. – Eu a ouvi se lamentando para a patroa sobre isso, e a patroa dizendo que não era certo ele atravessar o labirinto para ver você. Não depois do que tinha acontecido. – Mary olhou para a barriga protuberante de Eliza. – Ela falou que as coisas podiam ficar confusas.

– Mas isso é ridículo – disse Eliza. – O que nós fizemos foi por Rose. Tanto Nathaniel quanto eu a amamos, fizemos o que ela pediu para que ela tivesse o que mais deseja no mundo.

Mary, que deixara muito claro o que pensava da situação, do que Eliza pretendia fazer depois que a criança nascesse, permaneceu em silêncio.

Eliza suspirou, frustrada.

– Eu só quero falar com ele sobre as ilustrações para os contos de fadas.
– Essa é outra coisa de que a Sra. Walker não está gostando – disse Mary. – Ela não gosta de saber que ele faz desenhos para suas histórias.
– Por que ela se importaria com isso?
– Ela tem ciúmes, morre de ciúmes. Não tolera a ideia de que ele desperdice tempo e energia pensando nas suas histórias.

Eliza parou de esperar por Nathaniel depois disso; mandou sua versão manuscrita de “Os olhos da velha” por Mary, que concordou – contra a vontade – em entregá-la para ele. Um presente chegou pelo correio alguns dias depois, uma estátua para seu jardim, um menino com rosto de anjo. Eliza soube, mesmo sem ler a carta que a acompanhava, que Nathaniel mandara a estátua pensando em Sammy. Na carta, ele também se desculpava por não a visitar, perguntava sobre sua saúde e dizia quanto gostara da história, como a magia dela tomara conta de seus pensamentos, que estava cheio de ideias para as ilustrações e que não conseguia pensar em outra coisa.

A própria Rose a visitava uma vez por mês, mas Eliza passou a recebê-la com cautela. As coisas sempre começavam bem, Rose sorria ao ver Eliza, perguntava sobre a saúde dela e aproveitava a oportunidade para sentir o bebê se mexendo dentro da barriga da prima. Em algum momento da visita, sem explicação ou motivo, Rose se retraía, torcia as mãos e se recusava a tocar a barriga de Eliza, se recusava até mesmo a olhar para ela. Ficava esticando o próprio vestido, acolchoado para fingir que estava grávida.

Depois do sexto mês, Rose interrompeu as visitas. Eliza esperou em vão no dia marcado, confusa, imaginando se ela teria se enganado de data. Mas estava escrito ali no seu diário.

Seu primeiro temor foi que Rose estivesse doente, porque, sabia, nada a impediria de visitá-la. Quando Mary chegou com sua cesta de mantimentos, Eliza pediu notícias da prima.

Mary largou a cesta e colocou a chaleira no fogo. Demorou a responder.

– Mary? – chamou Eliza, arqueando as costas para fazer o bebê mudar de posição porque ele estava pressionando um dos lados de sua barriga. – Você não precisa me poupar. Se Rose estiver doente...

– Não é nada disso, Srta. Eliza. – Mary virou-se para ela. – A Sra. Walker fica muito agoniada com essas visitas.

– Agoniada?

A criada evitou olhar para Eliza.

– *Ela se sente fracassada, mais ainda do que antes. Ela sem conseguir engravidar e a senhorita parecendo madura como um pêssego. Depois das visitas, a Sra. Walker volta para casa e fica mal durante vários dias. Recusa-se a ver o Sr. Walker, discute com a patroa, não come.*

– *Tomara que o bebê nasça logo, então. Quando eu o entregar, quando Rose for mãe, ela irá esquecer esses sentimentos.*

E a discussão recomeçava: Mary balançava a cabeça e Eliza defendia a decisão que tinha tomado.

– *Isso não está certo, Srta. Eliza. Uma mãe não pode dar o filho.*

– *Não é meu filho, Mary. É de Rose.*

– *Talvez a senhorita mude de ideia quando chegar a hora.*

– *Não vou mudar.*

– *A senhorita não sabe...*

– *Eu não vou mudar de ideia, porque não posso. Dei minha palavra. Se eu mudasse de ideia, Rose não suportaria.*

Mary ergueu as sobrancelhas.

Eliza pôs ainda mais determinação em seu tom de voz:

– *Vou entregar a criança e Rose será feliz de novo. Vamos ser felizes juntas, como acontecia muito tempo atrás. Você não entende, Mary? Esta criança vai me devolver a minha Rose.*

Mary estampou um sorriso triste.

– *Talvez a senhorita tenha razão – disse, embora não parecesse acreditar naquilo.*



Então, após meses em que o tempo pareceu se arrastar, aquilo terminou. Duas semanas antes do esperado. Dor, uma dor atroz, o corpo como uma máquina cumprindo a função para a qual fora criado. Mary, que havia reconhecido os sinais do parto, estava lá para ajudar. Como a mãe dela tinha sido parteira a vida toda, sabia o que fazer.

O parto correu bem e a criança era a mais linda que Eliza já vira, uma menininha com as orelhas pequeninas coladas na cabeça e dedinhos finos que estremeciam de vez em quando ao sentir o ar passar entre eles.

Embora Mary tivesse sido instruída a informar imediatamente a Blackhurst qualquer sinal de que o bebê estava para chegar, não falou nada por alguns dias. Só argumentou com Eliza, pedindo que reconsiderasse seu papel naquele acordo terrível. Não era correto, Mary lhe dissera várias vezes, pedir a uma mulher para dar o próprio filho.

Durante três dias e três noites, Eliza e o bebê ficaram sozinhos. Como era estranho conhecer aquela pessoinha que tinha crescido dentro de seu corpo, acariciar as mãozinhas e os pezinhos que antes empurravam, por dentro, sua barriga. Ver os pequenos lábios contraídos, parecendo querer falar. Uma expressão de infinita sabedoria, como se, naqueles primeiros dias, a pessoa retivesse o conhecimento de toda uma vida recém-vivida.

Então, no meio da terceira noite, Mary chegou ao chalé, parou à porta e deu a terrível notícia. O Dr. Matthews iria fazer uma visita na noite seguinte. Mary baixou a voz e agarrou as mãos de Eliza: se quisesse ficar com o bebê, teria que partir imediatamente. Deveria pegar a criança e fugir.

Embora a ideia da fuga fosse cara ao coração de Eliza, ela logo a descartou. Ignorou a dor aguda em seu peito e disse a Mary que sabia o que estava fazendo. Fitou a criança uma última vez, contemplou por um longo tempo aquele rostinho perfeito, tentou processar a informação de que tinha criado aquele ser maravilhoso. Depois, a dor tomou sua cabeça, seu coração, sua alma, se tornou insuportável. E ela, como se estivesse contemplando a cena de longe, fez o que tinha prometido: entregou a menina para ser levada embora. Fechou a porta quando Mary saiu e voltou sozinha para o chalé silencioso e sem vida. E, quando a madrugada chegou ao jardim gelado, Eliza compreendeu que nunca tinha sentido tanta solidão.



Embora desprezasse Mansell, o empregado de Linus, ainda que o tivesse amaldiçoado quando ele levou Eliza para a vida deles, Adeline não podia negar

que o homem conseguia encontrar pessoas. Quatro dias tinham se passado desde que ele fora enviado para Londres, e esta tarde, enquanto fingia bordar na saleta, Adeline foi chamada ao telefone.

Mansell, do outro lado da linha, foi, felizmente, discreto. Nunca se sabia quem poderia estar escutando na extensão.

– Estou telefonando, lady Mountrachet, para avisar que algumas das mercadorias que a senhora encomendou já foram providenciadas.

Adeline levou um susto. Tão depressa? Ansiedade, esperança, nervosismo.

– Posso saber se é o artigo maior ou o menor que está com o senhor?

– O maior.

Adeline fechou os olhos. Sentiu alívio, alegria, mas disfarçou ao falar:

– E quando o senhor fará a entrega?

– Partiremos imediatamente de Londres. Chegarei a Blackhurst amanhã à tarde.

Então Adeline esperou. E ainda estava esperando. Andando de um lado para outro sobre o tapete turco, alisando a saia, ralhando com os empregados, enquanto planejava como se livrar de Eliza.



Eliza tinha concordado em nunca mais se aproximar da casa e cumprir a promessa. Mas ela observava. E percebeu que, mesmo depois de já ter economizado dinheiro suficiente para comprar uma passagem de navio, para viajar para terras distantes, algo a impedia. Era como se, com o nascimento do bebê, a âncora que Eliza vinha buscando por toda a vida estivesse enterrada no solo de Blackhurst.

Sentia uma forte atração pela criança, e ela ficou. Cumpriu a promessa feita a Rose, evitando se aproximar da casa. Encontrou outros lugares onde podia se esconder e observar o que lá acontecia, como fazia quando menina, deitada na prateleira do quatinho da Sra. Swindell. Observando o mundo se mover e permanecendo imóvel, como uma espectadora.

Com a perda da filha, Eliza descobriu que voltara à sua velha rotina, ao seu velho eu. Abdicara de sua herança e, neste processo, deixara escapar seu

objetivo de vida. Raramente escrevia. Escreveu apenas uma história de fadas que achou que merecia ser incluída na coletânea. Uma história sobre uma jovem mulher que morava sozinha em uma floresta escura. A personagem tomou a decisão errada pelo motivo certo e isso a destruiu.

Os meses se tornaram anos e, então, em uma manhã de verão, em 1913, o livro de contos de fadas chegou da editora. Eliza o levou imediatamente para dentro, rasgou o embrulho e viu a bela edição com capa de couro. Sentou-se na cadeira de balanço, abriu o livro e o aproximou do rosto. Cheirava a tinta fresca e a cola, igualzinho a um livro de verdade. E lá dentro estavam suas histórias, suas criações. Virou as páginas, história a história, até chegar a “Os olhos da velha”. Leu o conto e, à medida que progredia, recordou o sonho estranho e nítido que tivera no jardim, a sensação de que aquela criança dentro dela era importante para a história.

Eliza soube, então, que a criança, sua filha, tinha que ter um exemplar do livro com aquela história; ela tinha que saber que as duas estavam ligadas de certa forma. Então embrulhou o livro em papel pardo, esperou uma oportunidade e fez o que prometera não fazer: atravessou o portão na extremidade do labirinto e se aproximou da casa.



Partículas de poeira, centenas delas, dançavam no pedacinho de sol que surgira entre dois tonéis. A menina sorriu e se esqueceu da Autora, do penhasco, do labirinto, da mãe. Estendeu um dedo, tentou pegar um daqueles grãos. Riu do modo como as partículas se aproximavam antes de sair voando.

Os ruídos fora do seu esconderijo estavam mudando. A menina ouviu o rebuliço da movimentação, vozes empolgadas. Pressionou o rosto contra a madeira fria dos tonéis. Com um dos olhos, contemplou o convés.

Pernas, sapatos e bainhas de anáguas. Pontas de fitas de papel colorido esvoaçavam. Gaivotas caçavam migalhas.

Um balanço brusco fez o enorme navio gemer; foi um ruído longo e grave, parecia vir de suas entranhas. A vibração passou pelas tábuas do convés até a ponta dos dedos da menina. Houve um momento de suspense e ela se viu

prendendo a respiração, com as palmas das mãos apoiadas no chão, depois o navio se afastou do cais. A buzina berrou e ouviram-se vivas e gritos de “Boa viagem”. Eles estavam a caminho.



Chegaram a Londres durante a noite. As ruas estavam escuras quando elas se dirigiram da estação de trem para o rio. A menina estava cansada – Eliza teve que acordá-la quando alcançaram seu destino –, mas não tinha reclamado. Segurou a mão de Eliza e caminhou bem atrás dela.

Naquela noite, elas dividiram um prato de sopa e um pedaço de pão no quarto. Ambas estavam cansadas da viagem e pouco falaram, apenas ficaram olhando uma para a outra, com certa curiosidade, enquanto comiam. A menina perguntou uma única vez pelo pai e pela mãe, e Eliza respondeu apenas que ela se reencontraria com eles no final da viagem. Era uma inverdade, mas necessária: precisava de tempo para decidir como lhe daria a notícia da morte de Rose e Nathaniel.

Após a ceia, Ivory adormeceu rapidamente na única cama do quarto, e Eliza sentou-se junto à janela. Observava alternadamente a rua escura, com seus transeuntes apressados, e a criança adormecida, se mexendo de leve sob os lençóis. Com o passar do tempo, Eliza se aproximou da criança, analisou seu rostinho, até finalmente se ajoelhar ao lado da cama, tão próxima que podia sentir a respiração da menina mover seu cabelo; dali conseguia contar as pequenas sardas na face adormecida. E que rosto perfeito era aquele, com sua pele de marfim e seus lábios de botões de rosa. Era o mesmo rosto, Eliza percebeu, a mesma expressão sábia, que contemplara nos primeiros dias de vida da menina. O mesmo rosto que via tantas vezes em seus sonhos.

Sentiu um impulso, um amor tão feroz, que cada célula de seu corpo teve certeza. Era como se seu próprio corpo reconhecesse a criança que tinha gerado, assim como reconhecia sua própria mão, seu próprio rosto em um espelho, sua própria voz no escuro. Com todo o cuidado, Eliza se deitou e abraçou a menina adormecida, como tinha feito em outro tempo, em outro quarto, com seu irmão Sammy.

Finalmente Eliza estava em casa.



No dia marcado para a partida do navio, Eliza e a menina saíram cedo para fazer compras. Eliza adquiriu algumas roupas, uma escova de cabelo e uma mala. No fundo da mala, enfiou um envelope com dinheiro e um papel com o endereço de Mary em Polperro – era melhor prevenir do que remediar. A mala era do tamanho certo para uma criança carregar, e Ivory ficou toda contente. Ela segurou a mala com força enquanto Eliza a conduzia pelo cais apinhado de gente. Havia barulho e movimento em toda parte: locomotivas apitando, vapor subindo, guindastes colocando carrinhos de bebê, bicicletas e vitrolas dentro do navio. Ivory riu quando elas passaram por um bando de cabritos e ovelhas sendo levados para dentro da embarcação. Estava usando o vestido mais bonito dos dois que Eliza tinha comprado, e parecia mesmo uma menina rica que viera se despedir da tia que partia para uma longa viagem. Quando chegaram à prancha de embarque, Eliza entregou seu tíquete ao oficial.

– Seja bem-vinda a bordo, madame – disse ele, com um cumprimento de cabeça.

Eliza retribuiu o gesto.

– É um prazer viajar neste esplêndido navio. Minha sobrinha está animadíssima pela tia. Veja, ela até trouxe uma mala.

– Você gosta de navios, não é, senhorita?

O oficial olhou para a menina.

Ivory assentiu e não disse nada, como Eliza a havia instruído.

– Senhor – disse Eliza –, meu irmão e minha cunhada estão esperando no cais. – Ela fez um sinal na direção da multidão. – O senhor não se importaria se eu subisse a bordo com minha sobrinha para lhe mostrar minha cabine, não é?

O oficial olhou para a fila de passageiros que se estendia pelo cais.

– Não vamos demorar – insistiu Eliza. – Isso significa tanto para a criança...

– Tudo bem – respondeu ele. – Mas não se esqueça de trazê-la de volta. – Ele piscou para Ivory. – Acho que os pais dela iriam ficar com muitas saudades se ela fosse embora sem eles.

Eliza segurou a mão de Ivory e subiu pela prancha.

Havia gente por toda parte, vozes entusiasmadas, barulho de água, buzinas. A orquestra do navio tocava uma música alegre no convés, enquanto camareiras corriam em todas as direções, mensageiros entregavam telegramas e criados carregavam chocolates e presentes para os passageiros.

Mas Eliza não acompanhou o comissário de bordo; atravessou o convés com Ivory, só parando quando chegaram perto de um conjunto de tonéis de madeira. Eliza pôs a menina atrás deles e se agachou, com a saia se estendendo no assoalho. A menina estava distraída, nunca tinha visto tanto movimento, e virava a cabeça de um lado para outro.

– Você precisa esperar aqui – disse Eliza. – Não é seguro sair daqui. Eu volto logo. – Ela hesitou, olhou para cima. Havia gaivotas voando, com seus olhos vigilantes. – Espere por mim, está ouvindo?

A menina assentiu.

– Você sabe se esconder?

– É claro.

– É uma brincadeira que estamos fazendo.

Quando Eliza disse isso, pensou em Sammy e ficou gelada.

– Eu gosto de brincadeiras.

Eliza afastou a imagem do irmão. A menina não era Sammy. Elas não estavam brincando de Jack, o Estripador. Tudo ia dar certo.

– Eu volto para buscar você.

– Aonde você vai?

– Preciso ver uma pessoa. Tenho que pegar uma coisa antes de partir.

– O que é?

– Meu passado. Meu futuro. – Deu um breve sorriso. – Minha família.



Enquanto a carruagem corria na direção de Blackhurst, a mente de Eliza começou a clarear. Foi percebendo, lentamente, o que ocorria à sua volta: o balanço da carruagem, o barulho dos cascos dos cavalos na lama, um cheiro abafado.

Eliza abriu os olhos, piscou. As sombras escuras se dissiparam e ela enxergou pontos de luz.

Havia alguém com ela, um homem sentado à sua frente. A cabeça dele estava encostada no assento de couro e ele ressonava de leve. Tinha um vasto bigode e óculos sem hastes pousados no nariz.

Eliza prendeu a respiração. Tinha 12 anos e estava sendo levada para um futuro incerto. Presa em uma carruagem com o homem mau de quem sua mãe falava, Mansell.

Entretanto... havia algo errado. Estava esquecendo alguma coisa, uma nuvem cobria sua mente. Era algo importante, algo que tinha que fazer.

Ficou sem ar. Onde estava Sammy? Ele devia estar com ela, ela tinha que protegê-lo...

Cascos de cavalos batendo no chão. O som a deixou assustada, nauseada, embora não soubesse por quê. A nuvem escura começou a redemoinhar. Estava se aproximando.

Eliza olhou para o colo, as mãos cruzadas em cima da saia. Fitou as mãos, mas aquelas não eram as suas.

De repente, uma luz: ela não tinha 12 anos, era uma mulher adulta...

O que tinha acontecido? Onde ela se encontrava? Por que estava com Mansell?

Um chalé no penhasco, um jardim, o mar...

Começou a respirar com mais força, a sentir o ar arranhar sua garganta.

Uma mulher, um homem, um bebê...

Sentiu uma onda de pânico crescer dentro dela.

Mais luz. A nuvem estava se dissolvendo...

Palavras, fragmentos de significados: Maryborough... um navio... uma criança, não Sammy, uma menina...

Eliza sentiu a garganta seca, um buraco no peito, um terror crescente.

A menina era dela.

Uma claridade ofuscante: sua filha estava sozinha em um navio que partia.

Entrou em pânico. Seu coração disparou. Precisava sair dali, tinha que voltar.

Eliza olhou para a porta.

A carruagem estava indo depressa, mas ela não se importou. O navio ia partir e a menina estava lá dentro. A criança, sua filha, sozinha.

Com o peito ardendo, a cabeça latejando, Eliza estendeu a mão.

Mansell se mexeu. Abriu os olhos, mirou o braço de Eliza, a maçaneta sob os dedos dela.

Um sorriso cruel começou a se formar nos lábios dele.

Ela agarrou a maçaneta: ele tentou impedi-la, mas ela foi mais rápida. A necessidade dela era maior.



Ela estava caindo. A porta da gaiola tinha sido aberta e ela caiu, foi caindo na direção da terra fria e escura. O tempo se misturou: todos os momentos se transformaram em um só, o passado virou presente, e o presente virou futuro. Eliza não fechou os olhos, viu a terra se aproximando, sentiu o cheiro de lama, de relva, de esperança...

... e saiu voando, com as asas abertas, cada vez mais alto, levada pelo vento, o rosto frio, a mente clara. E soube para onde estava indo. Voava para junto da filha, para junto de Ivory. A pessoa que passara a vida procurando, sua outra metade. Ela estava finalmente inteira, e indo para casa.

Chalé do Penhasco, 2005

Finalmente ela estava de novo no jardim. Em meio ao mau tempo, à chegada de Ruby e à visita à casa de Clara, já fazia vários dias que Cassandra não se enfiava por baixo do muro. Sentia uma inquietação que só agora tinha desaparecido. Era estranho, pensou, enfiando a luva na mão direita: nunca se achara uma boa jardineira, mas este lugar tinha algo de diferente. Sentia necessidade de voltar a ele, de enfiar as mãos na terra e fazer o jardim ressuscitar. Cassandra parou quando estava ajeitando os dedos da luva da outra mão, tornou a reparar na faixa de pele branca ao redor do dedo, o segundo da esquerda para a direita.

Ela passou o polegar sobre a faixa de pele. Ela era bem macia, mais elástica do que a dos outros dedos, como se tivesse sido mergulhada em água quente. Aquela faixa branca era a parte mais jovem dela, quinze anos mais jovem do que o resto do corpo. Oculta desde o momento em que Nick enfiara a aliança em seu dedo, era a única parte dela que não tinha envelhecido, mudado, prosseguido. Não até este momento.

– E aí, está muito frio?

Christian, que tinha acabado de passar por baixo do muro, enfiou as mãos nos bolsos da calça.

Cassandra calçou a luva e sorriu para ele.

– Não pensei que fizesse frio na Cornualha. Todos os folhetos que li falavam de clima temperado.

– Temperado se você comparar com Yorkshire. – Ele deu um sorrisinho. – É só um gostinho do inverno. Pelo menos você não vai ter que aguentar essa estação.

Fez-se um silêncio entre eles. Christian virou-se para examinar o buraco que começara a cavar na semana anterior e Cassandra fingiu estar muito ocupada com o garfo de jardim. Eles evitavam discutir sobre a volta dela para a Austrália. Nos últimos dias, sempre que a conversa ameaçava enveredar por aquele caminho, um deles mudava rapidamente de assunto.

– Andei pensando mais um pouco sobre a carta da Harriet Swindell – disse Christian.

– É mesmo?

Cassandra afastou pensamentos inquietantes sobre passado e futuro.

– O que quer que houvesse no pote de cerâmica, aquele que Eliza tirou de dentro da chaminé, devia ser importante. Nell já estava no navio, o que significa que Eliza se arriscou muito para ir buscá-lo.

Eles tinham conversado sobre isso na véspera. Em uma mesa reservada do pub, com o fogo crepitando ao lado, discutiram exaustivamente o assunto, buscando uma conclusão que ambos sentiam que estava bem diante deles.

– Acho que ela não imaginou que o homem estaria lá para raptá-la, quem quer que ele fosse. – Cassandra enfiou o garfo no canteiro. – Eu queria que Harriet tivesse informado o nome dele.

– O homem deve ter sido mandado pela família de Rose.

– Será?

– Quem mais estaria tão ansioso para tê-las de volta?

– Para ter Eliza de volta.

– Como é?

Cassandra olhou por cima do ombro para ele.

– Eles não conseguiram pegar Nell. Só Eliza.

Christian parou de cavar.

– Sim, isso é estranho. Acho que ela não contou onde Nell estava.

Essa era a parte que não fazia sentido para Cassandra. Passara metade da noite acordada, tentando raciocinar, sempre chegando à mesma conclusão. Eliza podia não querer que Nell fosse criada em Blackhurst, mas, ao saber que o navio tinha partido sem ela, teria ficado desesperada. Ela era a mãe de Nell, amava Nell o bastante para levá-la. Teria, desesperada por resgatar a filha, anunciado aos quatro cantos que Nell estava sozinha naquele navio. Não ficaria calada,

permitindo que sua filha querida viajasse sozinha para a Austrália. O garfo de Cassandra bateu em uma raiz.

– Acho que ela não conseguiu avisar.

– Como assim?

– Se ela pudesse, teria avisado, você não acha?

Christian assentiu vagorosamente, ergueu as sobrancelhas ao pensar nas implicações disso. Enfiou a pá no buraco.

A raiz era grossa. Cassandra afastou o mato para ter uma visão melhor da raiz. Sorriu para si mesma. Embora a planta estivesse maltratada, quase sem folhas, ela a reconheceu: vira espécimes semelhantes no jardim de Nell, em Brisbane. Era uma roseira bem velha, devia estar ali havia décadas. O caule era da grossura do seu braço, cheio de espinhos pontiagudos. Mas ainda estava viva e, com alguns cuidados, tornaria a florescer.

– Meu Deus!

Cassandra ergueu os olhos da roseira. Christian estava agachado, debruçado sobre o buraco.

– O que foi?

– Encontrei uma coisa. – O tom de voz dele era difícil de interpretar.

Cassandra sentiu um arrepio.

– Uma coisa assustadora ou uma coisa empolgante?

– Empolgante, eu acho.

Cassandra foi se ajoelhar ao lado dele e espiou dentro do buraco. Seguiu a direção que ele apontava.

Bem no fundo, uma coisa estava saindo da lama. Uma coisa pequena, marrom e lisa.

Christian enfiou a mão no buraco e tirou lá de dentro um pote de cerâmica, do tipo que se usava para guardar mostarda e outras conservas. Limpou a lama e entregou-o a Cassandra.

– Acho que seu jardim acabou de revelar o segredo dele.

O barro era frio, e o pote, surpreendentemente pesado. O coração de Cassandra bateu com força.

– Ela deve tê-lo enterrado aqui – disse Christian. – Depois que o homem a raptou em Londres, ele deve tê-la trazido de volta para Blackhurst.

Mas por que Eliza teria enterrado o pote de cerâmica depois de enfrentar um risco tão grande para recuperá-lo? Por que havia se arriscado a perdê-lo de novo? E, se teve tempo para enterrar o pote, por que não fizera contato com o navio? Por que não resgatara a pequena Ivory?

Subitamente ela compreendeu. Algo que sempre estivera diante dela se tornou claro. A respiração de Cassandra estava alterada.

– O que foi?

– Não acho que ela tenha enterrado o pote – murmurou Cassandra.

– Como assim? Quem o enterrou?

– Ninguém, quero dizer, acho que o pote foi enterrado junto com ela.

E por noventa anos ela ficou ali, esperando que alguém a encontrasse. Esperando que Cassandra a encontrasse e descobrisse seu segredo.

Christian olhou para dentro do buraco, com os olhos arregalados. Ele balançou a cabeça lentamente.

– Isso explicaria por que ela não voltou para buscar Ivory, Nell.

– Ela não podia, estava aí embaixo o tempo todo.

– Mas quem a enterrou? O homem que a raptou? Sua tia? Seu tio?

Cassandra balançou a cabeça.

– Não sei. Mas uma coisa é certa: quem quer que o tenha feito não desejava que ninguém soubesse. Não há lápide, nada que marque o lugar. Queriam que Eliza desaparecesse, que a verdade sobre ela ficasse enterrada para sempre. Secreta, como seu jardim.

Mansão Blackhurst, 1913

Adeline virou-se, respirando com força e encolhendo a barriga.

– Como assim, as coisas não correram conforme o planejado?

A noite tinha caído, havia sombras nos cantos da sala e as velas lançavam uma luz difusa.

O Sr. Mansell endireitou o pincenê.

– Houve uma queda. Ela se atirou da carruagem. Os cavalos ficaram descontrolados.

– Um médico – disse Linus. – Temos que chamar um médico.

– Um médico não irá adiantar – retrucou Mansell com a voz firme. – Ela já está morta.

Adeline levou um susto.

– O quê?

– Morta – repetiu ele. – A mulher, sua sobrinha, está morta.

Adeline fechou os olhos e seus joelhos ficaram bambos. O mundo começou a girar; ela se sentiu leve, sem dor, livre. Como um peso daqueles tinha sido tirado tão rapidamente de seus ombros? Uma queda fora suficiente para livrá-la daquela ameaça constante, a herança deixada por Georgiana.

Adeline não se importou. Suas preces haviam sido atendidas, o mundo voltara aos eixos. A moça estava morta. Só isso importava. Pela primeira vez desde a morte de Rose conseguiu respirar. Sentiu uma onda de satisfação percorrer seu corpo.

– Onde? – perguntou. – Onde ela está?

– Na carruagem.

– Você a trouxe para cá?

– A menina... – A voz de Linus veio da poltrona onde ele estava sentado. A respiração dele era rápida e superficial. – Onde está a menina de cabelos ruivos?

– A mulher disse algumas palavras antes de cair. Estava zonzinha ainda, mas falou sobre um navio. Estava agitada, preocupada em voltar a tempo da partida dele.

– Vá – disse Adeline. – Espere junto da carruagem. Vou tomar providências, depois mando chamá-lo.

– E a criança? – perguntou Linus, gemendo.

Adeline ignorou-o, preocupada em encontrar soluções. Naturalmente nenhum dos criados podia ficar sabendo. Para eles, Eliza tinha partido de Blackhurst assim que soube que Rose e Nathaniel iam se mudar para Nova York. Era uma bênção a moça ter comentado tantas vezes que desejava viajar.

– E a criança? – repetiu Linus. Seus dedos tremiam sobre o colarinho da camisa. – Mansell precisa encontrá-la, encontrar o navio. Temos que recuperá-la, a menina precisa ser encontrada.

Adeline engoliu em seco, enojada, olhando para ele.

– Por quê? – questionou ela, sentindo a pele gelar. – Por que ela precisa ser encontrada? O que ela significa para nós? – A voz dela era baixa, então ela se inclinou para perto dele. – Você não percebe? Nós fomos libertados.

– Ela é nossa neta.

– Mas não é nosso sangue.

– É meu sangue.

Adeline ignorou a declaração dele. Não havia necessidade de comentar aquela demonstração de sentimentalismo. Agora estavam finalmente a salvo. Ela começou a caminhar sobre o tapete.

– Vamos dizer às pessoas que a criança foi encontrada e, em seguida, acometida de escarlatina. Isso não será questionado, as pessoas já pensam que ela está doente, de cama. Vamos dizer aos criados que eu cuidarei dela sozinha, que Rose desejaria que fosse assim. Então, após algum tempo, quando parecer que fizemos tudo para salvá-la, providenciaremos um funeral.

Dariam a Ivory o enterro digno de uma neta adorada, e Adeline iria se assegurar de que Eliza fosse rapidamente enterrada, sem que ninguém soubesse. Não no cemitério da família, isso era certo. O solo sagrado ao redor de Rose não

deveria ser poluído pela prima. Depositariam seu corpo em um lugar onde ninguém pudesse encontrar, onde ninguém jamais fosse pensar em procurar.



Na manhã seguinte, Adeline fez Davies lhe mostrar o caminho pelo labirinto. Um lugar terrivelmente úmido. O cheiro de terra úmida que nunca via o sol cercava Adeline por todos os lados. Sua saia preta de luto varria o chão, folhas soltas se prendiam à bainha. Ela parecia um grande pássaro preto, com as penas encolhidas ao redor do corpo para se proteger do inverno gelado da morte de Rose.

Quando chegaram finalmente ao jardim secreto, Adeline afastou Davies e percorreu o caminho estreito. Bandos de passarinhos voaram quando ela passou, piando loucamente ao deixar os galhos das árvores. Caminhou o mais rápido que a compostura lhe permitia, louca para se livrar daquele lugar enfeitiçado e do cheiro forte e fecundo que fazia sua cabeça girar.

Na extremidade do jardim, Adeline parou.

Um sorriso cruel se formou em seus lábios. Era exatamente o que queria.

Estremeceu e deu meia-volta.

– Já vi o bastante. Minha neta está gravemente doente e preciso voltar para a casa.

Davies a encarou por uma fração de segundo a mais do que devia, e ela sentiu um arrepio. Adeline o ignorou. O que ele poderia saber sobre o plano dela?

– Leve-me de volta agora.

Enquanto seguia o homem grande e desajeitado através do labirinto, Adeline manteve certa distância. Tinha uma das mãos no bolso do vestido e, de vez em quando, largava no chão pedrinhas brancas da coleção de Ivory, do pequeno pote que ela guardava no quarto de brinquedos.



A tarde se arrastou, a noite se estendeu e finalmente a meia-noite chegou. Adeline se levantou da cama, colocou o vestido e amarrou as botas. Atravessou o corredor na ponta dos pés, desceu a escada e saiu.

Sob a lua cheia, ela atravessou rapidamente o gramado, mantendo-se às sombras das árvores e dos arbustos. O portão do labirinto estava fechado, mas Adeline o abriu. Entrou e sorriu ao ver as primeiras pedrinhas brilhando ao luar.

Ela foi de pedra em pedra, até chegar ao segundo portão, que dava para o jardim secreto.

O jardim murmurava dentro de seus altos muros. O luar prateava as folhas e o vento as embalava suavemente, como peças de fino metal. Cordas de uma harpa soando.

Adeline teve a estranha impressão de estar sendo observada. Olhou em volta, prendeu a respiração ao ver olhos em uma árvore próxima. Em um segundo, desvendou o mistério ao ver as penas da coruja, seu corpo redondo, sua cabeça, o bico pontudo.

Mas não se sentiu muito melhor. Havia algo estranho no olhar da ave, uma sabedoria, aqueles olhos que vigiavam, julgavam.

Ela desviou o olhar, recusou-se a permitir que uma mera ave a deixasse nervosa.

Foi quando ouviu um ruído vindo da direção do chalé. Adeline se agachou perto do banco do jardim e viu duas figuras se aproximando. Ela esperava Mansell, mas quem estaria com ele?

As figuras caminhavam lentamente, carregando algo grande. Colocaram o fardo do outro lado do muro, depois um dos homens passou pelo buraco e entrou no jardim secreto.

Mansell riscou um fósforo, acendendo um lampião. Ele aumentou a chama e a luz se espalhou.

Adeline ficou em pé e se aproximou.

– Boa noite, lady Mountrachet – disse Mansell.

Ela apontou para o segundo homem e falou com uma voz gélida:

– Quem é esse?

– Slocombe – respondeu Mansell. – Meu cocheiro.

– Por que ele está aqui?

– O penhasco é íngreme, o embrulho, pesado. – Ele piscou na direção de Adeline, a chama do lampião refletida no vidro de seu pincenê. – Ele não vai falar nada.

Então afastou o lampião e iluminou o rosto de Slocombe, revelando o queixo e a boca horivelmente desfigurados.

Quando começaram a cavar, aumentando o buraco que os operários já tinham feito, Adeline olhou para a figura que jazia sob a macieira. Finalmente a moça seria colocada debaixo da terra. Ela ia desaparecer e ser esquecida como se nunca tivesse existido. E, com o tempo, as pessoas iam mesmo esquecer que ela existira.

Adeline fechou os olhos, bloqueou o ruído dos malditos pássaros que tinham começado a piar, das folhas das árvores agitadas pelo vento. Concentrou-se no som abençoado da terra caindo sobre a superfície sólida no fundo. A moça desaparecera e Adeline podia respirar.

O ar se moveu, esfriando seu rosto. Adeline abriu os olhos.

Uma forma escura vinha em sua direção, bem acima de sua cabeça.

Um pássaro? Um morcego?

Asas escuras batendo no céu noturno.

Adeline deu um passo para trás.

Sentiu uma picada e ficou gelada. Quente. Gelada de novo.

Quando a coruja se afastou, por cima do muro, a palma da mão de Adeline começou a latejar.

Ela deve ter dado um grito, porque Mansell largou a pá e aproximou o lampião. Na luz amarelada, Adeline viu que um longo espinho de roseira tinha se alojado na palma de sua mão.

Com a outra, ela o retirou. Uma gota de sangue surgiu na superfície, uma gota brilhante, de formato perfeito.

Adeline tirou um lenço de dentro da manga. Pressionou-o sobre a ferida e viu a mancha vermelha se espalhar.

Era só um espinho. Seu sangue gelado sob a pele pouco importava. A ferida ia cicatrizar e tudo ficaria bem.

Aquela roseira, no entanto, seria a primeira coisa a ser removida quando Adeline mandasse destruir o jardim.

Que utilidade teria uma rosa agora, nos jardins de Blackhurst?

Tregenna, 2005

Enquanto Cassandra olhava para o buraco do túmulo de Eliza, sentiu-se cercada por uma estranha calma. Era como se, com a descoberta, o jardim tivesse dado um grande suspiro de alívio: os pássaros estavam mais silenciosos, as folhas haviam parado de roçar umas nas outras, a estranha inquietação desaparecera. O velho segredo que o jardim tinha sido obrigado a guardar fora revelado.

A voz suave de Christian parecia vir de muito longe:

– Bem, você não vai abrir?

O pote de cerâmica pesava em suas mãos. Cassandra passou os dedos pela cera antiga que selava o pote. Olhou para Christian, que assentiu, encorajando-a. Girou a tampa, quebrou o selo e abriu o pote.

Havia três objetos lá dentro: uma bolsinha de couro, uma mecha de cabelo ruivo alourado e um broche.

A bolsa de couro continha duas velhas moedas, amarelo-claras, com o perfil familiar da rainha Vitória. As datas eram 1897 e 1900.

O cabelo estava amarrado com um pedaço de barbante e enrolado para caber no pote. Anos de confinamento o tinham deixado liso e macio, muito fino. Cassandra imaginou de quem seria, depois se lembrou da anotação no caderno de Rose, feita quando Eliza chegou a Blackhurst. Queixas sobre a menina que Rose descrevia como “pouco mais que uma selvagem”. A menina cujo cabelo tinha sido cortado tão curto que parecia um menino.

O broche foi a última coisa que Cassandra examinou. Era redondo e cabia na palma da mão. A borda era enfeitada, decorada com pedras preciosas, e, no centro, havia um desenho, mais parecendo uma tapeçaria. Mas não era. Cassandra lera bastante sobre antiguidades para saber o que era aquele broche.

Virou-o e passou o dedo sobre a gravação feita atrás. *Para Georgiana Mountrachet, estava escrito, por ocasião de seu 16º aniversário. Passado. Futuro. Família.*

Era isso. O tesouro pelo qual Eliza tinha voltado à casa dos Swindells, cujo preço fora o encontro com um estranho. Um encontro responsável pela separação de Eliza e Ivory, por tudo o que tinha acontecido depois, por Ivory ter se tornado Nell.

– O que é isso?

Cassandra olhou para ele.

– Um broche de luto.

Ele franziu a testa.

– Na era vitoriana, as pessoas mandavam fazê-lo com o cabelo de membros da família. Este pertencia a Georgiana Mountrachet, mãe de Eliza.

Christian balançou lentamente a cabeça.

– Explica por que era tão importante para ela. Por que ela foi buscá-lo.

– E por que ela não conseguiu voltar para o navio. – Cassandra estudou os preciosos objetos de Eliza em seu colo. – Eu queria que Nell os tivesse visto. Ela sempre se sentiu abandonada, nunca soube que Eliza era sua mãe, que fora amada. Esta era a única coisa que queria saber: quem ela era.

– Mas ela sabia quem era – disse Christian. – Ela era Nell, cuja neta, Cassandra, a amou o bastante para atravessar o oceano e solucionar seu mistério.

– Ela não sabe que eu vim aqui.

– Como você sabe o que ela sabe ou deixa de saber? Ela pode estar olhando para você neste momento. – Ele ergueu as sobrancelhas. – E é claro que você viria. Senão, por que ela teria lhe deixado o chalé? E aquela nota no testamento, o que dizia?

Aquela nota parecera tão estranha, praticamente incompreensível, quando Ben lhe entregou: “Para Cassandra, que irá entender por quê.”

– E você entende?

É claro que entendia. Nell, que precisara tanto enfrentar o passado para poder seguir em frente, tinha visto em Cassandra uma alma gêmea. Alguém que também fora vítima das circunstâncias.

– Ela sabia que eu viria.

Christian assentiu.

– Nell sabia que você a amava o bastante para terminar o que ela tinha começado. É como acontece em “Os olhos da velha”, quando o cervo diz à princesa que a velha não precisava recuperar a visão, que ela sabia quem era por causa do amor que a princesa sentia por ela.

Os olhos de Cassandra arderam.

– Aquele cervo é sábio.

– Além de bonito e corajoso.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– Então agora nós sabemos. Sabemos quem era a mãe de Nell. Por que minha avó foi deixada sozinha no navio. Sabemos o que aconteceu com Eliza.

Ela também sabia por que o jardim era tão importante, por que sentia que suas próprias raízes estavam ligadas àquele solo e ficavam mais profundas a cada momento que passava no interior de seus muros. Sentia-se em casa no jardim, porque, de certa forma que não sabia explicar, Nell também estava ali. Assim como Eliza. E ela, Cassandra, era a guardiã dos segredos de ambas.

Christian pareceu ler os pensamentos dela.

– Então – disse ele –, ainda está pensando em vender o chalé?

Cassandra observou o vento provocar uma chuva de folhas amarelas.

– Na verdade, pensei em ficar aqui um pouco mais.

– No hotel?

– Não, aqui no chalé.

– Você não vai se sentir muito solitária?

Apesar de não ter o hábito de fazê-lo, Cassandra revelou exatamente o que estava sentindo. Não parou para pensar.

– Acho que não vou ficar sozinha. Pelo menos, não o tempo todo. – Sentiu que ia ficar vermelha e continuou depressa: – Quero terminar o que comecei.

Christian franziu a testa.

Ela ficou mesmo vermelha.

– Quer dizer, aqui no jardim.

– Eu sei o que você quis dizer.

Ele a encarou. O coração de Cassandra começou a bater forte, ele largou a pá e segurou o rosto dela, inclinando-se, enquanto ela fechava os olhos e suspirava. Então ele a beijou, e ela foi envolvida pelos seus braços, pela sua firmeza, pelo seu cheiro. Era o cheiro do jardim, da terra, do sol.

Quando Cassandra abriu os olhos, percebeu que estava chorando. Não de tristeza; aquelas eram lágrimas de reencontro, de ter chegado em casa depois de passar um longo tempo ausente. Ela segurou o broche com mais força. *Passado. Futuro. Família.* Seu próprio passado estava cheio de lembranças, uma vida inteira de lembranças lindas, preciosas, tristes. Durante uma década, tinha vivido no meio delas, dormido com elas, caminhado junto com elas. No entanto, algo mudara; ela havia mudado. Viera para a Cornualha conhecer o passado de Nell, de sua família e, de algum modo, encontrara seu próprio futuro. Ali – naquele lindo jardim que Eliza havia construído e que Nell recuperara – Cassandra tinha se encontrado.

Christian acariciou o cabelo dela e fitou seu rosto com uma segurança que a fez estremecer.

– Eu estava esperando por você esse tempo todo – disse ele finalmente.
Cassandra lhe deu a mão. Ela também estivera esperando por ele.

Epílogo

Hospital Greenslopes, Brisbane, 2005

Uma sensação fria nas pálpebras, um formigamento.

Uma voz, felizmente familiar.

– Vou chamar uma enfermeira...

– Não! – Nell estendeu a mão, sem conseguir enxergar, tentando agarrar alguma coisa. – Não me deixe! – O rosto dela estava molhado, e o ar que batia nele era frio.

– Eu volto logo. Prometo.

– Não...

– Está tudo bem, vovó. Vou buscar ajuda.

Vovó. Era isso que ela era, agora se lembrava. Tivera muitos nomes durante a vida, tantos que se esquecera de alguns, mas foi só quando ganhou este último, o de vovó, que soube quem realmente era.

Uma segunda chance, uma bênção, uma salvação. Sua neta.

E agora Cassandra estava indo buscar ajuda.

Nell fechou os olhos. Ela estava de novo no navio. Podia sentir a água sob ela, o convés balançando. Tonéis, sol, poeira. Risos, risos de despedida.

Estava desaparecendo. As luzes estavam sendo apagadas. Diminuíam, como as luzes do teatro Plaza antes do ensaio geral. Os patrocinadores se remexiam nos assentos, cochichando, esperando...

Escuridão.

Silêncio.

E então ela estava em outro lugar, um lugar frio e escuro. Sozinha. Com coisas afiadas, galhos por todos os lados. Uma sensação de que muros se fechavam à sua volta, altos, escuros. A luz estava voltando; não muito, mas o suficiente para ela virar o pescoço e avistar o céu ao longe.

Suas pernas estavam se movendo. Ela andava, os braços caídos juntos à lateral do corpo, roçando as folhas e as pontas dos galhos.

Uma esquina. Ela se virou. Mais muros cobertos de folhas. Um cheiro forte de terra molhada.

De repente, soube. A palavra surgiu em sua mente, antiga e familiar. Labirinto. Ela estava em um labirinto.

Uma certeza instantânea: no final do labirinto, havia um lugar maravilhoso. Um lugar aonde ela precisava chegar. Um lugar seguro onde poderia descansar.

Ela encontrou uma bifurcação.

Virou-se.

Sabia o caminho. Lembrava-se dele. Estivera ali antes.

Mais depressa agora, caminhou ainda mais depressa. Precisava chegar ao fim.

Uma luz à sua frente. Estava quase lá.

Só mais um pouco.

Então, de repente, uma figura saiu das sombras. A Autora, com a mão estendida. Uma voz maviosa.

– Eu estava esperando por você.

A Autora se afastou e Nell viu que tinha chegado ao portão.

Ao fim do labirinto.

– Onde estou?

– Você está em casa.

Com um suspiro profundo, Nell seguiu a Autora e entrou no jardim mais lindo que já tinha visto.

E finalmente o feitiço da rainha má foi quebrado, e a jovem, a qual o destino e a crueldade tinham prendido no corpo de um pássaro, foi libertada de sua gaiola. A porta da gaiola se abriu e o pássaro caiu, caiu, caiu, até que finalmente suas asas se abriram e ele descobriu que podia voar. Com a brisa do mar de sua terra inflando suas asas, voou por cima da beira do penhasco e atravessou o oceano, em busca de uma nova terra de esperança e liberdade, e vida. Em busca de sua outra metade. De sua casa.

– De “O voo do cuco”, de Eliza Makepeace



Agradecimentos

Por terem ajudado a trazer ao mundo *O jardim esquecido*, eu gostaria de agradecer:

À minha Nana Connelly, cuja história me serviu de inspiração; a Selwa Anthony, por sua sabedoria e seu carinho; a Kim Wilkins, Julia Morton e Diane Morton, por lerem os primeiros rascunhos; a Kate Eady, por ter corrido atrás de minúcias de fatos históricos; a Danny Kretschmer, por conseguir fotos em cima da hora, e aos colegas de trabalho de Julia, por responderem a perguntas sobre o idioma local. Pela ajuda na pesquisa – arqueológica, entomológica e médica –, sou grata ao Dr. Walter Wood, à Dra. Natalie Franklin, a Katharine Parkes e, especialmente, à Dra. Sally Wilde, e, pela ajuda com os detalhes, agradeço a Nicole Ruckels, Elaine Wilkins e Joyce Morton.

Tenho a felicidade de ter meus livros publicados no mundo todo por gente extraordinária, e sou grata a todos cujos esforços têm ajudado a transformar minhas histórias em livros. Por sua ajuda editorial, sensível e incansável em *O jardim esquecido*, eu gostaria de fazer uma menção especial a Catherine Milne, Clara Finlay e à maravilhosa Annette Barlow da Allen & Unwin, na Austrália; e a Maria Rejt e Liz Cowen, da Pan Macmillan, no Reino Unido. Sou muito grata a Julia Stiles e a Lesley Levene por sua atenção com todos os detalhes.

Também gostaria de homenagear aqui os autores que escrevem para crianças. Descobrir desde cedo que, por trás dos traços negros sobre páginas brancas, existem palavras de incomparável terror, alegria e entusiasmo é um dos grandes presentes da vida. Sou imensamente grata àqueles cujas obras estimularam minha imaginação infantil e me deram uma paixão pelos livros e pela leitura,

que tem sido uma companheira constante. *O jardim esquecido* é, em parte, uma ode a essas pessoas.

Finalmente, como sempre, tenho uma grande dívida de gratidão para com meu marido, Davin Patterson, e meus dois filhos, Oliver e Louis, a quem esta história pertence.

Sobre a autora



KATE MORTON é uma autora premiada e frequenta as listas de mais vendidos em todo o mundo. Seus livros venderam mais de 10 milhões de exemplares em 42 países, sendo traduzidos para 34 idiomas. Dela, a Editora Arqueiro também publicou *A casa do lago*.

Criada nas montanhas de Queensland, na Austrália, Kate é formada em arte dramática e literatura inglesa, especializada em tragédias do século XIX e em romances góticos contemporâneos. Atualmente vive com o marido e os filhos em Londres.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

